

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

RAQUEL LAGE TUMA

**VESTIDA DE NOIVA -  
AS ESPACIALIDADES DA MULHER NA CERIMÔNIA DE  
CASAMENTO:  
uma abordagem comparativa entre Campo Grande e Paris**

GOIÂNIA, 2016

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

**1. Identificação do material bibliográfico:**       Dissertação       Tese

**2. Identificação da Tese ou Dissertação**

Nome completo do autor: Raquel Lage Tuma

Título do trabalho: Vestida de Noiva – As Espacialidades da Mulher na Cerimônia de Casamento: Uma Abordagem Comparativa entre Campo Grande e Paris

**3. Informações de acesso ao documento:**

Concorda com a liberação total do documento  SIM       NÃO<sup>1</sup>

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.



Data: 22/09/2016

---

<sup>1</sup> Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

**RAQUEL LAGE TUMA**

**VESTIDA DE NOIVA -  
AS ESPACIALIDADES DA MULHER NA CERIMÔNIA DE CASAMENTO:  
uma abordagem comparativa entre Campo Grande e Paris**

Tese apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Estudos Socioambientais pertencentes à Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Doutora.

**Área de Concentração:** Natureza e produção do espaço

**Linha de pesquisa:** Dinâmicas Socioespaciais

**Orientador:** Prof. Dr. Carlos Eduardo Santos Maia

GOIÂNIA, 2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Tuma, Raquel Lage

Vestida de Noiva - As Espacialidades da Mulher na Cerimônia de Casamento: uma abordagem comparativa entre Campo Grande e Paris [manuscrito] / Raquel Lage Tuma. - 2016.

390 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Santos Maia.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Socioambientais (Iesa), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Goiânia, 2016.

Bibliografia.

Inclui gráfico, lista de figuras.

1. Ritual. 2. Corpo. 3. Corporeidade. I. Maia, Carlos Eduardo Santos , orient. II. Título.

CDU 911



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: NATUREZA E PRODUÇÃO DO ESPAÇO

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE JULGAMENTO DA DEFESA DE TESE DE DOUTORADO DE**

**Raquel Lage Tuma**

Aos Trinta dias do mês de agosto do ano de dois mil e dezesseis (2016), a partir das 14 h e 00 min, no Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, teve lugar a sessão de julgamento da Tese de Doutorado de Raquel Lage Tuma, intitulada "VESTIDA DE NOIVA: AS ESPACIALIDADES DA MULHER NA CERIMÔNIA DE CASAMENTO: UMA NOVA ABORDAGEM COMPARATIVA ENTRE CAMPO GRANDE E PARIS". A Banca Examinadora foi composta, conforme Portaria n.º 062/2016 da Diretoria do IESA, pelos seguintes Professores Doutores: Prof. Dr. **Carlos Eduardo Santos Maia** (Presidente), Profa. Dra. **Sandra de Fátima Oliveira** (membro titular interno), Profa. Dra. **Maria Geralda de Almeida** (membro titular interno), Profa. Dra. **Maria Idelma Vieira D'Abadia** (membro titular externo) e Profa. Dra. **Marília Gomes dos Reis Ansarah** (membro titular externo). Os examinadores arguíram na ordem citada, tendo o candidato respondido satisfatoriamente. Às 18 horas a Banca Examinadora passou a julgamento, em sessão secreta, tendo o candidato obtido os seguintes resultados:

Prof. Dr. **Carlos Eduardo Santos Maia (Presidente)** – Ass. Carlos Eduardo Santos Maia

Aprovada () Reprovada ( )

Profa. Dra. **Sandra de Fátima Oliveira** – Ass. Sandra de Fátima Oliveira

Aprovada () Reprovada ( )

Profa. Dra. **Maria Geralda de Almeida** – Ass. Almeida

Aprovada () Reprovada ( )

Profa. Dra. **Marília Gomes dos Reis Ansarah** – Ass. Marília Gomes dos Reis Ansarah

Aprovada () Reprovada ( )

Profa. Dra. **Maria Idelma Vieira D'Abadia** – Ass. Maria Idelma Vieira D'Abadia

Aprovada () Reprovada ( )

**Resultado final:** Aprovada () Reprovada ( )

**Houve alteração no Título?** Sim ( ) Não ( )

Em caso afirmativo, especifique o novo título: \_\_\_\_\_

Outras observações: a banca recomenda a publicação e indicação da tese para concursos possíveis

Reaberta a Sessão Pública, a Presidente da Banca Examinadora proclamou o resultado e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata, que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela Secretária do Programa de Pós-Graduação em Geografia.

Secretaria.....

**Thomas David Felix**  
Assist. Em Adm./IESA/UFPG  
Mat. Slape 1801697

*Dedico exclusivamente aos maiores tesouros da minha vida:  
meu marido, meus filhos,  
minha mãe e meu pai (em memória)!*

*Paí, hoje tenho certeza que você está sempre ao meu lado  
e que tem orgulho de mim pelas minhas conquistas!!!*

*Você foi o único que esteve presente na minha defesa do mestrado,  
agora, tenho certeza que estará lá acalmando-me e iluminando meu caminho!*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente ao meu maior incentivador em fazer este doutorado, Alexandre. Meu amor, sem você eu jamais teria chegado até aqui!

Juntamente com ele, meus filhos:

Rafael, que me alegrou, distraiu, deu seu sorriso e sua alegria, inspirou e também via nas noivas nas ruas a princesa, sofreu nas mudanças de ida e retorno do estágio doutoral na França (isso também me fez sofrer internamente) e sentiu minha ausência nos últimos meses para que eu pudesse terminar a tese, e

Vinícius, que nos surpreendeu chegando nos últimos meses desta tese. O seu sorriso e o seu olhar doce e sincero fizeram-me ter forças para dormir somente três horas por noite para escrever a tese e poder lhe amamentar e acalentar.

À minha linda mãe, que me fez ser a pessoa que sou hoje, ensinou que devemos ser guerreiras e não desistir! Deu conselhos, apoiou, ajudou, cuidou de mim, dos meus filhos e até do meu marido!!!

Ao meu orientador Carlos por seus ensinamentos, pela parceria, pela convivência e cumplicidade em Paris (este período foi fundamental para nos conhecermos melhor), pela paciência e pelo empenho, principalmente no último mês para fazer as correções, meu eterno agradecimento e admiração!

Ao Prof. Dr. Paul Claval, que me encantou pela sua simplicidade, simpatia e acessibilidade.

Se não fosse por ele, não se viabilizaria meu estágio doutoral na Sorbonne (um sonho realizado!), indicando a professora Dr.<sup>a</sup> Francine para eu fazer o doutorado sanduíche. Minha total gratidão e admiração! Também doou-me sabedoria através de seus livros.

À minha co-orientadora Francine Barthe-Deloize, que me recebeu no Laboratório ENeC, na Sorbonne, em Paris, gastou horas e horas de seu tempo comigo e deu um novo rumo à tese. Agradeço pelos conselhos, pela atenção, por transmitir um pouco de sua sabedoria e dar um olhar mais crítico para a tese. Você foi fundamental para este caminho que eu percorri! Merci beaucoup!!!

À Elisabeth, por compartilhar das angústias e pressões, pelas conversas, pelo apoio, pela parceria, pela amizade sincera! Conte comigo sempre!

Jorgeanny pela partilha dos seus livros, pela parceria ao longo dessa trajetória.

Carla Carvalhais, que me deu todo apoio no laboratório ENeC.

Aos membros da banca, pela avaliação, em especial à Marília, que foi uma das primeiras pessoas a confiar no meu trabalho!!!

Aos colegas e amigos do laboratório em Paris, em especial à Juliana. Jú, foi muito bom ter uma brasileira para conversar, obrigada por dividir a sala e a senha!!

Aos professores, funcionários e coordenadores do IESA, em especial ao Ivanilton e Manuel, que foram sempre atenciosos e prestativos para resolver meus problemas.

A todas as entrevistadas que tiveram paciência e gastaram um pouco do seu tempo comigo: B, C, D, G, L, M, T, Th, V.

À minha irmã e às amigas que me ajudaram de alguma forma: Cryss, Tati, Cris, Marta, Flávia Neri, Flávia Leimgruber e Fany!

À Line Del Percio, que fez as correções iniciais do projeto em francês para eu conseguir encontrar um professor para o doutorado sanduíche.

Aos meus guias, que me dão aquela forcinha superior nos momentos mais difíceis para suportar a tempestade.

À Capes pelo apoio financeiro pelos programas de bolsas de doutorado e doutorado sanduíche, sem as quais não seria possível a realização do sonho de frequentar a renomada Universidade de Paris IV Sorbonne!!!

## RESUMO

Nesta presente tese discutem-se as espacializações dos casamentos, tendo como referência o ponto de vista da mulher, ou seja, da noiva, realizando uma abordagem comparativa entre Campo Grande e Paris. Teve como objetivo geral investigar as espacialidades da noiva como personagem de casamentos heterossexuais, considerando-se as escalas institucionais, arquetípicas, ritualísticas e corpóreas. Especificamente, visou-se compreender as semelhanças e diferenças do processo de institucionalização religioso e laico do casamento e as leis matrimoniais no Brasil e na França; analisar o casamento como fenômeno geográfico-demográfico, bem como as razões deste tipo de união; interpretar os impactos da difusão das imagens midiáticas dos casamentos como modelos de personificação da noiva que são absorvidos, ou não, pela sociedade do Brasil e da França; descrever analiticamente os rituais como espacialidades em que se destaca a noiva como protagonista; identificar as espacializações constituídas pela noiva no ritual de casamento, desde a sua preparação até a saída da Igreja, do cartório ou da *mairie*; e expor a corporeidade da noiva como perspectiva geográfica de estudo cultural. Os procedimentos metodológicos utilizados foram as pesquisas exploratória, descritiva e explicativa, empregando técnicas de pesquisa bibliográfica, documental, observação e entrevistas semiestruturadas. O recorte espacial é Brasil e França, especificamente Campo Grande e Paris. Defende-se a tese que os casamentos (no caso, heterossexuais) possuem diferentes escalas de espacialidades, as quais respaldam-se em modelos simbólicos e institucionais que imprimem exigências normativas e culturais à representação da noiva como protagonista, seja na cerimônia civil ou religiosa. Para tanto, o primeiro capítulo serviu como base introdutória sendo abordado a constituição/produção de modelos de casamentos em uma perspectiva geohistórica; procurou-se explicar demograficamente o recorte religioso, bem como apresentar o entendimento do matrimônio para a Igreja Católica Apostólica Romana. Ainda, expuseram-se as semelhanças e diferenças espaciais da institucionalização do casamento entre Brasil e França e suas legislações no que tange ao casamento, além de demonstrar dados estatísticos-demográficos referente aos casamentos no Brasil e na França, finalizando com a apresentação de fatores que levam as pessoas a se casarem ou não. O segundo capítulo apresentam-se os contos de fada que, por meio das imagens que são produzidas fabricam modelos de casamentos que influenciam pessoas e são absorvidos pela sociedade, assim como os casamentos das realezas e de celebridades servem de inspiração para noivas. O terceiro capítulo estuda os rituais como espacialidades dos casamentos principescos, dos contos de fada e de anônimos, examinando os lugares do ritual e as transformações para a realização do casamento, fazendo também uma análise espacial do posicionamento e direcionamento dos personagens durante este ato, comparativamente entre Campo Grande e Paris. O quarto capítulo versa sobre a corporeidade da noiva como símbolo do casamento, em três diferentes perspectivas: personagem, ícone e produto do casamento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ritual; Corpo; Corporeidade.

## ABSTRACT

This present thesis discusses the marriages spatializations, with reference to the point of view of women, namely, the bride, in a comparative approach between Campo Grande and Paris. We aimed to investigate the bride's spatiality as a character of heterosexual marriages, considering the institutional, archetypal, ritualistic and bodily scales. Specifically, it aimed to understand the similarities and differences of both religious and the laic institutionalization process of wedding and marriage laws in Brazil and France; to analyze the marriage as a geographic and demographic phenomenon, as well as the reasons for this kind of union; to interpret the impacts of the diffusion of weddings media images as the models of bride personification are absorbed or not by the society in Brazil and France; to analytically describe the rituals as spatiality which highlights the bride as a protagonist; to identify the spatializations constituted by the bride in the wedding ritual, from preparation to the exit of the church, the notary or the *mairie*; and to expose the bride's corporeity as a geographical perspective of cultural study. The methodological procedures used were the exploratory, descriptive and explanatory researches, employing techniques of bibliographical and documentary research, observation and semi-structured interviews. The spatial area is Brazil and France, specifically Campo Grande and Paris. This thesis defends that marriages (in this case, heterosexual) have different scales of spatiality, which are supported by symbolic and institutional models that print normative and cultural requirements to the bride's representation as the protagonist, whether civil or religious ceremony. Therefore, the first chapter served as introductory base in which the constitution/production of weddings models in a geo-historic perspective was approached; we sought to explain demographically religious cropping, as well as present the understanding of marriage for the Roman Catholic Church. Also, the similarities and differences spatials of wedding institutionalization between Brazil and France and their laws with respect to marriage was exposed, besides demonstrating statistical and demographic data related to marriage in Brazil and France, ending with the presentation of factors that lead people to marry or not. The second chapter presents the fairy tales that through the images that are produced fabricate marriages models that influence people and are absorbed by the society, as well as weddings of royalty and celebrities serve as inspiration for brides. The third chapter studies the rituals as spatiality of princely, fairy tales and anonymous weddings, examining the places of ritual and the transformations for the realization of the marriage, also making a spatial analysis of the positioning and the directions of the characters during this act, comparatively between Campo Grande and Paris. The fourth chapter is about the bride's corporeity as a symbol of marriage in three different perspectives: character, icon and wedding product.

**KEYWORDS:** Ritual; Body; Corporeity.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>26</b>
<b>CAPÍTULO I – FABRICAÇÃO/TRANSPOSIÇÃO DE MODELOS INSTITUCIONAIS DE CASAMENTO .....</b>	<b>42</b>
1.1. O Catolicismo como Religião Predominante: Demografias do Brasil e da França.....	43
1.2. O Entendimento do Casamento para a Igreja Católica.....	48
1.3. Geohistória da Institucionalização e das Leis Matrimoniais no Brasil e na França.....	58
<i>1.3.1. No Brasil.....</i>	<i>58</i>
<i>1.3.2. Na França.....</i>	<i>70</i>
<i>1.3.3. Abordagem Comparativa da Institucionalização do Casamento no Brasil e na França.....</i>	<i>78</i>
1.4. Casamentos: Demografias do Brasil e da França.....	89
<b>CAPÍTULO II – FABRICAÇÃO/TRANSPOSIÇÃO DE MODELOS DAS IMAGENS MIDIÁTICAS DE CASAMENTO.....</b>	<b>109</b>
2.1. – Casamentos dos Contos de Fadas.....	110
2.2. – Casamentos das Realezas.....	127
2.3. – Casamentos das Celebidades.....	161
<b>CAPÍTULO III – OS RITUAIS COMO ESPACIALIZAÇÕES DO CASAMENTO.....</b>	<b>182</b>
3.1. Os Rituais Simbólicos.....	183
<i>3.1.1. Ritual Príncipesco.....</i>	<i>183</i>
<i>3.1.2. Ritual e Lugares dos Contos de Fada.....</i>	<i>192</i>
3.2. Os Rituais dos Casamentos de Anônimos.....	203
<i>3.2.1. Making of.....</i>	<i>203</i>
<i>3.2.2. Lugares do Ritual.....</i>	<i>215</i>
3.2.2.1. Cartório .....	217
3.2.2.2. Mairie.....	222

3.2.2.3. Igreja.....	232
3.2.3. <i>Ritual da Saída</i> .....	249
<b>CAPÍTULO IV – A CORPOREIDADE DAS NOIVAS .....</b>	<b>259</b>
4.1. As Noivas como Personagem.....	262
4.1.1. <i>A Preparação das Noivas</i> .....	264
4.1.2. <i>A Performance das Noivas</i> .....	296
4.2. As Noivas como Ícone.....	307
4.2.1. <i>As Princesas da Realeza</i> .....	311
4.2.2. <i>As Princesas dos Contos de Fada</i> .....	326
4.2.3. <i>As Princesas Celebidades</i> .....	331
4.2.4. <i>As Princesas da Vida Real</i> .....	335
4.3. As Noivas como Produto.....	339
4.3.1. <i>As Noivas nos Eventos de Marketing Promocional e nas Vitrines</i> .....	340
<b>CONCLUSÕES.....</b>	<b>349</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>354</b>

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01-</b> Mapa de localização de Campo Grande, ponto destacado em vermelho, no Estado do Mato Grosso do Sul, região Centro-Oeste do Brasil.....	31
<b>Figura 02-</b> Mapa de localização de Paris, ponto destacado em Vermelho, capital da França.....	32
<b>Figura 03-</b> Técnica de ‘análise de historicidade documental por temas’ .....	40
<b>Figura 04-</b> Detalhe da separação temática da técnica utilizada.....	40
<b>Figura 05-</b> Percentual da população brasileira, por grupos de religião entre 1872 e 1991.....	44
<b>Figura 06-</b> Percentual da população brasileira, por grupos de religião, nos anos 2000 e 2010.....	44
<b>Figura 07-</b> Quadro comparativo do percentual dos católicos apostólicos romanos entre os anos de 1872 e 2010.....	45
<b>Figura 08-</b> Percentual dos católicos apostólicos romanos da população brasileira – 2010.....	45
<b>Figura 09-</b> Percentual da religião católica na França.....	47
<b>Figura 10-</b> Quadro de Católicos por região – França.....	47
<b>Figura 11-</b> Quadro de comparação dos períodos das principais legislações referentes à institucionalização do casamento no Brasil e na França.....	79
<b>Figura 12-</b> Quadro de análise comparativa das legislações pertinentes ao casamento do Brasil e da França.....	83
<b>Figura 13-</b> Quadro com destaques de aspectos relevantes, personagens arquetípicos, o lugar onde se apaixonaram e os símbolos arquetípicos nos contos de fadas selecionados.....	116
<b>Figura 14-</b> O casal Grace Kelly & Príncipe de Mônaco e ao fundo o bolo de seis andares.....	135
<b>Figura 15-</b> Placa do casamento civil de Grace Kelly e Príncipe Ranier III.....	136

<b>Figura 16-</b> Placa do casamento religioso de Grace Kelly e Príncipe Ranier III.....	136
<b>Figura 17-</b> Palácio do Príncipe de Mônaco.....	137
<b>Figura 18-</b> Catedral São Nicolau, Mônaco.....	138
<b>Figura 19-</b> Quadro com desenho feito à mão do casamento de Príncipe Ranier III e Grace Kelly, exposto na Catedral São Nicolau, Mônaco.....	138
<b>Figura 20-</b> Sepultura do Príncipe Ranier III na Catedral São Nicolau, em Mônaco.	139
<b>Figura 21-</b> Sepultura de Grace Kelly na Catedral São Nicolau, em Mônaco.....	139
<b>Figura 22-</b> Barco real Vasaorden transportando Rei e Rainha da Suécia após a cerimônia do casamento.....	141
<b>Figura 23-</b> Casamento da princesa herdeira Victória e Daniel Westling.....	142
<b>Figura 24-</b> Casamento da princesa herdeira Victória e Daniel Westling.....	142
<b>Figura 25-</b> O público estimado em 250 mil pessoas para assistir ao casamento real	143
<b>Figura 26-</b> <i>Souvenirs</i> de Chocolates.....	148
<b>Figura 27-</b> Prato de porcelana com foto do casal real.....	148
<b>Figura 28-</b> Anel de noivado de Diana Spencer e Kate Middleton.....	151
<b>Figura 29-</b> Modelo do convite de casamento da Rainha Elisabeth & Philip, Duque de Edimburgo.....	153
<b>Figura 30-</b> Modelo do convite de casamento do Príncipe Charles & Diana Spencer.....	153
<b>Figura 31-</b> Modelo do convite de casamento do Príncipe William & Catherine Middleton.....	153
<b>Figura 32-</b> William coloca a aliança em Kate. O príncipe optou em não usar aliança.....	154
<b>Figura 33-</b> O esperado beijo dos recém-casados na sacada do Palácio.....	156
<b>Figura 34-</b> Bolo de casamento de Kate & William, produzido por Fiona Cairns.....	157
<b>Figura 35-</b> Corte no bolo feito com a espada.....	157
<b>Figura 36-</b> Bolo preferido do Príncipe William, uma receita da família real.....	158

<b>Figura 37-</b> Detalhe da decoração do bolo.....	158
<b>Figura 38-</b> Pratos de porcelana com foto do casal real à venda.....	159
<b>Figura 39-</b> Canecas sendo vendidas no comércio de Hamburgo, na Alemanha.....	159
<b>Figura 40-</b> Barbie e Ken.....	160
<b>Figura 41-</b> Príncipe William & Kate.....	160
<b>Figura 42-</b> Casamento de Cláudia Raia & Alexandre Frota.....	165
<b>Figura 43-</b> Véu da noiva com 20 metros de comprimento.....	165
<b>Figura 44-</b> Adriane Galisteu com o vestido branco, buquê de arruda e tiara.....	166
<b>Figura 45-</b> Casamento de Daniella Cicarelli & Ronaldo.....	168
<b>Figura 46-</b> O sapato de 15 mil reais e a gravata com brilhantes usadas por Naldo Benny no dia do seu casamento com Ellen.....	170
<b>Figura 47-</b> Bolo de casamento de Naldo e Ellen, cópia da criação de Fiona Cairns que confeccionou o bolo de Kate Middleton & Príncipe William.....	171
<b>Figura 48-</b> Bolo de casamento de Kate Middleton & Príncipe William de oito andares, com dezessete camadas, feito pela designer de bolo Fiona Cairns.....	171
<b>Figura 49-</b> Detalhe do brasão da família no bolo de Naldo & Ellen.....	171
<b>Figura 50-</b> Detalhe do brasão das famílias no bolo de Kate & William.....	171
<b>Figura 51-</b> Igreja Nossa Senhora do Carmo decorada para o casamento de Preta Gil & Rodrigo Godoy.....	172
<b>Figura 52-</b> Painel de 18 m <sup>2</sup> de rosas para servir de fundo para fotos e compor a decoração.....	173
<b>Figura 53-</b> Lustres Baccarat vindos de São Paulo para decorar o ambiente.....	173
<b>Figura 54-</b> Convite para padrinhos com TV de LCD e vídeo personalizado.....	174
<b>Figura 55-</b> Lembrança aos convidados, kit para carregar celular.....	174
<b>Figura 56-</b> Divulgação do casamento de George Clooney e Amal na revista Hello..	176
<b>Figura 57-</b> Divulgação do casamento de George Clooney e Amal na revista People	176
<b>Figura 58-</b> Divulgação do casamento de Brad Pitt e Angelina Jolie na revista Hello	177

<b>Figura 59-</b> Divulgação do casamento de Brad Pitt e Angelina Jolie na revista People.....	177
<b>Figura 60-</b> Divulgação do casamento de Demi Moore e Ashton Kutcher na revista OK!.....	179
<b>Figura 61-</b> Divulgação do casamento de Eva Longoria e Tony Parker na revista OK!.....	179
<b>Figura 62-</b> <i>Château Vaux-le-Vicomte</i> , lugar de prestígio onde foi realizado casamento de Eva Longoria e Tony Parker.....	180
<b>Figura 63-</b> Manifestante vestida de noiva no protesto no casamento de Beatriz Barata & Francisco Feitosa Filho.....	181
<b>Figura 64-</b> Cordão de isolamento dos policiais para a noiva Beatriz Barata entrar na igreja em seu casamento com Francisco Feitosa Filho.....	181
<b>Figura 65-</b> Plano de acomodações dos convidados do casamento do Príncipe William & Kate.....	184
<b>Figura 66-</b> Toque das trombetas para a entrada da rainha.....	185
<b>Figura 67-</b> Entrada da rainha na igreja.....	185
<b>Figura 68-</b> Príncipe William, no início da cerimônia, entra pela lateral direita e frontal da Igreja.....	186
<b>Figura 69-</b> Durante a entrada da noiva, o noivo fica de frente para o altar, permanecendo de costas, não podendo olhar para trás, seguindo o protocolo real.....	186
<b>Figura 70-</b> Casamento do Príncipe William & Kate Middleton - O tapete vermelho, um símbolo arquetípico relevante nos casamentos.....	187
<b>Figura 71-</b> O uso de chapéu por todas as convidadas, exceto as que usavam roupas típicas, como pode ser visto nesta figura a mulher passando pelo tapete.....	188
<b>Figura 72-</b> Mapa do trajeto do cortejo.....	189
<b>Figura 73-</b> Detalhe no momento em que entram pelos portões do Palácio, o Príncipe William fez a saudação e a Duquesa de Cambridge abaixou a cabeça em sinal de obediência e respeito.....	190
<b>Figura 74-</b> Multidão à frente do Palácio de Buckingham após a entrada do cortejo,	

aguardando o comparecimento dos noivos na sacada.....	190
<b>Figura 75-</b> Mapa com a divulgação prévia do fechamento das ruas de Londres. Em vermelho as ruas que estarão fechadas e em amarelo as que eram possíveis serem fechadas após o evento.....	191
<b>Figura 76-</b> O Rei conduz Cinderela para levá-la ao altar.....	194
<b>Figura 77-</b> O posicionamento dos personagens durante o ritual no casamento de Cinderela.....	194
<b>Figura 78-</b> O beijo como parte do ritual do casamento.....	195
<b>Figura 79-</b> Castelo da Cinderela, na Disney.....	197
<b>Figura 80-</b> Castelo de Neuschwanstein, na Alemanha, que serviu de inspiração para o Castelo da Cinderela da Disney.....	197
<b>Figura 81-</b> Decoração do casamento em um parque temático da Disney.....	198
<b>Figura 82-</b> Casamentos de Conto de Fada da Disney, com direito a fogos de artifício e carruagem.....	198
<b>Figura 83-</b> Carruagem da Cinderela alugada pelo parque da Disney.....	199
<b>Figura 84-</b> Carruagem da Cinderela no filme Cinderela, da Disney.....	199
<b>Figura 85-</b> Espaço de eventos com arquitetura de castelo.....	200
<b>Figura 86-</b> Serviços disponíveis – aluguel de carruagem, cavalo branco e cocheiro, como em Cinderela.....	200
<b>Figura 87-</b> Outdoor com propaganda do Castelo de Itaipava como lugar para realizar casamentos.....	200
<b>Figura 88-</b> Castelo de Itaipava, no Rio de Janeiro, onde realizam cerimônias de casamento.....	200
<b>Figura 89-</b> <i>Chateau de La Napoule</i> , na Côte D’Azur, na França.....	201
<b>Figura 90-</b> <i>Chateau de La Napoule</i> , um lugar para a realização da cerimônia de um casamento.....	202
<b>Figura 91-</b> Buffet com fachada com traços de castelo, em Campo Grande.....	202
<b>Figura 92-</b> Trajeto da noiva ‘D’: sua casa, salão de beleza, igreja.....	205

<b>Figura 93-</b> Trajeto da noiva ‘T’: casa onde morava com a mãe antes do casamento, futura casa, salão de beleza e igreja.....	206
<b>Figura 94-</b> Trajeto da noiva ‘C’: casa, salão de beleza, igreja (primeiro casamento).	207
<b>Figura 95-</b> Trajeto da noiva ‘C’: casa, cartório (segundo casamento) .....	208
<b>Figura 96-</b> Trajeto da noiva ‘Th’: casa do noivo, casa onde morava com a mãe, cartório.....	209
<b>Figura 97-</b> Trajeto da noiva ‘G’: casa, <i>mairie</i> .....	210
<b>Figura 98-</b> Trajeto da noiva ‘G’: casa, igreja.....	210
<b>Figura 99-</b> Trajeto da noiva ‘B’: casa de parente, <i>mairie</i> , igreja.....	211
<b>Figura 100-</b> Trajeto da noiva ‘V’: casa, salão de beleza, <i>mairie</i> .....	212
<b>Figura 101-</b> Casamento sendo realizado em sala do cartório, no mesmo lugar onde são feitos os outros trabalhos burocráticos, sem posicionamento dos noivos à frente do juiz de paz.....	218
<b>Figura 102-</b> Casamento sendo realizado em sala do cartório, no mesmo lugar onde são feitos os outros trabalhos burocráticos, com posicionamento dos noivos à frente do juiz de paz.....	218
<b>Figura 103-</b> Realização de casamento na sala do cartório, somente com uma mesa e algumas cadeiras, sem material de escritório e equipamentos.....	219
<b>Figura 104-</b> Noiva e testemunha aguardando o horário do casamento.....	220
<b>Figura 105-</b> Noivos e testemunhas aguardando na sala do cartório.....	220
<b>Figura 106-</b> Assinatura na certidão de casamento.....	221
<b>Figura 107-</b> Os recém-casados recebem a certidão de casamento.....	221
<b>Figura 108-</b> Fachada da <i>Mairie</i> do 14° <i>arrondissement</i> .....	223
<b>Figura 109-</b> Sala dos Casamentos da <i>Mairie</i> do 14° <i>arrondissement</i> .....	223
<b>Figura 110-</b> Na entrada da porta da sala está escrito especificamente que sua função é para a realização de casamentos. ....	223
<b>Figura 111-</b> Pratinho de prata para colocar as alianças.....	224

<b>Figura 112-</b> Convidados usam trajes típicos nos casamentos em Paris.....	224
<b>Figura 113-</b> Posicionamento padrão do <i>maire</i> , funcionários, noivos, padrinhos e convidados.....	225
<b>Figura 114-</b> Situação 01 - Posicionamento dos personagens durante um ritual na forma tradicional.....	226
<b>Figura 115-</b> Situação 02 - Posicionamento dos personagens durante um ritual bem íntimo.....	227
<b>Figura 116-</b> Situação 03 - Posicionamento dos personagens com algumas pessoas mais especiais e/ou família ao lado dos noivos, seguidos das testemunhas.....	229
<b>Figura 117-</b> Situação 04 - Posicionamento dos personagens nos casamentos entre pessoas do mesmo sexo.....	230
<b>Figura 118-</b> Igreja decorada com velas e flores no casamento de ‘D’, em Campo Grande. ....	233
<b>Figura 119-</b> Decoração da igreja em Paris com botões de rosa branca e gypsophila, quase não se nota na foto. ....	234
<b>Figura 120-</b> Detalhe da decoração da igreja com apenas uma rosa branca e gypsophila (pequenas florezinhas brancas) .....	234
<b>Figura 121-</b> Decoração na Igreja em Paris, com um pequeno buquê de flores e fitas amarradas.....	235
<b>Figura 122-</b> Cadeiras e genuflexórios posicionados à frente da igreja para os noivos.....	236
<b>Figura 123-</b> Posicionamento do noivo, pais, padrinhos à frente, no altar, e convidados.....	237
<b>Figura 124-</b> Posicionamento do noivo, pais, padrinhos nas primeiras fileiras dos bancos dos convidados, no altar, e convidados.....	238
<b>Figura 125-</b> Posicionamento do noivo, pais ao lado dos padrinhos na primeira fileira dos bancos e convidados.....	239
<b>Figura 126-</b> Posicionamento de todos os personagens do casamento.....	240

<b>Figura 127-</b> Noiva conversando com o padre para verificar os últimos detalhes.....	243
<b>Figura 128-</b> Posicionamento dos noivos, pais, padrinhos e crianças (damas de honra e pajens). .....	245
<b>Figura 129-</b> O noivo profere seus votos à noiva.....	245
<b>Figura 130-</b> A noiva discursa seus votos ao noivo.....	245
<b>Figura 131-</b> Posicionamento dos padrinhos no momento do sacramento do matrimônio.....	246
<b>Figura 132-</b> Troca de olhares e sorrisos entre os noivos.....	248
<b>Figura 133-</b> Na França, tradicionalmente os carros dos noivos e convidados são caracterizados no dia do casamento.....	249
<b>Figura 134-</b> Na França, a criatividade para enfeitar os carros dos noivos e convidados.....	249
<b>Figura 135-</b> Carro conversível decorado pelo Príncipe Harry.....	250
<b>Figura 136-</b> <i>Pont des Arts</i> , em Paris, com detalhe dos cadeados presos à grade.....	251
<b>Figura 137-</b> Noivos tirando fotos na <i>Pont des Arts</i> , em Paris.....	251
<b>Figura 138-</b> Retirada dos cadeados da <i>Pont des Arts</i> , em Paris.....	252
<b>Figura 139-</b> Compensados presos na frente dos cadeados na <i>Pont des Arts</i> .....	252
<b>Figura 140-</b> Noivos na <i>Pont des Arts</i> para tirar fotos mesmo com os compensados na frente dos cadeados.....	252
<b>Figura 141-</b> Trajeto da noiva ‘D’: Igreja, hotel, avenida, recepção.....	253
<b>Figura 142-</b> Trajeto da noiva ‘T’: Igreja, parque, recepção.....	254
<b>Figura 143-</b> Trajeto da noiva ‘C’: Igreja, recepção (primeiro casamento).....	255
<b>Figura 144-</b> Trajeto da noiva ‘C’: cartório, restaurante (segundo casamento) .....	255
<b>Figura 145-</b> Trajeto da noiva ‘Th’: cartório, recepção.....	256
<b>Figura 146-</b> Trajeto da noiva ‘V’: <i>mairie</i> , restaurante.....	257
<b>Figura 147-</b> Trajeto da noiva ‘G’: igreja, recepção.....	257
<b>Figura 148-</b> Trajeto da noiva ‘B’: igreja, recepção.....	258

<b>Figura 149-</b> Pintura exposta no Museu do Louvre, de Rubens, do casamento de Maria de Médicis e Henrique IV, em 1600.....	279
<b>Figura 150-</b> Análise da ocupação do espaço - cor, personagens e figura religiosa.....	280
<b>Figura 151-</b> Posicionamento dos personagens na obra.....	280
<b>Figura 152-</b> A corporeidade da noiva demonstrada na pintura.....	281
<b>Figura 153-</b> Espaço ocupado da noiva maior em relação ao do ‘noivo’.....	281
<b>Figura 154-</b> Vestido de noiva branco da Rainha Victoria que marcou a tradição da cor.....	283
<b>Figura 155-</b> Vestido branco usado no casamento.....	285
<b>Figura 156-</b> Vestido branco usado no casamento.....	285
<b>Figura 157-</b> O vestido e o véu.....	286
<b>Figura 158-</b> Colar em tecido com flor e pedrarias.....	286
<b>Figura 159-</b> Cabelo preso com plumas.....	286
<b>Figura 160-</b> Casamento civil no cartório, a noiva usa vestido florido.....	287
<b>Figura 161-</b> Casamento civil no cartório, a noiva usa blusa preta e saia branca.....	287
<b>Figura 162-</b> Casamento civil na <i>mairie</i> , a noiva usa vestido de noiva branco curto, véu e buquê.....	288
<b>Figura 163-</b> Casamento civil na <i>mairie</i> , a noiva usa vestido de noiva branco curto, adereço no cabelo e buquê.....	288
<b>Figura 164-</b> Vestido de noiva na cor marfim, no casamento na <i>mairie</i> .....	289
<b>Figura 165-</b> Chapéu e buquê.....	289
<b>Figura 166-</b> Colar de terço.....	289
<b>Figura 167-</b> Buquê de rosas com terço.....	293
<b>Figura 168-</b> Buquê de orquídeas estilo cascata.....	293
<b>Figura 169-</b> Buquê de trigo verde.....	293
<b>Figura 170-</b> Buquê de origami.....	293

<b>Figura 171-</b> O aceno de mão dentro do carro.....	299
<b>Figura 172-</b> A noiva ao descer do carro precisa de ajuda de outras pessoas para não sujar ou amassar seu vestido, no Brasil.....	300
<b>Figura 173-</b> A noiva para andar pela rua precisa de ajuda de outras pessoas para não sujar ou rasgar seu vestido, na França.....	300
<b>Figura 174-</b> No Brasil, a noiva dentro do carro aguarda o momento de sair para que os convidados não a vejam antes de entrar na igreja.....	301
<b>Figura 175-</b> No Brasil, a noiva dentro do carro aguarda o momento de sair para que os convidados não a vejam antes de entrar na igreja.....	301
<b>Figura 176-</b> Na França, a noiva conversa com seus convidados antes da cerimônia começar e todos a vêem.....	301
<b>Figura 177-</b> Na França, a noiva tira fotos com seus convidados antes da cerimônia começar.....	301
<b>Figura 178-</b> Casamento civil no Brasil, os noivos fazem as poses para as fotos e os noivos estão com roupas informais.....	302
<b>Figura 179-</b> Casamento civil na França, os noivos fazem as poses para as fotos e os noivos com roupas de casamento.....	302
<b>Figura 180-</b> A noiva segurando no antebraço de seu acompanhante.....	303
<b>Figura 181-</b> Imagem da noiva em primeiro plano.....	305
<b>Figura 182-</b> Imagem da noiva em segundo plano.....	305
<b>Figura 183-</b> Espaço da corporeidade da noiva ocupado, quando ela está em primeiro plano.....	305
<b>Figura 184-</b> Comparação da ocupação do espaço da noiva em relação ao noivo, quando ela está em primeiro plano.....	305
<b>Figura 185-</b> Espaço da corporeidade da noiva ocupado, quando ela está em segundo plano.....	306
<b>Figura 186-</b> Comparação da ocupação do espaço da noiva em relação ao noivo, quando ela está em segundo plano.....	306

<b>Figura 187-</b> Comparação do espaço ocupado pela noiva e pelo noivo, ambos em primeiro plano.....	307
<b>Figura 188-</b> Vestido de noiva de Grace Kelly serve de inspiração para noivas e estilistas até hoje.....	312
<b>Figura 189-</b> Vestido de noiva de Luciana Gimenez: cópia do vestido de Grace Kelly.....	312
<b>Figura 190-</b> Vestido de noiva de Kate Middleton foi inspirado em vestido de Grace Kelly.....	312
<b>Figura 191-</b> Vestido de noiva de Grace Kelly.....	314
<b>Figura 192-</b> Arranjo de cabelo de Grace Kelly.....	314
<b>Figura 193-</b> Vestido de noiva e arranjo do cabelo de Nicole foram inspirados nos de Grace Kelly.....	314
<b>Figura 194-</b> Vestido de noiva e arranjo de cabelo da personagem Sandra inspirados no de Grace Kelly.....	314
<b>Figura 195-</b> Rainha Silvia com tiara Camafeu e vestido de noiva inspirado no modelo clássico das princesas Brigit e Desirée.....	315
<b>Figura 196-</b> Tiara Camafeu e vestido de noiva da Princesa Birgitta em seu casamento com o Príncipe Johan Georg, em 25 de maio de 1961.....	315
<b>Figura 197-</b> Tiara Camafeu e vestido de noiva da Princesa Desirée em seu casamento com Barão Niclas Silfverschiöld, em 05 de junho de 1964.....	315
<b>Figura 198-</b> Véu da Rainha Silvia, presente da Princesa Josefina.....	315
<b>Figura 199-</b> Véu herdado pela Rainha Josefina usado pela Rainha Silvia em seu casamento, em 19 de junho de 1976.....	316
<b>Figura 200-</b> Véu da Princesa Vitória, o mesmo de sua mãe, Rainha Silvia.....	316
<b>Figura 201-</b> Tiara Camafeu usada nos casamentos (da esquerda para a direita) pela Princesa Birgitta, Princesa Desirée, Rainha Silvia e Princesa Vitória.....	317
<b>Figura 202-</b> Corporeidade da Princesa Diana ao subir a escadaria.....	318
<b>Figura 203-</b> Comparação da ocupação da noiva na escadaria.....	318

<b>Figura 204-</b> Princesa Diana e Príncipe Charles no altar da Catedral.....	319
<b>Figura 205-</b> As áreas circundadas das corporeidades dos noivos.....	319
<b>Figura 206-</b> Ocupação da corporeidade da noiva em relação ao espaço total da foto	320
<b>Figura 207-</b> Ocupação da corporeidade do noivo em relação ao espaço total da foto.....	320
<b>Figura 208-</b> Ocupação da corporeidade da noiva em relação à corporeidade do noivo.....	320
<b>Figura 209-</b> Vestido de noiva da Princesa Diana em exposição nos Estados Unidos.	321
<b>Figura 210-</b> Vestido de noiva da Princesa Diana em exposição nos Estados Unidos.	321
<b>Figura 211-</b> Sapato da Princesa Diana usado no dia do seu casamento em exposição nos Estados Unidos.....	321
<b>Figura 212-</b> Sapato usado por Kate Middleton em seu casamento.....	323
<b>Figura 213-</b> Esquema da relação do ícone cerimonial com os ícones comerciais e relacional.....	324
<b>Figura 214-</b> Cópia do vestido de Kate Middleton sendo exposta para venda.....	325
<b>Figura 215-</b> Imagem da Cinderela esfregando o chão com as mãos, como um apelo à ideia de servilismo.....	327
<b>Figura 216-</b> Gestos, postura e expressão de Cinderela, demonstrando alegria de estar pronta para ir ao baile.....	329
<b>Figura 217-</b> Cinderela com seu vestido rasgado ocupa um espaço mais restrito ao corpo.....	329
<b>Figura 218-</b> Cinderela ao passar pela transformação da fada madrinha tem seu volume no espaço aumentado além do corpo com o vestido e os brilhos da magia...	329
<b>Figura 219-</b> A troca de olhares demonstra o encantamento entre o casal.....	330
<b>Figura 220-</b> Em Cinderela, os noivos saem pelo tapete vermelho após casados.....	331
<b>Figura 221-</b> A sobreposição o corpo delineado dos personagens demonstra que o corpo da noiva ocupa um espaço maior do que o do noivo.....	331
<b>Figura 222-</b> Cláudia Raia com seu véu de vinte metros em seu casamento com	

Alexandre Frota.....	332
<b>Figura 223-</b> A espacialidade que a corporeidade da noiva ocupa em relação a do noivo.....	332
<b>Figura 224-</b> Ellen com seu véu de dez metros em seu casamento com Naldo.....	333
<b>Figura 225-</b> A noiva ocupa uma espacialidade cerca de metade da foto, mesmo não demonstrando todo o comprimento do véu.....	333
<b>Figura 226-</b> Avril Lavigne, em seu primeiro casamento, com vestido branco tradicional e decote princesa.....	334
<b>Figura 227-</b> Avril Lavigne, em seu segundo casamento, com vestido branco.....	335
<b>Figura 228-</b> Avril com vestido de noiva e buquê pretos.....	335
<b>Figura 229-</b> Situação 01 - Adultos e crianças param para observar a noiva passando.....	336
<b>Figura 230-</b> Situação 02 - Crianças tiram fotos com a noiva e o noivo fica de lado...	337
<b>Figura 231-</b> Situação 02 - Mulher tira foto com a noiva e o noivo aguarda.....	337
<b>Figura 232-</b> Situação 03 – A noiva posa para fazer as fotografias de calça e sapatos, o turista observa e o noivo aguarda ao lado pelas fotos individuais de sua companheira.....	338
<b>Figura 233-</b> A noiva anônima torna-se ícone pelo detalhe do brasão do time de futebol em seu vestido.....	339
<b>Figura 234-</b> Destacam-se os elementos utilizados pelos profissionais de marketing no folder de propaganda do evento Noiva Fashion.....	343
<b>Figura 235-</b> Cartaz de Propaganda nos metrô da cidade de um evento especializado nos segmentos de casamentos, em Paris, França.....	344
<b>Figura 236-</b> Vestidos de noivas expostos nos estandes de eventos especializados no segmento de casamento.....	344
<b>Figura 237-</b> Acessórios para noivas expostos nos estandes de eventos especializados no segmento de casamento.....	344
<b>Figura 238-</b> A corporeidade da noiva nos bolos de casamento.....	345

<b>Figura 239-</b> A corporeidade da noiva nos adereços de papelaria para o casamento...	345
<b>Figura 240-</b> Loja na rua Magenta, em Paris, com vitrine de trajes de diferentes culturas.....	346
<b>Figura 241-</b> Loja na rua Magenta, em Paris, que vendem roupas de diversos países	346
<b>Figura 242-</b> Na vitrine é possível constatar que a corporeidade da noiva se sobrepõe à do noivo, podendo ser vista nesta loja que vende ambos os trajes, porém os vestidos de noiva são em números bem maiores na exposição aos passantes.....	346
<b>Figura 243-</b> Loja de vestidos de noiva com o nome <i>Au Palais des Princesses</i> vendendo a imagem de que a noiva é uma princesa.....	347
<b>Figura 244-</b> Loja de lembranças e artigos em geral de casamentos com vestidos de noivas expostos na vitrine como forma de atrair os olhares.....	347

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 01:</b> Religiões da população na cidade de Campo Grande em 2010.....	46
<b>Gráfico 02:</b> Casamento no período de 1984 a 2011, Brasil.....	90
<b>Gráfico 03:</b> Casamentos no período de 1999 a 2012, em Campo Grande, Brasil.....	91
<b>Gráfico 04:</b> Casamento no período de 1984 a 2012, França.....	92
<b>Gráfico 05:</b> Casamentos e Pactos Cíveis de Solidariedade no período de 1999 a 2012, na França.....	93
<b>Gráfico 06:</b> Pactos Cíveis de Solidariedade no período de 1999 a 2012, na França...	93
<b>Gráfico 07:</b> Casamentos por lugar de domicílio e por lugar de registro, no período de 1999 a 2012, em Paris, França.....	94
<b>Gráfico 08:</b> Comparação da evolução entre Brasil e França do estado civil nos anos de 2000 e 2010.....	98

## INTRODUÇÃO

Esta tese, intitulada “Vestida de Noiva: As Espacialidades da mulher na cerimônia de Casamento: uma abordagem comparativa entre Campo Grande e Paris” originou-se a partir da experiência profissional da doutoranda na organização de casamentos. A doutoranda, em sua formação em turismo, atuou como recepcionista em eventos desde a graduação. Enquanto Turismóloga, iniciou trabalhos profissionais como organizadora de eventos em 2001 e, em 2003, começou a trabalhar com casamentos em Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul, no Brasil. A experiência relatada a seguir nesta introdução, a fim de apresentar a expertise da doutoranda na prática ritualística e justificar alguns recortes feitos na tese, foi embasada nos dados de dez casamentos realizados em 2009 e 2010, selecionados a partir do critério da quantidade de informações cadastradas e arquivadas.

O primeiro contato com a organizadora de eventos, conta na maioria das vezes com a presença do noivo e da noiva (cerca de 80% das situações) e ambos participam da primeira e da segunda reuniões. Basicamente, a primeira reunião é o momento em que a profissional faz um *briefing*<sup>1</sup> sobre o casamento a fim de conhecer maiores detalhes sobre o casal, como gosto pessoal e condições financeiras. Neste primeiro encontro também é o momento de apresentar os serviços prestados no casamento, é a ocasião de se ‘vender o peixe’ e criar a empatia entre a profissional e os noivos. É imprescindível que se tenha empatia para que o planejamento do evento possa fluir harmoniosamente até o fim do enlace. Os noivos saem da primeira reunião com uma proposta e os valores correspondentes aos serviços desejados, que podem ser desde uma assessoria completa, que busca e sugere todos os demais fornecedores, até a assessoria somente para o dia do evento, que seria uma cerimonialista e recepcionistas para conduzir as pessoas durante o ritual.

Na segunda reunião também estão presentes os dois, noivo e noiva. Este é o momento em que se fazem os últimos esclarecimentos e ajustes para firmar contrato. Assim, por se tratar de valores, negociações e assinatura de contrato, em geral, o noivo faz questão de estar presente. Após tudo esclarecido e fechado o contrato, somente cerca de 20% dos noivos continuam a frequentar as reuniões, e em 80% dos casais apenas a noiva fica encarregada de

---

<sup>1</sup> Entrevista realizada com os noivos a fim de fazer um perfil do evento, ou seja, é um ‘esqueleto’ do que se pretende para o evento, o que já foi contratado e o valor que se pretende investir.

continuar o diálogo com a organizadora do casamento. Este dado foi um dos motivos que levou a doutoranda a fazer o recorte no depoimento das noivas.

Embora hoje em dia os homens atuem de forma muito mais próxima nas escolhas dos produtos e serviços dos seus casamentos, essa participação não é presencial nas reuniões com os fornecedores (a não ser em momentos cruciais e consideradas mais importantes por eles, como assinatura de contratos e escolha das músicas para a recepção), mas sim o casal conversa sobre os seus anseios a sós e, após, a noiva leva a decisão, que geralmente foi tomada por ambos, aos fornecedores.

Os preparativos para a realização de um casamento levam, geralmente, de três a dezoito meses antecedentes ao dia escolhido. Em sua maioria, 90%, a primeira preocupação dos casais é escolher a data do ritual religioso, seja na igreja ou no salão de festa; e somente 10% ainda não procuraram pelo local conforme a data que gostariam de se casar. Entretanto, nesta tese faz-se ainda o recorte somente no ritual do casamento que ocorre na Igreja e no Cartório.

Isso posto, demonstrou-se a experiência da doutoranda e o interesse em pesquisar o tema com os recortes propostos. Entretanto, este não foi o primeiro tema idealizado para esta tese. A qualificação foi defendida dez meses antes do prazo normal no programa de pós-graduação do IESA/UFG, em maio de 2014, em virtude da realização do doutorado sanduíche no exterior, a partir de setembro do mesmo ano. Sendo assim, foi apresentado o projeto de pesquisa intitulado “Geograficidade de cerimônias de casamento: do lugar de tradição à midiatização no ciberespaço”, que tinha por objetivo investigar os lugares de imaginário social que existem nos locais de celebração do ritual religioso das cerimônias de casamento, tomando-os como possíveis *loci* onde se afirmam tradições e, paralelamente, são *core-area* de exploração midiática e espetacularização, manifestas especialmente através do ciberespaço. Porém, esta ideia não foi bem aceita pela banca, a qual sugeriu fazer uma alteração de toda a concepção.

Entretanto, a doutoranda e o seu orientador preferiram aguardar o ponto de vista da professora Doutora Francine Barthe-Deloizy, que faria a co-orientação do estágio doutoral. Este estágio doutoral teve uma duração de doze meses, de setembro de 2014 a agosto de 2015, com apoio financeiro da Capes, e foi realizado em Paris, no laboratório *Espace, Nature et Culture* (ENeC), na Universidade de Paris IV Sorbonne, sendo extremamente produtivo, rico em troca de experiências e conhecimentos.

A doutoranda julga ter sido essencial este período no exterior para a produção desta tese, pois além de poder fazer as entrevistas pessoalmente com as noivas francesas, conhecer e observar os rituais dos casamentos parisienses, foi possível realizar reuniões presenciais com a co-orientadora Professora Doutora Francine e com o orientador Professor Doutor Carlos, pois este estava em seu pós-doutoramento no mesmo laboratório de julho de 2014 até março de 2015. Após algumas reuniões em conjunto com o orientador do Brasil e a co-orientadora do estágio na França, chegou-se na estrutura apresentada nesta tese. Nesta nova estrutura aproveitou-se parte da pesquisa e da redação escrita para o exame de qualificação, porém com adaptações estruturais e conceituais para esta versão atual.

Nesta nova estrutura, teve-se como objetivo geral investigar as espacialidades da noiva como personagem de casamentos heterossexuais, considerando-se as escalas institucionais, arquetípicas, ritualísticas e corpóreas. Especificamente, visou-se compreender as semelhanças e diferenças do processo de institucionalização religioso e laico do casamento e as leis matrimoniais no Brasil e na França; analisar o casamento como fenômeno geográfico-demográfico, bem como as razões deste tipo de união; interpretar os impactos da difusão das imagens midiáticas dos casamentos como modelos de personificação da noiva que são absorvidos, ou não, pela sociedade do Brasil e da França; descrever analiticamente os rituais como espacialidades em que se destaca a noiva como protagonista; identificar as especializações constituídas pela noiva no ritual de casamento, desde a sua preparação até a saída da Igreja, do cartório ou da *mairie*<sup>2</sup>; e expor a corporeidade da noiva como perspectiva geográfica de estudo cultural.

Esta tese tem sua relevância em três aspectos. Primeiramente, a *teórica*, por discutir propriamente um tema que não foi abordado pelos geógrafos a partir dos conceitos da geografia (lugar, espacialidade, espaço) e mesmo pela possibilidade de se pensar alguns conceitos dentro de uma concepção geográfica (como ritual e corporeidade). Segundo, no *programa de pós-graduação em geografia do Iesa/UFG*, há vários trabalhos versando sobre temáticas culturais, mas não há nenhum trabalho acadêmico sobre casamento. Terceiro, *para doutoranda*, pela importância em termos profissionais (pela experiência de organizar

---

<sup>2</sup> A tradução para *Mairie* é 'prefeitura'. É um órgão municipal francês e em Paris é dividido por regiões (arrondissements) e cada morador deve sempre se dirigir àquela de sua região, ou seja, se habita no 14<sup>o</sup> arrondissement em Paris, o residente deve se dirigir à *mairie do 14<sup>o</sup> arrondissement*). Possui diversas funções, dentro elas estão: criação de classes escolares, registro de alunos às escolas, atribuição de propriedades e realização de casamentos.

cerimônias, sendo agregadora uma pesquisa mais profunda), como também pela satisfação pessoal, o que é essencial para qualquer pesquisa.

Coloca-se o seguinte problema de pesquisa: Como os rituais civis e religiosos em casamentos contemporâneos apoiam-se em modelos institucionais e simbólicos tradicionais, valorizando determinados lugares de oficialização numa relação contraditória com espetacularização focada na corporeidade da noiva?

Para responder a este problema, orientou-se a partir de algumas hipóteses, a saber:

1) Os modelos institucionais de casamentos favorecem a realização do ritual do casamento.

2) As imagens midiáticas (príncipescas, dos contos de fada e das celebridades) inspiram as pessoas na sociedade do Brasil e da França.

3) Os lugares e os arquétipos ritualísticos colaboram para dar um sentido aos rituais de casamento.

4) O ritual religioso e civil contribui para produzir um significado ao casamento.

5) A corporeidade da noiva traduz normatividades à ideia de casamento.

Todas estas hipóteses se confirmaram, porém as duas primeiras salientam-se ressalvas. Apesar os modelos institucionais de casamentos favorecerem a realização do ritual do casamento, identificou-se que isto vem diminuindo. Acredita-se que isso se deve ao fato das possibilidades de união estável que estão aumentando em números, pois exigem menos burocracias. A outra, que se baseou na provável inspiração de pessoas em imagens midiáticas, percebeu-se que o inverso também é verdadeiro.

Defende-se a tese que os casamentos (no caso, heterossexuais) possuem diferentes escalas de espacialidades, as quais se respaldam em modelos simbólicos e institucionais que imprimem exigências normativas e culturais à representação da noiva como protagonista, seja na cerimônia civil ou religiosa.

A fim de delimitar o tema da pesquisa, definiu-se que:

1) Seriam abordados somente os casamentos heterossexuais, pois muitos rituais de casamentos homossexuais são respaldados nos heterossexuais e recorrem às mesmas normatividades “tradicionais”. Entretanto, foi realizado um estudo sobre o ritual do casamento e o processo de legalização da união civil entre pessoas do mesmo sexo no Brasil e no mundo,

apresentando alguns movimentos de oposição deste ato no território brasileiro e francês. Esta pesquisa gerou uma apresentação de trabalho em um evento no interior da França, em Angers, em dezembro de 2015. Esta comunicação resultou em um artigo que foi submetido a uma revista e se aguarda uma resposta da avaliação;

2) Teriam um recorte temático religioso como base de estudo somente os casamentos católicos apostólicos romanos, por ser a religião predominante tanto no Brasil quanto na França;

3) Utilizariam duas cidades, a fim de investigar se alteram-se os padrões dos rituais de casamentos, abrangendo-se uma dentro do conceito de cidade intermediária<sup>3</sup>, Campo Grande (Figura 01), cidade com 863.982 habitantes segundo censo de 2016 (IBGE, 2016), localizada na região Centro-Oeste do Brasil, no Estado do Mato Grosso do Sul, porta de entrada ao Pantanal, tendo a agricultura e a pecuária como principais fontes de arrecadação; e a outra de cidade global<sup>4</sup>, Paris (Figura 02), capital da França, situada na moderna região de Île-de-France, cidade com 12.073.914 habitantes segundo censo de 2015 (Ined, 2016), cidade mais visitada do mundo, um dos centros mundiais de moda, onde se tem uma das universidades mais reconhecidas no meio acadêmico (Sorbonne) por onde passaram intelectuais como Sartre, Simone Beauvoir e Paul Claval, e um dos, ou senão o museu mais importante do mundo (Louvre). Não se pode relegar que um dos indicativos desta influência mundial de Paris é refletida ainda, em termos de aspectos culturais, na arte cinematográfica através das recorrentes locações nesta cidade (Meia Noite em Paris, O Código da Vinci, O Diabo Veste Prada, entre outros);

4) Seriam analisados somente os lugares onde houvesse o ritual realizado oficialmente por instituições representativas da sociedade, selecionando-se a igreja, o cartório e a *mairie*; e

5) Seriam entrevistadas somente as noivas para as entrevistas, por três motivos, a saber: a) elas gostam mais de falar e lembrar sobre o casamento em comparação aos noivos;

---

<sup>3</sup> Este conceito, segundo Vaz (2016, p. 35), está “relacionado com a ideia de que a importância de uma cidade não deriva tanto da sua dimensão demográfica mas sim da forma qualitativa como se insere no sistema urbano de proximidade e como se relaciona com os restantes territórios em termos qualitativos. É que os aspectos simbólicos, a espessura da sua identidade sociocultural, são aspectos qualitativos da maior importância para as cidades intermédias, fundamentais para a sua afirmação.”

<sup>4</sup> Apesar das críticas que este conceito tem sofrido pelo seu cunho ideológico, considera-se aqui como cidade global ou mundial aquela que se destaca na organização de uma rede urbana planetária, operando como centro financeiro, de negócios e serviços. (Cf. CARVALHO, 2000; KOULIOUMBA, 2003)

b) geralmente são elas que acompanham e definem os detalhes para o ritual; e c) elas têm mais paciência para fornecer todas as informações com riqueza de minudências.

**Figura 01:** Mapa de localização de Campo Grande, ponto destacado em vermelho, no Estado do Mato Grosso do Sul, região Centro-Oeste do Brasil



**Fonte:** Google Maps (2016)

A presente pesquisa teve o norte metodológico apoiado em Dencker (1998), sendo assim, abaixo serão descritos as tipologias e os procedimentos técnicos com base na autora. Portanto, caracterizou-se como sendo exploratória, que conforme Dencker (1998, p. 124) é

“indicada para as fases de revisão de literatura, formulação de problemas, levantamento de hipóteses, identificação e operacionalização das variáveis”, a qual tem como forma de apresentação a pesquisa bibliográfica e o estudo de caso.

**Figura 02:** Mapa de localização de Paris, ponto destacado em Vermelho, capital da França



**Fonte:** Google Maps (2016)

Foi utilizada a *pesquisa bibliográfica* na fase preliminar com o intuito de realizar um levantamento conceitual e definição de marcos históricos, partindo de materiais elaborados, como livros e artigos científicos. Este trabalho foi realizado nas bibliotecas da UFG e da Sorbonne, como também pela internet, onde foi possível examinar ampla literatura e acervo documental sobre os conceitos abordados no referencial teórico, os quais foram essenciais para a fundamentação teórica desta tese. Segundo Dencker (1998, p. 125) “A pesquisa bibliográfica permite um grau de amplitude maior, economia de tempo e possibilita o levantamento de dados históricos”.

Ao construir essa base teórica utilizou-se de uma vasta literatura ao longo da tese. Para compreender o entendimento do casamento para a Igreja Católica consultou-se Nogueira (2006), Pinto (2006), a própria Bíblia Sagrada (1980), assim como diversos documentos da Igreja Católica que vão desde Cartas Encíclicas (Paulo VI (1968), Francisco (2013)), *Motu Proprio* (Francesco (2015)), Audiência Papal (João Paulo II (1979; 1980a; 1980b; 1983)), passando pelo Catecismo (Vatican, 2015), até o Código de Direito Canônico (1983); a geohistória da institucionalização e das leis matrimoniais no Brasil e na França fundou-se basicamente nas legislações de ambos países; e para analisar os dados estatísticos, teve-se como fonte os números da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Instituto Nacional da Estatística e dos Estudos Econômicos (Insee).

Com o intuito de explorar o conceito da imagem, buscaram-se os pensamentos de Aumont (1993), Santaella e Nörth (1999), Joly (2002), Flusser (1985), Mazer (2011), Silva (2005) Sartre (1996); para interpretar os contos de fada baseou-se em Franz (1990), Bettelheim (2002) e Chauí (2016). A fim de entender os arquétipos pesquisou-se Jung (1978, 2000a, 2000b) e Campero (2013); para discutir sobre turismo referiu-se Trigo (1993), Beni (2001) e Barreto (1995); e eventos apontou-se Matias (2002), Zitta (2013), Cesca (1997), Claveau (2015) e Rapeaud (2013).

De modo a estudar o significado das cores, apoiou-se em Heller (2009), Pastoureau (1997), Mollard-Desfour (2000), Begley (2015). Sobre a discussão em torno do consumo procurou-se o aporte teórico em Baudrillard (1995, 2009) e Demetresco (2006), assim como sobre ritual considerou-se Parkin (1992) Hatzfeld (1993) Maia (2010), Turner (1974); rito de passagem amparou-se em Van Gennep (1978); e tradição e espetacularização apontaram-se, respectivamente, Hobsbawm (2002), Bornheim (1987) e Debord (1997).

Para demonstrar a compreensão sobre lugar, utilizou-se de Tuan (1980), Bachelard (2008), Abbagnano (1998), Rodrigues (1996), Diniz Filho (2009), Relph (1980); e o pensamento sobre espaço, com Dardel (2011) e Cosgrove (1998). Ainda sim, foi preciso analisar o conceito de escala, apontando-se as considerações de Castro (2000), Corrêa (2011) e Sposito (2011); e tempo, citando-se Araújo (2011).

Ao trabalhar a corporeidade da noiva, fundamentou-se corpo com Sant'Anna (2001), Brito-Henriques (2009), Azevedo, Pimenta e Sarmiento (2009), Haraway (1991), Zumthor (2014), Azevedo (2009), Barthe-Deloizy (2011), Le Breton (2007), Soares (2001) e Gonçalves e Carvalho (2014). Ainda, usou-se Prado (1976) e Rosenfeld (2007) para abranger sobre personagem.

Para apresentar sobre a vestimenta apontou-se Maia (2015) Barthe-Deloizy (2011), Poirier (1999), Hardy (1939), Barnard (2003), Worsley (2010) e Pedrosa (2014), sendo que performance utilizou-se de Gregson e Rose (2000), Turner (1982), Borghi (2015), Guinsburg (2007), Zumthor (2014) e Castree, Kitchin e Rogers (2013), assim como sobre ícone refletiu-se sobre os conceitos de Hawker; Waite (2007), Soanes e Hawker (2006), Holt (2006), Parker (2012) e Murad (2012).

O *estudo de caso* foi outra técnica para pesquisa por ser um estudo profundo e exaustivo de determinadas situações. Pretendeu-se atingir “o conhecimento em *profundidade* dos processos e relações sociais” (Dencker, 1998, p. 127), observando a ocorrência dos rituais e suas influências na sociedade e, ainda, envolvendo exame de registros e entrevistas.

Também se caracterizou por ser uma pesquisa descritiva, a qual empregou técnicas padronizadas de coleta de dados e teve como objetivo descrever as características de determinada população e fenômeno (Dencker, 1998). Ainda, foi explicativa, usando o método observacional (Dencker, 1998), que identificou os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos.

Algumas observações ocorreram de maneira *sistemática* e outras, denominou-se nesta tese, de *semisistemática*. A primeira é quando antes de sair para fazer a pesquisa de campo, faz-se um planejamento prévio e, durante, utiliza-se de anotações e registros fotográficos. A segunda adaptou-se este nome, pois não foi planejado, acontecendo ocasionalmente, de forma espontânea e sem anotações, porém também com registro fotográfico, enquanto a assistemática não faz nenhum tipo de planejamento, anotação e registro, nem mesmo o fotográfico.

Em Paris, para ter um maior conhecimento da cerimônia do casamento, a doutoranda foi a campo para observar e fotografar os rituais na *Mairie* do 14° *arrondissement*<sup>5</sup>, em quatro períodos (matutino e vespertino); e nas Igrejas Saint Severin e Val-de-Grâce, ambas coincidentemente situadas no 5° *arrondissement*. Vale ressaltar que a doutoranda percorreu por 16 igrejas, tais como: Saint Sulpice, Saint Germain-des-Prés, Saint Jaques de Haut Pas, Saint Médard, Saint-Étienne-du-Mont, Saint Pierre de Montrouge, Sainte-Dominique, Saint-Julien-le-Pauvre e Saint-Jean-Batiste-de-la Salle, situadas em diferentes regiões, a fim de conseguir encontrar a realização de cerimônias nos meses de maio, junho, julho e agosto, dos quais pudessem ser assistidos de acordo com a disponibilidade de horários da doutoranda e autorização prévia de um funcionário da igreja. Para assistir e registrar os casamentos que ocorreram, as permissões foram solicitadas oralmente aos funcionários da *mairie* e das igrejas e aos noivos. Destaca-se que somente foram acompanhados e tiveram registro fotográfico daqueles que se obtiveram os consentimentos. No trabalho de campo foi possível acompanhar e registrar seis casamentos religiosos, realizados dentro das duas Igrejas acima citadas; e doze cerimônias civis, obrigatoriamente oficializados dentro da *mairie*. A observação dos casamentos contribuiu como técnica, que foi utilizada como embasamento e análise; assim como os registros fotográficos de alguns destes casamentos constam ao longo desta tese como técnica utilizada a fim de analisar visualmente os temas estudados para esta pesquisa.

A presente pesquisa foi do tipo *qualitativa*, por permitir “um conhecimento mais profundo” (Dencker, 1998, p. 107) do problema proposto, conseguindo, assim, uma análise mais eficiente do conteúdo. Realizou-se observação *in loco*, bem como levantamento fotográfico e entrevistas estruturadas e semiestruturadas junto às noivas que já celebraram o casamento, por terem passado por todas as fases de concepção, preparação e concretização do casamento, podendo oferecer uma gama de informações mais completas.

Salienta-se que não se intenciona generalizar ao longo da tese as afirmações apresentadas pelas entrevistadas, pois foram realizadas oito entrevistas com mulheres casadas. Destas oito entrevistadas, três foram com francesas e cinco com brasileiras. Tentou-se ainda agendar exaustivamente com mais três francesas, entretanto, não foi possível concretizar as entrevistas por diferentes motivos. Dentre as entrevistadas, estavam segmentadas da seguinte forma: duas cerimônias religiosas e duas cerimônias civis na França, uma francesa concedeu entrevista dos dois rituais; e três cerimônias religiosas e três cerimônias civis no Brasil, sendo

---

<sup>5</sup> Nome dado às divisões administrativas em Paris, são sub-regiões, como se fossem os bairros no Brasil.

que uma entrevistada concedeu os dois tipos de cerimônias (religiosa e civil) com cônjuges diferentes.

As entrevistadas foram escolhidas de acordo com pré-disposição da pessoa para conceder a entrevista: as francesas foram indicações de pessoas ou conhecidas pelo trabalho de campo realizado na *mairie*; e as brasileiras foram pessoas indicadas ou ex-clientes enquanto organizadora de eventos. Foram escolhidas mulheres casadas, pois assim teriam suas cerimônias finalizadas, podendo fornecer dados mais concretos sobre o ritual e suas opiniões dos distintos temas abordados, além de ter as informações mais completas. Vale ressaltar que a pesquisa seguiu todas as diretrizes e normas regulamentadoras discutidas na Resolução N° 196/96, no que tange às ciências sociais e humanas, a respeito da eticidade e processo de consentimento livre e esclarecido.

Cada entrevista teve uma duração média de uma hora e trinta minutos, tanto com as brasileiras quanto as francesas. Para algumas noivas houve um segundo momento de entrevista, para se tirar uma dúvida quanto à questão “Você considera o casamento um conto de fadas?”. Nesta pergunta, percebeu-se na terceira entrevista que não havia sido muito bem elaborada, portanto, depois foi indagado “Você considera o ritual do casamento um conto de fadas?”. Além disso, para algumas foi preciso investigar melhor o trajeto percorrido por elas no dia do casamento, fazendo-se necessário uma nova etapa da entrevista. As entrevistadas serão identificadas pelas suas letras iniciais do nome, idade e nacionalidade, com o intuito de manter o anonimato e preservar as opiniões relatadas, ainda, apontou-se a data da entrevista para situá-las no aspecto temporal. Abaixo se relaciona as entrevistadas e suas condições civis atuais:

V, 53 anos, francesa: Está em seu segundo casamento. Seu depoimento foi referente ao seu segundo casamento, oficializado no ano de 2015, na *mairie*, entretanto coabitava com seu esposo há 22 anos.

B, 45 anos, francesa: Está em seu segundo casamento. Seu depoimento foi referente ao seu primeiro casamento, oficializado no ano de 2002, na Igreja.

G, 40 anos, francesa: Está em seu primeiro casamento. Seu depoimento foi referente à cerimônia de seu casamento religioso e civil, na Igreja e *mairie*, respectivamente, em 2005.

M, 58 anos, brasileira: Está em seu segundo casamento. Seu depoimento foi referente ao seu segundo casamento, oficializado no cartório em 1987.

Th, 34 anos, brasileira: Está em seu primeiro casamento. Seu depoimento foi referente ao casamento civil, oficializado no cartório em 2012.

D, 34 anos, brasileira: Está em seu primeiro casamento. Seu depoimento foi referente ao seu casamento religioso, em 2010.

T, 38 anos, brasileira: Está em seu primeiro casamento. Seu depoimento foi referente ao casamento religioso, na Igreja, em 2002.

C, 37 anos, brasileira: Está em seu segundo casamento. Seu depoimento foi referente aos seus dois casamentos, o primeiro na Igreja em 2009, e o segundo no cartório em 2015.

Para transcrever as falas das entrevistadas, utilizou-se uma fonte diferente do texto da douranda a fim de ressaltar a procedência do discurso, alternando-se entre ‘Times New Roman’ e ‘*Lucida Handwriting*’. Portanto, seguiu-se a técnica da história oral de Fernandes (2005, p. 162) “[...] para chamar atenção que estamos face a um saber da ciência e outro da experiência.”. Além disso, foram utilizados sinais para que pudesse marcar as ocorrências não-verbais a fim de demonstrar os sentimentos durante as entrevistas.

OCORRÊNCIAS	SINAIS
Pausa, com palavra ou expressão não concluída, em suspensão	... reticências
Supressão de parte da fala do entrevistado	[...]
Comentários ou intervenções do entrevistador na gravação	[ ] entre colchetes
Pausa preenchida com excitação	Eh, ah, Sons mais ou menos claros ao final da pausa
Truncamento ou corte abrupto na produção do narrador	/ barra no ponto de corte da palavra/expressão
Ênfase ou acento forte	TÊM uso de maiúsculas
Manifestações extralinguísticas do narrador	(RISOS) identificar entre parênteses a manifestação, com maiúsculas
<b>Fonte:</b> Fernandes (2005)	

Os casamentos das realezas e das celebridades e os contos de fada foram selecionados a partir das respostas das entrevistadas, apontando nomes dos casais e lugares de realização dos casamentos.

Para elaborar os trajetos percorridos pelas noivas no dia do casamento, que constam no capítulo 3, utilizou-se a base cartográfica do *google*, elaborando o trajeto com o roteiro descrito pela própria depoente, demonstrando as interações espaciais em que ela define o local, trajetos, relações a partir de sua memória com recurso de mapas digitalizados no meio virtual.

Ainda, valeu-se da *pesquisa documental* por investigar materiais que ainda não receberam “tratamento analítico ou que pode ser reelaborado” (Dencker, 1998, p. 125). Foram analisadas informações da internet de sites de notícias, revistas e dados em geral a fim de buscar as notícias e repercussões de casamentos tanto de realezas quanto de celebridades brasileiras e internacionais, com o intuito de avaliar aspectos que envolvem tradição, espetacularização, midiatização e influência social e econômica. A doutoranda também foi até a biblioteca *British Library*, em Londres, para analisar documentos e jornais dos casamentos das realezas, além de visitar os museus a fim de obter maiores informações sobre os vestidos de noiva. Além disso, a autora foi até a cidade de Mônaco, local do casamento de Grace Kelly, e o Castelo *Chenonceau*, cenário de gravação do filme *Pele de Asno*, com a finalidade de investigar outros dados e vivenciar tais lugares.

Para a realização desta tese, foi necessário utilizar-se de diferentes técnicas metodológicas e uma foi adaptada pela autora para que pudesse chegar à análise necessária, conforme segue descrita. *A priori*, para se elaborar os quadros das figuras 11 e 12, no item 1.3.3, que apresenta a comparação dos períodos das principais legislações referentes à institucionalização do casamento no Brasil e na França foram tomados mais de cinquenta documentos, dos quais trinta e nove foram selecionados e constam no capítulo 1, nos itens 1.3.1, 1.3.2 e 1.3.3 desta tese. Todos os documentos tiveram uma análise detalhada, utilizando-se de uma técnica própria, inspirada no que a autora Laurence Bardin (2011) considera como metodologia e técnicas para o tratamento de informações de entrevistas em sua obra “Análise de Conteúdo”:

Sob a **aparente desordem temática**, trata-se de procurar a **estruturação específica**, a dinâmica pessoal, que, por de trás da torrente de palavras, rege o processo mental do entrevistado. **Cada qual tem não só o seu registro** de temas, **mas também a sua própria maneira de (não) os mostrar**. Claro que

tal como se pode, ao longo de várias entrevistas, e sobretudo se forem muitas, ver **manifestarem-se repetições temáticas** [...]

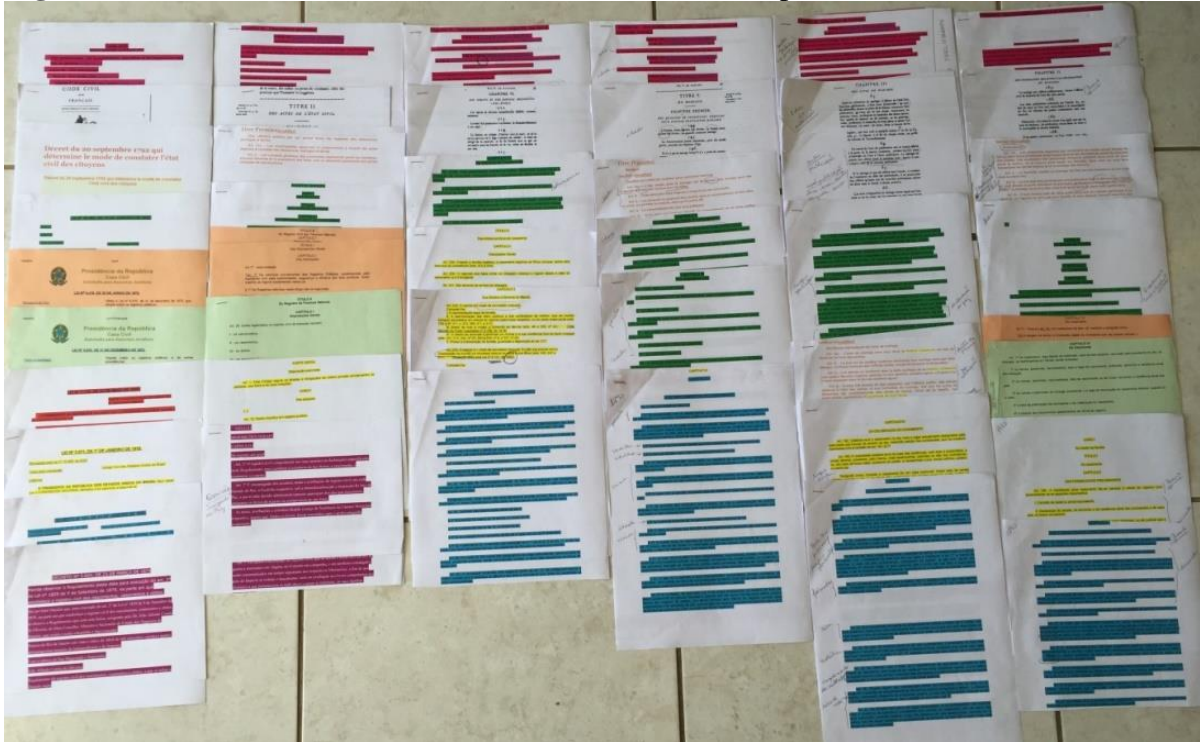
Tal como numa tela com urdidura e trama, **os temas aparecem e depois reaparecem um pouco mais à frente**, em função da progressão de um pensamento que se procura (BARDIN, 2011, p.96-97, grifo da autora).

Aqui não se têm entrevistados, mas sim uma vasta legislatura que traz uma aparente desordem temática, pois cada país nomeia diferentemente as seções das leis, as quais não somente têm o seu registro de assuntos, mas também a sua temporalidade e a sua própria maneira de redigir de acordo com o entendimento da sociedade local. Em sua historicidade, as leis são criadas e modificadas ao longo dos anos, fazendo com que surjam “repetições temáticas”. Aliado a estes fatores, se faz a comparação entre dois países, o que torna os temas ainda mais repetitivos e de árdua leitura quando se tem uma grande quantidade de textos semelhantes.

Ao refletir sobre os apontamentos de Bardin (2011) destacados e partindo-se dos pressupostos expressos no parágrafo acima, ousou-se chamar esta técnica de ‘Análise de historicidade documental por temas’, considerando-se como uma técnica aplicada ao estudo de múltiplos documentos com diferentes seções, temporalidades e redação, porém com certas afinidades nos temas. A princípio, fez-se a seleção dos documentos pertinentes ao tema e imprimiu-se cada documento em cores distintas para auxiliar no diagnóstico e diminuir a possibilidade de erros. Após imprimir cada legislação em uma única cor, cada uma delas foi recortada por seções dos capítulos, em seguida foram reagrupadas por afinidade dos temas, conforme pode ser visualizado na figura 03 e em foto mais aproximada na figura 04. Assim, foi possível fazer a leitura dos documentos por tema, sem confundir à qual legislação pertencia, como também identificar as principais diferenças históricas entre elas e fazer uma análise mais seletiva.

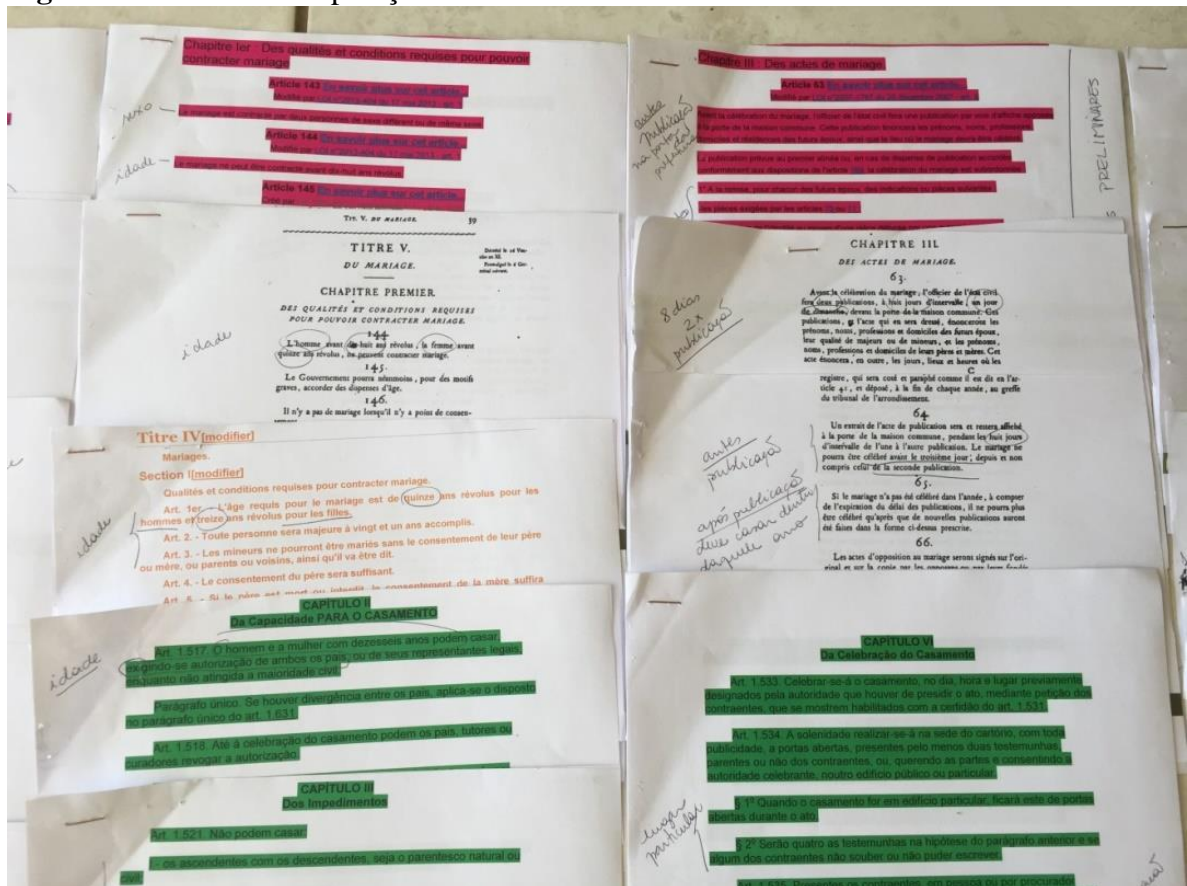
A tese foi estruturada em quatro capítulos. No capítulo I, Fabricação/Transposição de Modelos Institucionais de Casamento, apresentou-se o catolicismo como religião predominante no Brasil e na França, fato este sendo o motivo pelo qual se definiu o catolicismo como recorte religioso. Por isso, foi necessário compreender o entendimento do casamento para a igreja católica apostólica romana. Expôs-se o processo de institucionalização e das leis matrimoniais, tanto no Brasil quanto na França e de forma comparativa. Ainda, se demonstrou estatisticamente os números de casamentos nos dois países.

**Figura 03:** Técnica de ‘análise de historicidade documental por temas’



**Foto:** Raquel Lage Tuma (2015)

**Figura 04:** Detalhe da separação temática da técnica utilizada



**Foto:** Raquel Lage Tuma (2015)

O capítulo II, Fabricação/Transposição de Modelos das Imagens Midiáticas de Casamento, discorreu-se sobre as imagens midiáticas de casamentos, dos contos de fada, dos principescos e das celebridades, que são produzidas e tornam-se modelos, influenciando as pessoas e acabam sendo absorvidas pela sociedade.

No capítulo III, Os Rituais como Espacialidades do Casamento, maximizou-se a escala abordando-se os rituais simbólicos, principescos e dos contos de fada, e suas espacializações. Também se investigou os rituais dos casamentos de noivas anônimas, desde sua preparação até o destino final de sua saída, traçando o trajeto percorrido, bem como o posicionamento e direcionamento dos personagens durante o ritual no cartório, na *mairie* e na Igreja.

No capítulo IV, A Corporeidade das Noivas, deu-se mais um zoom chegando à primeira escala da geografia, o corpo. Objetivou-se demonstrar como a corporeidade da noiva simboliza o casamento, tratando-se em três perspectivas diferentes, a noiva enquanto personagem, ícone e produto do casamento.

Finalmente, encerra-se com as conclusões sobre a espacialização dos casamentos as quais se chegaram ao fim desta caminhada de muita pesquisa e perseverança, levantando-se algumas possibilidades de estudos futuros, uma vez que não foi possível realizar uma análise mais completa em virtude de tempo restrito, necessitando fazer uma delimitação do tema.

# CAPÍTULO I

## FABRICAÇÃO/TRANSPOSIÇÃO DE

### MODELOS INSTITUCIONAIS DE CASAMENTOS

Primeiramente, antes de entrar na discussão sobre a fabricação/transposição de modelos de casamentos, far-se-á necessário mencionar o que se entende propriamente por este título. Para pensar na ‘fabricação/transposição’ partiu-se do princípio de que os casamentos são elementos constituídos e/ou produzidos e, posteriormente, feita uma adaptação de tais elementos, na qual se tem uma mudança na aparência, mas não da essência. Sabe-se que, assim como na geografia, outras ciências, a exemplo da economia, matemática, sociologia, antropologia, psicologia possuem definições específicas sobre o termo ‘modelo’. Porém, é preciso esclarecer que a palavra ‘modelo’ nesta tese não terá a conotação<sup>1</sup> dessas áreas, mas sim será utilizada no sentido denotativo<sup>2</sup>, de ser um padrão, uma matriz que serve para representar e ser reproduzida. Entende-se por casamento, de modo sucinto, a união entre duas pessoas por meio de ato civil e/ou religioso. Portanto, são criados os atos do casamento religioso e civil pela Igreja e pelo Estado, os quais são inseridos na sociedade.

Desse modo, intenta-se responder neste capítulo as seguintes perguntas: Qual o entendimento que a Igreja Católica tem sobre o casamento? Como foi o desenvolvimento legislativo no Brasil e na França desde a institucionalização do casamento até o modelo existente atualmente? Quais as semelhanças e diferenças entre as leis brasileiras e francesas? Com estatísticas demonstrando o aumento nos índices de divórcios, por que as pessoas se casam?

De outro modo, os assuntos discutidos neste capítulo servirão como base introdutória para a abordagem do ritual do casamento e da corporeidade da noiva como objetos de estudo dentro da geografia. Será abordada a constituição/produção de modelos de casamentos sob a perspectiva de acontecimentos geohistóricos. Expõe-se o motivo demográfico pelo qual se escolheu como recorte religioso o catolicismo para análise das celebrações dos casamentos. Apresenta-se ainda o catolicismo como religião predominante no Brasil e na França, o entendimento do casamento para a Igreja Católica Apostólica Romana, a geohistória das

---

<sup>1</sup> No sentido de apresentar diferentes significados e estar sujeita a diferentes interpretações.

<sup>2</sup> Refere-se ao uso mais comum e objetivo da palavra, sendo reconhecido rapidamente e associado ao significado de qualquer dicionário.

semelhanças e diferenças espaciais da institucionalização do casamento entre Brasil e França (no que tange ao controle do Estado sobre a sociedade civil nesses países) e as implicações das legislações pertinentes que estabelecem o direito e a regulação do próprio ato civil do casamento, tratando-se especialmente das partes relacionadas ao registro e à celebração, por entender que são as seções pertinentes a essa tese, fazendo-se uma abordagem comparativa entre os dois países. Este estudo da legislatura permeia também outros assuntos correlacionados, como o regime de bens e o divórcio; mas por não tê-los como foco principal dessa pesquisa, de modo que estes temas não serão aprofundados. Ainda nesta parte, demonstram-se dados estatístico-demográficos brasileiros e franceses numa comparação demográfica referente aos casamentos, incluindo-se as duas cidades, Campo Grande e Paris, culminando nos fatores que levam as pessoas a se casarem ou não. O catolicismo é, então, utilizado como base de referência e comparação entre Brasil e França, áreas de abrangência dessa pesquisa, em virtude de ser a religião predominante. O recorte temporal compreende aquele estabelecido pelos documentos e dados resgatados, tendo em vista as compatibilidades estatísticas disponíveis de ambos os países.

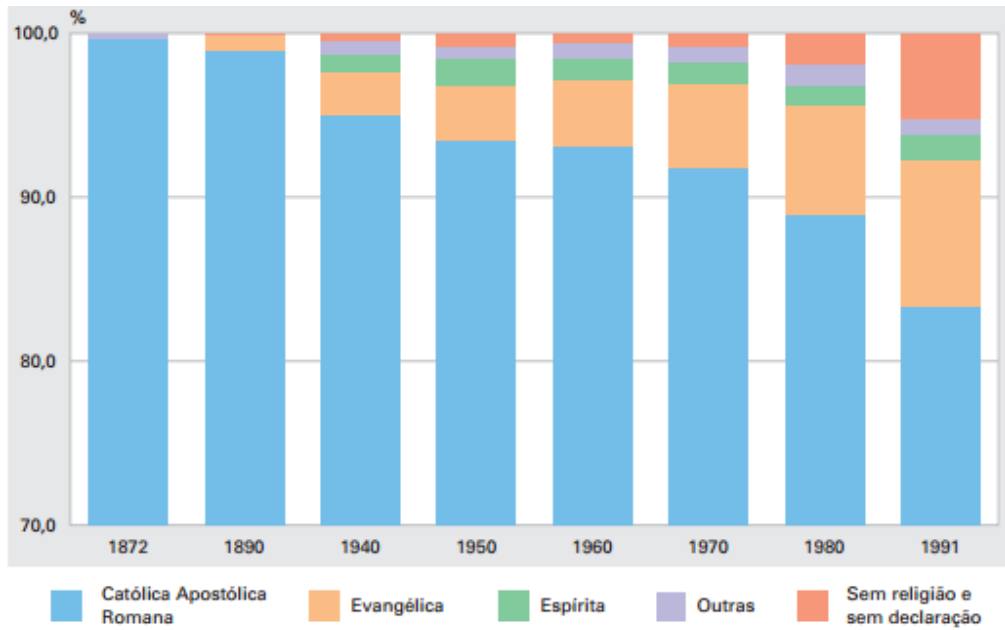
### **1.1. O catolicismo como religião predominante: demografias do Brasil e da França**

De acordo com os dados do Censo Demográfico 2010, elaborado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE (2010), de 1872 a 1991, houve um relevante declínio na religião católica apostólica romana, que incluía a maioria da população brasileira de fieis e, após 119 anos, passou a ter pouco mais de 80% de seguidores (Figura 05), ainda permanecendo como predominante.

O IBGE (2010) divulgou uma comparação entre os anos de 2000 e 2010 dos grupos de religião da população brasileira e apontou mais um importante número nos percentuais do catolicismo, indicando queda de 9% em dez anos dos dados analisados, representando 73,6% em 2000 e 64,6% em 2010 (Figura 06).

Em um século, a população de católicos variou 7,9%, considerando-se os anos de 1872, quando havia 99,7%, até o ano de 1970 com 91,8%. Após vinte e um anos, entre 1970 e 1991, houve redução de 8,8%; e, finalmente, após dezenove anos, entre 1991 e 2010, nota-se outro declínio de 18,4% (Figura 07). Ou seja, nesses 138 anos teve um total extremamente acentuado de queda de 35,1%, no entanto, o catolicismo continua sendo a religião majoritária no país (Figura 08).

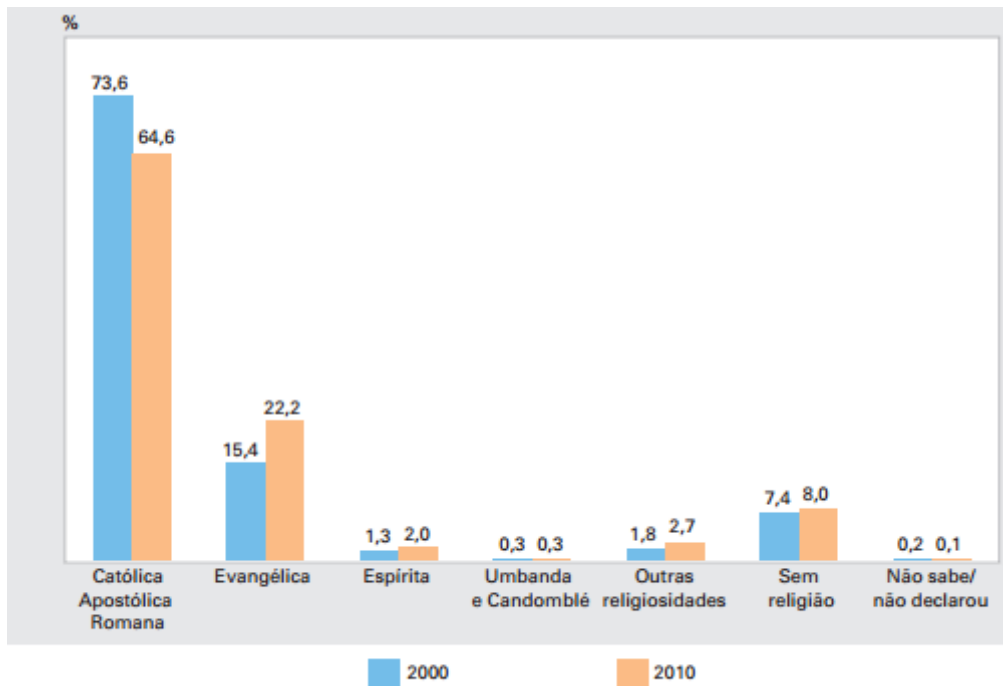
**Figura 05-** Percentual da população brasileira, por grupos de religião entre 1872 e 1991



Fontes: Directoria Geral de Estatística, Recenseamento do Brazil 1872/1890; e IBGE, Censo Demográfico 1940/1991.

Fonte: IBGE (2010)

**Figura 06-** Percentual da população brasileira, por grupos de religião, nos anos 2000 e 2010



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000/2010.

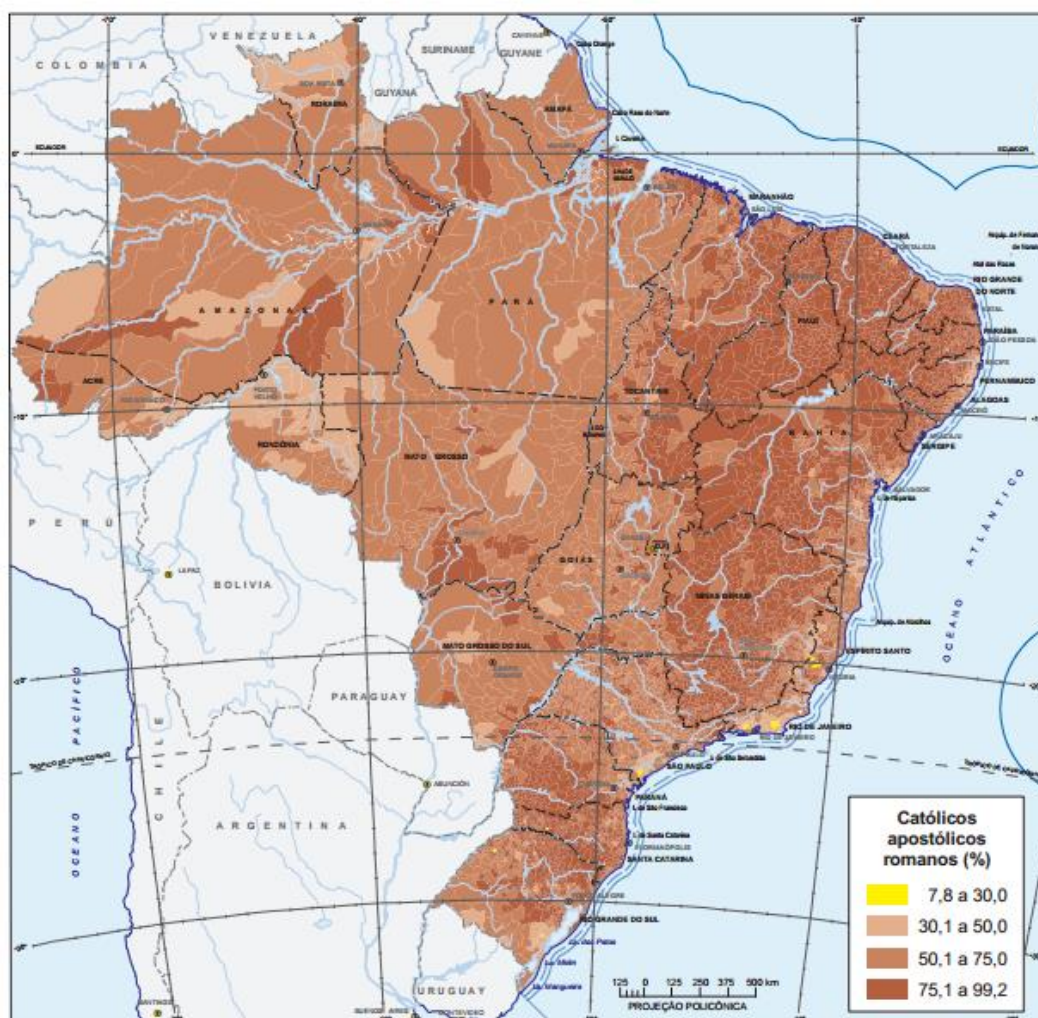
Fonte: IBGE (2010)

**Figura 07-** Quadro comparativo do percentual dos católicos apostólicos romanos entre os anos de 1872 e 2010

	1872	1970	1991	2010
Católicos Apostólicos Romanos	99,7%	91,8%	83%	64,6%

**Fonte:** IBGE (2010)

**Figura 08-** Percentual dos católicos apostólicos romanos da população brasileira – 2010



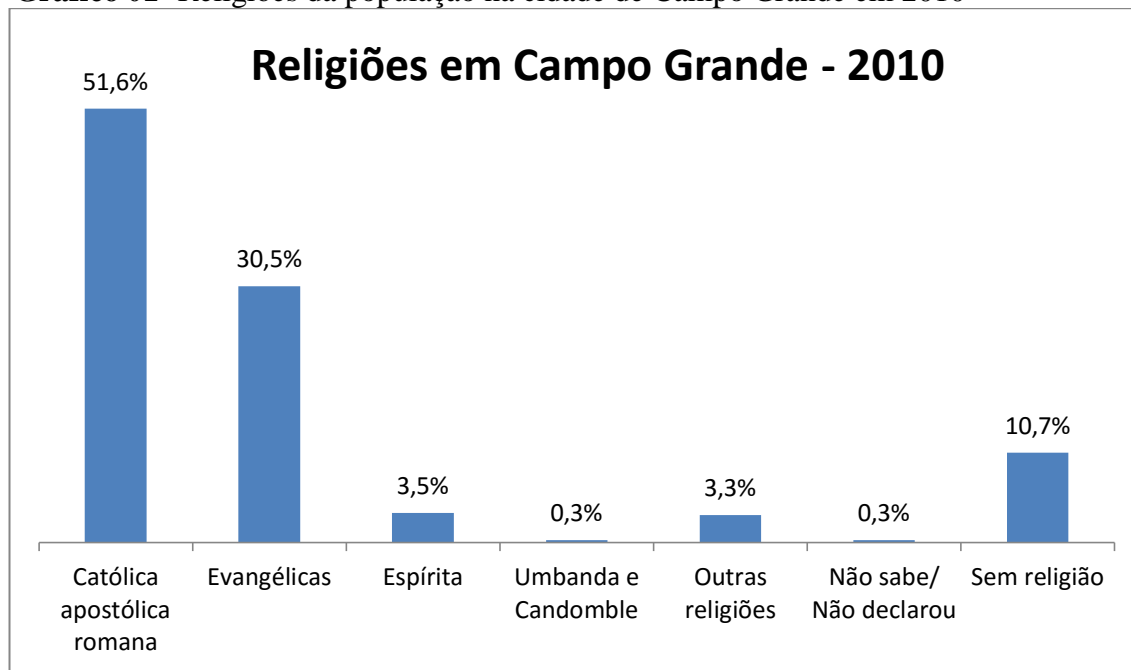
Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

**Fonte:** IBGE (2010)

Conforme o censo demográfico de 2010 do IBGE (2010), Campo Grande possui dados um pouco diferentes em relação ao país. Nessa cidade, a quantidade de católicos apostólicos romanos é de pouco mais da metade da população, 51,6%, sendo 13% inferior quando comparada com a média brasileira, e os evangélicos somam 30,5%, ou seja, 8,3%

superior aos números gerais do Brasil (Gráfico 01). Não foi possível analisar estatísticas anteriores por ausência de dados específicos por cidade.

**Gráfico 01-** Religiões da população na cidade de Campo Grande em 2010



**Fonte:** IBGE (2010)

**Organização dos dados e elaboração do gráfico:** Raquel Lage Tuma (2015)

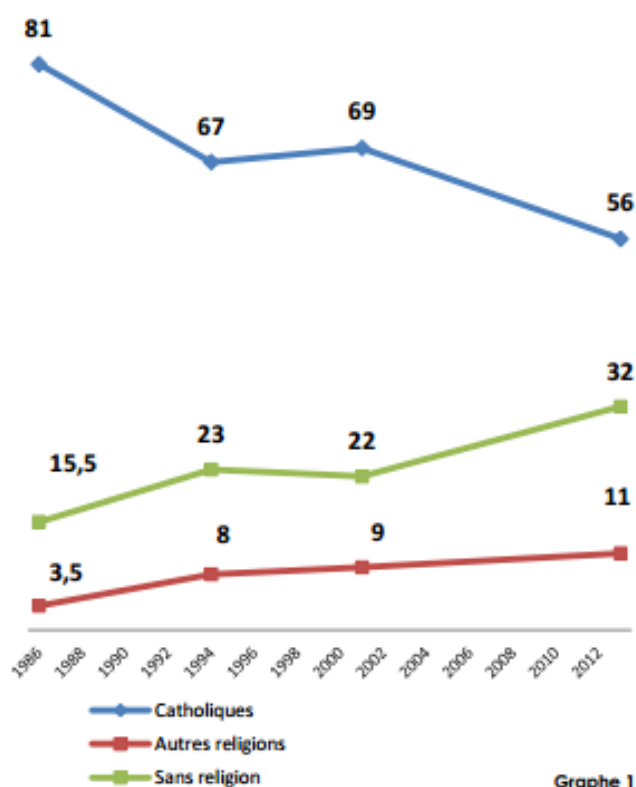
De acordo com os dados do Instituto Nacional de Estudos Demográficos (Ined), na França o catolicismo é a principal religião, são 11,5 milhões de católicos, com idade entre 18 a 50 anos; no entanto, em seguida, os muçulmanos destacam-se com 2,1 milhões de adeptos (SIMON; TIBERJ, 2010). O número de fiéis católicos franceses tem sofrido forte declínio, como pode ser notada a queda que passou de 81%, em 1986 para 56% em 2012 (Figura 09) (CANN, 2013).

Conforme o estudo realizado por Cann (2013) no primeiro semestre de 2012, a dispersão territorial católica na França é menos heterogênea, principalmente nos departamentos da Île-de-France onde o catolicismo é menor, como, por exemplo, Paris onde 42% se disseram católicos, enquanto a média nacional é de 56%.

Da mesma forma como vem ocorrendo na estatística mundial, os números de católicos tanto no Brasil quanto na França vêm diminuindo ao longo dos anos e a segunda religião de cada país cresce. Atualmente, no Brasil, 64,6% da população são católicos e na França, um pouco mais da metade, 56%. Cabe lembrar que ambos os países tinham como

religião principal o catolicismo desde os tempos de reinados, os quais eram totalmente ligados à Igreja Católica.

**Figura 09-** Percentual da religião católica na França



Fonte: CANN (2013)

Outra pesquisa, elaborada pelo IFOP (2011), divulgada em abril de 2011, apontou um total de 61% de católicos na França e apresentou os dados subdivididos nas regiões francesas, na qual a região parisiense apareceu com 47% de católicos; nordeste e sudoeste do país com 63%; e noroeste e sudeste com 66% de adeptos (Figura 10).

**Figura 10-** Quadro de Católicos por região – França

	Total na França	Região Parisiense	Nordeste	Noroeste	Sudoeste	Sudeste
Católicos	61%	47%	63%	66%	63%	66%

Fonte: IFOP (2011)

Ao perguntar para as mulheres entrevistadas para essa tese, brasileiras e francesas, qual é a sua religião, todas se disseram católicas, praticantes ou não, e todas foram batizadas em igrejas católicas. Entretanto, uma francesa respondeu que atualmente é agnóstica. Uma das entrevistadas mencionou que o cônjuge é judeu (não praticante) e todas as outras afirmaram que seus esposos são católicos, sendo que um esposo brasileiro é católico e umbandista.

Tendo em vista os dados estatísticos do Brasil e da França que a religião da população em sua maioria ainda permanece católica, apresenta-se o entendimento sobre o casamento para a Igreja Católica, que é o recorte religioso feito para essa tese.

## **1.2. O entendimento do casamento para a Igreja Católica**

A história do casamento não começa na Igreja, mas sim da vida social *in totum* que fez as pessoas se unirem para ter uma companhia “estável”, para constituir família (mesmo ainda sem esta conotação) e para dar continuidade à sua descendência.

De acordo com o estudo realizado por Nogueira (2006, p. 81), baseado na obra de Fustel de Coulanges, intitulada ‘A cidade antiga’, na Antiguidade clássica, o “princípio conformador da família e de todas as instituições nessa época é a religião, mas uma religião primitiva, formada por diversas crenças muito antigas.” Segundo a autora, cada família tinha o seu deus, esses deuses eram almas dos mortos ascendentes e “cada um dos deuses só podia ser adorado por sua família” (NOGUEIRA, 2006, p. 83). Os ritos também eram próprios de cada família, celebrado pelo pai, “o *pater familias*, que era o sacerdote da religião doméstica” (NOGUEIRA, 2006, p. 83).

O casamento foi a primeira instituição estabelecida pela religião doméstica e era considerado um ato dotado de extrema importância e seriedade para ambos os cônjuges, porque não se tratava, na Antiguidade, de mera troca de moradia, por parte da mulher, e sim de abandonar definitivamente o lar paterno, para invocar dali em diante os deuses do esposo. Tratava-se, pois, de trocar de religião, de passar a praticar outros ritos e adorar outros deuses. Assim, a partir do casamento, a mulher nada mais tinha em comum com a religião doméstica dos seus pais, passando a cultuar e adorar outros deuses até então desconhecidos. Isso decorria da impossibilidade de se cultuar deuses de famílias diferentes, já que não se poderia permanecer fiel a um deus, honrando outro, porque, de acordo com a religião, era princípio imutável a mesma pessoa não poder invocar dois fogos sagrados nem duas séries de ancestrais. O casamento era a cerimônia sagrada que devia produzir esses grandes e graves efeitos. Por esse motivo, na cidade antiga, a religião não admitia a poligamia e o divórcio só era permitido através de cerimônia religiosa e em poucas circunstâncias. (NOGUEIRA, 2006, p. 85).

Segundo Nogueira (2006), nessa época, acreditava-se que a felicidade do morto dependia não da sua conduta em vida, mas da conduta que seus descendentes tinham a seu respeito após sua morte. Assim, havia interesse em deixar um filho para que a descendência não se extinguisse, a sua religião se perpetuasse e haver a felicidade dos ancestrais. Porém, esse filho teria que ser fruto de um casamento religioso, pois a mulher que não estivesse na família, não estaria associada à religião, conseqüentemente, seu filho também não. “Nesse sentido, torna-se fácil entender que um casamento poderia ser perfeitamente desfeito se a mulher fosse estéril.” (NOGUEIRA, 2006, p. 86).

Pinto (2006) aponta que o Código de Hammurabi promulgado no período do apogeu do império babilônico, por volta de 1694 a.C., foi composto por 282 artigos que abordaram questões acerca da dinâmica daquela sociedade.

Alguns elementos surpreendentemente modernos marcam a delimitação do direito de família no Código de Hammurabi. A mulher, dotada de personalidade jurídica, mantém-se proprietária de seu dote mesmo após o casamento, e tem liberdade na gestão de seus bens. É prevista a possibilidade de repúdio da mulher pelo marido, mas a recíproca é igualmente verdadeira: a mulher pode alegar má conduta do marido e propor ação para retomar a sua família originária, levando de volta o seu patrimônio. A organização familiar é em regra monogâmica, sendo, contudo, flexibilizada quando se tratar da continuidade da linhagem familiar; é permitida, em alguns casos, a inserção de uma segunda esposa, uma espécie de concubina, quando o casal não conseguir gerar filhos, mas fica mantida a precedência da primeira esposa em relação à segunda. (PINTO, 2006, p. 40).

O cristianismo tem o casamento como um dos seus sete sacramentos, para isso se apoiam: na *Bíblia*, que agrega um conjunto de livros do Antigo e do Novo Testamento, referência doutrinária que orienta o comportamento dos cristãos; nos *Concílios*, que são as reuniões, de cunho religioso, de excelências eclesiásticas e de teólogos, que por sua vez elaboram documentos oriundos das discussões transcorridas no evento, como o Concílio de Trento, celebrado de 1545 a 1563, e o Concílio do Vaticano II, realizado entre 1962 a 1965, que dedicaram parte das sessões ao matrimônio; em *Carta Encíclica*, carta circular papal, dirigida aos bispos, autoridades eclesiásticas, bem como aos seus fiéis e apresenta a visão, os ensinamentos e os temas da atualidade a fim de contextualizar os princípios católicos, conforme a posição do Papa; no *Catecismo*, que é uma instrução sobre os mistérios, os preceitos e a doutrina da fé; e também nos *Códigos de Direito Canônico*, de 1917 e de 1983, que foram elaborados a fim de compilar e organizar as normas vigentes da Igreja Católica; bem como outros documentos eclesiásticos com diferentes denominações e funções, como o

*Motu Proprio*, que é um documento normativo expedido pelo Papa com o intuito de transmitir um ensinamento que lhe é pessoal, ou seja, que não tem interferência de outros conselheiros.

Para os católicos, conforme a Bíblia, Deus criou o Céu e a Terra. Do pó da terra, Ele criou o homem. Deus, acreditando ser importante que todo o ser humano tenha a companhia de um semelhante, colocou todos os animais e aves perante o homem para que dentre aqueles pudesse encontrar uma auxiliar que o ajudasse e o correspondesse, mas não encontrou (BÍBLIA SAGRADA, 1980).

Mandou pois o Senhor Deus um profundo sono a Adão; e quando ele estava dormindo, tirou Deus uma das suas costelas, e pôs carne em seu lugar. E da costela que tinha tirado de Adão, formou o Senhor Deus uma mulher, que Ele lhe apresentou. Então disse Adão: Eis aqui agora o osso dos meus ossos, e a carne da minha carne. Esta se chamará Virado, porque de varão foi tomada. Por isso deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e se unirá a sua mulher: e serão dois numa mesma carne. (BÍBLIA SAGRADA, 1980, Gn 2, 21-24).

Na fidelidade da aliança conjugal, o homem e a mulher entregam-se um ao outro, portanto, eles não são mais duas pessoas, mas uma só carne (BÍBLIA SAGRADA, 1980). Sendo assim, reforça-se nas palavras bíblicas “O que Deus uniu, não o separe o homem” e aquele que se divorciar e se casar com outra pessoa estará cometendo um adultério (BÍBLIA SAGRADA, 1980, Mc, 10, 9). No catolicismo, baseado nas palavras bíblicas, o matrimônio tem como finalidade a procriação: “Sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a.” (BÍBLIA SAGRADA, 1980, Gn, 1, 28).

Com o intuito de verificar se o casamento é um fator essencial para a procriação sob o ponto de vista da mulher, questionou-se às entrevistadas se teriam filhos se não fossem casadas, as respostas foram divididas, mas somente uma apontou a questão dos princípios da igreja de que o casamento é para se ter filhos. “*Não, para mim é realmente importante estar casada para ter filhos. Eu não teria filhos fora do casamento. Para mim o casamento é verdadeiramente uma ideia para ter filhos.*” (G, 40 anos, francesa, tradução da autora, 31/03/2015).

Houve duas outras respostas negativas, entretanto, não pelos princípios da bíblia, mas sim pela dificuldade de se cuidar de uma criança sozinha, sem um apoio: “*Não. Ter filhos são dois, quem tem que cuidar são dois e não um só. [...]. Quando não se está casada é difícil.*” (M, 58 anos, brasileira, 11/09/2015). “*Hoje, não. Não teria [filhos] se não fosse casada. Quando você tem experiências de pessoas muito próximas, você vê o quanto você precisa de ajuda. Ter um filho sozinha... não*

*que seja impossível, seria possível, mas eu acho que eu precisaria de ajuda. E para isso eu teria que voltar à casa dos meus pais. Então não, eu não teria filho por um capricho, sozinha não.”* (Th, 34 anos, brasileira, 13/09/2015).

Mais uma resposta negativa se deu não pela questão imposta pela igreja ou pela dificuldade de se criar um filho sozinha, mas sim pelo fato de ainda não ter despertado esta vontade pela pessoa: *“Não. Porque se hoje, eu casada, eu não tenho toda essa vontade de ter [filhos] hoje na minha idade, talvez passando os anos eu teria essa vontade. Mas hoje, mesmo casada, eu não tenho toda essa vontade de ter filhos. Acho que principalmente por causa da preocupação, da responsabilidade, que eu sei que aumenta. A vida profissional e o relacionamento dos dois ficam muito abalados. [...] Mas até o padre antes de nós casarmos, perguntou: ‘Vocês vão ter filhos? Porque se não forem, nem casem aqui!’ Porque é: casar e multiplicar (risos). E por enquanto só casamos, mas já estou colocando isso na minha cabeça porque eu tenho certeza que vou me arrepender.”* (D, 34 anos, brasileira, 11/09/2015).

Duas respostas foram positivas, não se importando pelos preceitos da igreja, mas sim por uma questão de desejo pessoal. *“Teria. De tanto que eu quero ser mãe.”* (C, 37 anos, brasileira, 12/09/2015). *“Sim.”* (B, 45 anos, francesa, tradução da autora, 15/07/2015).

Uma entrevistada ainda fica em dúvida da resposta, se teria ou não filhos, conforme esclareceu em seu depoimento: *“Eu sempre gostei muito de criança. Talvez, se eu não tivesse casado e ao ver que eu não fosse casar, eu poderia pensar em ter filho. Mas não sei, não tenho opinião formada, tenho dúvida quanto a isso.”* (T, 38 anos, brasileira, 13/09/2015).

Além da questão da união e da procriação, os documentos eclesiais tratam de outros assuntos pertinentes ao casamento. O Concílio de Latrão trouxe algumas proibições quanto ao casamento. No primeiro, em 1123, proibiu o casamento para sacerdotes, diáconos, subdiáconos e monges (EVANGELIZANDO, 2015a); no terceiro, em 1179, vedou qualquer tipo de cobrança para a bênção dos casamentos ou outros sacramentos (EVANGELIZANDO, 2015b); e, no quarto, em 1215, trouxe a proibição de casamentos entre pessoas com descendência de 4º grau, bem como de casamentos clandestinos, determinando que os casamentos deveriam, publicamente, ser anunciados nas igrejas por padres (EVANGELIZANDO, 2015c).

Em 1563, o Concílio de Trento instituiu a obrigatoriedade nos registros eclesiásticos do matrimônio e apresentou também a doutrina do sacramento do matrimônio, afirmando que o casamento é perpétuo e indissolúvel, assim como monogâmico, e resolveu extinguir as heresias e falhas, decretando:

### **Cânones do Sacramento do Matrimônio**

**Cân. I** - Se alguém disser que o Matrimônio não é verdadeiro e propriamente um dos sete Sacramentos da lei Evangélica, instituído por Cristo nosso Senhor, porém, inventado pelos homens na Igreja, e que não confere a graça, seja excomungado.

**Cân. II** - Se alguém disser que é lícito aos cristãos ter ao mesmo tempo muitas mulheres, e que isto não está proibido por nenhuma lei divina, seja excomungado.

**Cân. III** - Se alguém disser que apenas os graus de consangüinidade e afinidade que se expressam no Levítico, podem impedir o matrimônio e extinguir o que já está contraído, e que não pode a Igreja dispensar em alguns daqueles ou estabelecer que outros muitos impeçam e extingam, seja excomungado.

**Cân. IV** - Se alguém disser que a Igreja não pode estabelecer impedimentos que dirimam o Matrimônio ou que errou em estabelecê-los, seja excomungado.

**Cân. V** - Se alguém disser que se pode dissolver o vínculo do Matrimônio pela heresia ou coabitação desgostosa ou ausência fingida do consorte, seja excomungado.

**Cân. VI** - Se alguém disser que o Matrimônio de pouco tempo, mas não consumado, não se extingue por votos solenes de religião de um dos consortes, seja excomungado.

**Cân. VII** - Se alguém disser que a Igreja erra quando ensina, segundo a doutrina do Evangelho e dos Apóstolos, que não se pode dissolver o vínculo do Matrimônio pelo adultério de um dos consortes, e quando ensina que nenhum dos dois, nem mesmo o inocente que não deu motivo ao adultério, pode contrair outro matrimônio, vivendo com outro consorte, e que cai em fornicção aquele que casar com outra, deixada a primeira por ser adúltera, ou a que deixando ao adúltero se casar com outro, seja excomungado.

**Cân. VIII** - Se alguém disser que erra a Igreja quando decreta que se pode fazer por muitas causas a separação do leito, ou da coabitação entre os casados por tempo determinado ou indeterminado, seja excomungado.

**Cân. IX** - Se alguém disser que os clérigos ordenados de ordens maiores ou os regulares que fizeram promessa solene de castidade, podem contrair Matrimônio, e que é válido aquele que tenham contraído sem que lhes proíba a lei eclesiástica nem o voto, e que ao contrário não é mais que condenar o Matrimônio, e que podem contraí-lo todos os que sabem que não tem o dom da castidade, ainda que a tenham prometido por voto, seja excomungado, pois é constante que Deus não recusa aos que devidamente Lhe pedem este Dom, nem tampouco permite que sejamos tentados mais que podemos.

**Cân. X** - Se alguém disser que o estado de Matrimônio deve ser preferido ao estado de virgindade ou de celibato, e que não é melhor nem mais feliz manter-se em virgindade ou celibato que casar-se, seja excomungado.

**Cân. XI** - Se alguém disser que a proibição de celebrar núpcias solenes em certos períodos do ano é uma superstição tirânica emanada das superstições dos gentios, ou condenar-se as bênçãos e outras cerimônias que usa a Igreja nos Matrimônios, seja excomungado.

**Cân. XII** - Se alguém disser que as causas matrimoniais não pertencem aos juízes eclesiásticos, seja excomungado. (AGNUSDEI, 2015).

No II Concílio do Vaticano tratou-se sobre o matrimônio e, em uma das suas Constituições, *Gaudium et Spes*, mostrou-se a preocupação da Igreja colocando o matrimônio e a família como assuntos urgentes a serem tratados: “O bem-estar da pessoa e da sociedade humana e cristã está intimamente ligado com uma favorável situação da comunidade conjugal e familiar.” (CONCÍLIO DO VATICANO II, 1966, 47). Este documento apontou que a igreja estava obscurecida pela poligamia, pelo divórcio e pelo “amor livre” e outras “deformações”, portanto, o concílio vinha esclarecer algumas doutrinas.

A íntima comunidade da vida e do amor conjugal, fundada pelo Criador e dotada de leis próprias, é instituída por meio da aliança matrimonial, eu seja pelo irrevogável consentimento pessoal. Deste modo, por meio do acto humano com o qual os cônjuges mutuamente se dão e recebem um ao outro, nasce uma instituição também à face da sociedade, confirmada pela lei divina. Em vista do bem tanto dos esposos e da prole como da sociedade, este sagrado vínculo não está ao arbítrio da vontade humana. O próprio Deus é o autor do matrimônio, o qual possui diversos bens e fins,(1) todos eles da máxima importância, quer para a propagação do gênero humano, quer para o proveito pessoal e sorte eterna de cada um dos membros da família, quer mesmo, finalmente, para a dignidade, estabilidade, paz e prosperidade de toda a família humana. Por sua própria índole, a instituição matrimonial e o amor conjugal estão ordenados para a procriação e educação da prole, que constituem como que a sua coroa. O homem e a mulher, que, pela aliança conjugal «já não são dois, mas uma só carne» (Mt. 19, 6), prestam-se recíproca ajuda e serviço com a íntima união das suas pessoas e actividades, tomam consciência da própria unidade e cada vez mais a realizam. Esta união íntima, já que é o dom recíproco de duas pessoas, exige, do mesmo modo que o bem dos filhos, a inteira fidelidade dos cônjuges e a indissolubilidade da sua união (2). (CONCÍLIO DO VATICANO II, 1966, 48).

Entendeu-se neste concílio que Deus criou o homem por amor, em seguida a mulher; o amor mútuo dos dois torna-se imagem do amor absoluto e está destinado a ser fecundo. Porém, se por algum motivo que vai além da vontade do casal, pela lei natural da vida, não puderem ter filhos, ainda assim, o casamento é indissolúvel. (CONCÍLIO DO VATICANO II, 1966).

O matrimônio e o amor conjugal ordenam-se por sua própria natureza à geração e educação da prole. [...]

No entanto, o matrimônio não foi instituído só em ordem à procriação da prole. A própria natureza da aliança indissolúvel entre as pessoas e o bem da prole exigem que o mútuo amor dos esposos se exprima convenientemente,

aumente e chegue à maturidade. E por isso, mesmo que faltem os filhos, tantas vezes ardentemente desejados, o matrimônio conserva o seu valor e indissolubilidade, como comunidade e comunhão de toda a vida. (CONCÍLIO DO VATICANO II, 1966, 50).

Na Carta Encíclica *Humanae Vitae*, o Papa Paulo VI abordou a regulação da natalidade, trazendo um tópico sobre “as características do amor conjugal”, em que este

é, antes de mais nada, um amor plenamente humano, quer dizer, ao mesmo tempo espiritual e sensível. Não é, portanto, um simples ímpeto do instinto ou do sentimento; mas é também, e principalmente, ato da vontade livre, destinado a manter-se e a crescer, mediante as alegrias e as dores da vida cotidiana, de tal modo que os esposos se tornem um só coração e uma só alma e alcancem juntos a sua perfeição humana. (PAULO VI, 1968, 9).

Nesse mesmo documento, Paulo VI (1968, 9) considerou que o amor conjugal foi assumido pelos cônjuges “livremente e com plena consciência”, portanto, é “amor fiel e exclusivo, até a morte”. Ou seja, ele não pode ser dissolvido. O Papa diz é “amor fecundo que não se esgota na comunhão entre os cônjuges, mas que está destinado a continuar-se, suscitando novas vidas.” (PAULO VI, 1968, 9). A fecundidade é tida como um dom, um bem, e deve ser uma finalidade do casamento como uma norma da lei natural, portanto: “qualquer ato matrimonial deve permanecer aberto à transmissão da vida” (PAULO VI, 1968, 11). O papa ainda discursou sobre a doutrina que fundou sobre dois aspectos, união e procriação, os quais são inseparáveis perante Deus e que o homem não pode alterar (PAULO VI, 1968).

A Carta Encíclica *Lumen Fidei* escrita pelo Papa Francisco, em sua mensagem sobre a fé, trouxe um tópico específico “A fé e a família” em que se discursou sobre a união estável entre o homem e a mulher e o fruto desse casamento, os filhos:

[...] Tal união nasce do seu amor, sinal e presença do amor de Deus, nasce do reconhecimento e aceitação do bem que é a diferença sexual, em virtude da qual os cônjuges se podem unir numa só carne (cf. Gn 2, 24) e são capazes de gerar uma nova vida, manifestação da bondade do criador, da sua sabedoria e do seu desígnio de amor. Fundados sobre este amor, homem e mulher podem prometer-se amor mútuo com um gesto que compromete a vida inteira e que lembra muitos traços da fé: prometer um amor que dure para sempre é possível quando se descobre um desígnio maior que os próprios projectos, que nos sustenta e permite doar o futuro inteiro à pessoa amada. [...] (FRANCISCO, 2013, 52).

Ao indagar as entrevistadas para essa tese, questionou-se se conhecia alguma carta encíclica do Papa Francisco, por ser mais atual, ou outro documento que versa sobre o casamento. Nenhuma soube informar um documento específico, mas todas disseram saber os preceitos da bíblia, sendo citados da seguinte forma:

*“Respeitar o seu esposo, fidelidade, acompanhar até a morte. Essas coisas que para mim são evidentes ao casamento. [...] Acompanhar até a morte, na doença, no sofrimento. Para mim são coisas da vida, que não precisam ser ditas.”* (G, 40 anos, francesa, tradução da autora, 31/03/2015).

*“Quando se casa em igreja não é somente um casamento administrativo, é um casamento espiritual também.”* (B, 45 anos, francesa, tradução da autora, 15/07/2015).

*“Respeito, honrar o casamento, a fidelidade. Tem que ter principalmente o respeito, a cumplicidade, a fidelidade, a união. Também tem que cuidar com a traição. Eu também fiz questão de quando a gente casou de irmos à igreja todos os domingos. Ele não ia muito, mas eu fiz ele estar acompanhando essa questão da palavra, da bíblia.”* (D, 34 anos, brasileira, 11/09/2015).

*“Uma coisa ou outra eu tenho uma noção do que o padre fala na igreja. Sobre a fidelidade, do comprometimento, da união. Mas não conheço nada.”* (Th, 34 anos, brasileira, 13/09/2015).

*“Da bíblia sim, que diz: o que Deus uniu, o homem não desune. Uma vez que unidos estão, permaneçam casados para sempre. Por mais que a gente não frequenta a igreja, [...] eu quero voltar a frequentar e levar os meus filhos à igreja. O matrimônio é sagrado. [...]. União de duas pessoas que se amam para a eternidade.”* (T, 38 anos, brasileira, 13/09/2015).

No Catecismo da Igreja Católica é abordada a importância da fidelidade e da fecundidade, seguindo os ensinamentos da bíblia e das encíclicas. Conforme pode ser acessado no site do Vaticano em diferentes idiomas, a definição no Catecismo para o matrimônio é

O pacto matrimonial, pelo qual o homem e a mulher constituem entre si a comunhão íntima de toda a vida, ordenado por sua índole natural ao bem dos cônjuges e à procriação e educação da prole, entre os batizados foi elevado por Cristo Senhor à dignidade de sacramento. (VATICAN, 2015, art. 7, §1601).

O Código de Direito Canônico ressalta que o matrimônio: tem como propriedades essenciais a unidade e indissolubilidade; é oriundo de um consentimento mútuo entre homem

e mulher; e é o ato da vontade entre o casal, sendo um pacto irrevogável e que deve ser realizado entre batizados (VATICANO, 1983).

Em entrevista realizada com uma francesa, “G” diz ser de uma família muito católica pelo lado dos seus avós, entretanto sua mãe e seu pai se distanciaram da igreja e quando ela nasceu não foi batizada na igreja. Mas mesmo assim cresceu na religião católica, indo à igreja de tempos em tempos e conhece os preceitos da bíblia, pois os seus avós eram muito cristãos e tem dois tios padres e duas tias freiras. Assim, quando ela se casou não era batizada, mas seu noivo era católico e batizado. Como ambos eram católicos e tinham a vontade de casar-se na igreja, eles negociaram com o padre, que faria mais sentido que ela seria batizada quando seus filhos fossem batizados. Ela não quis se batizar antes do casamento, pois acreditava que precisa de tempo e que não queria se batizar apenas por causa de um evento, que não seria sincero, mas que gostariam de se casar na igreja. Dessa forma, eles fizeram uma benção e não uma missa (sendo que esta última é a forma de ritual realizado mais comum na França) (G, 40 anos, francesa, tradução da autora, 31/03/2015). Vale ressaltar que pelo Código de Direito Canônico o Bispo pode conceder a permissão de um casamento entre católico e não católico (VATICANO, 1983). Embora ambos se declarassem católicos e somente a noiva não era batizada, um diácono permitiu o casamento realizado dentro da igreja, mesmo sem o sacramento de batismo, o que tal fato não seria possível pelo direito canônico. Anos mais tarde, antes de batizar sua primeira filha, o sacramento do batismo dela foi realizado.

Apesar de a Igreja considerar o casamento uno e indissolúvel, existe um capítulo no Código de Direito Canônico (VATICANO, 1983) que trata sobre a separação dos cônjuges, e da dispensa de um casamento rato<sup>3</sup> e não consumado, mas esta dissolução só pode ser realizada pelo Papa, por uma causa justa, e ainda se reforça que o matrimônio é indissolúvel, a não ser por morte de um dos cônjuges. O cônjuge que desejar solicitar a nulidade do casamento religioso deve redigir o libelo que é um documento constando informações sobre os casais, desde os dados pessoais, do registro do casamento religioso e civil, descrevendo a história do casamento, incluindo as questões de antecedentes familiares, a narração de como foi o namoro, o noivado e a convivência matrimonial, bem como os motivos pelos quais demanda pela nulidade do casamento, as provas e os documentos pessoais. Com este documento em mãos, o/a demandante deve procurar por um tribunal eclesiástico local que dará início ao processo.

---

<sup>3</sup> Casamento confirmado, reconhecido.

No dia 08 de setembro de 2015, o Papa Francisco divulgou na imprensa mundial o *Motu Proprio Mitis Iudex Dominus Iesus*, expedido em 15 de agosto do mesmo ano, que versa sobre a reforma do processo canônico da nulidade do matrimônio (FRANCESCO, 2015), o que inclusive gerou alguns maus entendimentos sobre o ato. A intenção do Papa foi de agilizar e simplificar os processos daqueles que demandam pela nulidade e de transformá-lo gratuito, principalmente tendo em vista aqueles/aquelas que não podiam custear a solicitação. Os motivos que podem levar ao matrimônio tornar-se nulo não mudaram, tampouco foram facilitados, eles continuam os mesmos, que podem ser solicitados por: falha de consentimento, mentira, falha na forma canônica, impedimentos dirimentes. O entendimento é de que não há indissolubilidade, pois foi um casamento que não existiu, em que houve algum tipo de erro antes mesmo da celebração religiosa, quer seja por questões sociais, psicológicas, familiares ou documentais. Assim, uma união que foi realizada porque a mulher estava grávida e foi pressionada pela família para se casar contra a sua vontade é considerada motivo para solicitar a nulidade do casamento. Ainda, uma união na qual um dos cônjuges omitiu esterilidade e o outro possui um desejo muito grande pela procriação, também pode ser uma causa para o matrimônio ser nulo. Entretanto, há de se deixar claro que os processos não são tão simples de serem analisados, é feito todo um levantamento da vida do casal e verificação de provas para que se possa tomar alguma decisão final. Embora o Papa tenha divulgado esse *Motu Proprio*, os próprios tribunais eclesiásticos ainda não sabem ao certo como será esse procedimento e ainda está em processo de sanar dúvidas para que entre em vigor em 08 de dezembro de 2015. Uma das entrevistadas para essa tese disse estar acompanhando o *Motu Proprio* do Papa Francisco para tentar a anulação do seu primeiro casamento, que também ocorreu no religioso, pois a família dela é católica e a cobra muito por isso.

São vários os documentos papais registrados e disponíveis pelo Vaticano, um deles é a Audiência Papal. Esta é uma audiência proferida pelo Papa, realizada semanalmente, toda quarta-feira, na Praça São Pedro, para milhares de fiéis sobre diversos assuntos que em seguida fica registrada em um documento. Após fazer uma varredura no site do vaticano, no link das audiências do Papa João Paulo II, constatou-se que ele, principalmente no período entre 1979 a 1984, defendeu os preceitos do matrimônio em suas audiências, sempre ratificando a questão da indissolubilidade do casamento, permeando também em muitas sessões sobre a fidelidade e o adultério, que inclusive antes mesmo de se tornar papa lançou o livro “Amor e Responsabilidade”, no qual ele trata sobre o casamento e a família. Citam-se

quatro audiências que tiveram tratamento específico o matrimônio, demonstrando sua visão conservadora dos preceitos bíblicos: 1) 21 de novembro de 1979 “Valor do matrimônio uno e indissolúvel à luz dos primeiros capítulos de Gênesis”; 2) 2 de abril de 1980 “Os interrogativos sobre o matrimônio na visão integral do homem”; 3) 16 abril de 1980 “Cristo apela para o <coração> do homem”; e 4) 5 de janeiro de 1983 “O sinal sacramental da comunhão dos esposos” (JOÃO PAULO II, 1979; 1980a; 1980b; 1983). Uma das entrevistadas francesas disse conhecer os ensinamentos de João Paulo II, mas não soube dizer detalhadamente o que estava escrito.

Com o entendimento do que a Igreja Católica Romana prega sobre o matrimônio, apresenta-se o processo de institucionalização do casamento e sua relação no que tange à separação da Igreja e do Estado e às legislações pertinentes ao assunto no Brasil e na França.

### **1.3. Geohistória da institucionalização e das leis matrimoniais Brasil e na França**

O casamento possui influência de fatores econômicos, políticos, religiosos e psicossociais, como exemplo: uma estratégia de união entre reinados para garantir a posse das terras e os títulos da nobreza; uma maneira em que duas pessoas sozinhas podem potencializar o *status* financeiro enquanto casados; um modo de oficializar a coabitação e a manutenção de atividade sexual e reprodutiva, entre outros.

A vida em casal é um padrão. É uma espécie de norma seguida em cânones culturais universais, ou seja, não se conhece sociedade em que não haja a união mediante casamento. Neste subcapítulo apresentar-se-á como o casamento se torna um ato civil legislado pelo Estado, tanto no Brasil quanto na França, considerando-se as particularidades geohistóricas de sua institucionalização.

#### *1.3.1. No Brasil*

No Brasil, o início da oficialização dos casamentos é embasado no Concílio de Trento. Desse modo, durante todo o período que se estende da Colônia até parte do Segundo Império o casamento era um ato eminentemente controlado pela Igreja, dado o regime de padroado<sup>4</sup>. Nos tempos de Colônia, os magistrados de Portugal partiam ao Brasil com a

---

<sup>4</sup> Em Portugal o padroado era uma tradição bem antiga, nascida nos tempos da reconquista: no dia 15 de março de 1319, a “Ordem de Cristo” é formada com antigos fundos da riquíssima Ordem dos Templários.

finalidade de ocuparem os postos no poder judiciário, unindo-se à elite local, mas a intenção deste acordo era a troca de favores, para representar interesses do país deles, e não local ou do povo (CRISTIANI, 2006). Os magistrados seguiam para o Brasil levando suas famílias, “com o intuito de obter um *status* social elevado”, mas geralmente não faziam parte da nobreza e tinham o objetivo de se igualarem a ela e, para isso, precisavam de benefícios e símbolos materiais (CRISTIANI, 2006, p. 303). Um meio de se alcançarem tais objetivos foi por meio dos casamentos entre magistrados e filhas de fazendeiros nobres, mediante os quais seriam congregados permanentemente à nobreza. (CRISTIANI, 2006).

A organização do registro civil dos casamentos é instituído a partir da Lei 1.829, de 9 de setembro de 1870, quando Dom Pedro II ordenou proceder o recenseamento da população. O Imperador criou uma Diretoria Geral de Estatística, tendo como algumas de suas finalidades organizar os quadros anuais de casamentos, bem como coordenar e apurar os dados estatísticos recolhidos pelas repartições públicas (BRASIL, 1870).

Em 1874, o Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império, Dr. João Alfredo Corrêa de Oliveira assinou um Decreto Imperial nº 5.604 que regulamentou o registro civil dos nascimentos, casamentos e óbitos, cujo Título I, “Capítulo I Do Registro Geral” estabelecia:

Art. 1º O registro civil compreende nos seus assentos as declarações especificadas neste Regulamento, para certificar a existência de três factos: o nascimento, o casamento e a morte.

Art. 2º É encarregado dos assentos, notas e averbações do registro civil, em cada Juizado de Paz, o Escrivão respectivo, sob a imediata direcção e inspecção do Juiz de Paz, a quem cabe decidir administrativamente quaesquer duvidas que ocorrerem, enquanto os livros do registro se conservarem no seu Juizo.

---

*Como Portugal era terra essencialmente “reconquistada” aos mouros, a Ordem de Cristo ganhou importância e autoridade. Funcionava como órgão canalizador dos recursos do país para os cofres da nobreza territorial. Mas como Portugal, antes da aventura marítima, era terra de agricultura, a importância financeira e política da ordem era relativamente modesta.*

*Tudo isso mudou com a conquista de Ceuta, em 1415. Sendo esta empresa marítima, como todas as empresas marítimas, essencialmente comercial e burguesa, a Ordem de Cristo começou a proclamar bem alto seus direitos sobre os recursos trazidos a Portugal por esta nova experiência, proferindo discursos de teor religioso e evangélico, e protestando sua vontade missionária diante das novas descobertas[...]*

*[...] Do ano 1442 em diante, direito de padroado significa direito de conquista: eis o sentido das bulas pontifícias. Portugal é o senhor dos mares “nunca dantes navegados”, organizador da Igreja em termos de conquista e redução, planificador da união entre missão e colonização.*

*Por onde chegam os portugueses eles plantam o famoso “padrão” que traz as armas reais e a cruz intrinsecamente ligadas entre si. Portugal goza dos favores da Cúria Romana em negócios de além-mar. (HOORNAERT, 1992, p. 34-5).*

As notas, averbações e certidões ficarão a cargo do Secretario da Camara Municipal respectiva, depois que, findos os livros, forem remetidos para o archivo daquela corporação.

Art. 3º Os assentos do registro civil serão exarados em livros, para esse fim especialmente destinados, sendo um para o registro dos nascimentos, outro para o dos casamentos, e outro para o dos obitos.

Art. 4º Estes livros serão fornecidos pelas Camaras Municipaes respectivas, cujos Presidentes deverão lavrar nelles os termos de abertura e encerramento, e numerar e rubricar as folhas.

Art. 5º Os empregados do registro civil não devem inserir nos assentos, que lavrarem, ou nas respectivas notas e averbações, senão aquillo que os interessados declararem de accôrdo com as disposições deste Regulamento. (BRASIL, 1874).

Naquela época, ainda não havia a separação entre Igreja e Estado, como pode ser percebido no Capítulo II, artigo 63, que passou algumas instruções sobre o que deveria conter no assento de casamento: a igreja ou capela onde o casamento foi celebrado; o nome do padre ou do eclesiástico que assistiu à celebração e uma declaração de impedimento canônico. Entretanto, no artigo 65 excluiu tais declarações, as quais se referem às cerimônias e formalidades da Igreja Católica, aos acatólicos. Especificamente o registro do casamento para libertos e escravos, católicos e não-católicos por procuração ou realizado em país estrangeiro era tratado no “Capítulo II Do registro dos casamentos”, nos artigos abaixo citados:

Art. 62. Dentro de trinta dias da celebração de um casamento no territorio do Imperio, os esposos por si, ou por seus procuradores especiaes, são obrigados, quér sejam nacionaes, quér estrangeiros, a fazer lavrar o assento respectivo no cartorio do Escrivão de Paz do districto de sua residencia, á vista de certidão ou declaração do celebrante, seja qual fór a sua communhão religiosa, revogada nesta parte a disposição do art. 19 do Decreto nº 3069 de 17 de Abril de 1863.

Art. 63. O assento de casamento deverá conter necessariamente:

1º O dia, mez e anno, em que fôr lavrado;

2º O dia, mez e anno, e tambem a hora, ao menos approximadamente, em que o casamento se celebrou;

3º Indicação da Igreja, Capella ou outro lugar em que se celebrou; e da provisão de licença, se o casamento fôr de catholicos, e tiver-se effectuado fóra da Igreja matriz;

4º Os nomes, sobrenomes, appellidos, filiação, idade, estado, naturalidade, profissão e residencia dos esposos;

5º O nome do parcho que assistiu no casamento ou do ecclesiastico que o substituiu, e neste caso indicação da licença do respectivo parcho; e se os conjuges forem acatholicos, o nome da pessoa competente perante a qual celebrou-se o casamento;

6º A condição dos conjuges: se ingenuos, libertos, ou escravos, e neste caso o nome do senhor, e a declaração do seu consentimento;

7º Declaração de dispensa de parentesco ou outro impedimento canonico, assim como de todas ou de algumas das denunciaçãoes canonicas;

8º No caso de menoridade de um ou de ambos os conjuges, declaração do consentimento dos superiores legitimos, que o podem dar;

9º Declaração do numero, nomes e idade dos filhos, havidos antes do casamento, e que ficarem por elle legitimados;

10º Declaração do regimen matrimonial: se o casamento foi feito segundo o costume do Imperio, ou se houve escripturas antenupciaes; e neste caso, a sua data o lugar em que foram lavradas, o Tabellião que as lavrou, e a substancia dellas quanto ao regimen dos bens;

11º Se algum ou ambos os conjuges se casaram por procuração, os nomes, idade e domicilio ou residencia actual do procurador ou dos procuradores;

12º Os nomes, idade, profissão e domicilio ou residencia actual de duas das testemunhas que assistiram ao casamento, e que devem assignar o assento. (Modelo nº 3.)

Art. 64. Na declaração da filiação dos conjuges, do que trata o nº 4º do artigo antecedente, dever-se-ha dizer se os conjuges são filhos legitimos, ou naturaes, e neste caso se mencionarão os nomes dos pais com as restricções dos arts. 52 e 54 ou se são filhos de pais incognitos, ou, finalmente, expostos.

[...]

Art. 65. Os assentos de casamentos de acatholicos serão feitos nos termos dos arts. 63 e 64, excluidas tão sómente as declarações que se referem propria e exclusivamente ás ceremonias e formalidades da Igreja Catholica.

Art. 66. Si o casamento de pessoas que residem, ou que vierem residir no Imperio, tiver sido contrahido em paiz estrangeiro, o facto do casamento será notificado pelos conjuges, dentro de trinta dias de sua chegada ao Imperio, ao empregado do registro do districto de paz de sua residencia, apresentando certidão authentica do acto celebrado segundo a legislação do paiz em que se effectuou o casamento, ou na conformidade deste Regulamento e das Leis do Imperio, si o acto do casamento tiver sido lavrado no Consulado Brasileiro, e sem embargo da communicação que a este incumbe pelo art. 7º. [...] (BRASIL, 1874).

Posteriormente, o Decreto nº 9.886, de 7 de março de 1888 trouxe algumas alterações sobre este regulamento do registro civil estabelecido em 1874. As principais modificações foram referentes aos escravos, como exemplo, no Título II, Capítulo II Do registro do casamento, artigo 70, retirou-se o que constava anteriormente do artigo 63 do decreto de 1874: “6º A condição dos conjuges: se ingenuos, libertos, ou escravos, e neste caso o nome do senhor, e a declaração do seu consentimento” (BRASIL, 1874). Neste decreto de 1888 houve um acréscimo de três artigos, do 21 ao 23, que diz

Art. 21. Os Escrivães do registro civil não poderão lavar assentos referentes a si, ou aos seus parentes e affins até o 3º grau, fazendo nesses casos as suas vezes os legítimos substitutos ou supplentes.

Art. 22. No ultimo dia do anno encerrar-se-ha a escripturação a elle correspondente, lavrando para esse fim o encarregado um termo, que declarará em cada livro o numero de assentos abertos, e devendo esse termo ser rubricado pelo Juiz de Direito da comarca, ou pelo Municipal ou substituto na fôrma do art. 5º (Modelo n. 5.)

A cada um dos livros do registro civil findos juntará o respectivo Escrivão um indice alphabetico dos assentos nelles lançados, organizado pelos nomes das pessoas a cujo nascimento, casamento ou obito se referirem.

Art. 23. Esgotados os prazos estabelecidos neste Regulamento, nenhuma declaração para registro será attendida sem ordem do Juiz de Paz, que imporá a quem nella tiver incorrido a multa que no caso couber.

Nas colonias serão os Juizes Municipaes dos termos a que pertencerem, os competentes para expedir a ordem e impôr a multa. (BRASIL, 1888a).

Em 7 de janeiro de 1890, pelo Decreto nº 119-A, Marechal Deodoro da Fonseca proibiu a intervenção da autoridade federal e dos Estados federados em matéria religiosa, consagrando plena liberdade de cultos e extinguiu o padroado (BRASIL, 1890a), o que fez a separação efetiva da Igreja e o Estado passou a ser laico, instrução ratificada pela primeira constituição republicana de 1891.

Alguns dias depois, em 24 de janeiro de 1890, por meio do Decreto nº 181, o Chefe do Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil instituiu o casamento civil para o Estado (BRASIL, 1890b). Esse decreto foi composto por treze capítulos, a saber: I. “Das formalidades preliminares”; II. “Dos impedimentos do casamento”; III. “Das pessoas que podem oppor impedimentos do tempo e do modo de oppolos, e dos meios de solvelos”; IV. “Da celebração do casamento”; V. “Do casamento dos brasileiros no estrangeiro e dos estrangeiros no Brazil”; VI. “Das provas do casamento”; VII. “Dos efeitos do casamento”; VIII. “Do casamento nullo e do annullavel”; IX. “Do divórcio”; X. “Da dissolução do casamento”; XI. “Da posse dos filhos”; XII. “Disposições penaes”; e XIII. “Das disposições geraes” (BRASIL, 1890b).

O capítulo I sobre as formalidades preliminares do casamento apontava que os pretendentes deviam habilitar-se perante o oficial do registro civil e apresentarem os seus documentos relacionados e, a seguir, o oficial redigia um ato resumido em forma de edital a fim de ser publicado duas vezes, com um intervalo de sete dias e fixado em lugar aparente (BRASIL, 1890b).

No Capítulo II desse documento tratavam-se dos impedimentos do casamento, apontando que eram proibidos para se casarem “as mulheres menores de 14 anos e os homens

menores de 16”, assim como as pessoas casadas, o adúltero com o seu corréu, raptor com raptada, entre outros (BRASIL, 1890b).

Apresenta-se abaixo o que esse decreto trazia como celebração do casamento no que diz respeito: aos dados de dia, horário e local e às formas de pronúnciação e registro. Vale ressaltar que desde 1890 permitia-se o casamento em lugar particular e, para tanto, deviam-se realizá-lo de portas abertas:

Art. 23. Habilitados os contrahentes, e com a certidão do art. 3º, pedirão á autoridade, que tiver de presidir ao casamento, a designação do dia, hora e lugar da celebração do mesmo.

Art. 24. Na falta de designação de outro lugar, o casamento se fará na casa das audiencias, durante o dia e a portas abertas, na presença, pelo menos, de duas testemunhas, que podem ser parentes dos contrahentes, ou em outra casa publica ou particular, a aprazimento das partes, si uma dellas não puder sahir da sua, ou não parecer inconveniente aquella autoridade a designação do lugar desejado pelos contrahentes.

Art. 25. Quando o casamento for feito em casa particular, esta deverá conservar as portas abertas, durante o acto, e as testemunhas serão tres ou quatro, si um ou ambos os contrahentes não souberem escrever.

Art. 26. No dia, hora e lugar designados, presentes as partes, as testemunhas e o official do registro civil, o presidente do acto lerá em voz clara e intelligivel o art. 7º e depois de perguntar a cada um dos contrahentes, começando da mulher, si não tem algum dos impedimentos do mesmo artigo, si quer casar-se com o outro por sua livre e espontanea vontade, e ter de ambos resposta affirmativa, convidal-os-ha a repetirem na mesma ordem, e cada um de per si, a formula legal do casamento.

Art. 27. A formula é a seguinte para a mulher: «Eu F. recebo a vós F. por meu legitimo marido, emquanto vivermos.» E para o homem: «Eu F. recebo a vós F. por minha legitima mulher, emquanto vivermos.»

Art. 28. Repetida a formula pelo segundo contrahente, o presidente dirá de pé: «E eu F., como juiz (tal ou tal), vos reconheço e declaro legitimamente casados, desde este momento.»

Art. 29. Em seguida o official do registro lançará no respectivo livro o acto do casamento nos termos seguintes, com as modificações que o caso exigir: «Aos de de ás horas da em casa das audiencias do juiz (ou onde for), presentes o mesmo juiz commigo official effectivo (ou ad hoc) e as tertemunhas F. e F. (tantas quantas forem exigidas conforme o caso), receberam-se em matrimonio F. (exposto, filho de F., ou de F. e F. si for legitimo ou reconhecido), com annos de idade, natural de residente em e F. (com as mesmas declarações, conforme a filiação), com annos de idade, natural de residente em os quaes no mesmo acto declararam (si este caso se der) que tinham tido antes do casamento os seguintes filhos: F. com annos de idade, F. com annos de idade, etc. (ou um filho ou filha de nome F. com

annos de idade) e que são parentes (si o forem) no 3º gráo (ou no 4º gráo duplicado) da linha collateral. Em firmeza do que eu F. lavrei este acto, que vae por todos assignados (ou pelas testemunhas F. e F. a rogo dos contrahentes, que não sabem ler nem escrever). (BRASIL, 1890b).

Salienta-se que durante a celebração, tanto em casas de audiências, quanto em lugares particulares, deviam estar presentes a autoridade competente para presidir o casamento e o oficial do registro. No capítulo sobre a celebração ainda eram descritos como devia ser o procedimento quanto: ao consentimento por escrito, ao regime; a recusa de repetição da fórmula legal, o arrependimento ou que o casamento não seja por espontânea vontade; a pessoas enfermas; falta ou impedimento de autoridade competente e do oficial do registro para a realização do ato; iminente risco de vida do contraente; casamento de estrangeiro com brasileira; e contraentes parentes acima de 3º grau (BRASIL, 1890b).

O Capítulo VII apresentava os efeitos do casamento neste âmbito civil. Também vale ressaltar que, naquela ocasião, não se tinham os direitos e deveres igualitários entre homens e mulheres. Tal diferença pode ser vista nos artigos:

Art. 56. São efeitos do casamento:

§ 1º Constituir familia legitima e legitimar os filhos anteriormente havidos de um dos contrahentes com o outro, salvo si um destes ao tempo do nascimento, ou da concepção dos mesmos filhos, estiver casado com outra pessoa.

§ 2º Investir o marido da representação legal da familia e da administração dos bens communs, e daquelles que, por contracto ante-nupcial, devam ser administrados por elle.

§ 3º Investir o marido do direito de fixar o domicilio da familia, de autorizar a profissão da mulher e dirigir a educação dos filhos.

§ 4º Conferir á mulher o direito de usar do nome da familia do marido e gozar das suas honras e direitos, que pela legislação brasileira se possam communicar a ella.

§ 5º Obrigar o marido a sustentar e defender a mulher e os filhos.

§ 6º Determinar os direitos e deveres reciprocos, na fórmula da legislação civil, entre o marido e a mulher e entre elles e os filhos.

Art. 57. Na falta do contracto ante-nupcial, os bens dos conjugues são presumidos communs, desde o dia seguinte ao do casa mento, salvo si provar-se que o matrimonio não foi consummado entre elles.

Paragrapho unico. Esta prova não será admissivel quando tiverem filhos anteriores ao casamento, ou forem concubinados antes delle, ou este houver sido precedido de rapto.

Art. 58. Tambem não haverá communhão de bens:

§ 1º Si a mulher for menor de 14 annos, ou maior de 50.

§ 2º Si o marido for menor de 16, ou maior de 60.

§ 3º Si os conjuges forem parentes dentro do 3º gráo civil ou do 4º duplicado.

§ 4º Si o casamento for contrahido com infracção do § 11 ou do § 12 do art. 7º, ainda que neste caso tenha precedido licença, do presidente da Relação do respectivo districto.

Art. 59. Em cada um dos casos dos paragraphos do artigo antecedente, todos os bens da mulher, presentes e futuros, serão considerados dotaes, e como taes garantidos na fórmula do direito civil.

Art. 60. A faculdade conferida pela segunda parte do art. 27 do codigo commercial á mulher casada para hypothecar ou alhear o seu dote é restricta ás que, antes do casamento, já eram commerciantes. (BRASIL, 1890b).

Neste Decreto nº 181, de 1890, também se apresentavam as possibilidades de anulação do casamento e do divórcio. Essa legislação apontou que o pedido para o divórcio deveria estar baseado em quatro motivos, a saber:

§ 1º Adulterio.

§ 2º Sevicia, ou injuria grave.

§ 3º Abandono voluntario do domicilio conjugal e prolongado por dous annos continuos.

§ 4º Mutuo consentimento dos conjuges, si forem casados ha mais de dous annos. (BRASIL, 1890b).

Em 1916 foi publicado o primeiro Código Civil Brasileiro, inspirado no modelo alemão de 1896 *Bürgerliches Gesetzbuch* (BGB) – em vigor desde 1900,

adotando a mesma classificação germânica das matérias e o sistema de normas com proposições ou tipos “abertos” (que permitem maior elastério interpretativo e tornam-se mais longevos), apenas com alteração da ordem e assim distribuída: **Parte Geral**, com três livros: “Das pessoas”, “Dos bens” e “Dos fatos jurídicos” e **Parte Especial**, abrigando esta o Direito das Obrigações (unificando as obrigações civis e comerciais, como já o fizera o Código Civil italiano de 1942), Direito de Empresa (disciplinando as sociedades civis e comerciais), Direito das Coisas, Direito de Família e Direito das Sucessões (STOCO, 2004, p. 8).

Esse código possuía também alguns pontos de afinidade com o Código Civil Francês de 1804, “como, *ad exemplum*, no que se refere à aplicação temporal da norma, pois ficou preservada a regra consagrada no Código Napoleão segundo a qual a lei dispõe para o futuro, não podendo retroagir.” (STOCO, 2004, p. 8). Outra afinidade referia-se à adoção do regime de comunhão universal, de forma legal, “Art. 262. O regime da comunhão universal importa a comunicação de todos os bens presentes e futuros dos cônjuges e suas dívidas passivas, com as exceções dos artigos seguinte. [...]” (BRASIL, 1916), que vigorou até a Lei do Divórcio (STOCO, 2004).

No Código Civil Brasileiro, sancionado por meio da Lei nº 3.071, de 1º de janeiro de 1916, passou-se a regular os direitos e obrigações de ordem privada concernentes às pessoas, aos bens e às suas relações, e determinou-se a capacidade civil, os direitos de família, as relações pessoais dos cônjuges e o regime dos bens no casamento (BRASIL, 1916).

Nomeadamente sobre casamento, o Código Civil de 1916, na parte especial do Livro I Do direito de família, no Título I Do Casamento trouxe muito do que foi instituído pelo Decreto nº 181 e foi dividido em sete capítulos, a saber: I. “Das Formalidades Preliminares”; II. “Dos Impedimentos”; III. “Da Oposição dos Impedimentos”; IV. “Da Celebração do Casamento”; V. “Das Provas do Casamento”; VI. “Do Casamento Nulo e Anulável”; e VII. “Disposições Penais”. Nesse código, uma das mudanças foi a proibição da idade, que passava para “mulheres menores de dezesseis anos e os homens menores de dezoito.” (BRASIL, 1916).

O Capítulo “Dos efeitos do casamento” do decreto foi tratado no código em Título II, em específico, “Dos efeitos jurídicos do casamento” (BRASIL, 1916). O Capítulo “Das formalidades preliminares” ratificou no código a realização pelo oficial: “Art. 180. A habilitação para casamento faz-se perante o oficial do registro civil [...]” (BRASIL, 1916). No texto do código foram feitas muitas alterações na forma da redação e no sentido de atualização da língua e de deixarem mais claras e detalhadas algumas questões. Em geral, as abordagens são semelhantes, mas há pequenas modificações como: o prazo da publicação prévia da ata do casamento dos nubentes - antes eram duas vezes, com intervalo de sete dias (para publicação, a fixação era da primeira publicação até o quinto dia depois da segunda) e passa a quinze dias (tanto para publicação quanto a fixação aparente); e o prazo de validade da habilitação, anteriormente podendo-se casar no período de até dois meses, passando-se a três meses no novo código.

Art. 181. À vista desses documentos apresentados pelos pretendentes, ou seus procuradores, o oficial do registro lavrará os proclamas de casamento, mediante edital, que se afixará durante quinze dias, em lugar ostensivo do edifício, onde se celebrarem os casamentos, e se publicará pela imprensa, onde a houver (art. 182, parágrafo único).

§ 1º Se, decorrido esse prazo, não aparecer quem oponha impedimento, nem lhe constar algum dos que de ofício lhe cumpre declarar, o oficial do registro certificará aos pretendentes que estão habilitados para casar dentro nos três meses imediatos (art. 192). (BRASIL, 1916).

Nos aspectos da celebração, foram suprimidos: a fórmula relatada anteriormente na qual os noivos a repetiam a fim de aceitar como marido e mulher, embora estivesse explícito

que seriam declaradas as vontades dos nubentes, e o modelo do texto por extenso. Ainda nesse código de 1916, o divórcio passou a ser renomeado e tratado no Título IV como “Da dissolução da sociedade conjugal e da proteção dos filhos”, no qual se tinha uma similaridade em vários aspectos apresentados anteriormente pelo decreto, mas com uma redação diferente, como a forma de dissolução do casamento que se finda pela morte, nulidade ou anulação e acrescentou-se a permissão ao desquite nos seguintes motivos: “I. Adulterio. II. Tentativa de morte. III. Sevicia, ou injúria grave. IV. Abandono voluntário do lar conjugal, durante dois anos contínuos” (BRASIL, 1916).

A Constituição Federal de 1937, promulgada no Governo de Getúlio Vargas, teve um único artigo que fazia menção ao casamento, artigo 124, o qual apontava que: “A família, constituída pelo casamento indissolúvel, está sob a proteção especial do Estado. [...]” (BRASIL, 1937).

Na Constituição Federal de 1946 instituiu-se que o casamento religioso também teria efeito civil desde que sejam realizados conforme prescrito em lei:

Art 163 - A família é constituída pelo casamento de vínculo indissolúvel e terá direito à proteção especial do Estado.

§ 1º - O casamento será civil, e gratuita a sua celebração. O casamento religioso equivalerá ao civil se, observados os impedimentos e as prescrições da lei, assim o requerer o celebrante ou qualquer interessado, contanto que seja o ato inscrito no Registro Público.

§ 2º - O casamento religioso, celebrado sem as formalidades deste artigo, terá efeitos civis, se, a requerimento do casal, for inscrito no Registro Público, mediante prévia habilitação perante a autoridade competente. (BRASIL, 1946).

A Lei nº 1.110, de 23 de maio de 1950, regulou o reconhecimento dos efeitos civis ao casamento religioso e estabeleceu como itens a habilitação prévia, a habilitação posterior e as disposições finais, os quais especificavam os procedimentos para este ato (BRASIL, 1950). Apresentou-se os artigos 2º e 3º que se referiam à habilitação prévia:

Art. 2º Terminada a habilitação para o casamento perante o oficial do registro civil é facultado aos nubentes, para se casarem perante a autoridade civil ou ministro religioso requerer a certidão de que estão habilitados na forma da lei civil, deixando a obrigatoriamente em poder da autoridade celebrante, para ser arquivada.

Art. 3º Dentro nos três meses imediatos à entrega da certidão, a que se refere o artigo anterior, o celebrante do casamento religioso ou qualquer interessado poderá requerer a sua inscrição, no registro público. (BRASIL, 1950).

Na Constituição Federal de 1988 criou-se a justiça de paz, na qual o casamento fica sob a sua competência:

Art. 98. A União, no Distrito Federal e nos Territórios, e os Estados criarão:  
[...]

II - justiça de paz, remunerada, composta de cidadãos eleitos pelo voto direto, universal e secreto, com mandato de quatro anos e competência para, na forma da lei, celebrar casamentos, verificar, de ofício ou em face de impugnação apresentada, o processo de habilitação e exercer atribuições conciliatórias, sem caráter jurisdicional, além de outras previstas na legislação. (BRASIL, 1988).

Também foi abordado de forma subliminar sobre o casamento no capítulo VII, que trata sobre a família e tem em seu artigo 226:

A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado.

§ 1º O casamento é civil e gratuita a celebração.

§ 2º O casamento religioso tem efeito civil, nos termos da lei.

[...]

§ 6º O casamento civil pode ser dissolvido pelo divórcio, após prévia separação judicial por mais de um ano nos casos expressos em lei, ou comprovada separação de fato por mais de dois anos. (BRASIL, 1988).

Em 1996, a união estável foi regulada pela Lei nº 9.278, que reconheceu como entidade familiar, em seu artigo 1º, “a convivência duradoura, pública e contínua, de um homem e uma mulher, estabelecida com objetivo de constituição de família.” (BRASIL, 1996). Essa lei regula os direitos e deveres dos conviventes, os bens móveis e imóveis, a dissolução, e a conversão desta união em casamento a qualquer tempo. (BRASIL, 1996).

Aos 10 de janeiro de 2002, a Lei nº 10.406 instituiu o Código Civil, que manteve a mesma estrutura germânica adotada anteriormente (STOCO, 2004). O Novo Código Civil de 2002 permaneceu com um livro específico para o Direito da Família, em que o casamento está inserido no Título I “Do Direito Pessoal”, Subtítulo I, constando onze capítulos, a saber: “Disposições gerais”, “Da capacidade”, “Dos impedimentos”, “Das causas suspensivas”, “Do processo de habilitação”, “Da celebração”, “Das provas”, “Da invalidade”, “Da eficácia”, “Da dissolução da sociedade e do vínculo conjugal” e “Da proteção da pessoa dos filhos” (BRASIL, 2002). Incluiu-se no capítulo I Das disposições gerais, artigo 1.511, que “o casamento estabelece comunhão plena de vida, com base na igualdade de direitos e deveres dos cônjuges” (BRASIL, 2002). No mesmo capítulo foram dados nova redação e detalhamento no que tange aos casamentos religiosos, o que no código de 1916 também não

havia, porém fora regulado pela Lei nº 1.110 em 1950, com exceção do que se refere de maneira explícita o terceiro parágrafo do artigo 1.516:

Art. 1.515. O casamento religioso, que atender às exigências da lei para a validade do casamento civil, equipara-se a este, desde que registrado no registro próprio, produzindo efeitos a partir da data de sua celebração.

Art. 1.516. O registro do casamento religioso submete-se aos mesmos requisitos exigidos para o casamento civil.

§ 1º O registro civil do casamento religioso deverá ser promovido dentro de noventa dias de sua realização, mediante comunicação do celebrante ao ofício competente, ou por iniciativa de qualquer interessado, desde que haja sido homologada previamente a habilitação regulada neste Código. Após o referido prazo, o registro dependerá de nova habilitação.

§ 2º O casamento religioso, celebrado sem as formalidades exigidas neste Código, terá efeitos civis se, a requerimento do casal, for registrado, a qualquer tempo, no registro civil, mediante prévia habilitação perante a autoridade competente e observado o prazo do art. 1.532.

§ 3º Será nulo o registro civil do casamento religioso se, antes dele, qualquer dos consorciados houver contraído com outrem casamento civil. (BRASIL, 2002).

Uma das alterações neste código, em comparação ao de 1916, é em relação à idade para o casamento e aponta que podem se casar o homem e a mulher com dezesseis anos, entretanto exige-se a autorização de ambos os pais (BRASIL, 2002).

O casamento entre pessoas do mesmo sexo foi regulamentado por meio da Resolução nº 175, de 14 de maio de 2013, que em seu artigo 1º resolve que é “vedada às autoridades competentes a recusa de habilitação, celebração de casamento civil ou de conversão de união estável em casamento entre pessoas de mesmo sexo.” (BRASIL, 2013).

Em 16 de março de 2015 foi sancionado o novo Código de Processo Civil por meio da Lei nº 13.105, que traz alterações em relação ao regime de bens do casamento para o divórcio, a separação consensual e a extinção da união estável. Também apresenta inovações sobre o divórcio, a separação judicial e a conciliação e decreta em seu artigo 165: “Os tribunais criação centros judiciários de solução consensual de conflitos, responsáveis pela realização de sessões e audiências de conciliação e mediação e pelo desenvolvimento de programas destinados a auxiliar, orientar e estimular a autocomposição.” (BRASIL, 2015).

Portanto, constata-se que o Brasil possui uma mudança gradual e frequente das suas leis pertinentes ao casamento, embora aqui tenham sido tratadas somente as principais legislações e suas atualizações que tiveram relevância na institucionalização do casamento e nos assuntos que o perpassam, como seu registro e sua celebração.

### 1.3.2. Na França

O casamento na França perpassa aspectos legais que começaram a ser impostos pela Igreja, tanto no Concílio de Latrão, iniciado em 1123, quanto no Concílio de Trento, em 1563. Porém, é com o Édito de Versalhes que isso fica mais evidente. Também chamado de Édito de Tolerância, promulgado no dia 07 de novembro de 1787, por Luís XVI, concedia àqueles que não eram católicos a contraírem o casamento em ordem civil, com os mesmos efeitos que eram contraídos e celebrados pelos católicos, sem terem que se converter à religião oficial do país (FRANCE, 1787). Porém, embora tenham aberto este registro para os não-católicos, o documento ressalta que o catolicismo, apostólico e romano, continua sendo a religião do reino (FRANCE, 1787).

A Revolução Francesa (1789-1799) foi marcada por uma série de acontecimentos importantes que tinham como principal motivação a busca pela liberdade, igualdade e fraternidade sendo, conseqüentemente, relevante para entendimento das mudanças na institucionalização do casamento no país. No período pré-revolucionário, o sistema social francês era composto por três Estados: o *clero*, alto clero (bispos, abades e cônicos) e baixo clero (sacerdotes pobres); a *nobreza*; e o *povo*. Uma das diversas causas para a revolução foi a revolta do povo contra o clero e a nobreza que possuíam muitos privilégios: não pagavam impostos, ocupavam cargos públicos e recebiam pensões do Estado. Portanto, o povo arcava com as despesas do clero e da nobreza. A França estava em crise econômica e, com o passar do tempo, o povo começou a lutar pela igualdade a todos perante a lei. (AULARD, 1913).

Fatos históricos ocorreram durante este período e, após Assembleia no Palácio de Versalhes, houve um conflito entre privilegiados e povo, fazendo com que este último saísse dos Estados Gerais, formando a Assembleia Nacional Constituinte, que tinha como slogan “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”. Em 14 de julho de 1789, os parisienses invadiram e tomaram a Bastilha, ficando conhecida como “Queda da Bastilha”. (AULARD, 1913). No dia 26 de agosto de 1789, representantes do povo francês, constituídos em Assembleia Nacional, divulgaram a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão versando acerca da igualdade e prescrevendo que a conservação dos direitos naturais e imprescritíveis do homem eram a liberdade, a propriedade, a segurança e a resistência à opressão (FRANCE, 1789).

No ano seguinte, a Assembleia Constituinte reduziu o poder da Igreja, confiscando as terras e colocando o clero sob a autoridade do Estado. Em 1791, foi concluída a Constituição dessa Assembleia, fundada nos princípios da soberania da nação e da separação de poderes:

reino, legislativo, executivo, judiciário e da força pública, dando um equilíbrio de poder e estabelecendo a monarquia constitucional. A Assembleia pronunciava nessa Constituição que ficavam abolidas as instituições que ferissem os princípios de liberdade e de igualdade e que “a lei não reconhece mais nem votos religiosos, nem algum outro vínculo que seria contrário aos direitos naturais ou à Constituição.”<sup>5</sup> (FRANCE, 1791, tradução da autora). Ainda, em seu título II da divisão do reinado e do estado dos cidadãos, artigo 7, pregava que “A lei considera o casamento somente como contrato civil”<sup>6</sup> (FRANCE, 1791, tradução da autora). Ou seja, essa lei fazia a primeira separação da Igreja e do Estado e ficava declarado que o casamento era visto como contrato social.

A lei de 20 de setembro de 1792 instituiu o casamento civil no país, completando e reorganizando as disposições do estado civil dos cidadãos. Ela marcou definitivamente o casamento laico, explicitando o casamento republicano como uma instituição independente de todas as cerimônias religiosas. Assim, o casamento civil devia preceder o casamento religioso, caso contrário, não teria valor jurídico.

Essa lei estava dividida em seis títulos, Primeiro Título “Dos funcionários públicos por quem serão mantidos os registros de nascimentos, casamentos e óbitos”<sup>7</sup>, Título II “Da elaboração e arquivamento dos registros”, Título III “Nascimentos”, Título IV “Casamentos”, Título V “Óbitos”, Título VI “Disposições Gerais” (FRANCE, 1792, tradução da autora). Em seu primeiro título determinava no artigo 1º que: ficaria sob a responsabilidade dos municípios receberem e conservarem as atas destinadas ao registro dos nascimentos, casamentos e óbitos; a forma de designação a pessoa para esta função; e, em sua ausência, o ‘prefeito’ ou um funcionário municipal deveria receber as atas (FRANCE, 1792).

O Título II abordava sobre a elaboração e o arquivamento dos registros: a redação e o preenchimento dos dados; o pagamento; as pessoas autorizadas a obter as atas; o registro duplo, que deveria ser conservado nos arquivos dos diretórios de departamentos e outro nos municípios, como se vê a seguir:

Art. 1º. Haverá em cada município três registros para registrar, um dos nascimentos, outro dos casamentos, o terceiro dos óbitos.

---

<sup>5</sup> “La loi ne reconnaît plus ni vœux religieux, ni aucun autre engagement qui serait contraire aux droits naturels ou à la Constitution.” (FRANCE, 1791).

<sup>6</sup> “Article 7. - La loi ne considère le mariage que comme contrat civil. - Le Pouvoir législatif établira pour tous les habitants, sans distinction, le mode par lequel les naissances, mariages et décès seront constatés ; et il désignera les officiers publics qui en recevront et conserveront les actes.” (FRANCE, 1791).

<sup>7</sup> “Des officiers publics par qui seront tenus les registres des naissances, mariages et décès.” (FRANCE, 1792).

Art. 2. Os três registros serão duplos, em papel timbrado, fornecido aos custos de cada distrito, e enviados aos municípios pelos diretórios, nos quinze primeiros dias do mês de dezembro de cada ano; eles serão a listados pelo primeiro e último, e rubricados em cada folha, sem custos, pelo presidente da administração do distrito, ou, na sua ausência, por um membro do diretório, seguindo a ordem da lista.<sup>8</sup> (FRANCE, 1792, tradução da autora).

Essa legislação no título IV apontava: as qualidades e condições requeridas para contrair o casamento; como deveriam ser feitas as publicações; as oposições; as formas intrínsecas do ato; e o divórcio. No que tangia à qualidade e às condições para se casar foi referenciado que a idade para homens deveria ser de quinze anos e para as mulheres de treze e, ainda, ressaltava que era considerada como maior toda pessoa com 21 anos e que os menores só poderiam casar-se com o consentimento do pai ou da mãe, ou responsável. (FRANCE, 1792).

Na seção IV, das formas intrínsecas do ato de casamento, reforçava que deveria ser feito por um oficial público que, em nome da lei, declarava o casal unido pelo casamento e detalhava como este deveria ser realizado (FRANCE, 1792).

Art. 1º. A ata do casamento será recebida na *Mairie* do lugar do domicílio de uma das partes.

Art. 2. O dia onde as partes querem contrair seu casamento será por eles designado, e a hora indicada pelo oficial público encarregado de receber a declaração.

Art. 3. As partes se reunirão em sala pública da *Mairie* com quatro testemunhas maiores, parentes ou não parentes, sabendo assinar, se pode encontrar facilmente no lugar alguém que esteja apto a assinar.

Art. 4. Será feita a leitura em suas presenças, pelo oficial público, das peças relativas ao estado das partes e as formalidades do casamento, tais como as atas de nascimento, os consentimentos dos pais e mães, o aviso da família, as publicações, oposições e juramentos.

---

<sup>8</sup> “Art. 1er. Il y aura dans chaque municipalité trois registres pour constater, l'un les naissances, l'autre les mariages, le troisième les décès.

Art. 2. Les trois registres seront doubles, sur papier timbré, fournis au frais de chaque district, et envoyés aux municipalités par les directoires, dans les quinze premier jours du mois de décembre de chaque année; ils seront cotés par premier et dernier, et paraphés sur chaque feuillet, le tout sans frais, par le président de l'administration du district, ou, à son défaut, par un des membres du directoire, suivant l'ordre de la liste.

[...]

Art. 6. Les actes contenus dans ces registres, et les extraits qui en seront délivrés, feront foi et preuve en justice, des naissances, mariages et décès.

[...]

Art. 9. Dans le mois suivant, les municipalités seront tenues d'envoyer au directoire de leur district l'un des registres doubles.” (FRANCE, 1792).

Art. 5. Após esta leitura, o casamento será contratado pela declaração que fará cada uma das partes em voz alta, nos termos: Eu te recebo (o nome) em casamento.

Art. Imediatamente após esta declaração feita pelas partes, o oficial público, em suas presenças e das mesmas testemunhas, pronunciará, em nome da lei, estão unidos pelo casamento.

Art. 7. A ata de casamento será em seguida elaborada pelo oficial público e conterá: 1º Os nomes, sobrenomes, idade, lugar de nascimento, profissão e domicílio dos cônjuges; 2º Os nomes, sobrenomes, idade, profissão, e domicílio dos pais e mães; 3º Os nomes, sobrenomes, idade, profissão e domicílio das testemunhas, e a declaração se eles são parentes ou familiares próximos das partes; 4º A menção das publicações nos diversos domicílios, das oposições alegadamente feitas, e os juramentos; 5º A menção do consentimento dos pais e mães, ou da família no caso de representar; 6º A menção das declarações das partes e da pronúnciação do oficial público.

Art. 8. Esta ata será assinada pelas partes, pelos seus pais e mães e parentes presentes, pelas quatro testemunhas e pelo oficial público; em caso de alguém que não saiba ou não possa assinar, será feita menção.<sup>9</sup> (FRANCE, 1792, tradução da autora).

Em seu título IV, que abordava sobre casamento, na seção V o divórcio era tratado como dissolução matrimonial, pronunciado por um funcionário público, conforme se apresentava abaixo no seu artigo 1 e 2, como também outras questões pertinentes a ele no que tangia aos procedimentos.

Art. 1º. Aos termos da Constituição, o casamento é dissolúvel pelo divórcio.

Art. 2. A dissolução do casamento pelo divórcio será pronunciada pelo funcionário público encarregado de receber as atas de nascimentos, casamentos e óbitos, na forma que segue.<sup>10</sup> (FRANCE, 1792, tradução da autora).

---

<sup>9</sup> Art. 1er. L'acte de mariage sera reçu dans la maison commune du lieu du domicile de l'une des parties.

Art. 2. Le jour où les parties voudront contracter leur mariage sera par elles désigné, et l'heure indiquée par l'officier public chargé de recevoir la déclaration.

Art. 3. Les parties se rendront dans la salle publique de la maison commune avec quatre témoins majeurs, parents ou non parents, sachant signer, s'il peut s'en trouver aisément dans le lieu qui sachent signer.

Art. 4. Il sera fait lecture en leur présence, par l'officier public, des pièces relatives à l'état des parties et aux formalités du mariage, tels que les actes de naissance, les consentements des pères et mères, l'avis de la famille, les publications, oppositions et jugements de mainlevée.

Art. 5. Après cette lecture, le mariage sera contracté par la déclaration que fera chacune des parties à haute voix, en ces termes : Je déclare prendre ( le nom ) en mariage.

Art. 6. Aussitôt après cette déclaration faite par les parties, l'officier public, en leur présence et en celle des mêmes témoins, prononcera, au nom de la loi, qu'elles sont unies en mariage.

Art. 7. L'acte de mariage sera de suite dressé par l'officier public ; il contiendra, 1º/Les prénoms, noms, âge, lieu de naissance, profession et domicile des époux ; 2º/ Les prénoms, noms, profession et domicile des pères et mères ; 3º/ Les prénoms, noms, âge, profession, domicile des témoins, et leur déclaration s'ils sont parents ou alliés des parties ; 4º/ La mention des publications dans les divers domiciles, des oppositions qui auraient été faites, et des jugements de mainlevée; 5º/ La mention du consentement des pères et mères, ou de la famille dans le cas où il y a lieu ; 6º/ La mention des déclarations des parties, et de la prononciation de l'officier public.

Art. 8. Cet acte sera signé par les parties, par leurs pères et mères et parents présents, par les quatre témoins et par l'officier public ; en cas qu'aucun d'eux ne sût ou ne pût signer, il en sera fait mention. (FRANCE, 1792).

<sup>10</sup> “Art. 1er. Aux termes de la Constitution, le mariage est dissoluble par le divorce.

Em 1800, Lucien Bonaparte criou um órgão de estatística que organizou o primeiro recenseamento geral da população em 1801, porém, esse órgão foi extinto em 1812. Após 11 anos, Adolphe Thiers propôs ao Ministério do Comércio a criação de um Escritório de Estatística Geral e, a partir daquele ano, várias mudanças ocorreram em relação às atividades exercidas, fusão com outros órgãos e subordinação a que ministério pertencia. (INSEE, 2015a).

Em 27 de março de 1803 foi promulgada a Lei 1803-03-17, que criou diversos artigos sobre o casamento, desde as formalidades, qualidades e condições para se casar, oposições, anulação e ato do casamento até os direitos e deveres dos cônjuges, os quais alguns possuem sua redação modificada e outros são mantidas até os dias atuais, conforme pode ser constatado no código civil na versão de 2015. Artigos referentes ao regime matrimonial também foram criados por essa lei de 1803. Da mesma forma, outras leis criaram e modificaram dispositivos sobre o regime de bens, como as Leis 65-570 de 13 de julho de 1965 e 85-1372 de 23 de dezembro de 1985; entretanto, por não ser o foco principal desta pesquisa, não receberão análise detalhada. (FRANCE, 2015a).

O Código Civil de 1804, conhecido como Código Napoleão porque foi promulgado por ele, assumiu as disposições da legislação de 1792. Esse código indicou os elementos essenciais da existência e da validade da relação conjugal perante a lei e forneceu o procedimento do casamento, bem como as leituras a serem feitas durante a cerimônia, como exemplo, os direitos e deveres tanto da esposa quanto do esposo, além da legalização do divórcio (FRANCE, 1804a). Ele foi dividido em três livros: I “Das pessoas”, II “Dos bens e das diferentes modificações da propriedade” e III “Das diferentes maneiras em adquirir a propriedade” (FRANCE, 1804a, tradução da autora).

O Primeiro Livro “Das Pessoas” possuía um título para tratar especificamente sobre o casamento e outro sobre o divórcio. No Título II “Dos atos do Estado Civil” era dividido em sete capítulos. Em seu primeiro capítulo “Disposições Gerais” determinava no artigo 34 sobre o que deveria constar nos registros civis: “Os atos de estado civil enunciarão o ano, o dia e a hora onde serão recebidos, os nomes, sobrenomes, idade, profissão, e domicílio de todos os que serão denominados.”<sup>11</sup> (FRANCE, 1804a, tradução da autora). No Capítulo III “Dos atos de casamento” foram apontados os procedimentos quanto: à publicação prévia para a

---

Art. 2. La dissolution du mariage par le divorce sera prononcée par l'officier public chargé de recevoir les actes de naissances, mariages et décès, dans la forme qui suit.” (FRANCE, 1792).

<sup>11</sup> “Les actes de l'état civil énonceront l'année, le jour et l'heure où ils seront reçus, les prénoms, noms, âge, profession, et domicile de tous ceux qui y seront dénommés.”

realização do casamento, que devia ser feita duas vezes, com oito dias de intervalo, um domingo, necessitando ser exposta na porta da *mairie*; às oposições; à celebração, detalhando onde será realizado o casamento, qual a leitura fazer, como ser feito e a declaração a ser feita pelo oficial; e aos dados que devem constar na ata do casamento.

74. O casamento será celebrado na cidade onde um dos dois cônjuges tiver seu domicílio. Seu domicílio, sobre o casamento, se estabelecerá por seis meses de residência contínua na mesma cidade.

75. No dia designado pelas partes após os prazos de publicações, o oficial do estado civil, na *Mairie*, na presença de quatro testemunhas parentes ou não, fará a leitura às partes, das peças mencionadas acima, relativos ao estado e às formalidades do casamento, e do capítulo VI do título Do Casamento, sobre os direitos e deveres respectivos dos cônjuges. Ele receberá cada uma das partes, uma após a outra, a afirmação de que eles se recebem por marido e mulher; ele pronunciará, em nome da lei, que eles são unidos pelo casamento, e ele elaborará a ata no local.

76. Estabelecerá na ata de casamento

1° Os nomes, sobrenomes, profissões, idades, locais de nascimento e de domicílio dos cônjuges;

2° Se são maiores ou menores;

3° Os nomes, sobrenomes, profissões e domicílios dos pais e mães;

4° O consentimento dos pais e mães, avôs e avós, e família, no caso onde são requisitados;

5° Os atos respeitosos, se tiverem sido feitos;

6° As publicações nos diversos domicílios;

7° As oposições, se houver; seu juramento, ou a menção que não há oposição;

8° A declaração dos contratantes de se receberem por cônjuges, e o pronunciado de sua união pelo oficial público;

9° Os nomes, sobrenomes, idades, profissões e domicílios das testemunhas, e sua declaração se eles são parentes ou ligados pelas partes, de que lado e em que grau.<sup>12</sup> (FRANCE, 1804a, tradução da autora).

---

<sup>12</sup> “74. Le mariage sera célébré dans la commune où l’un des deux époux aura son domicile. Ce domicile, quant au mariage, s’établira par six mois d’habitation continue dans la même commune.

75. Le jour désigné par les parties après les délais des publications, l’officier de l’état civil, dans la maison commune, en présence de quatre témoins parens ou non parens, fera lecture aux parties, des pièces ci-dessus mentionnées, relatives à leur état et au formalités du mariage, et du chapitre VI du titre *du Mariage, sur les Droits et les Devoirs respectifs des époux*. Il recevra de chaque partie, l’une après l’autre, la déclaration qu’elles veulent se prendre pour mari et femme ; il prononcera, au nom de la loi, qu’elles sont unies par le mariage, et il en dressera acte sur-le-champ.

76. On énoncera dans l’acte de mariage

1° Les prénoms, noms, professions, âge, lieux de naissance et domiciles des époux ;

2° S’ils son majeures ou mneurs ;

3° Les prénoms, noms, professions et domiciles des pères et mères ;

4° Le consentement des pères et mères, aïeuls et aïeules, et celui de la famille, dans le cas où ils sont requis ;

5° Les actes respectueux, s’il en a été fait ;

6° Les publications dans les divers domiciles ;

Ainda no Livro I, o Título V “Do casamento” era composto por oito capítulos, a saber: Primeiro Capítulo “Das qualidades e condições requeridas para poder contratar o casamento”, Capítulo II “Das formalidades relativas à celebração do casamento”, Capítulo III “Das oposições ao casamento”, Capítulo IV “Dos pedidos de nulidade do casamento”, Capítulo V “Das obrigações do casamento”, Capítulo VI “Dos direitos e dos deveres respectivos dos cônjuges”, Capítulo VII “Da dissolução do casamento”, Capítulo VIII “Dos segundos casamentos”. (FRANCE, 1804a, tradução da autora). Nesta constituição, a permissão para o casamento referente à idade passava para dezoito anos para homens e quinze para mulheres, mas os homens que não possuíam 25 anos e as mulheres menores de 21 anos não poderiam casar-se sem o consentimento dos pais (FRANCE, 1804a).

Também no Primeiro Livro, no título VI “Do divórcio” trazia o que estava no decreto de 1792 e acrescentaram-se detalhadamente os procedimentos, distribuídos em cinco capítulos: Primeiro capítulo “Das causas do divórcio”, Capítulo II “Do divórcio por causa determinada”, Capítulo III “Do divórcio por consentimento mútuo”, Capítulo IV “Dos efeitos do divórcio”; Capítulo V “Da separação de corpos” (FRANCE, 1804a, tradução da autora).

No Livro III “Das diferentes maneiras em adquirir a propriedade”, em seu título V “Do contrato de casamento e dos direitos respectivos dos cônjuges” tratava sobre as disposições gerais, o regime de comunhão e o regime dotal (FRANCE, 1804a, tradução da autora).

Somente após cem anos da criação do Código Napoleão, a lei de 9 de dezembro de 1905 promulgada pelo Presidente da República, concernente à separação das Igrejas e do Estado, assegurou pelo Estado a liberdade de consciência e a garantia do livre exercício de culto, que tinha como tópicos também: fim dos privilégios do clero e da nobreza; liberdade de crença; nacionalização dos bens da Igreja (FRANCE, 1905). Entretanto, vale ressaltar que, em 1791, a Assembleia Constituinte havia reduzido o poder da Igreja, não reconhecendo mais os votos religiosos que fossem contrários aos direitos naturais e à Constituição.

Na última Constituição Francesa, de 1958, não há nada específico relativo ao casamento, família ou ao divórcio, somente há uma confirmação do preâmbulo da Constituição de 1946 que garante: “A Nação assegura ao indivíduo e à família as condições

---

7° Les oppositions, s’il y en a eu ; leur main-levée, ou la mention qu’il n’y a point eu d’opposition ;

8° La déclaration des contractans de se prendre pour époux, et le prononcé de leur union par l’officier public ;

9° Les prénoms, noms, âge, professions et domiciles des témoins, et leur déclaration s’ils sont parens ou alliés des parties, de quel côté et à quel degré.” (FRANCE, 1804a).

necessárias ao seu desenvolvimento.”<sup>13</sup> (FRANCE, 1946; 1958, tradução da autora). Em relação às outras Constituições Francesas relativas aos anos de anos 1793, III (1795), VIII (1799), X (1802), XII (1804), de 1848 e de 1852 (FRANCE, 1793; 1795; 1799; 1802; 1804b; 1848; 1852), somente na de 1848 abordou-se de maneira extremamente superficial a família, na qual a Assembleia Nacional proclamava: “Ela tem por princípio a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade. Ela tem por base a Família, o Trabalho, a Propriedade, a Ordem pública.”<sup>14</sup> (FRANCE, 1848, tradução da autora).

Em novembro de 1999 entra em vigor a lei nº 99-944 relativa ao Pacto Civil de Solidariedade (PACS), cujo em seu artigo 515-1 estabelece que o PACS é um contrato entre duas pessoas maiores, do mesmo sexo ou diferente, a fim de organizar a vida em comum. Com este pacto celebrado em um tribunal local, o casal passa a ter direitos e deveres pertinentes: à habitação, aos impostos, à segurança social e aos contratos, entre outros. (FRANCE, 1999). A Lei nº 2006-728, de 23 de junho de 2006, promoveu uma importante alteração com vários dispositivos modificadores do regime jurídico do PACS no que se refere às sucessões e liberalidades, como:

Art. 515-4.- Os parceiros ligados por um pacto civil de solidariedade comprometem-se a uma vida comum, ainda que a uma ajuda material e uma assistência recíprocas. Se os parceiros decidam em sentido contrário, a ajuda material é proporcional à suas respectivas faculdades.

[...]

Art. 924-1.- O gratificado pode realizar a redução em espécie, em derrogação ao artigo 924, quando o bem doado ou legado ainda lhe pertence e que está livre de todos encargos de quem não teria sido cobrado na data da liberalidade, bem como toda ocupação que não tenha sido objeto na mesma data.[...].<sup>15</sup> (FRANCE, 2006, tradução da autora).

Em 2013, outro avanço na questão dos princípios de liberdade e igualdade foi estabelecido na Lei nº 2013-404, de 17 de maio, que reconhece e legaliza o casamento entre pessoas do mesmo sexo, que altera todos os artigos que se referem ao casamento quanto ao gênero dos contraentes e declara que o código civil passa a ter no seu artigo 143 a seguinte

---

<sup>13</sup> “La Nation assure à l'individu et à la famille les conditions nécessaires à leur développement.” (FRANCE, 1946; 1958).

<sup>14</sup> “Elle a pour principe la Liberté, l'Egalité et la Fraternité. Elle a pour base la Famille, le Travail, la Propriété, l'Ordre public.”

<sup>15</sup> “Art. 515-4. - Les partenaires liés par un pacte civil de solidarité s'engagent à une vie commune, ainsi qu'à une aide matérielle et une assistance réciproques. Si les partenaires n'en disposent autrement, l'aide matérielle est proportionnelle à leurs facultés respectives.

Art. 924-1. - Le gratifié peut exécuter la réduction en nature, par dérogation à l'article 924, lorsque le bien donné ou légué lui appartient encore et qu'il est libre de toute charge dont il n'aurait pas déjà été grevé à la date de la libéralité, ainsi que de toute occupation dont il n'aurait pas déjà fait l'objet à cette même date. Cette faculté s'éteint s'il n'exprime pas son choix pour cette modalité de réduction dans un délai de trois mois à compter de la date à laquelle un héritier réservataire l'a mis en demeure de prendre parti.”

redação: “O casamento é contratado por duas pessoas de sexo diferentes ou de mesmo sexo.”<sup>16</sup> (FRANCE, 2013, tradução da autora).

O Código Civil na França é atualizado frequentemente, havendo novas redações pelas legislações promulgadas. É possível obter todas essas mudanças por meio do *site* [legifrance.fr](http://legifrance.fr), ou seja, presume-se que ao acessar o *site*, as informações estarão de acordo com as leis em vigor. Sendo assim, o documento utilizado para esta pesquisa foi com a versão consolidada em 22 de março de 2015, que consta a idade para se casar de dezoito anos, tanto para homem quanto para mulher, podendo ser de pessoas de mesmo sexo ou diferente e que os menores de 18 anos devem ter o consentimento dos pais.

Nesse código foram acrescentados alguns aspectos pertinentes às necessidades da sociedade, como a exceção em relação ao casamento que deve ser feito perante um oficial do estado civil em uma *mairie*, conforme diz em seu artigo 75, que

No entanto, em caso de impedimento grave, o procurador da República do local do casamento poderá exigir ao oficial do estado civil de se locomover ao domicílio ou à residência de uma das partes para celebrar o casamento. Em caso de perigo iminente de morte de um dos futuros cônjuges, o oficial do estado civil poderá se locomover antes da requisição ou autorização do procurador da República, que deverá em seguida, o mais rápido possível, expressar a necessidade de fazer esta celebração fora da *Mairie*<sup>17</sup> (FRANCE, 2015a, tradução da autora).

Embora haja diversas modificações no Código Civil ao longo de mais de dois séculos, com última versão consolidada de 22 de dezembro de 2015, é possível constatar a relevância do código promulgado por Napoleão, que trouxe a divisão das áreas do direito e a base jurídica atual.

### 1.3.3. Abordagem comparativa da institucionalização do casamento no Brasil e na França

O Brasil e a França possuem uma historicidade religiosa e cultural no que se refere à institucionalização do casamento envolvida em dinâmicas ideológicas tanto globais, quanto locais. Em escala global, ambos tiveram a Igreja como norteadora e, posteriormente à

---

<sup>16</sup> “Le mariage est contracté par deux personnes de sexe différent ou de même sexe.” (FRANCE, 2013).

<sup>17</sup> “Toutefois, en cas d’empêchement grave, le procureur de la République du lieu du mariage pourra requérir l’officier de l’état civil de se transporter au domicile ou à la résidence de l’une des parties pour célébrer le mariage. En cas de péril imminent de mort de l’un des futurs époux, l’officier de l’état civil pourra s’y transporter avant toute réquisition ou autorisation du procureur de la République, auquel il devra ensuite, dans le plus bref délai, faire part de la nécessité de cette célébration hors de la maison commune.” (FRANCE, 2015a).

separação entre Igreja e Estado, o poder público. Por outro lado, questões como a possibilidade de dissolução do casamento e a aceitação da união homossexual refletem ideários locais. Na figura 11, apresenta-se uma síntese da datação das principais legislações referentes à institucionalização do casamento no Brasil e na França.

**Figura 11-** Quadro de comparação dos períodos das principais legislações referentes à institucionalização do casamento no Brasil e na França

<b>Processo de Institucionalização do casamento</b>	<b>FRANÇA</b>	<b>BRASIL</b>
Organização do registro civil	1800	09/09/1870
Separação da Igreja e do Estado (Laicização)	1791	07/01/1890
Regulamentação do registro civil	20/09/1792	1874
Instituição do casamento civil pelo Estado	20/09/1792	24/01/1890
Possibilidade de divórcio	20/09/1792	24/01/1890
Primeiro Código Civil	1804	1916
Último Código Civil	2015	2002
Reconhecimento dos efeitos civis ao casamento religioso	X	1946
PACS/ União estável	15/11/1999	10/05/1996
Casamento homossexual	17/05/2013	14/05/2013
<b>Fonte:</b> Brasil (1870); Brasil (1874); Brasil (1890); Brasil (1916); Brasil (1946); Brasil (1996); Brasil (2002); Brasil (2013); França (1791); França (1792); França (1804a); França (1999); França (2013); França (2015); Insee (2015a).		
<b>Organização dos dados e elaboração:</b> Raquel Lage Tuma (2015)		

Entre esses documentos, quinze são brasileiros, sendo três constituições federais, dois códigos civis, um código de processo civil, oito leis/decretos e um concílio; e vinte e quatro são franceses, a saber: nove constituições federais, dois códigos civis, dez leis/decretos, dois concílios e um édito. Para compor este quadro (Figura 11) utilizaram-se sete documentos franceses e nove brasileiros, selecionados a partir de fatos e datas relevantes (considerados ‘chaves’) no processo da institucionalização do casamento nos dois países, a fim de obter uma síntese sobre a institucionalização nos dois países. Utilizou-se uma técnica própria denominada ‘Análise de historicidade documental por temas’, criada a partir da

técnica de seu livro ‘Análise de Conteúdo’, de Bardin (2011), conforme explanado na Introdução desta tese.

De um modo geral, do século XVI ao XXI reforça-se o sacramento religioso do casamento, no qual este é permitido entre homem e mulher para construir família e procriação. Observando-se os dados do quadro, constata-se que, na França, o processo de organização do registro civil iniciou-se em 1800 e no Brasil em 1870, quando este se encontrava no Segundo Império e aquela, na Primeira República. Se não se podem considerar 70 anos muito tempo de diferença para este procedimento institucional entre os dois países; as distâncias de regimes políticos entre uma França republicana e defensora do ideário de liberdade e um Brasil Imperial e escravocrata são imensas. Em 1791, na França, e em 1890, no Brasil, houve a laicização do Estado. Assim, em 1792, na França, quando o registro civil do casamento foi regulamentado e instituído com poderes do Estado já havia a separação entre Igreja e Estado. Entretanto, diferentemente da França, no Brasil houve primeiro a regulamentação do registro civil, em 1874, e quem detinha o poder para este ato era a Igreja. Posteriormente ocorreu a instituição do casamento civil, em 1890, em virtude de o Estado tornar-se laico alguns dias antes e tomar para si essa tarefa.

No que tange ao divórcio, as duas nações o consentem, sendo regido pelos códigos civis e leis específicas. Na França, provavelmente por razões das ideias de liberdade, o divórcio foi instituído pelo Estado no ano de 1792, porém foi abolido em 1816, sendo reintroduzido em 1884. No Brasil o divórcio foi permitido a partir de 1890; entretanto, legislava-se que o divórcio não dissolvia o vínculo conjugal, mas regulamentava a separação indefinida dos corpos.

Os códigos civis dos dois países tiveram suas modificações em virtude das legislações que foram sancionadas prezando pela liberdade e igualdade de todos os cidadãos e, aos poucos, procuraram se atualizar de acordo com aspectos da vida cotidiana da sociedade, como é o caso do que se tinha como direitos e deveres do homem e da mulher, em que hoje ambos trazem a igualdade entre os sexos. Particularmente no Brasil, em consequência de sua colonização associada ao escravismo, a mudança ocorreu também no que se descrevia quanto aos libertos e escravos que, após a Lei do Ventre Livre, dos Sexagenários e, por fim, a Lei Áurea, todos se tornam “livres”.

No Brasil, o casamento religioso pode produzir efeito civil desde que seja consignado em registro próprio e atenda às exigências da lei. Porém na França não existe esta

possibilidade e os casais são considerados como casados a partir do ato consumado numa *mairie*, salvo em caso de impedimento grave de um dos cônjuges.

Nos dois países foram instituídos o pacto civil de solidariedade e a união estável, em que se consente a união entre duas pessoas, havendo direitos e deveres legais sobre diversos aspectos pertinentes aos casamentos. A lei francesa do pacto civil entrou em vigor somente em 1999 e aponta que os contratos podem ser feitos entre duas pessoas, independente do sexo. A legislação brasileira é de 1996 e assinala que deve ser entre homem e mulher, porém, era por meio desta lei que se conquistava a união estável entre pessoas do mesmo sexo. Entretanto, a igreja católica ainda não aceita a união entre pessoas do mesmo sexo tampouco o divórcio, mas existem outras religiões, como o protestantismo, que respaldam o casamento homossexual.

Essa normatividade é tão forte que mesmo em casamentos homossexuais existe a luta da oficialização dos casamentos como meio de legitimar a família e talvez por isso se façam cerimônias religiosas para a sua oficialização. Os dois países legalizaram o casamento entre pessoas homossexuais nos mesmos mês e ano, em de maio de 2013, com apenas três dias de diferença entre eles. A distinção é que a regulação brasileira se dá na forma de resolução e a francesa é por meio de lei, que se encontra no código civil na versão de 2015. O casamento homossexual não será foco nesta tese, porém foi apresentado num trabalho no evento 3<sup>o</sup> Biennale Masculins/Feminins - Sexualités: des lieux et des liens Colloque International, realizado na cidade de Angers, França, entre os dias 16 e 17 de dezembro de 2014, que gerou um artigo que ainda está em avaliação por uma revista científica.

Neste levantamento geohistórico do Brasil e da França verifica-se que no início do período considerado se mantiveram muitas questões estabelecidas pela Igreja, sendo que o Estado somente lhe subtraiu a oficialização. Mas, posteriormente, com a laicização, o Estado desconheceu a autoridade do casamento religioso para efeitos civis, o que não implicou para muitos em perda da importância conferida ao sacramento religioso. Constata-se que o Estado não somente normatizou os casamentos, mas também os locais do ato civil, os cartórios, implicando em modificações na geografia da cerimônia.

Ao reunir as legislações acima expostas do Brasil e da França parte-se para uma análise detalhada a fim de fazer uma comparação ao longo do espaço-tempo dos principais aspectos julgados como relevantes para esta pesquisa. Os trinta e nove documentos citados para a elaboração do quadro anterior (Figura 09) acerca da comparação do período de

institucionalização do casamento no Brasil e na França também foram analisados para a realização do quadro (Figura 10), referente às principais diferenças, semelhanças, rupturas e permanências das legislações brasileiras e francesas em relação ao casamento.

Recorrendo-se à mesma técnica de ‘análise da evolução documental por temas’ foram selecionados seis principais documentos, considerando a temporalidade e o contexto, para que se pudesse ter maior clareza nesta análise, sendo três franceses: o decreto de 1792 e os códigos civis de 1804 e 2015; e três brasileiros: o decreto de 1890 e os códigos civis de 1916 e 2002. Os dois decretos foram selecionados em virtude de terem sido as primeiras legislações referentes à institucionalização do casamento nos dois países e os códigos civis foram escolhidos o primeiro e último a fim de comparar as principais modificações, dessa forma, demonstrando temporalidade e contexto das legislações dos dois países. Para favorecer a leitura e a compreensão do quadro a seguir (Figura 12) apresentam-se na cor azul as informações referentes à França e na verde àquelas pertinentes ao Brasil.

Ao analisar comparativamente as legislações em um caráter mais denso foi possível diagnosticar as reais diferenças, rupturas, permanências e semelhanças entre elas. Como pode ser verificado no quadro anterior, o número e o período de publicação dos proclamas não possuem grandes diferenças com o passar dos séculos nem quanto aos dois países, onde atualmente se tem uma publicação durante dez dias na França, afixada na porta da *mairie*, e 15 dias no Brasil, devendo ser exposta no cartório e publicada na imprensa, se houver. Entretanto não há prazo da publicação para a realização do casamento no Brasil, como acontece na França que reforça o período estipulado, deixando claro que o ato não pode ser realizado antes do 10º dia da publicação. Outra questão que envolve esse item é a validade dos proclamas, que em terras francesas deve-se casar dentro de um ano e em brasileiras deve acontecer dentro de noventa dias, caso contrário outra publicação ou habilitação deve ser requerida.

**Figura 12-** Quadro de análise comparativa das legislações pertinentes ao casamento do Brasil e da França

<b>PAIS/ANO</b> <b>ATOS</b>	<b>FRANÇA 1792</b>	<b>FRANÇA 1804</b>	<b>FRANÇA 2015</b>	<b>BRASIL 1890</b>	<b>BRASIL 1916</b>	<b>BRASIL 2002</b>
<b>Número e período de publicação dos proclamas</b>	Fazer uma publicação no domingo.	Fazer duas publicações com intervalo de 8 dias.	Fazer uma publicação durante 10 dias.	Fazer duas publicações com intervalo de 7 dias.	Fazer uma publicação durante 15 dias.	
<b>Divulgação dos proclamas</b>	Afixar na porta da <i>Mairie</i> .			Afixar no cartório	Afixar nos cartórios e publicar na imprensa, se houver.	
<b>Prazo da publicação para a realização do casamento</b>	O casamento não pode ser realizado antes do 8º dia da publicação.	O casamento não pode ser realizado antes do 3º dia da 2ª publicação.	O casamento não pode ser realizado antes do 10º dia da publicação.	X		
<b>Validade dos Proclamas</b>	X	Após a publicação deve casar dentro de um ano, caso contrário deverá fazer nova publicação.		Após a publicação deve casar dentro de dois meses, caso contrário deverá fazer nova habilitação.	Após a publicação deve casar dentro de três meses, caso contrário deverá fazer nova habilitação.	Após a publicação deve casar dentro de 90 dias, caso contrário deverá fazer nova habilitação.
<b>Local da celebração</b>	Na <i>Mairie</i>			No cartório ou lugar particular, com portas abertas		
<b>Autoridade responsável pela celebração</b>	Perante o oficial público			Perante o juiz		Perante o juiz ou celebrante religioso, desde que atenda às exigências da lei.

Cont.

<b>PAIS/ANO</b> <b>ATOS</b>	<b>FRANÇA 1792</b>	<b>FRANÇA 1804</b>	<b>FRANÇA 2015</b>	<b>BRASIL 1890</b>	<b>BRASIL 1916</b>	<b>BRASIL 2002</b>
<b>Leituras durante a celebração</b>	Leitura das peças relativas ao estado das partes e às formalidades do casamento, tal como as atas de nascimento, os consentimentos dos pais, os avisos de família, as publicações, as oposições e os juramentos.	Leitura das peças relativas às formalidades do casamento e dos direitos e deveres dos cônjuges	Leitura dos artigos 212, 213, 214 (alínea 1) e 215 (alínea 1), sobre direitos e deveres dos cônjuges; e 371-1 referente à autoridade parental.	Leitura do artigo 7º referente àqueles que estão proibidos de se casar.	X	
<b>Declaração dos noivos</b>	Declaração que os noivos se recebem como cônjuges			Afirmação que pretendem casar por livre e espontânea vontade.		
<b>Declaração da autoridade responsável pelo registro</b>	Em nome da lei, o casal está unido pelo casamento.			Eu, como juiz, vos declaro legitimamente casados, desde este momento.	De acordo com a vontade que ambos acabais de afirmar perante mim, de vos receberdes por marido e mulher, eu, em nome da lei, vos declaro casados.	
<b>Regime matrimonial</b>	X		Menciona-se no registro o regime matrimonial	Menciona-se no registro o regime matrimonial.		

Cont.

<b>PAIS/ANO</b> <b>ATOS</b>	<b>FRANÇA 1792</b>	<b>FRANÇA 1804</b>	<b>FRANÇA 2015</b>	<b>BRASIL 1890</b>	<b>BRASIL 1916</b>	<b>BRASIL 2002</b>
<b>Idade para casar</b>	Mulheres com 13 anos e homens 15.	Mulheres com 15 anos e homens 18.	Mulheres e homens com 18 anos e para os menores com autorização dos pais.	Mulheres com 14 anos e homens 16.	Mulheres com 16 anos e homens 18.	Maiores de 18 anos. Mulheres e homens com 16 anos, desde que tenham autorização dos pais.
<b>Direitos e deveres dos cônjuges</b>	X	Os cônjuges se devem mutuamente fidelidade, segurança e assistência. O marido deve proteger a mulher e ela a obediência ao marido.	Os cônjuges se devem mutuamente respeito, fidelidade, segurança e assistência. Os cônjuges asseguram juntos a direção moral e material da família.	O marido é obrigado a sustentar e defender a mulher e os filhos. O marido tem a representação legal da família e da administração dos bens.	O marido é chefe do casamento, que exerce com colaboração da mulher. São deveres de ambos: fidelidade, vida em comum, assistência, sustento.	Os cônjuges assumem mutuamente a condição de companheiros e responsáveis pela família. São deveres de ambos: fidelidade, vida em comum, assistência, sustento e respeito.
<b>Dote</b>	X	X	X	Existência de dote		X
<b>Dissolução do casamento</b>	O casamento é dissolúvel pelo divórcio	Morte; divórcio legalmente pronunciado; e sentença por pena de morte civil.	Morte; e divórcio legalmente pronunciado.	Morte.	Morte; nulidade ou anulação do casamento; desquite.	Morte; nulidade ou anulação do casamento; separação judicial; divórcio.

Cont.

<b>PAIS/ANO</b> <b>ATOS</b>	<b>FRANÇA 1792</b>	<b>FRANÇA 1804</b>	<b>FRANÇA 2015</b>	<b>BRASIL 1890</b>	<b>BRASIL 1916</b>	<b>BRASIL 2002</b>
<b>Motivos do divórcio</b>	Não conciliação.	Adultério; excesso, sevícia ou injúria grave; pena difamatória; e consentimento mútuo e perseverante.*	Consentimento mútuo; Aceitação do princípio da ruptura do casamento; alteração definitiva da ligação conjugal; culpa.	Adultério; sevícia ou injúria grave; abandono voluntário do lar conjugal prolongado por dois anos contínuos; consentimento mútuo.	Adultério; tentativa de morte; sevícia ou injúria grave; abandono voluntário do lar conjugal durante dois anos contínuos; consentimento mútuo.	Adultério; tentativa de morte; sevícia ou injúria grave; abandono voluntário do lar conjugal durante um ano contínuo; condenação por crime infamante; conduta desonrosa; e consentimento mútuo.
<b>Prazo para solicitação do divórcio por consentimento mútuo</b>	Não é mencionado.	Após dois anos de casamento.	Após viverem dois anos separados. Ver art. 238.	Após dois anos de casamento	Após dois anos de casamento.	**Após um ano de casamento.
<p>* A lei de 8 de maio de 1816 aboliu o divórcio. Posteriormente a lei de 27 de julho de 1884 reintroduz o divórcio (FRANCE, 1816; 1884).  **Atualmente, após a Emenda Constitucional nº 66, de 13 de julho de 2010, foram extintos o prazo para o pedido de divórcio e a necessidade de uma separação judicial prévia (BRASIL, 2010).  <b>Fonte:</b> França (1792); França (1804a); França (2015); Brasil (1890); Brasil (1916); Brasil (2002)  <b>Organização dos dados e elaboração:</b> Raquel Lage Tuma (2015)</p>						

Outra similaridade é que no Brasil e na França o casamento é realizado no momento em que o casal manifesta perante o juiz/oficial público, a sua vontade de estabelecer a relação conjugal e o juiz/ oficial público o declara casado. Entretanto, na França, é necessário que os(as) interessados(as) compareçam à *mairie*, a não ser em caso de impedimento grave ou se um dos futuros cônjuges esteja em risco iminente de morte, o oficial do estado civil poderá realizar na residência de uma das partes, obedecendo às exigências destes casos. No Brasil, o juiz de paz pode realizar o casamento tanto no cartório quanto no local informado pelos(as) noivos(as), basta fazer a solicitação diretamente no cartório e pagar um valor adicional, ou ainda o casal pode fazer diretamente com o celebrante do ritual religioso.

Um aspecto muito importante para se definir os lugares a serem pesquisados nesta tese é o local da celebração que consta nessas legislações. Na França o casamento para ter legalidade, com todos os direitos e deveres para os cônjuges, deve ser realizado na *mairie* perante o oficial público. No Brasil esse ato civil pode ser realizado no cartório ou em lugar público, com portas abertas, diante do juiz de paz, mas também o casamento religioso possui efeitos civis desde que esteja em conformidade ao que é exigido pela lei. Dessarte, delimitou-se a abrangência da pesquisa à *mairie*, ao cartório e à igreja, por serem locais regidos por lei. Entretanto, a fim de restringir a abrangência da pesquisa, definiu-se que as celebrações realizadas em igrejas seriam as da católica romana, por ser a religião que tem a predominância no Brasil e na França. Embora na França não haja a possibilidade de fazer o casamento religioso com efeito civil, objetivou-se fazer uma abordagem comparativa entre os dois países, portanto, faz-se necessária esta análise.

Outro item relevante para esta pesquisa é a celebração, que receberá estudo específico sobre o ritual do casamento no segundo capítulo desta tese. De acordo com as legislações analisadas, na França, em 1792, se fazia leitura referente a oito assuntos: peças relativas ao estado das partes, formalidades do casamento, atas de nascimento, consentimento dos pais, avisos da família, publicações, oposições e juramentos; posteriormente, passou a ser feita a leitura das formalidades do casamento e dos direitos e deveres dos cônjuges; e hoje somente são lidos quatro artigos dos direitos e deveres e um da autoridade parental. No Brasil, em 1890 havia a leitura do artigo 7º referente aos impedimentos, dos que estavam proibidos para se casar. Atualmente, foi extinta a necessidade dessa leitura, não se especificando nenhuma outra. Ainda fazendo parte da celebração, em ambos os países é necessário que o casal faça uma declaração de que se recebem como cônjuges, sendo que nos cartórios ainda se acrescenta que se casam por livre e espontânea vontade. Em seguida, o oficial público ou o

juiz declara os noivos casados e menciona-se o registra-se o regime matrimonial escolhido em ata.

A idade de permissão para o casamento nos dois países se modificou e hoje, igualmente, é de 18 anos tanto para homens quanto para mulheres, mas que nas primeiras legislações eram bem mais baixas: na França já foi de 13 anos para mulheres e 15 para homens; no Brasil, de 14 para mulheres e 16 para homens, pois o casamento nessas faixas etárias era uma realidade bastante normal para a época de 1792 a 1890, respectivamente.

Os direitos e deveres dos cônjuges tiveram significativas mudanças desde a institucionalização do casamento tanto no Brasil como na França no que tange à igualdade entre homens e mulheres. Embora na França houvesse antes mesmo da Revolução Francesa a luta dos cidadãos pela liberdade, igualdade e fraternidade, essa batalha era em relação ao clero e à nobreza pelo povo e não se estendia à igualdade entre homens e mulheres, conforme pode ser notado nas legislações. No Brasil ainda havia a existência do dote a ser pago pela mulher para se casar. Nos dois países a mulher devia obediência ao homem, que era o chefe da família, sendo isso mudado ao longo dos anos com os movimentos feministas e hoje ambos têm os mesmos direitos e deveres perante a lei.

Por fim, nos aspectos pertinentes à dissolução do casamento constatou-se que a França possuía desde a instituição do casamento a possibilidade do divórcio, em 1792, podendo ser feita uma ata de não conciliação, pelo simples fato de incompatibilidade de humor ou caráter. Posteriormente foram acrescentados os motivos de adultério, excesso, agressão, injúria grave, pena difamatória e consentimento mútuo e, atualmente, consta, em síntese, o consentimento mútuo e a culpa. Vale ressaltar que hoje não é preciso indicar o motivo do pedido do divórcio na petição inicial e é obrigatória uma tentativa de conciliação antes da instância judiciária. Ainda, houve um período em que o divórcio foi abolido, por meio da lei de 8 de maio de 1816, sendo reintroduzido em 1884. No Brasil, em 1890, o divórcio era permitido pelas causas semelhantes às que se passaram em terras francesas, como o adultério, agressão, injúria grave e o consentimento mútuo, porém, o divórcio não dissolvia o vínculo conjugal, mas permitia a separação indefinida dos corpos. Até 2002, para que houvesse divórcio, era necessário que se fizesse primeiro uma separação judicial e se só poderia dar entrada no processo após um ano de casamento. Quando reconhecida a separação judicial, entrava-se com o pedido de divórcio. Atualmente, após a Emenda Constitucional nº 66, de 13 de julho de 2010, foram extintos o prazo para o pedido de divórcio e a necessidade de uma separação judicial prévia.

Exposta a compreensão sobre o matrimônio como um sacramento para o catolicismo e da institucionalização no Brasil e na França, bem como dos aspectos que perpassam este ato civil, apresentam-se a seguir os dados estatísticos indicativos aos números de casamentos nos dois países, como também pesquisas e dados estatísticos dos fatores que podem levar as pessoas a se casarem ou não.

#### **1.4. Casamentos: demografias do Brasil e da França**

Os dados estatísticos referentes aos casamentos serão apresentados com objetivo analítico comparativo considerando-se três recortes: espaço, tempo e tema. Inicialmente é estabelecida relação entre os dois países que fazem parte do recorte espacial desta tese, Brasil e França, e as duas cidades onde as noivas foram entrevistadas, Campo Grande e Paris. Segue-se paralelamente uma abordagem temporal da temática do casamento construída a partir da compatibilidade dos dados coletados nos países considerados.

Os registros civis no Brasil seguem as Leis nº 6.015, de 31 de dezembro de 1973 e nº 6.216, de 30 de junho de 1975. A primeira, respectivamente, dispõe o tema sobre os registros públicos e a segunda o altera (BRASIL, 1973; 1975). Atualmente, a responsabilidade pelo processamento estatístico é da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que, após a Lei nº 6.140, de 28 de novembro de 1974, de acordo com a redação de seu artigo 49:

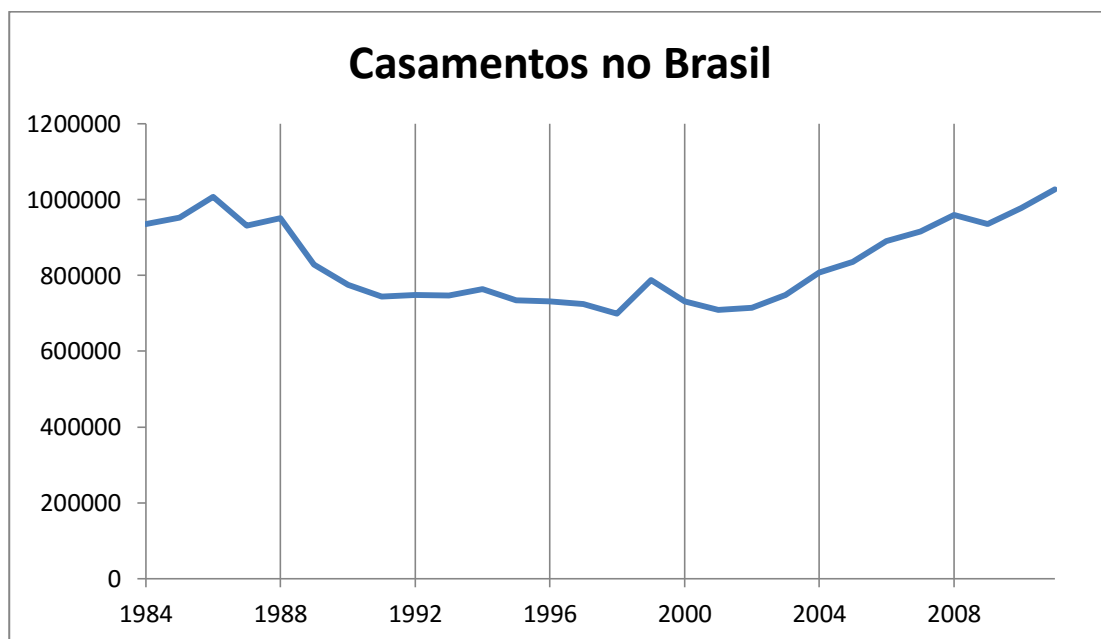
Os oficiais do registro civil remeterão à Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, dentro dos primeiros oito dias dos meses de janeiro, abril, julho e outubro de cada ano, um mapa dos nascimentos, casamentos e óbitos ocorridos no trimestre anterior. [...] (BRASIL, 1974).

O IBGE define casamento para efeitos de pesquisas e estatísticas, como:

o ato, cerimônia ou processo pelo o qual é constituída a relação legal entre duas pessoas. A legalidade da união pode ser estabelecida no casamento civil ou religioso, com efeito, civil e reconhecida pelas leis de cada país. No Brasil, um indivíduo só poderá casar legalmente se o seu estado civil for solteiro(a), viúvo(a) ou divorciado(a). (IBGE, 2012, p. 3-4).

Segundo os dados estatísticos do IBGE (2015a; 2015b), com informações obtidas dos cartórios de todo o país, o número de casamentos a partir do ano de 1986, com exceção de 1999, esteve em queda até 2002, desde então há um crescimento pequeno, porém constante até 2011, exceto em 2009 (Gráfico 02).

**Gráfico 02-** Casamento no período de 1984 a 2011, Brasil



**Fonte:** IBGE (2015a; 2015b)

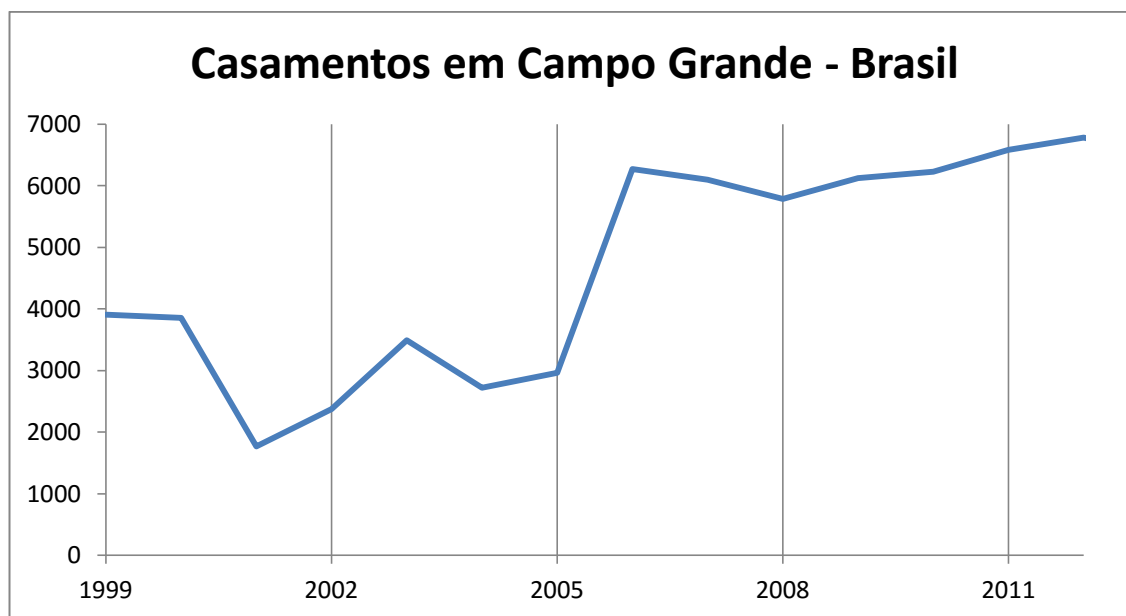
**Organização dos dados e elaboração do gráfico:** Raquel Lage Tuma (2015)

No município de Campo Grande, local de pesquisa desta tese no Brasil, não foi possível fazer o mesmo recorte temporal do Brasil desde o ano de 1984, pois só foram encontradas estatísticas de casamentos realizados por município a partir de 1999. Para a organização do gráfico, de 1999 até 2003 foi necessário fazer uma somatória anual dos dados de casamentos de pessoas solteiras, divorciadas e viúvas. Todos os dados possuem como fonte o IBGE e foram trabalhados a partir dos dados demográficos de cada ano. Nessa cidade, nota-se que houve algumas diferenças nos registros de casamentos quando comparados com os dados totais do país, com constantes altos e baixos em seus números. No ano de 2001 ocorreu o maior declínio relevante, posteriormente começou um aumento, com uma queda nos anos de 2004 e 2005, uma rápida elevação em 2006, com diminuição nos anos de 2007 e 2008, iniciando a ascensão nos últimos anos (Gráfico 03). Vale ressaltar que não serão apresentados os dados de união estável, ou união consensual, como é considerado pelo IBGE, pois este órgão não possui estatísticas anuais.

Pressupõe-se que a queda dos números de casamentos na década de 1990 deveu-se em virtude do aumento das uniões consensuais no mesmo período e, posteriormente, o crescimento dos casamentos a partir de 2002 ocorreu em consequência do novo código civil de 2002, em virtude da ampliação das formas de constituição da família (como a união

estável), os direitos iguais entre homens e mulheres, a igualdade dos filhos (adotados ou não) e até mesmo a própria facilitação do divórcio. Embora estas mudanças no código civil de 2002 houvessem ocorrido em outras legislações, a incorporação em um único documento teve uma repercussão para a oficialização dos casamentos.

**Gráfico 03-** Casamentos no período de 1999 a 2012, em Campo Grande, Brasil



**Fonte:** IBGE (2004c; 2005c; 2006c; 2007a; 2008a; 2009; 2010b; 2011a; 2012a; 2015g)  
**Organização dos dados e elaboração do gráfico:** Raquel Lage Tuma (2015)

Na França, o Instituto Nacional da Estatística e dos Estudos Econômicos (Insee) foi criado pela lei de finanças nº 46-854 de 27 de abril de 1946 e resultou da fusão do serviço nacional de estatísticas com os serviços de estudos econômicos e de documentação do Ministério da Economia Nacional (FRANCE, 1946), como se constata em seu artigo 32:

É criado, ao Ministério da Economia Nacional, um instituto nacional da estatística e dos estudos econômicos para a metrópole e a França do outro mar. Este instituto agrupará os serviços estatísticos, de estudos econômicos e de documentação do ministério da economia nacional, que serão enumeradas por um regulamento de administração pública. [...]”<sup>18</sup> (INSEE, 1946, tradução da autora).

O Insee coleta, produz, analisa e divulga as informações sobre a economia e a sociedade francesa com o objetivo de esclarecer o debate destes setores. (INSEE, 2015a).

---

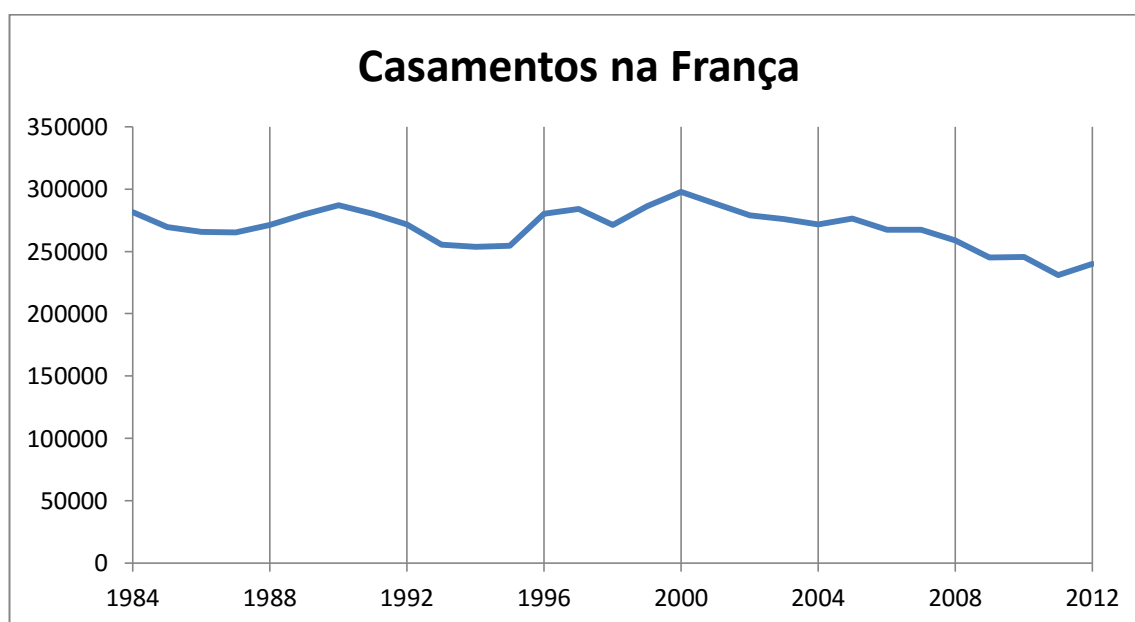
<sup>18</sup> “Art. 32. - Il est créé, au ministère de l'économie nationale, un institut national de la statistique et des études économiques pour la métropole et la France d'outre-mer.

Cet institut groupera les services des statistiques, d'études économiques et de documentation du ministère de l'économie nationale, qui seront énumérés par un règlement d'administration publique. [...]” (INSEE, 1946).

Entre os dados que esse Instituto fornece estão: os casamentos, pactos civis de solidariedade e divórcios do país e, para fins estatísticos, utiliza-se a mesma definição desses termos vigentes pelas legislações.

Segundo dados estatísticos do Insee (2015b), os casamentos na França têm sofrido uma diminuição, com algumas elevações nos anos de 1990, 1996, 1997, 2000 e 2005 (Gráfico 04). Entanto, quando esses dados são analisados em conjunto com os pactos civis de solidariedade, percebe-se uma elevação no índice das uniões (Gráfico 05), exceto nos anos de 2011 e 2012 quando houve uma redução. Essa queda ocorreu nos mesmos anos nos PACS que, desde sua instituição, o ano de 2011 foi o primeiro de declínio mais acentuado (Gráfico 06).

**Gráfico 04-** Casamento no período de 1984 a 2012, França

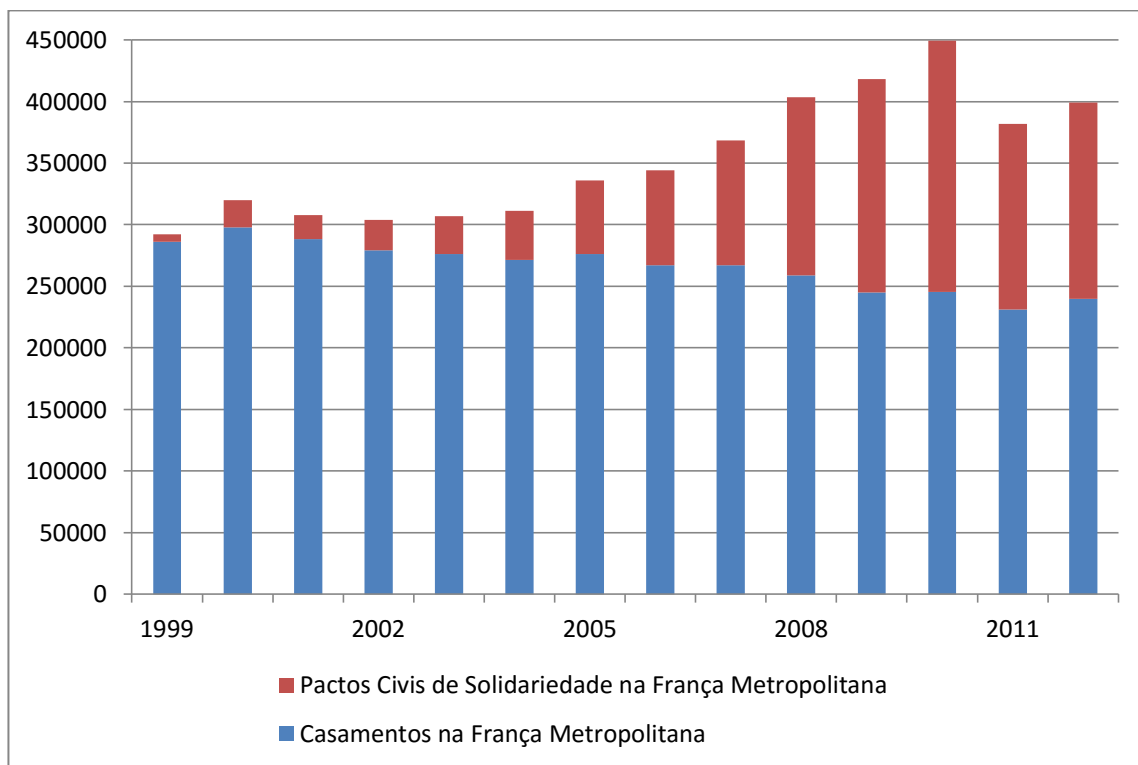


**Fonte:** Insee (2015b)

**Organização dos dados e elaboração do gráfico:** Raquel Lage Tuma (2015)

Em Paris, os dados apresentados foram coletados no Insee, porém são encontradas as estatísticas até 2012 dos casamentos por lugar de domicílio e os números de casamentos por lugar de registro foram obtidos somente até o ano de 2005. Por isso, a demonstração dos dois dados conjuntos (Gráfico 07). Dessa maneira, nas informações por lugar de domicílio constata-se queda a partir de 2001 com leves aumentos nos anos de 2008 e 2009. Os casamentos possuem pequenas nuances de altos e baixos em seus registros, porém percebe-se uma diminuição constante, diferentemente do que ocorre em Campo Grande que, embora tenham alternâncias, ainda há crescimento.

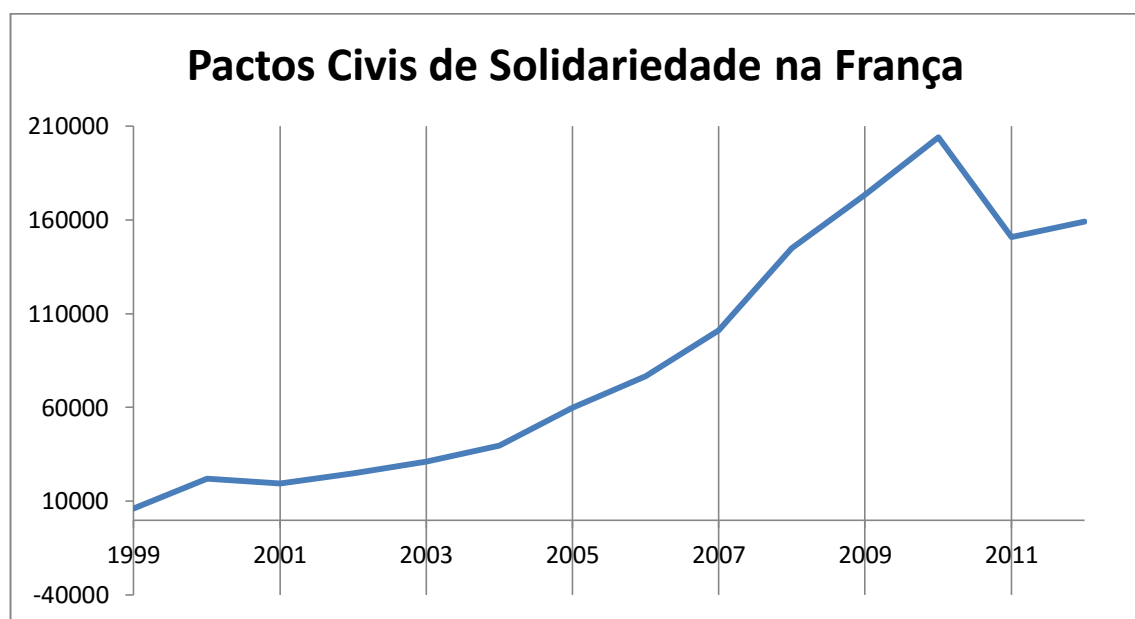
**Gráfico 05-** Casamentos e Pactos Cívicos de Solidariedade no período de 1999 a 2012, na França



**Fonte:** Insee (2015b)

**Organização dos dados e elaboração do gráfico:** Raquel Lage Tuma (2015)

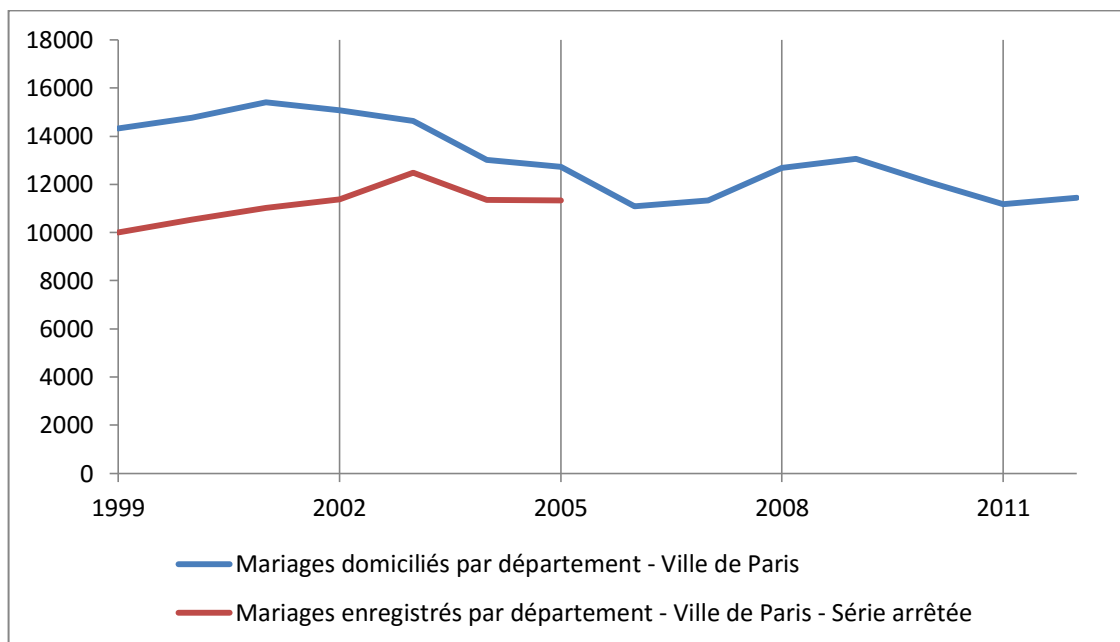
**Gráfico 06-** Pactos Cívicos de Solidariedade no período de 1999 a 2012, na França



**Fonte:** Insee (2015b)

**Organização dos dados e elaboração do gráfico:** Raquel Lage Tuma (2015)

**Gráfico 07-** Casamentos por lugar de domicílio e por lugar de registro, no período de 1999 a 2012, em Paris, França



**Fonte:** Insee (2015b)

**Organização dos dados e elaboração do gráfico:** Raquel Lage Tuma (2015)

Presume-se que a queda constante a partir do ano 2000 se deu principalmente pela legalização dos pactos civis de solidariedade, o que fez muitos casais escolherem pela facilidade da união, sobretudo os homossexuais que encontraram nos PACS uma forma de legalizar e garantir os direitos e deveres da união de casais, entretanto estes não são a maioria dos números registrados.

Além disso, há duas questões importantes a serem levantadas, tanto no Brasil quanto na França: 1) atualmente homens e mulheres casam-se mais tarde, a idade média na data do casamento aumentou; e 2) muitos casais modernos vivem juntos sem oficializar o casamento, somente ‘juntam os trapos’ ou, em francês, ‘*linge en commun*’, a fim de constatar se o convívio a dois terá boas chances de dar certo.

Há de se questionar: Por que as pessoas não se casam? Existem várias respostas que podem ser dadas, como: 1) Prefere morar sozinho a ter que dividir uma casa e aceitar uma vida conjunta com hábitos e manias de outra pessoa dos quais ele não tolera; 2) Gosta da rotina de um(a) solteiro(a); 3) Pode ter relações amorosas com uma ou diferentes pessoas; 4) Gosta de viajar e desbravar o mundo sozinho ou com companheiros a sua escolha; 5) Simplesmente gosta de viver sozinho, o que não tem o mesmo significado de estar sozinho.

Também segue outro questionamento a partir dos dados estatísticos apresentados: Por que as pessoas se casam, ou por que se casar quando dados estatísticos demonstram que aumentam a cada dia os números de divórcios e de jovens não propensos a casar? Aqui também se encontram diversas respostas: 1) Talvez porque queiram constituir uma família com os direitos que as leis da sociedade colocam; 2) Ter filhos; 3) Dividir despesas; 4) Ter uma pessoa com quem possa compartilhar seus momentos diariamente; 5) Unicamente por que ama a pessoa e quer ficar com ela; e 6) ter parceiro(a) sexual estável. Enfim, podem-se abrir muitas outras possibilidades em torno dessas perguntas.

Ao pensar nesses questionamentos, fez-se a seguinte pergunta para as entrevistadas: O que significa para você estar casada? A maioria das respostas ficou ligada ao lado emocional, ao amor entre o casal. Entretanto, houve uma réplica direcionada à questão contratual, ela casou para uma questão de segurança de bens e fiscal, porém coabitavam há 22 anos. Obtiveram-se as seguintes respostas: *“Para mim é um papel, importante perante a lei, verdadeiramente um contrato. É como um pacto, mas um pouco mais. Mas para mim, eu já estava ligada pelo coração há 22 anos. Entretanto, para a nossa vida de cidadãos, é a ligação mais forte e a mais completa, é mais completa que um pacto. Além de ser mais reconhecida também, pelo olhar das pessoas.”* (V, 53 anos, francesa, tradução da autora, 12/06/2015).

*“É o comprometimento, é um comprometimento pessoal, é uma promessa que um faz ao outro, de estar presente, no amor e na dificuldade. Quer dizer que você está se comprometendo seriamente e de conversar quando alguma coisa não está bem. É uma proteção suplementar. É uma história de amor e um pouco mais.”* (G, 40 anos, francesa, tradução da autora, 31/03/2015).

*“É uma satisfação para a mulher. Hoje ela casa por amor, então ela pode escolher seu parceiro.”* (B, 45 anos, tradução da autora, 15/07/2015).

*“Seguir a vida! É natural do ser humano, ter amor. Olha... você quer saber hoje? Nada! Não me atrapalha em nada. [...] Eu não queria estar solteira. [...] Ele me faz falta.”* (M, 58 anos, brasileira, 11/09/2015).

*“O amor, a proximidade, o companheirismo. Eu adoro estar casada. No começo foi difícil, adaptação, mas depois que eu me adaptei, eu curto estar casada. Ele é meu companheiro. É legal isso! Ele é meu amigo. Sinto falta quando ele viaja.”* (D, 34 anos, brasileira, 11/09/2015).

*“Hoje é mais segurança de ter para quem recorrer, com quem conversar.”* (Th, 34 anos, brasileira, 13/09/2015).

*“Para mim, estar casada é estar ao lado da pessoa que eu amo, que eu escolhi para ficar comigo. Tem os defeitos, assim como eu tenho. Mas casamento não é perfeito. Estar casada é estar dividindo os momentos, os dias da minha vida com a pessoa que eu confiei, que eu escolhi para estar comigo. Hoje é o pai dos meus filhos. Para mim é isso: estar com uma pessoa que você escolheu para estar o resto da sua vida com você!”* (T, 38 anos, brasileira, 13/09/2015).

*“Me sinto feliz porque estou com alguém que eu amo, mas significa uma etapa cumprida. Casei!”* (C, 37 anos, brasileira, 12/09/2015).

De acordo com a pesquisa publicada em novembro de 2010, as pessoas jovens estadunidenses estão mais inclinadas do que as mais velhas a uma coabitação sem casamento e outras formas de família, como o casamento homossexual (PEWRESEARCH, 2010). Isso também acontece na França e no Brasil, onde algumas pessoas coabitam para ter uma experiência prévia para saber se a união com a outra pessoa terá maiores possibilidades de dar certo ou simplesmente porque não se importam com a oficialização pela Igreja ou pelo Estado. Seguindo esta ideia, perguntou-se às entrevistadas se coabitaria com alguém se não fosse casada. As opiniões são divididas: uma delas mencionou que eles moraram 28 anos juntos para então oficializar o casamento, que o fizeram por questões tributárias e de herança. (V, 53 anos, francesa, 12/06/2015).

Outra entrevistada respondeu que sim, que inclusive coabitou com seu marido antes de serem casados, pois eram muitos jovens. Ela tinha 22 anos e ele 23 e viveram juntos durante oito anos até o dia da oficialização do casamento civil e religioso. *“Eu tenho uma história na família um tanto complicada. Eu não queria casar sem conhecer bem a pessoa. Eu penso que quando nós vivemos juntos, nós nos conhecemos melhor e quando você não suporta viver no cotidiano com alguém, não vale a pena se casar.”* (G, 40 anos, francesa, tradução da autora, 31/03/2015).

Uma entrevistada ficou na dúvida em relação a essa coabitação antes do seu primeiro casamento, pois tinha outro pensamento sobre o assunto. Mas, depois de seu casamento não ter dado certo e ter sido divorciada, coabitou com o seu segundo marido antes do casamento no civil: *“Acho que não. Assim, acho que se eu gostasse e ele falasse: ‘Ah vamos morar juntos.’ Acho que eu até iria, mas eu não tinha essa vontade, eu queria*

casar. Para mim o meu discurso era: 'Não, imagina morar junto. Eu quero casar!' Depois no segundo casamento eu até falei: 'Vai ser bom a gente morar junto, vai nos fazer bem nesse sentido, para saber se vai dar certo mesmo. Porque eu também não queria casar de novo e separar. Então, eu falei: 'Não vou fazer isso de novo. Se eu tiver que casar, eu vou casar. Mas eu vou casar sabendo que eu to casando com a pessoa que eu quero casar e que eu quero fazer dar certo. Lógico que a gente não tem garantia que vai dar, que a vida é coisa, mas a gente escolhe aquilo sabendo do que a gente quer.'" (C, 37 anos, brasileira, 12/09/2015).

Quatro respostas foram negativas, das quais três delas acreditam que continuariam morando na casa dos pais. As respostas abaixo demonstram que as entrevistadas não coabitariam com outra pessoa se não fossem casadas, indo contra a pesquisa americana da coabitação ser uma opção para a união entre as pessoas. "Não." (B, 45 anos, francesa, tradução da autora, 15/07/2015). "Não. Porque eu sempre falei para minha mãe e para mim mesma: eu só saio daqui [da casa da mãe] para casar. Eu gosto de família grande, de estar junto. Eu nunca falei: ai mãe, eu quero morar sozinha! Então eu sempre gostei de estar ali no meio. Eu seria uma senhora ao lado da mãe. Se não fosse casada, seria assim." (D, 34 anos, brasileira, 11/09/2015). "Eu nunca quis sair da casa dos meus pais, eu nunca tive problema em morar com os meus pais. Então eu nunca pensei em morar com alguém. Se não fosse casada, nunca!" (Th, 34 anos, brasileira, 13/09/2015). "Não. Porque para eu sair da casa dos meus pais, só se eu fosse casar com alguém. Para mim, o casar não significava somente o papel. Dizer: 'Vamos ali, fazer um documento de união estável, vamos fazer o casamento civil.' Não! Para mim, eu tinha que ir para a igreja, eu queria a bênção de Deus. Ou eu casava na igreja, ou eu estaria morando na casa da minha mãe, acredito eu... a gente não sabe o que aconteceria." (T, 38 anos, brasileira, 13/09/2015).

No Brasil houve crescente aumento na coabitação, conforme os dados do IBGE. De acordo com o Censo 2010, houve um aumento das uniões consensuais<sup>19</sup> em relação a 2000, onde 28,6% das pessoas casadas viviam em união consensual, passando a 36,4% em 2010. A porcentagem de solteiros em relação à população total em 2000 era de 54,8%, subindo para

---

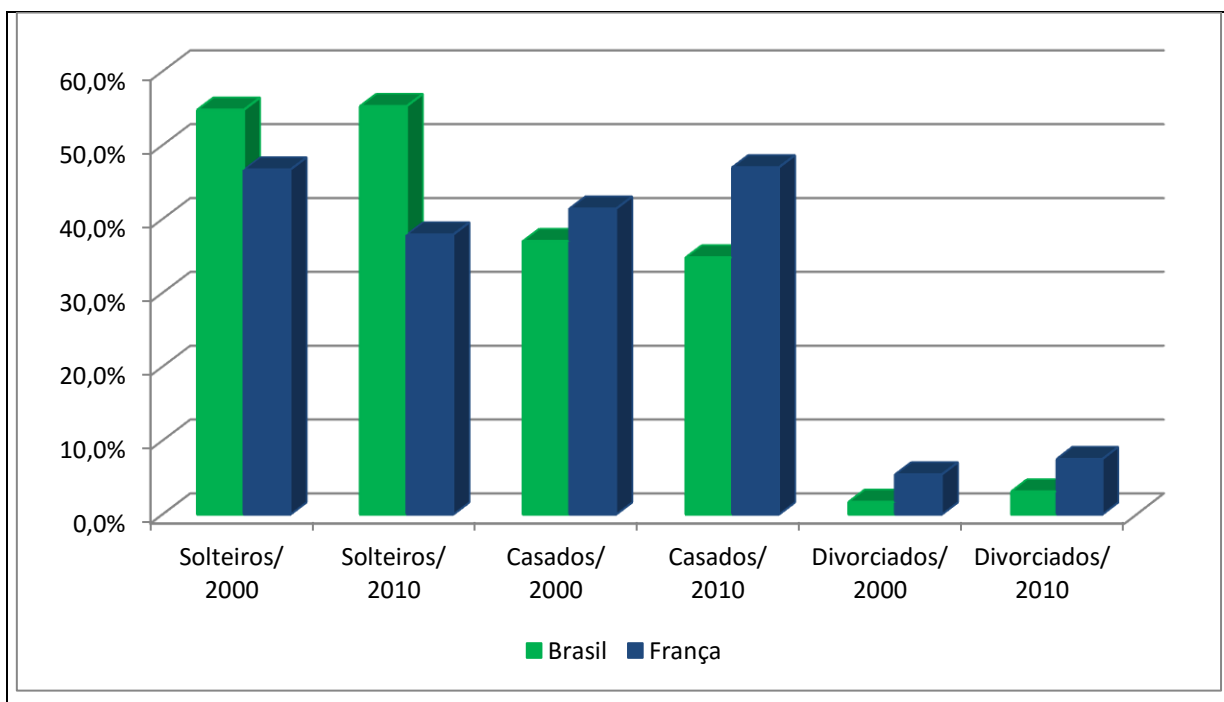
<sup>19</sup> Entende-se como união consensual os casais que habitam juntos com ou sem união estável.

55,3% em 2010; os casados tiveram diminuição de 37%, em 2000, para 34,8%, em 2010; e os divorciados de 1,7% em 2000 a 3,1% em 2010, quase duplicando o número. (IBGE, 2012c).

Na França, segundo a base de dados coletados pelo recenseamento do Insee, a coabitação somando-se as pessoas que fizeram o PACS e que estão em união livre são 23,5% em 2011 (BUISSON; LAPINTE, 2013). A porcentagem de solteiros em relação à população total em 2000 era de 46,7%, reduzindo para 37,9% em 2011; de casados era de 41,4% em 2000, aumentando para 47% em 2010; e divorciados de 5,4% em 2000, crescendo para 7,5% em 2010 (BEAUMEL; DOISNEAU; VATAN, 2002; INSEE, 2015d).

Quando comparados os dados entre solteiros, casados e divorciados (Gráfico 08) percebe-se que embora no Brasil o número de casamentos seja crescente, ainda há um número maior de solteiros em relação aos casados. Na França embora em 2000 os solteiros se sobrepusessem aos casados, em 2010 houve uma inversão e os casados são a maioria. Os divorciados mantêm um crescimento homogêneo nos dois países.

**Gráfico 08-** Comparação da evolução entre Brasil e França do estado civil nos anos de 2000 e 2010



**Fonte:** IBGE (2010); Beaumel; Doisneau; e Vatan (2002); Insee (2015d).

**Organização dos dados e elaboração do gráfico:** Raquel Lage Tuma (2015)

Um estudo recente realizado por Malcoom e Naufal (2014) demonstra que há uma associação entre a rápida proliferação da internet e a redução de casamentos para homens na faixa etária de 18 a 35 anos. O motivo seria a substituição dos casamentos pelo acesso à pornografia na internet, ou seja, a mudança no comportamento conjugal em virtude do avanço da tecnologia ao acessar *sites* de pornografias pela internet, que pode fornecer uma gratificação sexual a baixo custo. Os autores afirmam que: “Tradicionalmente, uma das razões para se casar é satisfação sexual. Mas como as opções de satisfação sexual fora do casamento cresceram, a necessidade de se casar para servir a essa função está diminuindo.”<sup>20</sup> (MALCOOM; NAUFAL, 2014, p. 2, tradução da autora).

De acordo com a publicação do Insee (2007), na França, as pessoas sozinhas morrem mais precocemente do que aquelas que vivem em casal. Exceto 77% dos homens com mais de 80 anos que nunca viveram com alguém, contra 88% para homens casados; e as mulheres 47% ao lugar de 50%.

Em pesquisa publicada pelo Pew Research Center (2010) que faz uma comparação se é mais fácil para solteiros ou casados alguns aspectos da vida, demonstrou-se que a maioria dos adultos acredita não ter diferença no que diz respeito a: estar financeiramente seguro, encontrar a felicidade, estar à frente na carreira, ter *status* social e vida sexual ativa; exceto sobre sustentar uma família. Porém, ao analisar esses itens somente entre aqueles que disseram haver diferença entre solteiro e casado, o que prevalece é que para os casados esses fatores são mais fáceis, com exceção de estar à frente da carreira. (PEWRESEARCH, 2010).

Indagou-se às entrevistadas para esta tese se o fato de estar casada facilita viver na cidade na qual residem, as respostas entre as francesas foram negativas e o que se ressalta é a dificuldade de pagar o aluguel em Paris, que é uma cidade com altos custos de moradia. Entre as brasileiras o que predominou nas respostas é a visão cultural de preconceito pela mulher solteira nos seus quase quarenta anos.

*“Não, verdadeiramente não. Em Paris tudo é fácil, ser solteira, ser casada, tudo é possível. Somente pagar um aluguel de apartamento em Paris que é difícil de pagar sozinha.”* (V, 53 anos, francesa, tradução da autora, 12/06/2015).

*“Não. Para nós não mudou nada., pois eu já tinha meu *studio* e ele já tinha o seu apartamento que havia ganhado do seu avô. Mas para viver em*

---

<sup>20</sup> “Traditionally, one of the reasons to enter into a marriage was sexual gratification. But as options for sexual gratification outside of marriage have grown, the need for a marriage to serve this function is diminishing.” (MALCOOM; NAUFAL, 2014, p. 2).

*Paris é mais fácil para encontrar um apartamento, porque você tem dois salários.” (B, 45 anos, francesa, tradução da autora, 15/07/2015).*

*“Para mim não há diferença. Há uma mudança no vida do casal e da família, mas não é mais fácil ou menos fácil.” (G, 40 anos, francesa, tradução da autora, 31/03/2015).*

*“Muito! No Brasil é assim, é cultural. Muda muito, muda tudo. Aliás, uma coisa que me incomodava muito era que eu tinha sempre que provar que o L estava me autorizando a fazer. Eu queria comprar qualquer coisa, tinha que ter a assinatura do marido. Depois com uma procuração total que ele me deu, isso mudou. Mas para tudo eu precisava que ele assinasse. Para comprar uma linha de telefone, eu tinha que ir lá atrás para ele assinar. Então, quer dizer, a mulher não podia, tudo tinha que pedir. Isso me fez um mal tremendo, [...] isso me incomodava muito.” (M, 58 anos, brasileira, 11/09/2015).*

*“Eu posso falar que quando eu casei a minha vida melhorou. Melhorou porque a gente começou a pensar em planos juntos, eu passei a pensar mais ainda na minha vida profissional, porque nós temos planos, sonhos a longo prazo. Ah, quero comprar uma casa... A gente tá unindo isso a esse sonho que a gente tem de comprar algum imóvel, uma casa, justamente porque estamos casados. Senão, eu estaria na minha mãe, na minha zona de conforto, se eu trabalhar ganhando aquilo ali tá bom, mas ganhando mais ou menos, morando na minha mãe estou tranquila. Mas como estou casada, a gente tem um plano e a gente passa a querer estar melhorando na vida profissional para que aquele seu sonho que você coloca no papel se torne realidade. Então eu mudei bastante, eu vejo a minha vida diferente para melhor.” (D, 34 anos, brasileira, 11/09/2015).*

*“Não, não interfere em nada. O status solteira ou casada não interfere em nada. Quem mudamos somos nós.” (Th, 34 anos, brasileira, 13/09/2015).*

*“Muito. O fato de estar casada, ainda na minha idade, você é considerada uma pessoa NORMAL... mulher casada, tem filhos. É diferente você ter 38, 37, 36 anos... como as pessoas se referem: ‘Taí, solteirona até hoje! Não arrumou um MACHO para casar.’ Então eu acho que perante a sociedade a mulher casada ela é mais aceita/ depende da idade, da minha idade, uma*

*mulher madura/ Ela é melhor aceita casada do que solteira.”* (T, 38 anos, brasileira, 13/09/2015).

*“Acho que tem muito ainda do preconceito com a mulher que não é casada. Por exemplo da minha idade, 37 anos sem estar casada, eu acho que as pessoas ainda olham e falam: ‘hum, essa menina ainda não casou!’ Eu acho que não é nem só porque as pessoas acham. Mas a gente mesmo se sente fracassada. Eu acho que a sociedade te impõe que a mulher tem que casar, ter filhos. Porque isso é uma escolha, às vezes a mulher não quer casar, ela quer viver solteira. Mas tem vezes que as circunstâncias se caminha para isso. Não que isso dificulta sua entrada para a sociedade, porque hoje em dia tem muito disso. Mas acho que a gente mesmo se sente desencaixado, porque seus amigos casaram, têm filhos. As pessoas que você convive têm vidas que você pensava em ter e não teve. [...] A gente se cobra muito.”* (C, 37 anos, brasileira, 12/09/2015).

Esse mesmo estudo da Pew Research (2010), sobre o porquê se casar demonstrou que não somente o amor é tido como razão, embora seja o que teve maior porcentagem, mas outros fatores também contam, como: fazer um compromisso ao longo da vida, companheirismo, ter filhos e estabilidade financeira. Entretanto, 48% dos entrevistados disseram que o casamento é uma importante meta, mas não a mais importante. Além disso, 46% dos entrevistados que não são casados (moram com um companheiro, solteiros e divorciados) dizem que querem se casar. (PEWRESEARCH, 2010).

Perguntou-se às entrevistadas para esta tese, qual foi o principal motivo que as levou a casarem-se. A maioria das respostas obtidas também confirma a pesquisa acima, porém duas apontam por uma questão que não está inserida no rol de respostas da pesquisa acima, que seria para oficializar a união perante a família, conforme podem ser vistos nos depoimentos abaixo:

Duas alegaram por uma questão de segurança financeira: *“Para nós foi a segurança de ter os bens para mim no caso da falta do F, e também quando fazemos a declaração do imposto de renda juntos, a taxa é menor sendo casados do que se fizermos separados enquanto solteiros.”* (V. 53 anos, francesa, tradução da autora). *“O interesse pelo salário dele.”* (M, 58 anos, brasileira, 11/09/2015).

Duas outras respostas obtidas foram para a constituição de uma família *“De construir uma família.”* (G, 40 anos, francesa, tradução da autora, 31/03/2015). *“A ideia*

*de comprometer-se e de formar uma família.”* (B, 45 anos, francesa, tradução da autora, 15/07/2015).

Uma pessoa relatou que foi para constituir família e por amor: *“Porque eu gostava muito do L, eu amava, era enlouquecida, e eu não me imaginava não casando com o L (risos). Então eu falei: ‘Não, eu vou casar!’ Eu SEMPRE quis casar, antes de conhecer o L eu sempre quis casar! Na minha cabeça, minha vida seria: fiz faculdade, formei, casei, tive filhos e sou mãe de família. Hoje eu trabalho porque eu não posso ficar sem trabalhar. Mas no fundo eu queria ficar em casa, cuidando da casa. Mas essa realidade eu não posso ter. Então eu não me imaginava não casando com o L. Eu falava: ‘Passei todos esses momentos com você, bons e ruins, passei 10 anos, e agora não vou casar?’ [...]Eu queria casar, para constituir uma família e ter essa pessoa do meu lado pro resto da minha vida.”* (T, 38 anos, brasileira, 13/09/2015).

Uma entrevistada, em seu primeiro casamento disse ter sido por acreditar ter encontrado o homem certo, e, em sua segunda união foi por amor: *“Foi porque eu já namorava há seis anos e eu achava que eu tinha que casar, que ele era o homem certo, que ele era bonzinho, que eu já estava velha (risos). Eu já estava namorando há um tempão e eu pensava: ‘Ah ele é um cara legal, eu tenho que casar com ele! Ele é um cara de família, de caráter, um cara bom, eu acho que eu tenho que casar com ele.”* No segundo casamento: *“Foi por amor, eu quero ficar com ele! Eu quero casar porque eu quero registrar que a gente está junto e que a gente quer uma vida junto.”* (C, 37 anos, brasileira, 12/09/2015).

Duas respostas que não constavam na lista da pesquisa da Pew Research, mas que foram mencionadas durante as entrevistas, que o motivo para se casar foi para oficializar o casamento perante a família: *“Foi mais para oficializar, em especial para os meus pais. Não foi para me assegurar financeiramente lá na frente, não foi para um respaldo na justiça no futuro. Eu não pensei no futuro, eu pensei no momento. Eu pensei que eu gostaria que fosse oficializado para dizer: ‘Pai, mãe, estou casando!’”* (Th, 34 anos, brasileira, 13/09/2015). *“Cobrança da família: ‘E aí, vai casar quando?’ (risos). Porque nós já estávamos namorando há quase seis anos. Então uma hora tem que casar.”* (D, 34 anos, brasileira, 11/09/2015).

Ainda naquela pesquisa, ao indagar sobre o fato de estarem satisfeitos com a sua vida familiar, os casados surgem em primeiro com 84% dos entrevistados têm satisfação em sua vida, depois os viúvos (78%), seguidos daqueles que estão morando com companheiro (71%), após os solteiros (66%) e, por fim, os separados e divorciados (50%) (PEWRESEARCH, 2010).

Indagou-se às entrevistadas se o casamento favorece na satisfação na vida e quanto por cento. A maioria das respostas foram positivas, ratificando a pesquisa acima, somente uma pessoa acredita que não, que é uma questão pessoal.

*“Nós somos mais felizes por estar casados. [...]. É a segurança de saber como dividir os planos com alguém, a felicidade se duplica.”* (V, 53 anos, francesa, tradução da autora, 12/06/2015).

*“Para mim sim, é importante estar casada, é o sentido. Mas uma porcentagem... (risos) Posso dizer que são 100% (risos). Porque eu faço tudo o que eu quero, o que eu desejo. [...] Nós podemos ter as dificuldades [...] Quando eu penso o que eu construí, o casamento é ótimo.”* (G, 40 anos, francesa, tradução da autora, 31/03/2015).

*“Sim, eu sou muito feliz quando eu vivi casada. Porcentagem? (risos). Dificil.. (risos), mas eu posso dizer 99% (risos). Sim, nós fomos muito felizes o tempo que nós ficamos casados.”* (B, 45 anos, francesa, tradução da autora, 15/07/2015).

*“Ele te lapida. Você consegue da sua pedra virar uma bela estátua. Olha que é difícil. Você tem que se impor na cultura brasileira, sabe?”* (M, 58 anos, brasileira, 11/09/2015).

*“Sim. Contribuí. Hoje eu sou uma pessoa feliz, meu casamento trouxe felicidade. Com o casamento tem dado certo, eu estou progredindo na vida profissional e amorosa.”* (D, 34 anos, brasileira, 11/09/2015).

*“Não, porque se casamento fosse sinônimo de felicidade plena, não existiria problema, não existiria o divórcio. Quem é responsável é você. Não é o status, não é a pessoa do seu lado, não é a família presente.”* (Th, 34 anos, brasileira, 13/09/2015).

*“Sim, tanto a mulher quanto o homem podem curtir a vida, mas vai chegar uma hora na vida que vai falar alguma coisa. Vai falar um*

*companheiro para dividir os momentos bons e os momentos ruins e aí ela não estará completamente satisfeita. Eu duvido de alguém que fale assim: 'Não casei por opção e sou super bem! Sou bem resolvida e não tenho problema com isso!' Eu duvido. Em algum momento da vida dessa pessoa, ela vai sim falar porque eu não casei. Apesar de que para casar, não tem hora e não tem idade, basta casar!"* (T, 38 anos, brasileira, 13/09/2015).

*"Sim, acho que a gente é criado para entender que eu ia encontrar um marido, que eu ia casar, que eu ia ter uma família. E estar casada te satisfaz nesse sentido. Eu casei, eu encontrei uma pessoa, eu cumpri essa fase que a vida impõe pra gente. Apesar de que eu não casei por causa disso. Eu acho que na nossa idade, a gente já quer outros momentos. A vida de solteiro nessa etapa é uma vida muito vazia. Eu não queria estar solteira hoje. [...] Eu tenho certeza de que eu sou muito mais feliz hoje casada com o propósito de formar uma família, de vida mesmo, de estar construindo a minha vida ao lado de uma pessoa que eu gosto do que se eu tivesse solteira por aí"* (C, 37 anos, brasileira, 12/09/2015).

Outro estudo realizado por economistas americanos constatou que as pessoas são mais felizes quando casadas. Grover e Helliwell (2014) utilizaram diferentes programas de processamento de dados para a realização do diagnóstico, com o objetivo de controlar os níveis de bem-estar pré-marital, analisando também se pessoas mais felizes são mais propensas a se casar ou, ainda, se os benefícios do casamento são de curta duração. Assim, foi constatado que, quando analisada a satisfação de vida pré-marital, as pessoas que são casadas são mais satisfeitas do que aquelas que permanecem solteiras, que o casamento pode aliviar as causas da meia-idade<sup>21</sup> e que os benefícios não são suscetíveis à curta duração. Os pesquisadores, ao explorarem a amizade como mecanismo de contribuição, detectaram que naquelas uniões cujo cônjuge era o considerado como melhor amigo, os benefícios eram duas vezes maiores ao parceiro. (GROVER; HELLIWELL, 2014).

Além disso, os economistas ao usarem outra ferramenta, Gallup World Poll, que faz o cruzamento de dados entre países, identificaram que apesar dos efeitos do bem estar do casamento variarem em diferentes contextos culturais por regiões no mundo, ele facilita a

---

<sup>21</sup> A crise da meia-idade é um termo utilizado para descrever as inseguranças que algumas pessoas passam nessa fase, a qual a juventude está findando e a idade avançada se aproxima, e faz com que a pessoa tenha atitudes diferentes para mudar seu modo de vida.

entrada para a meia-idade. Embora, para a América Latina, Caribe e África subsaariana os efeitos do casamento sejam significativamente considerados negativos, ainda se tem a predominância de um resultado positivo. (GROVER; HELLIWELL, 2014).

Grover e Helliwell (2014, p. 7, tradução da autora) afirmam que “fatores como sociabilidade, renda, educação e saúde são correlacionadas e possivelmente, até mesmo causalmente, relacionadas com o bem-estar e a propensão a casar.”<sup>22</sup>. Tal fato existe desde os tempos de reinados, quando por questões políticas, econômicas ou sociais faziam as famílias de diferentes reinados se uniam por meio de um casamento entre filhos ou membros da ascendência. Os casamentos também são formas de se ter um enriquecimento com a coabitação, quando duas pessoas unidas podem conquistar uma vida familiar com sucesso, ter ascensão no trabalho, construir um patrimônio juntos, como também um cônjuge dar suporte ao outro em relação às conquistas pessoais e, ainda, zelar mutuamente pela saúde e bem-estar.

Perguntou-se às entrevistadas se o casamento favorece o enriquecimento e a aquisição de bens materiais, as respostas foram divergentes, que depende de cada caso pessoal.

*“A maioria das mulheres fazem isso. (risos) Eu fiz o inverso (risos), meu marido era muito rico, então eu disse que nós faríamos um contrato de casamento. [...]. Mas eu montei uma empresa, e não poderia deixar a casa que ele já tinha ir para hipoteca se a empresa não desse certo. Eu não sou uma pessoa interessada (risos) porque... (risos)/ Quando eu vejo hoje os bens que ele tem.../ de toda maneira o apartamento que eu tenho já é bom. O que nós fizemos foi proteger muito a herança dele. [...] Mas para mim, eu não poderia trazer nada comigo. [...]”* (B, 45 anos, francesa, tradução da autora, 15/07/2015).

*“Nós nos casamos em regime de separação de bens, pois se qualquer coisa acontece com um [de perder bens ou adquirir dívidas], pode ser catastrófico para a família. Então para proteger a família nós decidimos dividir tudo e ter a separação. Se amanhã ele tem um problema profissional, ou até mesmo um divórcio, o que pode ser lido, está lido. Não tem discussão. Nós pagamos as coisas juntos.”* (G, 40 anos, francesa, tradução da autora, 31/03/2015).

---

<sup>22</sup>“[...] factors such as sociability, income, education and health status are correlated and possibly even causally related to both well-being and propensity to marry.” (GROVER; HELLIWELL, 2014, p. 7)

*“Isto depende muito do homem e da mulher. (risos)[...]. No nosso caso não. Ele é aposentado e eu sou professora, nós não temos aumento no salário desde 2009 e o casamento não mudou, não enriquecemos.” (V, 53 anos, francesa, tradução da autora, 12/06/2015).*

*“Depende do relacionamento. Se você tem um relacionamento que pelo qual você faz um planejamento junto, uma vida junto... hoje em dia as pessoas não estão fazendo isso. Eu acredito que sim, mas hoje em dia todo mundo já pensa na separação. Para mim foi ótimo, tivemos os bens que a gente quis, construímos o que quisemos. Se hoje nós temos, é porque isso nos bastou e não porque não tivemos condições de ter mais. A aquisição de bens é uma consequência do casamento, todo mundo quer uma casa, todo mundo quer um carro. Nós tivemos duas casas, um loft, mas todas essas coisas nós vimos que isso tomava um tempo muito grande da gente e dava trabalho. E quando a gente quis, tivemos um trailer, uma casa móvel, que a gente ia para tudo quanto era lugar. Hoje nós vimos que uma casa, o carro dele e o meu basta.” (M, 58 anos, brasileira, 11/09/2015).*

*“Sim, eu passei a me comportar diferente, mudança de carro, comprei um carro melhor para mim. Por que o marido e a esposa um apoia o outro. Eu sempre apoiei o meu marido. Eu nunca falei não compra isso ou aquilo e nem ele me falou. Eu e ele temos o pé no chão e sabemos o que podemos ou não. E eu conquistei mais coisas a partir do momento que eu casei.” (D, 34 anos, brasileira, 11/09/2015).*

*“Depende. Existem casais que são tão parecidos, que são consumistas, tanto ele quanto ela. O que ganha se consome. Eles nunca vão adquirir patrimônio nenhum. [...] Já existe o casal que os dois são extremamente pé no chão. Trabalho para adquirir bens materiais. E existe o meio termo, que eu acho que é o meu caso. Enquanto eu sou totalmente compulsiva com compras, sou consumista; o L. me segura: ‘Caí na real!’ Hoje eu já mudei muito em relação à gastos por conta dele. Hoje eu já penso: Pra que eu tenho que ficar trocando meu carro a cada ano, ou a cada dois anos se esse carro que eu estou usando está me servindo muito bem e eu posso pegar esse dinheiro a mais e gastar para fazer um quarto a mais na minha casa, ou eu posso viajar com a*

*minha família. Então eu acho que depende do casal. No meu caso, nós não enriquecemos, mas a gente consegue pagar o financiamento de um imóvel, aumentar um pouco do que a gente tem.”* (T, 38 anos, brasileira, 13/09/2015).

*“Acho porque você tem propósito, você tem planejamento. Primeiro que você une forças. E quando você está solteira, você não pensa muito no seu crescimento, você quer aproveitar, quer viajar. Você acaba gastando com coisas que quando você está casada você não gasta. Se bem que quando você casa você gasta com outras. Mas eu acho que o casamento favorece sim, porque você faz planos com a pessoa, une forças, une recursos. Eu e o M juntos a gente une força e recursos.”* (C, 37 anos, brasileira, 12/09/2015).

*“No meu caso não, até agora não. Nós ainda não sentamos e falamos: vamos comprar alguma coisa e vamos os dois pagar. Eu ainda não cheguei a isso. Não sei se é por pouco tempo de casada. [...]. Aqui nós juntamos renda, eu entrei com o fundo de garantia, mas a maior parte era do G. Então eu vejo a casa, por mais que tenha juntado renda, eu não vejo como algo dos dois, porque a maior parte saiu muito mais dele.”* (Th, 34 anos, brasileira, 13/09/2015).

Ribar (2004) aponta em seu estudo que os adultos casados desfrutam de maiores rendimentos, maior riqueza e maior padrão de vida do que os solteiros, sendo isto explicado por uma série de fatores, entre eles: a economia na escala de produção familiar, em que juntos podem viver com menos bens e equipamentos; o menor tempo gasto e economia no que tange às atividades da casa e à alimentação; e maior maturação<sup>23</sup> ou estabilização, especialmente nos homens, os quais permanecem mais em casa e ficam menos propensos ao abuso de drogas ou álcool. As estatísticas demonstram que os rendimentos médios e participações financeiras em domicílios chefiados por casais são maiores do que a soma das médias para homens e mulheres solteiros; e os homens casados geralmente possuem salários mais elevados do que os solteiros. Porém, esta comparação não se faz entre as mulheres, em que estas associações são insignificantes ou até negativas (RIBAR, 2004). Tais justificativas reforçam, mesmo que de forma inconsciente, a vontade e a procura pelo casamento, que se faz pela busca da felicidade.

---

<sup>23</sup> De acordo com a reportagem publicada em 29 de outubro de 2013, um estudo realizado pelo Centro de Transplante de Cabelo Crown Clinic, em Manchester, o homem se sente maduro, seguro, como um adulto, aos 54 anos. A pesquisa indica que este fato acontece devido às pressões financeiras e aos atrasos de paternidade. (FURNESS, 2013).

Enfim, apresentou-se a religião católica como predominante no Brasil e na França, o entendimento de casamento para as religiões católicas, a instituição do casamento em ambos os países que fazem parte do recorte desta tese, por meio das legislações e na evolução histórica de cada país; os dados estatísticos brasileiros e franceses refinados pelos dados das cidades nas quais o trabalho de campo foi realizado, Campo Grande e Paris; bem como fatores que podem levar as pessoas a se casarem.

## CAPÍTULO II

### FABRICAÇÃO/TRANSPOSIÇÃO DE MODELOS NAS IMAGENS MIDIÁTICAS DE CASAMENTO

No capítulo anterior viu-se a fabricação/transposição de modelos institucionais de casamento, demonstrando-se o catolicismo como religião predominando no Brasil e na França com dados estatísticos de ambos os países em um período de dez anos; em seguida, apresentou-se o entendimento do casamento para a Igreja Católica, religião delimitada nesta pesquisa; depois expôs-se a geo-história da institucionalização e das leis matrimoniais no Brasil e na França, com uma abordagem comparativa entre estes dois países; finalizando com a apresentação de dados estatísticos brasileiros e franceses e reflexões sobre os motivos pelos quais as pessoas “ainda” se casam.

Vale ressaltar que no título deste capítulo, assim como no anterior, utilizam-se as palavras ‘fabricação/transposição’ no sentido de que os casamentos foram constituídos e/ou produzidos e adaptados, tendo-se uma alteração na aparência, mas não na essência do matrimônio; e ‘modelo’ no modo de seu significado denotativo, ou seja, no seu uso comum, na qualidade de um padrão que se tem para representar e ser reproduzido.

O que se adiciona a este título, em distinção ao capítulo I, é a imagem midiática. Restringem-se aqui tais imagens àquelas que são veiculadas pelas mídias cinematográficas, televisivas, digitais e impressas. O engenheiro e professor francês, especialista em cinema, Aumont (1993, p. 81) diz que “a imagem tem por função primeira garantir, reforçar, reafirmar e explicitar nossa relação com o mundo visual: ela desempenha papel de *descoberta do visual*.” Além desta “descoberta visual”, considera-se que uma imagem utilizada nacional ou internacionalmente tem um poder de sedução que induz espontaneamente, ou não, à fabricação/transposição modelos.

Aumont (1993) explica que os processos intelectuais em atividade na percepção da imagem e *levados* pela imagem podem ter diferentes abordagens, dentre elas: a cognitiva, a pragmática e a influência da imagem. A abordagem cognitiva “visa esclarecer os processos intelectuais do conhecimento [...] que inclui por exemplo a atividade da linguagem [...], a atividade de fabricação e de consumo de imagens.” (AUMONT, 1993, p. 91). A pragmática refere-se “às condições de recepção da imagem pelo espectador e a todos os fatores, sejam

sociológicos, sejam semiológicos, que influem na compreensão, na interpretação e até mesmo na aceitação da imagem.” (AUMONT, 1993, p. 91). A influência da imagem é objeto de inúmeras discussões, porém aquelas que têm um “interesse intelectual são as que procuraram especificar o suposto modo de ação da imagem, em geral decompondo-a em elementos e examinando a ação possível de cada elemento.” (AUMONT, 1993, p. 92). Nesta tese as três abordagens citadas acima serão utilizadas, pois se tem a intenção de analisar as imagens investigando: os processos intelectuais do conhecimento, no que se refere principalmente à atividade de fabricação e consumo; a recepção pelo espectador; e o modo de ação.

As imagens tratadas dizem respeito aos casamentos reais, de celebridades e dos contos de fadas, procurando-se responder as perguntas: Quais são os modelos de casamentos das realezas? O que estes casamentos trazem de tradições inventadas, de experiências locais, turísticas e espetaculares influenciando a sociedade? Como os casamentos de celebridades são vistos pela sociedade? Que ‘extravagâncias’ se manifestam na sua espacialidade? De que forma os contos de fada trazem ideais de situação para as noivas e os noivos? Quais fantasias transmitem – incluindo a ‘fantasia’ dos vestidos de noivas?

Observar-se-á que se trata de imagens de celebrações com ideais plenos de significados positivos, como: beleza, união, fidelidade, felicidade, ‘eternidade’. Sejam tradições inventadas, arquétipos ou produtos midiáticos, são, antes de qualquer coisa, modelos de casamentos que beiram a ficção para a maioria das pessoas e, talvez por isso, movimentem um verdadeiro mercado de cerimonial, como se a realidade (ou ficção) vendida nessas imagens pudesse ser comprada ou estivesse acessível a todos.

Neste capítulo apresentam-se os casamentos midiáticos, os quais se consideram das realezas, das celebridades e dos contos de fada, que são fabricados e/ou transpostos como modelos de casamentos para toda a sociedade. Estas celebrações são imagens que são incorporadas como ideais para a realização do ritual lindo e uma união feliz.

## **2.1. Casamentos dos Contos de Fada**

Neste subcapítulo apresentam-se os contos de fada como fabricação/transposição de modelos de casamentos que por meio das imagens que são produzidas, influenciam as pessoas e são absorvidos pela sociedade. Com base nas entrevistas realizadas em trabalho de campo em Campo Grande e Paris, analisa-se isoladamente somente o conto da Cinderela, por ter sido o principal conto referenciado pelas entrevistadas, mas também se aborda, de forma mais

superficial, o conto *Peau d'Âne*<sup>1</sup>, por ter sido citado por uma entrevistada francesa. Outro nome citado em entrevistas foi o *Shrek*, porém não será discutido por não ser um conto de fada, mas sim, um filme cinematográfico.

É comum encontrar frases para anunciar os casamentos de famosos ou anônimos como as reportagens: “Qual mulher não gostaria de ter um casamento de celebridade [...]?” (PINHEIRO, 2013), “Contos de fadas da vida real: imagens de um casamento inspirador” (PICCINI, 2016), “Casamento Conto de Fadas Marília + Rodolfo” (FLORET, 2011), “Clooney casamento: o conto de fadas continua em Veneza”<sup>2</sup> (EURONEWS, 2014), “Casamento Carl Philip da Suécia e Sofia Hellqvist, um verdadeiro conto de fadas moderno”<sup>3</sup> (DECKERS; BERNARD-GUILBAUD, 2015), “Jennifer Aniston e Justin Theroux – Um casamento digno de um conto de fada”<sup>4</sup> (LOUAGUEF, 2015). De fato, as próprias reportagens instigam as pessoas a procurarem por referências midiáticas e fazem alusão a um ideário de casamento de conto de fadas. Faz parte do ofício dos meios de comunicação fomentar a apreciação ou, até mesmo, a depreciação dos casamentos de celebridades.

Santaella e Nöth (1999, p. 157) apresentam os três paradigmas da imagem, que se devem conforme o modo de produção das imagens: o primeiro são feitas “artesanalmente”; o segundo são “produzidas por conexão dinâmica e captação física de fragmentos do mundo visível”, ou seja, que dependem de máquina de registro, podendo ser fotografias, cinema, vídeo, TV e até holografia; o terceiro são “inteiramente calculadas por computação”, que são as imagens sintéticas ou infográficas. Portanto, nesta tese, serão utilizados os dois últimos paradigmas da imagem, tanto no que tange às imagens dos contos de fada, quanto o que será apresentado nos dois subcapítulos adiante que se referem aos casamentos das realezas quanto das celebridades.

Inicialmente, antes de adentrar na questão das imagens, apresenta-se um breve contexto sobre os contos de fada. A psicóloga suíça Marie-Louise von Franz exara, em sua obra “A interpretação dos contos de fada”, que:

Contos de fada são a expressão mais pura e mais simples dos processos psíquicos do inconsciente coletivo. Consequentemente, o valor deles para a investigação científica do inconsciente é sobejamente superior a qualquer outro material. Eles representam os arquétipos na sua forma mais simples,

---

<sup>1</sup> Pele de Asno ou Pele de Burro.

<sup>2</sup> “Mariage de Clooney : le conte de fée se poursuit à Venise” (EURONEWS, 2014).

<sup>3</sup> “Mariage de Carl Philip de Suède et Sofia Hellqvist, un véritable conte de fées moderne” (DECKERS; BERNARD-GUILBAUD, 2015).

<sup>4</sup> “Jennifer Aniston e Justin Theroux – Un mariage digne d’un conte de fée” (LOUAGUEF, 2015).

plena e concisa. Nesta forma pura, as imagens arquetípicas fornecem-nos as melhores pistas para compreensão dos processos que se passam na psique coletiva. Nos mitos, lendas ou qualquer outro material mitológico mais elaborado, atingimos as estruturas básicas da psique humana através de uma exposição do material cultural. Mas nos contos de fada existe um material cultural consciente muito menos específico e, conseqüentemente, eles espelham mais claramente as estruturas básicas da psique. (FRANZ, 1990, p. 15).

Reflete-se, portanto, que os contos de fada estão no inconsciente coletivo, ou seja, uma cultura universal que é conhecida pelas pessoas em diferentes países e que representam arquétipos e, conseqüentemente, símbolos.

Entende-se que nas cerimônias de casamento, assim como nos contos de fada, existem diversos arquétipos, os quais reproduzem diferentes símbolos associados a eles. Para compreender o conceito de arquétipo serão apresentados os conhecimentos do psiquiatra e psicoterapeuta suíço Carl Jung a fim de buscar os arquétipos ritualísticos dos casamentos.

Primeiramente, para uma melhor compreensão sobre o conceito de arquétipo abordado pelo renomado Jung (1978, 2000a, 2000b), tratar-se-á sobre o que ele denomina de inconsciente coletivo. O autor divide a nossa mente em três partes: o consciente, o inconsciente e o inconsciente coletivo. O consciente é aquilo que se tem o contato direto; o inconsciente é o que não é possível ver, é o conteúdo, é infinito e individual, marcado por traços diferentes em cada pessoa, conforme os acontecimentos em diversas fases da sua vida; e o inconsciente coletivo é como uma cultura universal, exatamente o mesmo para qualquer indivíduo, e que se promulga de distintas formas em cada um. A este inconsciente coletivo Jung exemplifica como o ar é igual em qualquer parte do mundo, mas cada um sente de uma forma. Dessa maneira, o ar estaria no inconsciente coletivo e teria sentido diferente de maneira em cada cultura. Na Grécia Antiga, entre os pré-socráticos Anaxímenes de Mileto definiu o ar como o próprio *arché* (princípio das coisas) (PEREIRA, 2010). Inclusive a palavra arquétipo deriva de *arché* etimologicamente, conforme se encontra no dicionário Houaiss da língua portuguesa. Mas para Jung os arquétipos são o conteúdo do inconsciente coletivo, estão na vida do ser humano há milhares de anos, e que continuam até hoje, tornando-se admissível a elucidação do aparecimento de alguns deles. O arquétipo é apenas a ideia, e aquilo que pode ser associado a ele é o símbolo. Em sua obra “Os arquétipos e o inconsciente coletivo”, Jung (2000b, p. 53) traz esses conceitos de inconsciente coletivo e arquétipos, a saber: “O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal.” Paralelamente, arquétipo “constitui um correlato

indispensável da ideia do inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar.” (JUNG, 2000b, p. 53); dar-se-ia como exemplo a própria ideia do ar como princípio ainda hoje.

Vale ressaltar que Jung (2000a, 2000b) aponta que tudo o que é associado ao arquétipo é considerado símbolo; e aquilo que é criado a partir do arquétipo é denominado de mito. Nesse caso podem ser citados mitos sobre o ar, como: Éolo na cultura grega, Shu na cultura egípcia, Njörd na cultura nórdica, entre outros. Arquétipo é cada traço de nossa personalidade, que foi moldado de acordo com a sua base, ou seja, é conforme o que cada pessoa teve em seu desenvolvimento nas diferentes fases da vida, que auxiliaram na formação da personalidade. Sendo assim, o arquétipo está dentro de cada indivíduo e é “instintivo”. Segundo o autor, “só podemos nos referir a arquétipos quando a imagem e a emoção se apresentam simultaneamente.” (JUNG, 2000a, p. 96).

Jung (2000b) diz que outra forma bem conhecida de expressão dos arquétipos é encontrada no mito e no conto de fadas. Os contos de fadas são histórias que a partir de uma causa principal, imprimem conhecimentos e valores culturais, onde os personagens passam por empecilhos para alcançarem seus objetivos, conforme descreve Bettelheim, psicólogo nascido em Viena e naturalizado cidadão estadunidense, em sua renomada obra “A psicanálise dos contos de fadas”:

[...] estes contos, num sentido bem mais profundo do que outros tipos de leitura, começam onde a criança realmente se encontra no seu ser psicológico e emocional. Falam de suas pressões internas graves de um modo que ela inconscientemente compreende e - sem menosprezar as lutas interiores mais sérias que o crescimento pressupõe - oferecem exemplos tanto de soluções temporárias quanto permanentes para dificuldades prementes. Esta é exatamente a mensagem que os contos de fada transmitem à criança de forma múltipla: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana - mas que se a pessoa não se intimida mas se defronta de modo firme com as opressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos e, ao fim, emergirá vitoriosa. (BETTELHEIM, 2002, p. 6).

Além disso, são demonstrados os ritos de passagem durante toda a vida, como nascimento, casamento, maturidade e morte em situações de sonhos e conflitos, relações de *status* e poder e sentimentos de amor, ódio, coragem, medo, amizade e inveja. Nos contos de fadas o mal, a intemperança e o pecado são tão onipresentes quanto o bem, a virtude e a pureza. “Em praticamente todo conto de fadas o bem e o mal recebem corpo na forma de algumas figuras e de suas ações [...]. É esta dualidade que coloca o problema moral e requisita a luta para resolvê-lo.” (BETTELHEIM, 2002, p. 7). Franz (1990, p. 16) ressalva que “Cada

indivíduo e cada nação têm suas próprias formas de experienciar esta realidade psíquica.” Ou seja, em diferentes países, cada pessoa socialmente situada elabora interpretações dos enredos dessas literaturas infantis de modo distinto, pois

o conto de fadas [...] toma [...] ansiedades existenciais e dilemas com muita seriedade e dirige-se diretamente a eles: a necessidade de ser amado e o medo de uma pessoa de não ter valor; o amor pela vida e o medo da morte. Ademais, o conto de fadas oferece soluções sob formas que a criança pode apreender no seu nível de compreensão. (BETTELHEIM, 2002, p. 10).

Destarte, a leitura dos contos em diferentes idades produz significados e compreensões próprias sobre o contexto das histórias e, acima de tudo, o inconsciente registra de uma nova maneira o sentido de cada personagem, de cada situação, gerando um novo sentimento. Da mesma forma, Franz (1990, p. 16) pondera: “Diferentes contos de fada fornecem quadros de diferentes fases dessa experiência.” A autora nota que não há estratificação dos valores nos contos “porque no mundo arquetípico não há hierarquia de valores pela simples razão de que cada arquétipo é, na sua essência, somente um aspecto do inconsciente coletivo, ao mesmo tempo que representa, também, o inconsciente coletivo como um todo.” (FRANZ, 1990, p. 16).

Alguns escritores legaram obras que foram difundidas em toda a humanidade, tais como: Charles Perrault, escritor francês, que deu vida a Cinderela, em 1697, e A Bela Adormecida; irmãos Grimm, alemães, que a partir de 1810 publicaram compilações de histórias narrativas, e que, além de produzir outras versões de Cinderela e A Bela Adormecida, seus contos incluem Branca de Neve, Rapunzel e O Príncipe Sapo; e Gabrielle-Suzanne Barbot, com A Bela e A Fera (OLIVEIRA, 2014).

[...] todos os contos de fada tentam descrever apenas um fato psíquico, mas este fato é tão complexo, difícil e distante de se representar em seus diferentes aspectos, que centenas de contos e milhares de versões (como variações musicais), são necessários até que esse fato desconhecido penetre na consciência, sem que isso consiga exaurir o tema. (FRANZ, 1990, p. 15).

Em qualquer versão, seja enquanto crianças ou adultos, os contos de fada transmitem mensagens de forma consciente, pré-consciente ou inconsciente, que às vezes, nem mesmo quando amadurecidos saberiam exatamente o que seria essa mensagem que tratam sobre o desenvolvimento e os valores da vida.

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança.

Este livro tenta mostrar como as estórias de fadas representam, sob forma imaginativa, aquilo em que consiste o processo sadio de desenvolvimento humano, e como os contos tornam tal desenvolvimento atraente para o engajamento da criança nele. (BETTELHEIM, 2002, p. 12).

As estórias infantis criam um imaginário e divertem as crianças trazendo contribuições diferentes para o desenvolvimento da sua personalidade de forma saudável e prazerosa. Chauí (2016, p. 10) sugere que “os contos trabalham em dois níveis: um imaginário (a estória propriamente dita) e um simbólico (a construção implícita do enredo, o lugar e a hora de cada peripécia, os objetos, as cores, os números, as palavras).” A autora ainda ressalta que “os símbolos não estão no lugar de outra coisa não são substitutos, mas são *a própria coisa presentificada por meio de outras*. O símbolo realiza ou traz a coisa por intermédio de outra.” (CHAUÍ, 2016, p. 10). Constantemente encontram-se contos de fada que em seu enredo falam sobre casamento. Franz trata da relação dos contos de fada com os arquétipos que, de acordo como foi apresentado, não existe diferença de valor nos contos de fada, pois no mundo dos arquétipos não há esta hierarquia. Assim, ela considera que:

Cada arquétipo é um sistema energético relativamente fechado, a veia energética pela qual correm todos os aspectos do inconsciente coletivo. Isto não quer dizer que a imagem arquetípica seja uma imagem estática, pois ela é sempre e ao mesmo tempo um processo típico e completo, incluindo outras imagens de uma maneira específica. Um arquétipo é um impulso psíquico específico que produz seus efeitos como um único raio de irradiação e, ao mesmo tempo, um campo magnético expandindo-se em todas as direções. (FRANZ, 1990, p. 16).

Considerando-se tais ideias, elencaram-se doze estórias, selecionadas a partir de livros infantis do Brasil e da França, e que contém em seu enredo a figura masculina e feminina, a fim de identificar os principais elementos para esta tese que constam nos contos. Na figura 13 demonstram-se resumidamente alguns desses aspectos relevantes. Destas doze estórias relacionadas, em quatro delas as mulheres são princesas, porém quando os príncipes se apaixonam por elas, eles não sabem, ou seja, eles não a conhecem ou não têm a informação de que elas são princesas por haver algum motivo que as fizeram parecer como plebeias. Noutras quatro, as mulheres são realmente plebeias e nas quatro restantes são princesas e os noivos as conhecem como tal, entretanto, dois deles são reis, um é príncipe e o outro um filho de tecelão que ficou rico. Cabe ressaltar que naqueles oito casos anteriores dos contos, todos os personagens são príncipes. Quanto ao lugar onde as/os protagonistas se encontraram pela primeira vez ou se apaixonaram, em quatro deles foram no Castelo; três foram na Floresta/Bosque; em dois deles as personagens precisaram passar pela Floresta para então chegar à Torre e à Beira do Lago; e nos outros três foram em lugares distintos, quarto, praia e

mercado. Pelos contos textuais, somente um deles, da Pequena Sereia, não acontece o casamento entre as personagens principais, porém, na versão cinematográfica da Disney, é alterado o fim da estória para um final feliz do casamento entre a sereia e o príncipe.

Para Franz (1990, p. 19) “[...] o arquétipo não é somente um "pensamento elementar", mas também uma fantasia e imagem poética elementar, uma emoção elementar e mesmo um impulso elementar dirigido a alguma ação típica.” A autora agrega ao arquétipo “toda uma estrutura de sentimento, emoção, fantasia e ação”, dessa maneira, apresentam-se no mesmo quadro algumas palavras, retiradas do enredo dos contos de fada, a serem considerados como arquétipos.

**Figura 13-** Quadro com destaque de aspectos relevantes, personagens arquetípicos, o lugar onde se apaixonaram e os símbolos arquetípicos nos contos de fadas selecionados.

<b>Título da Literatura</b>	<b>Personagens “Arquetípicos”</b>	<b>Lugar onde eles se encontraram/ se apaixonaram?</b>	<b>Destaque de Símbolos Arquetípicos</b>
Pele de Asno ou Pele de Burro, no Brasil tem variações na tradução ( <i>Peau D’Âne</i> )	Mulher – Princesa Noivo – Príncipe Fada madrinha, Rei	Quarto	Vestidos Pele do Asno Anel
Cinderela ( <i>Cendrillon</i> ) (A Gata Borralheira – dos Irmãos Grimm– outra versão de Cinderela)	Mulher – Plebeia Noivo – Príncipe Madrasta, irmãs	Baile no Castelo	Vestido Carruagem Sapatinho de Cristal Baile
A Bela e A Fera ( <i>La Belle et la Bête</i> )	Mulher – Plebeia Noivo – Fera (Príncipe) Pai	Castelo	Pedido de casamento Anel <sup>5</sup> Beijo <sup>6</sup>
A Bela Adormecida ( <i>La Belle au Bois Dormant</i> )	Mulher – Princesa Noivo – Príncipe Fadas do bem, fada invejosa	Floresta	Beijo de um príncipe

<sup>5</sup> Em algumas versões aparece o anel que por uma mágica faz a Bela retornar ao castelo.

<sup>6</sup> Em algumas versões aparece o beijo como transformação da fera em príncipe.

Cont.

<b>Título da Literatura</b>	<b>Personagens “Arquetípicos”</b>	<b>Lugar onde eles se encontraram/ se apaixonaram?</b>	<b>Destaque de Símbolos Arquetípicos</b>
A Branca de Neve e Os Sete Anões <i>(Blanche-Neige et Les Sept Nains)</i>	Mulher – Princesa Noivo – Príncipe Bruxa, 7 anões	Floresta	Maçã enfeitiçada Beijo
A Pequena Sereia <i>(La Petite Sirène)</i>	Mulher – Princesa Noivo – Príncipe Bruxa, Rei dos mares	Praia	Adaga
Rapunzel <i>(Raiponce)</i>	Mulher – Plebeia Noivo – Príncipe Bruxa	Torre (o príncipe atravessou a floresta para chegar)	Tranças Lágrimas
A Princesa e O Sapo <i>(La Princesse et La Grenouille)</i>	Mulher – Princesa Noivo – Sapo (Príncipe) Rei	Beira do lago (a princesa atravessou a floresta para chegar)	Bola Sapo Beijo <sup>7</sup>
A Princesa e a Ervilha <i>(La Princesse au Petit Pois)</i>	Mulher – Princesa Noivo – Príncipe	Castelo	Ervilha
Os Cisnes Selvagens <i>(Les Cignes Sauvages)</i>	Mulher – Princesa Noivo – Rei Madrasta	Floresta	Túnicas
Aladim <i>(Aladdin)</i>	Mulher – Princesa Noivo – Filho de comerciante Mercador, Gênio	Mercado	Tesouro Lâmpada Gênio
Cherazade <i>(Shéhérazade)</i>	Mulher – Plebeia Noivo – Rei Pai	Castelo	Histórias contadas
<b>Fonte:</b> Marques e Belli (20??)			
<b>Organização e Elaboração:</b> Raquel Lage Tuma (2016)			

<sup>7</sup> Outra versão não existe o beijo, mas sim a cama.

Na infância, milhões de crianças escutam as estórias infantis que contam a história de uma plebeia que casa-se com um príncipe, como a Cinderela e A Bela e a Fera; ou outros contos que retratam uma estória romântica da princesa que, após o feitiço desfeito, também se casa com o seu nobre amado, como A Bela Adormecida e A Branca de Neve. Algumas mulheres esperam viver esses contos de fada e fazem do dia da celebração do casamento tornar-se tão especial para usufruir destes símbolos arquetípicos. Ainda, existe um conto popular português, publicado pela primeira vez em 1890, que traz um derradeiro mais trágico, que é a estória da Dona Baratinha que, depois de tanto procurar, encontra seu noivo perfeito, mas, ao final, ele morre de tanto comer e nem sequer chegam a casar-se. Também tem as estórias com mais ação, como Robin Hood e Hércules, e ambas acabam com um casamento. Nessas estórias de ação, Robin Hood conta a aventura desse rapaz que luta por seu ideal e, ao fim, se apaixona por uma linda jovem, **casam-se e são felizes para sempre**; e Hércules, filho do deus dos deuses e da princesa da Grécia, tem que passar por vários testes para alcançar a imortalidade de seu pai. Hércules consegue receber a graça de ser imortal e, mais tarde, **encontra a felicidade casando-se** com a Deusa da Juventude. (MARQUES; BELLI, 20??). Essas e muitas outras estórias infantis apresentam um casamento como um final feliz: Branca de Neve, A Princesa e A Ervilha, Pocahontas, Rapunzel, A Princesa e O Sapo, Os Cisnes Selvagens, Aladim, Cherazade, As Aventuras do Califa, Mulan e Dona Baratinha.

Nesse breve relato sobre alguns contos, percebem-se os ensinamentos que podem ser indiretamente repassados pelos seus enredos e o quão enriquecedor pode ser esta experiência para entender esse mundo complexo de fantasia. Embora estas literaturas afirmem sempre ao final dos enredos que: “eles se casaram e foram felizes para sempre”, faz-se necessário refletir, pois o casamento não é um final, mas sim um rito de passagem, que indica uma mudança de estado civil de solteiro(a) para casado(a); além de que, como foi possível levantar em entrevistas que todas as mulheres disseram, o casamento não é um conto de fada, mas, como disse ‘G’(francesa), uma “*bela realidade*”. Isso é reforçado nas palavras abaixo, conforme aponta Bettelheim:

[...] no conjunto da "literatura infantil" - com raras exceções - nada é tão enriquecedor e satisfatório para a criança, como para o adulto, do que o conto de fadas folclórico. Na verdade, em um nível manifesto, **os contos de fadas ensinam pouco sobre as condições específicas da vida na moderna sociedade de massa; estes contos foram inventados muito antes que ela existisse**. Mas através deles pode-se aprender mais sobre os problemas interiores dos seres humanos, e sobre as soluções corretas para seus predicamentos em qualquer sociedades, do que com qualquer outro tipo de estória dentro de uma compreensão infantil. Como a criança em cada

momento de sua vida está exposta à sociedade em que vive, certamente aprenderá a enfrentar as condições que lhe são próprias, desde que seus recursos interiores o permitam. (BETTELHEIM, 2002, p. 5, grifo da autora).

Esse conjunto de obras literárias infantis, sejam os contos de fada, os contos modernos ou as estórias infantis baseadas em lendas ou mitos, auxiliam no desenvolvimento das crianças, alguns se aprofundam nas questões de personalidade, no desenvolvimento da maturidade e outras no comportamento moral ou no entendimento de uma sociedade, que para a criança é complexo. Entretanto, todas elas vão auxiliar a criança a encarar esse mundo de sensações diferentes à qual ainda não está acostumada, tanto para lidar com o ciúme de um irmão que está por chegar, quanto para compreender a maturidade sexual. Algumas pessoas incorporam de modo mais profundo, outras mais superficiais, externalizando esses sentimentos de diferentes maneiras.

As estórias modernas escritas para crianças pequenas evitam estes problemas existenciais, embora eles sejam questões cruciais para todos nós. A criança necessita muito particularmente que lhe sejam dadas sugestões em forma simbólica sobre a forma como ela pode lidar com estas questões e crescer a salvo para a maturidade. As estórias "fora de perigo" não mencionam nem a morte nem o envelhecimento, os limites de nossa existência, nem o desejo pela vida eterna. O conto de fadas, em contraste, confronta a criança honestamente com os predicamentos humanos básicos. (BETTELHEIM, 2002, p. 6).

Todas essas recordações infantis trazem a cerimônia de casamento como um rito de passagem, fundamental na nossa sociedade ocidental, e, boa parte delas, o que seria um ideário do casamento. Franz (1990, p. 53) diz que

Quando se contam histórias de fada para as crianças, elas se identificam ingênua e imediatamente e captam toda a atmosfera e sentimento que a história contém. [...]. Isso funciona exatamente como deveria ser; o conto oferece um modelo para a vida, um modelo vivificador e encorajador que permanece no inconsciente contendo todas as possibilidades positivas da vida.

Mesmo em estórias que retratam dilemas, a criança vai pensar que o príncipe vai chegar e salvar a pobre menina e transformá-la em princesa ou, ainda, que a princesa beijará o sapo e que ele se transformará em um lindo príncipe, fornecendo-lhe uma concepção alegórica às relações românticas e à descoberta do amor como valor arquetípico consumado num beijo como símbolo arquetípico.

É característico dos contos de fadas colocar um dilema existencial de forma breve e categórica. Isto permite a criança aprender o problema em sua forma mais essencial, onde uma trama mais complexa confundiria o assunto para ela. O conto de fadas simplifica todas as situações. (BETTELHEIM, 2002, p. 7).

Diante do exposto, de acordo com a identificação que cada pessoa tem com os contos de fada, de sua experiência, daquilo que ela absorveu para o seu crescimento, amadurecimento e desenvolvimento pessoal e em confronto com as imagens que sempre chegam a ela e a sua própria imaginação diante de todo o contexto apresentado pelos contos de fada e pela sociedade, indagou-se às entrevistadas: “Qual a melhor estória infantil que define um casamento?”, obtendo-se as seguintes respostas, nas quais notam-se referências àquelas personagens, valores e símbolos arquetípicos antes mencionados:

*“Cinderela (rs). Porque eu acho que toda menina tem essa ideia da Cinderela desde pequena; da questão da dificuldade que ela tinha; das pessoas olharem ela de uma forma diferente; porque ela era uma pessoa que não tinha tantos recursos; ela encontrou o amor da vida dela.”* (D, 34 anos, brasileira, 11/09/2015).

*“Cinderela, por causa do príncipe encantado. Primeira coisa que me vem à cabeça.”* (C, 37 anos, brasileira, 12/09/2015).

*“Eu acho que Cinderela, porque é um amor puro e verdadeiro. Cinderela ela era uma moradora normal, ele um rei, se apaixonou por ela, sem saber que ela era de família de realeza. Na verdade ele sabia que ela não era. E ele vai atrás desse amor verdadeiro. Ela faz de tudo para encontrar aquela menina que ele viu uma vez. [...] Então eu acho que a estória da Cinderela mostra o amor puro e verdadeiro. Não interessa se ela é rica ou pobre, a cor, a crença. Ele se apaixonou por ela, passaram por uma barreira [...] mas depois eles se reencontraram, casaram e foram felizes. Então eu gosto desse conto por causa do amor puro e verdadeiro. [...] Ele não sabia quem ela era e ela também. Eles se casaram porque se apaixonaram.”* (T, 38 anos, brasileira, 13/09/2015).

*“Eu acho que marca muito para mim dessas estórias a tal da Cinderela, por causa do VESTIDO, da manga BUFACE. Na minha cabeça eu remeto à infância, o tal do vestido, do deslumbre, de todo mundo ajudando ela para chegar para uma situação. Tudo bem que nessas estorinhas o casamento só acontece no final, nos viveram felizes para sempre, mas acho que é ela que me dá aquela ideia do casamento, por causa da roupa. Eu acho que era por isso. A*

que mais me marcou foi a Cinderela, por causa da roupa. (rs).” (Th, 34 anos, brasileira, 13/09/2015).

“Shrek, porque o amor é daquele jeito mesmo. Tem um monte de gente contra, tenta cortar, mas quando é amor mesmo, vence tudo. Ainda mais comigo e com o L, acho que é daquele jeito mesmo.” (M, 58 anos, brasileira, 11/09/2015).

“Cinderela e Pele de Asno. Eu nunca pensei para o meu casamento, mas são duas histórias de iniciação onde para o casamento a jovem recupera seu status. Pele de Asno é a filha de um rei, mas que por um sortilégio se esconde dentro de uma caixa de vestimentas escondida sob uma pele de asno. Ela casa-se com o príncipe e revive uma princesa. Ela evita ainda o casamento com o seu pai e então o tabu de incesto. Esta é uma liberação por uma jovem mulher de ser casada. Mas, em contrapartida, ela se engaja a fidelidade com um homem de sua idade. Cinderela é nobre ou da nobreza e que se liberta da condição de serva. O casamento para mim não é acesso a uma classe social rica que nós acedemos pelo marido. Senão, nós ficamos em dívida com este homem. O casamento é antes a passagem pelo ritual do consentimento das alianças a uma etapa da vida da mulher adulta. O conto de fada conta, prepara a leitora a esta etapa. Não chegamos mais virgem ao casamento como o conto de fada. Mas nós assumimos a escolha de viver com um homem que nós temos a escolha livremente.” (B, 45 anos, francesa, tradução da autora, 15/07/2015).

“Cinderela. Ela tem a chance de se casar com um príncipe, mesmo não sendo rica. Então é agradável ver como encontra alguém, mesmo em um nível social diferente.” (V, 53 anos, francesa, tradução da autora, 12/06/2015).

“Cinderela, porque talvez ela seja infeliz quando jovem, mas depois ela encontra seu príncipe, é alguma coisa do imaginário e mágico. É um encontro mais mágico. E é graças à fada madrinha que ela encontra o príncipe, tem a transformação. Eu adoro esse lado mágico. (rs)” (G, 40 anos, francesa, tradução da autora, 31/03/2015).

Pode-se verificar que somente uma delas não citou a Cinderela, apontando o filme cinematográfico da Disney, o Shrek. Ao citarem a Cinderela constatou-se que uma das entrevistadas apontou a lembrança por causa do seu vestido, comparando-o ao vestido de

noiva; duas brasileiras apontam pela essência da história de um amor verdadeiro; e três delas apontaram a razão da lembrança em virtude da figura do príncipe. Uma entrevistada francesa, além da Cinderela, citou o conto Pele de Asno, muito conhecido na França e remete a estória ao casamento como um ritual de passagem, não vendo como uma ascensão social.

Perguntou-se também às entrevistadas: “Você considera o casamento um conto de fada?” Obtendo-se todas as respostas negativas, conforme se descreve abaixo três respostas, pois todas as outras tiveram somente a negação, sem nenhuma complementação.

*“Não, de jeito nenhum.”* (C, 37 anos, brasileira, 12/09/2015).

*“Não, porque é um convívio, é uma doação, alguém tem que ceder. É uma dura realidade.”* (M, 58 anos, brasileira, 11/09/2015).

*“Não. Porque a realidade é totalmente diferente. É uma luta diária, principalmente no começo, porque o casal tem as suas diferenças. Então eu venho de uma família, ele vem de outra família. Eu tenho uns costumes, ele tem outros costumes. O começo teve uns atritos, principalmente da sua individualidade, porque você passa a viver a vida dos dois. Porque na sua casa, você tem o seu quarto, a sua liberdade. Quando você casa, você passa a ter a vida dele e ele a sua vida. Então no começo para você se adaptar as diferenças, o cuidado que tem que ter com o casamento.”* (D, 34 anos, brasileira, 11/09/2015).

Porém, ao identificar que a pergunta foi formulada erradamente, pela falta de uma palavra ‘ritual’, fazendo com que as entrevistadas não tivessem o devido entendimento ao objetivo desta questão, indagou-se outra questão, acrescentando a palavra ‘ritual’: Você considera o **ritual** do casamento como um conto de fada? Obtendo-se outras respostas diante desta nova pergunta, conforme segue abaixo.

*“Considero, o ritual do casamento é muito fantasioso, porque você entrar naquela igreja, todo mundo olhar para você e seu futuro marido estar ali na frente te esperando, é uma situação de meu príncipe, estou caminhando pra uma vida nova. Acho que é muito isso, as mulheres enxergam isso, olham para aquele homem que está ali te esperando como um príncipe.”* (C, 37 anos, brasileira, 12/09/2015).

*“Eu considero! Eu acho que 90% das mulheres, (eu posso estar enganada), mas acho que as mulheres, pelo menos da minha geração, PENSAM em se casar, em ter aquele ritual, como uma princesa, você vestida de noiva, o véu, entrar na igreja, o padre abençoando, seus amigos assistindo a cerimônia, os padrinhos abençoando o casal, então, pelo menos pra mim, sempre foi o conto de fadas. Eu tive a oportunidade de não fazer festa de casamento. O ‘L’ me propôs viajar, vamos viajar, vamos fazer Paris, Espanha, Itália, vamos viajar! Não, eu quero fazer a celebração do casamento, para mim não bastava fazer a cerimônia no cartório e pronto, e tchau, vamos viajar. Não, eu queria casar para estar junto com ele. Eu queria todo o ritual que o casamento envolve, de véu, grinalda, flor, igreja, padre, música, tudo isso. Porque eu sempre sonhei com isso. Talvez pelos desenhos, por novelas, pelo casamento da princesa Diana, eu sempre sonhei em casar! Pelo ritual, eu queria me ver vestida de noiva, eu queria ter o pajem, eu queria ter a dama, eu queria ter a igreja, eu queria ser assim, talvez o centro das atenções total. O único dia que a noiva é, mas eu queria, não abria mão disso de jeito nenhum. E se eu tivesse que fazer tudo isso de novo, eu faria! Eu casaria tudo de novo.”* (T, 38 anos, brasileira, 13/09/2015).

*“Não, não considero um conto de fada. Acho que tem essa coisa de celebrar o momento, você querer as pessoas queridas, mas não um conto de fada.”* (Th, 34 anos, brasileira, 13/09/2015).

*“Sim, considero um conto de fadas, toda aquela movimentação do grande dia, desde pequena nós mulheres temos um sonho como das histórias infantis. Nossa vida passa por mudanças e tudo isso faz parte desta história que esperamos acontecer, claro que não será igual mas sonhamos para que possa ser ao menos parecida. Eu tenho um príncipe que virou sapo. (rs)”* (D, 34 anos, brasileira, 11/09/2015).

*“Não. O ritual de casamento para mim é cultural e machista. (rs). Pensa comigo... O ritual é todo para a mulher ficar gostosa e bonita pra quem? Quem entrega quem e pra quem?”* (M, 58 anos, brasileira, 11/09/2015).

“Sim, e acho que é por isso que gosto dos casamentos reais da Inglaterra, porque eles têm um pouco dos contos de fadas, a carruagem, a princesa, o príncipe.” (G, 40 anos, francesa, tradução da autora, 31/03/2015).

Das respostas obtidas, uma acredita que o ritual do casamento é uma celebração do momento e não acredita ser como um conto de fada e outra pensa que é acima de tudo uma questão cultural. As demais responderam positivamente, acreditando que o ritual faz lembrar sim um conto de fadas.

Conforme Jung (2000a, p. 55) aponta, os símbolos “são produtos naturais e espontâneos” e significam além do que é “imediato e óbvio”. Os vestidos, os sapatinhos de cristal, o anel e o penteado nos cabelos são itens que traduzem a apresentação e beleza da mulher, que foram destacados no texto na estória da Cinderela e da Pele de Asno como elementos que contribuíram para a conquista do príncipe, e, ainda, são repetidos e tidos como essenciais para a cerimônia do matrimônio. O vestido tem representação relevante no contexto do casamento.

Nestas estórias consideram-se: os vestidos, o bolo, o anel, a pele do asno, o príncipe como arquétipos que também traduzem os significados do casamento. Não somente na estória da Cinderela, mas também da Pele de Asno, são imagens trazidas que remetem ao casamento, que faz com que haja um reconhecimento das personagens, fazendo parte também de uma integração social, conforme destaca Joly: “Podemos, pois, reconhecer à imagem mediática uma função social, não só prejudicial e desrealizante, como muitas vezes se receia, mas de reconhecimento e de integração social.” (JOLY, 2002, p. 208).

Para finalizar, coadunam-se os dois contos, Pele de Asno e Cinderela, e apresentam-se as interpretações da autora Marilena Chauí, que exara: “Os contos de fadas, tais como os conhecemos, são resultado de muitas reelaborações na sociedade europeia, fixados nos séculos XVIII e XIX, carregando as concepções desses séculos sobre a sexualidade (e sobre outras coisas também).” (CHAUÍ, 2016, p. 5). Dessa forma, ela divide os contos em dois tipos: os de retorno a casa e ao amor de seus familiares e da chegada da hora da partida. Tanto Cinderela quanto Pele de Asno são considerados no segundo tipo. A autora afirma que

Nos *contos de partida*, a adolescência é atravessada submetida a provações e provas até ser ultrapassada rumo ao amor e à vida nova. Nesses contos, a adolescência é um período de feitiço, encantamento, sortilégio que tanto podem ser castigos merecidos quanto imerecidos, mas que servem de refúgio ou de proteção para a passagem da infância à idade adulta. (CHAUÍ, 2016, p. 2).

A autora relaciona o conto Pele de Asno principalmente com Cinderela e aponta alguns elementos onde há uma diferenciação com outros contos, mas acima de tudo que há uma similaridade em suas histórias, destacando que em Pele de Asno

a mãe morta não é substituída pela madrasta perversa, mas pela boa aia que criou, aconselhou e protegeu a menina contra o desejo incestuoso do pai. Este, diferentemente de outros contos, não é um pobre velho infeliz, mas um fioso senhor. A não ser por essas diferenças, no restante o conto [Pele de Asno] parece seguir o padrão dos demais: os quinze anos da princesa e os riscos daí advindos, a fuga, o esconderijo na pele de burro, na cozinha e no chiqueiro, os bailes e o casamento com o príncipe, depois de salvá-lo. (CHAUI, 2016, p. 8).

Assim, podem-se perceber os motivos pelos quais uma das entrevistadas apontou esses dois contos como inspiradores sobre casamentos. Ambos possuem uma história muito parecida em suas estruturas, porém como o da Cinderela é muito mais difundido, talvez pelas produções da Disney que são extremamente midiáticas, acabou sendo o mais referenciado pelas pessoas. Chauí ainda aponta outros elementos relacionais entre os contos, entre eles os estereótipos de feminilidade e masculinidade, além da varinha de condão como objeto mágico, conforme descreve abaixo:

Embora os contos reforcem estereótipos de feminilidade e masculinidade e preconceitos sobre homem e mulher, são ambíguos e ricos e por isso não são sexistas: a salvação pode ser trazida tanto pelo herói quanto pela heroína. As fadas, aliás, possuem um objeto mágico supremo, talismã dos talismãs: a vara de condão, sendo seres excepcionais porque reúnem atributos femininos e masculinos, sonho e fantasia de todas as crianças (e não só delas, evidentemente). (CHAUI, 2016, p. 4).

Milhares de crianças gostam de brincar de fazer mágicas, de pensar em fazer a transformação de seus brinquedos e de si próprios e essas histórias infantis trazem esse sonho e fantasia. Por fim, a autora destaca mais uma semelhança entre Cinderela e Pele de Asno que vivem na sujeira, na impureza e com animais tem suas significações.

Essa impureza tem vários sentidos. É, por um lado, a menstruação, encarada na maioria das culturas como impureza que isola as mulheres, fazendo-as intocáveis. São os desejos proibidos, a masturbação (vestir os vestidos antes de dormir), a fase anal, por outro lado. Mas não só isso.

Analisando o significado das cinzas e do borralho, na borralheira, *Bruno Bettelheim* lembra que na antiga Roma as Vestais (meninas da mais alta estirpe romana que deveriam permanecer virgens até os trinta anos), estavam encarregadas de uma das mais altas, nobres e importantes funções: a conservação do fogo sagrado, protetor de Roma. Ora, Pele-de-Burro vive no chiqueiro, mas é cozinheira no palácio, vivendo ao pé do fogão. Esse lugar não só a transforma de recebedor de alimento (criança) em doadora dele (mãe), mas também lhe dá uma nova figura: trabalha com o trigo (o bolo) e este é símbolo de virgindade (a Virgem, do Zodíaco, carrega um ramo de

trigo) e de fertilidade. Articulam-se, assim, vida, morte, pele de animal para purificação, virgindade e fertilidade. (CHAUÍ, 2016, p. 9).

Os contos são repletos de arquétipos e de símbolos que podem ter diferentes interpretações. Muitos são os significados dos contos de fada em uma análise psicanalítica ou filósofa. Conforme foi visto nas entrevistas, os contos de fada trazem principalmente esse sonho de um príncipe encantado, de um momento mágico e fantasioso do momento do ritual do casamento. De acordo com Michelli e Pratts (2009, p. 5)

‘príncipe encantado’: são príncipes fortes, destemidos – que atualizam o paradigma do masculino –, mas se submetem ao fascínio do feminino, completamente subjugados, rendidos, seduzidos. Há, em princípio, o domínio da *anima*, desvitalizando essas personagens, que se tornam vulneráveis à emoção que as domina. A predicação de “encantado”, participio passado, assinala a passividade daquele que sofre o encantamento. Por outro lado, são essas personagens – jovens príncipes, em sua maioria, e não reis, o que evidencia a pureza e a ingenuidade típicas da idade - que vão aceitar o feminino, desenvolvendo o diálogo com a *anima*. O final, consagrado pelo casamento, permite relacionar à complementaridade entre o masculino e o feminino de que fala Jung.

Enfim, no final dos contos tem o encontro harmonioso do príncipe e da princesa, no qual Bettelheim (2002, p. 249) diz que é “o despertar de um para o outro, é um símbolo do que implica a maturidade: não só a harmonia dentro de nós, mas com o outro.” Complementa-se este pensamento com a explicação que Chauí relata sobre a expressão usada antigamente: “‘esperar pelo príncipe encantado’ ou ‘pela princesa encantada’ não queria dizer apenas a espera por alguém muito bom e belo, mas também a necessidade de aguardar os que estão enfeitiçados porque ainda não chegou a hora do desencantamento.” (CHAUÍ, 2016, p. 2). É esse encontro que algumas mulheres aguardam.

O príncipe é o noivo, o componente principal, é a pessoa que tem algo especial que toda mulher romântica busca e, muitas vezes, vai além. Jung (2000a, p. 20) comenta que “uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou esta imagem têm um aspecto ‘inconsciente’ mais amplo, que nunca é precisamente definido ou de todo explicado.” A mulher busca por algo que sequer ela sabe o que está procurando, em diversas situações nem mesmo ela percebe o motivo pelo qual se apaixona por um homem ou a razão daquela pessoa ser o seu “príncipe encantado”. Jung (2000a) afirma que frequentemente utilizam-se os termos simbólicos justamente por não ser possível conceituar ou entender algo integralmente, por estar além dos limites de compreensão humana. Algumas vezes, a própria mulher não sabe dizer a causa pela qual tem um determinado sonho, ficando além do racional dizer a

explicação concreta para tal imaginação. Poucas são aquelas que podem ter esse encontro com um verdadeiro príncipe, conforme será apresentado no próximo subcapítulo, entretanto, outras esperam pelo “príncipe”, mesmo que não seja herdeiro de um trono, mas um rapaz que possa compartilhar uma vida conjugal.

## 2.2. Casamentos das Realezas

Neste subcapítulo abordam-se os casamentos das realezas e suas imagens que serviram, e ainda servem, de inspiração para noivas e que trazem enraizadas algumas de suas tradições do casamento, como também a maneira como essas cerimônias influenciam na sociedade.

Hobsbawm (2002), historiador de nacionalidade britânica, na obra “A invenção das tradições”, traz uma discussão acerca do tema e aponta que as tradições podem ser tanto aquelas que surgiram recentemente ou em um tempo indeterminado, que não se sabe ao certo quando apareceram, quanto às que foram inventadas. O autor entende por “tradição inventada”

um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas: tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. [...] Contudo, na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições “inventadas” caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. (HOBSBAWM, 2002, p. 9).

Hobsbawm (2002) ainda assinala que ela advém na tentativa de deixar os acontecimentos imutáveis e invariáveis de encontro com as inovações e mudanças do mundo moderno, no aspecto da vida social. Sendo assim, apresentam-se nesses casamentos das realezas alguns desses contrastes do moderno com o “antigo”<sup>8</sup>.

O também historiador britânico Cannadine (2002), em seu trabalho “Contexto, Execução e Significado do Ritual: a Monarquia Britânica e a ‘Invenção da Tradição’, c. 1820 a 1977”, apresenta todo o processo do desenvolvimento do cerimonial britânico em seus rituais, contextualizados em um ambiente político, econômico e cultural, ao qual a Europa,

---

<sup>8</sup> Este termo é utilizado para referir-se às situações anteriores, mas que não necessariamente tenha ocorrido há muitos anos (Hobsbawm, 2002).

principalmente o Reino Unido, enfrentava, de modo que, “os textos de rituais podem alterar-se profundamente de acordo com a ‘conjuntura histórica’” (CANNADINE, 2002, p. 115).

Com esse estudo do autor, foi possível constatar que até os primeiros três quartos do século XIX, a magnitude e a espetacularização dos cerimoniais reais nem sempre atingiram níveis de sucesso, muito pelo contrário, eles oscilavam entre a “farsa” e o “fiasco”. Diante dos rituais mal planejados, organizados e executados, sem que houvesse treinamento prévio, a monarquia (que já passava por uma crise política) caiu nas críticas negativas dos meios de comunicação. (CANNADINE, 2002).

Foi durante as últimas décadas do reinado da rainha Vitória prorrogando-se após sua morte, ou seja, de 1870 até o ano de 1914, que ocorreu a importante mudança na imagem monárquica, fazendo com que o ritual passasse de “inadequado, particular e pouco atraente”, para “suntuoso, público e popular” (CANNADINE, 2002, p. 130). É nesta conjuntura alterada, nacional e internacionalmente, que se estabelece o ritual mais elaborado e atraente do Reino Unido. A Inglaterra teve grandes progressos na indústria, nas relações sociais e, principalmente, com a imprensa. Portanto, “à medida que as relações internacionais iam se tornando mais tensas, isto acresceu um novo incentivo à ‘invenção das tradições’, na medida em que a rivalidade nacional era expressa e sublimada na competição entre os cerimoniais” (CANNADINE, 2002, p. 142-143). Conforme aconteciam alguns deslizes nas cerimônias reais, embora fossem raros, tais acidentes eram incorporados à “tradição”. Finalmente, a coroação da Rainha Elisabeth marcou o ponto entre uma era antiga e uma nova fase de desenvolvimento da Inglaterra. (CANNADINE, 2002). Desse modo, “as antigas cerimônias foram adaptadas, foram inventados novos rituais, cujo resultado conjunto foi, paradoxalmente, o de dar a impressão de estabilidade em períodos de mudanças internas [...]” (CANNADINE, 2002, p. 169).

Para que a imagem ruim da monarquia britânica se alterasse, foi relevante ter a simpatia e o apoio dos meios de comunicação, pois como Walter Bagehot dizia “Manter-se invisível é o mesmo que ser esquecido... Para ser um símbolo, um verdadeiro símbolo, devemos aparecer com frequência e com entusiasmo.” (CANNADINE, 2002, p. 129). Isso foi o que de fato aconteceu, onde a imprensa cobria de forma positiva os cerimoniais reais.

Os casamentos de famosos, sejam de realezas ou de celebridades, são tão expostos pela mídia, seja por interesse ou não, as pessoas acabam assistindo e sabendo como ocorreram. Há mulheres que na fase próxima de agendar a data do casamento ou quando

possuem um dia específico, começam a procurar com mais afinco nos meios de comunicação como foram os casamentos de famosos, o que tem sido feito nos casamentos, quem fez alguma coisa de diferente, como tem sido os vestidos. Tais eventos servem como fabricação de modelos para a ‘indústria’ de casamentos. Embora não será foco desta pesquisa, salienta-se que a internet ainda serve como fonte de pesquisa para a busca de serviços e produtos, bem como seus fornecedores as decorações, os lugares das cerimônias, as lembranças e as fotografias. Enfim, todo o mercado está disponível e ávido à espera das noivas.

Em alguns países onde ainda existe a monarquia, por exemplo, Reino Unido, Suécia, Arábia Saudita, Marrocos, Austrália e, em países popularmente menos conhecidos, como Reino do Butão, na Ásia, os temas das estórias infantis que abordam casamentos reais se tornam realidade. Alguns destes casamentos da realeza ficam na memória da população, tendo em vista a popularidade do país e dos casais, constituindo-se em verdadeiro espetáculo, com audiência mundial, e em paradigma para outros casais apaixonados.

O casamento de Lady Diana Spencer & Príncipe Charles, do Reino Unido, é um exemplo disso. Da mesma forma, aconteceu com o filho deles, Príncipe William casando-se também com uma plebeia, Catherine Middleton. Ainda, têm-se como exemplos vários outros, como o tão famoso, e ainda comentado, casamento da atriz Grace Kelly, com o Príncipe de Mônaco. Não tão popularmente lembrado, o casamento do Rei da Suécia, Carlos XVI Gustavo, com Silvia Renate Sommerlath, hoje com título de Rainha. Todavia, a história mostra que não são somente as mulheres que podem viver esse conto de fadas, mas os homens também. A Princesa Herdeira da Suécia, Vitória, Duquesa de Västergötland, casou-se com seu ex-personal trainer, Daniel Westling, atual Duque de Västergötland, e que também foi considerado, na época, o maior casamento real da Europa, desde o de Lady Diana & Príncipe Charles.

Porém, antes de apresentar esses casamentos, apresentam-se as respostas das entrevistadas ao serem indagadas “Você chegou a acompanhar as notícias sobre algum casamento de realeza, por quê?”. A partir das respostas elegeram-se os casamentos a serem discutidos nesta tese.

*“Só da Duquesa de Cambridge e do Príncipe por causa da mídia, não por algum interesse, mas porque estava passando o tempo inteiro.” (D, 34 anos, brasileira, 11/09/2015).*

*“Acompanhei o Príncipe William com a Kate Middleton. Mas assim, nunca fui muito interessada. Mas quando eles casaram, eu olhei, vi as fotos, o vestido. Eu quis saber o que tinha acontecido, como que era. [E porque veio esse interesse?] Por um mundo que você não conhece, o luxo. Será que é diferente do que eu fiz? Não comparar em tamanho, mas será que eles fizeram as mesmas coisas e sonharam com as mesmas coisas? Eu tive esse pensamento quando eu procurei para ver. Como foi o vestido dela, eu tinha muita curiosidade em saber o vestido, como era princesa... será que é muito diferente das outras pessoas do mundo, será que é como o vestido que qualquer noiva casa? E aí percebi que não. Foi simples. Ela foi simples, ela que fez a maquiagem. Ela tinha todo o dinheiro para fazer tudo, mas não, ela não quis. Não foi aquele vestido de bolo, aquela coisa enorme. Achei legal isso. Isso me interessou saber.”* (C, 37 anos, brasileira, 12/09/2015).

*“Acompanhei o do Príncipe William com a Kate Middleton. Eu me lembro da minha infância, o da Diana, eu lembro muito bem do casamento dela. Porque eu não sei se passou batido por mim o casamento durante todos esses anos, ou por eles serem muito famosos, talvez o dele [Príncipe William] pela história da mãe dele, a gente fica acompanhando, vendo os preparativos, como vai ser o vestido dela. Muito simples no dia, mas bonito e elegante. E eu acho que eu acompanhei mais o dele por conta da mãe dele, mas os que eu acompanhei foram os dois, só. O da Diana e o dele.”* (T, 38 anos, brasileira, 13/09/2015).

*“Não. Pra mim é muito mais distante, porque eu não tenho nem ideia de onde essas pessoas saíram.”* (Th, 34 anos, brasileira, 13/09/2015).

*“Sim, vários. Mas tudo pela televisão, não que eu tivesse interesse particular em ver alguma coisa. O da Lady Di, o do Príncipe da Suécia, o de Mônaco, da Grace Kelly e do filho, da Rainha nossa, brasileira, Sílvia e da filha mais velha eu também acompanhei.”* (M, 58 anos, brasileira, 11/09/2015).

*“Não. A mim não me interessa. (rs)”* (B, 45 anos, francesa, tradução da autora, 15/07/2015).

*“Pela televisão a gente viu o casamento de Kate e William, da Inglaterra, do Príncipe Albert de Mônaco.”* (V, 53 anos, francesa, tradução da autora, 12/06/2015).

*“Eu gosto muito de ver. Sobre tudo da Inglaterra. Kate e William, Eu acho que é muito bonito e romântico. Quando eu era pequena, eu vi de Diana e Charles, eu tinha um pôster do casamento deles no meu quarto. Todos da Inglaterra. Eu acho que os casamentos são completos, com a carruagem, as roupas, as coroas, e as missas que são muito fortes, são mensagens que são para o casal, mas se endereça também ao público. Eu gosto muito da Inglaterra, talvez por isso que eu me interesse tanto.”* (G, 40 anos, francesa, tradução da autora, 31/03/2015).

Com exceção de duas entrevistadas, uma brasileira e uma francesa, que disseram não terem acompanhado nenhum casamento principesco, nas outras respostas o casamento em comum citado foi o de Kate Middleton & Príncipe William, talvez por ter sido o mais recente propagado massivamente nas redes televisivas que, em alguns canais, fecharam suas programações para passar exclusivamente este casamento, além da Inglaterra ser um país importante mundialmente e muito procurado para o turismo por brasileiros e franceses. Os outros casamentos das realezas citados foram: Príncipe Charles & Diana, Príncipe Ranier III & Grace Kelly, Príncipe Albert & Charlene, Rei Carlos & Silvia, Princesa Vitória & Daniel e Príncipe Carlos & Sofia. Ou seja, os citados estão geograficamente na Europa, localizados na Inglaterra, em Mônaco e na Suécia. Porém, por uma questão de seleção de análise, serão excluídos da discussão o casamento do Príncipe Albert & Charlene e do Príncipe Carlos & Sofia. Essa exclusão se deve ao fato de que ambos os casamentos são menos tradicionais e menos popularmente conhecidos, de forma que não fiquem repetitivas as análises entre os casamentos.

O mais antigo dentre os casamentos citados pelas entrevistadas foi o enlace matrimonial entre Grace Kelly & Príncipe Rainier III, de Mônaco, ocorreu em 19 de abril de 1956, com uma audiência de cerca de 30 milhões de telespectadores (REED, 2012). Nesse sentido, a autora Joly (2002, p. 126) aponta que se exerce o processo na imagem mediática “cuja expectativa de verdade como coerência entre o discurso verbal e o discurso visual varia segundo a emissão: publicidade, informação, ficção, jogos, etc; contrato cujas instruções reconhecemos numa fração de segundo, o tempo do *zapping*.” Esse foi um casamento no qual

se ratificam quatro aspectos, conforme análise realizada em diversos meios noticiados pela mídia: 1) a pressão política; 2) a imagem repercutida na sociedade; 3) a “realização” do sonho dos contos de fada; e 4) econômico por meio do turismo.

Primeiramente, confirma-se o interesse político, segundo relata Farinaci (2011), quando Grace Kelly “cedeu aos cortejos do príncipe Rainier 3º, de Mônaco, que estava desesperado para arrumar uma consorte, sob o risco de que o principado fosse reintegrado à França, caso ele não assegurasse um herdeiro para o trono”. Destaca-se que, de acordo com o Tratado de Amizade Protetora, de 17 de julho de 1918, a França assegura a defesa de sua independência e garante a integridade do território monogasco; por outro lado, o Príncipe de Mônaco se compromete a agir conforme aos interesses da França e, não havendo um sucessor para o trono, não pode ser delegado outra pessoa (LÉGIMONACO, 2015).

Artigo 2. Medidas relativas às relações internacionais do Principado deverão sempre ser objetos de um acordo entre o Governo do Mônaco e Governo francês.

O mesmo se aplica das medidas relativas diretamente ou indiretamente o exercício de uma regência ou sucessão à coroa, ou pelo efeito de um casamento, de uma adoção, ou caso contrário, não pode ser delegada a uma pessoa com a nacionalidade francesa ou monegasca e aprovado pelo Governo francês.

Artigo 3. Sua Alteza Sereníssima o príncipe do Mónaco, de acordo com os artigos adicionais do tratado de 02 de fevereiro de 1861 (I), confirma, por si e por seus sucessores, o compromisso assumido perante o governo francês a não alienar o Principado, no todo ou em parte, em favor de qualquer outro poder que a França. [...] <sup>9</sup> (LÉGIMONACO, 2015, p. 1, tradução da autora).

Dessa forma, nota-se a influência política que teve esse casamento tendo em vista a possibilidade de Mônaco voltar a pertencer à França, uma vez que fatos históricos demonstram que Mônaco tenha sido ocupado por outras civilizações, fazendo parte do Reino da Itália em um dado período e outro sendo anexado à França e, por último, ficando assegurada a proteção pelo reinado francês. Porém, esta proteção se prendia a outras questões políticas, principalmente no que concerne à detenção territorial, conforme consta na citação acima. Portanto, “a posse deste trono” é

---

<sup>9</sup> Les mesures concernant les relations internationales de la Principauté devront toujours faire l'objet d'une entente préalable entre le Gouvernement princier et le Gouvernement français.

Il en est de même de mesures concernant directement ou indirectement l'exercice d'une régence ou la succession à la couronne qui, soit par l'effet d'un mariage, d'une adoption ou autrement, ne pourra être dévolue qu'à une personne ayant la nationalité française ou monégasque et agréée par le Gouvernement français.

Son Altesse Sérénissime le prince de Monaco, conformément aux articles additionnels du traité du 2 février 1861 (I), confirme, tant pour lui que pour ses successeurs, l'engagement pris envers le Gouvernement français de ne point aliéner la Principauté, soit en totalité, soit en partie, en faveur d'aucune autre Puissance que la France. [...] (LÉGIMONACO, 2015, p. 1).

herdada, assim, analisa-se que esse “trono” vem como tema arquetípico, que segundo Jung (1978, p. 56) explica

Os temas arquetípicos provêm, provavelmente, daquelas criações do espírito humano transmitidas não só por tradição e migração como também por herança. Esta última hipótese é absolutamente necessária, pois imagens arquetípicas complexas podem ser reproduzidas espontaneamente, sem qualquer possibilidade de tradição direta.

Sob essa ótica, considera-se que o trono, o qual Ranier III seria herdeiro, é um símbolo associado a um componente muito maior, que existe em diferentes lugares do mundo, mas que é sentido de diversas formas por cada indivíduo e/ou sociedade, pois depende de suas experiências. Nessa acepção, avalia-se o arquétipo como sendo o poder real que esse trono oferece ao seu ‘dono’.

No aspecto da imagem projetada na sociedade, “para a família Kelly esta união representava uma oportunidade de ascensão social”, conforme relata Casamentoclick (2014a). Entretanto, para que o casamento se consumasse, conforme era exigido pelo protocolo monárquico, a família da atriz precisou pagar um dote de US\$ 2 milhões (FARINACI, 2011). Observa-se, aqui, que ascensão social é a elevação de um nível econômico social para outro, ou seja, quando um indivíduo sobe da classe B para a classe A, ou até mesmo passa de rico para milionário. Diante disso, reflete-se que, nesse caso, se enquadraria melhor dizer que esta união representava para a família Kelly mais uma questão de prestígio, do que propriamente ascensão social, considerando esse prestígio como uma descrição da importância social do arquétipo do poder real e a alta e sólida reputação na sociedade. Nota-se, na reportagem da Efe (2012), todo o *status* e glamour que trazem esses casamentos, como tal, entre uma atriz de *Hollywood* e um príncipe e futuro herdeiro do trono de um reinado. A esta ascensão social, ao *status* e ao glamour também se consideram como os arquétipos encontrados nesse casamento. Vale ressaltar que Mônaco e Ranier III tiveram uma notoriedade e visibilidade mundial maior após a oficialização da relação do príncipe com a atriz hollywoodiana, o que reforçam as questões políticas, sociais e, também, econômicas geradas em torno no casamento.

Enquanto Grace dava a Rainier a descendência necessária para manter a independência do principado - com seus filhos Albert, Caroline e Stéphanie -, também atraía os negócios, enchia seus cassinos e suas praias. Grace Kelly criou o baile anual da Cruz Vermelha, evento imperdível para as classes altas europeias que uniu-se ao tradicional Baile da Rosa, que tinha sido criado em 1954 mas também recebeu uma injeção de glamour depois que ela entrou para a família Grimaldi. (EFE, 2012).

Jung (2000b, p. 214) comenta que “Nos mitos e contos de fada, como no sonho, a alma fala de si mesma e os arquétipos se revelam em sua combinação natural, como ‘formação,

transformação, eterna recriação do sentido eterno’.” Diante do ponto de vista da realização do sonho de um conto de fada, a história de como o casal se conheceu também faz lembrar as estórias da literatura infantil, quando, em 1955, Grace Kelly, ‘plebeia’ e filha de pai milionário, viajou para o Festival de Cannes a convite do governo francês, porém contra sua vontade, para o lançamento do filme que havia atuado, conhecendo, então, o Príncipe Rainier III (IG GENTE, 2011). Cabe abrir parênteses nesse momento e ressaltar que a Grace era considerada como ‘plebeia’ por não ter antecedentes da realeza, entretanto, como mencionado acima era de família milionária. Após o encontro, logo oficializaram o namoro e, posteriormente, anunciaram o casamento. Ainda hoje, a imprensa publica inúmeras reportagens que remetem ao conto de fada, tanto sobre a celebração do casamento: como diz Farinaci (2011) “A festa foi digna de uma princesa de Walt Disney” e ainda o Jornal Daily Express do dia 12 de abril de 1956 “A História do Conto de Fada de Grace Kelly”<sup>10</sup>, que iniciava com a frase “Ela fez todo sonho de menina tornar-se realidade...”<sup>11</sup>; quanto ao relato da vida da atriz, o do sonho realizado:

Diva eterna do cinema, Grace Kelly viveu o que pode ser definido como um conto de fadas. Atriz bem-sucedida na sétima arte, tendo no currículo trabalhos com o mestre Alfred Hitchcock, ela virou princesa de Mônaco e manteve-se no centro das atenções até sua trágica morte, em 1982, num acidente de carro (TERRA, 2014).

Porém, o que não se mostra aos quatro ventos é que existe o outro lado da moeda desse conto de fada, especificamente o de Grace Kelly, que teve que trocar a sua vida hollywoodiana agitada de atriz, para um mundo mais ‘privado’ de uma princesa, no sentido de não poder estar mais em círculo de amigos e de ambientes de lazer, de se ‘fechar’ no palácio e centrar nos relacionamentos monárquicos e, talvez o mais importante para ela, ter que abrir mão das suas atividades profissionais anteriores, em pleno reconhecimento mundial, com prêmios e no auge de sua carreira.

A cerimônia civil ocorreu um dia antes da religiosa, dia 18 de abril, conforme a lei francesa de Mônaco, com restrita participação de amigos e familiares próximos. A cerimônia religiosa aconteceu na Capela de São Nicolau, cerca de 1100 convidados e 1600 jornalistas (CASAMENTOCLICK, 2014a). Foi considerado pela imprensa o casamento do século. A recepção foi realizada no Palácio do Tribunal de Honra, para cerca de 600 pessoas. O corte do bolo de seis andares (Figura 14) foi feito pelos noivos com a espada do príncipe, conforme manda a tradição (ROSESACONI, 2011). Esse evento teve e ainda tem seus efeitos.

---

<sup>10</sup> The Fairy-Tale Story of Grace Kelly

<sup>11</sup> She makes every girl’s dream come true...

**Figura 14-** O casal Grace Kelly & Príncipe de Mônaco e ao fundo o bolo de seis andares.



**Fonte:** Archives du Palais Princier-Monaco (2011)

Nos dias de hoje, ainda se repercute na mídia sobre a união do casal, ao lembrar os 30 anos de morte da atriz, o que demonstra uma ligação de todos os interesses apontados: o político, o da imagem na sociedade e o dos sonhos de contos de fada, que conforme a notícia: “Mônaco lhe deu sua **coroa**. Mas quem ganhou mais com essa **união**? O **sonho** de ser **princesa** por parte de Grace Kelly combinou perfeitamente com a necessidade de Monte Carlo de revitalizar sua qualidade de capital da alta sociedade.” (EFE, 2012, grifo da autora). Nestas palavras, destacam-se a coroa e ser princesa, símbolos os quais possuem um significado maior, a união e o sonho são considerados, aqui, como arquétipos. Ainda, é possível ratificar a importância desse casamento nos aspectos políticos, imagem na sociedade, dos contos de fada e econômico.

Trigo (1993, p. 35) ressalta que “O turismo contemporâneo influencia e é influenciado por um contexto mais amplo que abrange a economia, a sociedade, a política e a cultura.” Assim, no aspecto econômico, além do que foi demonstrado pela questão política a qual favoreceu todo o país também economicamente, o casamento de Grace Kelly & Príncipe Rainier igualmente influenciou e influencia no turismo que, não somente no dia do casamento quando cidadãos e turistas estiveram no país na expectativa de ver e poder participar de alguma maneira desse evento, mas logo após quando “atraía os negócios, enchia seus cassinos e suas praias” (EFE, 2012) e ainda nos dias de hoje ainda se tem seus reflexos. Teixeira (1999, p. 40-41) aponta a diferença entre o turista e o cidadão que “é a total disponibilidade de tempo daqueles para o lazer e, normalmente, também maior capacidade de dispêndio durante sua permanência.” Ressalta-se que o turismo é uma atividade impulsora da economia e seu benefício favorece tanto àqueles que atendem diretamente quanto indiretamente aos turistas, conforme aponta Barretto (1995, p. 72)

O turismo tem efeitos econômicos diretos e indiretos na economia de um país. Os efeitos indiretos são resultantes da despesa realizada pelos turistas dentro dos próprios equipamentos turísticos e de apoio, pelos quais o turista pagou diretamente alguma coisa. Os efeitos indiretos do turismo são resultantes da despesa efetuada pelos equipamentos e prestadores de serviços turísticos na compra de bens e serviços de outro tipo.”

Portanto, o turista promove a distribuição de renda, pois deixa seu dinheiro na cidade. Atualmente em Mônaco, existe o Roteiro Princesa Grace, “Parcours Princess Grace” (Figura 15 e 16). Conforme Trigo (1993, p. 72) aponta “O turismo é um campo no qual a diversidade cultural e a abertura às novas experiências fazem parte do cotidiano.” Ora, tem-se que concordar que não é em qualquer lugar ou qualquer momento que se pode ter uma experiência de vivenciar, mesmo através das memórias registradas, o casamento de uma princesa, que foi como um conto de fada real mundialmente divulgado.

**Figura 15-** Placa do casamento civil de Grace Kelly e Príncipe Ranier III



**Foto:** Raquel Lage Tuma (2015)

**Figura 16-** Placa do casamento religioso de Grace Kelly e Príncipe Ranier III



**Foto:** Raquel Lage Tuma (2015)

Em fevereiro de 2015, a doutoranda foi à Mônaco para fazer a pesquisa *in loco* desse roteiro onde são apresentadas breves informações da vida de Grace Kelly, em pontos de referência, como ao lado do Palácio do Príncipe de Mônaco (Figura 17) e em frente à Capela São Nicolau (Figura 18), os quais apresentam placas com dados e foto do casal no casamento civil e religioso. Tais atrativos já eram relevantes pontos turísticos, que atraem naturalmente

turistas para conhecer sobre a história desses patrimônios, porém, quando se conta uma história real, que foi popularmente conhecida aliada à emoção, esse legado se torna ainda mais interessante. Beni (2001, p. 88) exara que

O Turismo estimula os países a proteger suas civilizações e heranças culturais [...]. Ao salvar os valores culturais que *pertencem à herança da humanidade*, o que na realidade os países geradores de turismo estão salvando é, sobretudo, seus próprios valores culturais quando ajudam outros países. Ocorre também que os valores que o turista atribui à evidência do passado cultural [...] fazem que os cidadãos do país receptor se conscientizem da continuidade histórica e cultural, o que pode contribuir para um maior destaque de sua cultura atual.

**Figura 17-** Palácio do Príncipe de Mônaco



**Foto:** Raquel Lage Tuma (2015)

Mônaco, talvez por ser um país de regime monárquico vigente, evidencia muito bem esse valor do passado cultural e histórico. Um dos aspectos que pode ser identificado esse valor é pelo quadro com desenho à mão dos noivos célebres (Figura 19) e as sepulturas do Príncipe Ranier III e de sua esposa estão na Capela São Nicolau (Figura 20 e 21). Tais fatos, e outros, acerca da vida cotidiana de Grace Kelly são aproveitados como apelos turísticos em alguns locais de Mônaco.

**Figura 18-** Catedral São Nicolau, Mônaco



**Foto:** Raquel Lage Tuma (2015)

**Figura 19-** Quadro com desenho feito à mão do casamento de Príncipe Ranier III e Grace Kelly, exposto na Catedral São Nicolau, Mônaco.



**Foto:** Raquel Lage Tuma (2015)

O mesmo acontece na cidade de Cannes, França, quando guias e passeios com áudios referem-se a acontecimentos em torno da atriz, como o hotel Carlton, onde o casal se conheceu. Portanto, após quase 60 anos do casamento, ele permanece na lembrança das pessoas, oferecendo uma atração para as cidades, mesmo para aqueles que não buscam esta informação, mas gostam destas curiosidades, tornando-se mais um atrativo para o turismo. Isto foi possível constatar na pesquisa *in loco*, na cidade de Cannes, em fevereiro de 2015.

Descrevendo, não em ordem de importância ou os mais noticiados, mas seguindo pela ordem cronológica do segundo casamento mais antigo daqueles elencados pelas entrevistadas desta pesquisa, tem-se o casamento da plebeia Silvia e o Rei Carlos XVI Gustavo, quando mais um casamento faz lembrar uma estória infantil, da plebeia casando-se com um príncipe, mas desta vez, um Rei.

**Figura 20-** Sepultura do Príncipe Ranier III na Catedral São Nicolau, em Mônaco.



**Foto:** Raquel Lage Tuma (2015)

**Figura 21-** Sepultura de Grace Kelly na Catedral São Nicolau, em Mônaco.



**Foto:** Raquel Lage Tuma (2015)

Em entrevista da Rainha Silvia concedida à revista Isto é, Gente, em 01 de dezembro de 2003, em sua vinda ao Brasil, ao ser indagada “Como é ser personagem de um conto-de-fadas na vida real?”, a rainha Silvia responde:

Claro que, como todas as meninas, sempre tive esse sonho de princesa, mas devo dizer que não é bem assim. Certamente, o modo como conheci meu marido e nos casamos é um conto-de-fadas. Mas a nossa vida é bastante realista e de muito trabalho. É uma tarefa bonita, encontramos muitas pessoas interessantes, sou muito grata por ter a possibilidade de ajudar meu marido, de ajudar o povo sueco. Mas tenho que admitir que é uma rotina intensa, de muitos problemas. É um trabalho duro e lindo ao mesmo tempo. O bom também é que posso estar sempre ao lado do meu marido e ajudá-lo (TRINDADE, 2003).

Nesse depoimento da Rainha Silvia, pode-se notar claramente esse arquétipo da concretização de um sonho, de viver um conto de fadas, de uma estória de Cinderela e, a partir daí, ratifica-se com o que Jung (2000a, p. 96) afirma: “Os arquétipos só adquirem expressão quando se tenta descobrir, pacientemente, porque e de que maneira eles têm significação para um determinado indivíduo vivo”. No trecho acima, quando a Rainha diz “a nossa vida é bastante realista e de muito trabalho”, evidencia-se que, assim como no conto de fadas existem as intempéries que cada personagem passa, na vida em geral, é necessária “a

intervenção objetiva do arquétipo que neutraliza a reação puramente emocional através de uma cadeia de confrontações e conscientizações internas.” (JUNG, 2000b, p. 217). Obviamente, nem toda a vida de princesa ou rainha se faz totalmente como nos contos de fada, o que pode ser compreendido pela frase “Mas tenho que admitir que é uma rotina intensa, de muitos problemas”, na qual a rainha é polida, tal como é sugerido pelo protocolo monárquico, porém demonstra que existe um outro lado desse conto de fadas. Entretanto, nos contos de fada as personagens ultrapassam por obstáculos que, geralmente, isso ocorre antes do casamento com o príncipe, mas depois finalizam somente com “E eles foram felizes para sempre”, o que não condiz realmente com a realidade, quando é, principalmente, após o casamento que acontecem outros conflitos, fato que também é identificado pelas entrevistadas, conforme demonstrado no subcapítulo anterior, com a pergunta: “Você considera o casamento um conto de fada?”

Embora o avô materno de Silvia, Arthur Floriano de Toledo, fosse um descendente do rei Afonso III de Portugal e de sua concubina Maria Peres de Enxara, a atual rainha tinha uma vida de plebeia. Formada em interpretação, especializada na língua espanhola, a Rainha falava alemão e português fluentes por ter aprendido com seus pais em casa (sua mãe era brasileira e seu pai alemão), além do inglês e francês. Em 1972, os conhecimentos linguísticos a levaram a trabalhar no cerimonial durante os Jogos Olímpicos em Munique, quando, então, conheceu o Carl XVI Gustav, nome na sua língua nativa, que ainda não era rei. O compromisso entre eles começou e, em setembro de 1973, cinco dias após o falecimento de seu avô, o Rei Gustav VI Adolf, Carlos XVI Gustavo assumiu o reinado, o que não poderia fazê-lo caso tivesse se casado com Silvia antes da posse, enquanto o reinado de Gustav VI, em virtude da noiva ser plebeia. Três anos mais tarde, em 19 de junho de 1976 casaram-se na Catedral de Estocolmo, Storkyrkan, que estava decorada de lírios, gladiolos e espíreas nas cores azul, rosa e branco, e tiveram cerca de 1.200 convidados. No altar da Catedral, as **coroas** Erik XIV e Lovisa Ulrika foram colocadas, à esquerda e à direita, acima de duas almofadas azuis, bem como o **brasão de armas**, exclusivo para a catedral e usado em cerimônias reais, de Oxenstierna e Brahe. (FIDELIS, 2013; WERNECK, 1976). Jung (2000a, p. 78) aponta que “parece que o inconsciente tem a capacidade de examinar e concluir, da mesma maneira que o consciente. Pode mesmo utilizar certos fatos e antecipar seus possíveis resultados, precisamente porque *não* estão conscientes deles”. O autor Jung (2000a, p. 78) ainda continua

uma análise lógica é prerrogativa da consciência: selecionamos de acordo com a razão e o conhecimento. O inconsciente, no entanto, parece ser dirigido principalmente por tendências instintivas, representadas por formas de pensamentos correspondentes – isto é, por arquétipos.

Destacam-se mais dois símbolos e arquétipos com grande relevância nesse casamento, que são as coroas, as quais não foram usadas e sim colocadas no altar como demonstração de poder e glamour; como o brasão de armas, de uso exclusivo, ou seja, apresenta uma seleção elitizada para símbolos como esse.

Após a cerimônia do casamento, o casal seguiu em uma **carruagem** de lâmpadas de prata e, em seguida, partiu em uma viagem, de cerca de oito minutos, no **barco real** Vasaorden (Figura 22), o qual é utilizado em momentos especiais, até o local da recepção do casamento, com mais de 224 músicos populares tocando a marcha nupcial para os recém-casados, e trezentos convidados selecionados, enquanto adentravam pelo **tapete vermelho**, com toda cerimônia de boas-vindas com direito às aeronaves que desenharam um coração de fumaça no céu. O banquete foi realizado no piso de representação do príncipe Bertil, *Vita havet*, no Palácio Real de Estocolmo (WERNECK, 1976). Destacam-se a carruagem, o barco real e o tapete vermelho, os quais são verdadeiros símbolos de representação da realeza, que são demonstração de *status* e poder.

**Figura 22-** Barco real Vasaorden transportando Rei e Rainha da Suécia após a cerimônia do casamento.



**Fonte:** Fidelis (2013)

O casamento da Princesa Vitória & Daniel Westling (Figura 23 e 24), realizado no dia 19 de junho de 2010 (mesmos dia e mês, mas trinta e quatro anos depois de seus pais, a Rainha Silvia e o Rei Carlos da Suécia), foi tido como uma verdadeira história de amor. Esse ‘conto de fada’ tem uma diferença dos outros citados, é a história de uma princesa que conhece o ‘sapo’ e que com um beijo vira o seu príncipe, como acontece no conto de fada dos

irmãos Grimm “O Príncipe Sapo”. O próprio noivo fez uma analogia e declarou na festa de seu casamento: “Era uma vez, havia um jovem, que embora talvez não fosse um sapo, certamente não era um príncipe.”<sup>12</sup> (TT/ The Local, 2010, tradução da autora). Na vida real, a princesa herdeira, a próxima rainha em virtude da lei de sucessão ao trono ter mudado nos anos de 1980, conheceu o plebeu Daniel, *personal trainer*, na academia de ginástica onde se matriculou. Cabe ressaltar que Daniel era de classe média quando conheceu Victória, mas atualmente é proprietário de uma rede de academias, tendo uma ascensão social, além do prestígio, desde o início do namoro até o seu casamento. Assumiram o namoro quando apareceram em público em um concerto, no verão de 2003 (MENEZES, 2014).

**Figura 23-** Casamento da princesa herdeira Victória e Daniel Westling



**Foto:** Janerik Henriksson/ EFE

**Fonte:** Estadão (2010)

**Figura 24-** Casamento da princesa herdeira Victória e Daniel Westling



**Foto:** Lars Lindqvist

**Fonte:** Nordlander (2010)

O casamento de Vitória mostra a importância dada a muitas tradições e o anseio em seguir os mesmos passos dos pais. As escolhas pelos mesmos dia e mês, catedral, palácio, véu, tiara, carruagem e barco real. Jung (1978, p. 110) supõe que “a qualidade herdada é algo assim como a possibilidade formal de produzir as mesmas idéias ou, pelo menos, idéias semelhantes”. A esta possibilidade de produção das mesmas ideias Jung denominou de arquétipo. Ao passo que a sua irmã, a Princesa Madaleine, em seu casamento, não escolheu todos estes elementos, pois é sentido de forma diferente por cada pessoa. Dessa maneira, percebe-se que isto é justificado por Jung (2000a, p. 96) quando expressa que os arquétipos

são porções da própria vida – imagens integralmente ligadas ao indivíduo através de uma verdadeira ponte de emoções. Por isso é impossível dar

<sup>12</sup> “Once upon a time, there was a young man, who while perhaps not a frog, was certainly not a prince” (TT/ The Local, 2010, tradução da autora).

qualquer arquétipo uma interpretação arbitrária (ou universal); ele precisa ser explicado de acordo com as condições totais de vida daquele determinado indivíduo a quem se relaciona.

Nordlander (2010) fornece os dados estatísticos onde a polícia estimou em 250 mil pessoas assistindo ao casamento nas ruas de Estocolmo (Figura 25) e cerca de dois mil policiais e três mil soldados fizeram a segurança ao longo da rota do cortejo. Por volta de 2.300 jornalistas, dos quais 700 são de outros países, fizeram a cobertura jornalística.

**Figura 25-** O público estimado em 250 mil pessoas para assistir ao casamento real



**Foto:** Roger Turesson

**Fonte:** Nordlander (2010)

A princesa Vitória quebrou uma tradição não de família, mas do país e da igreja sueca, quando preferiu ser levada ao altar por seu pai, o Rei Carlos XVI Gustavo e não pelo noivo, como ocorre na Suécia, para mostrar como são iguais na cerimônia e na vida, havendo polêmica, conforme afirma Coutinho (2010). Moreira (2010) assinala que essa tradição foi uma luta durante muitos anos para “evitar que a autoridade do pai sobre a mulher passe do pai para o marido, de que a mulher não é propriedade do marido”, mostrando a igualdade entre todos. Moreira (2010, p. 22, grifo da autora) ainda aponta que “a Igreja da Suécia mostrou o seu **desagrado** (num país conhecido por ser **igualitário**, o acto está a ser visto como sexista e até mesmo como uma **importação de Hollywood**) mas Victoria venceu a **batalha**”. Por outro lado, ainda, não se conhece os argumentos da princesa sobre a quebra desta tradição sueca, mas seu pai, o Rei Carlos fez questão de afirmar em seu discurso que a sua decisão de levar Victoria para o altar era “**confirmar a decisão de aprovar o casamento**” (TT/ The Local, 2010, grifo da autora). Os grifos acima apresentam a disputa de poderes e uma grande preocupação sobre o que a sociedade irá pensar sobre tal ato. Entretanto, apesar de todas as

discussões, a princesa mesclou as tradições no dia do casamento, no qual o noivo buscou a noiva das mãos de seu pai na metade da nave da igreja e a conduziu até o altar, conforme assegura o Estadão (2010). Tal fato remete-se ao que Bornheim diz a respeito da atração recíproca entre conceito, entre tradição e ruptura:

A tradição só parece ser imperturbavelmente ela mesma na medida em que afasta qualquer possibilidade de ruptura, ela se quer perene e eterna, sem aperceber-se de que a ausência de movimento termina condenando-a à estagnação da morte. A necessidade da ruptura se torna, em consequência, imperiosa, para restituir a dinamicidade ao que parecia “sem vida”. (BORNHEIM, 1987, p. 15).

Segundo Moreira (2010, grifo da autora) a teóloga e pastora Annika Borg “afirma que **as noivas suecas estão se inspirando em filmes Hollywodianos**”. O que se percebe, aqui, é que mais uma vez está se refletindo a espetacularização do casamento na visão do público. De acordo com Debord (1997, p. 16) “[...] o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda vida humana – isto é, social – como simples aparência.”

Assim como o casamento de Grace Kelly & Príncipe Rainier III, o casamento da Princesa Vitória com o plebeu Daniel Westling trouxe uma reflexão sobre a política do país, a imagem perante a sociedade e o conto de fadas. Na questão política abriu-se muito a discussão sobre a crise econômica do país, o valor repassado à monarquia de 12 milhões de euros e o valor adicional de 4 milhões de euros para a cerimônia do casamento; e a oportunidade para explicar, principalmente pelos partidos políticos, que se fosse abolida a monarquia a Suécia seria um Estado mais democrático e moderno segundo aponta Coutinho (2010).

Coutinho (2010, p. 24) ainda apresenta a observação da jornalista Ghislaine Ribeyre, que acompanhou todo o desenvolvimento desse casamento.

Através deste casamento, a Suécia também quer mostrar que é um país moderno e que ao mesmo tempo respeita as tradições. Tem uma futura rainha jovem e bela que vai casar-se com um homem do povo. Querem que seja um grande golpe publicitário para a imagem do país e o orçamento está à altura: são 4 milhões de euros para este casamento mediático na Suécia e no mundo inteiro.

Os casamentos tem se tornado cada vez mais possibilidades publicitárias para chamar a atenção para uma pessoa ou, até mesmo, para um país, como foi o caso desse evento, assim como acima demonstrado da Grace Kelly com o Príncipe Ranier, da mesma forma será visto logo adiante nos casamentos principescos ingleses, onde os casamentos são verdadeiros espetáculos que se tornaram produtos. Nesse sentido, Debord (1997, p. 15) afirma

O espetáculo que inverte o real é efetivamente um produto. Ao mesmo tempo, a realidade vivida é materialmente invadida pela contemplação do espetáculo e retoma em si a ordem espetacular à qual adere de forma positiva. [...] a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é real. Essa alienação recíproca é a essência e a base da sociedade existente.

Outro fator relevante e que repercutiu, foi o consentimento do Rei para a filha se casar com o homem amado e a autorização do Parlamento. Em fevereiro de 2009, a princesa recebeu autorização de seu pai e do parlamento para se casar (MOREIRA, 2010). Da mesma forma, sua irmã Princesa Madeleine, três anos mais tarde, também precisou da autorização do pai e do parlamento para se casar também com um plebeu, no qual o pedido ao governo deve ser solicitado pelo Rei Carlos. De acordo com Coutinho (2010, p. 24) Ghislaine Ribeyre, do Paris-Match, ao analisar sobre a classe social de Daniel Westling aponta “foi como se a Suécia, que é uma sociedade sem classes, tivesse conhecido a lei das classes sociais nesta altura” e explica “uma viagem de classe, de ascensão social”. Faz-se um parêntese aqui quando, em outra época, não poderia fazer parte da nobreza, porém, atualmente, pode inclusive ser um futuro rei, se a Princesa Herdeira Vitória vir um dia a assumir o trono. Constata-se que tiveram mudanças nessas questões das classes sociais, conforme expõe Barretto (1995, p. 152):

Passar de uma classe para outra era até possível, mas implicava um processo legal. Pertencia-se à classe monárquica apenas por nascimento. Inclusive príncipes que queriam casar com pessoas não pertencentes a sua classe, deviam renunciar aos seus direitos. O acesso à nobreza dava-se por direito de nascença ou por nomeação do rei.

Coutinho (2010, p. 27) ao entrevistar o professor Mattias Frihammer, etnólogo da Universidade de Estocolmo, afirma o interesse e a lembrança de histórias como essa e que se assemelham à literatura infantil “Os suecos olham para a família real como se esta fosse um ‘museu vivo’ e olham para este casamento como um conto de fadas”.

Ainda destacando o enlace como um conto de fadas, o pai do noivo em seu discurso na recepção do casamento, pronunciou

Muitas pessoas veem o fato de que você conheceu e se apaixonou como uma coisa de um conto de fada. O homem do povo que ganhou a Coroa de Príncipe. Sim, ele é realmente um conto de fada, mas eu não penso que isto é uma coincidência que aconteceu aqui na Suécia, onde O lema do Rei é “Para Suécia – com os tempos.”.<sup>13</sup> (TT/ Local, 2010, tradução da autora).

---

<sup>13</sup>Many people see the fact that you met and fell in love as something of a fairytale. The man of the people who won the Crown Princess. Yes, it is indeed a fairytale, but I do not think it is a coincidence that this has happened here in Sweden, where The King’s motto is “For Sweden — With the Time.”. (TT/ Local, 2010).

Toda a notoriedade, o glamour e o *status* estiveram presentes, como era esperado, conforme a jornalista Coutinho (2010, p. 22) descreve dias antes do casamento ser realizado:

Prevê-se que aquilo que se viu nos anos de 1970 se vai repetir no próximo sábado, mas com uma expressão ainda maior. São 1100 convidados e um país inteiro vai estar em frente à televisão a assistir ao casamento em directo. Uma multidão irá encher as ruas de Estocolmo. Em Ockelbova, pequena cidade onde nasceu o noivo de Victoria, vai ser colocado um grande ecrã para que todos possam assistir ao casamento e vai realizar-se um gigantesco piquenique.

Assim sendo, retrata o que Debord (1997, p. 13) diz “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de *espetáculos*. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação.” Isso se deve de tal forma que tudo é controlado, o tempo, o espaço, as pessoas. Tudo deve acontecer no momento exato, de forma que a imagem projetada desta produção seja positiva para toda a sociedade.

Coutinho (2010, p. 24) ainda relata a entrevista com a jornalista Ghislaine Ribeyre “Querem fazer um casamento com *glamour*, *espetacular*, provavelmente entre aquilo que foi o casamento de Diana e do príncipe Carlos e os casamentos que tiveram os príncipes herdeiros na Noruega e na Dinamarca, que foram mais informais”. Como desde 1976 não havia um casamento real na Suécia, as pessoas interessaram-se pelo assunto, tornando-se um evento tão grande quanto às eleições. Ratifica-se tal fato nas palavras de Aumont

O *efeito da realidade* designa, pois, o efeito produzido no espectador pelo conjunto dos índices de analogia em uma imagem representativa (quadro, foto ou filme, indiferentemente). Trata-se no fundo de uma variante, recentrada no espectador, da idéia de que existe um catálogo de regras representativas que permitem evocar, ao completo, mais ou menos garantido, conforme a imagem respeite convenções de natureza plenamente histórica [...]. (AUMONT, 1993, p. 111).

A importância que se tem em manter a tradição e o que um casamento real pode trazer de benefícios para um país é demonstrado no relato que Hakan Petersson, pessoa responsável pela organização do casamento, cedeu em entrevista à Coutinho (2010, p. 24, grifo da autora) “Eles são muito criativos mas também **tradicionais. Não querem que seja um casamento extravagante.** Tivemos de nos sentar e decidir o que era mais importante. Esta é também uma oportunidade para **promover o turismo** na nossa capital.”. Barretto (1995, p. 71) afirma que “o turismo é uma atividade que tem uma relação dialética com a sociedade. Do ponto de vista financeiro e dependendo da estrutura social do país em questão, o turismo pode ser uma atividade econômica geradora de riqueza.” Assim, um evento desse

porte, que atrai a atenção mundial para o país, pode ser benéfico, obviamente bem planejado, organizado e a cidade preparada para receber os turistas. Barretto (1995, p. 71) ressalta também que “O turismo internacional traz ao país receptor habitantes temporários cujo efeito no sistema monetário traduz-se em ingresso de moeda estrangeira (divisas) e em arrecadação de impostos especiais para estrangeiros (vistos ou capital inicial).” Como a Suécia é um país de primeiro mundo e, ainda, tratando-se do casamento real, não é difícil promover o turismo na região, conforme era esperado.

Sempre quando a jornalista Susanne Nylén queria saber mais sobre o casamento, a resposta da casa real sempre foi: “Somos da realeza, não somos celebridades.” (COUTINHO, 2010, p. 26). Mas para quem está de fora, a realeza é tão midiática quanto uma celebridade de Hollywood, ou, pode-se dizer, até mais. Além disso, nos dois parágrafos acima se destacam algumas palavras como glamour, espetacular, extravagante que representam certa preocupação com a espetacularização, entretanto é impossível não existir isso diante de um casamento da realeza. De acordo com Debord (1997, p. 30)

O espetáculo é o momento em que a mercadoria *ocupou totalmente* a vida social. Não apenas a relação com a mercadoria é visível, mas não se consegue ver nada além dela: o mundo que se vê é o seu mundo. A produção econômica moderna espalha, extensa e intensivamente, sua ditadura. Nos lugares menos industrializados, seu reino já está presente em algumas mercadorias célebres e sob a forma de dominação imperialista pelas zonas que lideram o desenvolvimento da produtividade. Nessas zonas avançadas, o espaço social é invadido pela superposição contínua de camadas geológicas de mercadorias. Nesse ponto da “segunda revolução industrial”, o consumo alienado torna-se para as massas um dever suplementar à produção alienada. *Todo o trabalho vendido* de uma sociedade se torna globalmente a *mercadoria total*, cujo ciclo deve prosseguir.

As palavras de Debord ressaltam essa necessidade da exposição e da fabricação de modelos, de forma que toda a sociedade, principalmente o comércio e serviços, ganham com esses casamentos principescos, quando produzem produtos com o tema do casal para serem comercializados. Também demonstra a tradição que foi vista em todas as escolhas, conforme mencionado anteriormente e, ainda, o aspecto financeiro e de marketing, quando se tem como oportunidade de fomentar a atividade turística, como, por exemplo, com a venda dos *souvenirs*.

Moreira (2010) apresenta as lembranças do casamento, uma série de produtos exclusivos que vão dos chocolates (Figura 26) às porcelanas (Figura 27), onde dezessete empresas suecas ficaram responsáveis pela produção, os quais estiveram à venda dois dias

após o casamento e terão parte da renda revertida para uma fundação do casamento que ajuda a crianças e adolescentes na Suécia (MOREIRA, 2010).

**Figura 26-** *Souvenirs de Chocolates*



**Fonte:** Moreira (2010)

**Figura 27-** Prato de porcelana com foto do casal real



**Fonte:** Moreira (2010)

Outro conto de fadas é contado na vida real e conhecido mundialmente, o casamento de uma plebeia, Diana, com um príncipe, Charles. Este, com uma vida conturbada e, infelizmente, com um final infeliz e trágico, diferente dos contos de fada quando os finais são sempre “... E eles viveram felizes para sempre!”.

Conforme publicou o Jornal da Tarde, o príncipe Charles afirmou certa vez que sobre Diana: “a esposa perfeita para um monarca britânico teria que pertencer às mais altas classes da realeza e habituada ao protocolo.” (O CASAMENTO..., 1981, p. 9). Após o casamento, Diana Spencer, recebeu o título de Princesa de Gales, Condessa de Chester, Duquesa da Cornualha, Duquesa de Rothesay, Condessa de Carrick, Baronesa de Renfrew, Senhora das Ilhas e Princesa da Escócia. O título de princesa foi concedido por pertencer à nobreza, pelo fato de seu pai ser conde, Conde Spencer (BIO, 2014). Isso leva a repensar o motivo pelo qual Diana era, e ainda é, lembrada como plebeia, pois já tinha uma proximidade com o meio nobre, como o próprio príncipe Charles proclamou, conforme relato acima.

O casamento entre Diana Spencer, denominada popularmente por Lady Di, e Charles, o Príncipe de Gales, ocorreu em 29 de julho de 1981, na Catedral Saint Paul, a maior igreja de Londres, com repercussão mundial e assistido por cerca de 2.500 convidados e cerca de 750 milhões a um bilhão de telespectadores – a maior audiência de um evento jamais conseguida na história e o primeiro matrimônio da realeza transmitido ao vivo pelas emissoras

de televisão (HARAZIM, 2010). O casamento custou cerca de US\$ 49 milhões, segundo Saconi (2011). Nota-se de início a grande espetacularização que girou em torno desse casamento. A começar pelo sonho dos contos de fada sendo realizado mais uma vez na Europa, mas pela primeira vez no Reino Unido; ainda pelo fato de ser realizado na Catedral Saint Paul, um ícone da Inglaterra; e a grandiosidade e repercussão obtida por meio das mídias, principalmente televisivas. Debord (1997, p. 14) diz que

O espetáculo apresenta-se ao mesmo tempo como a própria sociedade, como uma parte da sociedade e como *instrumento de unificação*. Como parte da sociedade, ele é expressamente o setor que concentra todo olhar e toda consciência. Pelo fato de esse setor estar *separado*, ele é o lugar do olhar iludido e da falsa consciência; a unificação que realiza é tão somente a linguagem oficial da separação generalizada.

Assim, é possível dizer que esse evento principesco foi um espetáculo que atraiu os olhares de todo o mundo e que vários elementos que compõem o referido casamento não são possíveis para uma gama de mulheres que sonham com esse momento. Diana chegou à cerimônia na carruagem preta, com grandes janelas de vidros a prova de bala, com seu pai. A cerimônia foi celebrada pelo Bispo de Canterbury, que durante o rito leu alguns versículos de São Paulo, na primeira carta aos coríntios e em seu sermão começou enfatizando o que toda a população mundial expressava: “este é o material de que são feitos os contos de fadas: o príncipe e a princesa em seu dia de núpcias”. O casal saiu ao som de 24 trombetas e 12 sinos do carrilhão da igreja. (O CASAMENTO..., 1981, p. 8). O traje do noivo foi um uniforme de comandante naval, pois era sua patente onde servia na Royal Navy, a Marinha Real (CASAMENTOCLICK, 2013; CLARENCE HOUSE, 2014).

Após a cerimônia, a polícia montada e a guarda a cavalos foram à frente fazendo a segurança dos noivos, os quais saíram em uma carruagem aberta puxada por quatro cavalos cinza, nos 3.200 metros de percurso, aplaudidos pela multidão que assistia, seguidos pelo cortejo de oito carruagens com membros da família real. A segurança foi feita pelos policiais armados, quando habitualmente portam somente cassetetes, cães adestrados, equipamentos eletrônicos, transmissores de televisão e franco-atiradores, escalados para torres e coberturas de edifícios. Não foi divulgado o número de policiais que atuaram no evento, mas estima-se que havia pelo menos um policial a cada quatro metros ao longo do trajeto dos noivos pela cidade. (O CASAMENTO..., 1981, p. 8).

A recepção foi no Palácio de Buckingham, para cerca de 120 membros da família real. O Príncipe Charles e a Princesa Diana apareceram no balcão do palácio, para cerca de 300 mil pessoas, acenaram e, em seguida, apareceu a Rainha Elisabeth e outros membros da

família real. Depois de alguns minutos saíram, mas tiveram que retornar pelo apelo da multidão e deram um beijo, nada protocolar para aquela época. Conforme Jung (2000a, p. 76) explica “as estruturas arquetípicas não são apenas formas estáticas, mas fatores dinâmicos que se manifestam por meio de impulsos, tão espontâneos quanto os instintos”. O beijo que não fazia parte do protocolo seguido pela nobreza anteriormente, foi um ato espontâneo, um impulso que o casal teve diante da multidão que o aclamava pela boda.

O ator Richard Burton, foi convocado pela BBC de Londres para ser o locutor oficial do casamento e comentou “Ninguém em Hollywood seria capaz de produzir espetáculo tão esplendoroso”, segundo Harazim (1981, p. 44). Debord relata que “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens.”. Este pensamento reflete as palavras de Harazim e o que milhares de pessoas pensaram ao assistirem um casamento principesco. “Do momento em que foi levada, numa carruagem, à catedral até o momento da partida para a lua-de-mel, lady Diana Spencer viveu como nas velhas histórias de fadas. Mas com a vantagem de ser tudo verdade: dos castelos ao príncipe Charles” foi a notícia publicada no dia seguinte do casamento, pelo O Estado de São Paulo, que tinha como um dos subtítulos “O dia de um conto de fadas. Verdadeiro.” (O CASAMENTO..., 1981, p. 9).

No casamento de Príncipe William, de Gales, muitos fatos tornaram-se a repetir tal como o de seus pais Príncipe Charles & Princesa Diana. William escolhe como futura companheira uma plebeia, oferece de presente de noivado o anel de safira que foi usado por sua mãe e tem uma celebração de casamento extremamente midiática. Na fotografia nota-se esse anel de noivado e a mesma pose, 30 anos depois (Figura 28). Jung (2000a, p. 69) diz sobre os arquétipos que “A sua origem não é conhecida; e eles se repetem em qualquer época e em qualquer lugar do mundo – mesmo onde não é possível explicar a sua transmissão por descendência direta ou por “fecundações cruzadas” resultantes da migração”. Dessa forma, pode-se refletir que não se conhece a origem de presentear no noivado com um pertence de família, nem a origem da fotografia na mesma pose, entretanto, vê-se essa transmissão por descendência.

O anel foi copiado e suas réplicas foram colocadas à venda. No Brasil, dias depois do anúncio do noivado, o anel, em bijuteria, era vendido na Rua 25 de Março, importante centro comercial de São Paulo, com valores entre três a duzentos reais, conforme noticiado pelo jornal Folha de São Paulo dois dias antes do casamento, em 27 de abril de 2011. O anel também fez sucesso na Inglaterra, onde as inglesas procuraram por joalherias para reproduzir

o anel de safiras e diamantes, com valor estimado para a reprodução em meio milhão de dólares, conforme informa Caras (2010). Porém, o custo dele na época em que Charles ofertou à Diana era no valor de 28 mil libras (pouco mais de 40 mil dólares<sup>14</sup>) e 85 mil libras (quase 122 mil dólares<sup>15</sup>), em 2010, segundo o Jornal Daily Mirror, publicado em 17 de novembro de 2010.

**Figura 28-** Anel de noivado de Diana Spencer e Kate Middleton



**Fonte:** Honorato (2011)

O filósofo Flusser (1985) diz que a imagem tem sua função de representar o mundo, fazendo sua mediação dele com o homem, e a partir do momento em que se inverte esta função, passa a ser idolatria, onde o autor considera que

Para o idólatra – o homem que vive magicamente -, a realidade reflete imagens. Podemos observar, hoje, de que forma se processa a magicização da vida: as imagens técnicas, atualmente onipresentes, ilustram a inversão da função imaginística e remagicizam a vida.

Trata-se de alienação do homem em relação a seus próprios instrumentos. O homem se esquece do motivo pelo qual imagens são produzidas: servirem de instrumentos para orientá-lo no mundo. (FLUSSER, 1985, p. 8).

Isto posto, nota-se uma idolatria e certa alienação das mulheres que reproduzem diversos elementos (anel, vestido, véu, arranjo de cabelos, etc.) de noivas principescas e célebres a fim de querer se tornar algo próximo a esses ídolos.

Príncipe William & Kate Middleton conheceram-se na Universidade St. Andrews, na Escócia (DONALDSON; O'DONNELL, 2011). O noivado do casal foi anunciado pelos

<sup>14</sup> Valor convertido pela autora em 22/02/2016.

<sup>15</sup> Valor convertido pela autora em 22/02/2016.

próprios noivos via Twitter e Facebook e por meio da comunicação oficial pela Clarence House, residência oficial do Príncipe Charles e seus filhos (MDEMULHER, 2010). Tal fato também reforça a questão da exposição da imagem.

Na era digital, a obsessão pela visibilidade permite que tudo seja postado na internet, a fim de legitimar socialmente uma obra, no caso da arte, um fato ou imagem, no caso da vida cotidiana, possibilitando, assim, que uma mesma imagem ou conjunto de imagens sobre determinado assunto ou personagem figurem exaustivamente entre as mídias digitais. Isso ocorre porque o avanço tecnológico permite que o processo de produção digital acelere ainda mais o modo de conceber e apreciar imagens. (MAZER, 2011, p. 26).

Nota-se que a tecnologia começa a ser utilizada inclusive pela realeza, que segue uma série de normas, porém o Príncipe William e Kate Middleton romperam várias regras impostas tanto pela nobreza quanto pela sociedade, como por exemplo, quando moraram juntos antes do casamento. O convite do casamento seguiu o padrão do casamento da Rainha Elisabeth & Duque de Edimburgo e de Princesa Diana & Príncipe Charles (Figuras 29, 30 e 31).

Logo pela manhã, no dia do casamento, mas antes mesmo do casamento acontecer, é tradição do trono britânico, que os homens da realeza recebam um título de nobreza, cabendo ao monarca, no caso à Rainha Elizabeth II, escolher estes títulos. Príncipe William recebeu o título de Duque de Cambridge, considerado o título mais alto da hierarquia da nobreza, após rei e príncipe. O noivo ainda recebeu dois outros títulos menores, o de conde de Strathearn e de barão de Carrickfergus. Após o noivo receber a sua titulação, a noiva recebeu como título Duquesa de Cambridge, Condessa de Strathearn e Baronesa Carrickfergus. Ela não pôde receber o título de Princesa, tal como Diana Spencer, por não pertencer à nobreza, pois o título é dado somente às moças que nasceram na realeza, popularmente denominado de “sangue azul” (BBC, 2011c). Este termo “sangue azul” é utilizado internacionalmente, proveniente do espanhol, em virtude dos nobres terem a pele muito mais clara do que os plebeus, herdada dos casamentos entre membros da corte do norte da Europa (HELLER, 2009). Para se protegerem, evitavam o sol, assim, as veias azuladas se destacavam mais na pele branca do que na pele escura dos camponeses, os quais diziam que pelas veias dos nobres corriam o sangue azul (HELLER, 2009).

A cerimônia religiosa aconteceu na Abadia de Westminster, o mesmo lugar onde foi o casamento da Rainha Elizabeth II em 1947, em 29 de abril de 2011. O traje do noivo foi o uniforme de gala de coronel do regimento de infantaria da Guarda Inglesa, pois representa sua

maior patente entre as três Forças Armadas que serviu (OLIVEIROS, 2011). Campero (2013) diz que um dos vestuários que transmite a carga de arquétipo é o terno, o qual é sinônimo de respeito e sobriedade. A estes sinônimos acrescentam-se o poder, o prestígio e a reverência para o uniforme de gala oficial utilizado pelo noivo. Tiveram dois pajens e quatro damas de honra, sem contar a irmã de Kate que era chefe das damas de honra e madrinha. Foram convidadas para a cerimônia religiosa mil e novecentas pessoas (FRANCE PRESSE, 2011a).



**Figuras 29, 30 e 31-** Modelos dos convites de casamento da Rainha Elisabeth & Philip, Duque de Edimburgo, ao lado, Príncipe Charles & Diana Spencer, no lado inferior, e Príncipe William & Catherine Middleton, abaixo.

**Fonte:** Antiques Reporter (2008); Marques (2011).



A aliança de Kate do casamento (Figura 32) foi feita em ouro galês, tradição na família real britânica, ofertado pela avó do noivo, e William não usou, nem usará, aliança (FIXMER, 2011). A noiva porta o vestido, a tiara, o buquê, o penteado, a maquiagem, os sapatos e a aliança. Aqui se constata símbolos e tradições que são encontrados em um

pequeno e único espaço, o corpo da noiva. Portanto, ela será tratada no quarto capítulo desta tese como elemento de espacialidade no que tange à sua corporeidade.

**Figura 32-** William coloca a aliança em Kate.  
O príncipe optou em não usar aliança.



**Fonte:** The British Monarchy (2011)

Na televisão britânica, a cerimônia do casal marcou como a terceira maior audiência na história, somando um total de 26,2 milhões de pessoas assistindo em diferentes emissoras que transmitiram o evento, ficando para trás pelo casamento da Princesa Diana & Príncipe Charles e um programa *The X Factor* (CARAS ONLINE, 2011). Cerca de um milhão e cem mil visitantes em Londres e dois bilhões de telespectadores em todo o mundo. Vale ressaltar que embora não detalhem os gastos com os direitos de transmissão, de pessoal e de equipamento, os canais televisivos anunciaram o custo para transmitir esse evento: BBC estimou em 2 milhões de libras, a ITV e a Sky em um milhão cada uma, conforme divulga Daily Mirror (2011a).

O evento também deixou seu registro no livro Guinness World Records 2011, conhecido popularmente como Guinness Book, o qual aponta o recorde de 72 milhões de pessoas que assistiram ao casamento pela internet, representando o maior número de transmissão ao vivo pela web, tido como *streamings*<sup>16</sup> (DAS, 2010).

Na sociedade contemporânea, vemos e somos vistos, mas acima de tudo nos projetamos nas celebridades e queremos saber o que as fazem tão belas e relevantes. Ao observar o comportamento natural desses ídolos, o observador desenvolve uma relação de identificação com suas fraquezas, subjetividades e cotidianidades. (MAZER, 2011, p. 28).

O público, seja aquele considerado idólatra ou curioso, quer assistir e/ou poder dizer futuramente que fez parte desta história. Em consequência a esse fato, as autoridades locais e a mídia internacional também se aproveitam para alavancar audiência e divisas. Desde o

---

<sup>16</sup> Transmissão ao vivo pela internet.

anúncio do casamento, a intenção era marcar o dia como uma celebração nacional, sendo um feriado nacional para garantir o maior número de pessoas para acompanhar o dia, conforme afirmou o primeiro-ministro Cameron (O'DONNELL, 2010). Nota-se aqui a intenção do verdadeiro espetáculo a ser produzido e pelo meio de como se absorve integralmente tudo o que é pensado pelos organizadores do evento. A população mundial quis assistir a esse grandioso show e a mídia procurou os mínimos detalhes para ter alguma novidade a ser transmitida para captar esse público.

O cidadão comum estende sua felicidade na imagem de seu herói, personagem ou ator e justifica sua admiração na identificação humana com o indivíduo olímpico, que é fotografado em sua fragilidade, tão humano quanto seu admirador. Dessa maneira, o ícone publicado na capa do jornal tem peso idealizado e a alteração não é mais um processo degradante, mas um reposicionamento social, uma projeção ao Olimpo. (MAZER, 2011, p. 27).

Em virtude do exposto acima por Mazer, é possível identificar algumas reações desses ícones diante de seus fãs, quando no Palácio, o casal se apresentou na sacada para as saudações e o beijo (Figura 33), o que todos que assistiam aguardavam, acompanhados da Rainha e do Duque de Edimburgo, do Príncipe Charles e de sua esposa, dos pais de Kate, do Príncipe Harry e da irmã e, agora, madrinha de Kate, Philipa. Como parte das comemorações, a Força Aérea Britânica fez uma performance no céu (DAILY MIRROR, 2011a). Desta vez, o beijo era esperado, pois os pais de William o haviam dado há 30 anos, conforme relatado anteriormente. Porém, o que foi nem tanto instintivo, mas pelo que William acreditava que era o que o público esperava, foi o segundo beijo, que traduz a mensagem de selagem de um amor consolidado. Conforme Daily Mirror (2011b) na leitura labial feita em um diálogo dos noivos durante a exposição deles na sacada, quando logo após o primeiro beijo, William diz para Kate: “Mais um. É isto, vamos. Vamos dar a eles mais um beijo. Eu te amo. Mais um beijo, mais um beijo, ok?”<sup>17</sup>.

Segundo informado pela France Presse (2011a) todos os custos relacionados diretamente ao casamento foi custeado pela família real. O custo de segurança em torno do casamento ficou em 20 milhões de libras (DAILY MIRROR, 2011a). De acordo com as informações de Sunday Times, os gastos com o vestido, o hotel e, supostamente, a lua-de-mel seriam pagos pelos Middleton, estimando-se o valor de cem mil libras (FRANCE PRESSE, 2011a). Ressalta-se que não é qualquer família plebeia que conseguiria bancar estes valores,

---

<sup>17</sup> “One more. That’s it, come on. Let’s give there another one. I love you. One more kiss, one more kiss, okay?”

considerados exorbitantes para inúmeras pessoas. Nesse sentido, cabe destacar o que Baudrillard (1995, p. 10) exara

[...] por detrás de todas as superestruturas da compra, do mercado e da propriedade privada, é sempre o mecanismo da prestação social que se deve ler na nossa escolha, acumulação, manipulação e consumo de objetos – mecanismo de discriminação e de prestígio que está na própria base do sistema de valores e de integração na ordem hierárquica da sociedade.

Ou seja, este mecanismo de discriminação e de prestígio da base do sistema de valores e de integração faz com que tenha também toda esta ostentação e espetacularização nos casamentos. Esses valores da sociedade estão cada vez mais imbuídos na sociedade como um todo, principalmente quando se aborda um casamento principesco.

**Figura 33-** O esperado beijo dos recém-casados na sacada do Palácio



**Foto:** AFP/ Getty Images/ Reuters

**Fonte:** Fotos do Mundo (2014)

A recepção foi oferecida pela Rainha para 650 convidados no Palácio de Buckingham, ao som da harpista Claire Jones (BBC, 2011a). O bolo de casamento teve oito andares, feito de dezessete bolos de frutas individuais, produzido por Fiona Cairns (Figura 34). O bolo foi cortado tradicionalmente com a espada (Figura 35) Seiscentos e cinquenta pedaços foram guardados para serem servidos em outras ocasiões especiais, nascimentos e bodas, conforme a tradição real. No batizado do Príncipe George, filho de Kate & William, foi servido uma das camadas do bolo. Além disso, um pedaço do bolo foi leiloado, pela casa de leilões Julien, e arrematado por US\$ 4.160, em novembro de 2013. Da mesma maneira,

como aponta Hilton (2013), o bolo de casamento da Rainha Elisabeth II & Príncipe Philip, que após 66 anos, em julho de 2013, foi apregoado um pedaço por 1.200 libras. O bolo de casamento do Príncipe Charles & Diana também foi vendido por 1.200 libras, segundo Piccinini (2014), bem como outros pedaços leiloados. Esses interesses nos leilões são fundamentados nas palavras de Debord (1997, p. 28) quando afirma que “O mundo presente e ausente que o espetáculo *faz ver* é o mundo da mercadoria dominando tudo o que é vivido.”

**Figura 34-** Bolo de casamento de Kate & William, produzido por Fiona Cairns



**Fonte:** Rocha (2011)

**Figura 35-** Corte no bolo feito com a espada



**Fonte:** Daily Mail Report (2011)

Além desse bolo tradicional, foi servida uma torta de chocolate (Figura 36 e 37) favorita do Príncipe William, quebrando a tradição, que era uma receita da família real (NICHOLL, 2011). Para Jung (2000a, p. 67) o

termo “arquetipo” é muitas vezes mal compreendido, julgando-se que expressa certas imagens ou motivos mitológicos definidos. Mas estes nada mais são que representações conscientes: seria absurdo supor que representações tão variadas pudessem ser transmitidas hereditariamente.

O arquetipo é uma tendência para formar estas mesmas representações de um motivo – representações que podem ter inúmeras variações de detalhes – sem perder a sua configuração original.

O bolo também vem como símbolo de um arquetipo, o qual se considera como significado a comemoração, seja aniversário ou casamento, ele deve estar sempre presente.

Após a recepção, os noivos saíram do Palácio de Buckingham rumo à Clarence House, casa do pai de William, onde trocaram de roupas e, posteriormente, foi realizado o jantar. O Príncipe Charles ofereceu um jantar dançante para 300 pessoas. O café da manhã do dia seguinte, para os que ficaram, foi ofertado pelo irmão do noivo, Príncipe Harry (BBC,

2011a). Para fazer a segurança da família real e seus convidados ilustres, estima-se que cerca de cinco mil policiais e militares estariam nas ruas para impedir qualquer ação de atentado, operação de grupo extremista ou até mesmo de simples tumultos (FRANCE PRESSE, 2011a).

**Figura 36-** Bolo preferido do Príncipe William, uma receita da família real



**Fotos:** Getty Images e Reprodução Flickr  
**Fonte:** Quem Online (2011)

**Figura 37-** Detalhe da decoração do bolo



**Fotos:** Getty Images e Reprodução Flickr  
**Fonte:** Quem Online (2011)

Desde o anúncio do noivado, o casamento entre Príncipe William & Kate Middleton trouxe repercussões positivas para a divulgação da empresa de artigos de festa da família de Kate, a qual teve um aumento de 163% de acesso na semana, porém não se sabe em efeitos de venda o que isso registrou efetivamente, conforme Wong (2011).

As informações acima demonstram o espetáculo que é criado em evento da realeza e de tudo aquilo que está interligado, além de criar mercadorias, que Debord ao tratar sobre a mercadoria como espetáculo explica que

Por esse movimento essencial do espetáculo, que consiste em retomar nele tudo o que existia na atividade humana *em estado fluido*, para possuí-lo em estado coagulado, como coisas que se tornaram o valor exclusivo em virtude da *formulação pelo avesso* do valor vivido, é que reconhecemos nossa velha inimiga, a qual sabe tão bem, à primeira vista, mostrar-se como algo trivial e fácil de compreender, mesmo sendo tão complexa e cheia de sutilezas metafísicas, *a mercadoria*. (DEBORD, 1997, p. 27).

Assim sendo, isso pode ser visto nos valores econômicos e nas mercadorias criadas a partir do anúncio do casamento. De acordo com Veredict Research, o casamento poderia adicionar 620 milhões de libras para a economia no Reino Unido (O'DONNELL, 2010).

O'Donnell (2010) ainda divulgou que milhares de canecas comemorativas de noivado foram encomendadas por uma rede de supermercados. Segundo Bergin (2010) a maior varejista da Grã-Bretanha colocou à venda online réplica do vestido usado por Kate Middleton no anúncio do noivado, no valor de dezesseis libras. O comércio começou a lançar produtos com a foto dos noivos logo após o noivado para comemorar o casamento. Muitos *souvenirs* foram comercializados em Londres e, também, em outras cidades (Figuras 38 e 39), o que gerou cerca de 600 milhões de libras para a economia inglesa (DAILY MIRROR, 2011a).

**Figura 38-** Pratos de porcelana com foto do casal real à venda



**Foto:** Getty Images

**Fonte:** R7 (2011)

**Figura 39-** Canecas sendo vendidas no comércio de Hamburgo, na Alemanha



**Foto:** Mascus Brasndt

**Fonte:** R7 (2011)

Segundo Cavalcanti (2011) os hotéis, restaurantes, lojas e atrações turísticas de Londres esperam arrecadar cerca de 700 milhões de libras em virtude do casamento real. Também existem algumas expectativas positivas e negativas de pessoas que fazem “bicos” nas ruas de Londres, como é o caso do britânico, que tem o personagem de estátua viva, que espera ter um rendimento maior nesse período do casamento; e o desenhista de retratos e caricaturas, que não tem esperança de ganhar mais tendo em vista o momento de crise financeira de vários países.

Mesmo após o casamento, ainda se repercute a força de um evento como esse na cidade, cuja se pode notar pelas vendas dos *souvenirs* no comércio de Londres, como também no aumento de cerca de 50% no número de visitantes ao Palácio de Buckingham em virtude da exposição do vestido de noiva de Kate Middleton, conforme divulga France Presse (2011b). Também foi criada uma coleção especial dos bonecos Barbie e Ken (Figura 40), que

foram fabricados com os mesmos trajes dos noivos (Figura 41) no dia da cerimônia, e estão sendo vendidos no Brasil por cerca de R\$ 300,00 a R\$ 999,99<sup>18</sup>.

**Figura 40-** Barbie e Ken



**Figura 41-** Príncipe William & Kate



**Fonte:** Camargo (2014)

**Fonte:** Camargo (2014)

Tais comercializações levam ao pensamento de Joly quando diz sobre a imagem que fica na memória e que faz com que tenham diferentes influências no comportamento individual e coletivo, conforme pode ser visto na citação abaixo:

Como saber então, quando esta memória existe, o que ela nos leva a fazer? A opinião comum pretende que as imagens mediáticas, e muito particularmente, as imagens televisivas influenciam os nossos comportamentos. O que nos impeliria à acção seria, necessariamente, a lembrança que guardamos destas imagens, porque se houver acção ela é inevitavelmente diferida: a atitude <passiva> do espectador de televisão já foi muito criticada!

A suposta influência das imagens televisivas nos nossos comportamentos seria, pois:

- levar-nos a comprar (comportamento provocado pela lembrança das imagens publicitárias); [...]
- modelar o nosso pensamento num pensamento <único> (o telejornal, as revistas); [...] (JOLY, 2002, p. 206-207).

<sup>18</sup> Valores pesquisados em 27 de julho de 2016.

Mais um evento que ratifica os aspectos sociais, políticos, econômicos e de contos de fada. Esse casamento principesco trazem aspectos no que tange: às relações sociais e políticas, por meio de seus convidados célebres, a ascensão social da família de Kate e a imagem do país; econômicos com o giro financeiro em consequência das vendas de *souvenirs*, do turismo e das contratações de fornecedores para a realização do evento; e de contos de fada, por ter mais uma vez as estórias infantis contada em tempos reais.

Três dias antes do casamento de William & Kate foi publicado pelo site do Estadão (2011) uma lista de comparação dos casamentos reais mais caros, apresentando a estimativa de todos em dólares com a conversão atual, estima-se que o casamento de Grace Kelly & Príncipe Ranier III foi o mais caro de todos, mas não se tem o valor em números, considerando acima de 100 milhões, somente a família da atriz ajudou com 16 milhões; em terceiro lugar calcula-se que tenha sido o da Princesa Diana & Príncipe Charles, com 49 milhões; em quinta posição o de Kate Middleton & Príncipe William, com 40 milhões; e em nono lugar, o casamento da Princesa Victória & Daniel Westiling, com 3 milhões.

Assim como os matrimônios de Grace Kelly, Rainha Silvia, Lady Diana e Kate Middleton, houve alguns outros casamentos de contos de fadas, quando o príncipe casa-se com uma plebeia, como os enlaces entre: 1) Wallis Simpson, socialite americana, & Rei Edward, da Inglaterra, o qual abdicou de seu trono em 1936, para casar-se com sua amada; 2) Príncipe herdeiro Haakon, da Noruega, & Mette-Marit casaram-se em 1990; 3) Príncipe Albert II, de Mônaco, com a ex-nadadora Charlene Wittstock, da África do Sul, em junho de 2011; 4) Príncipe Felipe, herdeiro de reinado espanhol, & Letizia Ortiz, jornalista, em setembro de 2001; 5) Príncipe Naruhito, herdeiro do trono japonês, & Masako, que abandonou sua carreira onde havia passado no exame de admissão no Ministério de Relações Exteriores; 6) Príncipe Holandês Willem Alexander & Máxima Zorreguieta, argentina, bancária em Nova Iorque (R7, 2010); e 7) Príncipe Carl & Sofia Hellqvist, sueca, manequim e ex-participante de um *reality show*<sup>19</sup> (PARIS MATCH, 2015).

### 2.3. Casamentos das Celebidades

A busca por uma cerimônia de conto de fada permeia o casamento de celebridades e anônimos chegando perto de megaproduções principescas, excetuando a existência em jogo de títulos de nobreza. Os casamentos de celebridades são fontes ideológicas em que se notam:

---

<sup>19</sup> Programa de televisão baseado na realidade.

**espetacularização** mediante festas suntuosas (as vezes inspiradas naquelas principescas), tornando-se também modelos de inspiração para anônimos; **apelo midiático** condizente com a sua situação mesma de celebridade que se alimenta deste apelo, ou, como o diz o ditado ‘Quem não é visto não é lembrado’. Note-se que não raro pagam para serem expostos nas revistas, jornais ou canais de televisão, ou convidam como padrinhos personalidades que lhes forneçam esta visibilidade; e **mercantilização**, visto que festas privadas se tornam verdadeiras mercadorias patrocinadas por empresas, demonstrando uma relação simbiótica entre ambas as partes (empresas e nubentes). Há casos em que se vendem os direitos de difusão das imagens à mídia, podendo ser o valor recebido doado a instituições de caridade, como acontecem com determinados casamentos principescos.

Nas entrevistas realizadas para esta tese, procurou-se identificar os casamentos de celebridades que foram vistos e que marcaram a memória das mulheres, fazendo-se a seguinte pergunta: Você chegou a acompanhar as notícias sobre algum casamento de celebridade, por quê? Duas das entrevistadas disseram não ter interesse nesse tipo de notícia, mas as restantes afirmaram positivamente, algumas delas citando nomes. Obtiveram-se as seguintes respostas:

*“Casamento daquela do funk Moranguinho. Não por interesse, mas porque estavam divulgando. Eu não sou daquelas pessoas que vou acompanhar e vou pegar para assistir ou vou pesquisar o casamento, ou vou entrar na internet para ver como foi o casamento. Não tenho esse interesse.”* (D, 34 anos, brasileira, 11/09/2015).

*Ah, a gente sempre olha. O último que eu quis ver foi o da Preta Gil, que eu acho que ela colocou tanto na rede social que ela ia casar, que aí eu quis ver quando ela casou. Às vezes eu tenho curiosidade de ver, mas assim eu não procuro. Às vezes quando eu vejo, eu entro, porque hoje em dia a rede social é muito forte, aí eu vejo o casamento de fulano, aí eu entro para ver. Não procuro, mas quando eu vejo, eu entro para ver.* (C, 37 anos, brasileira, 12/09/2015).

*“Ah, de várias né! (risos). Já perdi até as contas! Do Huck e da Angélica, um casamento que eu acompanhei bastante as fotos de revistas, jornal. [...] Daquele cantor [...], o Naldo e a Moranguinho. O casamento da [...] Juliana Paes, da Fernanda Souza com o Thiaguinho. O do Michel Teló, os dois. Mas celebridade, fala que é casamento eu já estou atenta! Se tiver alguma chamada de casamento na internet, eu olho. Eu gosto. Acho que se eu pudesse*

*eu casava de novo, sabia? Verdade, eu amo noiva, de ver a noiva arrumada, o noivo, a festa, a cerimônia, a emoção. Eu gosto! Me chama atenção. Fala casamento, eu olho! Noiva na rua... eu falo [para a filha]: “M’, olha a noiva!” Antigamente, antes de eu casar, eu adorava ficar passando perto de igreja para ver se tinha casamento acontecendo. Verdade, adoro!” (T, 38 anos, brasileira, 13/09/2015).*

*“Sim. Acho que porque são mais próximos, a gente sabe quem é, vê na televisão.” (Th, 34 anos, brasileira, 13/09/2015).*

*“Ah, da Cláudia Raia (o primeiro) [com Alexandre Frota], o do Ronaldo com a Cicarelli, da Galisteu com o Justus.” (M, 58 anos, brasileira, 11/09/2015).*

*“Não, nada. (risos)” (B, 45 anos, francesa, tradução da autora, 15/07/2015).*

*“Tony Parker e Eva Longoria, Brad Pit e Angelina Jolie, George Clooney e Amal” (V, 53 anos, francesa, tradução da autora, 12/06/2015).*

*“Não, não muito, não me interessa.” (G, 40 anos, francesa, tradução da autora, 31/03/2015).*

Dentre os casamentos citados pelas entrevistadas, por uma questão de seleção diante do que se pretende discutir nesta tese, não serão apresentados os casamentos da Juliana Paes, do Thiaguinho e do Michel Teló, mas sim os mais exemplares, tendo em vista a repercussão na mídia, como também para não ter uma repetição de fundamentação teórica e das informações com relação aos demais casamentos discutidos a seguir, os quais são: Cláudia Raia & Alexandre Frota, Adriane Galisteu & Roberto Justus, Daniella Cicarelli & Ronaldo, Naldo Benny & Ellen, Preta Gil & Rodrigo Godoy, Angelina Joly & Brad Pit, George Clooney & Amal, Demi Moore & Ashton Kutcher e Eva Longoria & Tony Parker.

Primeiramente, ressalta-se que a cerimônia da maioria desses casamentos ocorreu nas cidades habitadas pelas celebridades (Cláudia Raia & Alexandre Frota, Adriane Galisteu & Roberto Justus, Naldo Benny & Ellen, Preta Gil & Rodrigo Godoy), mas houve ainda quem escolhesse se casar alhures ao seu local de residência, como por exemplo, Daniella Cicarelli & Ronaldo, Angelina Joly & Brad Pit e George Clooney & Amal. Este deslocamento do eixo do local de residência para outro distanciado – inclusive transcontinental – já se configura em motivo de espetacularização e de apelo midiático na geografia do casamento das celebridades.

Um casamento que foi muito projetado na mídia e que recebeu comentários e críticas foi o dos atores Cláudia Raia e Alexandre Frota (Figura 42), que ocorreu em dezembro de 1986 na tradicional Igreja da Candelária, no Centro do Rio de Janeiro, no Brasil. O casal convidou sessenta padrinhos, mas somente vinte compareceram na igreja, conforme divulgado pela Manchete (2014). Entretanto, na Veja (1986), a informação é de que o casal teria convidado vinte e cinco padrinhos, porém dez estiveram presentes. Segundo o que foi noticiado pela Folha de São Paulo (1986) sobre a quantidade de pessoas que quiseram assistir ao casamento é notado claramente o anseio especulativo de anônimos sobre a vida de um casal célebre, havendo subversão da prática ritualísticas em prol de uma formalidade mercadológica (uso de crachás pelos padrinhos) num espaço alheio a isto, conforme segue: “Gente pisoteada quando as portas da Candelária foram entreabertas para a entrada dos noivos, padrinhos que tiveram que apresentar crachás para chegar ao altar”. Pascowitch (1986), ainda acerca dos caracteres midiático, espetacular e mercadológico, relata que foram contratados figurantes pela produção do casamento. De acordo com a Manchete (1986), a noiva chegou em um Jaguar com uma hora de atraso. Para a saída da igreja houve reforço da polícia militar a fim de garantir a saída dos noivos e de alguns padrinhos famosos, como Lauro Corona, Yoná Magalhães e Chacrinha – o que nos leva a refletir sobre a influência dos noivos a ponto de deslocarem o serviço de segurança pública para uma festa privada.

Ainda é relatado que o casamento “foi uma produção digna da ostentação cafona de um capítulo final de novela das oito, com toques de dramalhão mexicano” (FOLHA DE SÃO PAULO, 1986, A-29). O ritual teve apenas 15 minutos de duração. A festa foi no Hotel Copacabana Palace para 400 pessoas. Os noivos pouco investiram, receberam o buffet da recepção como presente do padrinho Anísio Abraão (banqueiro do jogo do bicho do Rio de Janeiro e patrono da Escola de Samba Beija Flor de Nilópolis pela qual a atriz até hoje desfila), a decoração e locação da igreja foram oferecidos por outro padrinho e a lua-de-mel para o Havaí como permuta de campanhas publicitárias de uma agência de viagens (VEJA, 1986). Assim, percebe-se que o evento mobilizou e uniu estranhamente tanto a contravenção representada pelo banqueiro do jogo do bicho, quanto o poder público, na cessão de destacamento militar para segurança, além de inúmeros famosos e anônimos numa cerimônia em que se utilizaram arquétipos ritualísticos, trazendo referências de modelos principescos pela importância dada ao comprimento do véu (Figura 43) (mas o véu da atriz superou até mesmo os das princesas). Entre as manifestações de espetacularização deste casamento

desfeito em 1989, destaque-se a quantidade de padrinhos convidados e da curiosidade das pessoas em participar de um casamento de uma celebridade. Sobre este último aspecto, vale ressaltar uma passagem da obra de Debord na qual aponta

Considerado em sua totalidade, o espetáculo é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. Não é um suplemento do mundo real, uma decoração que lhe é acrescentada. É o âmago do irrealismo da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos –, o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade. É a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e o consumo que decorre dessa escolha. Forma e conteúdo do espetáculo são, de modo idêntico, a justificativa total das condições e dos fins do sistema existente. O espetáculo também é a presença permanente dessa justificativa, como ocupação da maior parte do tempo vivido fora da produção moderna. (DEBORD, 1997, p. 14).

**Figura 42-** Casamento de Cláudia Raia & Alexandre Frota



**Foto:** Nilton Ricardo

**Fonte:** Manchete (1986)

**Figura 43-** Véu da noiva com 20 metros de comprimento



**Foto:** Fernando Pimentel

**Fonte:** Veja (1986)

Sobre o pensamento de Debord reflete-se esse casamento como um projeto real cercado por irrealismos que a própria sociedade lhe atribui e ainda o tanto que este evento serviu ao projeto do modo de produção existente pela venda de jornais, revistas e “sonhos de consumo”. Faz de um momento importante da vida, uma publicidade, um imperativo de

afirmação e de consumo. Este consumo é marcado pela profissão dos noivos, pela necessidade de estarem permanentemente em foco para terem a manutenção de suas imagens na mídia.

No enlace matrimonial entre Adriane Galisteu, modelo e apresentadora, e Roberto Justus, empresário, realizado em dezembro de 1998, em São Paulo, é possível notar: as insígnias, o vestido branco e o buquê de arruda, a tiara (Figura 44); e o “feliz para sempre”, dos contos de fadas, na reportagem de Bá (1998, p. 157, grifo da autora).

A noiva estava de **branco**. E apaixonada. **Encerram-se aí as manifestações de apego às tradições**. [...] Adriane entrou sozinha, radiante no **vestido bem simplezinho**, não obstante a **griffe** Valentino. **Tiara** de ouro branco na testa, cabelos soltos, bronzeada como se saísse do forno naquele instante e magérrima, ela desfilou com pose e passo de modelo até o altar, onde, em cerimônia de menos de quinze minutos, se uniu ao publicitário paulista Roberto Justus. Na mão, um **buquê de arruda**, para "afastar o mau-olhado", providência de primeira necessidade no caso de uma mulher linda, famosa e rica que encontrou um tremendo bom partido e **faz planos de viver com ele feliz para sempre**, ou pelo menos enquanto durar.

**Figura 44-** Adriane Galisteu com o vestido branco, buquê de arruda e tiara



**Foto:** Antonio Milena

**Fonte:** Bá (1998)

Bá (1998) descreve que as manifestações de apego às tradições encerram-se no branco do vestido. Porém, ainda se tem outra forte tradição que é o buquê. A tiara, muitas vezes é uma tradição, mas é, principalmente, um símbolo. Todos esses símbolos, o vestido branco, a tiara, o buquê no momento que geram um significado emocional para o indivíduo, confirmam um arquétipo ritualístico.

Outro trecho relevante a ser destacado na reportagem acima é “vestido bem simplesinho”, mas logo em seguida, aponta ser um vestido de grife. Para muitas pessoas, o vestido de noiva precisa ser um modelo de destaque, diferente e com a pompa que o momento requer, como foi o caso da atriz Cláudia Raia acima citado. Ao mencionar ser um vestido de uma renomada grife demonstra-se a importância que tais marcas (as grifes) impõem o *status* esperado da noiva e que, conseqüentemente, oferece *glamour* tanto desejado por muitas mulheres. Entretanto, não se tem regras para tal escolha, isso é sempre uma preferência de gosto pessoal e condições financeiras. O “felizes para sempre” deste casamento durou oito meses.

Daniella Cicarelli, modelo e apresentadora, e Ronaldo Nazário de Lima, atualmente empresário e ex-jogador de futebol, escolheram como cenário para o casamento o Castelo de Chantilly, na França (Figura 45). Culturamix (2014) informa que “A festa foi num castelo na França e a celebração foi preparada para que os noivos se sentissem como um príncipe e uma princesa”. Uma festa de casamento com ares de contos de fadas aconteceu aos 14 de fevereiro de 2005, para 250 convidados, e contou com um forte esquema de segurança, com cerca de cinquenta seguranças, inclusive da polícia francesa, batedores em motocicletas e cães, impossibilitando a presença da imprensa mundial e de intrusos, evitando registros fotográficos de jornalistas e, até mesmo, dos próprios convidados, que não puderam portar máquinas fotográficas ou celulares que tivessem essa ferramenta.

Culturamix estabelece a tradicional referência ao conto de fada: “A história de amor entre o sapo e a princesa parecia de conto de fada” (2014). Foi estimado que o evento teve um custo de 2,3 milhões de reais, realizado em março de 2005 (CASAMENTOCLICK, 2014b). A modelo, em entrevista concedida a revista Isto é, disse:

Casamos na Europa porque o Ronaldo não poderia vir para o Brasil. Ele tinha que casar na Europa. Daí fomos procurar um lugar. **O castelo de Chantilly custava 15 mil euros** (pouco mais de R\$ 45 mil). Mas juntou o casamento em Paris, no castelo de Chantilly, o **vestido Valentino** e **foi se tornando um fenômeno**. Foi uma festa em que as pessoas se divertiram. **Não teve nenhum luxo nem extravagância**, a não ser o fato de se realizar

na Europa. Os convidados levaram para casa, se tanto, um doce bem-casado. Mas eu sei da realidade brasileira. Eu não moro na Europa e não ganho em euro e sei o preço das coisas. **Aquilo então soava como ostentação.** (KUPFER, 2005, grifo da autora).

Destacam-se as palavras da modelo e apresentadora para refletir se casar no castelo de Chantilly e a marca Valentino não sejam luxo e extravagância. Claro que tudo isso se depende do ponto de vista de quem as falam e de quem as recebem. Para as pessoas que estão nesse meio midiático, talvez tais itens sejam mesmo “normais e triviais”, pois fazem parte do seu cotidiano, da sua vida e dos seus hábitos de consumo, mas talvez para uma parcela de pessoas que não podem pagar ou serem presenteados com isso, são sim luxo e extravagância. Todos esses comentários se ratificam no pensamento de Debord (1997, p. 18)

A primeira fase da dominação da economia sobre a vida social acarretou, no modo de definir toda realização humana, uma evidente degradação do *ser* para o *ter*. A fase atual, em que a vida social está totalmente tomada pelos resultados acumulados da economia, leva a um deslizamento generalizado do *ter* para o *parecer*, do qual “ter” efetivo deve extrair seu prestígio imediato e sua função última. Ao mesmo tempo, toda realidade individual tornou-se social, diferentemente dependente da força social, moldada por ela. Só lhe é permitido aparecer naquilo que ela *não é*.

**Figura 45-** Casamento de Daniella Cicarelli & Ronaldo



**Fonte:** Casamentoclick (2014b)

Obviamente não é qualquer pessoa que pode se casar em um Castelo como o de Chantilly, ou tampouco com um vestido de alta costura (pois sim, a marca é considerada um

item de luxo), nem mesmo investir o montante gasto com o evento, isto é um perfil de evento que não é comum na sociedade brasileira, nem mesmo na francesa, onde o casamento foi realizado, a fim de não abordar questões econômicas, como a conversão da moeda em euros para reais. Também vale ressaltar que a cerimônia não foi oficializada judicialmente, sendo somente uma celebração da união, pois o jogador ainda estava legalmente casado com a esposa anterior. O padre Antonio Maria Borges deu uma bênção ao casal na cerimônia na França e, isso, gerou polêmica, principalmente dentro e fora da igreja, pois por Ronaldo ainda estar casado oficialmente com Milene, o casamento entre Ronaldo e Daniella não é reconhecido pela Igreja, de acordo com Iavelberg (2005) e Lobato (2005). Este fato se ratifica de acordo com o Código Civil de 2002, conforme descrito no capítulo 1 desta tese:

Art. 1.516. O registro do casamento religioso submete-se aos mesmos requisitos exigidos para o casamento civil.

[...]

§ 3º Será nulo o registro civil do casamento religioso se, antes dele, qualquer dos consorciados houver contraído com outrem casamento civil. (BRASIL, 2002).

Daniella, em entrevista concedida à revista Isto é, em junho de 2005, afirma que foi oferecido 500 mil euros para a cobertura de um jornalista dentro do casamento, mas o casal não aceitou (KUPFER, 2005). Mas esse conto de fada não teve um final feliz e o casamento durou apenas 86 dias. Ainda se repercutiu o fato da noiva ter expulsado uma convidada, a também top model Caroline Bittencourt, que não havia sido convidada. Entretanto, quem ganhou fama e teve um aumento de 900% no cachê foi a modelo expulsa, Caroline, conforme informa Folhaonline (2005). Ou seja, não só os noivos se favorecem da midiaticização e da espetacularização, mas também os convidados por motivos diversos.

Outro casamento de artistas brasileiros que teve uma grande repercussão na mídia do país, tanto antes quanto depois do enlace foi o de Nando Benny, cantor funkeiro, e Ellen Cardoso, ex-dançarina que ficou conhecida como Mulher Moranguinho. O evento aconteceu no dia 23 de setembro de 2013, para cerca de 500 pessoas, no salão de festas, na zona oeste do Rio de Janeiro, no Garden Party III<sup>20</sup>. Para a cerimônia religiosa o casal também excedeu e escolheu dois corais: um gospel e um de música clássica executada pelo coral Del Chiaro. Os noivos incluíram na recepção uma mesa de jogos, cassino e drinks com os nomes das músicas do cantor. As extravagâncias apontadas ficaram por conta dos trajes dos noivos e do convite.

---

<sup>20</sup> Estrada Cafundá, 2162, Jacarepaguá, Rio de Janeiro. <http://www.gardenparty.com.br/>

O traje do noivo foi um terno em tecido brilhante de R\$ 12 mil, uma gravata com brilhantes e um sapato de R\$ 15 mil (Figura 46) (ADELYTA, 2013).

**Figura 46-** O sapato de 15 mil reais e a gravata com brilhantes usadas por Naldo Benny no dia do seu casamento com Ellen



**Fonte:** Adelyta (2013)

O convite, com um custo avaliado em R\$ 28 mil, teve: um brasão da família a ser constituída; um código de barras no cartão do convite a fim de evitar a entrada de penetras (que permitia a entrada e ao fazer a leitura em roleta eletrônica seria enviado um e-mail ao convidado agradecendo a presença); e o aroma da combinação dos perfumes dos noivos, sendo contratada uma ex-perfumista da marca Channel (LARINI, 2014). Neste sentido, como observa Debord (1997, p. 33), “O consumidor real torna-se consumidor de ilusões. A mercadoria é essa ilusão. A mercadoria é essa ilusão efetivamente real, e o espetáculo é sua manifestação geral.” Essa ostentação vem do que a própria sociedade atual busca, uma necessidade de demonstração de *status* e poder que, por vezes, é uma simples ilusão.

Algumas celebridades têm a fantasia de viver um conto de fada, o que foi demonstrado pela noiva quando tinha em mente chegar à cerimônia em uma carruagem com cavalos brancos, mas que, ao final, mudou de opinião e trocou por um carro de luxo, um jaguar. Mas, não foi somente esta a sua inspiração principesca. Segundo a revista Caras Online, em 06 de agosto de 2013: “O casamento de Naldo com a ex-dançarina será inspirado na união de Kate Middleton e do príncipe William”. Destaca-se a foto do bolo de casamento dos noivos Naldo & Ellen (Figura 47) e Kate & Príncipe William (Figura 48) e o detalhe do brasão de ambas as famílias (Figura 49 e 50).

**Figura 47-** Bolo de casamento de Naldo e Ellen, cópia da criação de Fiona Cairns que confeccionou o bolo de Kate Middleton & Príncipe William



**Fonte:** Tendência de Mulher (2013)

**Figura 48-** Bolo de casamento de Kate Middleton & Príncipe William de oito andares, com dezessete camadas, feito pela designer de bolo Fiona Cairns



**Fonte:** Benini (2014)

**Figura 49 e 50-** Detalhe do brasão das famílias no bolo, de Naldo & Ellen (acima) e Kate & William (abaixo)



**Fonte:** Tendência de Mulher (2013) e Daily Mail Report (2011)

O casamento de Naldo & Ellen foi comparado com o casamento de Cláudia Raia & Alexandre Frota em termos de exposição na mídia e ostentação, foram alvos de muita crítica e comentários. Como é apresentado por Angelo (2013):

Para muitos, um festival de mau gosto, para outros algo inesquecível. A ostentação também deu o tom. Frota e Raia escolheram a Candelária e o Copacabana Palace para a grande festa. Já os tempos austeros de hoje fizeram que a festa de Naldo fosse em um salão para 500 pessoas, mas com muitos “requintes” como cristais e um brasão da nova família. Existia tanto naquela como nesta cerimônia uma vontade de exibição excessivamente pública do evento.

E aí chegamos ao quesito mais importante, a ação midiática. Os dois foram produtos de marketing.

Outro casamento de celebridade brasileira que teve muita ostentação foi o da cantora Preta Gil & Rodrigo Godoy, *personal trainer*, que ocorreu no dia 12 de maio de 2015, na

Igreja Nossa Senhora do Carmo (Figura 51) com recepção na mansão da empresária Lilibeth Monteiro de Carvalho, ambos os locais no Rio de Janeiro.

**Figura 51-** Igreja Nossa Senhora do Carmo decorada para o casamento de Preta Gil & Rodrigo Godoy



**Fonte:** Medina (2016)

Os preparativos para o casamento e um resumo da cerimônia e da festa foram postados em vídeos curtos em canal da internet, no youtube.com, para que todos pudessem acompanhar como se fosse um reality show. De acordo com Debord (1997, p. 20)

Se o espetáculo tomado sob o aspecto restrito dos “meios de comunicação de massa”, que são sua manifestação superficial mais esmagadora, dá a impressão de invadir a sociedade como simples instrumentação, tal instrumentação nada tem de neutra: ela convém automovimento total da sociedade.

Este pensamento de Debord pode ser facilmente visto na internet, quando em diversas mídias foi divulgado o aspecto ostensivo desse enlace matrimonial, demonstrado por meio dos números e dos produtos e serviços contratados, como: 700 convidados, 56 padrinhos, 50 mil pérolas no vestido, 400 garrafas de champanhe *Veuve Clicquot*, 7 mil rosas brancas, 4 mil pétalas de orquídeas, 18 metros quadrados de rosas para um painel (Figura 52) para serem tiradas as fotos com os convidados, 14 lustres Baccarat (Figura 53), 2 mil bem-casados, 115 garçons, 12 horas de festa, 01 *food truck*, 01 carrinho de acarajé e muito mais (REIS, 2015; QUEMONLINE, 2015; TODA, 2015).

**Figura 52-** Painel de 18 m<sup>2</sup> de rosas para servir de fundo para fotos e compor a decoração



**Foto:** Reprodução Instagram/ Flávia  
**Fonte:** Purebreak (2016)

**Figura 53-** Lustres Baccarat vindos de São Paulo para decorar o ambiente



**Foto:** Reprodução  
**Fonte:** Quemonline (2015)

O convite aos padrinhos (Figura 54) teve uma novidade, uma TV de LCD acoplada que é acionada quando o convite é aberto e o vídeo automaticamente começa a rodar, a unidade para este capricho saiu por R\$ 500,00, porém, quanto maior a quantidade encomendada, menor o seu valor unitário; entretanto neste preço não estava inclusa a gravação do vídeo (LACERDA, 2015). Foram várias as lembranças ofertadas: um carregador de celular (Figura 55), uma caixa de bem-casados, picolé da marca Dilleto e um par de havaianas personalizadas, entre outras (ICASEI, 2015). A mídia aponta que o valor desse investimento seria em torno de 2 milhões. Isso posto, remete-se mais uma vez às palavras de Debord

Como indispensável adorno dos objetos produzidos agora, como demonstração geral da racionalidade do sistema, e como setor econômico avançado que molda diretamente uma multidão crescente de imagens-objetos, o espetáculo é a *principal produção* da sociedade atual. (DEBORD, 1997, p. 17).

A sociedade atual faz-se valer da ostentação nos casamentos. Parece que a cada dia, para realizar um casamento é preciso que tenham produtos e serviços variados e completos, quando se alcança toda essa gama, é possível demonstrar seu *status* através de um espetáculo

e, muitas vezes, não mais o significado do ritual de passagem. Sendo assim, ressalta-se o pensamento de Debord ao dizer que

A origem do espetáculo é a perda da unidade do mundo, e a expansão gigantesca do espetáculo moderno revela a totalidade dessa perda: a abstração de todo trabalho particular e a abstração geral da produção como um todo se traduzem perfeitamente no espetáculo, cujo *modo de ser concreto* é justamente a abstração. (DEBORD, 1997, p. 23).

**Figura 54-** Convite para padrinhos com TV de LCD e vídeo personalizado



**Foto:** Leonardo Benassatto / Futura Press

**Fonte:** Lacerda (2015)

**Figura 55-** Lembrança aos convidados, kit para carregar celular



**Fonte:** Icasei (2015)

O ator hollywoodiano George Clooney, no dia 27 de setembro de 2014, uniu-se à advogada Amal Alamuddin, em uma cerimônia privada para 100 pessoas. Um casamento realizado numa das cidades tidas como mais românticas do mundo, Veneza. Antes de apontar os números gastos com esse evento, apresenta-se Debord e seu pensamento sobre a cisão entre espetáculo e prática social, em que prevalece no primeiro uma produção plena de sinais que o demonstram como espetáculo mesmo e, neste caso, como uma megaprodução.

A prática social, diante da qual se coloca o espetáculo autônomo, é também a totalidade real que contém o espetáculo. Mas a cisão dessa totalidade a mutila a ponto de fazer parecer que o espetáculo é seu objetivo. A linguagem do espetáculo é constituída de sinais da produção reinante, que são ao mesmo tempo a finalidade dessa produção. (DEBORD, 1994, p. 15).

Os custos desse casamento são altos, estimados em 10 milhões de euros, a começar pelo hotel Cipriani, que foi inteiramente reservado para os convidados, ao valor de 140 mil; mais de 400 mil em segurança, aqui se incluem os celulares sem aparelho de foto aos convidados, os quais não puderam usar os seus próprios aparelhos; outros 400 mil de

transporte, abrangendo as passagens aéreas de seus convidados; 23 mil de tequila; 80 mil em refeição; 2,4 milhões de entretenimento e 600 euros pela cerimônia oficial (LE PARISIEN, 2014). Note-se que neste casamento, como no de Ronaldo e Daniella Cicarelli a tomada de imagem pelos convidados em seus celulares foi praticamente proibida, o que ficando explícita a restrição ao uso da imagem e ratificando sua situação de celebridade. Com isso, a confiança recíproca na participação ritualística tornou-se secundária comparativamente ao regulamento (PARKIN, 1992).

Segundo EOnline (2014), o ator vendeu as fotos para duas revistas por sete milhões de dólares, os quais foram doados para caridade. As revistas Hello (Figura 56) e People (Figura 57) puderam divulgar as imagens, com exclusividade, para Europa e América do Norte, respectivamente (BILAN, 2014). De acordo com Silva (2005, p. 1), “As informações procuram ser codificadas em palavras, gestos, cores presentes nas imagens. Este é o esforço das revistas de sucesso.” Dessa maneira, as imagens das celebridades falam por si e vendem as revistas a partir do momento que ficam expostas aos olhares do público. Na mídia, “As próprias revistas de celebridades são fruto das práticas hedonistas de consumo, adequadas ao modelo de gestão corporal vigente. Esses veículos são, portanto, objeto de consumo visual.” (MAZER, 2011, p. 21). Isso acontece em virtude do interesse das pessoas em saber mais sobre os casamentos das celebridades, entre outros assuntos. As revistas pagam esses valores exorbitantes, pois sabem que terão o retorno desse investimento e, assim, a sociedade do espetáculo se consolida.

Outro recente casamento propagado internacionalmente foi o de Angelina Jolie & Brad Pitt, realizado no castelo de Miraval, em Correns, na França, que é de propriedade do casal (PEOPLE, 2014). Eles se aproximaram com as filmagens de Sr. e Sra. Smith e, depois de nove anos de relação e seis filhos, casaram-se em cerimônia íntima e laica, em capela privada, por um juiz californiano, no dia 23 de agosto de 2014, em sigilo guardado por seus filhos e vinte e dois convidados (PREMIERE, 2014). Angelina teve seu vestido branco desenhado por Luigi Massi, do Atelier Versace, e o véu teve desenhos de seus filhos bordados à mão (PEOPLE, 2014). A este fato recorre-se à Baudrillard quando aborda em sua obra “O sistema dos objetos” sobre o objeto personalizado. Para o autor

Ao multiplicar os objetos, a sociedade desvia para eles a faculdade de escolher e neutraliza assim o perigo que sempre constitui para ela esta exigência pessoal. Fica claro a partir daí que a noção de “personalização” é mais do que um argumento publicitário: é um conceito ideológico fundamental de uma sociedade que visa “personalizando” os objetos e as crenças, integrar melhor as pessoas. (BAUDRILLARD, 2009, p. 149).

**Figura 56-** Divulgação do casamento de George Clooney e Amal na revista Hello



**Fonte:** Bilan (2014)

**Figura 57-** Divulgação do casamento de George Clooney e Amal na revista People



**Fonte:** Bilan (2014)

Nota-se essa personalização do véu realmente como algo a mais do que um argumento publicitário e sim como um “conceito ideológico”, tendo em vista o que é exposto continuamente sobre o pensamento do casal dado às causas sociais e à família. Com essa atitude, o casal concederia aos filhos a oportunidade de participar desse projeto familiar, demonstrando a importância deles em suas vidas.

As alianças eram de 16 quilates, estimados em 500 mil dólares (PEOPLE, 2014). De acordo com Bustle (2014) os direitos pela divulgação das fotos, vendidas para duas revistas, Hello (Figura 58) e People (Figura 59), foi em torno de 20 milhões de dólares, entre 2,5 a 4 milhões por foto, em virtude da venda das fotos de seus gêmeos ter custado por volta de 3 milhões de dólares cada, fundos doados à caridade. De acordo com Mazer

É o consenso que permite a transformação da criação e da presença humana em mercadoria. Numa cultura hegemônica dominante, onde o corpo feminino é considerado ornamento, ao consentir que seu corpo seja exibido em massa, a mulher está considerando, consciente ou inconscientemente, vantajosa a possibilidade de ser reconhecida por seus atributos físicos. Ela vai de encontro consensual ao modelo hegemônico de exploração de imagens corpóreas, ainda que não se dê conta. Nesse sentido, o corpo-imagem publicado nas capas dos jornais dá à imagem feminina um caráter mercadológico. (MAZER, 2011, p. 22).

**Figura 58-** Divulgação do casamento de Brad Pitt e Angelina Jolie na revista Hello



**Figura 59-** Divulgação do casamento de Brad Pitt e Angelina Jolie na revista People



**Fonte:** People (2014)

**Fonte:** People (2014)

A imagem da atriz e seu marido já tem um caráter mercadológico de grande repercussão. Sua imagem vestida de noiva e o beijo do casal selando a união engrandecem ainda mais esse aspecto mercantil. O véu com o desenho de seus filhos traz uma ideia mais forte sobre a importância da família para o casal e todo esse contexto faz com que as revistas tenham interesse em comprar a divulgação desse casamento, mesmo a altos custos. Silva, em seu trabalho sobre “Imagens sintéticas”, diz que

A imagem sintética agrega informações utilizando elementos comuns como os estereótipos relativos às expressões corporais e o uso codificado das cores. Mais importante, simboliza a contemporaneidade em um de seus elementos mais caros: apresenta uma proposta de sentido aos fatos, que se torna possível dentro de uma certa temporalidade. Por vezes, tem como objetivo dar conta do espírito de um período determinado, aprisionando a comunicação à captura do tempo. (SILVA, 2005, p. 1).

Por isso, utiliza-se o conceito dado pela autora para tratar essas imagens divulgadas pelas revistas, principalmente quando estão expostas em suas capas as celebridades em um ritual de passagem importante que marca a sua vida pessoal, a cerimônia do casamento, pois as mulheres estão vestidas de noivas, que são estes elementos destacados e servem como

estereótipos relativos às expressões corporais e ao uso codificado das cores, no caso, em geral é o branco. A autora, em sua análise sobre as imagens nas capas de revistas, aponta que

Com suas soluções de cores, não há capas transparentes. Os silêncios ocupam os espaços dessa inexistência. Onde a palavra não fala, a imagem mostra seu potencial, vinculada que é a nossos grandes mitos. A cor faz parte de um código irrevogavelmente presente, pois o meio não pode ser sem cor. Já as expressões corporais compõem um código que se escolheu como fundamental. Não é parte intrínseca da composição de uma capa, mas comparece na grande maioria delas. A primazia dos corpos nas imagens analisadas leva a questionar seus usos e significados.

O apelo é usar um código arraigado, não ousar muito, aproveitar a moral dos corpos existente. Com isso padrões corporais são reiterados, permanecem prosa que ordena o mundo, proposta por meios de comunicação de sucesso. (SILVA, 2005, p. 1).

Dessarte, no capítulo quatro desta tese descreve-se a corporeidade da noiva, todas as outras informações passadas pelo corpo da noiva quando está pronta para o seu aparecimento diante do público, apresentando tanto os elementos utilizados para que entre nesse personagem quanto a performance do corpo, dos gestos e da postura.

A essa lista de pagamentos pela difusão das fotos das celebridades, adiciona-se ainda o da atriz Demi Moore e Ashton Kutcher (Figura 60), em outubro de 2005, que rendeu 3 milhões de dólares (FORBES, 2009a); Eva Longoria, atriz, e Tony Parker, jogador de basquete, (Figura 61), em 2007, ao preço de 2 milhões (FORBES, 2009b). Portanto, as editoras pagam pela difusão da imagem, não apenas por serem celebridades, mas porque com essas imagens é possível explorar os potenciais e fazer diversas associações, além de promover a revista. O que se espera não é somente conseguir o retorno destes valores investidos na venda das unidades, mas sim na comercialização dos espaços internos, ou seja, com as propagandas que serão incorporadas às páginas internas. O que se entende é o que foi discutido acima respaldado por autores como Mazer e Debord, onde a imagem do corpo se transforma em mercadoria.

Eva Longoria & Tony Parker uniram-se pelo casamento civil, no dia 06 de julho de 2007, na *mairie* do 4º *arrondissement* de Paris, e ofertaram um jantar no restaurante Baccara para os que compareceram à cerimônia (DOMAIN, 2007a). No dia seguinte, 07 de julho, ocorreu na Igreja *Saint-Germain l'Auxerrois* o casamento religioso e, após a celebração, o casal recebeu os 250 convidados no *Château Vaux-le-Vicomte* (Figura 62), um castelo do século XVII. (DOMAIN, 2007b). Jean-Charles de Vogüé, cuja família é proprietária do castelo desde 1875, explica que “As pessoas fazem [a festa no castelo] menos por motivos

financeiros [e mais] pelo prestígio e pela publicidade.”<sup>21</sup> (20MINUTES, 2007, tradução da autora).

**Figura 60-** Divulgação do casamento de Demi Moore e Ashton Kutcher na revista OK!



Fonte: Forbes (2009a)

**Figura 61-** Divulgação do casamento de Eva Longoria e Tony Parker na revista OK!



Fonte: Forbes (2009b)

A aliança da atriz continha 107 diamantes. A lembrança ofertada às amigas mais próximas da atriz foi um bracelete em ouro de 18k da *Van Cleef & Arpels Sweet Alhambra*, antes de estar à venda nos Estados Unidos, e todas as convidadas receberam um kit de maquiagem da L’Oreal Paris (CASAMENTOCLICK, 2016). Isto exemplifica o pensamento de Debord ao afirmar que

O espetáculo é a outra face do dinheiro: o equivalente geral abstrato de todas as mercadorias. O dinheiro dominou a sociedade como representação da equivalência geral, isto é, do caráter intercambiável dos bens múltiplos, cujo uso permanecia incomparável. O espetáculo é seu complemento moderno desenvolvido, no qual a totalidade do mundo mercantil aparece em bloco, como uma equivalência geral àquilo que o conjunto da sociedade pode ser e fazer (DEBORD, 1997, p. 34).

As palavras de Jean-Charles de Vogüé e as lembranças ofertadas pelos noivos demonstram efetivamente que “o espetáculo é a outra face do dinheiro”, afinal é um dos

<sup>21</sup> “On le fait moins pour ce que ça peut rapporter directement financièrement que pour le prestige et la publicité”.

aspectos que se buscou explicar neste capítulo, que as pessoas procuram por lugares para fazerem as cerimônias de casamento, assim como, contratam diversos produtos e serviços, a fim de que possam exibir sua capacidade financeira e seu *status* social.

**Figura 62-** *Château Vaux-le-Vicomte*, lugar de prestígio onde foi realizado casamento de Eva Longoria e Tony Parker



**Foto:** Caroline Fontana

**Fonte:** Bela Arte (2016)

Embora não tenha sido citado por nenhuma das entrevistadas, faz-se necessário demonstrar que alguns casamentos aparecem na mídia, mas de forma muito negativa, como foi o caso do casamento de Beatriz Barata, neta do maior empresário de ônibus do Rio de Janeiro, no Brasil, Jacob Barata, & Francisco Feitosa Filho, filho do dono da maior empresa de transportes do Ceará, cerimônia que ficou pejorativamente citada na mídia carioca como “casamento da Dona Baratinha”. A chegada da noiva foi marcada por manifestos da população, que reivindicavam contra o aumento em vinte centavos dos passes de ônibus, e que teve seu conto de fada estremecido pelo susto. A cerimônia religiosa aconteceu na Igreja Nossa Senhora do Monte do Carmo e a recepção no Hotel Copacabana Palace, no Rio de Janeiro, no dia 14 de julho de 2013. A noiva usou um colar e brincos de brilhantes e uma **coroinha** de ouro e grandes brilhantes, no alto da cabeça, **tradição das noivas da família.**

Foi difícil conter os protestantes (Figura 63), precisando-se de um cordão de isolamento dos policiais para a entrada na igreja (Figura 64), um cortejo diferente do que o sonhado no casamento, com as damas de honra e pajens.

**Figura 63-** Manifestante vestida de noiva no protesto no casamento de Beatriz Barata & Francisco Feitosa Filho



**Foto:** Luiz Roberto Lima

**Fonte:** Angel (2013)

**Figura 64-** Cordão de isolamento dos policiais para a noiva Beatriz Barata entrar na igreja em seu casamento com Francisco Feitosa Filho



**Foto:** Marcos Tristão

**Fonte:** Berta e Magalhães (2013)

Depois, na recepção oferecida para 1050 pessoas dos 1200 convidados, do lado de fora ainda se mantinha a manifestação com grau de agressividade cada vez maior, enquanto, do lado de dentro, eram servidos champanhes *Veuve Clicquot*, uísques *Black Label*, caipirinhas, saquês, coquetéis, comida, doces, bem-casados, tudo ao show do Latino. Por volta das quatro horas da manhã chega o batalhão de choque e lança bombas de gás lacrimogênio, balas de borracha e gás de pimenta como uma tentativa de abrandar a ferocidade dos manifestantes (ANGEL, 2013). Estima-se que foram gastos cerca de dois milhões de reais no casamento, segundo Afonso (2014). Nenhuma noiva pensa em um casamento como esses, que por maior que seja a proteção, ainda fica o medo de acontecer algo inesperado.

Dessa maneira, partiu-se para analisar os rituais como espacialidades dos casamentos, inclusive os principescos e dos contos de fada, tido aqui como modelos simbólicos de casamentos, apresentando também os rituais das noivas entrevistadas, com os posicionamentos e direcionamentos dos personagens, mapeando seus trajetos percorridos antes e após a oficialização do ritual.

### CAPÍTULO III

#### OS RITUAIS COMO ESPACIALIDADES DO CASAMENTO

No Capítulo I abordou-se sobre a fabricação/transposição do casamento em uma escala do casamento enquanto modelo de instituição; analisou-se e comparou-se a legislação específica sobre casamento no Brasil e na França, bem como seus dados estatísticos dos números de casamentos. O Capítulo II, ainda na mesma escala mundial, tratou-se das imagens midiáticas e dos contos de fadas como padrões que são absorvidos pela sociedade.

Este Capítulo III maximiza-se a escala estudando-se os rituais como espacialidades concretizadas no casamento. Tem-se como objetivo demonstrar que as espacialidades se dão à maneira de rituais nos casamentos no bojo de dinâmicas culturais. Examina-se a escala ritualística do casamento e a transformação produzida pelos noivos na igreja, no cartório e na *mairie* a fim de que se tornem lugares de celebração do matrimônio, assim como os posicionamentos das personagens durante este ato, comparativamente entre Campo Grande e Paris. Para tanto, questiona-se se os lugares e os arquétipos ritualísticos colaboram para dar um sentido aos rituais de casamento? O ritual religioso e civil contribui para produzir um significado ao casamento?

Desse modo, para versar sobre o ritual, firma-se no conceito que o antropólogo Parkin, em seu estudo “*Understanding rituals*”, fornecendo a seguinte definição mínima: “Ritual é fórmula que é levada, em um espaço dado, por um grupo de pessoas que são conscientes da sua natureza imperativa ou obrigatória e que podem ou não posteriormente informar essa característica espacial com palavras faladas.”<sup>1</sup> (PARKIN, 1992, p. 18). Este texto do autor apresenta a ideia que se procura transmitir: o ritual do casamento implica num determinado espaço, seja este uma igreja, *mairie*, cartório ou qualquer outro; no qual um grupo de pessoas é elemento obrigatório para sua realização, como os noivos (mesmo que sejam seus representantes por procuração), o juiz de paz, o *mairie* ou o sacerdote, assim como as testemunhas, podendo ter ou não outros convidados. Paralelamente, em determinados momentos se passa a informação dessa característica espacial com palavras, ora somente através dos gestos, das posturas e dos posicionamentos das personagens.

---

<sup>1</sup> Ritual is formulaic spatiality carried out by groups of people who are conscious of its imperative or compulsory nature and who may or may not further inform this spatiality with spoken words. (PARKIN, 1992, p. 18)

### 3.1. Os Rituais de Realezas

Neste subcapítulo apresentam-se os rituais dos modelos expostos no capítulo II, principescos e contos de fada, a fim de demonstrar as espacialidades contidas nestes casamentos.

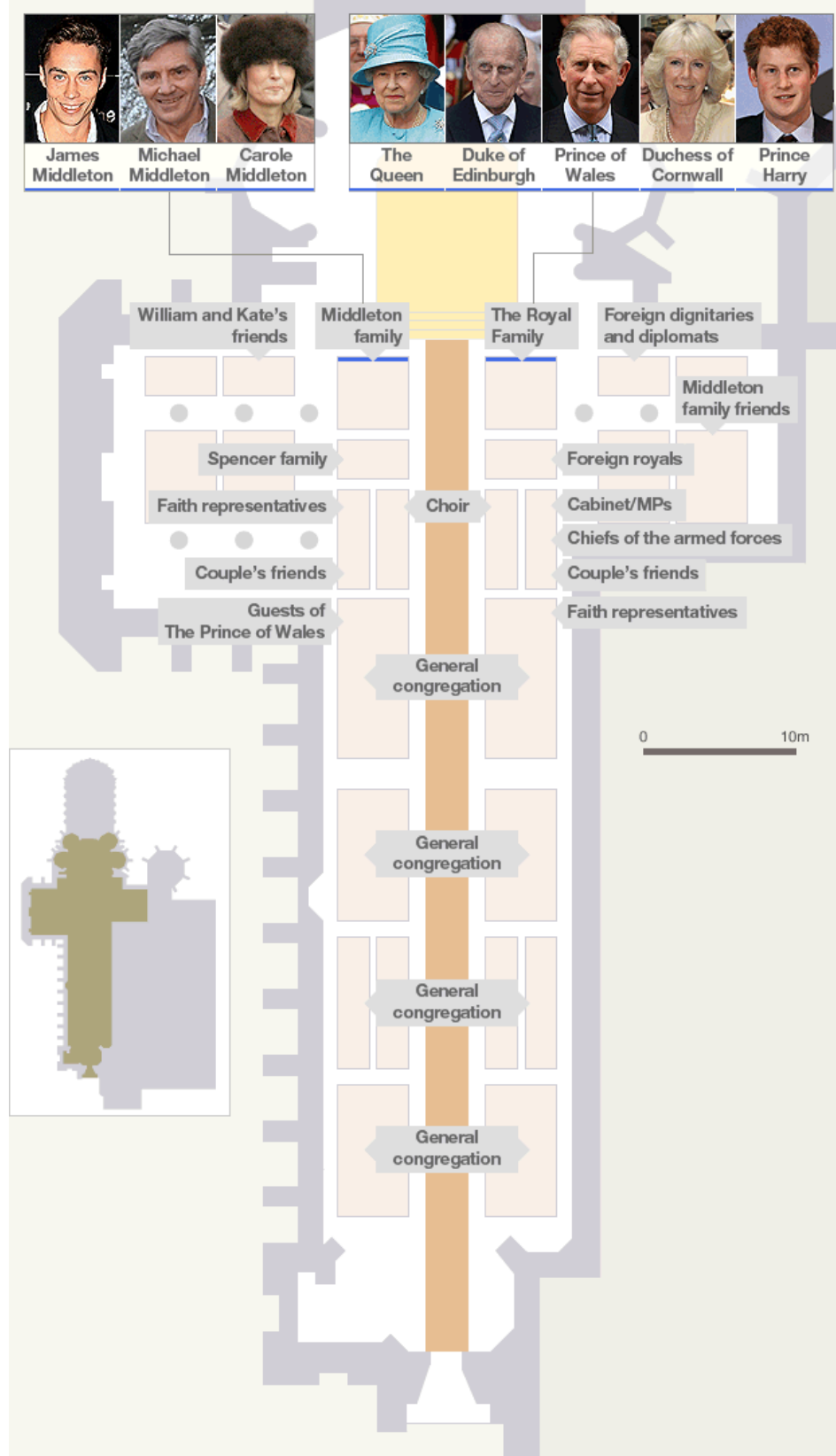
#### 3.1.1. Ritual Principesco

Este item demonstra algumas das espacialidades de casamento principesco, sendo tratado especificamente o casamento entre Príncipe William e Kate Middleton, pois foi o que teve uma divulgação maior nos detalhes de espacialidade de antes, durante e na saída do casamento. Desse modo, este exemplo fornece informações necessárias a serem analisadas nesta tese, sendo dispensáveis as apresentações de outros casamentos reais.

Os casamentos da corte são muito tradicionais e seguem rituais e rígidas normas protocolares. As normas protocolares, de forma sucinta, existem com o intuito de estabelecer padrões de conduta para facilitar a diplomacia e o relacionamento humano. Tais normas são visíveis durante todo o casamento entre Príncipe William e Kate Middleton.

Seguindo o ritual e a tradição de um casamento real britânico, a família real ficou sentada ao lado direito da nave da igreja, bem como os demais membros da realeza estrangeira, os diplomatas, chefes das forças armadas, chefes de Estado e amigos dos Middleton. Ao lado esquerdo permaneceu a família da noiva, amigos de William e Kate, os membros da família de Diana Spencer e convidados do príncipe Charles (Figura 65). De ambos os lados, sentaram os casais de amigos, os representantes religiosos e a congregação em geral, onde na primeira parte da igreja foram colocadas telões de plasma para projetar a cerimônia para todos convidados (BBC, 2011b).

**Figura 65-** Plano de acomodações dos convidados do casamento do Príncipe William & Kate



Fonte: BBC (2011b)

A observação de Parkin a seguir é extremamente acentuada no ritual desta união, em que são dadas as coordenadas aos participantes e demarcados seus lugares com rigor. Estes posicionamentos e direcionamentos são destacados por Parkin como relevantes:

Eu nunca me deparei com um ritual no qual **a orientação e os movimentos espaciais** não tivessem nenhuma importância e que as palavras fossem totalmente importantes. Em contraste, eu nunca encontrei um ritual no qual **as palavras**, apesar de serem consideradas essenciais à apresentação apropriada, não fossem **espacialmente inscritas em fases e sequências**: não é que sua menção anuncie uma nova fase, mas sim que **certos pontos e lugares no processo ritual foram escolhidos como nichos apropriados à expressão verbal**.<sup>2</sup> (PARKIN, 1992, p. 17, grifo da autora).

De fato, no ritual do casamento, principalmente nos principescos, a orientação e os movimentos espaciais são seguidos à risca, tudo muito bem determinado, organizado e ensaiado. Nada pode sair do que foi previsto, nem mesmo as palavras. Elas têm os seus tempo e espaço certos a serem ditas, assim como as músicas também estão inseridas neste contexto, como, por exemplo, no toque das trombetas para o cortejo.

A solenidade iniciou-se antes mesmo do anúncio da entrada da noiva, com a chegada da Rainha, ao toque das trombetas, e o cortejo (Figura 66 e 67). As trombetas emitem um toque clássico, símbolo arquetípico da anunciação da entrada da realeza.

**Figura 66-** Toque das trombetas para a **Figura 67-** Entrada da rainha na igreja  
entrada da rainha



**Fonte:** The British Monarchy (2011)



**Fonte:** The British Monarchy (2011)

O noivo entrou pela lateral da nave, seguido de seu padrinho, o próprio irmão Harry (Figura 68). O Príncipe William ficou atrás do genuflexório do lado direito da igreja e o seu

---

<sup>2</sup> I have never come across a ritual in which the spatial movements and orientation counted for nothing and the words were all-important. By contrast, I have never met a ritual in which the words, though sometimes claimed to be essential for proper performance, were not inscribed in spatially arranged phases and sequences: it is less that their utterance heralded a new phase than that certain points and places in the ritual process were chosen as appropriate niches for verbal expression. (PARKIN, 1992, p. 17, grifo da autora).

irmão e padrinho permaneceu do lado direito do noivo, ambos de costas para a entrada da igreja, não sendo permitido que o noivo olhasse para trás para ver sua futura esposa entrando (Figura 69). Este é um momento em que é possível notar claramente as normas protocolares impostas aos participantes. A esse respeito das regras Parkin (1992, p. 15, grifo da autora) diz que

mesmo quando nem observadores nem participantes concordam com, entendem ou mesmo percebem as regras do ritual, **eles estão unidos pelo sentido da ocasião**, sendo, de algum modo, governada por regras indispensáveis para que seja completa, eficaz e apropriada.<sup>3</sup>

Esta reflexão de Parkin faz-se elucidar sobre estas regras, as normas protocolares, as quão rígidas elas são e difíceis de compreender. Ora, como pensar em um noivo que não pode sequer ver sua futura esposa entrando na igreja? Afinal, ele é o maior interessado. Além disso, constatou-se na gravação feita do casamento que não somente o noivo não olha para trás para ver a noiva entrar, mas as famílias também. Mais uma vez, como pensar em uma mãe que não pode ver a sua filha entrar de noiva? Assim, fica evidente que são regras e, como diz Parkin, os participantes “estão unidos pelo sentido da ocasião”.

**Figura 68-** Príncipe William, no início da cerimônia, entra pela lateral direita e frontal da Igreja



**Fonte:** The British Monarchy (2011)

**Figura 69-** Durante a entrada da noiva, o noivo fica de frente para o altar, permanecendo de costas, não podendo olhar para trás, seguindo o protocolo real



**Fonte:** The British Monarchy (2011)

A noiva, ao chegar à cerimônia juntamente com seu pai, foi recebida pelo Reverendíssimo Dr. John Hall, Decano da Westminster, que os conduziu à igreja pelo **tapete vermelho** (Figura 70), outro símbolo arquetípico. Jung (2000a, p. 67) diz: a que Freud chamava de “resíduos arcaicos”, ele denomina de arquetipos ou imagens primordiais, que são

<sup>3</sup> even when neither observers nor participants can agree on, understand, or even perceive ritual regulations, they are united by a sense of the occasion as being in some way rule-governed and as necessarily so in order to be complete, efficacious, and proper. (PARKIN, 1992, p. 15).

as “formas mentais cuja presença não encontra explicação alguma na vida do indivíduo e que parecem, antes, formas primitivas e inatas, representando uma herança do espírito humano”.

**Figura 70-** Casamento do Príncipe William & Kate Middleton - O tapete vermelho, um símbolo arquetípico relevante nos casamentos



**Fonte:** The British Monarchy (2011)

O tapete vermelho vem como símbolo que está associado ao prestígio. Tanto significa prestígio e reverência que em solenidades como o Oscar em Hollywood é estendido um tapete vermelho para as celebridades passarem, quanto tem cunho político quando autoridades chegam a aeroportos ou assumem postos e lhes são desenrolados estes tapetes vermelhos. Também é utilizado como uma estratégia de marketing de uma companhia aérea brasileira que coloca o tapete vermelho para seus passageiros entrarem na aeronave com a mensagem de poder e sucesso. Com esta ideia em mente é que a maioria das noivas faz a escolha do tapete vermelho, não por ter essas informações conscientemente, mas sim inconscientemente, são escolhas que não têm uma explicação racional, são instintivas, como pode ser esclarecido também em outro pensamento de Jung (2000a, p. 78):

parece que o inconsciente tem a capacidade de examinar e concluir, da mesma maneira que o consciente. Pode mesmo utilizar certos fatos e

antecipar seus possíveis resultados, precisamente porque *não* estão conscientes deles”. [...].

Uma análise lógica é prerrogativa da consciência: selecionamos de acordo com a razão e o conhecimento. O inconsciente, no entanto, parece ser dirigido principalmente por tendências instintivas, representadas por formas de pensamentos correspondentes – isto é, por arquétipos.

Continuando o ritual do casamento, o pai de Kate a levou até o altar, permanecendo, por alguns instantes, ao lado esquerdo da filha. A irmã da noiva, que foi sua madrinha e chefe das damas de honra, segurou seu véu da saída do carro até a entrada da igreja e, posteriormente, deu as mãos às damas de honra e atrás ficaram os dois pajens para iniciarem o cortejo da entrada de Kate. Ao fim da entrada, as damas e pajens se posicionaram em cadeiras ao lado esquerdo da nave.

As convidadas todas usavam chapéu, assim como no casamento da Princesa Diana e Príncipe Charles, conforme rege o ritual real, exceto as que usavam trajes típicos (seta amarela). A figura 71 demonstra que esta regra era de conhecimento das participantes seguindo-as rigorosamente. (THE BRITISH MONARCHY, 2014; TERRA, 2014; LARA; OLIVEIRA; PAIVA, 2011).

**Figura71-** O uso de chapéu por todas as convidadas, exceto as que usavam roupas típicas, como pode ser visto nesta figura a mulher passando pelo tapete



**Fonte:** The British Monarchy (2011)



**Figura 73-** Detalhe no momento em que entram pelos portões do Palácio, o Príncipe William fez a saudação e a Duquesa de Cambridge abaixou a cabeça em sinal de obediência e respeito



**Fonte:** The British Monarchy (2011)

O casamento atraiu cerca de um milhão de pessoas nas ruas de Londres (Figura 74), sendo considerado o maior evento da Inglaterra, e algumas ruas foram fechadas para garantir segurança e propiciar que os curiosos ‘participassem’. Coloca-se ‘participassem’ entre aspas, pois até que ponto isso seria uma participação, se em meio a esta multidão, provavelmente não conseguem sequer ver nem a sombra dos noivos. Consta-se que a importância desse ritual de saída e a forma de sua espacialização, onde ruas são fechadas, mudando o tráfego e a rotina das pessoas, não somente para aqueles que participam deste evento, mas também para quem não comparece.

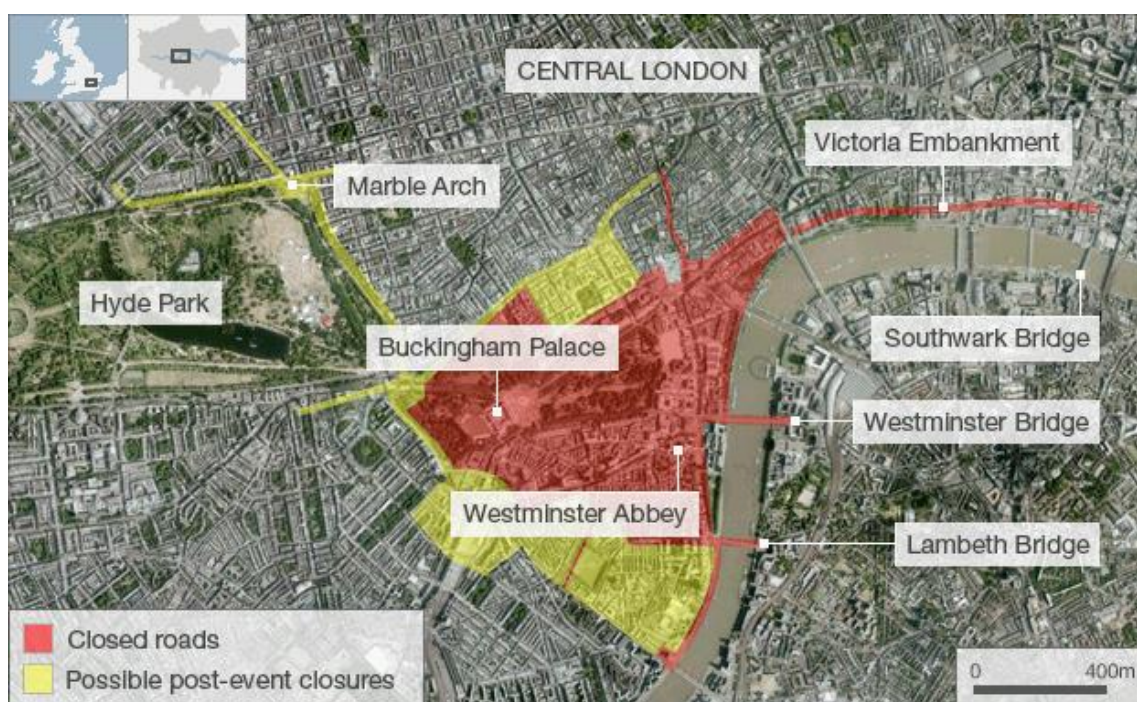
**Figura 74-** Multidão à frente do Palácio de Buckingham após a entrada do cortejo, aguardando o comparecimento dos noivos na sacada



**Fonte:** The British Monarchy (2011)

Dessa maneira, o mapa divulgado pela imprensa previamente (Figura 75) demonstra toda a região que seria fechada (o que incluiria duas pontes), bem como as que teriam a possibilidade de serem fechadas, pois estas dependiam da quantidade de pessoas e movimentação, o que seria analisado no momento para não causar maiores problemas àqueles que estão em sua rotina de vida normal.

**Figura 75-** Mapa com a divulgação prévia do fechamento das ruas de Londres. Em vermelho as ruas que estarão fechadas e em amarelo as que eram possíveis serem fechadas após o evento



**Fonte:** BBC (2011e)

Notam-se com isso algumas normas protocolares da corte nos rituais principescos, bem como a relevância do posicionamento e direcionamento das personagens durante a cerimônia. Ainda, pode-se perceber que o casamento principesco vai além do espaço físico propriamente ocupado, pois ele se estende a outros lugares além da igreja e do cortejo pelas ruas, adquirindo relevantes aspectos simbólicos, políticos e econômicos. O ritual se estende além da igreja, por ruas, avenidas, pontes e metrô que são meios de locomoção para que os curiosos possam ‘participar’ de alguma forma, ao qual muitos *sites* o intitularam de casamento de contos de fada, como exemplo: O fuxico: Príncipe William e Kate Middleton têm a energia de um conto de fadas; Isto é Gente: Conto de fadas do século 21; Donna: Kate

& William: O casamento de conto de fadas cativa a imaginação do mundo; e Capricho: Conto de fadas: o casamento estiloso de William e Kate!.

### *3.1.2. Ritual e Lugares dos Contos de Fada*

Este item apresenta alguns aspectos dos rituais dos contos de fada que são usados nas cerimônias rotineiramente. Além disso, identificam-se fontes de inspiração de alguns noivos na escolha dos lugares de realização do ritual, em algumas vezes a realidade é inspirada no imaginário dos contos de fada ou quando o inverso também acontece, como um castelo da Alemanha que serviu de inspiração para a idealização do castelo da Disney.

A relação entre a cerimônia dos casamentos das entrevistadas e o imaginário advindo dos contos de fada foi tema de questionamento nas entrevistas realizadas. Assim, primeiramente perguntou-se às noivas se ‘consideram o casamento como um conto de fadas’. Todas responderam negativamente. Porém, na terceira vez que a doutoranda estava realizando as entrevistas, percebeu-se que a pergunta não havia sido muito bem elaborada, o que instigou a fazer outra pergunta na sequência: ‘Você considera **o ritual** do casamento como um conto de fadas?’. Dessa vez, quase todas entrevistadas, exceto uma francesa, responderam de forma positiva. Com base nesta compreensão das depoentes e considerando-se que o conto de fada mais mencionado por elas foi o da Cinderela, analisa-se o ritual exposto neste conto de fada.

Apresenta-se especificamente apenas o conto de fada da Cinderela por três motivos, a saber: primeiro porque foi o principal conto citado em todas as entrevistas realizadas para esta tese, conforme se mencionou; segundo, pois o conto Pele de Asno não tem livros com as ilustrações do ritual, assim como no filme não tem imagens do casamento, embora a posse pelo trono do príncipe e da princesa vestidos de branco dão esta ideia; e, em terceiro, em virtude de ter um livro infantil sobre o “Casamento de Cinderela”.

A Disney é a empresa de entretenimento que mais explora esse mundo encantado das princesas de contos de fada, principalmente pelos filmes, que resultaram em parques temáticos. A empresa lançou recentemente na França, em 2014, livros infantis dos casamentos das personagens principais que em suas histórias acabam se casando, como: Cinderela, Bela, Aurora, Rapunzel, Tiana, Jasmim e Ariel. Em seus enredos e ilustrações, não se prende tanto aos detalhes do ritual, mas de alguns elementos que fazem parte dele e da recepção: o vestido, as joias, o buquê, a coroa, o véu, os sapatos, o banquete e o bolo.

Conforme Jung (2000a, p. 55) aponta, os símbolos “são produtos naturais e espontâneos” e significam além do que é “imediato e óbvio”. O vestido, os sapatinhos de cristal e o penteado nos cabelos são itens que traduzem apresentação e beleza feminina, ainda que dentro de parâmetros heteronormativos. Estes itens foram destacados no texto na estória da Cinderela como elementos que contribuíram para a conquista do príncipe e, ainda, são repetidos e tidos como essenciais na cerimônia do matrimônio. O vestido tem representação relevante no contexto do casamento, como será apresentado no capítulo 4 desta tese.

Na estória do casamento da Cinderela quase todo o seu enredo se firma na escolha do vestido e da joia que a personagem usará no dia do casamento. Desse modo, vê-se que para o mundo infantil não importam os detalhes do ritual, mas as principais partes que envolvem a imagem da noiva dentro de concepções normativas da corporeidade feminina, conforme foi tratado no capítulo anterior e será abordado especificamente o corpo da noiva no capítulo 4 desta tese. Entretanto, extraíram-se as três únicas ilustrações que demonstram o ritual, que são: 1) Cinderela com o pai do príncipe, que a conduzirá até o altar; 2) Cinderela no momento em que entra no lugar onde está acontecendo o ritual; e 3) O beijo dos noivos.

Nas três figuras destacadas a seguir tem-se o intuito de demonstrar o ritual como espacialidade, além de identificar também que há uma inversão de ‘inspiração’. Percebe-se que essas estórias respaldam-se nos casamentos da sociedade atual, afinal, são novos enredos criados por pessoas influenciadas pelos rituais da sociedade contemporânea.

Na figura 76, é possível visualizar o sorriso, a alegria dos personagens (setas vermelhas) nos momentos que antecedem a entrada deles perante o público, a porta está entreaberta (seta verde) o que sugere o elemento surpresa para a aparição da noiva, que tem influência americana, como acontece nos casamentos do Brasil. Hatzfeld (1993, p. 129) diz que “o ritual tem em conta a emoção primitiva e acalma-a num sistema de signos que codifica o que se deve sentir. O ritual agarra a emoção primitiva, exprime-a e extenua-a.”. O sorriso entra neste sistema de signos demonstrando a emoção nestes instantes que antecedem o ritual.

Na figura 77, Cinderela é conduzida até o altar pelo Rei; o príncipe (elipse vermelha) aguarda a noiva no altar; os convidados (retângulo e elipse verdes) estão sentados nas laterais; as três ratinhas (círculo amarelo) jogam as pétalas de rosas para a noiva passar; e os dois ratinhos (elipse azul) levam as alianças. Nota-se que o príncipe, com sua face voltada ao público, aguarda Cinderela, assistindo-a adentrar pelo tapete vermelho. Este fato ocorre nos casamentos de celebridades ou anônimos, ele também tem uma influência americanizada.

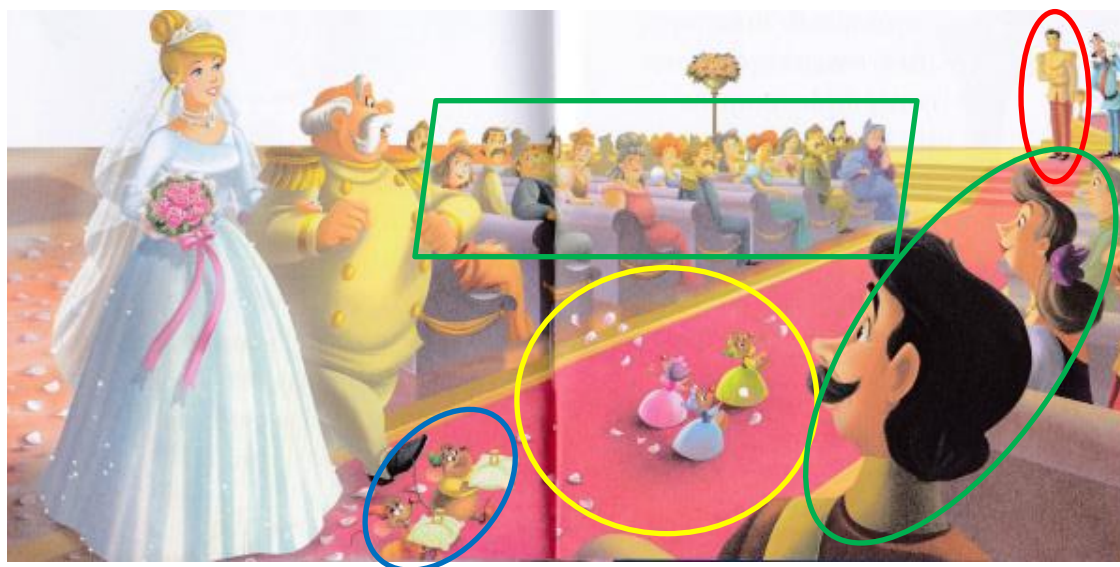
Diferentemente do que aconteceu no casamento do Príncipe William e Kate, quando ele teve que ficar de face para o altar, sem poder olhar para trás para ver a noiva se aproximar.

**Figura 76-** O Rei conduz Cinderela para levá-la ao altar



**Fonte:** Disney Enterprises (2013)

**Figura 77-** O posicionamento dos personagens durante o ritual no casamento de Cinderela

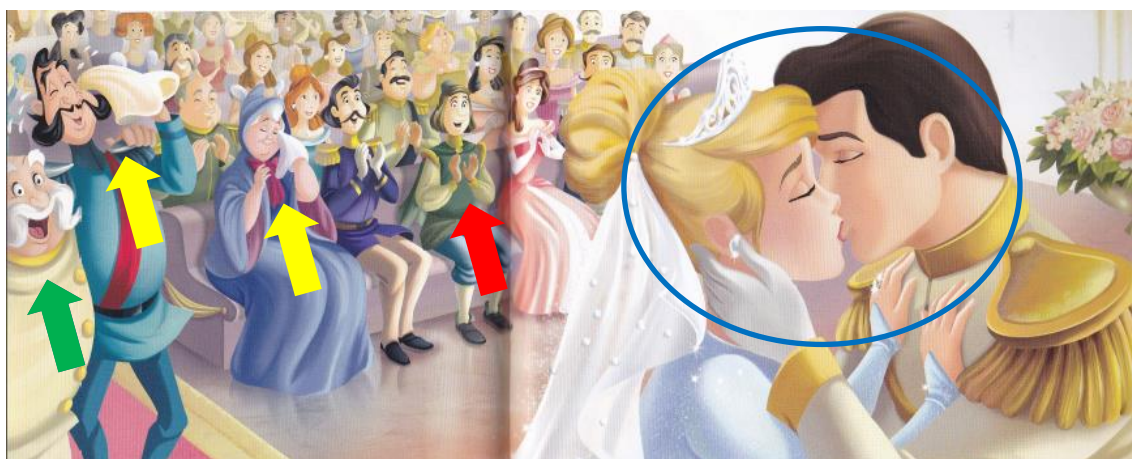


**Fonte:** Disney Enterprises (2014)

Na figura 78 tem-se a ilustração do beijo entre o casal (elipse azul), que é o momento no final da cerimônia como significado do amor entre os noivos e sela o compromisso

firmado no ritual. É demonstrada a emoção das pessoas, umas aplaudindo (seta vermelha), outras chorando (setas amarelas) e algumas sorrindo (seta verde). Maia (2010, p. 99) diz que “ocorre-nos que as emoções [...] são motivadoras do comportamento ritualístico, definindo tanto os gestos e as ações, quanto, numa perspectiva mais ampla, o dito e o não-dito nos rituais; pois muito do que se mostra nos rituais se faz como não-dito [...]”. O beijo demonstra este pensamento de Maia, quando é o momento em que se transmite a mensagem do final do casamento, fazendo com que as pessoas se emocionem e, conseqüentemente, aplaudam como sinal de aprovação e felicidade da união. Ou seja, o beijo emociona fazendo com que as pessoas sintam-se motivadas a outros gestos e ações, como chorar, aplaudir e sorrir, sem que seja preciso dizer nada.

**Figura 78-** O beijo como parte do ritual do casamento



**Fonte:** Disney Enterprises (2013)

Além disso, a literatura infantil está repleta de significados e leva às pessoas a um lugar mágico, irreal, que existe na imaginação, nos parques da Disneylândia, nos desenhos e na indústria cinematográfica, no qual sonhar e viver as sensações desejadas são um mundo à parte e onde tudo é possível acontecer. O pensamento de Laplantine e Trindade reflete a ideia que se quer transmitir sobre a relação do imaginário dos contos de fadas com o ideário de matrimônio e a busca incessante dos indivíduos para produzir um casamento dos sonhos. Com esta reflexão, entende-se que os noivos buscam cada vez mais novidades de produtos e serviços que estão sendo lançados no mercado e procuram, constantemente, formas de superar aos casamentos dos quais participaram.

Vivemos na atualidade a busca de novos caminhos que possam conduzir à compreensão e à superação da realidade. A imaginação tornou-se o caminho

possível que nos permite não apenas atingir o real, como também vislumbrar as coisas que possam vir a tornar-se realidade. (LAPLANTINE; TRINDADE, 2014, p. 2).

Os contos de fadas inspiram os casais em diversos aspectos dos casamentos, principalmente quanto aos lugares. Os lugares imaginários da infância podem tomar forma e tornarem-se reais. Tuan (1980, p. 130) afirma que “As pessoas sonham com lugares ideais”. Atualmente, alguns buffets constroem sua estrutura física pensando nestes elementos das estórias infantis. A Disney, aproveitando sua estrutura de contos de fada existente e otimizando seus espaços diante da clientela ávida a procura da realização de casamentos principescos, abriu suas portas também para os noivos, celebrando casamentos em seus parques.

Bachelard (2008, p. 26) em sua visão poética do espaço mostra seu ponto de vista ao descrever: “Ao devaneio pertencem valores que marcam o homem em sua profundidade. [...]. Ele usufrui diretamente de seu ser. Então, os lugares onde se *viveu o devaneio* reconstituem-se por si mesmos num novo devaneio.” Para a realização dos casamentos, esta reflexão se acentua ainda mais. É o momento em que os noivos podem “viver” momentos especiais que são idealizados em virtude de sonhos pessoais ou de suas infâncias, das estórias dos contos de fada.

Aponta-se um pensamento de Tuan que, em um primeiro momento, se for extraído somente a citação em destaque até se poderia pensar que o autor considera o sentido de lugar como local. Entretanto, em uma reflexão de todo o contexto, vê-se mais uma vez que Tuan dá vida ao lugar ao considerar que esta localização não é uma simples localidade, mas sim um lugar idealizado, no qual as pessoas gostam de sonhar com a existência dele e pensar quais seriam as sensações e significados afetivos em cada ambiente desse. “Na atualidade uma cabana na clareira da floresta continua atraindo o homem moderno, que sonha com um retiro. Três de outros ambientes naturais têm, em diferentes tempos e lugares, atraído fortemente a imaginação humana: a praia, o vale e a ilha” (TUAN, 1980, p. 131). A este trecho, pode-se acrescentar outro lugar para aqueles que estão vivendo o sonho do casamento, que seria o lugar imaginário, como por exemplo, o castelo, da estória da Cinderela.

Entretanto, muitas vezes as estórias dos contos de fada, que partem do imaginário, inspiram as pessoas, porém, é válido ressaltar que o inverso também pode acontecer, quando o real serve de exemplo ao imaginário. É o caso do Castelo da Cinderela (Figura 79) da Disney que foi inspirado em um castelo real, o Castelo de Neuschwanstein (Figura 80), na região da

Bavaria, Alemanha. Hoje, o Castelo da Cinderela existe realmente, nos parques temáticos da Disney, o qual também possibilita a concretização de um sonho.

**Figura 79-** Castelo da Cinderela, na Disney



**Fonte:** Disney's Fairy Tale (2014a)

**Figura 80-** Castelo de Neuschwanstein, na Alemanha, que serviu de inspiração para o Castelo da Cinderela da Disney



**Fonte:** Neuschwanstein (2014)

Milhares de pessoas fazem a locação de um espaço de evento para realizar o ritual e/ou a recepção dos convidados. Atualmente, diversos casais anseiam a celebração e a recepção em um único lugar. Alguns casais, principalmente as noivas, têm um sonho de casar em um lugar aberto, envoltos pelo verde da natureza. Outros pensam em castelos ou estruturas semelhantes a estes, a fim de buscar uma volta à infância das literaturas infantis, ou remeter aos casamentos dos príncipes e princesas, como se estivessem em contos de fadas ou que, ao menos neste momento, tivessem prestígio e glamour. Ao ter em vista este segmento de mercado, algumas empresas e buffets constroem suas estruturas para atender a esta demanda.

A Disney oferece pacotes<sup>4</sup> de casamentos para o casal que também pensa em vivenciar estes contos de fadas, denominados de *Disney's Fairy Tale Weddings* (Casamentos de Conto de Fada da Disney), em quatro destinos diferentes: Flórida, Califórnia, Hawai'i e Cruzeiros. Na Flórida, que é o lugar onde oferece todos os pacotes disponíveis, o casamento possui três opções de festa: *Memories*, *Scape* e *Wishes*, que a escolha depende do perfil e da

---

<sup>4</sup> <https://www.disneyweddings.com/weddings/locations>.

disponibilidade financeira dos noivos e pode ser realizado em um *resort*, em quatro parques temáticos ou em dois parques aquáticos. Nas figuras 81 e 82 é possível visualizar como este sonho é realizado nos parques temáticos, com o castelo da Cinderela e sua carruagem, com direito a decoração e fogos de artifícios.

**Figura 81-** Decoração do casamento em um parque temático da Disney



**Fonte:** Disney's Fairy Tale (2014a)

**Figura 82-** Casamentos de Conto de Fada da Disney, com direito a fogos de artifício e carruagem



**Fonte:** Disney's Fairy Tale (2014a)

No modelo *Memories* o casal tem a escolha de fazer uma cerimônia mais intimista, com três opções de locais, pode levar quatro convidados e tem incluso: o buquê da noiva; o serviço do fotógrafo, com 20 fotografias; o transporte em limusine durante três horas ou uma suíte no resort do pacote escolhido; uma coordenadora para o casamento; e um violinista na cerimônia, ao custo de US\$ 2.495,00<sup>5</sup>. Optando pelo *Scape* os noivos tem direito: convidar até 18 pessoas; ao local da cerimônia, com cadeiras para os convidados; o buquê da noiva e a flor de lapela para o noivo; um bolo de dois andares; uma garrafa de espumante de conto de fada; o serviço de assessora para a cerimônia; um violinista; quatro horas de limusine; até duas horas do serviço de fotógrafo, com 20 fotografias e estacionamento gratuito, no valor de US\$ 5.000,00<sup>6</sup>. No *Wishes* o casal pode realizar o casamento dos sonhos, personalizado, como um verdadeiro conto de fada, com cotação a partir de US\$ 12.000,00<sup>7</sup>, incluindo todos os serviços

<sup>5</sup> Valor pesquisado em 27 de julho de 2016.

<sup>6</sup> Valor pesquisado em 27 de julho de 2016.

<sup>7</sup> Valor pesquisado em 27 de julho de 2016.

acima e muitos outros, como por exemplo, a carruagem da Cinderela (Figura 83 e 84) com cavalos ou *ponies* e cocheiro ao custo de US\$ 2.950,00 por duas horas. As carruagens são elementos simbólicos nos quais diversas noivas anônimas ou célebres pensam em chegar ao ritual, pois remetem não somente aos casamentos dos contos de fada, mas também aos principescos.

**Figura 83-** Carruagem da Cinderela alugada pelo parque da Disney



**Fonte:** Disney's Fairy Tale (2014b)

**Figura 84-** Carruagem da Cinderela no filme Cinderela, da Disney



**Fonte:** Cendrillon (2014)

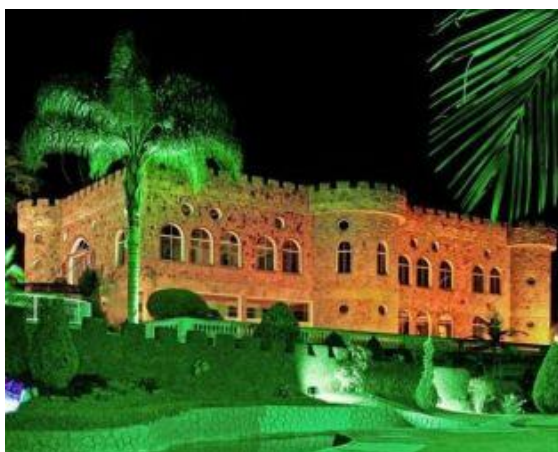
Em 11 de novembro de 2013, em uma reportagem na internet, que tem como título “Com jeito de conto de fadas, casamento na Disney sai a partir de 9 mil”. Percebe-se que os contos de fada continuam enraizados na memória das pessoas, as quais desejam realizar sonhos, que foram formados desde a infância e se manifestam na fase adulta. Apresentam atualmente um nicho de mercado, conforme os dados informados nesta mesma matéria, onde cerca de mil casais por ano fazem as cerimônias de casamento no reino do Mickey e afirma “A fórmula que reúne sonho da infância e magia já atraiu mais de 40 mil casais desde 1991, quando começaram a ser celebrados os enlacs” (ZONTA, 2013). Assim, os lugares imaginários da infância acabam por tornarem-se lugares concretos na vida real. É a própria realização do imaginário.

O Monte Castelo Eventos<sup>8</sup> (Figura 85), localizado em Mauá, interior de São Paulo, que como o próprio nome diz é um Castelo, oferece uma possibilidade dos noivos se casarem em um lugar que remete aos contos de fada ou das realezas e, ainda, dispõe de serviços de

<sup>8</sup> <http://www.montecasteloeventos.com.br/>

locação de carruagem, incluindo o cavalo branco e o cocheiro (Figura 86). A carruagem, os cavalos e o cocheiro são partes integrantes de um casamento e que estão presentes nos enlacs das realzas, fazendo com que alguns noivos optem por este tipo de serviço para chegarem à cerimônia religiosa e/ ou para o baile. No entanto, na grande maioria dos casamentos na sociedade, estes itens são mais difíceis de serem encontrados, porém são substituídos pela locação de carro com serviço de motorista.

**Figura 85-** Espaço de eventos com arquitetura de castelo



**Fonte:** Monte Castelo Eventos (2014)

**Figura 86-** Serviços disponíveis – aluguel de carruagem, cavalo branco e cocheiro, como em Cinderela



**Fonte:** Monte Castelo Eventos (2014)

Serviço semelhante ocorre em Itaipava (Rio de Janeiro), que pode ser visto na propaganda do outdoor (Figura 87), onde o devaneio de experienciar um lugar imaginário leva algumas pessoas mais abastadas da sociedade brasileira, que não viveu uma realidade principesca de castelos medievais, a procurarem concretizar seu casamento neste modelo imaginário e devaneador, celebrando seu casamento num castelo (Figuras 88).

**Figura 87-** Outdoor com propaganda do Castelo de Itaipava como lugar para realizar casamentos



**Foto:** Carlos Maia (jun/ 2016)

**Figura 88-** Castelo de Itaipava, no Rio de Janeiro, onde realizam cerimônias de casamento



**Foto:** Carlos Maia (jun/ 2016)

Na França, e em outros países da Europa, existem diversos castelos que promovem casamentos em suas instalações históricas, como é o caso do “*Chateau de la Napoule*”. Há mais de 2.000 anos, este castelo foi descoberto pelos romanos. Na época medieval, a família Villeneuve erigiu no local uma fortaleza que foi destruída e reconstruída várias vezes ao longo da história. Em 1918, um casal de artistas e patrocinadores americanos de artistas adquiriram as ruínas dessa fortaleza e decidiram reconstruir. Os proprietários Henry e Marie Clews, por problemas de saúde de seu filho e pelos ataques aéreos, mudaram-se de Paris para o entorno do Mediterrâneo, quando encontraram a fortaleza em ruínas. O casal trabalhou junto e restaurou o edifício. Henry e Marie atenderam tanto a alta sociedade quanto a comunidade de Napoule, organizaram festas para a aristocracia europeia e os expatriados americanos da região e realizaram missas na capela do castelo, até a morte de Henry, em 1937. Em 1951, Marie criou a *La Napoule Art Foundation*, fazendo do castelo um lugar para intercâmbios culturais internacionais, com exposições, concertos e um programa de residência para artistas, como é até os dias atuais (CHATEAU DE LA NAPOULE, 2014).

O *Chateau de la Napoule* (Figura 89) oferece serviços de casamentos em seus diferentes ambientes, com espaços internos e externos, podendo acolher nos jantares de 20 a 400 convidados. Para os noivos que desejam viver um sonho de contos de fada e casar em um castelo é uma oportunidade de realização (Figura 90). É um castelo verdadeiro que traz consigo os lugares imaginários das estórias infantis.

**Figura 89-** *Chateau de La Napoule*, na Côte D’Azur, na França



**Fonte:** Chateau de La Napoule (2014)

**Figura 90-** *Chateau de La Napoule*, um lugar para a realização da cerimônia de um casamento



**Fonte:** Chateau de La Napoule (2014)

Alguns destes espaços de eventos são construídos somente para locação. Entretanto, diversos fornecedores oferecem em seus serviços também a alimentação, sendo este serviço exclusivo do local. Outros prestadores vendem pacotes completos, que vão desde o espaço, alimentação e decoração até a assessoria, cerimonial, fotografia e filmagem.

Em Campo Grande existe um espaço de fachada com traços de castelo (Figura 91) que foi construído para o serviço de buffet, embora não seja propriamente esta singela fachada que atrai os olhares dos noivos e remete à lembrança dos contos de fada para realização do casamento neste local. Atualmente, está fechado para reforma e reestruturação da empresa.

**Figura 91-** Buffet com fachada com traços de castelo, em Campo Grande



**Fonte:** Google Maps (2016)

Assim, pôde-se perceber como o mercado abraça a ideia dos contos de fada, surgindo lugares que oferecem serviços para a concretização do mundo mágico dada a maneira como os contos de fada (e os ideários principescos) influenciam nos locais escolhidos para os rituais de núpcias.

### **3.2. Os Rituais dos Casamentos de Anônimos**

Este subcapítulo visa apresentar os rituais dos casamentos de anônimos, dividindo-os em três partes: o *making of*, que mostra o trajeto percorrido para o ritual de preparação da corporeidade da noiva; o ritual no lugar de celebração, no cartório, na *mairie* e na igreja, que expõe os posicionamentos e direcionamentos dos personagens, bem como as características do ritual; e o ritual de saída, que demonstra o caminho do casal a partir de onde o casamento foi realizado até o local da recepção.

Para mapear o espaço e distância percorrida pelas noivas foi feito trajeto com as entrevistadas, com base no banco de dados do *google maps*, identificando os pontos principais do trajeto. Este trajeto, quando percorrido pelas noivas de carro está demarcado com linha contínua de cor azul; sendo que as noivas que o fizeram a pé, o caminho está delimitado em pontilhado azul; e os números em vermelho são a ordem dos lugares pelos quais elas passaram.

#### *3.2.1. Making of*

Neste item apresentam-se os rituais logísticos dos preparativos das noivas (entrevistadas para esta tese), ou seja, dos trajetos que elas percorreram no dia de seus casamentos e suas emoções. Ressalta-se que os caminhos que as noivas fizeram para o trabalho ou outros destinos, sem que tenham relação com a sua preparação, não foram considerados.

O dia do casamento é quando as emoções começam a ficar “à flor da pele” e o nervosismo e a ansiedade aparecem ainda mais. É o instante em que o noivo e, principalmente, a noiva sentem-se especiais, quando todos os cuidados estão centralizados neles. É comum o noivo se arrumar na própria casa, mas há alguns que preferem ir para a casa de um parente ou amigo, ou, ainda, para um salão específico com atendimento e serviços personalizados para este segmento. Neste momento se dão os primeiros preparativos do

noivo, quando toma banho, faz a barba, se veste e coloca seu traje escolhido para esta celebração.

A noiva igualmente se prepara na sua casa ou em um salão de beleza. Faz manicure, pedicure e depilação (se ainda não os fizeram), toma banho e, principalmente, faz maquiagem e penteado nos cabelos, os quais não podem ser feitos anteriormente. Na grande maioria das vezes, as noivas fazem testes anteriormente para saber se a maquiagem e o penteado estão de acordo com o esperado.

Após estes preparativos, poucos minutos antes do horário estipulado para início da cerimônia, a noiva coloca o vestido idealizado e procurado com atenção. Para arrematar, veste os sapatos e acessórios. Aí sim, se tem uma visão completa diante do espelho, quando ela se torna a ‘Princesa’, a ‘Cinderela’ dos contos de fada em sua própria vida, sendo que com isto refere-se mais aos aspectos estéticos relativos à sua corporeidade do que qualquer significado ideológico que possa transparecer. Neste momento, na cultura brasileira, existe uma superstição muito importante: o noivo não pode ver a noiva antes do casamento, pois segundo a crença, isso dá azar.

Ao elaborar o trajeto (Figura 92) foi possível constatar que ‘D’ percorreu 6,3 km no dia do casamento, do momento que acordou em sua casa, indo ao restaurante e retornando à sua casa até a chegada ao ritual da igreja. Em seu depoimento pôde-se entender seus sentimentos e trajeto durante o dia do ritual: *“Me lembro que acordei cedo, por volta das 06:30, estava ansiosa, nervosa e feliz. Tudo junto (rs). Mas não fiquei cansada, nem pensei nisso. Fiquei assim o dia todo, principalmente na hora do casamento. No dia acabei curtindo minha família mesmo, fiquei em casa até o horário do almoço. Me lembro que chovia muito nesse dia. Fui almoçar no restaurante Sabor Enquilo. Durante o dia fiquei na minha mãe mesmo. (D, 34 anos, brasileira, 08/06/2016). Cheguei às 14h40 no salão, fiz massagem às 15h, depois esperei um pouco, tomei banho, comi um pouco, depois fui para a sala secar o cabelo e saí 20h10. Todas as minhas irmãs estavam comigo, as quatro, inclusive a minha mãe. Elas fizeram questão de fazer lá justamente para me acompanhar, para ficar perto.”* (D, 34 anos, brasileira, 11/09/2015).

Note-se que D começa a se arrumar para a cerimônia cerca de cinco horas antes do horário marcado do início do casamento, partindo de sua casa (nº 1) para o salão de beleza (nº 2), seguindo de lá para a igreja (nº 3), perfazendo 3,6 km. Sendo assim, procurou-se



**Figura 93-** Trajeto da noiva 'T': casa onde morava com a mãe antes do casamento, futura casa, salão de beleza e igreja



**Fonte:** Banco de dados do Google (2016)

**Organização e Elaboração:** Raquel Lage Tuma (2016)

A entrevistada 'C', em seu primeiro casamento, no religioso, relata alguns episódios desse dia, demonstrando alguns de seus sentimentos e por onde andou: *“Casamento com o ‘E’ [noivo] eu dormi bem... No dia não acordei muito cedo, acordei nove horas. Fiquei em casa, estavam mais parentes em casa tinha ainda muito presente chegando, aquela coisa boa. Saí com a minha prima pra pagar os noivinhos e pra terminar de providenciar as últimas coisas. Voltei pra casa. Morava com minha mãe. Os parentes estavam chegando, então fiquei indo e voltando do aeroporto. Almocei em casa meio dia e pouco mais ou menos, tomei banho e fui para o salão. Estava SUPER tranquila, ansiosa um pouco, mas tranquila. Fiquei nervosa só no salão... mas por causa do cabelereiro (rs).”* (C, 37 anos, brasileira, 08/06/2016). *“No dia fui para o salão que chamava Unique duas horas da tarde. Fui eu, minha mãe, minha tia e minha prima que também se arrumaram lá e lá pelas quatro horas foram embora, só a minha prima que ficou lá comigo e foi junto comigo no carro. O cabelereiro foi me pegar mesmo seis e vinte da tarde. Eu fiquei do jeito que eu tava. Ele só me pegou porque eu fui lá fazer escândalo. Eu falei: ‘Escuta criatura, você não vem arrumar o meu cabelo?’ Foi*

a única hora que eu fiquei nervosa antes do casamento. Aí foi um fazendo maquiagem, o outro secando o cabelo. Até o meu cabelo despencou na hora porque eles não prenderam direito. Aí chegou o fotógrafo para fazer o *making of*, em seguida a Naiara e o estilista para me vestir. Sem brincadeira, eu parecia aquelas bonecas, um mexendo no cabelo, o outro tentando maquiá-la, ela vestindo a meia calça... senão eu ia chegar atrasada. Tanto que eu saí correndo do salão e já estava esquecendo o buquê. Até que uma menina do salão gritou.: ‘Ahhhh, o buquê!’ Peguei o buquê e fui. Nervosa que eu tava, minha perna tava que eu nem conseguia sair do carro de tão nervosa que eu fiquei.” (C, 37 anos, brasileira, 12/09/2015).

Apresenta-se acima (Figura 94) o trajeto percorrido por ‘C,’ somente a parte que se refere o momento que ela iniciou seu preparativo para o casamento religioso, que foi da sua residência (nº 1) até o salão (nº 2), depois até a igreja (nº 3), num total de 7,6 km. Porém, se contabilizar desde o momento que ela acordou e ficou envolvida com as questões do casamento, tanto para buscar parentes, quanto para acertar os últimos detalhes, adiciona-se 30,9 km, perfazendo 38,5 da quilometragem percorrida no dia do seu casamento da hora que acordou até o momento da cerimônia religiosa.

**Figura 94-** Trajeto da noiva ‘C’: casa, salão de beleza, igreja (primeiro casamento)

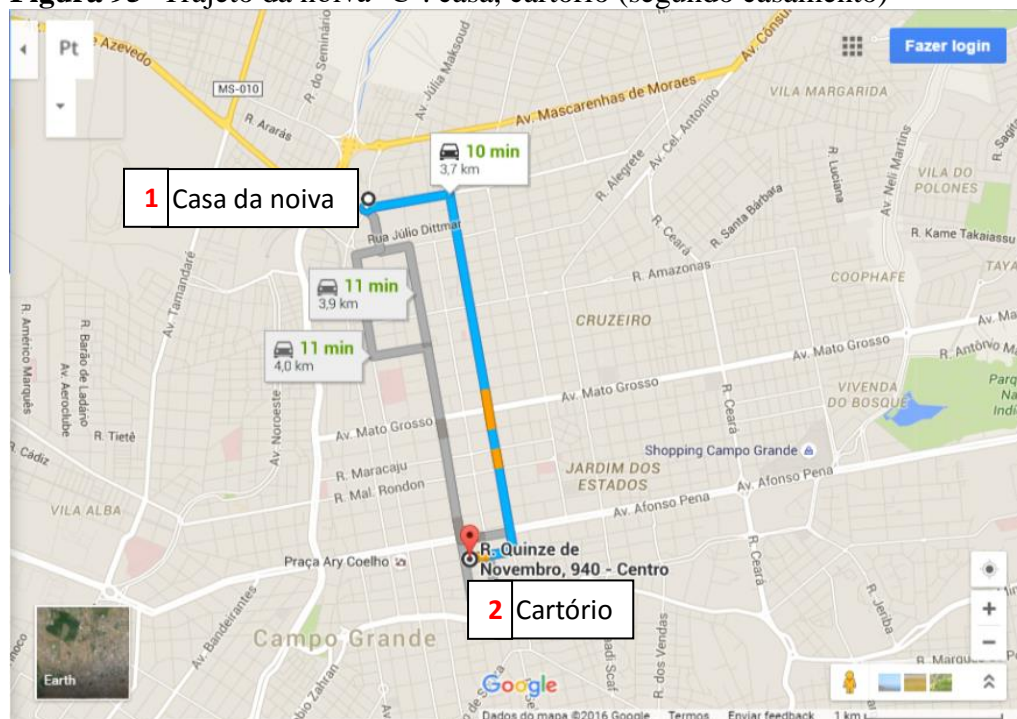


**Fonte:** Banco de dados do Google (2016)

**Organização e Elaboração:** Raquel Lage Tuma (2016)

No seu segundo casamento civil, ‘C’ a partir do momento que começou seu preparativo para o seu casamento civil, não foi a nenhum lugar, como salão de beleza, antes do casamento, portanto calculou-se somente a distância percorrida por ‘C’ de seu apartamento (nº 1) até o cartório (nº 2), de 3,7 km (Figura 95). Entretanto, no período matutino, antes da oficialização da união, ‘C’ narra que foi trabalhar. Todos esses caminhos e sensações estão descritos a seguir: “O dia que casei com o ‘M’ [noivo] foi normal. Trabalhamos de manhã, casamos à tarde 15h30. À tarde não trabalhamos. Viemos almoçar em casa. Tomamos banho, nos arrumamos bonitos e fomos pro cartório (rs). Depois do casamento eu e ele ficamos querendo comemorar... Aí fomos pro Território do Vinho. Fomos os primeiros a chegar, nem tava aberto. No casamento com o ‘M’ [noivo] acho que eu tava mais ansiosa. Não dormi de um dia pro outro direito... a manhã não passava... (rs). Estava muito feliz nos dois casamentos. Cada um de uma maneira.” (C, 37 anos, brasileira, 08/06/2016).

**Figura 95-** Trajeto da noiva ‘C’: casa, cartório (segundo casamento)



**Fonte:** Banco de dados do Google (2016)

**Organização e Elaboração:** Raquel Lage Tuma (2016)

Outra entrevistada brasileira, ‘Th’, relatou: “Acordei às 6h30 na casa do ‘G’ [noivo], que fica ao lado da sobaria. Dormi lá porque passei a madrugada



**Figura 97-** Trajeto da noiva ‘G’: casa, *mairie*



**Fonte:** Banco de dados do Google (2016)

**Organização e Elaboração:** Raquel Lage Tuma (2016)

**Figura 98-** Trajeto da noiva ‘G’: casa, salão de beleza igreja



**Fonte:** Banco de dados do Google (2016)

**Organização e Elaboração:** Raquel Lage Tuma (2016)

‘B’ optou em realizar seu casamento civil e religioso no mesmo dia, ambos em L’Isle-sur-Serein, interior da França. Embora sua residência seja em Paris, foi possível

oficializar o civil em outra cidade, pois seu pai tinha endereço fixo nesta pequena cidade. O motivo dos casamentos ocorrer fora de Paris também se deu em virtude dos altos preços praticados em Paris para uma posterior recepção.

Antes de chegar até L'Isle-sur-Serein, 'B' percorreu 210 km de sua residência até a casa de um parente (nº 1) onde se arrumou para o casamento. Dado o horário, foi a pé para o local do casamento, no qual primeiro oficializou-se no civil, na *mairie* (nº 2), depois seguiram também a pé para a Igreja (nº 3), andando, no total, cerca de 160 metros. (Figura 99).

**Figura 99-** Trajeto da noiva 'B': casa de parente, *mairie*, igreja

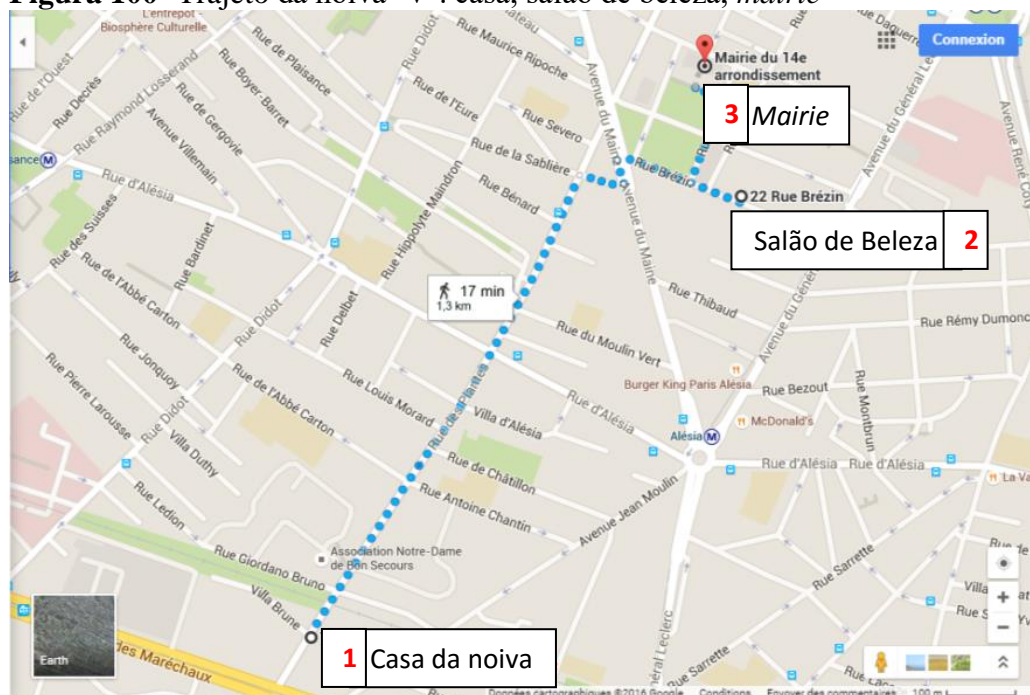


**Fonte:** Banco de dados do Google (2016)

**Organização e Elaboração:** Raquel Lage Tuma (2016)

'V' não foi diferente de 'G' e 'B' no que se refere ao meio de locomoção da casa (nº 1) até a *mairie* (nº 3) para a concretização do casamento civil. Ela também fez o trajeto a pé, percorrendo um total de 1,3 km. Entretanto, arrumou seu cabelo em casa, mas no caminho, passou pelo salão de beleza (nº 2) que frequenta normalmente para fazer um retoque no cabelo rapidamente, seguindo para a *mairie*, conforme é demonstrado seu percurso na figura 100.

**Figura 100-** Trajeto da noiva ‘V’: casa, salão de beleza, *mairie*



**Fonte:** Banco de dados do Google (2016)

**Organização e Elaboração:** Raquel Lage Tuma (2016)

\*\*\*

Ao analisar todos os mapas com os trajetos e distâncias percorridas pelas noivas, primeiramente foi possível identificar que em Campo Grande as noivas fizeram seus preparativos utilizando os salões de beleza no Centro da cidade; em Paris, elas fizeram em seu próprio bairro.

Um segundo aspecto é que no Brasil geralmente o percurso no dia do casamento civil é feito de carro, pois os trechos são mais distantes; e na França é costumeiro fazer a pé, tendo em vista a proximidade do local de realização em relação às casas dos noivos. Os cartórios no Brasil para registro civil são em menor número do que na França e isto obriga as pessoas a andarem mais.

Este fato se deve também ao terceiro ponto, onde as distâncias percorridas na própria cidade pelas noivas brasileiras são grandes. Isso pode ser observado que, entre as brasileiras, ‘Th’ percorreu a menor distância, com 2,4 km, e ‘T’ a maior quilometragem, com 13,7 km. Entre as francesas, o trajeto mais curto foi de 1,1 km e o mais longo 210,1 km. As francesas só utilizaram carro para se locomoverem para as grandes distâncias, quando saíram da cidade, sendo que a mais longe viajou 210 km para chegar aos locais do casamento.

O quarto aspecto demonstra que, ‘C’ (em seus dois casamentos) e ‘T’, ambas brasileiras, percorreram por outros lugares e fizeram outras atividades (ligadas ao casamento, como buscar parentes no aeroporto e preparar a futura casa para a noite de núpcias) antes de começarem a se aprontar para a celebração. Tal acontecimento não foi identificado entre as francesas. Interpreta-se que talvez consista em virtude dos casamentos na França acontecerem mais cedo e, ainda, quando são um pouco mais tarde, precisam se locomover a distâncias maiores, não tendo tempo para fazer quaisquer outras atividades no tempo antecedente.

Outra questão gira em torno do planejamento dos gastos, de maneira que a sua preparação, implica em atividades econômicas, ou seja, é preciso utilizar-se de serviços e produtos que dependem dinheiro, o que transforma o casamento em um negócio. Portanto, o que está em jogo, além da ritualidade, é a disposição financeira da noiva.

Analisa-se o sexto ponto acerca também dos preparativos que se inserem numa agenda diária com compromisso de terminarem no horário marcado para a cerimônia. Isto é, a temporalidade da noiva se preparar fica subordinada àquela do tempo institucional (da Igreja ou do Cartório), como pode ser respaldado em Araújo, ao afirmar que

organizações que se afiguram [...] importantes pela forma como produzem tempo, assim como regulações temporais específicas para certas atividades, ações e comportamentos situados nas esferas pessoal, familiar e relacional [...] são alguns exemplos da diversidade organizacional e temporal que mais ou menos implicitamente regula o tempo individual. (ARAÚJO, 2011, p. 21).

Portanto, o autor aponta essa rigidez que se tem na Igreja, no cartório e na *mairie* com os horários a serem cumpridos, fazendo com que todos os personagens, principalmente, a noiva sigam com rigor. Araújo ainda aponta que

Os sujeitos estão cada vez confrontados com o peso das organizações e das instituições, sendo **socializados com a necessidade de saber usar bem o tempo**. Socialização esta que se dá através de formas objectivas (regulação mecânica do tempo, através do relógio e de todo um esquema legal alicerçado a base dos princípios de recompensa e **de penalização pelo modo “certo” ou “incorrecto” de uso do tempo**) e sob formas subjectivas e implícitas [...] (ARAÚJO, 2011, p. 20, grifo da autora).

Nos rituais de casamento realizados nessas organizações percebe-se esta “socialização” que é imposta e que existe uma penalização pelo uso incorreto do tempo. Inclusive, no Brasil é comum as igrejas solicitarem um cheque caução a ser descontado no caso de atrasos superiores a 15 minutos, fato que se deve pela falta de pontualidade das noivas, pais e padrinhos para o início do ritual. Esse retardamento inicial pode influenciar nos

casamentos seguintes, pois algumas igrejas realizam mais de uma cerimônia no mesmo dia e no mesmo período (geralmente noturno), que agendam os inícios das cerimônias com intervalo de uma hora.

Dessarte, há um “tempo territorializado” marcado pelas instituições, exigindo o “ritual da pontualidade” sob ameaça de penalidade, de maneira que as ações ocorram com durações precisas e esperadas (ARAÚJO, 2011). Assim, a política do tempo “incide sobre o cumprimento do intervalo, sobre a objectiva possibilidade de determinar e legitimar a espera, conforme forem o poder e a autoridade do sistema – organização” (ARAÚJO, 2011, p. 26). Portanto, ocorre a “docilização do sujeito” que gasta o tempo em atos sociais pessoais a partir do que determina a sociedade (ARAÚJO, 2011).

O sétimo aspecto avalia-se também no sentido do tempo, porém com relação ao gênero, onde a noiva deve cumprir uma rotina provavelmente mais regulamentada que o noivo por questão mesmo da exigência social que se coloca sobre ela. No dia do evento, a noiva tem uma agenda com horários mais restritos para se preparar, desde o momento do banho até colocar o vestido e o véu. Diferentemente do noivo, que em geral, precisa de pouco tempo para se arrumar, tempo este que já é usual em sua rotina diária, somente para fazer a barba e vestir sua roupa. Assim, o tempo cerimonial individual, ao se inserir no cumprimento do ritual de pontualidade, da legitimação da espera, da docilização do sujeito, acaba não diferindo muito daquele tempo das demais atividades cotidianas relacionadas à vida cotidiana regulada pela rotina rígida de intervalos a serem cumpridos.

Por fim, consideram-se as emoções que as noivas apresentam nos espaços pelos quais elas percorrem, que foi possível compreender pelos depoimentos quando elas falam, por exemplo, de tranquilidade, ansiedade e nervosismo. Estar nesses locais de preparativos aguçam as emoções, sejam elas de forma positiva ou negativa, conforme o tempo de preparação vai esgotando-se, se falta pouco para ficar pronta, é um nervosismo no sentido que a ansiedade se sobressai, porém, ainda tem muita coisa para arrumar-se, este sentimento é pessimismo; assim como, se está na frente da igreja aguardando o momento de entrar, pode ser o mix de ansiedade e alegria. Enfim, o que se pretende demonstrar é que como Maia (2010, p. 98) diz que as emoções motivam o comportamento ritualístico, produzindo “interações espaciais”, relacionando-se também com o tempo territorializado, de modo que “o ritual controle a permanência do não-dito, extinguindo a ‘emoção selvagem’”.

Portanto, após compreender os trajetos percorridos pelas noivas para se prepararem e, depois, se apresentarem diante do público, parte-se para analisar o ritual em três lugares de oficialização dos casamentos: no cartório, na *mairie* e na Igreja, conforme o tópico seguinte.

### 3.2.2. Lugares do Ritual

Neste subcapítulo pretende-se apresentar os lugares do ritual do casamento, que são marcados pelos modelos das duas Instituições, Estado e Igreja, no Brasil e na França. Dessa maneira, aponta-se a Igreja, enquanto instituição religiosa, o cartório e a *mairie*, como instituições do Estado representativas do casamento, no Brasil e na França, respectivamente.

*Lugar* é um termo utilizado por todas as pessoas em seu cotidiano, sem mesmo perceber o sentido mais profundo da palavra. Nas ciências sociais e nas ciências humanas este conceito é pesquisado amplamente. No sentido etimológico da palavra, *lugar* vem da palavra em latim *localis*, a qual significa ‘referente a uma posição’, ‘a um lugar’, ou ainda de *locus*, ‘lugar’. No dicionário de filosofia, encontra-se o significado de *lugar* como uma “situação de um corpo no espaço” e apresentam-se duas doutrinas acerca do tema. Uma por Aristóteles, o qual considera que “é o limite que circunda o corpo”. Outra moderna, cuja analisa que lugar “é certa relação de um corpo com os outros”. Sob o ponto de vista desta doutrina mais moderna, Descartes conceitua as palavras ‘lugar’ e ‘espaço’ “nada significam de realmente diferente dos corpos que afirmamos estarem em algum lugar, e indicam apenas seu tamanho e forma, e como estão situados entre os outros corpos.” (ABBAGNANO, 1998, p. 729).

Entretanto, este termo lugar, vai muito além do que um local físico, um local real. A geógrafa Rodrigues (1996, p. 76) descreve que enquanto categoria filosófica, o lugar “não trata de uma construção objetiva, mas de algo que só existe do ponto de vista do sujeito que o experiencia. É dotado de concretude porque é particular, único, opondo-se ao universal, de conteúdo abstrato, porque desprovido de essência”. A partir deste pensamento, considera-se que os casamentos se enquadram nesta reflexão, pois os lugares nos quais são realizadas as cerimônias civis, religiosas e as recepções (sejam igrejas, cartórios/*mairie*, casas, buffets ou castelos) são únicos, pelo menos para aquele casal de noivos e naquele instante, e são experienciados pelos tais sujeitos. São lugares que ficarão sempre na memória das pessoas que vivenciaram aquele momento.

Na geografia, o conceito de lugar toma diferentes abordagens. A primeira vertente a utilizar o conceito de lugar como categoria científica foi a geografia humanista. O conceito de

lugar recebeu grande importância pela geografia humanista e o define como “um ponto do espaço que concentra os valores de ordem cultural e individual que permeiam a vida cotidiana das pessoas” (DINIZ FILHO, 2009, p. 168). Isto posto, entende-se que esta vertente apresenta as pessoas em suas atividades de trabalho, estudo, lazer, convívio social, festivo e familiar nos diversos espaços vividos. Cabe apontar que os geógrafos fenomenologistas, como Dardel (2011), defendem a ideia das relações subjetivas do espaço e do ambiente com o homem, as quais consideram a vivência do cotidiano, de forma a compreender os valores e as atitudes das pessoas neste ambiente.

Todos procuram por um lugar que seja ideal em cada momento diferente de nossas vidas, seja um recorte espacial para viver, trabalhar, estudar, namorar, criar os filhos, viajar, casar, festejar, divertir, esconder ou relaxar, seja um lugar como espaço vivido ou como espaço social. Enfim, essa lista de verbos é extremamente longa e vai se modificando cotidianamente.

O significado da essência do lugar não vem a partir de locais e suas funções, da comunidade que o ocupa, ou das experiências superficiais e mundanas, cujas são comuns e necessários aos aspectos de lugares. A essência do lugar está na intencionalidade, inconsciente, que define lugares como centro de profunda existência humana. (RELPH, 1980). Neste sentido, concorda-se com o autor e afirma-se que nos casamentos existe uma verdadeira essência do lugar, está repleto de intencionalidade, e de forma inconsciente, no significado de união, de formação de uma nova família.

Quando Tuan (1980, p. 129) discute sobre o termo *topofilia*, o qual “associa sentimento com lugar”, afirma que “a topofilia não é a emoção mais forte. Quando é irresistível, podemos estar certos de que o lugar ou o meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido com um símbolo.” (TUAN, 1980, p. 107). Também se pode remeter à abordagem de Dardel que, embora neste trecho de sua abordagem reflita sobre o espaço material, considera como apreciação de lugar, no sentido do ‘lugar vivido’ e no sentimento que se tem por estes, ou nestes, lugares: “Desde sua infância, nas primeiras civilizações, o homem se municia de marcadores para se orientar: a casa da família, a torre da vila natal, uma colina, as árvores” (DARDEL, 2011, p. 11). Para complementar esta reflexão, destaca-se o que Tuan (1980, p. 130) afirma: “Em qualquer lugar onde haja seres humanos, haverá o *lar* de alguém – como todo o significado afetivo da palavra”. Ao abordar a familiaridade e afeição, o autor apresenta o sentimento que cada lugar

pode ter para diferentes pessoas, notando que a “consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar” (TUAN, 1980, p. 114).

Quando um casal de noivos opta casar-se em determinado lugar, nem sempre tem uma relação afetiva com aquele local, mas no decorrer do processo de organização do evento, até a sua concretização, o lugar se preenche com sentimentos que serão lembrados. Algumas pessoas escolhem um lugar por ter uma representação para ela, por ter feito parte de sua história de vida desde sua infância até aquela fase, ou até mesmo por simbolizar uma tradição familiar. Neste último caso, ele vem repleto de afeições e, quando enfim se realiza o casamento, o lugar preenche de emoções. Para ambas as situações, este lugar torna-se peculiar, um lugar onde os noivos viveram uma relevante passagem da vida. Aqui se apresentam os rituais nos três lugares principais de oficialização do casamento das entrevistadas: o cartório, a *mairie* e a igreja.

#### 3.2.2.1. Cartório

Este tópico tem o objetivo de apresentar o ritual do casamento no cartório. O Cartório é o lugar onde se oficializam os casamentos civis no Brasil, devendo ser previamente agendado. Ressalta-se que é permitido que o juiz de paz desloque-se a outros lugares para a realização do casamento em edifícios privados, seja em residências, buffets ou qualquer outro local, sendo chamado de casamento em diligência, porém não serão focos de discussão nesta pesquisa. Ainda, observa-se que o casamento religioso pode ter o efeito civil, desde que cumpra os requisitos que estão dispostos na legislação brasileira, além de que o religioso pode ser realizado antes do civil, desde que com habilitação prévia, de acordo com o artigo 1.516 do código civil, conforme descrito no capítulo 1 desta tese.

Para a oficialização no cartório deve haver pelo menos duas testemunhas presentes; caso ocorra em edifício particular, ou ainda se um dos noivos não souber escrever, o número de testemunhas deve ser quatro, segundo consta no artigo 1.534 do código civil de 2002. (BRASIL, 2002).

Os cartórios não são locais que possuem infraestrutura específica para a celebração do ritual do casamento e, para a sua realização, geralmente é feita uma adaptação. Em geral, o casamento é celebrado em uma sala pequena, que tem a mesa do juiz de paz ou um balcão, duas cadeiras para que os noivos sentem-se e poucas cadeiras ou bancos para algumas pessoas se acomodarem. Nas figuras 99, 100 e 101, é possível notar que nenhuma das salas é

exclusiva para a oficialização de casamentos; já nas figuras 101 e 102 têm-se as salas utilizadas diariamente para o trabalho burocrático, como se pode perceber pelos móveis, pastas de arquivos e equipamentos; porém o posicionamento dos noivos à frente do juiz de paz é estabelecido na figura 102, diferentemente da figura 101. Na figura 103 a sala possui somente uma mesa e cadeiras, sem material de trabalho e equipamentos, porém, ainda é pequena, para poucas pessoas.

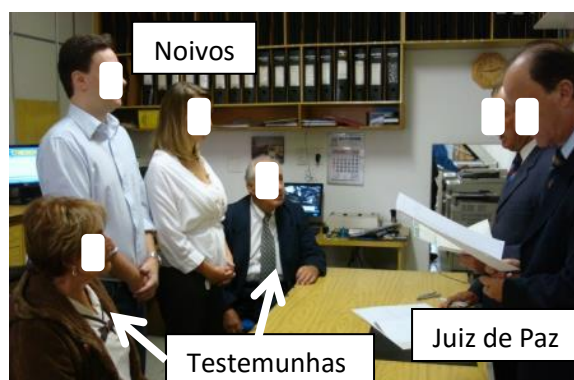
Por isso, como pode ser visto nas figuras 101 e 102 não há regras para as personagens ocuparem determinados posicionamentos durante este rito de passagem, com exceção do juiz de paz que tem lugar exato, que é atrás da mesa. Os noivos ficam à frente dele, porém sem obrigatoriedade de disposição de lado direito ou esquerdo. Os pais, as testemunhas e os convidados podem escolher livremente o lugar, embora não haja muito espaço.

**Figura 101-** Casamento sendo realizado em sala do cartório, no mesmo lugar onde são feitos os outros trabalhos burocráticos, sem posicionamento dos noivos à frente do juiz de paz



**Fonte:** Arquivo pessoal da entrevistada

**Figura 102-** Casamento sendo realizado em sala do cartório, no mesmo lugar onde são feitos os outros trabalhos burocráticos, com posicionamento dos noivos à frente do juiz de paz



**Fonte:** Arquivo pessoal da autora

Os casamentos nos cartórios ocorrem basicamente com três perfis mais recorrentes de opção dos noivos no que se refere ao o que fazer após a oficialização, a saber: 1) casam-se e não fazem almoço/jantar para comemorar a união; 2) casam-se ali e depois fazem um almoço/jantar simples somente para o casal, seus pais, irmãos, padrinhos e poucos convidados; 3) casam-se no cartório para os registros civis, mas fazem uma cerimônia na igreja ou em um *buffet*/ salão de festa.

São diversos os motivos que levam os noivos a escolherem cada uma das formas acima: por questões financeiras, ideológicas ou para a realização de um sonho. Porém, não se tem o propósito de discuti-las. Acerca das vestimentas, embora existam casais em que a noiva usa vestido branco, inclusive com buquê, e ele terno e gravata, isto não é o mais corriqueiro. Geralmente, os noivos usam roupas tipo “esporte fino”: as mulheres com vestidos/saias até o joelho, ou calças e blusas finas; os homens com calça social e camisa.

**Figura 103-** Realização de casamento na sala do cartório, somente com uma mesa e algumas cadeiras, sem material de escritório e equipamentos.



**Fonte:** Arquivo pessoal da entrevistada

No cartório também não há uma regra dos noivos chegarem juntos ou separados, mas, normalmente, vão juntos. Ao entrarem, sentam-se e aguardam na sala de espera seus familiares, padrinhos e convidados (quando há) até serem chamados pelos funcionários do local. Este momento de espera é costumeiramente descontraído e informal (Figura 104 e 105).

Há uma variação do ritual de oficialização dos casamentos nos cartórios. Em geral, leva-se de 10 a 20 minutos, dependendo do juiz de paz. Alguns juízes proferem algumas

palavras sobre o casamento e/ou a importância da família; outros fazem somente as perguntas da troca do consentimento. Essa troca de consentimento é o momento em que os noivos manifestam, separadamente perante o juiz, a vontade de estabelecer vínculo conjugal. Então, a autoridade indaga se aceitam casar-se um com o outro: ‘(Nome e sobrenome) é por livre e espontânea vontade que pretende se casar com (Nome e sobrenome)?’.

**Figura 104-** Noiva e testemunha aguardando o horário do casamento



**Fonte:** Arquivo pessoal da entrevistada

**Figura 105-** Noivos e testemunhas aguardando na sala do cartório



**Fonte:** Arquivo pessoal da entrevistada

Este é o instante no qual evidencia o pensamento de Turner (1974) que diz que todo ritual é um rito de passagem, pois com a resposta positiva de ambos, eles mudam seus estados sociais, de solteiro (ou divorciado, ou viúvo) para casado. Van Genep (1978) exara que os ritos de passagem traduzem mudança de *status* e de hierarquia. Essa é uma ideia proposta pelo autor que resgata os ritos de passagem do seu plano de estudo individual e descobre que, dentro de uma multiplicidade de formas conscientemente expressas ou meramente implícitas, há um padrão típico sempre recorrente nos ritos de passagem. Sendo assim, esses Ritos de Passagem podem ainda ser considerados como Ritos de Separação, Ritos de Margem e Ritos de Agregação e, nessa pesquisa, o foco é o casamento, um rito de agregação<sup>9</sup>.

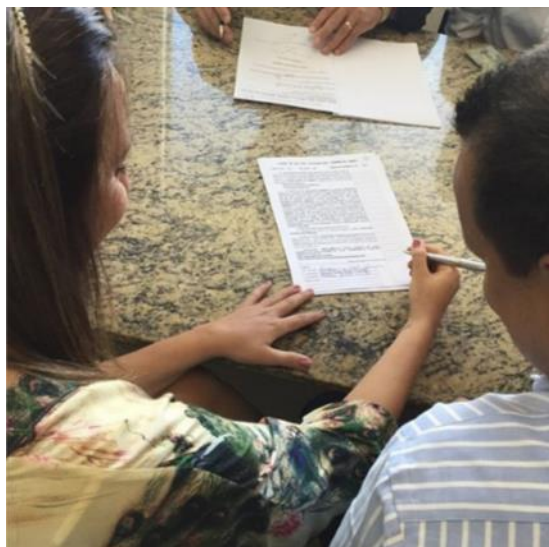
Após a afirmação dos noivos, o juiz de paz declara estar efetuado o casamento, conforme consta no artigo 1.535 do código civil, dizendo: “De acordo com a vontade que ambos acabais de afirmar perante mim, de vos receberdes por marido e mulher, eu, em nome

<sup>9</sup> “Os ritos de agregação têm significação coletiva, quer liguem um ou outro dos indivíduos a novos grupos, quer unam dois ou vários grupos.” (VAN GENNEP, 2011, p. 118).

da lei, vos declaro casados.” (BRASIL, 2002). Depois da declaração do juiz de paz, quando os noivos casam-se somente no cartório, eles trocam as alianças e dão o beijo. Entretanto, quando se faz o ritual na igreja ou em outro local na presença de convidados escolhe-se por protelar a troca da aliança para esta outra ocasião.

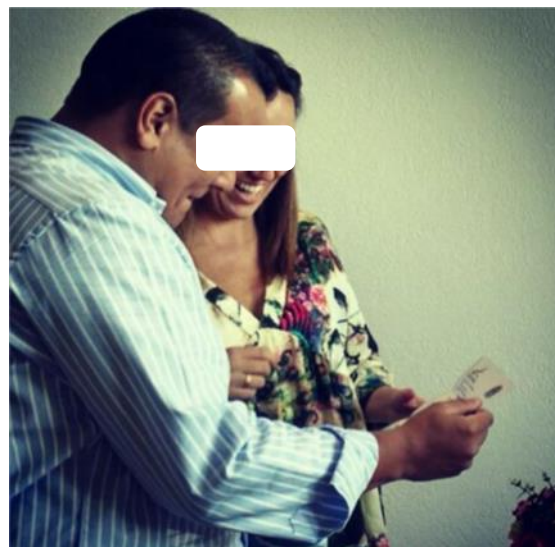
Em seguida, assinam a certidão (Figura 106), lavra-se o assento no livro de registro e recebem a certidão de casamento (Figura 107). Ao final, ganham os cumprimentos do juiz de paz, dos padrinhos, familiares e convidados. Na saída, raramente se vê “chuva” de arroz, papel picado, pétalas de rosas ou bolinhas de sabão.

**Figura 106:** Assinatura na certidão de casamento



**Fonte:** Arquivo pessoal da entrevistada

**Figura 107:** Os recém-casados recebem a certidão de casamento



**Fonte:** Arquivo pessoal da entrevistada

Parkin (1992, p. 14) diz que “os rituais [...] não são expressivos de ideias abstratas mas fazem coisas, têm efeitos sobre o mundo e são trabalho que é levado a termo – que eles são apresentações na verdade.”<sup>10</sup> O ritual do casamento não é meramente para uma representação, tem o efeito sobre o mundo e na vida das pessoas, ele transforma e apresenta uma nova pessoa à sociedade.

<sup>10</sup> “that rituals, however they are defined, are not just expressive of abstract ideas but do things, have effects on the world, and are work that is carried out—that they are indeed performances.” (PARKIN, 1992, p. 14).

### 3.2.2.2. *Mairie*

Este tópico visa apresentar o ritual do casamento na *mairie*. A *Mairie* é o órgão público, que funciona como prefeituras de bairro, onde inclusive se oficializam os casamentos civis na França. Neste país, para obter o registro do casamento civil é preciso que o casal compareça à *Mairie* em data e horários previamente agendados, conforme consta na legislação francesa estudada no capítulo 1 desta tese. O casal pode escolher o dia que melhor convier, incluindo sábado no período matutino e vespertino, exceto domingos e feriados.

Aos que desejam casar-se no religioso, necessariamente, devem primeiro oficializar o casamento civil na *Mairie* perante um oficial do estado civil. Lembra-se que não pode ser realizado fora desta instituição, a não ser por impedimento grave, devendo ser solicitada a autorização antecipadamente em caso de perigo iminente de morte de um dos futuros cônjuges, conforme especificado com detalhes no capítulo 1 desta tese.

Em Paris, essas prefeituras estão instaladas em prédios com construções antigas e imponentes (Figura 108) e há salas específicas para a realização de casamentos (Figura 109) como pode ser visto desde a porta de entrada da sala, com a denominação ‘*Mariages*’<sup>11</sup> (seta amarela) (Figura 110). Para fazer a pesquisa e observação *in loco* para esta tese, a doutoranda assistiu aos casamentos realizados na *Mairie* do 14º *arrondissement*, localizada ao sul da cidade. Dessa forma, abaixo será descrito o ritual, conforme foi observado.

O ritual é muito rápido, com uma duração média de 10 minutos cada cerimônia. Primeiramente, os encarregados por auxiliar o *maire*<sup>12</sup> (prefeito) preparam a sala, chamam os noivos, as testemunhas e seus convidados para ocuparem seus lugares. Cada noivo e noiva podem escolher uma ou duas testemunhas adultas, até no máximo quatro pessoas para o casal, devendo obrigatoriamente estar presentes na cerimônia do casamento com suas identidades para assinarem o registro do estado civil. Os funcionários da *mairie* instruem onde todos devem sentar-se. Há alguns casais que preparam um pouco mais esta celebração e colocam música de entrada, mesmo que seus próprios convidados não estejam prestando atenção, fato este que ocorre, pois a música não faz parte do ritual da *mairie*. O que o casal quer é ter o simbolismo do cortejo, como o modelo que se faz na igreja. Ainda, em outros momentos do ritual, também tocam mais músicas. Os funcionários da *mairie* pegam as alianças e colocam em um pratinho de prata (Figura 111).

---

<sup>11</sup> Casamentos

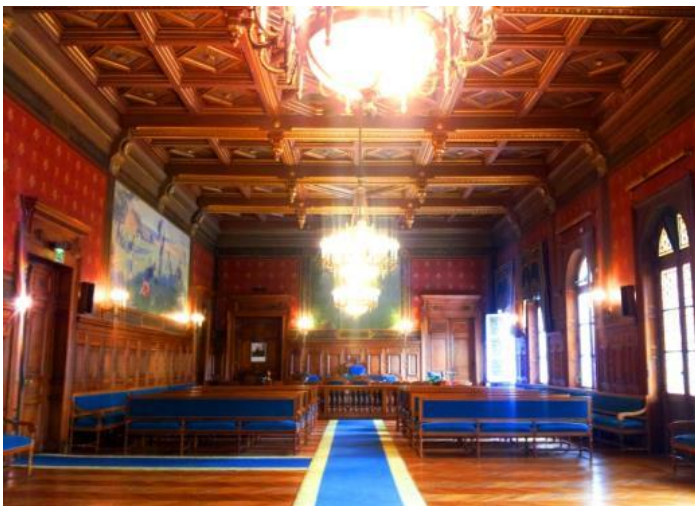
<sup>12</sup> Nome dado à autoridade que é responsável por dirigir a *mairie*, é o prefeito, uma vez que *mairie* traduz-se como prefeitura, conforme explicado no capítulo 1.

**Figura 108-** Fachada da *Mairie* do 14<sup>o</sup> *arrondissement*



**Foto:** Raquel Lage Tuma (jun/ 2015)

**Figura 109-** Sala dos Casamentos da *Mairie* do 14<sup>o</sup> *arrondissement*



**Foto:** Raquel Lage Tuma (jun/ 2015)

**Figura 110-** Na entrada da porta da sala está escrito especificamente que sua função é para a realização de casamentos.



**Foto:** Raquel Lage Tuma (jun/ 2015)

Vale observar as vestimentas, sendo muito comum as noivas usarem vestido branco e os noivos colocarem terno e gravata. Nos casamentos também se encontram convidados com trajes típicos (setas amarelas) de países com culturas específicas (Figura 112), o que faz o comércio de Paris atender a esta demanda, como será apresentado no capítulo 4 desta tese.

**Figura 111-** Pratinho de prata para colocar as alianças



**Foto:** Raquel Lage Tuma (jun/ 2015)

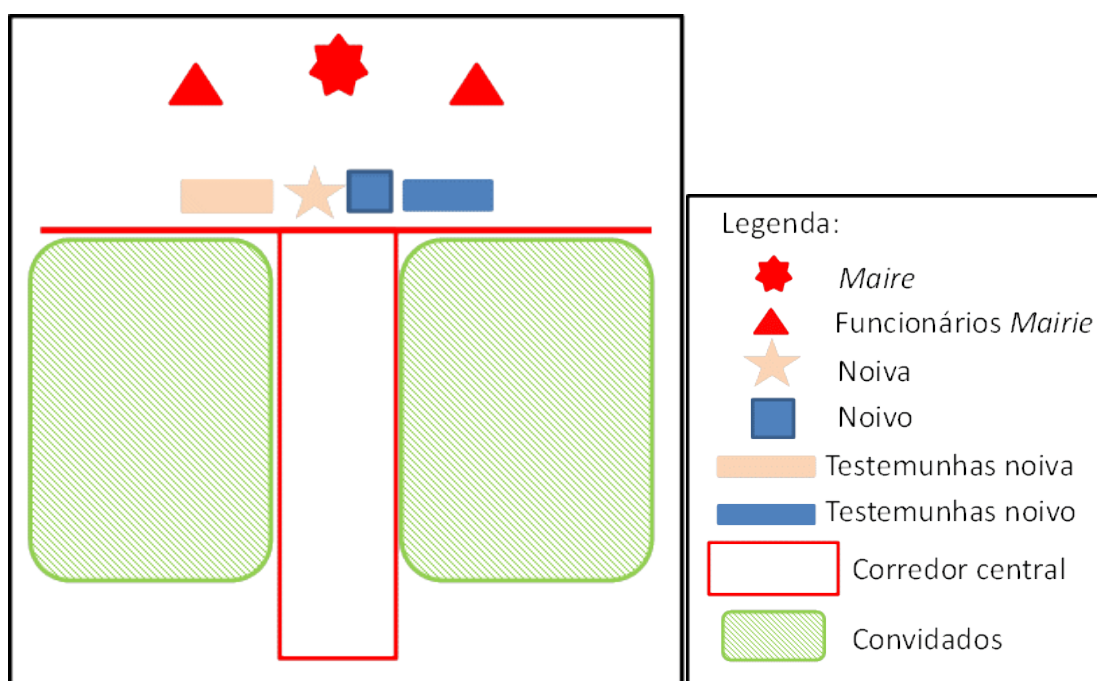
**Figura 112-** Convidados usam trajes típicos nos casamentos em Paris



**Foto:** Raquel Lage Tuma (jun/ 2015)

Após tudo pronto, pedem-se para que todos se levantem e chamam o *maire*. O *maire* entra na sala usando terno preto e a faixa nas cores da França, que demonstra hierarquia e poder. O *maire* fica no centro à frente da mesa e os dois funcionários ficam um de cada lado. Os noivos ficam nas cadeiras centrais, ela do lado esquerdo, ele do lado direito; da mesma forma, as testemunhas logo ao lado de seus afilhados, respeitando-se as coordenadas direita/esquerda. Os pais dos noivos não têm lugares marcados exatamente. Diferem-se muito de acordo com cada casamento. Os pais dos noivos podem ficar ao lado das testemunhas para ficarem mais próximos do casal, nos bancos laterais ou, até mesmo, nos bancos destinados aos convidados em geral, porém, este último lugar não é frequente. Os convidados ficam na parte de trás da sala, atrás dos noivos. Na figura 113 demonstra-se o posicionamento padrão dos personagens, podendo sofrer algumas alterações conforme os casos específicos de cada casamento, de acordo com as situações relatadas a seguir.

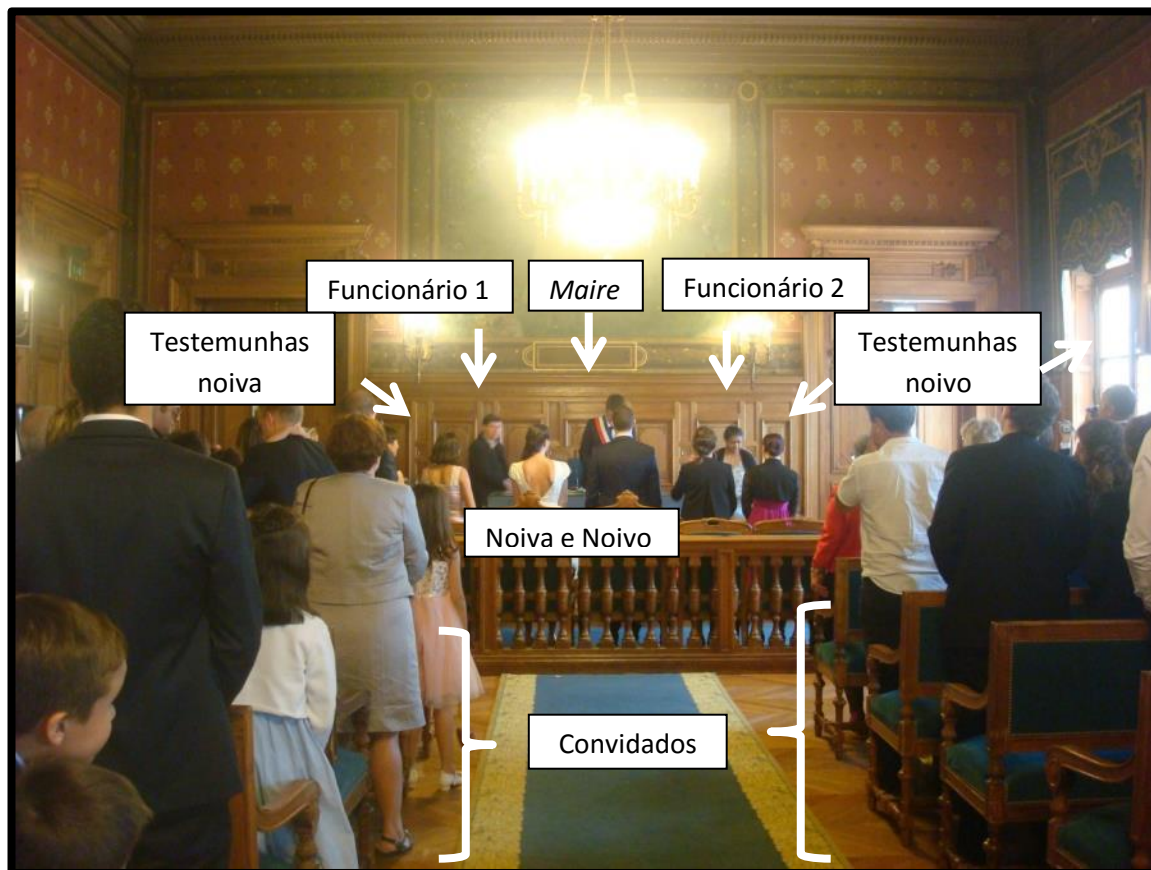
**Figura 113-** Posicionamento padrão do *maire*, funcionários, noivos, padrinhos e convidados



**Organização e Elaboração:** Raquel Lage Tuma (2016)

Na situação 01 (Figura 114) demonstra-se um ritual onde os posicionamentos dos personagens se dão na forma mais tradicional, ou seja, o *maire* está posicionado em seu lugar, à frente e no centro; os funcionários da *mairie* um de cada lado do *maire*; os noivos nas cadeiras centrais, sendo ela na esquerda e ele na direita, com suas respectivas testemunhas ao lado; e os convidados na parte de trás da sala.

**Figura 114-** Situação 01 - Posicionamento dos personagens durante um ritual na forma tradicional



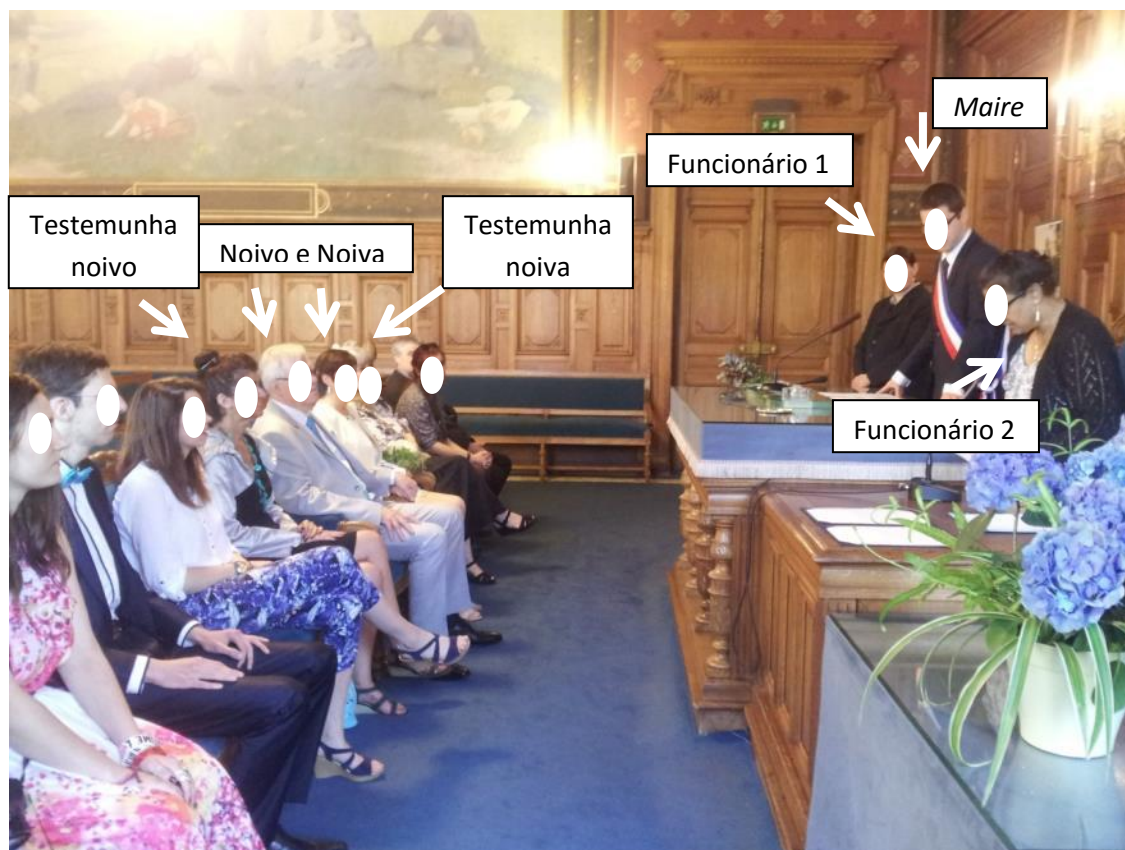
**Foto:** Raquel Lage Tuma (jun/ 2015)

Na situação 02 (Figura 115) apresenta-se um casamento muito íntimo, os nubentes no centro, a noiva na esquerda e o noivo na direita; neste caso havia somente uma madrinha de cada lado, respectivamente. Os outros personagens na foto são os cinco convidados do casal. Vale ressaltar que o *mairie* e os funcionários ficam sempre na mesma posição.

Na situação 03 (Figura 116) têm-se pais e família ao lado dos noivos, respeitando também que à esquerda ficam a noiva, seus pais e suas testemunhas; e à direita estão o noivo, seguido de seus familiares, incluindo sua avó, depois as testemunhas. Os convidados ficam nos bancos das laterais e atrás dos noivos.

Na situação 04 (Figura 117) apresenta-se um casamento entre pessoas do mesmo sexo para demonstrar que o espaço é demarcado da mesma forma. As testemunhas se posicionam ao lado de cada um dos noivos. Atrás ficam os convidados e à frente o *mairie* e os funcionários da *mairie*.

**Figura 115-** Situação 02 - Posicionamento dos personagens durante um ritual bem íntimo



**Foto:** Raquel Lage Tuma (jun/ 2015)

Retomando a sequência do ritual, dá-se início às leituras. Primeiramente, a responsabilidade administrativa inicial com a leitura das identidades dos futuros cônjuges e notifica se o contrato do casamento é aquele que está estabelecido. Em seguida, o *maire* ou o assistente designado faz a leitura dos artigos 212, 213, 214, 215, 220 e 371-1 do código civil, a saber:

Artigo 212. Os cônjuges devem mutuamente respeito, fidelidade, segurança e assistência.

Artigo 213. Os cônjuges garantem conjuntamente a direção moral e material da família, fornecer educação das crianças e preparar seu futuro.

Artigo 214. Se as convenções matrimoniais não regulam a contribuição dos cônjuges aos encargos do casamento, eles contribuem à proporção de suas respectivas capacidades.

Artigo 215. Os cônjuges comprometem-se mutuamente a uma comunidade de vida.

Artigo 220. Cada cônjuge tem poder para gastar somente os contratos que tenham por finalidade o suporte doméstico ou educação dos filhos: toda dívida contraída por um obriga o outro solidariamente. A solidariedade não ocorre, no entanto, para os gastos manifestamente excessivos, tendo em

conta ao estilo de vida das famílias, a utilidade ou a inutilidade da operação, a boa ou má fé do terceiro contratante.

Ela não ocorre mais, se não tiverem sido concluídos com o consentimento de ambos os cônjuges, para compras a prazo ou de empréstimos, a menos que estes últimos não suportam sobre as somas modestas necessárias para as necessidades da vida cotidiana.

Artigo 371-1. A autoridade parental é um conjunto de direitos e deveres, cujo tem por finalidade o interesse a criança. Ele pertence ao pai e mãe até a maioridade ou a emancipação da criança para proteger a sua segurança, sua saúde e sua moral, e para garantir sua educação e permitir seu desenvolvimento, com o devido respeito à sua pessoa.

Os pais associam os filhos nas decisões que lhes dizem respeito, de acordo com a sua idade e grau de maturidade.<sup>13</sup> (FRANCE, 2015b, tradução da autora).

Em seguida, é o momento da troca dos consentimentos, quando o *maire* dá continuidade ao ritual e faz a indagação a cada um dos noivos, separadamente, se eles aceitam casar-se um com o outro: “Senhora... (nome e sobrenome da futura esposa), consente tomar por esposo Senhor... (nome e sobrenome do futuro esposo) aqui presente?” (FRANCE, 2015b, p. 12, tradução da autora)<sup>14</sup>. Após o ‘sim’ da noiva, o *maire* faz a mesma pergunta ao noivo: “Senhor... (nome e sobrenome do futuro esposo), consente tomar por esposa Senhora... (nome e sobrenome da futura esposa) aqui presente?” (FRANCE, 2015b, p. 12, tradução da autora)<sup>15</sup>. Depois do ‘sim’ do noivo, o *maire* declara: “Em nome da lei, eu declaro senhor... (nome e

---

<sup>13</sup> ARTICLE 212 Les époux se doivent mutuellement respect, fidélité, secours et assistance.

ARTICLE 213 Les époux assurent ensemble la direction morale et matérielle de la famille, ils pourvoient à l'éducation des enfants et préparent leur avenir.

ARTICLE 214 Si les conventions matrimoniales ne règlent pas la contribution des époux aux charges du mariage, ils y contribuent à proportion de leurs facultés respectives.

ARTICLE 215 Les époux s'obligent mutuellement à une communauté de vie.

ARTICLE 220 Chacun des époux a pouvoir pour passer seul les contrats qui ont pour objet l'entretien du ménage ou l'éducation des enfants : toute dette ainsi contractée par l'un oblige l'autre solidairement. La solidarité n'a pas lieu, néanmoins, pour des dépenses manifestement excessives, eu égard au train de vie du ménage, à l'utilité ou à l'inutilité de l'opération, à la bonne ou mauvaise foi du tiers contractant. Elle n'a pas lieu non plus, s'ils n'ont été conclus du consentement des deux époux, pour les achats à tempérament ni pour les emprunts à moins que ces derniers ne portent sur des sommes modestes nécessaires aux besoins de la vie courante.

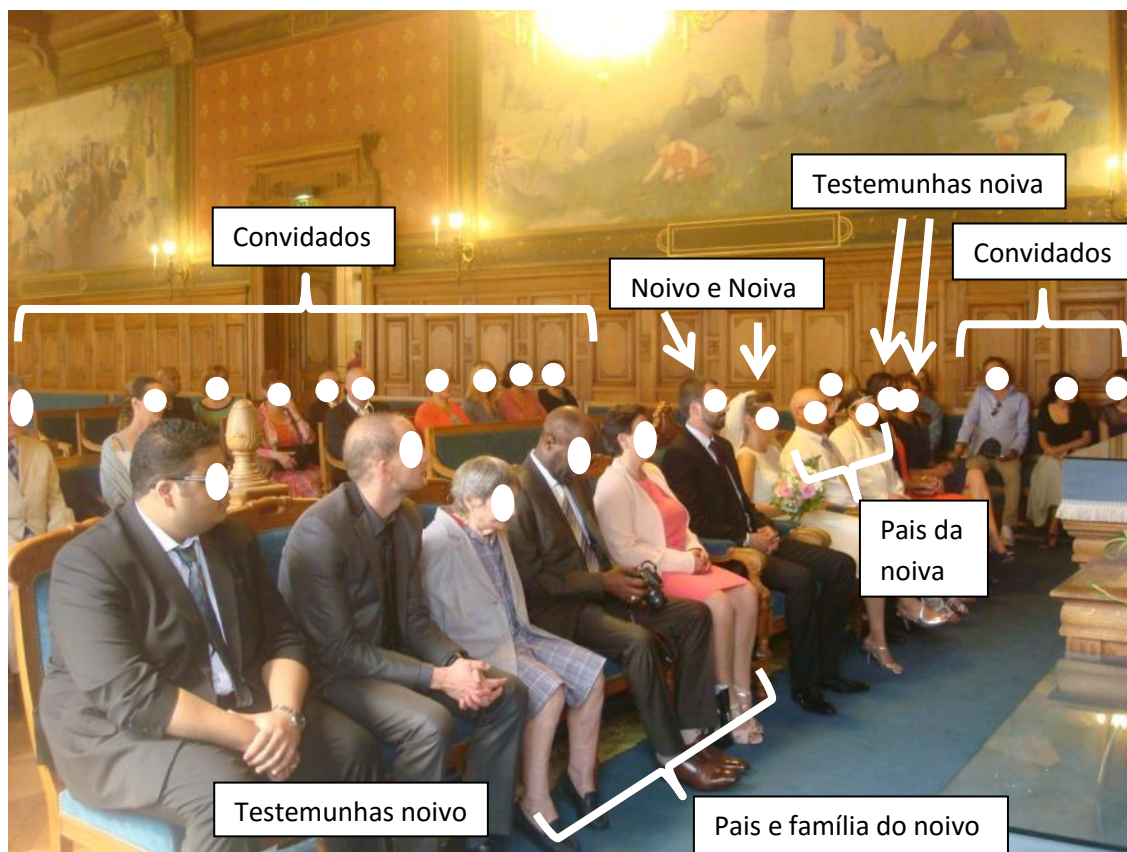
ARTICLE 371-1 L'autorité parentale est un ensemble de droits et de devoirs ayant pour finalité l'intérêt de l'enfant. Elle appartient au père et à la mère jusqu'à la majorité ou l'émancipation de l'enfant pour le protéger dans sa sécurité, sa santé et sa moralité, pour assurer son éducation et permettre son développement, dans le respect dû à sa personne. Les parents associent l'enfant aux décisions qui le concernent, selon son âge et son degré de maturité. (FRANCE, 2015b, p. 12).

<sup>14</sup> Madame ... (nom et prénoms de la future épouse), consentez-vous à prendre pour époux Monsieur ... (nom et prénoms du futur époux) ici présent ? (FRANCE, 2015b, p. 12).

<sup>15</sup> Monsieur ... (nom et prénoms du futur époux), consentez-vous à prendre pour épouse Madame... (nom et prénoms de la future épouse) ici présente ? (FRANCE, 2015b, p. 12).

sobrenome do esposo) e senhora... (nome e sobrenome da esposa), UNIDOS PELO CASAMENTO”<sup>16</sup>. (FRANCE, 2015b, p. 12, tradução da autora).

**Figura 116-** Situação 03 - Posicionamento dos personagens com algumas pessoas mais especiais e/ou família ao lado dos noivos, seguidos das testemunhas



**Foto:** Raquel Lage Tuma (jun/ 2015)

Ao término da leitura da ata do casamento, os noivos a assinam, em seguida as testemunhas e, por último, o *maire*. Os noivos trocam as alianças e dão o beijo para selar a união como símbolo de amor. O *maire* entrega os livro de família<sup>17</sup>, cumprimenta os noivos, posa para fotos (quando solicitado). Enquanto isso, o funcionário da *mairie* coloca o CD para tocar a ‘Marcha Nupcial de Mendelssohn’. O *maire* retira-se da sala, ao tempo em que os noivos recebem os cumprimentos ainda ali dentro. Em seguida, vão para fora da *mairie*, onde os familiares e amigos os aguardam para fazer a chuva de arroz, papel picado, pétalas e/ou bolinhas de sabão.

<sup>16</sup> Au nom de la Loi, je déclare monsieur ... (nom et prénoms de l'époux) et madame ... (nom et prénoms de l'épouse), **UNIS PAR LE MARIAGE** (FRANCE, 2015b, p. 12).

<sup>17</sup> Criado em 1877, este livro da família é onde ficam registradas todas as informações da família, como: data do casamento, separação de corpos, divórcio, morte e nascimento dos filhos.

**Figura 117-** Situação 04 - Posicionamento dos personagens nos casamentos entre pessoas do mesmo sexo



**Foto:** Raquel Lage Tuma (jun/ 2015)

\*\*\*

Ao analisar comparativamente os casamentos civis no cartório e na *mairie*, constata-se que, no Brasil, a pessoa que desejar oficializar este ato fora do cartório pode entrar com um requerimento para realização do casamento em diligência, agendando previamente a data, horário e local onde o casal pretende que seja realizado. Na França não é possível que esse ato seja feito fora da *mairie*, salvo por incapacidade de locomoção de um dos noivos.

Outra diferença é que no Brasil o casamento civil pode ser realizado junto com o religioso; porém na França isso não é autorizado, primeiro deve ser feito obrigatoriamente na *mairie* e, após ser oficializado o civil, os nubentes podem casar-se no religioso, o que pode ocorrer até no mesmo dia. Salienta-se que na França não é permitido o casamento civil junto com o religioso, isso deve ser feito separadamente. Assim, na França a *mairie* é o “lugar central” da oficialização do casamento por força da lei.

Mais um aspecto é que, em território brasileiro, os futuros cônjuges podem escolher o cartório que lhe convier para a realização do casamento civil; tal fato não ocorre em solo francês, onde o registro civil deve ser efetuado na *mairie* na qual um dos noivos possui seu domicílio.

Outra questão é a infraestrutura existente. No Brasil, não há um ambiente apropriado, específico para a realização do casamento civil. É sempre um lugar adaptado, ou até mesmo no próprio local onde os juízes de paz trabalham, em meio aos arquivos e equipamentos. Na França, existem salas exclusivamente para o registro desse ato civil, inclusive com espaço adequado para convidados. Em Paris, os edifícios antigos trazem uma imponência e suas salas uma beleza, fazendo com que o casamento civil tenha a sua devida relevância cerimonial e solenidade como ritual e registro. Isso também difere no Brasil, por não ter um local adequado, o ritual acaba por não ter grande importância cerimonial e solene para o casal. Por consequência, isso resulta em outra diferença, que no Brasil não se podem convidar muitas pessoas para assisti-lo como é feito na França, havendo uma informalidade na disposição espacial ritualística dos participantes em solo brasileiro, comparativamente a um regramento mais sensível em França.

No Brasil não é tão comum que os noivos usem vestido de noiva e terno e gravata, embora existam casais que compareçam com essas vestimentas no cartório; diferentemente na França que a grande maioria veste-se com esses trajes específicos e tradicionais, ou seja, a noiva com o vestido branco, às vezes véu e buquê, e o noivo terno e gravata. Além disso, no Brasil não há um padrão e, na maioria das vezes não acontece de se fazer as trocas das alianças entre os noivos; mas na França este ato durante a cerimônia é habitual.

Existe ainda mais uma diferença que consiste na realização propriamente do ritual. No Brasil não tem nenhuma leitura obrigatória que se faça durante o ritual. Depende da vontade de cada juiz de paz elaborar seu discurso para este momento. Na França estão especificadas na legislação francesa quais são as leituras dos artigos que devem ser feitos, bem como a questão a se indagar no que tange à troca de consentimentos e de regime de contrato, criando, assim, um padrão nos casamentos civis em todo o país.

Dessa maneira, após serem constatadas as diferenças existentes dos rituais dos casamentos civis entre o Brasil e a França, parte-se para o próximo tópico que visa descrever e analisar comparativamente o ritual religioso nestes dois países.

### 3.2.2.3. Igreja

Este tópico visa apresentar as principais diferenças para a realização do matrimônio e as transformações no cenário para a realização do casamento na igreja, bem como os rituais do matrimônio católicos romanos tanto no Brasil quanto na França, fazendo uma análise comparativa do ritual entre estes países.

No catolicismo romano, a igreja é o lugar sagrado para a realização de um dos sacramentos, o matrimônio. Os padres católicos romanos não estão autorizados pelo Papa para oficializar um casamento religioso fora da igreja. Caso o casal tenha interesse em casar-se em um lugar fora da igreja com a benção do padre católico romano é preciso que se tenha uma autorização para que este sacramento ocorra em lugar diferente da Igreja, o que também demanda certo tempo para a tramitação do pedido, precisando ter uma justificativa relevante.

No Brasil, dependendo da Igreja e do mês que os noivos desejam se casar, pode levar até cinco anos, como é o caso da Igreja Nossa Senhora do Brasil em São Paulo, pois a agenda da igreja é bem cheia para alguns meses. Em Campo Grande, a igreja mais tradicional, a São José, geralmente é preciso ver com no mínimo um ano de antecedência para casamentos entre os meses de setembro e dezembro, que são os mais procurados pelos casais. O mês menos procurado é janeiro, por ser de férias escolares. No período da quaresma, que é nos meses de fevereiro e março, geralmente não são realizados casamentos.

Na França é muito mais fácil encontrar datas disponíveis nas igrejas em curto prazo para a realização deste rito de passagem. Em Paris, os meses mais procurados pelos casais são setembro e outubro, pois são meses mais quentes. Nos meses de julho e agosto quase não tem casamentos nas igrejas, por serem férias escolares, nestes meses é mais comum os casamentos acontecerem no interior ou litoral, pois além de serem meses de verão, as famílias podem participar e viajar com mais tranquilidade para os casamentos. No mês de maio ainda se tem alguns casamentos, mas o frequente é a realização de batismos neste período.

Nas igrejas do Brasil são colocados arranjos de flores na nave principal<sup>18</sup> e no altar (setas vermelhas) (Figura 118). Alguns casais ostentam e contratam fornecedores para fazer uma transformação na igreja. Isto é planejado meses antes do casamento, fazendo-se a escolha das flores: tipo, cores, tamanhos dos arranjos, combinações com velas, tecidos, etc. Começa-se então a armar-se verdadeiramente um espetáculo. Este serviço de decoração é quase sempre feito por um profissional, que tem uma equipe que chega pela manhã ou até umas três

---

<sup>18</sup> Corredor principal por onde as pessoas entram na igreja e ocorrem todos os cortejos.

horas antes da cerimônia, dependendo do tipo de decoração contratada. Quando é composta por arranjos de flores que podem ser facilmente carregados, os decoradores os montam em seus próprios galpões e depois levam prontos somente para serem colocados nos locais ao longo da nave principal e no altar. Algumas vezes o trabalho dentro da igreja precisa ser iniciado no período da manhã para que se consiga produzir a decoração no próprio ambiente. Vale ressaltar que cada igreja faz exigências ou restrições em relação ao material e a forma de colocação. Há alguns casos que a igreja fornece uma lista de profissionais que estão autorizados a entrar na igreja, proibindo a contratação de outros profissionais não cadastrados. Em alguns casamentos são colocados os genuflexórios<sup>19</sup>, que podem ser da própria igreja ou, quando esta não possui, é colocado pelos decoradores, conforme combinado previamente com os noivos, para que no momento da bênção e/ou da comunhão, o casal possa se ajoelhar, embora não seja todo o ritual em que se tem a comunhão, somente quando os noivos pedem ao padre. O genuflexório também pode ser usado no momento da bênção, porém não se faz necessário, sendo mais comumente abençoar o casal enquanto estão em pé.

**Figura 118-** Igreja decorada com velas e flores no casamento de ‘D’, em Campo Grande.



**Foto:** Beto Nascimento (2010)

**Fonte:** Arquivo pessoal da entrevistada

---

<sup>19</sup> Móvel utilizado para ajoelhar-se durante os rituais na igreja para fazer a oração no momento da comunhão. No caso de casamento, são menores, para duas pessoas ou individuais.

O cenário na Igreja a França, mais especificamente, em Paris, tem perfil bem diferente e sua preparação começa cerca de uma hora antes do casamento, quando o noivo, os pais, os familiares e/ou amigos auxiliam na pouca decoração que se faz na igreja e na distribuição do livreto com o roteiro da cerimônia. A decoração é bem singela (setas amarelas) e às vezes imperceptível em uma foto (Figura 119), que pode ser uma rosa (Figura 120) ou um pequenino buquê de flores (Figura 121). Nota-se que não é sempre que se faz alguma decoração na igreja. Os noivos não têm o costume de contratar fornecedores para fazer este serviço, muitos casais preferem não colocar nem mesmo uma flor nas cadeiras, assim como não são todos que distribuem o livreto da cerimônia. Não se colocam flores no altar, tapetes ou qualquer outro tipo de decoração ou adereços. Somente durante a cerimônia o casal oferta um buquê ou um vaso de flores no altar, entretanto, também não ocorre em todas as cerimônias.

**Figura 119-** Decoração da igreja em Paris com botões de rosa branca e gypsophila, quase não se nota na foto.



**Foto:** Raquel Lage Tuma (jun/ 2015)

**Figura 120-** Detalhe da decoração da igreja com apenas uma rosa branca e gypsophila (pequenas florezinhas brancas)



**Foto:** Raquel Lage Tuma (jun/ 2015)

O cenário nas igrejas em Paris se altera a partir do momento em que chegam os personagens, ou seja, o padre, os convidados, os pais, os familiares e os noivos. Mas as igrejas raramente ficam com todos os assentos completos, pois os casamentos em geral possuem poucos convidados. Outro detalhe é que no altar normalmente há duas cadeiras para os noivos

se sentarem (tal fato, via de regra, não acontece no Brasil) e o genuflexório para se ajoelharem (Figura 122).

**Figura 121-** Decoração na Igreja em Paris, com um pequeno buquê de flores e fitas amarradas



**Foto:** Raquel Lage Tuma (jun/ 2015)

O ritual do casamento pode ter algumas variações no que tange às entradas e posicionamentos de cada personagem em diferentes cerimônias, mesmo que seja em uma mesma cultura, seja no Brasil ou na França, ou até mesmo em uma mesma cidade. Porém, apresentar-se-á nesta tese, o que é usual em cada um destes países a partir das experiências vivenciadas em cada lugar. Destacam-se as palavras de Parkin (1992, p. 12) quanto diz que “ritual é considerado por privilegiar ação física; mas é uma ação que só pode ser entendida como movimento no sentido corporal ou posicionamento em relação a outros movimentos corporais e posições.”<sup>20</sup>. Para o autor a relevância na abordagem do ritual relaciona-se “com a direcionalidade” que é “marcada pelos participantes posicionados em relacionamentos

---

<sup>20</sup> ‘ritual is held to privilege physical action; but it is an action that can only be understood as bodily movement towards or positioning with respect to other bodily movements and positions.’ (PARKIN, 1992, p. 12).

espaciais entre si” (PARKIN, 1992, p. 16). No ritual do casamento, principalmente os realizados em igrejas, notam-se estas abordagens de Parkin do ritual com posicionamentos, direcionamentos e movimentos corporais durante toda a cerimônia, conforme será descrito a seguir.

**Figura 122-** Cadeiras e genuflexórios posicionados à frente da igreja para os noivos



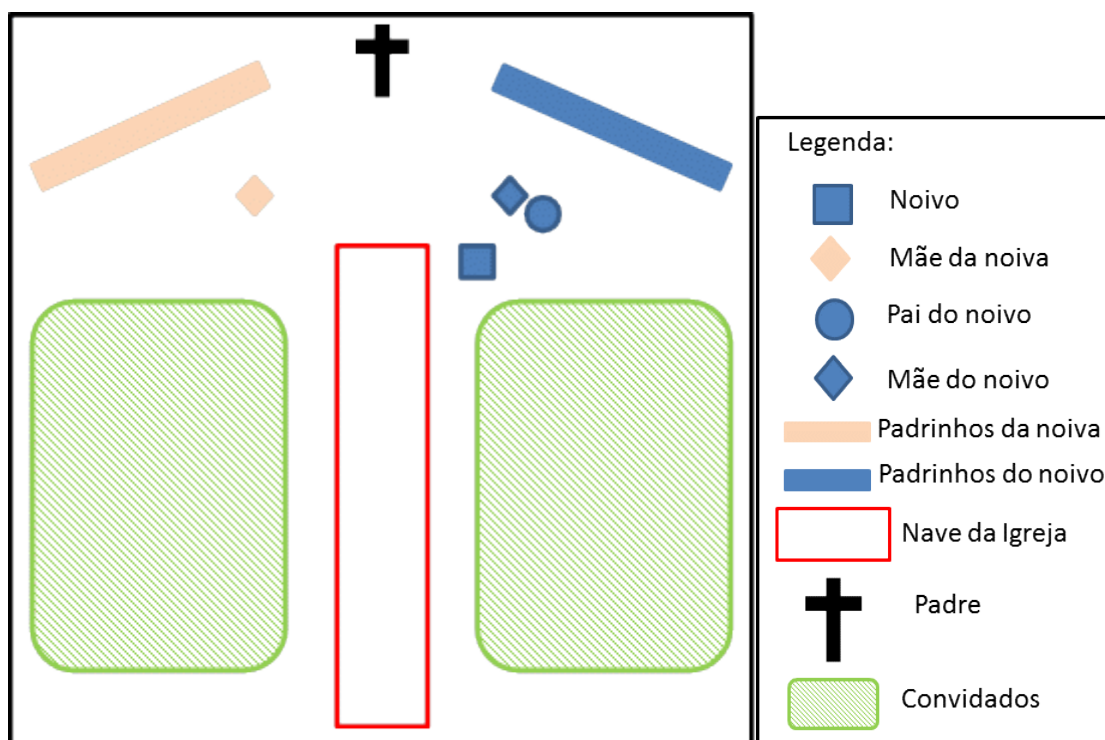
**Foto:** Raquel Lage Tuma (jun/ 2015)

No Brasil, o ritual inicia-se com a chegada dos convidados, os quais se acomodam nos bancos destinados à comunidade. Há não mais de três décadas, o costume era de que os convidados da noiva deveriam ficar do lado esquerdo e do noivo do lado direito, porém isso caiu em desuso. Comumente, o noivo e sua família estão na igreja recebendo os convidados, embora hoje em dia não se tenha mais a obrigatoriedade desta etiqueta. Quando é dado o horário agendado ao casamento e a noiva chega, ela permanecesse no carro enquanto o(a) cerimonialista organiza os pares e posiciona as personagens por ordem de entrada do lado de fora da igreja. Tem uma regra para todos os casais, o homem oferece o braço esquerdo para a mulher. A seguir serão apresentados os posicionamentos segundo padrões familiares convencionais (ou seja, supondo-se que ambos os noivos possuem pai e mãe. Note-se que, na ausência de um destes, outra pessoa atua representando esta personagem), lembrando-se que as coordenadas são de quem está no fundo da igreja olhando para o altar.

Assim que estão todos posicionados e prontos, o(a) cerimonialista dá o comando aos músicos para tocarem a música que foi previamente escolhida pelo casal para a entrada do noivo. Neste momento, o padre está na parte central do altar e todos os convidados se levantam. O noivo adentra acompanhado geralmente de sua mãe pela porta da frente da igreja e a leva até o altar, do lado direito, e cerca de dois passos adiante, ele posiciona-se ao lado

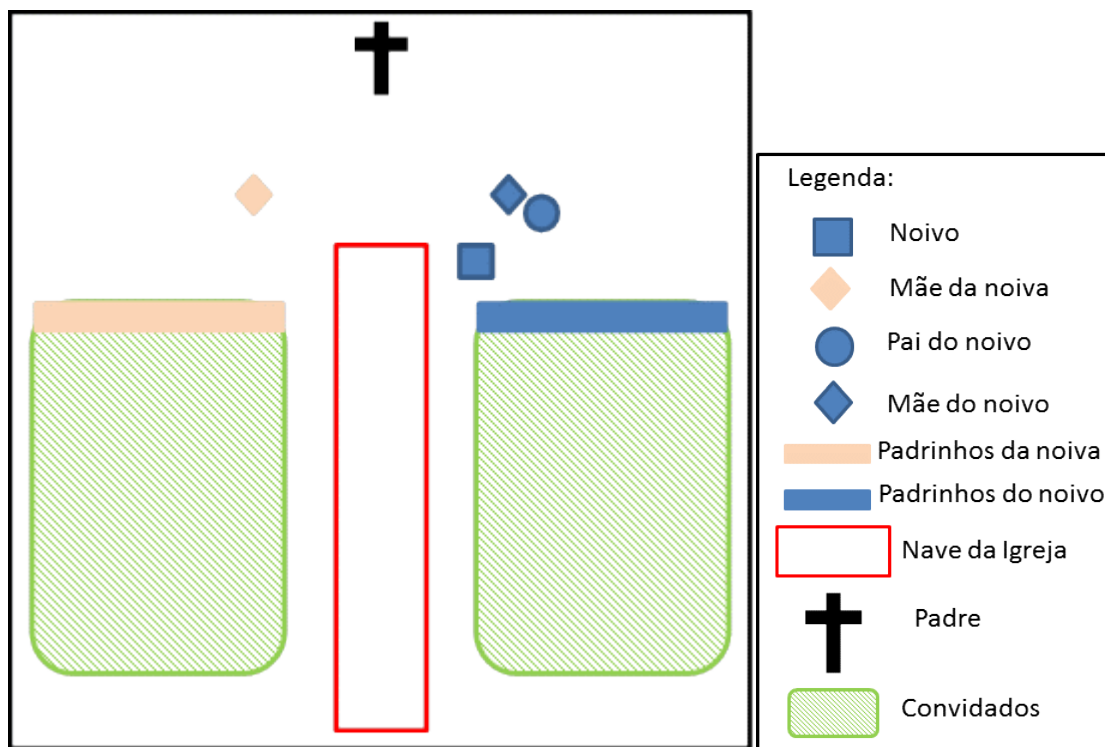
direito no final da nave e ambos aguardam em pé. Em seguida, geralmente toca-se outra música para a entrada dos pais (pai do noivo com mãe da noiva), passam por toda a nave e o pai do noivo deixa a mãe da noiva no altar do lado esquerdo, na mesma linha onde a mãe do noivo ficou do outro lado, posicionando-se ao lado desta. Também é possível que o pai do noivo fique ao lado da mãe do noivo até que o pai da noiva chegue ao altar. Enquanto ainda os pais estão na metade do caminho da nave, dá-se a ordem para os casais de padrinhos começarem a entrar, que podem ser primeiro os casais que ficam do lado da noiva e depois do lado do noivo, ou casal a casal alternadamente. Ao chegarem à frente, os padrinhos do lado da noiva ficam do lado esquerdo e do lado do noivo do direito (Figura 123). Em alguns casamentos eles ficam nas primeiras fileiras destinadas aos convidados (Figura 124), que são previamente reservadas pela equipe de cerimonial, outros ficam à frente (com ou sem cadeiras para se sentarem) atrás dos pais, respeitando também a regra do lado esquerdo padrinhos da noiva e direito os do noivo. A quantidade de padrinhos raramente é somente um ou dois casais de cada lado, é muito normal terem acima de quatro casais de cada lado, mas não tem número definido para isto. Alguns padres restringem o número de assinaturas durante o ritual e, quando isto acontece, o cerimonialista coleta as assinaturas dos outros casais antecipadamente para que os noivos tenham este documento como recordação.

**Figura 123-** Posicionamento do noivo, pais, padrinhos à frente, no altar, e convidados



**Organização e Elaboração:** Raquel Lage Tuma (2016)

**Figura 124-** Posicionamento do noivo, pais, padrinhos nas primeiras fileiras dos bancos dos convidados, no altar, e convidados



**Organização e Elaboração:** Raquel Lage Tuma (2016)

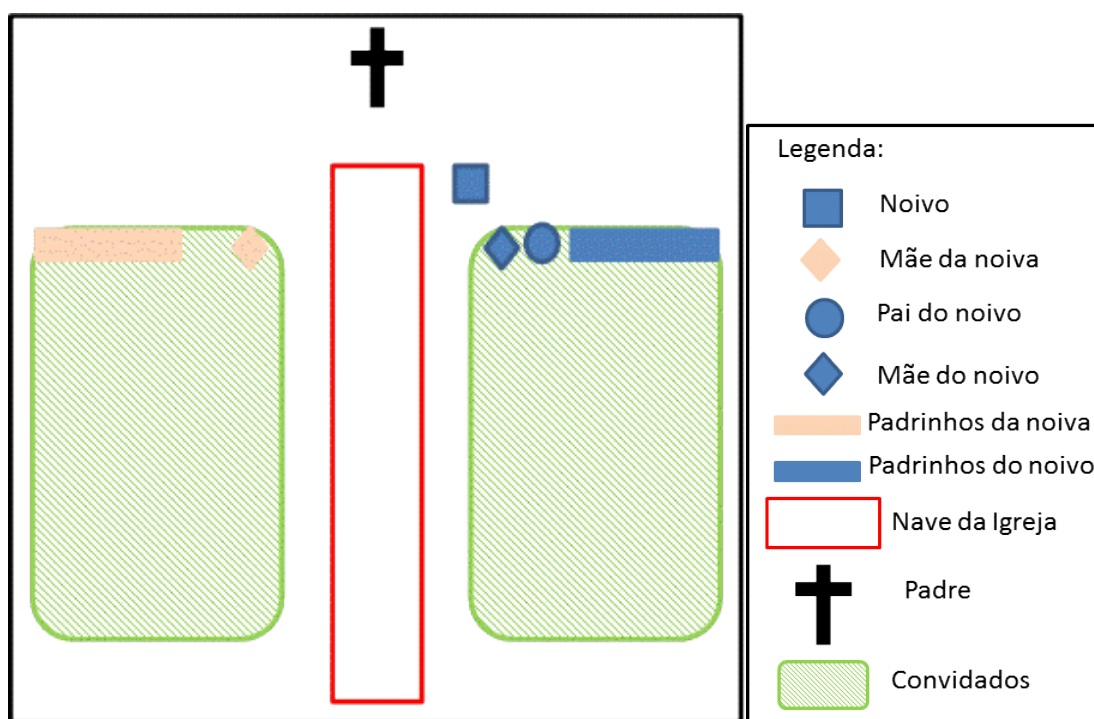
Uma terceira possibilidade, não tão usual, é quando os pais ficam no primeiro banco na fileira dos convidados, próximo da nave, igualmente reservada para este fim, e a seguir ao lado ficam os padrinhos (Figura 125). Ressalta-se que pode ocorrer, também muito habitual, que o cortejo inicie-se com os padrinhos, depois os pais e por último o noivo e sua mãe.

Em seguida, é a vez da entrada das crianças, daminhas de honra e/ou pajens. Hoje em dia, quando tem muitas crianças nas famílias dos noivos, alguns pedem para elas levarem santos, bíblia, terço, ou não portam nada, podendo, neste momento, trazer ou não as alianças. Mais uma possibilidade é as alianças serem trazidas no momento da bênção destas, que acontece na hora dos noivos as colocarem, que também são trazidas por crianças, avós, ou alguém especial. Por último, vem a florista, geralmente menina, para jogar as pétalas de flores ou folhas, para a noiva entrar. Todas essas crianças ficam sentadas à frente no altar, podendo ser do lado direito ou esquerdo, ou nas laterais, ou também nos bancos dos convidados, geralmente ficam mais próximas dos pais delas, por isso que muitas vezes não tem um rigor neste posicionamento.

Após a florista, fecham-se as portas da igreja para preparar a noiva. O(A) cerimonialista ajuda a noiva a sair do carro, arruma o vestido e o véu e relembra-a como

segurar o buquê, tudo isso em poucos instantes. O pai fica à esquerda da noiva, oferecendo-lhe o braço direito. É o único casal que entra do lado inverso, ou seja, o homem do lado esquerdo e a mulher do lado direito. Em seguida, toca-se a música de entrada da noiva e abrem-se as portas para eles entrarem. Durante o percurso até o altar, a noiva olha para o noivo e os convidados, sorrindo discretamente, a fim de mostrar que os viram, mas mantendo a ‘etiqueta’ para o momento. Ao chegar próximo do altar quem a acompanhou dá-lhe um beijo na testa ou na bochecha, em seguida tem a troca entre o pai que a levou e o noivo, os quais se cumprimentam apertando as mãos e/ou algumas vezes com um abraço. Após, o noivo cumprimenta a noiva também com um beijo no rosto e a recebe, oferecendo-lhe o braço esquerdo. Os dois ficam lado a lado durante o ritual. (Figura 126).

**Figura 125-** Posicionamento do noivo, pais ao lado dos padrinhos na primeira fileira dos bancos e convidados



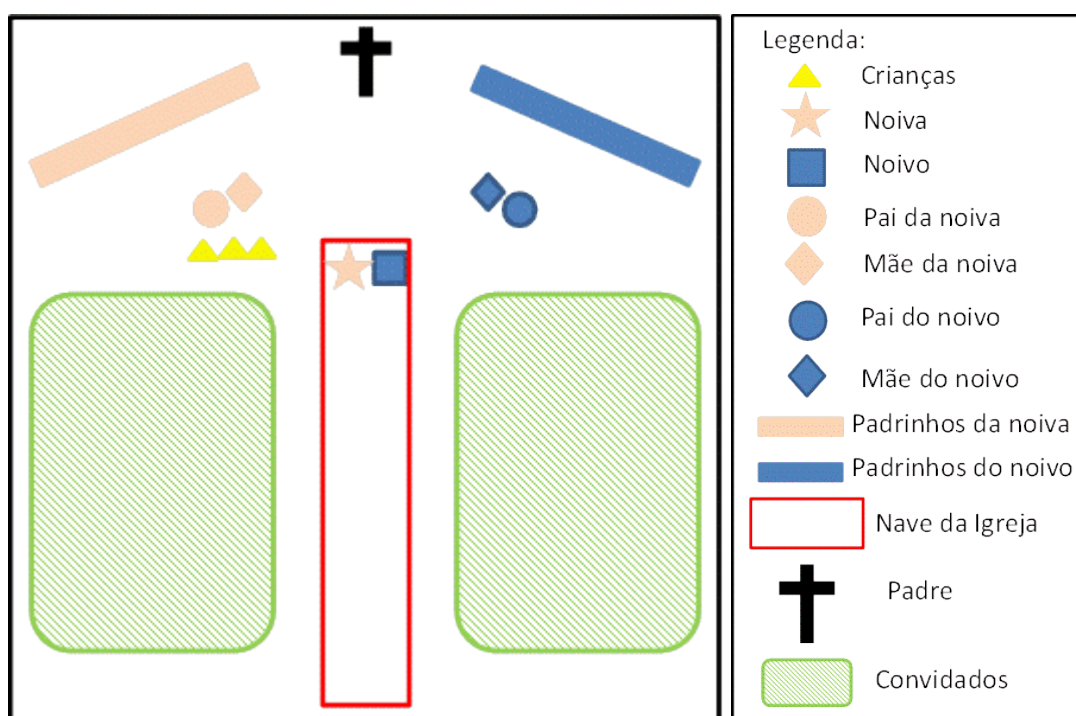
**Organização e Elaboração:** Raquel Lage Tuma (2016)

A partir do momento que a noiva chega ao altar, o padre começa com as palavras de boas vindas e a parte litúrgica, quando enaltece o valor do matrimônio. A seguir é feita a primeira leitura, o salmo, a segunda leitura, podendo ser lida por padrinhos ou familiares. Em

continuação o sacerdote lê o evangelho e faz a homília<sup>21</sup>. Na sequência inicia-se o rito sacramental do matrimônio, quando o padre declama:

Caros noivos, N. e N. viestes a esta Igreja, para que, na presença do sacerdote e da comunidade cristã de contrair matrimônio seja marcada por Cristo com um sinal sagrado. Cristo abençoa com generosidade o vosso amor conjugal. Já vos tendo consagrado pelo batismo, vai enriquecer e fortalecer-vos agora com o sacramento do Matrimônio, para que sejais fieis um ao outro por toda a vida e possais assumir todos os deveres do Matrimônio. (PARÓQUIA NOSSA SENHORA DO BRASIL, 2016, p. 3).

**Figura 126-** Posicionamento de todos os personagens do casamento



**Organização e Elaboração:** Raquel Lage Tuma (2016)

Depois faz o diálogo antes do consentimento, que é conhecido por aqueles que assistem ao ritual como a ‘hora do sim’ e o padre indaga aos noivos:

**Sac.:** N. e N. viestes aqui para unir-vos em Matrimônio. Por isso, eu vos pergunto perante a Igreja: É de livre e espontânea vontade que o fazeis?

**Noivos: Sim!**

**Sac.:** Abraçando o Matrimônio, ides prometer amor e fidelidade um ao outro. É por toda vida que prometeis?

<sup>21</sup> Discurso que instrui os fieis sobre a religião, considerada como uma ‘conversa’ para explicar os textos bíblicos, ligando-os à realidade da comunidade.

**Noivos: Sim!**

**Sac.:** Estais dispostos a receber com amor os filhos que Deus vos confiar, educando-os na lei de Cristo e da Igreja?

**Noivos: Sim!** (PARÓQUIA NOSSA SENHORA DO BRASIL, 2016, p. 4).

Logo após, o sacerdote solicita que os noivos deem um ao outro a mão direita para que possam manifestar o consentimento em selar a união e pede primeiro que o noivo repita as palavras a seguir e depois a noiva: “Eu, N. te recebo, N., por minha(meu) esposa(o) e te prometo ser fiel amar-te e respeitar-te na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias da nossa vida.” (PARÓQUIA NOSSA SENHORA DO BRASIL, 2016, p. 4). Com esta declaração dos noivos, o padre dá a aceitação deste consentimento e, no final, diz: “Ninguém separe o que Deus uniu.” (PARÓQUIA NOSSA SENHORA DO BRASIL, 2016, p. 4). Finalizada esta parte, toca-se a música da entrada das alianças, se as alianças já foram trazidas pelas damas de honra ou pajem, as crianças as levam até o padre, ou se ainda não entraram antes da noiva, faz-se neste momento. Na sequência, vem a música da bênção das alianças e o padre solicita para que as entreguem um ao outro em sinal de amor e fidelidade, pedindo que cada um repita: “N., recebe esta aliança em sinal do meu amor e da minha fidelidade. Em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo.” (PARÓQUIA NOSSA SENHORA DO BRASIL, 2016, p. 5). É normal que os noivos deem um beijo na aliança após serem colocadas nas mãos. Ao final deste ato, o padre diz que os noivos podem se beijar.

Na sequência o sacerdote faz a oração dos fieis, a liturgia eucarística e o rito da comunhão, quando há, pois não são todos os rituais que os noivos fazem a comunhão. Após isto, parte-se para os ritos finais. No encerramento, toca-se uma seleção de músicas para as assinaturas dos noivos e das testemunhas. Reforça-se que não é qualquer padre que admite que todos os casais de padrinhos assinem, sendo somente àqueles que constam na certidão, conforme foram entregues os documentos previamente, porém há alguns que consentem que façam as assinaturas em uma folha separada ou no próprio documento, no espaço em branco abaixo.

Conforme os padrinhos vão assinando o documento, já vão saindo e ficando perfilados fora da igreja, a partir da porta principal. Outra variação é o casal assinar o documento e voltar para os seus lugares e depois tocar uma música para a saída deles. É comum fazer as fotos com família, padrinhos, damas e pajens à medida que cada personagem levanta-se para sair da igreja. Esta é uma recordação que estará nos álbuns e não pode esquecer-se de ninguém, principalmente destes personagens principais.

Quando os padrinhos chegam à porta de saída, formam um corredor e recebem um pouco do tradicional arroz, para jogarem nos noivos no momento que eles saírem. Isto tem o significado de fertilidade e sorte no casamento. Algumas igrejas proíbem o arroz, pela sujeira que é feita, pois o grão é muito pequeno e penetra em pequenos vãos do piso, dificultando a limpeza. Então, surgiram outras opções, podendo ser papel picado, pétalas de rosas ou bolinhas de sabão.

Há outra possibilidade desta saída que é os padrinhos saírem depois dos pais e crianças, entretanto, o que tem sido mais usual é a primeira forma, ou seja, os padrinhos saírem após as assinaturas. Sendo assim, depois dos padrinhos, saem as crianças, os pais do noivo, os pais da noiva, ainda em continuação das músicas escolhidas para as assinaturas da certidão. Mais uma alternativa de saída, porém menos comum, quando os noivos saem primeiro, seguidos das crianças, dos pais da noiva, pais do noivo e padrinhos.

Para a saída dos noivos, toca-se outra música, geralmente mais alegre, para este momento, os convidados se levantam e os noivos saem. Este é um momento mais descontraído, quando os noivos dão sorrisos mais naturais e acenam para a plateia. Do lado de fora da igreja, os pais e padrinhos os aguardam e fazem a chuva de arroz, papel picado, pétalas de rosas ou bolinhas de sabão ou algumas vezes até show pirotécnico com fogos de artifícios *outdoor* e/ou *indoor*. Se não há recepção após o ritual religioso, os noivos recebem os cumprimentos na porta da igreja ou no salão ao lado. Encerrando, assim, o ritual do casamento. Entretanto, alguns casamentos ainda têm continuidade com a recepção, mas que não fará parte do objeto de estudo desta tese por uma questão de delimitação do tema. Quando os noivos fazem a recepção após o ritual, eles entram direto no carro para o ritual restante, conforme será apresentado no tópico a seguir.

Na França, os primeiros a chegarem são os familiares e alguns amigos que auxiliam fazem uma pequena decoração na igreja, com uma flor ou pequenos buquês de flores presas às cadeiras que estão no corredor, ou seja, mais próximas da nave por onde será o cortejo e deixam sobre as cadeiras ou bancos os livretos que constam todo o roteiro do casamento, inclusive as canções. Estas canções geralmente são religiosas e/ou instrumentais. Por isto, tem-se somente um(a) organista, que toca no órgão centenário da igreja e, para as músicas com letras religiosas, são sendo acompanhada pelo padre e pelos presentes. Algumas vezes tem-se um(a) musicista ou outro profissional para tocar mais um instrumento, como exemplo, o violoncelo.

O noivo chega, verifica alguns detalhes, escuta as observações finais do sacerdote, interage com familiares e amigos. Os convidados aproximam-se e ficam do lado de fora da igreja conversando. Comumente, a noiva chega, fala com os amigos e familiares, tira fotos e o padre passa as últimas informações (Figura 127). Aos poucos, os convidados entram e tomam os seus lugares.

**Figura 127-** Noiva conversando com o padre para verificar os últimos detalhes



**Foto:** Raquel Lage Tuma (jun/ 2015)

Dado o horário agendado da cerimônia, começam o ritual, o qual se subdivide em cinco partes. A primeira é a acolhida, quando todos os convidados levantam-se para receber aos noivos e pais; e o cântico religioso, que é uma preparação da cerimônia quando todos podem cantar e uma preparação espiritual dos noivos. Na acolhida, é usual iniciar o cortejo com o padre entrando pela nave com uma música. Em seguida, faz-se a entrada do noivo com a sua mãe do lado esquerdo. Ele a deixa na primeira fileira dos bancos junto com os convidados e fica em pé, do lado direito da nave da igreja. Poucas vezes os pais e padrinhos fazem o cortejo após o noivo. Geralmente eles ficam posicionados na primeira fileira do banco, ao lado dos pais. Além disso, são sempre poucos padrinhos, cerca de quatro pessoas e não são sempre homem e mulher como um par, podem ser dois homens ou duas mulheres também. As damas de honra e os pajens entram em seguida, ficando também na primeira fileira ou nos bancos da frente nas laterais da igreja. Vê-se também daminhas e pajens

entrando logo após a noiva, porém o mais praticado é que entrem todas as crianças à frente da noiva e de seu pai. Quando acontece dos padrinhos e pais participarem do cortejo, quem faz o serviço do cerimonialista para colocar cada um na ordem de entrada são as mães (da noiva ou do noivo) ou amigas, ou familiares.

Após as crianças, entra a noiva com o seu pai. Não há um rigor, algumas vezes a noiva fica à direita e outras à esquerda de seu pai. Como não há um cerimonialista organizando todo o ritual e, por isto, não fazem ensaios antes do casamento, a troca entre o pai da noiva e o noivo (assim como a posição de entrada) também não tem uma regra, às vezes se cumprimentam, às vezes não. Desse modo, não tem um padrão neste momento entre os rituais observados. Porém, a posição que o noivo assume ao lado direito da noiva, esta sim é respeitada, sempre desta maneira. Entretanto, o casal é instruído pelo próprio padre anteriormente e, se necessário, até na hora da troca. Quando a noiva fica ao lado do noivo, por causa da cadeira, o vestido e o véu embolaram-se, então, as mães (da noiva e/ou do noivo) e/ou madrinhas acabam arrumando o vestido e o véu da noiva, pois não há um(a) cerimonialista para fazer isto. Na figura 128 demonstra-se o posicionamento fixo de todos os personagens até este instante.

A seguir, o padre continua o ritual religioso com a segunda parte que é a liturgia da palavra, que os noivos podem escolher juntamente com o padre os textos que foram marcantes durante a preparação do casamento, que fazem parte: a primeira leitura, o salmo, a aleluia (cantada), o evangelho e a homília. É nesta segunda parte que os noivos proferem os votos preparados previamente um ao outro (Figura 129 e 130).

A terceira parte é o sacramento do matrimônio. Neste momento, o padre convida os noivos e os padrinhos para ficarem em pé. Estes ficam ao lado de seus respectivos afilhados, um passo atrás. Na figura 131, demonstra-se este posicionamento dos padrinhos no momento do ritual que se faz o sacramento do matrimônio. Em seguida, o padre inicia o diálogo inicial, quando ele pergunta aos noivos: “N. e N. Vocês escutaram a palavra de Deus que revela a grandeza do amor humano e do casamento. Vocês irão se comprometer um ao outro pelo casamento. É livremente e sem coerção?”<sup>22</sup>. Os noivos respondem separadamente: Sim. O padre indaga novamente: “Ao envolver-se na via do casamento, vocês prometem amor mútuo e respeito?”<sup>23</sup>. Os futuros esposos dizem: Sim. O padre faz a última questão: “Vocês estão

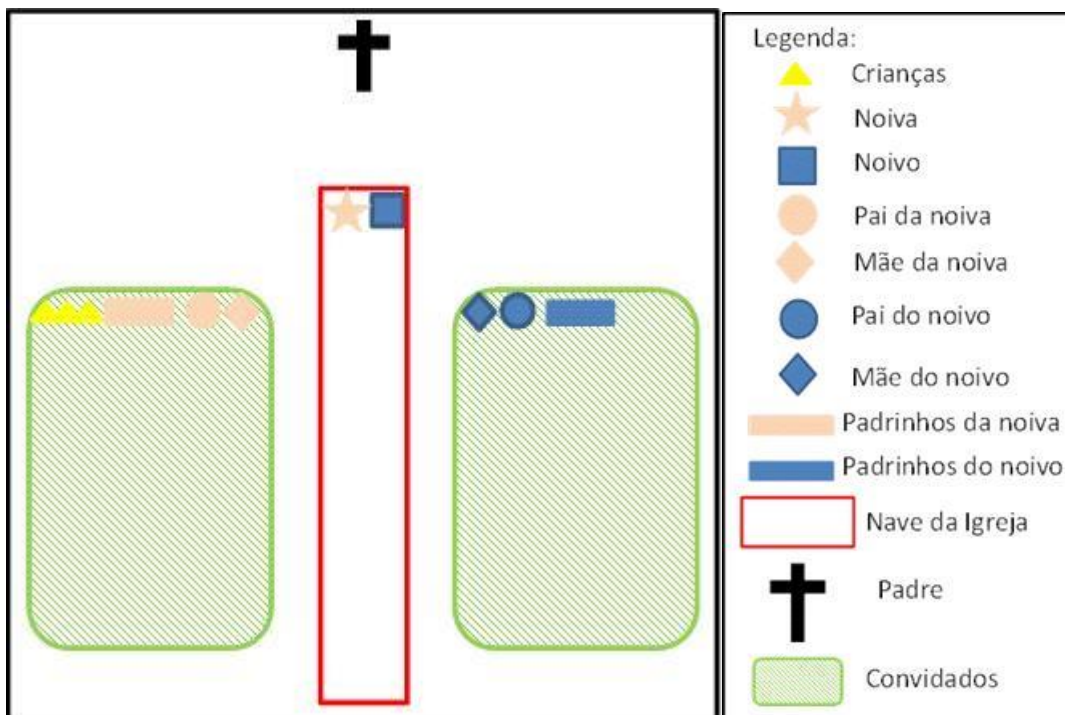
---

<sup>22</sup> “N. e N. vous avez écouté la parole de Dieu qui révèle la grandeur de l’amour humain et du mariage. Vous allez vous engager l’un envers l’autre dans le mariage. Est-ce librement et sans contrainte ?”

<sup>23</sup> “En vous engageant dans la voie du mariage, vous vous promettez amour mutuel et respect. Est-ce pour toute votre vie?”

prontos a acolher os filhos que Deus lhes dar e a educa-los segundo o Evangelho do Cristo e na Igreja?”<sup>24</sup> Mais uma vez o casal afirma: Sim.

**Figura 128-** Posicionamento dos noivos, pais, padrinhos e crianças (damas de honra e pajens)



**Organização e Elaboração:** Raquel Lage Tuma (2016)

**Figura 129-** O noivo profere seus votos à noiva



**Foto:** Raquel Lage Tuma (jun/ 2015)

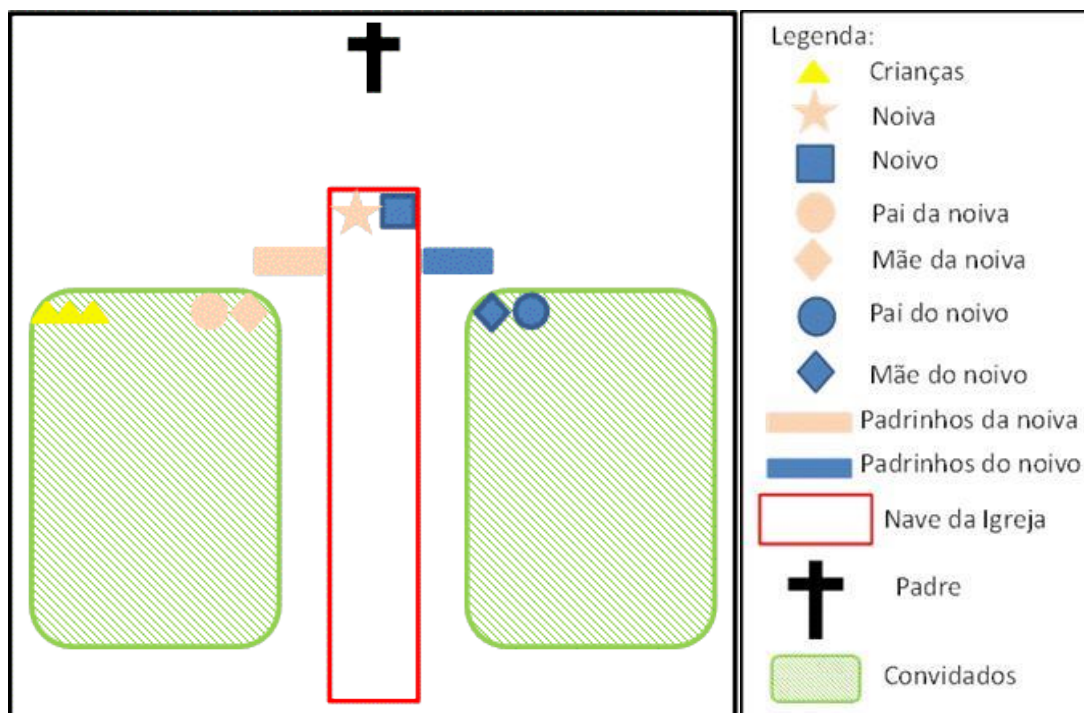
**Figura 130-** A noiva discursa seus votos ao noivo



**Foto:** Raquel Lage Tuma (jun/ 2015)

<sup>24</sup> “Etes-vous prêts à accueillir les enfants que Dieu vous donne et à les éduquer selon l’Évangile du Christ et dans foi de l’Église ?”

**Figura 131-** Posicionamento dos padrinhos no momento do sacramento do matrimônio



**Organização e Elaboração:** Raquel Lage Tuma (2016)

A seguir é a troca do consentimento quando o padre pede para que manifestem a anuência e digam: “Eu, N., te recebo N. como minha (meu) esposa(o) e te prometo ser fiel, na felicidade e nas provações, na saúde e na doença, por amar-te todos os dias da minha vida.”<sup>25</sup> Feito isso, o padre dá a bênção ao consentimento e, após, a bênção e troca das alianças, quando um coloca a aliança no outro e repetem: “N., recebe esta aliança em sinal de meu amor e de minha fidelidade (em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo)” e, por fim, o sacerdote faz a bênção nupcial. Estes dois momentos são o ápice da emoção no ritual, sendo unânime segundo as entrevistadas. Maia (2010, p. 98) aponta que “os rituais têm um conteúdo emocional e produzem interações espaciais.” Neste sentido, a emoção e o movimento espacial são fatores essenciais para a existência do rito.

A quarta parte refere-se à oração da igreja, que é composta pela oração dos esposos, que os recém-casados juntos oferecem a Deus a primeira oração que é preparada antecipadamente por eles, depois a oração universal, que podem rezar pela família, pelas pessoas que sofrem, finalizando com o Pai Nosso. Além disso, ainda se tem a liturgia da eucaristia, quando os noivos e aqueles que desejarem podem fazer a comunhão.

<sup>25</sup> “Moi, N. je te reçois N. comme épouse (époux) et je te promets de te rester fidèle, dans le bonheur et dans les épreuves, dans la santé et dans la maladie, pour t’aimer tous les jours de ma vie.”

Por último, a quinta parte, sendo esta mais rápida, é o encerramento com a bênção final e as assinaturas nos documentos. Primeiramente os noivos assinam, depois são os padrinhos, enquanto isso, os convidados, aos poucos, vão saindo da igreja, formando um corredor para fora da igreja, a partir da porta. Quando os noivos saem, os convidados fazem a chuva de arroz, papel picado, pétalas de flores ou bolinhas de sabão.

\*\*\*

Dessa maneira, é possível identificar que, na França, existem algumas diferenças no comportamento, nas escolhas e na organização em relação ao Brasil, que serão descritas a seguir. A primeira tem-se desde antes de começar o ritual é que no Brasil enquanto o serviço de decoração é realizado por um fornecedor, na França alguns familiares e amigos chegam à igreja antes e fazem pequenas intervenções na decoração da igreja.

A segunda é que no Brasil a noiva fica aguardando no interior do carro para que ninguém a veja até que todos entrem e inicie o ritual. Somente após a entrada de todos é que ela sai do carro, após o comando do cerimonialista, profissional que está no comando do evento. Na França, geralmente a noiva chega antes, podendo ser de carro ou às vezes a pé, pois em várias igrejas não é possível chegar de carro até a porta de entrada, pois possuem praças ou calçadas que não permitem o acesso de carro. O mais comum é a noiva chegar e ficar na frente da igreja conversando e tirando fotos com seus familiares e amigos até que chegue a hora marcada do início do ritual. Assim, todos interagem, noivos, familiares e convidados até a hora marcada do casamento.

A terceira: no Brasil é comum as noivas contratarem o serviço de assessoria e cerimonial para a organização de todos os passos do ritual. Na França não é costumeiro ter um(a) cerimonialista para fazer a organização da ordem do cortejo, então, o padre mesmo passa essas instruções aos noivos, pais e padrinhos para acertar os detalhes da cerimônia, tanto das entradas, quanto direcionamento e posicionamento dentro da igreja. Conforme informação obtida na secretaria da igreja informalmente, é um serviço muito caro, portanto são poucos os casais que contratam este fornecedor, somente o que possuem mais recursos financeiros. Estes mais abastados sim fazem a contratação de cerimonialistas, coral ou orquestras, entre outros.

A quarta e a quinta estão no início do ritual: no Brasil o padre aguarda todos os cortejos no altar. Na França, o sacerdote também participa do cortejo, ele é o primeiro a entrar pela nave da igreja; e as músicas normalmente são cantadas pelos sacerdotes e tocadas no

próprio órgão das igrejas centenárias, pois as notas musicais ecoam dentro da igreja com uma sonoridade imponente, sendo bonito por si só. Às vezes, tem algum(a) músico(a) ou amigos dos noivos que fazem a parte vocal, embora seja comum os convidados participarem nas canções. Diferentemente do Brasil, onde o padre nunca canta no ritual e os noivos contratam este serviço e, muitas vezes, até um coral completo. Além de que as músicas não são somente as religiosas, atualmente ouvem-se muito os temas de filmes hollywoodianos.

A sexta é que, na França, os pais e padrinhos não participam do cortejo, como no Brasil costuma-se fazer. Lembrando que na França os pais e padrinhos nunca ficam no altar, sempre estão posicionados na primeira fileira dos convidados; e, a sétima, em solo francês, é usual ter como padrinhos duas pessoas de cada lado, não importa o sexo, ou seja, podem ser um homem e uma mulher, dois homens ou duas mulheres; porém, no Brasil é tradicional compor o par por homem e mulher, além da quantidade que tem sido bem acima de dois padrinhos de cada lado.

A oitava consiste em que os noivos franceses proferem seus votos um ao outro, entretanto, não é uma prática brasileira. A nona é que, no Brasil, os convidados são os últimos a saírem da igreja, mas na França são os primeiros e aguardam os noivos do lado de fora da igreja para dar os cumprimentos. Em ambos os países, enquanto a cerimônia se desenrola, a troca de olhares e sorrisos entre os noivos são costumeiros (Figura 132).

**Figura 132-** Troca de olhares e sorrisos entre os noivos



**Fonte:** Arquivo pessoal da entrevistada

Dessa maneira, os casamentos são rituais que possuem movimento e uma interação espacial dos sujeitos durante toda a celebração, que se inicia desde a aproximação dos convidados e o posicionamento deles na igreja, a entrada do noivo, padrinhos, damas de honra e pajens até a triunfal chegada da noiva, se estendendo à saída.

### 3.2.3. Ritual da Saída

Este tópico tem o intuito de apresentar o ritual da saída, demonstrando o percurso que os noivos passam até que este ritual se finda e cheguem ao local escolhido, tanto no Brasil quanto na França, seja ele de volta para casa ou para a recepção. Hoje em dia, no Brasil, algumas vezes os noivos saem do ritual em carros de luxo, alugados por empresas especializadas, mas independente de ser locado ou não, estão sempre limpos e encerados, não se faz mais nenhum enfeite nos carros, caracterizando-os como ‘recém-casados’, esta tradição já se perdeu.

Na França é diferente, raramente um carro que conduz os noivos não é enfeitado. Geralmente os carros dos noivos e de alguns convidados são caracterizados. O tradicional é colocar um laço de fita ou tecido nos retrovisores ou puxadores das portas dos carros e nas placas (Figura 133), mas alguns usam a criatividade e desenvolvem enfeites diferenciados (Figura 134), conforme destacado nas imagens pelas setas amarelas. Vale ressaltar que geralmente a noiva chega neste carro sozinha ou em companhia de familiares ou amigos e, na saída, o casal vai embora junto.

**Figura 133-** Na França, tradicionalmente os carros dos noivos e convidados são caracterizados no dia do casamento



**Foto:** Raquel Lage Tuma (jun/ 2015)

**Figura 134-** Na França, a criatividade para enfeitar os carros dos noivos e convidados



**Foto:** Cristina Ribeiro (jun/ 2016)

Esta é uma tradição que inclusive no casamento do Príncipe William e a Kate Middleton foi mantida, quando saíram do Palácio de Buckingham em um carro conversível (Figura 135), decorado de carros de recém-casados, rumo a Clarence House, casa do pai de William.

**Figura 135-** Carro conversível decorado pelo Príncipe Harry



**Foto:** Chris Ison-pa/ PA

**Fonte:** G1 (2011)

Na França, quando o casamento é realizado na *mairie*, é rotineiro ver o casal saindo de lá e caminhar a pé. Isto se deve em virtude da obrigatoriedade do casamento ser realizado na prefeitura onde está o domicílio de um dos noivos. Portanto, os recém-casados seguem a pé, com seus familiares, padrinhos e convidados para a residência ou restaurante. No Brasil isso raramente acontece, pois quando o casal não possui carro, em geral, tem um parente ou um amigo que os conduz até o destino desejado.

Sendo assim, o ritual não termina propriamente quando se sai do cartório, da *mairie*, ou da igreja. Ele continua um pouco mais. É costumeiro que os noivos façam fotos e comemorem, seja em um momento mais íntimo ou com amigos. Ao encerrar o ritual religioso e antes do almoço/jantar ou da recepção (quando há), os noivos, em sua maioria, fazem fotos neste intervalo, geralmente, em lugares externos, como monumentos, parques, ruas, enfim, onde for o lugar escolhido. A fotografia é um elemento essencial que deve fazer parte dos fornecedores contratados para a realização do casamento. É ela que registra os fatos, as pessoas que estiveram presentes, os trajes usados tanto pelos noivos quanto pelos convidados, a decoração da igreja, a comida oferecida e os lugares. Ainda, ela pode revelar as emoções e

as sensações, é possível analisar a expressão de cada uma das pessoas retratadas e seus sentimentos naquele momento. É por meio da fotografia que sem tem a divulgação do casamento e a exposição do casal para a sociedade. Além disso, é uma lembrança para se guardar na memória de todos os momentos especiais vividos, conforme comenta Leite (2001, p. 111): “Inúmeros ritos matrimoniais, entre os quais o vestido de noiva e o retrato, compreendem significados e interdições tendentes a fixar na memória coletiva a lembrança da cerimônia, com palavras e gestos estabelecidos pelo costume.”.

Dessa maneira, é comum os noivos fazerem fotos não somente antes e durante o ritual do casamento, mas após o rito também. Os casais procuram por lugares que sejam bonitos ou que tenham algum significado. A exemplo disso, têm-se lugares tradicionalmente marcados para este fim, como foi o caso da *Pont des Arts* (Ponte das Artes) (Figura 136 e 137), em Paris. Conforme se acredita popularmente, o casal escreve os seus nomes no cadeado, o prende na ponte e joga a chave no rio Sena, significando que o amor deles será eterno e estarão para sempre juntos, presos um ao outro.

**Figura 136-** *Pont des Arts*, em Paris, com detalhe dos cadeados presos à grade



**Fonte:** Paris CI (2014)

**Figura 137-** Noivos tirando fotos na *Pont des Arts*, em Paris



**Fonte:** Hasard (2013)

Era um lugar simbólico e muito turístico, porém dia 1º de junho de 2015 os cadeados foram retirados por uma questão de segurança (Figura 138), pois as grades dos guarda-corpos ficaram muito pesadas e havia risco de segurança, de cair no rio Sena ou em algum barco que passasse sob a Ponte. Entretanto, antes de serem retirados, foram presos compensados na

frente para impossibilitar que turistas colocassem mais cadeados (Figura 139), mas, mesmo assim, recém-casados continuaram indo à ponte para fazer seus registros fotográficos (Figura 140).

**Figura 138-** Retirada dos cadeados da *Pont des Arts*, em Paris



**Foto:** Raquel Lage Tuma (jun/ 2015)

**Figura 139-** Compensados presos na frente dos cadeados na *Pont des Arts*



**Foto:** Raquel Lage Tuma (mai/ 2015)

**Figura 140-** Noivos na *Pont des Arts* para tirar fotos mesmo com os compensados na frente dos cadeados

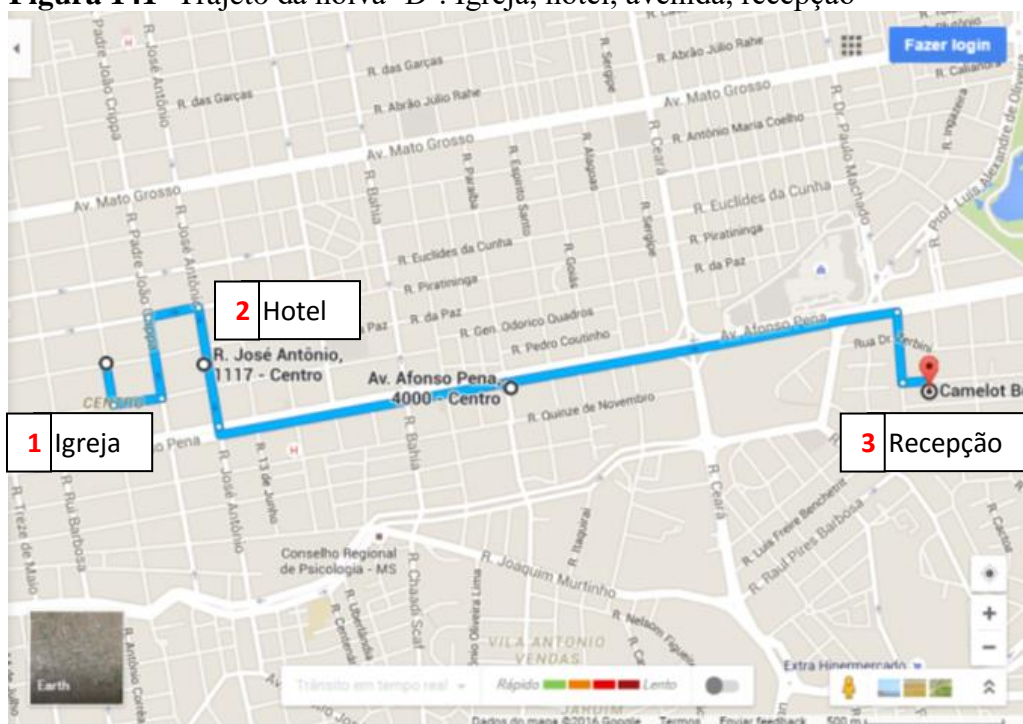


**Foto:** Raquel Lage Tuma (mai/ 2015)

Após esta sessão, alguns noivos seguem para a continuação deste ritual na recepção, residência ou restaurante. A partir deste momento, optou-se não continuar a análise para esta tese, em virtude do recorte temático, podendo ser futuros temas de pesquisa. Durante as entrevistas, foi indagado qual o percurso realizado após o término do ritual da oficialização do casamento no lugar escolhido, obtendo-se os seguintes trajetos:

Casal D&E: Ao saírem da igreja (nº 1) passaram no hotel (nº 2) que foi reservado para que passassem a noite de núpcias. Entretanto, como ofereceram uma recepção para familiares e amigos, não permaneceram lá, pois o planejamento era que apenas fizessem as fotos para dar o tempo de todos os convidados se acomodarem no salão de festas. Após as fotos do hotel, seguiram rumo ao lugar da recepção (nº 4), mas ainda pararam no caminho, em uma das principais avenidas (nº 3) da cidade para fazer outras fotos, prosseguindo depois para a festa. Todo este percurso foi um total de 4,2 km. (Figura 141).

**Figura 141-** Trajeto da noiva ‘D’: Igreja, hotel, avenida, recepção



**Fonte:** Banco de dados do Google (2016)

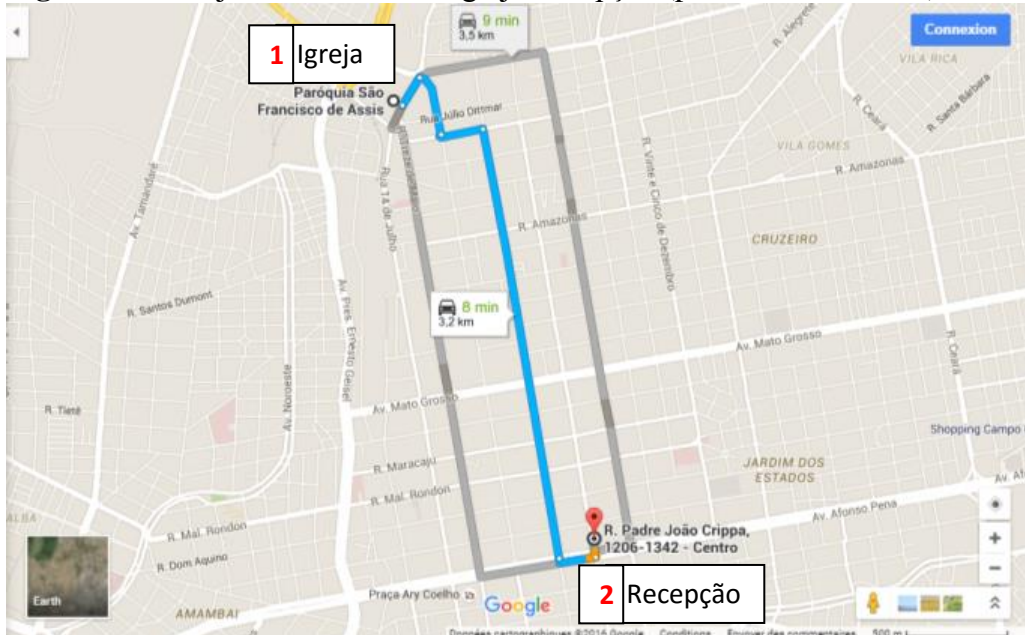
**Organização e Elaboração:** Raquel Lage Tuma (2016)

Casal T&L: Ao encerrar o ritual na igreja (nº 1), foram fazer as fotos em local externo tradicional, no Parque das Nações Indígenas (nº 2), que fica próximo ao local da



haver lugar para convidados em geral. Neste trajeto, os noivos percorreram 2,1 km, sem parar para fazer fotografias, que foram tiradas no próprio restaurante.

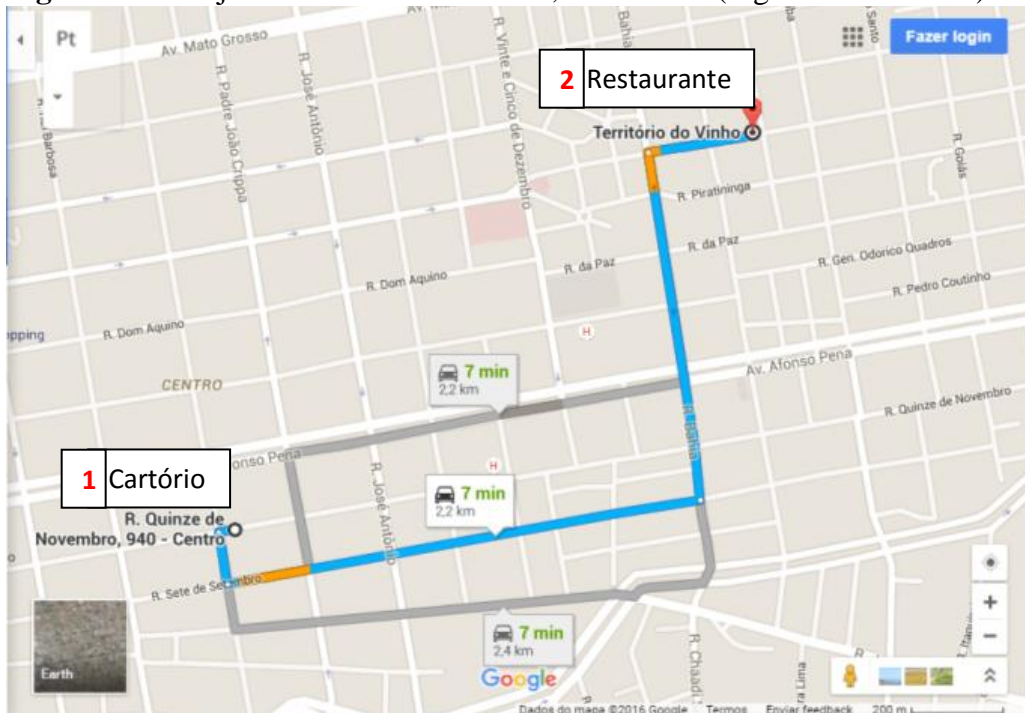
**Figura 143-** Trajeto da noiva ‘C’: Igreja, recepção (primeiro casamento)



**Fonte:** Banco de dados do Google (2016)

**Organização e Elaboração:** Raquel Lage Tuma (2016)

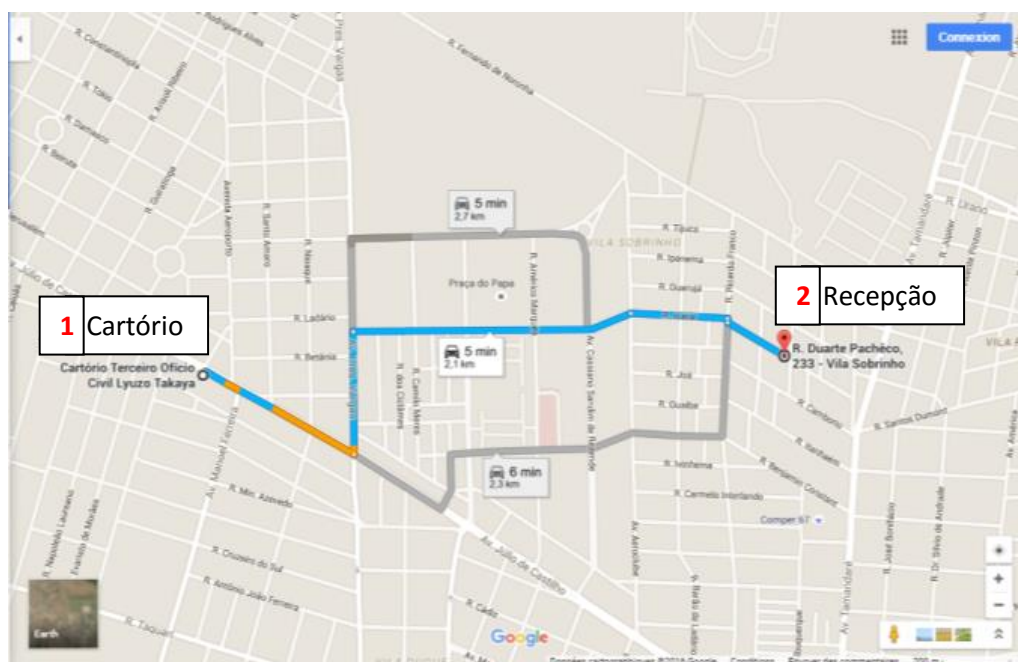
**Figura 144-** Trajeto da noiva ‘C’: cartório, restaurante (segundo casamento)



**Fonte:** Banco de dados do Google (2016)

**Organização e Elaboração:** Raquel Lage Tuma (2016)

**Figura 145-** Trajeto da noiva ‘Th’: cartório, recepção



**Fonte:** Banco de dados do Google (2016)

**Organização e Elaboração:** Raquel Lage Tuma (2016)

Casal V&F: Ao saírem da *mairie*, fizeram fotos com os poucos convidados e testemunhas nas escadarias da parte interna da *mairie* e na frente do edifício. Retornaram a pé para um restaurante próximo do apartamento do casal, cerca de 550 metros de distância (Figura 146).

Casal G&C: Para se chegar ao ritual, o casal viajou 210 km, entretanto não fez o retorno para Paris no mesmo dia. Após a cerimônia religiosa na igreja (nº1), G&C seguiram para uma mansão (nº 2) (Figura 147), onde haviam contratado o local para a realização de um jantar, assim como reservaram os aposentos para que eles e alguns familiares e amigos pudessem dormir no local, sem precisar retornar à cidade no mesmo dia. Dessa forma, eles percorreram somente 2,1 km.

Casal B&D: Da mesma forma como G&C, B&D ofereceram um aperitivo aos convidados em um local muito próximo de onde estavam. O trajeto da igreja até o lugar da pequena recepção foi 150 metros, passando todos juntos (noivos, testemunhas, familiares e amigos íntimos) a pé por um parque (Figura 148).

**Figura 146-** Trajeto da noiva ‘V’: *mairie*, restaurante



**Fonte:** Banco de dados do Google (2016)

**Organização e Elaboração:** Raquel Lage Tuma (2016)

**Figura 147-** Trajeto da noiva ‘G’: igreja, recepção



**Fonte:** Banco de dados do Google (2016)

**Organização e Elaboração:** Raquel Lage Tuma (2016)

**Figura 148-** Trajeto da noiva ‘B’: igreja, recepção



**Fonte:** Banco de dados do Google (2016)

**Organização e Elaboração:** Raquel Lage Tuma (2016)

Desse modo, ao analisar os mapas digitais falados das entrevistadas, foi possível identificar que houve alguma recepção, seja simples com um simples almoço ou algo mais elaborado como uma festa, após a oficialização do casamento (tanto no cartório/*mairie* quanto na igreja), exceto ‘C’, que em seu segundo casamento, comemorou apenas com o seu noivo.

A principal diferença entre os rituais de saída do Brasil e da França está na distância entre o lugar onde a celebração foi realizada e do local para onde se destinaram. Na França, ‘G’ teve o mais longo percurso, com 2,1 km, sendo que as outras foram até 550 metros; e no Brasil, a distância mínima foi de 2,2 km e a máxima de 6,8 km, sendo notada ainda a existência de alguma comemoração/recepção após a ritual no cartório/*mairie* ou igreja.

Assim, neste capítulo verificam-se os postulados de Parkin, onde o ritual não é somente feito de palavras, mas também de ações, gestos, posicionamentos, direcionamentos de pessoas em um dado espaço. O ritual constitui uma espacialização própria, com direcionamento performativo de seus participantes. No caso dos casamentos, a noiva tem o destaque entre seus participantes pela performance que executa durante este ritual - o objeto de análise do próximo capítulo.

## CAPÍTULO IV

### A CORPOREIDADE DAS NOIVAS

No capítulo I tratou-se a fabricação/transposição do modelo do casamento na escala institucional, em que os ideários de casamento apresentam valores universais, analisando-se a institucionalização do casamento no Brasil e na França com uma análise comparativa entre os dois países, bem como dados estatísticos sobre casamentos. No capítulo II também se demonstrou a fabricação/transposição de valores igualmente universais, porém, a partir de imagens midiáticas, como traduções de espetáculos, e de contos de fada, como arquétipos. O capítulo III trouxe o debate para a escala do ritual como espacialização do casamento na igreja e no cartório/na *mairie*. Este capítulo IV insere uma mudança na escala, do ritual isolou-se a noiva, focando-se à maior escala geográfica aqui considerada, o corpo.

Dessa maneira, para estudá-lo dentro da geografia, indaga-se: Como a corporeidade das noivas pode ser considerada uma manifestação de espacialidade/ escala geográfica? Porém, antes de discutir a questão principal deste capítulo, a corporeidade das noivas, faz-se necessário apresentar alguns pontos referentes à escala, pois a escala nesta tese foi abordada desde o nível universal, os modelos institucional e societal, chegando nesta parte à maior escala geográfica, o corpo. Castro (2000, p. 117) em seu texto “O problema da escala” observa logo de início: “De uso tão antigo como a própria geografia, o termo escala encontra-se de tal modo incorporado ao vocabulário e ao imaginário geográficos que qualquer discussão a seu respeito parece desprovida de sentido, ou mesmo de utilidade. [...]”. Porém, como a própria autora diz o problema da escala vai “[...] além de uma medida de proporção da representação gráfica do território, ganhando novos contornos para expressar a representação dos diferentes modos de percepção e de concepção do real.” (CASTRO, 2000, p. 118). Entretanto, não se pretende aqui fazer uma análise sobre o problema da escala na geografia, apenas apresentar este conceito a fim de mostrar a importância das diferentes escalas consideradas neste trabalho. Recupera-se então a própria Castro (2000) que enfoca em três partes o problema da escala: 1) cartográfica e geográfica; 2) epistemológica; e 3) na estratégia de apreensão da realidade como representação. Já Corrêa (2011) considera que o conceito da escala possui quatro definições: 1) enquanto tamanho; 2) cartográfica; 3) espacial; e 4) conceitual.

Corrêa (2011, p. 42) ao explicar a escala espacial aponta que a globalização é “[...] criada por poderosas corporações multifuncionais e multilocalizadas [...]”. O autor ainda diz que

O conceito de escala espacial emerge da consciência da dimensão variável, no espaço, da ação humana, e é útil para compor a inteligibilidade dessa ação. Esta inteligibilidade [...] está calcada na compreensão das seguintes assertivas [...]:

- a) Os fenômenos, relações sociais e práticas espaciais mudam ao se alterar a escala espacial da ação humana [...].
- b) A base teórica que permite explicar ou compreender fenômenos, relações e práticas é alterada quando se muda a escala espacial.
- c) Não há uma escala que *a priori* seja melhor que outra. Sua escolha, para efeito de pesquisa, vincula-se aos propósitos do pesquisador, que constrói o seu objeto de investigação. Nessa construção, emerge a escala espacial apropriada, que ressaltará alguns pontos do real, minimizando ou eclipsando outros. O objeto construído é, em termos geográficos, escalarmente delineado.

[...]

As multifuncionais e multilocalizadas corporações globais [...] atuam decisivamente na (re)produção e transformação do espaço, fazendo isso em diversas escalas espaciais (local, regional, nacional, global). (CORRÊA, 2011, p. 42-43).

A autora Castro ao fazer a crítica do problema da escala em uma de suas análises, exara que “[...]. Cada recorte implicando, de fato, na constituição de ‘unidades de concepção’, que não têm necessariamente o mesmo tamanho ou a mesma dimensão, mas que colocam em evidência relações, fenômenos, fatos que em outro recorte não teriam a mesma visibilidade.” (CASTRO, 2000, p. 135). Ratificando a necessidade de se ter um olhar nas múltiplas escalas possíveis Sposito (2011, p. 130) diz que

Nada pode ser explicado apenas por uma escala, mesmo que estejamos nos referindo à escala internacional. Toda a compreensão requer a articulação entre as escalas, ou seja, a avaliação dos modos, intensidades e arranjos, segundo os quais os movimentos se realizam e as dinâmicas e os processos se desenvolvem, combinando interesses e administrando conflitos que não se restringem a uma parcela do espaço [...].

Portanto, cada escala representa um recorte particular no processo de construção desta tese, que ao final possui um conjunto de características intrínsecas. É com esta ênfase que se pensou nas diferentes escalas consideradas, desde aquelas universais dos capítulos 1 e

2, que são os modelos institucionais e sociais do casamento, até o *zoom* no ritual do casamento propriamente dito e, a partir dele, ampliou-se até a escala do corpo presente no ritual, tratado neste capítulo 4, discutindo-se a corporeidade da noiva.

Assim, o capítulo 4 tem como objetivo demonstrar como a corporeidade da noiva simboliza o casamento, de maneira que quando se vê uma noiva tem-se uma espécie de síntese da ideia do casamento, de tudo o que se tem nele. Dessa forma, apresenta-se a corporeidade da noiva sob três diferentes perspectivas: personagem, ícone e produto do casamento.

Como dizia a geógrafa francesa Francine Barthe-Deloizy durante as co-orientações no doutorado sanduíche para elaboração desta tese, no laboratório *Espace, Nature et Culture* (ENeC), da Universidade de Paris IV Sorbonne, “O corpo é a primeira escala da geografia.” O geógrafo português Brito-Henriques aponta a importância do corpo para o ser humano, o qual faz parte de todo o processo do dia-a-dia dele e da sua experiência com o espaço.

As transformações na corporeidade decorrentes dessas inovações têm impactos nas várias dimensões da vida das pessoas, incluindo a sua relação com o espaço geográfico. É no corpo que o ser humano se faz presente no mundo; é no corpo que se torna possível a experiência do espaço e dos outros; e é o corpo que afinal vive e constrói o quotidiano, através da acção (que é movimento no espaço) e do encontro com outros corpos (a base das relações sociais). (BRITO-HENRIQUES, 2009, p. 92).

Paralelamente, Azevedo, Pimenta e Sarmiento (2009) descrevem que todos os atos, os movimentos, os gestos, as emoções e os afetos implicam no corpo, perspectiva relevante nesta tese na qual se lidam com estas expressões corporais. Azevedo (2009, p. 46) aponta que “Encarar o corpo como cultural e discursivamente construído, representa um passo a diante no caminho da desestabilização das suas convencionais formulações; biológica, histórica, geográfica, antropológica ou sociológica.”

Donna Haraway, renomada americana diplomada em filosofia, faz uma ampla discussão em sua obra sobre o feminismo, identidades, corpo e ciborgue, e enfatiza que “a consciência de género, raça ou classe foi-nos forçada pela terrível experiência histórica das contraditórias realidades sociais do patriarquismo, colonialismo e capitalismo.<sup>1</sup>” (HARAWAY, 1991, p. 155, tradução da autora). Dentro deste contexto, salienta-se que serão discutidas ao longo deste capítulo essas questões de género, raça e classe, mesmo que de maneira subjetiva, pois é impossível dissociar estes aspectos do corpo.

---

<sup>1</sup> “Gender, race, or class consciousness is an achievement forced on us by the terrible historical experience of the contradictory social realities of patriarchy, colonialism, and capitalism.” (HARAWAY, 1991, p. 155).

Zumthor, um suíço medievalista, crítico literário, historiador em literatura e linguista, em uma análise do empenho do corpo na literatura traz uma contribuição relevante à geografia:

o corpo é ao mesmo tempo o ponto de partida, o ponto de origem e o referente do discurso. O corpo dá a medida e as dimensões do mundo; o que é verdade na ordem linguística, na qual, segundo o uso universal das línguas, os eixos espaciais direita/esquerda, alto/baixo e outros são apenas projeção do corpo sobre o cosmo. [...]. É pelo corpo que o sentido é aí percebido. (ZUMTHOR, 2014, p. 75).

Considera-se aqui, o corpo da noiva como o “referente do discurso” e fundamental na composição do sentido que se tem da celebração do casamento (mais uma vez ressalta-se que isto no que se refere ao casamento entre pessoas heterossexuais). O corpo da noiva demonstra ainda o “aspecto simbólico” e “processador de virtualidades infindáveis”, como nota a historiadora Sant’Anna (2001, p. 3), trazendo com ele os traços da memória da vida, carregados de emoção e afetividade, seja no instante da celebração, quando se tem um resgate de uma história pessoal usando peças de antepassados; ou após décadas daquele momento vivido pela lembrança do evento. Vale ressaltar que se concorda com a geógrafa quando diz que

indagar a constituição de corpos histórica e socialmente constituídos implica indagar a constituição geográfica desses mesmos corpos, nomeadamente pelo acto de detonar as ideias de uma origem ‘natural’ e de um lugar original, passíveis de explicar a condição de subjugação desses mesmos corpos.” (AZEVEDO, 2009, p. 48).

Reflete-se o corpo da noiva como uma das narrativas que traz uma carga cultural pelos usos dos trajes, assim como pelos gestos e posturas que são ‘impostas’ e incorporadas dentro de espaços determinados de celebração regrados por normatividades heterossexuais, seja na Igreja, ou na *mairie*. A partir destes elementos consignados no corpo, associados ao movimento e ao espaço-temporalidade das relações sociais, a corporeidade demonstra a noiva como personagem, ícone e produto.

#### **4.1. As Noivas como Personagem**

Neste subcapítulo apresenta-se a noiva na sua preparação, a roupa e os acessórios utilizados por ela (o que de fato a faz ser uma personagem, em um primeiro olhar por outra pessoa), tais como: o vestido branco, a tiara e o véu. Também se expõe a sua performance no dia do casamento, a forma de se portar e de gesticular que são restritos em função de seu papel como personagem e pelas vestimentas usadas. Trata-se a noiva como personagem

partindo-se do pressuposto de que a mulher, ao passar por todos os preparativos, vestir a roupa, entrar no lugar onde ela se apresenta ao público e gesticular incorpora um papel que faz parte da encenação do casamento. Na sua “teatralidade” como noiva, ela assume formas de conduta, gestos, movimentos do corpo e experiências diferentes daquelas usualmente manifestadas em seu cotidiano.

Apresentar-se como personagem significa que: a) a roupa mostra a mulher como noiva; b) à noiva é atribuído um papel; b) a noiva está em encenação e existe uma cenário no qual ela vai se apresentar; c) somando-se a roupa, o papel e a encenação, se tem um drama completo com temporalidade (o dia do casamento) e lugares onde se desenvolvem o próprio drama.

É estabelecido aqui um paralelo entre o casamento e a representação teatral, pois, segundo Prado (1976, p. 5), “[...] A personagem teatral, para dirigir-se ao público dispensa a mediação do narrador. A história não nos é contada mas mostrada como se fosse de fato a própria realidade. [...]”. Percebe-se nas palavras de Prado que o teatro é um ritual e, no caso deste trabalho, a noiva é uma personagem, de modo que ela conta a sua própria história da realidade que lhe pertence. Na obra “A personagem da ficção”, Rosenfeld apresenta no capítulo intitulado “Literatura e Personagem” a relevância do personagem, pois é ele que projeta o espaço e o tempo na ficção:

o palco clássico depende inteiramente do ator-personagem, porque não pode haver foco fora dêle. O próprio cenário permanece papelão pintado até surgir o “foco fictício” da personagem que, de imediato, projeta em tórno de si o espaço e tempo irreais e transforma, como por um golpe de magia, o papelão em paisagem, templo ou salão. (ROSENFELD, 2007, p. 26).

Isso posto, entende-se que em um casamento, a noiva é quem faz este papel, é ela a personagem principal e o foco da atenção, demudando “como por um golpe de magia” o dia e o lugar do casório. A mulher, ao colocar o seu vestido, costumeiramente branco, e seus acessórios passa a ser a noiva, é uma personagem arquetípica. No dia do casamento, quando ela surge em cena (seja na Igreja, no cartório/prefeitura, na rua ou qualquer outro lugar), ela atua num papel. Ela conta uma história que começou muito antes e que continuará após o sim e do pronunciamento do ‘eu aceito’ num roteiro que será escrito dia-a-dia. Toda esta encenação é rápida, geralmente dura poucas horas (pelos costumes ocidentais), mas marca um ato importante na vida de uma pessoa, uma passagem da vida.

Ressalte-se que a corporeidade da noiva é composta pelo corpo, vestimentas e acessórios numa encenação espaço-temporal, a qual significa uma mudança de *status* de

‘solteira’ para ‘casada’. Obviamente que se estivesse vestindo qualquer outra roupa e assinasse o contrato nupcial teria seu estado civil modificado, entretanto, o que se procura demonstrar é que a vestimenta serve não somente para compor um cenário completo, mas também para marcar a especificidade do ritual e todas as lembranças posteriores e corroborar sua situação conjugal.

Barthe-Deloizy (2011) aponta que o corpo representa uma ferramenta de informação como um descritor e analisador do aspecto espacial, onde ele não é somente um objeto, mas também serve como um mediador com o espaço entre o mundo e o homem, é um ponto de referência. Barthe-Deloizy (2011, p. 8, tradução da autora) assinala que “[...] o corpo se define como um meio, concreto, prático, técnico de estar envolvido com o mundo. A forma, a postura, os gestos, todas as interações entre o corpo e o social fornecem elementos de informação que fazem compreender quem é o outro.”<sup>2</sup> Neste sentido, entende-se que o corpo da noiva apresenta um conjunto de informações que são passadas no momento em que esta personagem entra em cena, por meio de sua forma, de sua postura, de seus gestos e de suas vestimentas, como será discutido a seguir.

#### *4.1.1. A Preparação das Noivas*

Este tópico visa mostrar a preparação que as noivas em geral fazem antes e no dia do casamento para se apresentarem diante de todos, que vai desde a procura do vestido até os três principais preparativos: a maquiagem, o cabelo e o vestir-se. Perante esta situação, questiona-se se tal fato é uma escolha ou uma imposição normativa da sociedade? Ainda reflete-se acerca dito implicar em liberdade ou controle? Estas são perguntas às quais não se tem como responder de modo unívoco, pois depende de aspectos culturais e individuais, mas, amiúde, os aspectos culturais acabam prevalecendo sobre as possibilidades de escolhas individuais.

A preparação da noiva começa antes mesmo do dia da cerimônia. Este processo pode ocorrer durante alguns meses antecedentes ao dia do casamento. Ela se preocupa não somente com o que irá vestir, mas também em como estará fisicamente para aparecer diante do noivo e dos convidados. Existe uma preocupação, muitas vezes excessiva, com a aparência e, mesmo sendo o corpo “considerado a ‘última posse’ que resta ao indivíduo, ou o único território no qual o

---

<sup>2</sup> “le corps se définit comme un moyen, concret, pratique, technique, d’être en prise avec le monde. La forme, la posture, les gestuelles, toutes les interactions entre le corps et le social apportent des éléments d’information qui donnent à comprendre qui est l’Autre.” (BARTHE-DELOIZY, 2011, p. 8).

ser humano pode exercer a sua liberdade de transformação.” (SANT’ANNA, 2001, p. 19), as normatividades culturais acabam exigindo uma mediação entre a liberdade individual, por meio de escolhas, vontades e sonhos, (SANT’ANNA, 2001) e as regras ritualísticas e a expectativa do público em relação à encenação esperada.

Algumas noivas fazem dietas para que se sintam mais ‘elegantes’ e conformadas em padrões de beleza relativos aos seus vestidos. No Brasil existem profissionais que oferecem serviços específicos para as mulheres que querem emagrecer antes do casamento, com acompanhamento sistemático das dietas e exercícios. Também há aquelas que recorrem às cirurgias estéticas facial e/ou corporal. Atualmente existe um vasto campo de tipos de procedimentos de intervenção, seja aplicando botox, colocando silicones em partes do corpo, fazendo lipoaspiração para retirar as gorduras em excesso, ou até mesmo recorrendo às cirurgias de obesidade, como a redução de estômago. Sant’Anna destaca tal apelo estético em que se busca “Reconstruir o próprio corpo com a ajuda dos avanços tecnológicos e científicos – cosméticos, cirurgias, uso de próteses, ginástica, regimes etc. – para ganhar mais saúde e juventude não deixa de ser uma promessa fascinante a diversas épocas da civilização, mas foi na atual que ela conseguiu conquistar um espaço inédito na mídia e uma banalização importante no cotidiano, tanto das grandes quanto das pequenas cidades.” (SANT’ANNA, 2001, p. 17-18). Sugere-se aqui que a alternância de compreensão entre o que é natural e artificial no que diz respeito ao corpo, ainda de acordo com Sant’Anna (2001), coloque-se como imperativo na preparação da noiva.

Ressalta-se que desde quando a autora escreveu até hoje se passaram quinze anos e percebe-se o quanto ainda tem crescido essa reconstituição do corpo em busca ao corpo ideal e/ou perfeito. Afinal, o que é o corpo ideal, o corpo perfeito? Esta ideia depende do ponto de vista de cada um e de cada momento da vida pessoal, das culturas e da sociedade.

Essas interferências no corpo, de mudar os traços genéticos, de se fazer procedimentos de intervenção e cirurgias, em busca da beleza perfeita, possuem padrões diferentes diante de cada época ou de cada civilização. Acredita-se que muito mais no Brasil do que na França, as pessoas cultuam as curvas acentuadas do corpo e é habitual ver homens e principalmente mulheres recorrendo a exercícios físicos e tecnologias cirúrgicas para aplicação de próteses. De acordo com a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (2014), o Brasil é um dos líderes mundiais nestes procedimentos e segundo o SEBRAE e a International Health, Racquet & Sportsclub Association o mesmo ocorre no que se refere às academias de ginásticas (TERRA, 2014; HAYDÉE, 2015).

“Uma das melhores provas de que ‘se tem totalmente o corpo que se é’ talvez seja exibir uma aparência que coincide completamente com o que se deseja a cada momento.” (SANT’ANNA, 2001, p. 19). A mulher, no momento que é noiva, busca exibir essa posse do corpo, do “corpo que se é”, mesmo por meio de intervenções que os avanços tecnológicos e científicos proporcionam. Entretanto, é preciso pensar também que “qualquer distância entre o que se quer do corpo e o que ele é torna-se um grande problema, uma fonte de descontrole e de sofrimento.” (SANT’ANNA, 2001, p. 19).

Outra produção feita por algumas noivas é o bronzamento, tomando sol diariamente ou utilizando-se da tecnologia para o bronzamento artificial, este último recurso é usado na França, onde não se tem muitos meses de sol e calor. No Brasil igualmente recorrem ao bronzamento artificial, embora também costumem fazê-lo naturalmente, em virtude da abundância do sol. Neste sentido, Sant’Anna (2001, p. 20) exara

Mudar a cor da pele, o tamanho do nariz, o volume dos seios, etc., seja para estar em sintonia com a moda, seja para se sentir bem (ou provavelmente pelos dois motivos), e ‘fazer com que o corpo continue correspondendo ao que cada um sonha de si’ representa uma promessa de adquirir uma presença no mundo cada vez mais importante.

Algumas noivas fazem testes de cabelo e da maquiagem antes do casamento para decidirem como valorizar seu rosto e as cores a serem utilizadas. O teste do penteado poderá ser feito no cabelo também com antecedência, para que se programe se este ficará mais curto ou comprido, podendo-se até fazer apliques, e o que usará na cabeça, como fitas, laços, pedrarias, tiara e/ou véu. Os cabelos recebem um tratamento especial, com hidratação, corte e tintura, que pode ocorrer na semana do casamento ou na semana antecedente. No dia, primeiramente cuidam-se dos cabelos, seja alisando-os, cacheando-os ou fazendo o pré-preparo para o penteado e, após a maquiagem, retorna-se aos cabelos para finalizá-los. A maquiagem, geralmente, é a segunda etapa de preparação da noiva no dia do casamento. Esta pode ser feita por um profissional, pela mãe, por uma amiga, ou até por ela mesma, como foi o caso da Kate Middleton, divulgado pelas mídias. A maquiagem faz parte da transformação da mulher numa personagem, ou seja, a noiva. Sant’Anna aponta “Sendo uma evidência que acompanha todo ser humano, do seu nascimento à sua morte, o corpo é, contudo, finito, sujeito a transformações nem sempre desejáveis ou previsíveis. Ao longo dos anos, mudam suas formas, seu peso, seu funcionamento e seus ritmos.” (SANT’ANNA, 2001, p. 3-4). No caso das noivas, essa transformação ocorre em busca de um corpo mais adequado ao papel representado pela personagem em sua apresentação nupcial.

Nesse sentido foi questionado às entrevistadas se elas fizeram alguma coisa para mudar seu visual para o casamento. Diante das respostas observou-se que tanto brasileiras quanto francesas se preocupam com essa questão estética, principalmente quanto à maquiagem e ao cabelo, obtendo-se os seguintes depoimentos:

*“Eu mantive o mesmo tamanho do cabelo, eu só retoquei as mechas, que isso eu continuo fazendo, mas eu fiz alguns dias antes para não ficar nem tão com cara de quem acabou de sair do salão. Então eu fiz 20 dias antes. Fiz regime, uns cinco meses antes. Mas não só o regime. Eu já não conseguia comer... de nervoso. Então foi assim, eu falei, eu preciso fazer para emagrecer para casar, mas como eu vi que eu já não estava assim tão atenta à comida, de nervoso, porque estava perto, nas vésperas do casamento, aí eu falei, acho que nem preciso fazer. O que eu aproveitei para fazer, uma coisa que eu não faço mais, mas eu fiz antes de casar, foram as drenagens. Fiz o banho de lua, fiz o emagrecentro<sup>3</sup>, tratei mais a questão da ansiedade, fiz a terapia das pedrinhas, um líquido para você cheirar que te tranquiliza. Fiz bronzeamento artificial, fiz uma vez, uma sessão, com uma semana e pouco antes de casar, para não ficar muito forte. Fiz o emagrecentro porque a gente tem aquele sonho: ‘Quero casar magrinha!’ Só que se eu não tivesse feito, teria emagrecido também, porque eu perdi bastante peso, que por causa da ansiedade eu não comia. Um dia antes eu fiz pé, mão, depilação e banho de lua. No dia fiz a massagem, a maquiagem, o cabelo. (D, 34 anos, brasileira, 11/09/2015).*

*“Pintei o cabelo. Fiz 10 sessões de bronzeamento artificial. Eu fiz prova de cabelo e maquiagem uma semana antes. No dia fiz unha e banho de lua. [...] Fiz maquiagem e cabelo.” (C, 37 anos, brasileira, 12/09/2015).*

C para o seu segundo casamento, que foi no cartório, não fez nenhum preparativo anterior nem no dia. *“Não me preocupeí com isso. Não sei nem se eu tinha brinco.” (C, 37 anos, brasileira, 12/09/2015).*

*“Fiz. Eu queria emagrecer, porque eu sempre fui gordinha. Aí eu fiz um procedimento de balão intragástrico, coloquei um balão no estômago de 780 ml, fiquei com esse balão três meses, emagreci quase trinta quilos, tirei um mês e pouco antes do casamento. Como eu tinha desidratado, recuperei seis, sete*

---

<sup>3</sup> Empresa especializada em tratamentos estéticos e de emagrecimento.

*quilos em dois dias de água mesmo. Mas daí eu fui para a nutricionista e emagreci mais um pouquinho. Então, ou seja, para eu casar, eu tive uma redução total/ eu já tinha emagrecido antes/ eu casei com 40 quilos mais magra. Eu fiz bastante esfoliação corporal para renovar as células, massagem... e tem a do dia. Eu fiz esfoliação, massagem relaxante, spa para os pés, fiquei no salão a tarde inteira, maquiando, fiz mão e pé, depilação tudo no dia.” (T, 38 anos, brasileira, 13/09/2015).*

*“Nada. Eu fiz a unha, mas para mim é normal, toda semana eu faço a unha. [...] Eu só fiz um coque porque eu queria deixar a nuca livre porque estava muito calor, fiz uma maquiagem leve porque eu ia tirar foto.” (Th, 34 anos, brasileira, 13/09/2015).*

*“Não.” (M, 58 anos, brasileira, 11/09/2015).*

*“Sim, eu fiz cabelo e maquiagem no dia do casamento.” (G, 40 anos, francesa, tradução da autora, 31/03/2015).*

*“Sim, uma semana antes eu fui conversar com uma amiga cabeleireira para perguntar como fazer a minha maquiagem e para me dar pequenos conselhos. Mas eu queria alguma coisa bem simples. No dia eu mesmo fiz a minha maquiagem e passei cinco minutos antes de ir para o casamento nessa minha amiga cabeleireira, que era ao lado da mairie, então ela fez uma escova rápida.” (V, 53 anos, francesa, tradução da autora, 12/06/2015).*

*“Sim, eu fiz um curso de maquiagem antes para poder fazer a minha própria maquiagem no dia do casamento.” (B, 45 anos, francesa, tradução da autora, 15/07/2015).*

Alguns destes depoimentos confirmam o que Sant’Anna (2001, p. 22-23) comenta:

Por um lado, fica a impressão de que resta apenas um fascínio pela circulação da ‘imagem do corpo’, especialmente quando este demonstra grande familiaridade para com as máquinas. [...]. Por outro, há a constatação de que nas sociedades contemporâneas existe uma crescente tendência em adular, valorizar e mostrar o corpo, ao mesmo tempo que, cada vez mais, ele é explorado, aviltado e violentado.

Percebeu-se que algumas entrevistadas possuem maior fascínio por esta imagem do corpo, por exemplo, ao fazer o bronzamento artificial, e querer valorizar seu corpo, porém, outras preferem não ter este tipo de preocupação e pensar muito mais na tranquilidade no dia

do casamento, como é o caso de algumas depoentes que, embora tenham feito alguma maquiagem, não tiveram grandes preocupações com isto. Porém, nota-se que estas últimas casaram-se somente no cartório. Entretanto, é preciso ressaltar que todas apontaram uma vontade de estar bem apresentadas para o dia da cerimônia.

Além dos preparativos estéticos também se tem a busca pela vestimenta e pelos acessórios (tiaras, véus, brincos, colares, braceletes, etc.) a serem usados e igualmente a transmudam em personagem. O vestido é que recebe costumeiramente maior atenção. Maia (2015) em seu artigo sobre a “Geografia das vestimentas” ressalta que não é recente o estudo deste tema dentro da geografia e sendo assunto estudado por geógrafos clássicos. Uma das funções da vestimenta utilizada pelos homens é de proteção. Porém, ela ainda adquire outras funções sociais, como de atração e de comunicação. O pudor fez com que as pessoas escondessem o corpo, de modo que funções de proteção e de atração tivessem destaque. Pelo próprio hábito das culturas e da exposição às intempéries, a vestimenta acabou por ser usada como forma de proteção, porém, dar-se-á, nesta tese, um foco na função de comunicação.

Barthe-Deloizy (2011) diz que a vestimenta tem uma dupla função na transmissão de informação na compreensão do outro, podendo servir como proteção da percepção sensorial exterior tanto de temperatura, quanto de hostilidade, e meio de comunicação, indicando a religião, profissão, gosto estético ou sexo. Maia (2015, p. 196) observa que “[...] vestimentas cobrem o corpo, mas, ao fazê-lo, ganham significados maiores que o de simples ‘cobertura’ e expressam status, classes, grupos étnicos, identificações, gostos, costumes, etc.” Assim como apontados por Maia e Barthe-Deloizy, Poirier fortalece tais funções de proteção e social e que em virtude da cultura outras questões de valores são pertinentes e as percepções fisiológicas entre distintas regiões podem ser diferentes:

Protegendo o homem das agressões exteriores, o vestuário facilita a sua adaptação ao meio natural. Protege, conforme os casos, do calor, do frio, do vento, das precipitações atmosféricas, da vegetação, dos animais, etc. Esta adaptação realiza-se de uma maneira mais ou menos engenhosa, e o grau de requinte na invenção está, muitas vezes, na dependência do maior ou menor rigor nos constrangimentos impostos pelo meio. [...]

Poderíamos, todavia, sentir a tentação de aplicar ao vestuário o aforismo de Cl. Lévi-Strauss a propósito do conceito de função social: dizer que o vestuário desempenha funções práticas e, especialmente, de proteção é pouco menos que um truísmo; mas seria um absurdo dizer que tudo no vestuário é, desse ponto de vista, funcional. São muitos os exemplos, provenientes de todas as culturas, que provam que outras considerações – podem vir contrárias, em graus diversos, os aspectos puramente práticos. Por outro lado, não poderemos avaliar a importância de tal ou tal característica do meio natural se esquecermos que os graus de sensibilidade variam

conforma as populações, por motivos não somente culturais mas também fisiológicos: a resistência ao frio de um beduíno não é a de um inuk. (POIRIER, 1999, p. 56 e 58).

Um dos clássicos citados por Maia é Hardy (1939), a quem ele considera como polêmico geógrafo colonialista. Hardy na obra *Geografia Psicológica* “trouxe a discussão de como as vestimentas nos possibilitam ‘ler’ indivíduos e coletividades” (MAIA, 2015, p. 197). Dessa forma, buscou-se diretamente na obra do autor compreender essa leitura, onde Hardy (1939, p. 46, tradução da autora) nota que “[...] para o conhecimento do indivíduo, a vestimenta oferece um documento de primeira classe, e o ditado ‘O hábito não faz o monge’ é de uma exatidão totalmente aproximativa.”<sup>4</sup>. Isto se deve ao que se vê diariamente nas sociedades, principalmente ocidentais, em que há uma diferenciação de classes sociais pelo que se veste, embora existam pessoas que tentem transparecer um *status* diferente por meio mesmo das vestimentas. Fernandes (2008, p. 29) diz que “Não há nada pior do que encontrar uma pessoa que se tenta fazer passar por aquilo que não é [...]”. Hardy (1939, p. 46, tradução da autora) continua e traz sua reflexão de que para o indivíduo em sua coletividade, a vestimenta torna-se uma espécie de uniforme e que suas modificações “coincidem quase sempre com os movimentos gerais da vida social [...]”<sup>5</sup>. Em continuidade, comenta o autor

[...] a vestimenta nos informa sobre as influências, mas nos permite ao mesmo tempo de medir o grau de plasticidade de um grupo, o seu apego às tradições locais, aos costumes religiosos, a tudo o que constitui a espinha dorsal da alma coletiva [...]. Se após esta amostragem de fatos significativos, tivermos ainda que provar o valor psicológico da vestimenta, seria suficiente, sem dúvida, lembrar-se que sempre existiu uma “moral da vestimenta”.<sup>6</sup> (HARDY, 1939, p. 53, tradução da autora).

No casamento pode-se encontrar através das roupas que as pessoas usam estas influências e este grau de plasticidade do grupo, quando a noiva veste o branco como um apego às tradições ocidentais e aos costumes religiosos.

Poirier (1999) traz para vestimenta uma função semiótica, ou seja, de fazer uma investigação das linguagens possíveis que aquela determinada vestimenta traduz e quer

---

<sup>4</sup> “[...] pour la connaissance de l’individu, le vêtement offre un document de premier ordre, et la diction « L’habit ne fait pas le moine » est d’une exactitude tout approximative.” (HARDY, 1939, p. 46).

<sup>5</sup> “[...] coincidente presque toujours avec des mouvements généraux de la vie sociale [...]” (HARDY, 1939, p. 46).

<sup>6</sup> “[...] le vêtement nous renseigne sur les influences, mais il nous permet en même temps de mesurer le degré de plasticité d’un groupement, son attachement aux traditions locales, aux coutumes religieuses, à tout ce qui constitue l’armature de l’âme collective [...]. Si, après cet échantillonnage de faits significatifs, on avait encore à prouver la valeur psychologique du vêtement, il suffirait sans doute rappeler qu’il a toujours existé une ‘morale du vêtement’.” (HARDY, 1939, p. 53).

comunicar, como também a função simbólica que se distingue por ser mais um meio de expressão:

Convencionaremos distinguir aqui uma função semiótica, posta em ação sempre que o traje usado por um indivíduo dá aos demais membros da sua comunidade informações que lhes são indispensáveis para regular o seu comportamento, e uma função simbólica, nos casos em que o traje é mais um meio de expressão que de comunicação. (POIRIER, 1999, p. 60).

O vestido de noiva é um exemplo significativo das funções de comunicação e simbólica. Esta função simbólica fica muito clara quando a mulher usa o vestido branco para o dia do casamento. Poirier (1999) ainda aponta que essa comunicação da vestimenta pode dar informações sobre: “quem a usa”, de “outras pessoas além de quem os veste”, da “relação recíproca” da pessoa quem traja com o outro indivíduo, ou até mesmo da “divisão social do espaço”. “De quem a usa”, o vestuário pode informar sobre o estado biológico e indicar sua situação na comunidade, como a “jovem que não vai virgem para o casamento” (POIRIER, 1999, p. 60), que, neste caso específico, logo mais a frente demonstram-se estas razões ao explicar sobre a cor do vestido de noiva; “Dá informes sobre a pertença a grupos e subgrupos [...] e indica, muito frequentemente, o estatuto social e a riqueza.” De “outras pessoas além de quem os veste”, seria o caso “o cônjuge ou os descendentes: pode indicar o sexo dos filhos, a sua entrada na escola, o seu casamento, a profissão ou a condição social do cônjuge [...]”. Da “relação recíproca” pode ser considerado o estado de luto. Da “divisão social do espaço”, que se referem aos trajes regionais e do tempo:

trajes para os dias ordinários, trajes para as diversas festas e trajes sazonais [...]. Deste ponto de vista, é interessante notar as diversas soluções dadas ao problema do vestuário das pessoas que mudam de comunidade depois do casamento. Em Mezökövesd, os jovens originários de outras regiões tinham de adoptar o traje local e nunca mais podiam deixá-lo – e os litígios sobre este assunto podiam, mesmo, levar ao malogro os projetos de casamento. Inversamente, os Lapões que casam com alguém de outra localidade e ali se lhe vão juntar continuam a usar durante toda a vida o traje da sua comunidade de origem.

[...] Durante uma cerimônia nupcial dos Índios do México, a noiva vestia em dobro todas as peças do traje: duas camisas, duas saias, dois cintos, dois colares e dois xales, um destes conjuntos fora-lhe oferecido pelos pais ou pela madrinha, e o outro pelo noivo (segundo G. Soustelle). (POIRIER, 1999, p. 62-63).

Barnard (2003) reforça o pensamento de Poirier que a peça de roupa é uma forma de enviar uma mensagem de quem a usa para quem a observa.

É por meio da roupa que uma pessoa tenciona comunicar suas mensagens a outra. A mensagem, assim, é uma intenção da pessoa e é isso que é transmitido pela roupa no processo de comunicação. [...]. O que é mais importante nessa descrição de comunicação é a intenção do remetente, a eficiência do processo de transmissão, e o efeito em quem a recebe. (BARNARD, 2003, p. 52).

O vestido de noiva é um exemplo expressivo dessa comunicação e simbologia que Poirier e Barnard expõem. Para a nubente é uma preparação à parte, peça chave na sua transformação em personagem, é a busca por algo especial, que se torna incansável até encontrar aquele que a satisfaça, podendo durar um dia ou vários meses. As ofertas de lojas e estilistas são diversas, os modelos inúmeros e as dúvidas são constantes. A partir da escolha do vestido de casamento, a noiva pode fornecer informações quanto à sua posição social, religião, clima da cidade, lugar de realização da cerimônia e personalidade. Com diferentes modelos, tecidos, aplicações, cores, entre outros elementos, podem ser apresentadas as referências da noiva, a saber:

1) posição social: marcas de estilistas famosos, cortes e tipos de tecidos, existência de bordados com rendas, cristais, pedrarias em geral, plumas, botões e demais aplicações utilizadas nos vestidos.

2) religião: vestidos de acordo com as exigências e tradições das religiões tanto nos modelos quanto nas cores. No catolicismo, algumas igrejas não permitem o uso de vestidos com decotes, oferecendo no início da cerimônia echarpes não somente à noiva, mas também às convidadas.

3) temperatura externa: à percepção de frio ou calor como, por exemplo, no uso das mangas compridas, curtas ou sem mangas e, ainda, casaquinhos e estolas.

4) personalidade: modelos românticos ou sensuais, tradicionais ou ousados, com mais ou menos aplicações de bordados e detalhes.

A fim de saber de como foi a busca pelo vestido de noiva, indagou-se às entrevistadas para esta pesquisa: Quantos vestidos experimentaram até encontrar os vestidos que usou no dia da cerimônia?

*“Experimentei seis vestidos, em três lojas diferentes. Eu procurava que aquele vestido que eu colocasse e ia decidir. Em todas as lojas que eu entrei e provei esses seis, o sexto, que foi o que eu casei, foi o que eu decidi que ia usar aquele. Eu falei: O casamento é um só. Então, se você vai casar, você tem que*

colocar o vestido que te cai bem e é o que você quer usar, o que você sonha usar. Então eu já tinha uma ideia do vestido. Eu chegava na loja e pedia um vestido tomara que caía, que é o que está usando. Eu não gostava de vestido, vamos dizer um 'bolo', que tinha aqueles mais rodados. Eu queria vestido tomara que caía com umas pedras. Demorou para encontrar porque os que traziam eram diferentes do que era o meu objetivo. Mas se eu já tivesse colocado esse último vestido da primeira vez, seria ele. Antes eu achava bonito frente única, porque eu tinha visto em televisão e revista. Mas quando foi a minha vez de casar eu já falei.../como eu fui em muitos casamentos antes da gente casar... eu fui no que estava em alta, eu fui nesses da moda, então eu fui no tomara que caía, que mostra o colo, [...] era mais feminino.” (D, 34 anos, brasileira, 11/09/2015).

Provei um monte... uns oito. E aí eu não encontrei, porque eu achava tudo feio [...]. E eu não tinha muito dinheiro para o vestido. Eu fui na Vis a Vis<sup>7</sup>, a Naiara me atendeu, cheguei com uma revista, mostrei e falei: 'Ah, eu gosto tanto desse!' Ela falou assim: 'Eu vou fazer este vestido para você pelo preço do segundo aluguel, porque me interessa fazer esse vestido, porque é um vestido que eu acho que eu vou alugar bastante.' Então ela fez, ficou três mil reais, fez o primeiro aluguel do jeito que eu queria. Mas eu provei vários, fui em todos os lugares de vestidos de casamento de Campo Grande e não gostei de nenhum.” (C, 37 anos, brasileira, 12/09/2015).

“No casamento civil<sup>8</sup>, um dia antes minha mãe falou: 'Filha, você não vai comprar um vestidinho?' Eu falei: 'Ah, acho que não mãe.' Mas aí fomos um dia antes comprar um vestido. Mas nem achei nada adequado, comprei um vestido estampado, que não tinha nada a ver com a ocasião. [...]. Eu queria um vestido claro, branco. Tanto é que eu quase comprei um longo de linha branco, mas eu achei que ia acabar usando pouco e acabei que fui pelo mais bonito do que pela ocasião. Então eu me preocupei em estar mais bonitinha do que estar apropriado para ser noiva, até porque eu já tinha usado um vestido de noiva.” (C, 37 anos, brasileira, 12/09/2015).

“Experimentei uns cinco vestidos, mas ele foi o primeiro que eu provei. Ele foi o primeiro. Provei, gostei, saí da loja, fui em outra loja, provei mais uns

---

<sup>7</sup> Loja de aluguel de vestidos de noiva.

<sup>8</sup> Este foi o segundo casamento da entrevistada, casando-se somente no civil.

quatro e aí minha mãe falou: ‘Você decide o que você quer?’ Aí eu falei: ‘O que eu quero? Eu quero aquele primeiro lá da outra loja, que esse que eu casei, eu provei lá naquela loja na rua São Caetano<sup>9</sup>. E de lá eu fui para uma Maison no Jardins<sup>10</sup>. Outro grau de atendimento, totalmente diferente, mas eu percebi que nos dois os vestidos já eram prontos, só pegavam as suas medidas e faziam os ajustes. Eu imaginava que seria assim... eu vou lá, escolho o modelo, eles vão desenhar, eu vou provar, vão costurar. Não, o vestido está pronto, você prova e eles vão modelando. Lógico que tem esses outros ateliês, mas aí eu voltei e fiquei com o primeiro que eu provei.’ (T, 38 anos, brasileira, 13/09/2015).

“Eu comprei um vestido/ porque estava muito quente eu queria uma coisa/ porque todo mundo fica... ‘e o vestido? Branco!’/ E eu falei: ‘Não gente, eu não quero um vestido branco.’ Aí o mais próximo que eu cheguei de noiva foram dois itens: escrever na barra do vestido o nome das amigas e fazer um buquê. Fora isso não tinha nada que lembrasse que eu era uma noiva. [...] Cheguei a experimentar três vestidos. Eu queria algo solto, fresco, simples, básico. Então eu já tinha mais ou menos o que eu queria. Eu entrei só em uma loja.” (Th, 34 anos, brasileira, 13/09/2015).

No depoimento das brasileiras foi possível constatar que, para aquelas que se casaram no religioso, a busca pelo vestido foi maior em relação àquelas que se casaram somente no cartório. Mesmo gostando do primeiro vestido que experimentaram, ainda tentaram outros para ter certeza de que o escolhido seria o modelo perfeito para o dia. Entre as entrevistadas francesas, uma disse ter procurado em catálogo, porém nenhuma mencionou a quantidade de vestidos que provaram, elas apenas descreveram o que procuraram. Com o intuito de procurar entender um pouco mais sobre a busca da composição de toda a vestimenta e acessórios para o dia do casamento, perguntou-se: Como foi a escolha do modelo do vestido e dos acessórios?

Durante entrevista, L comenta sobre a escolha de seu vestido de noiva, juntamente com o estilista, quando ele aponta as características físicas da noiva e, por ser magra, recomenda o vestido estilo princesa, pois ela queria um modelo sereia, e diz: “*Olha essa é a única chance na sua vida que você tem para usar um vestido assim. Porque*

---

<sup>9</sup> Esta rua fica localizada na cidade de São Paulo, conhecida como rua das Noivas, pois tem várias lojas com artigos para casamentos, como vestidos de noiva, sapatos, lembranças, etc.

<sup>10</sup> Bairro nobre de São Paulo.

*“você nunca vai poder aparecer num casamento com o vestido assim. Já o vestido sereia, você vai de madrinha, de convidada, em qualquer lugar. Só que princesa, você nunca vai poder usar! A única chance que você tem é agora.” (L, brasileira, 15/12/2013).*

*“O vestido escolhi justamente por ser aquele modelo que eu esperava. Tanto que eu levei as minhas irmãs depois para perguntarem se elas gostaram. Quando eu achei esse vestido eu só estava com a minha irmã mais velha, aí depois voltei com todas as minhas irmãs e a minha mãe. Aí elas também decidiram pelo mesmo vestido que eu escolhi. O véu foi a própria atendente, e ela colocou, o que está mais usando é o véu mais comprido e com as rendas nas bordas, e que combinava mais com o vestido. Então eu fui no que estava na moda. Ela foi me ajudando. O véu eu não tinha nenhuma ideia do que seria para mim.” O arranjo do cabelo era porque eu queria, eu tinha ideia na cabeça que eu queria um arranjo. Bem antes, quando a gente ainda morava em São Paulo, a minha mãe tinha uma caixa que ela guardava as coisas dela, tanto que a minha mãe tem o vestido e guarda as coisas dela. E como a gente mexia muito nas coisas dela, um monte de menina... gostava de usar o sapato da mãe... aquelas coisas... e ela tinha uma tiara. Eu achava ela bonita. Antigamente se usava, com strass e tudo. Eu falei, muito bonita. No dia a dia a gente já não usa, então eu falei, no dia que eu casar, eu vou usar, mas como a dela era daquelas de colocar em cima... eu falei: ‘Não quero essas de por em cima, mas eu quero uma que coloca no cabelo e fica depois na festa.’ Eu não queria tirar. Já era um arranjo para o cabelo, para as fotos. Aí achei na mesma loja e optei por colocar porque eu achava bonito.” (D, 34 anos, brasileira, 11/09/2015).*

*“O vestido eu sempre gostei de coisas diferentes, eu gostei de um, mas a Naiara falou que esse não seria legal. Então eu escolhi o que eu casei porque tinha uma renda que subia no pescoço. O cabelo a mesma coisa, eu não gosto de muita coisa no cabelo, daquelas coisas muito emperiquitadas, eu não queria véu que armasse, queria um véu murquinho. Não gosto muito daquelas coisas emperiquitadas. O meu cabelo não foi uma coisa que eu gostei, eu queria ter feito uma coisa mais diferente, meio hippie, gosto de trancinha. Mas no geral eu gostei de tudo o que foi feito. De acessório eu não escolhi muita*

*coisa, a menina que foi escolhendo. No cabelo era de renda, então era legal porque era diferente. Eu pedi para ela coisas diferentes, eu não queria muito pro lado brega das coisas.”* (C, 37 anos, brasileira, 12/09/2015).

*“No casamento com o M<sup>11</sup>, eu não vi nada.”* (C, 37 anos, brasileira, 12/09/2015).

*“Eu sempre gostei e gosto até hoje de modelo de vestido que é tomara-que-caia, cinturado e com a saia aberta. Eu não gosto de vestido reto. Até tentei, um dos que eu provei era todo reto, bordado e não senti eu... Eu sonhava em casar de vestido assim... tomara-que-caia. Quando eu era criança, adolescente, eu queria casar com aqueles bufantes, manga bufante. Caiu a moda, eu gostava de tomara-que-caia. Então eu falava, tem que ser tomara-que-caia, bem marcado na cintura e com a saia aberta e com saíote de tule embaixo porque eu queria com muito movimento. O véu, eu nunca gostei de véu curto, eu queria véu longo, muito longo, que ficasse além da cauda do vestido. E a tiara do cabelo porque eu queria alguma coisa. Teve a fase que eu queria igual a tiara de princesa e depois mudou eu fiz a que eu usei. Hoje eu não usaria aquela tiara, eu faria diferente.”* (T, 38 anos, brasileira, 13/09/2015).

*“O preto e o branco. A ausência de cor e totalidade de cor, foi por isso que eu usei o preto e o branco, para mudança de vida mesmo, começar tudo novo.”* (M, 58 anos, brasileira, 11/09/2015).

*“Eu escolhi um vestido/ porque eu não gosto de braço/. Eu queria alguma coisa muito simples, não todo de renda, mas algum trabalho de renda em cima. Não queria algo vulgar, nem preso ao corpo. E a mulher da loja me aconselhou um véu. Eu queria alguma coisa para poder dançar e para estar à vontade.”* (G, 40 anos, francesa, tradução da autora, 31/03/2015).

*“Eu queria alguma coisa muito simples. Eu não queria um vestido longo. Foi uma sorte, eu vi em um catálogo, um bonito vestido para o verão, com um pouco de renda florida. Eu disse: ‘É esse, vou me casar com esse!’ Eu achei um casaco de verão parisiense muito chique bege. Usei um pequeno enfeite no cabelo com pluma. Eu não queria chapéu porque é um pouco mais*

---

<sup>11</sup> O segundo casamento, que aconteceu no cartório.

*complicado. Eu queria alguma coisa simples.”* (V, 53 anos, francesa, tradução da autora, 12/06/2015).

*“Por que eu não queria casar de branco, com véu. E a Revolução é uma mudança, tem um pouco de anedota também.”* (B, 45 anos, francesa, tradução da autora, 15/07/2015).

Notou-se que tanto para as brasileiras quanto para as francesas a escolha do vestido realmente faz com que a mulher pense no que usará no dia do casamento. Porém, para o uso dos acessórios, não se tem a mesma atenção dada e em sua maioria é uma sugestão de outras pessoas, sem maiores significados ou gostos pessoais.

O volume, o modelo, o tipo de tecido e os adereços do vestido são escolhas pessoais de cada noiva de acordo com suas posses e que podem complicar ou facilitar este momento. A hora de colocar o vestido de noiva é uma parte da preparação da noiva que geralmente necessita de auxílio de outra pessoa, desde um simples puxar de zíper até entrelaçar e atar as fitas que são costurados nas costas. Em entrevista com G (40 anos, francesa, 31/03/2015), ela lembra-se deste momento e diz que precisou de ajuda para conseguir passar a fita que havia na parte detrás do corpete.

O uso do vestido enrijece o deslocamento e os movimentos da noiva, por vezes são muito apertados, seja no busto e tronco, ou no quadril e nas pernas. Na parte superior do corpo, a respiração é quase que estrangulada e o virar-se limitante; na parte inferior, é preciso de cuidado tanto para andar quanto sentar-se. Conforme entrevista com G (40 anos, francesa, 31/03/2015), quando sua amiga a ajudou a colocar o seu vestido foi como perder a respiração para que pudesse amarrar e dar o laço na fita. Uma das entrevistadas (C, 37 anos, brasileira, 12/09/2015) disse que o vestido ainda ficou um pouco apertado no dia do casamento e que pediu para a cerimonialista soltar um elástico que havia por dentro do vestido para que ela conseguisse respirar melhor e ficar mais a vontade.

A cor do vestido também guarda certas características. A escolha do branco para algumas mulheres ainda é uma questão de tradição, mas há outras que buscam uma ruptura disto. O branco remete-se à ideia de que é a cor da pureza e da virgindade, fazendo com que noivas às vezes optem ou não em casar realmente de branco, ou tonalidades claras, como o marfim, neve, gelo, champanhe, bege, ou algumas vezes indo totalmente contrário, vestindo azul ou até mesmo preto.

Na Idade Média, era mais comum fazer os vestidos com tecidos mais caros, que eram em tons de vermelho, roxo ou preto. As princesas casavam-se de vestidos longos de veludo, seda, cetim e tecidos adamascados, repletos de ouro, rubis e brilhantes, pois nos casamentos reais havia a união entre Estados e o luxo demonstrava que a princesa representava os mais ricos do reino. (WORSLEY, 2010). Após o Concílio de Trento, a Igreja começou a influenciar, pouco a pouco, nos casamentos. Embora a roupa não tenha sido o principal foco, ela apoiava as normas sobre as cores dos vestidos, os quais para serem trajados em único dia, era considerado um pecado, pois deveriam usar outros dias. As mulheres usavam suas melhores vestimentas, o que variava conforme sua classe social. As damas da corte caracterizavam-se pelos vestidos de bailes muito decotados; as camponesas com os trajés dos domingos; e as da burguesia quase sempre com seda preta. (HELLER, 2009).

Durante a pesquisa de campo no Museu do Louvre, em Paris, no dia 15 de julho de 2015, fotografou-se a obra do artista Petrus Paulus Rubens (Figura 149). Conforme as informações obtidas no *display* ao lado pintura, a obra registra o casamento por procuração de Maria de Médicis com Henrique IV, em 05 de outubro de 1600, na S. Maria del Fiore, em Florença, na Itália. A cerimônia foi presidida pelo Cardinal Aldobrandini, legado e sobrinho do papa Clément VIII. Maria usou vestido de seda branco, bordado com fios de ouro e adornado com pedras preciosas.

Antes de analisar a figura, apresenta-se o que Santaella e Nöth explicam sobre a imagem de uma pintura, que faz parte do primeiro paradigma da imagem, a pré-fotográfica, conforme descrito no capítulo 2:

As analogias da imagem pré-fotográfica com o imaginário estão imediatamente expressas, em primeiro lugar, na relação, quer idílica, quer conflituosa, que a imagem artesanal mantém com a natureza do corpo. Sendo uma produção manual, essa imagem implica a co-presença do corpo – olhar, mão e gestualidade – e do objeto ou coisa a ser projetada em uma superfície através da imaginação do artista. Entre o espelho e a miragem, ela é sempre fruto de um olhar transfigurador, capaz de projetar uma imagem de mundo: algo disperso que se configura numa unidade ideal, numa totalidade unificada. (SANTAELLA; NÖTH, 1999, p. 190).

Dessa maneira, ao decompor o lugar nesta pintura (Figura 150), com as setas brancas, destaca-se a cor vermelha no tapete, que é a cor usada como símbolo da realeza, ao lado superior esquerdo também o vermelho contrapondo-se à direita, pois o casamento aconteceu por procuração e o rei foi representado pelo tio de Maria de Médicis, o grande duque de Toscana; na parte superior central, na ponta do triângulo, Cristo morto apoiado por

Deus Pai<sup>12</sup>. Na figura 151 consideram-se os personagens: no centro da pintura o cardeal (que representa a igreja católica) e os noivos; nas laterais as testemunhas da nobreza, de um lado duas mulheres, tia e irmã de Maria de Médicis, e uma criança (como dama de honra) e, do outro lado, dois homens, negociadores franceses.

**Figura 149-** Pintura exposta no Museu do Louvre, de Rubens, do casamento de Maria de Médicis e Henrique IV, em 1600



**Foto:** Louvre (2014)

Na figura 152, avalia-se a corporeidade da noiva: a posição da mão demonstra o ato de colocar as alianças (elipse branca), como significado da união dos poderes; o uso da coroa (círculo vermelho), que confirma a posição social de rainha; o vestido branco, que mostra o momento do casamento; e a criança segurando a cauda do vestido de noiva (como as damas de honra fazem nos casamentos – seta branca). Todos estes símbolos constroem a corporeidade da noiva (contorno amarelo) que, ao portá-los, ocupa um espaço maior do que o do ‘noivo’ (contorno azul), conforme é demonstrado na figura 153. Tal demonstração de ocupação do espaço da noiva em relação ao noivo não se deve somente por ela ser a rainha e o ‘noivo’ ter sido representado pelo tio, mas sim pelo fato da corporeidade da noiva, ao usar o

---

<sup>12</sup> Esta escultura foi uma reinvenção de Rubens, como a obra Pietà de Michelângelo, que representa Virgem Maria com o Cristo morto em seus braços.

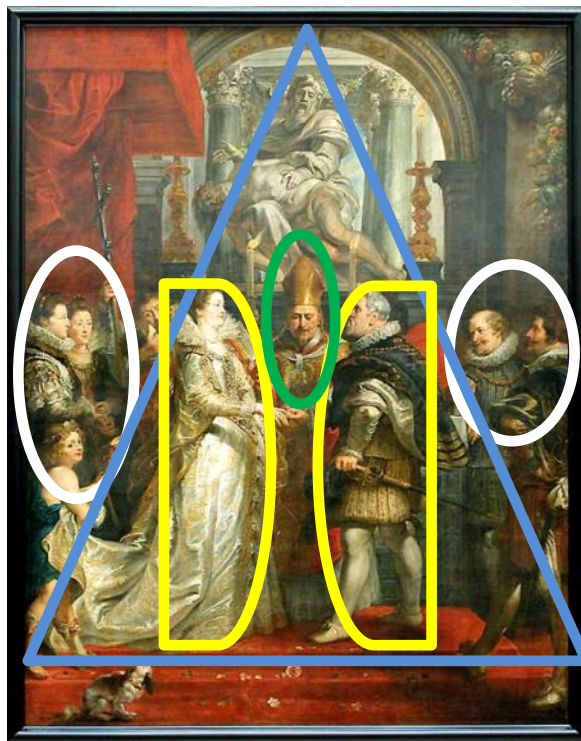
vestido e seus acessórios, se ampliar de maneira a se estender por um espaço mais amplo, como será visto em outras situações mais adiante.

**Figura 150-** Análise da ocupação do espaço - cor, personagens e figura religiosa



**Fonte:** Louvre (2014)

**Figura 151-** Posicionamento dos personagens na obra



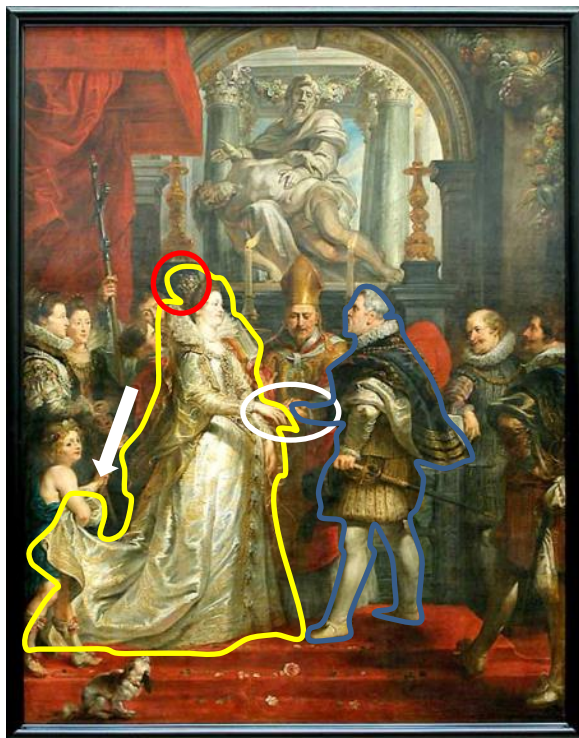
**Fonte:** Louvre (2014)

Maria não criou nenhuma moda do branco, até pelo fato de que quase não se via o tecido, por estar todo coberto por ouro. Nesta época não havia nenhum estilo ou cor determinado para nubentes, sequer existia a ideia de vestido de noiva. (HELLER, 2009). Até meados do século XVII, os tons vermelhos e dourados eram os mais comuns para as bodas, com pedrarias e bordados (SIMÃO, 2010). O vermelho, com uma relação estreita com a beleza, tem sido associado com a pompa, sendo na França a cor dos vestidos de casamento até o final do século XIX (MOLLARD-DESFOUR, 2000). Assim, as noivas por muito tempo vestiram vermelho; depois vermelho e branco; e, atualmente, branco. (PASTOUREAU, 1997).

Há controvérsias entre os autores em relação ao início do uso do vestido branco. Begley (2015) diz que a Rainha Mary da Escócia, em 1558, usou branco em seu casamento, sendo a ela creditada a mudança da norma. Existem as versões que atribuem à Maria de

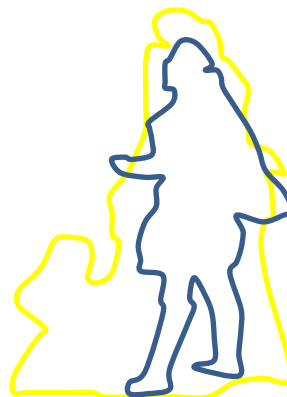
Médicis (1600), Josefina (1796) e à Rainha Victoria (1840), mas todos eles realizados com datas posteriores.

**Figura 152-** A corporeidade da noiva demonstrada na pintura



**Fonte:** Louvre (2014)

**Figura 153-** Espaço ocupado da noiva maior em relação ao do 'noivo'



**Elaboração:** Raquel Lage Tuma

Pastoureau (1997) afirma que a cor branca dos vestidos de noiva não é tão antiga quanto muitas pessoas imaginam, é uma “tradição inventada” como moda que se impôs no século XIX, “[...] quando os velhos sistemas da Reforma Protestante e os da Contra-Reforma católica se juntaram para dar origem – uma origem bem estranha – àquilo que se chamou os <valores burgueses>. [...]” (PASTOUREAU, 1997, p. 53). Embora o vestido branco tenha um valor burguês, ele se estendeu a todas as classes sociais, até mesmo na sociedade rural, porém tardiamente. No meio rural, de acordo com a cultura bíblica e costumes antigos, o branco era símbolo de pureza e da virgindade, porém a noiva não deveria expor isto no dia do casamento, pois já era pressuposto. Sendo assim, ela usava o seu vestido mais bonito, o qual geralmente era o vermelho em virtude das técnicas de tinturaria da época. Portanto, as roupas de cerimônia frequentemente eram vermelhas, pois apresentavam tons mais vivos, estáveis e saturados. O vermelho era a cor da festa, do prazer e da alegria. (PASTOUREAU, 1997). “O branco do vestido significava que a esposa era, não uma <simplória>, isto é, uma pessoa cuja

inocência estava próxima da patetice, mas um lírio virginal, puro e ofertado.” (PASTOUREAU, 1997, p. 53).

A Rainha Victoria do Reino Unido foi a noiva mais famosa do século XIX (Figura 154) e isso é atribuído por três aspectos principais. Um deles é que foi a primeira mulher a casar-se de branco, usando um vestido de cetim, em 1840 (HELLER, 2009). Na época, o vermelho era a cor popular entre as noivas (BEGLEY, 2015), mas quebrou a tradição real de se casar de prata, preferindo o branco (WORSLEY, 2010, p. 257). O segundo fator foi ter usado um véu branco, o que causou sensação, pois era algo novo, não era comum usá-lo no casamento, mas sim após a boda (HELLER, 2009). Para uma rainha, era proibido, pois nunca deveriam cobrir o rosto, a fim de provar sua identidade e soberania (SIMÃO, 2010). Foi interpretado como o véu de uma monja. Entretanto, a intenção da rainha era outra, a de apoiar a indústria inglesa de renda, que lutava contra sua forte concorrente francesa. Por fim, casou-se por amor, o que na época não acontecia, pois se casavam por interesses comerciais ou políticos. (HELLER, 2009). O vestido da Rainha Victoria foi exposto em museus e exposições por anos, porém foi retirado e, hoje, está armazenado em lugar próprio para a conservação do material, conforme informado à doutoranda em visita técnica realizada em 27 de junho de 2015, no Kensington Palace, em Londres, local onde o vestido permaneceu por muito tempo.

A rainha Victória transformou a cor branca na escolha mais certa para aquelas que podiam pagar por um vestido. Anos mais tarde, em 1853, quando Napoleão casou-se com Eugênia, ela usou um vestido de veludo, pouco usual, e véu brancos. (HELLER, 2009). De acordo com as autoras do artigo “O traje da noiva na cena do casamento”

Outro acontecimento contribui para firmar o branco como cor tradicional para noivas em seus casamentos: em 1854, na Bula *Ineffabilis Deus*, o Papa Pio IX proclamou que essas moças deveriam fazer, através do traje branco, alusão à Maria Imaculada, assim como à Imaculada Conceição. Esta fala papal estabeleceu no Romantismo um padrão católico delegando à virgindade, um papel primordial para a qualidade da noiva. Esta bula agregou à sua vestimenta um adereço de mão que podia ser um terço ou um pequeno livro de orações, porque além de casta, a noiva deveria ser também religiosa. (MITIDIERI; GARBELOTTO, 2010, p. 7).

Dessa forma, Mitidieri e Garbelotto apresentam também mais uma hipótese do surgimento do uso do vestido branco atribuindo-se à igreja. Heller (2009) diz que por volta de 1900, é possível constatar nas fotografias de casamento que quase todas as noivas aparecem com vestidos pretos e somente o véu era branco. Se a noiva tivesse recursos usava vestido preto de seda, o qual, após a boda, voltava a vesti-lo em outros momentos, em festas e

celebrações. Caso contrário, o tecido era preto opaco, e também usavam novamente em igrejas e nos enterros ou em ocasiões nas quais o brilhante da seda era inadequado. Worsley (2010) diz que era comum casar-se de azul ou rosa até o início do século XX.

**Figura 154-** Vestido de noiva branco da Rainha Victoria que marcou a tradição da cor



**Foto:** The Royal Collection  
**Fonte:** Arch e Marschner (2011)

A tradição em casar-se de branco tinha como intuito glorificar, em um aspecto moral e social, a jovem que se mantinha virgem até o casamento. “Ainda que a virgindade simbolizada pelo branco não seja mais um requisito para as noivas, a cor continua sendo a escolha número um para o dia do casamento, principalmente nas cerimônias judias e cristãs.” (WORSLEY, 2010, p. 254). Vale ressaltar que, hoje em dia, as pessoas casam-se de branco não a fim de proclamar seu estado de “pureza e virgindade”, ideários relacionados com certa submissão da mulher, mas sim porque o branco passou a ser a cor arquetípica do casamento. (PASTOUREAU, 1997). Worsley (2010, p. 254) lembra do ditado inglês que diz “Married in White, you have chosen right” [“Se você se casa de branco, fez a escolha certa”]. Talvez este ditado tenha a influência da própria rainha da Inglaterra, por ser atribuída a moda do branco nos casamentos.

Poirier (1999) exara que uma das funções da vestimenta é a estética e a moda e diz

O caso do vestuário confirma que a estética – como tudo o que pertence ao domínio dos valores – é a noção mais relativa que se pode imaginar: aqui, os critérios do belo estão na sobriedade do colorido e na simplicidade das formas; além, pelo contrário, são tidos por desejáveis o brilho e a justaposição das cores, a abundância dos enfeites e a exuberância das formas. [...] A estética está estritamente associada ao prestígio social, à riqueza e aos divertimentos coletivos: os trajos considerados mais belos são, em geral, os mais caros, os de festa. (POIRIER, 1999, p.77).

Heller (2009) aponta que em 1808, Jacquard colocou no mercado a primeira máquina tecedora, fazendo com que os tecidos ficassem mais baratos. A partir de 1830 surgiram as primeiras máquinas de costura. Desse modo, conforme a autora comenta “Com um vestido de noiva branco, muitas mulheres podiam realizar seu sonho de ser rainha ao menos por um dia.”<sup>13</sup> (HELLER, 2009, p. 175, tradução nossa).

Na década de 1920, o branco era sinal de status, porém Coco Chanel declarou que o uso do vestido branco era a cor essencial para qualquer noiva, rica ou pobre. Tal fato não poderia acontecer em séculos anteriores, quando uma empregada jamais imaginaria usar uma roupa como a de sua patroa. (WORSLEY, 2010).

As entrevistadas brasileiras que se casaram na igreja todas vestiram branco (Figura 155 e 156). Essa tradição é muito forte no Brasil tanto para aquelas noivas que se casam no religioso, seja nas igrejas ou em salões.

Na França, G (40 anos, francesa, 31/03/2015) tanto para o casamento na *mairie* quanto na igreja optou em não usar o branco, mas sim uma variação dele, o marfim. Esta escolha se deu em virtude do branco significar virgindade, e por não ser mais virgem e acreditar que seja uma cor clássica do casamento, preferiu este tom da cor do branco. No casamento religioso, o vestido foi longo, tomara que caia com rendas na parte superior (Figura 157), véu, colar em tecido e pedrarias com uma flor que ganhou de uma amiga (Figura 158), anel, plumas no cabelo (Figura 159), buquê e sapatos. Em nenhum dos dias usou brincos.

---

<sup>13</sup> “Con un traje de noiva blanco, muchas mujeres podían realizar su sueño de ser reinas al menos por un día.” (HELLER, 2009, p. 175).

**Figura 155-** Vestido branco usado no casamento



**Foto:** Beto Nascimento (2010)  
**Fonte:** Arquivo pessoal da entrevistada

**Figura 156-** Vestido branco usado no casamento



**Foto:** Namour (2006)  
**Fonte:** Arquivo pessoal da entrevistada

A outra francesa entrevistada saiu totalmente do tradicional em seu casamento religioso e vestiu uma fantasia<sup>14</sup> de cor dourada com rosas, bordado, que tinha como tema a revolução, além de pedir para que todos os convidados fossem de fantasia com mesma temática. Entretanto, em todos os casamentos, nas igrejas parisienses, os quais foram possíveis ser assistidos e fotografados, as noivas vestiram-se de branco.

Nos casamentos civis, no Brasil, as vestimentas são mais cotidianas do que festivas, as noivas não fazem uma grande produção, geralmente se arrumam em casa, colocam uma roupa mais ocasional, fazem elas mesmas as maquiagens e os cabelos. Na França, elas se produzem um pouco mais, com vestidos de noivas geralmente curtos, maquiagem mais

<sup>14</sup> Infelizmente não foi possível ter acesso às fotos para demonstrar, pois a entrevistada não sabe onde as guardou.

expressiva e penteados (costumeiramente feitos por elas mesmas), uso de acessórios nos cabelos, chapéus e até mesmo o véu.

**Figura 157-** O vestido e o véu



**Fonte:** Arquivo pessoal da entrevistada

**Figura 158 e 159-** Colar em tecido com flor e pedrarias (acima) Cabelo preso com plumas (abaixo)



**Fonte:** Arquivo pessoal da entrevistada

Entre as brasileiras que casaram no cartório tiveram variações das cores das roupas usadas no dia do casamento. Th usou um vestido creme florido (Figura 160). M fez sua própria roupa, blusa preta e saia branca (Figura 161). C casou-se com um vestido estampado, mas este foi o seu segundo casamento. C ainda relata: *“Tinha uma noiva antes de mim [no cartório, no dia do casamento] que estava toda de branco, com um buquezinho.”* (C, 37 anos, brasileira, 12/09/2015). No Brasil, os estilistas indicam que nos casamentos civis as noivas devem usar vestidos claros, discretos e contidos, podendo conter estampas, mas em geral sem brilhos e volumes.

As francesas que se casaram na *mairie*, tanto as entrevistadas como as observadas, optaram por casar de branco ou marfim. É muito usual na França as noivas usarem vestidos de noiva, que em geral são curtos (mas algumas optam pelos longos), e buquê, mas usam até

mesmo os véus (Figura 162). V usou duas pequenas flores azuis em seu vestido no mesmo tom da gravata do seu noivo e uma pulseira (Figura 163).

**Figura 160-** Casamento civil no cartório, a noiva usa vestido florido



no **Figura 161-** Casamento civil no cartório, a noiva usa blusa preta e saia branca



**Fonte:** Arquivo pessoal da entrevistada **Fonte:** Arquivo pessoal da entrevistada

G no casamento civil, por ter acontecido às 9h30 da manhã, usou um vestido curto (Figura 164) e os acessórios: chapéu (muito tradicional o uso na França) (Figura 165), colar (modelo terço) (Figura 166), um anel, buquê, echarpe e sapatos.

As mulheres que foram entrevistadas acerca da cerimônia civil, todas elas compraram seus vestidos, sendo que poderiam utilizá-los posteriormente em outras ocasiões, mesmo aquelas que usaram o branco ou marfim, pois não tinham características notáveis

como sendo de noiva. As noivas entrevistadas sobre o casamento religioso, apenas uma comprou seu vestido tradicional branco, deixando-o guardado até hoje; as demais alugaram somente para usá-los no ritual.

**Figura 162-** Casamento civil na *mairie*, a noiva usa vestido de noiva branco curto, véu e buquê



**Foto:** Raquel Lage Tuma (jun/ 2015)

**Figura 163-** Casamento civil na *mairie*, a noiva usa vestido de noiva branco curto, adereço no cabelo e buquê



**Foto:** Raquel Lage Tuma (jun/ 2015)

Poirier (1999) exemplifica que as roupas que os noivos romenos vestem no dia das bodas são, igualmente, usadas no sepultamento, pois acreditam que assim eles possam reconhecer-se com maior segurança no outro mundo. O autor explica que a vestimenta pode ter as funções simbólica e mágica e que os trajes são reflexos de crenças. O autor aproveita para argumentar que o vestuário pode ser suporte das representações do homem, da natureza e da cultura e que “[...] os elementos simbólicos deste vestuário estão integrados nos adornos ou na ornamentação.” (POIRIER, 1999, p. 75).

**Figura 164-** Vestido de noiva na cor marfim, no casamento na *mairie*



**Fonte:** Arquivo pessoal da entrevistada

**Figura 165-** Chapéu e buquê



**Fonte:** Arquivo pessoal da entrevistada

**Figura 166-** Colar de terço



**Fonte:** Arquivo pessoal da entrevistada

Uma peça que diferencia a vestimenta da noiva das demais é o véu. Ele é um adorno que também tem função simbólica, mesmo que muitas vezes seja implícita ou desconhecida para a noiva. São diversas as versões sobre a origem do véu, até porque teve um uso distinto

em diferentes épocas. Na Grécia antiga acreditava-se que o véu tinha o objetivo de proteção da noiva ao mau olhar ou admiradores. Uma segunda versão afirma que na Antiguidade o véu servia para esconder o rosto da mulher de seu futuro marido, de maneira a ser desvendado somente após o pronunciamento do casamento. Na Idade Média usava-se diariamente o véu como símbolo de nobreza, para manter a pele clara e protegida do sol, diferentemente das camponesas que tinham a cor da pele escurecida em virtude da insolação que tomavam no campo. O véu é utilizado por algumas religiões como símbolo de respeito e honra, a exemplo do islamismo, do judaísmo e do cristianismo. Segundo a Bíblia Sagrada (1980, Coríntios 11, 5) “Toda mulher que faz oração, ou que profetiza não tendo coberta a cabeça, desonra a sua cabeça, porque é como se estivesse rapada.” Assim no momento em que Rebeca viu Isaac (seu futuro marido) se aproximando “[...] ela tomou muito depressa o seu véu, e se cobriu com ele.” (BÍBLIA SAGRADA, 1980, Gn, 24, 65). Ainda, Maria, Mãe de Jesus, surge com um véu em suas representações, o que fortaleceu seu significado de pureza, castidade e modéstia. Outra hipótese é que os véus teriam ainda um significado de ‘limpeza’ e ‘transparência’, daí o fato de várias cachoeiras serem chamadas de véus de noivas.

Os véus de noiva geralmente são feitos de renda, seda ou tule, com aplicação de diversos tipos de apliques, como bordados, gotas e cristais. Costuma ser transparente e preso ao cabelo, podendo ser curto ou longo. Os vestidos de noiva juntamente com a extensão dos véus longos dão a ideia de que a noiva personifica uma rainha. O véu, que tinha um sentido de inocência, virgindade, angelicalidade e, até mesmo, de mistério, atualmente, ele é tido mais como uma peça decorativa simbólica da noiva e, assim como o vestido, ele marca a transição de um *status* de solteira para casada. Uma das entrevistadas destacou: “*O véu eu comprei, eu tenho guardado até hoje.*” (T, 38 anos, brasileira, 13/09/2015).

Uma reportagem em meio eletrônico de Oliveira e Sandoval (2015) apresenta como título “Véu ainda é xodó de noivas modernas [...]” e traz depoimentos de algumas noivas e que demonstram a importância deste item durante a cerimônia do casamento: “Desde criança, ensaiava o meu casamento arrastando um lençol pela casa, preso ao meu cabelo. Era o meu véu [...] Para mim, o véu faz parte do pacote do casamento, é tão importante quanto o noivo, o vestido e o buquê”, (Rita de Cássia Outeiro Dorneles Rodrigues, 28 anos). “O véu significa a pureza do amor do casal. Sempre o vi como um símbolo da mudança que se inicia quando ambos se entregam para a vida a dois.” (Livian Damiele Coelho Ramos, 31anos). “Sempre achei lindo o casamento estilo princesa. E o véu faz parte desse universo.” (Janaina Ribas do Nascimento, 24 anos).

Outro acessório utilizado por algumas noivas é a tiara. Pedrosa (2014) aponta que a tiara foi um legado dos egípcios e era usada pelas princesas no antigo Egito. Delicadas e confeccionadas com fios de ouro ou prata tinham inspiração nas formas da natureza. Nos tempos dos antigos gregos e romanos, as tiaras eram simples fitas de tecido atadas em volta da testa, usadas por homens ou mulheres mais nobres da sociedade. Com o passar do tempo, foram adornadas com pérolas e pedras preciosas, como diamantes, rubis e esmeraldas. Em outro estilo, feitas em folhas de louro, eram dadas aos vencedores de esporte, generais e aos dignitários e governantes, como símbolo absoluto do poder da vitória. Mais tarde, esta última tiara foi substituída, imitando as folhas de louro, porém fabricadas em fios de ouro, prata ou metal simples, como o cobre. As tiaras feitas com flores de laranjeira eram um costume das noivas romanas, simbolizando inocência e pureza.

As mulheres da corte napoleônica, inspiradas na antiga Roma, usaram tiaras como adornos de cabelos. Após a queda de Bonaparte, tais adereços passaram a ser mais elaborados no *design* e ricamente decorados com pedras preciosas. (PEDROSA, 2014). A rainha Vitória, do Reino Unido, na década de 1840, lançou moda ao usar a tiara com flores de laranjeira no lugar da tradicional tiara de brilhantes (WORSLEY, 2010), em uma época de riqueza e prosperidade. Na França, com a coroação de Napoleão III, em 1852, surge uma nova era de *glamour* na alta classe de Paris e as joias se tornaram moda. A Rússia, nas últimas décadas de XIX, apresentou as tiaras mais luxuosas vistas nas cortes reais. Na primeira década do século XX, o adorno tornou-se peça feminina principal nas altas classes da Europa, ocorrendo eventos como “noite da tiara”. Durante a Primeira Guerra Mundial as tiaras voltaram a ser mais simples e, após a Segunda Guerra, o ornamento não adquiriu mais o mesmo *status*. (PEDROSA, 2014).

Ao longo dos anos, as coroas eram usadas por reis e rainhas e as tiaras por príncipes e princesas. O uso entre a realeza difere de país para país, cada monarquia tem suas normas (MELINA, 2011). No Reino Unido, existia a regra de que a princesa poderia usar a tiara somente após seu casamento, assim como as namoradas e noivas de membros da realeza (MELINA, 2011; REBOCHO, 2013). Entretanto, Máxima, hoje Princesa da Holanda, estreou sua primeira tiara em seu noivado; e a Princesa Anne, filha da Rainha Elisabeth II, do Reino Unido, apareceu em público com sua tiara ainda solteira. (REBOCHO, 2013). Na Suécia, as princesas Madeleine e Vitória valiam-se dela antes mesmo de estarem casadas. Atualmente, os homens não mais as utilizam, mas as rainhas sim.

No século XX, em jantares de famílias nobres, os trajes eram muito formais, o que oportunizava o emprego das tiaras. Nos dias atuais, as tiaras são requeridas em ocasiões especiais, estando diretamente ligadas às normas de etiqueta referente ao traje, que é determinado no convite, pelo anfitrião do evento, como o “*White tie*”. A regra para o vestuário é o traje militar para homens e vestido longo com tiara para mulheres. No “*Black tie*” não se inclui este adereço para damas, mas se flagrou princesas utilizando-as em eventos, como no 70º aniversário da Rainha Margareth II da Dinamarca (REBOCHO, 2013).

O buquê é um elemento muito tradicional para compor a personagem da noiva. Sua origem tem diferentes versões: 1) Na Grécia Antiga, para afastar os maus espíritos, eram usados alho e ervas para atrair bons fluídos. Outra hipótese para sua origem é a oferenda de flores à deusa Hera, noiva de Zeus; 2) Na idade média, como o costume era ir a pé à igreja, as noivas recebiam ervas e temperos durante o percurso como sinal de sorte e felicidade; 3) No século XIX, na época Vitoriana, as mulheres não podiam falar de seus sentimentos e os buquês poderiam passar uma mensagem por meio das flores, tendo em vista que havia um significado para cada flor (HELP CASAMENTOS, 2014). Atualmente as mulheres carregam os buquês muito mais por uma questão de tradição do que propriamente por pensarem em sua origem ou na mensagem a ser passada. Existem diversos tipos e modelos de buquê com diferentes flores (Figuras 167, 168 e 169) e até mesmo adereços, como broches, bijuterias ou joias, pedrarias, fitas e papel (Figura 170). Também tem sido muito frequente levar uma única flor e/ou um terço.

As entrevistadas para esta tese relataram como foi a escolha pelo buquê, destacando que a preferência ocorreu por uma questão de gosto pessoal.

*“O meu buquê foi de rosas lilás e em tom de rosé. Entrei também com um terço porque eu via muita gente entrando com terços nos casamentos e porque eu achei que ia me sentir mais segura, mais protegida. Minha irmã que me deu o terço de presente.”* (D, 34 anos, brasileira, 11/09/2015).

*“O buquê eu falei [para os decoradores] que eu queria uma coisa bonita, mas não muito grande. Mas eu lembro que eu cheguei no casamento, o buquê era enorme, parecendo uma samambaia<sup>15</sup> (risos), eu fiquei meio apavorada a hora que eu cheguei e vi, achei muito grande. Não era o estilo de buquê que eu gosto. Não foi um buquê que eu gostei, que eu amei. Achei bonito no geral, mas*

---

<sup>15</sup> Um tipo de planta.

*as folhas eram muito grandes e eu não achei bonito. Eu preferia uma coisa menor, mais simples.”* (C, 37 anos, brasileira, 12/09/2015).

**Figura 167-** Buquê de rosas com terço



**Foto:** Beto Nascimento (2010)  
**Fonte:** Arquivo pessoal da entrevistada

**Figura 168-** Buquê de orquídeas estilo cascata



**Foto:** Beto Nascimento (2010)  
**Fonte:** Arquivo pessoal da autora

**Figura 169-** Buquê de trigo verde



**Foto:** Beto Nascimento (2009)  
**Fonte:** Arquivo pessoal da autora

**Figura 170-** Buquê de origami



**Fonte:** Arquivo pessoal da entrevistada

*“O buquê foi lindo, de uma flor chamada cala e a cor era uva e o laço de fita era verde pistache.”* (T, 38 anos, brasileira, 13/09/2015).

*“O buquê foi de origami. Foi o que usei para lembrar uma noiva. Eu busquei fazer algo diferente e o buquê de origami não é muito falado.”* (Th, 34 anos, brasileira, 13/09/2015).

*“Eu tive um buquê tipo cascata.”* (G, 40 anos, francesa, tradução da autora, 31/03/2015).

*“Eu fui procurar um vendedor de flores que eu conheço e eu lhe disse que eu gostaria de alguma coisa muito simples de rosas brancas. Ele me aconselhou um buquê um pouco mais longo. Ele fez um buquê alongado, que eu coloquei sobre o braço. Eu pedi que tivessem sete rosas, porque ao fim do casamento, eu entreguei para as sete mulheres que foram ao casamento.”* (V, 53 anos, francesa, tradução da autora, 12/06/2015).

*“O meu buquê foi azul, branco e vermelho, como a revolução.”* (B, 45 anos, francesa, tradução da autora, 15/07/2015).

Além do buquê como um acessório essencial na composição da noiva como personagem, buscou-se saber se as entrevistadas usaram algum acessório especial no dia do casamento relacionado à tradição familiar, crenças ou superstições. Nenhuma delas teve esses aspectos envolvidos, o que ocorreu é que duas optaram por algo que houvesse um significado particular (mas sabe-se que existem noivas que usam acessórios com valor simbólico na família, como uso de tiaras e véus utilizados por suas antecedentes).

*“Bracelete indicado pelo lugar que eu aluguei o vestido. A mulher que me atendeu falou: ‘Olha, não combina um colar porque o vestido já tem as pedras, o que seria legal era você colocar um bracelete.’ Ela que ofereceu. Eu não tinha essa ideia de colocar o bracelete. O brinco eu ganhei da minha sogra um tempo antes de casar, ela falou que era para eu escolher. O sapato eu comprei.”* (D, 34 anos, brasileira, 11/09/2015).

*“Não, era tudo alugado.”* (C, 37 anos, brasileira, 12/09/2015).

*“Não. O brinco eu comprei para o casamento. Usei uma pulseira de swarovísk.”* (T, 38 anos, brasileira, 13/09/2015).

*“Não, nada. A única coisa foi que eu comprei o vestido, o resto era tudo o que eu já tinha.”* (Th, 34 anos, brasileira, 13/09/2015).

*“Eu usei plumas no meu cabelo. Eu tive um colar de tecido com uma pequena flor que uma amiga que fez. Não usei brincos. Usei um véu.”* (G, 40 anos, francesa, tradução da autora, 31/03/2015).

*“Usei um chapéu grande incrível com plumas, como a Madame La Fayette para compor a fantasia.” (B, 45 anos, francesa, tradução da autora, 15/07/2015).*

*“Não. Eu usei um brinco especial que era meu e eu só usei no dia do meu casamento, porque eu não usava ele porque ele escapava. No dia do casamento eu usei e perdi um e tenho um guardado até hoje.” (M, 58 anos, brasileira, 11/09/2015).*

*“Somente a flor azul do vestido e do bracelete que fiz da mesma cor da gravata do F porque eu gosto muito desta cor.” (V, 53 anos, francesa, tradução da autora, 12/06/2015).*

Foi questionado às entrevistadas quais dos elementos usados pelas noivas (vestido, véu, buquê, brinco, colar, sapato, aliança, entre outros) são mais característicos para definir uma noiva, que a diferencia das demais convidadas? Em todos os depoimentos obteve-se ‘o vestido’ como resposta, sendo que em duas ainda elencaram-se o véu e outras duas o buquê e a aliança.

*“O vestido. Tanto que ninguém dos convidados vai de branco. O vestido é a característica da noiva. É o que todo mundo espera. Vai abrir a porta, o que todo mundo quer ver é o vestido da noiva. Você sai do casamento... como que a noiva estava vestida, como era o vestido da noiva? Ninguém quer saber do sapato, da tiara, do bracelete, do buquê... é mais do vestido.” (D, 34 anos, brasileira, 11/09/2015).*

*“O vestido. O vestido e o véu. Por que você só veste vestido de noiva uma vez na vida... o certo. Então você está vestida para um momento único na sua vida, para um momento especial e que as pessoas conseguem te destacar das outras por conta de todo o contexto de um vestido de noiva, o véu. Acho que o que representa uma noiva é o vestido... e o véu. Muitas não usam o véu.” (C, 37 anos, brasileira, 12/09/2015).*

*“O véu, porque quando você vê uma mulher com o véu, você já sabe que é uma noiva. Raras são as noivas que casam sem véu. Existe, mas são poucas. Se você analisar quase a maioria casa com véu. Então para mim, qual é o símbolo*

*que representa uma noiva? É o vestido branco e o véu. Escolhe um. O véu!*” (T, 38 anos, brasileira, 13/09/2015).

*“Se for uma noiva convencional, eu acho que o vestido diferencia. No meu caso eu usei o buquê, porque o vestido não diferenciava. Mas eu acho que o vestido, porque uma noiva convencional vai usar um tecido mais fino, uma cor mais clara, o branco.”* (Th, 34 anos, brasileira, 13/09/2015).

*“Eu acho duas coisas interessantes... o buquê e o vestido. Eu acho muito legal no casamento, são as duas coisas que a gente mais espera no casamento. O buquê, que agora está na moda fazer uns buquês diferentes. Eu vivo querendo saber. Mas duas coisas que lembram casamento, é o buquê e o vestido.”* (M, 58 anos, brasileira, 11/09/2015).

*“O vestido.”* (G, 40 anos, francesa, tradução da autora, 31/03/2015).

*“A aliança e o vestido. Estes são com certeza os mais característicos de uma noiva.”* (V, 53 anos, francesa, tradução da autora, 12/06/2015).

Com o vestido e o véu de noiva, o corpo possui barreiras concretas, ele não pode fazer as mesmas ações e com a mesma agilidade que se faz com uma roupa comum. Sua espacialidade alia-se ao tamanho e às condições da vestimenta e sua performance deverá se adaptar isto. O vestido, o véu, todos os acessórios, assim como o espaço (igreja ou *mairie*/cartório), a decoração, as músicas e as pessoas propiciam o contexto e o cenário para iniciar a encenação, a performance das noivas durante o ritual.

#### *4.1.2. A Performance das Noivas*

A partir do que foi visto sobre preparativos da noiva, que não são feitos somente a partir do momento em que se acorda até a sua apresentação ao público no dia do casamento, mas perduram alguns dias, semanas e/ou meses antecedentes, segue a discussão neste tópico da performance da noiva no dia do casamento, bem como a descrição dos artefatos que auxiliam na sua performance como personagem principal deste dia, desde a sua chegada à igreja até a saída e as suas principais emoções.

A performance, para os geógrafos Gregson e Rose (2000, p. 434, tradução da autora),

parece oferecer possibilidades intrigantes para pensar sobre a construtibilidade da identidade, a subjetividade e agência. E o ponto de

partida para este trabalho é a nossa pressuposto de que noção de performance é realmente crucial para uma geografia humana crítica interessada a entender a construção da identidade social, diferenças sociais e relações de poder sociais, e da forma como o espaço pode articular todas estas questões.<sup>16</sup>

Compreende-se nas palavras de Gregson e Rose a relevância da performance para a geografia num sentido mais amplo, pois ela demonstra identidades, diferenças e relações sociais no espaço. Assim, a noiva insere-se neste contexto, no qual ela apresenta estes aspectos através de sua corporeidade e performance no dia do casamento.

Turner (1982) diz que a etimologia de ‘performance’ não tem nada a ver com a ‘forma’, deriva do francês antigo de *parfounir*, ‘completar’ ou ‘executar completamente’. A performance é a própria experiência. Dessa maneira, a geógrafa Borghi (2015, p. 138) interpreta que “A performance tem, portanto, um caráter experimental e, ao mesmo tempo, crítico: graças à ação, é possível viver e completar uma experiência, e, pelo ângulo da encenação do nosso corpo, refletir sobre a própria experiência.”

Através da performance que a noiva executa no dia do seu casamento, ela vive intensamente seu momento e registra essa experiência. É o marco de um dia especial, e para isto, ela desempenha da melhor forma possível sua performance.

*A performance*, por exemplo, se a tomarmos segundo as suas feições mais recentes, apresenta uma organização, utiliza expressões, palavras, recursos e desenvolvimentos que são típicos de uma textualização dramática, isto é, sempre funcionarão como um dado textual, independentemente do papel que desempenhem em sua economia dramática as sínteses plásticas em imagens e os componentes sonoros. (GUINSBURG, 2001, p. 7).

Isso posto, apoia-se nas palavras de Guinsburg, ao considerar que a noiva ao fazer a sua performance, ela utiliza-se dessa textualização dramática, pois o ritual tem toda uma organização, devendo seguir posicionamentos e direcionamentos, incluindo os gestos e as palavras a serem ditas.

Zumthor (2014) aponta que a performance exige interpretação que possui elementos marginais e situacionais. O primeiro se refere à linguagem, como o gesto; e o segundo à enunciação, como o tempo, o lugar e o cenário. A noiva no dia do casamento possui todos esses elementos a seu favor para esta encenação, tanto no que se refere à linguagem, quanto à

---

<sup>16</sup> Performance, in short, seems to offer intriguing possibilities for thinking about the constructedness of identity, subjectivity, and agency. And the starting point for this paper is our assumption that a notion of performance is indeed crucial for a critical human geography concerned to understand the construction of social identity, social difference, and social power relations, and the way space might articulate all of these. (GREGSON; ROSE, 2000, p. 434).

enunciação. Durante meses, ela se preparou, conforme foi visto no capítulo 3 e no início deste capítulo. O autor assinala que, no caso de ritualização forte, tais elementos podem ser considerados como signo. No ritual do casamento constatou-se a riqueza de signos que são encontrados nos elementos de enunciação. Nesta parte, poderão ser verificados os elementos da linguagem, os gestos e postura da noiva durante a sua performance no ritual. A análise da performance trata-se de “um processo global de significação”. (ZUMTHOR, 2014, p. 73).

Segundo Barthe-Deloizy (2011) o corpo porta e difunde informações pelos gestos. O corpo em ação é o discurso. No dia-a-dia a gestualidade dá significados às ações do corpo, demonstrando grau de afetividade, intimidade, alegrias, tristezas, gostos e outros sentimentos.

A gestualidade refere-se às ações do corpo quando os atores se encontram: um ritual de saudação ou de despedida (sinal de mão, aceno de cabeça, aperto de mão, abraços, beijos no rosto, na boca, mímicas, etc.), maneiras de consentir ou de negar, movimentos da face e do corpo que acompanham a emissão da palavra direcionamento do olhar, variação da distância que separa os atores, maneiras de tocar ou de evitar o contato, etc. [...]. (LE BRETON, 2007, p. 44).

A gestualidade é um ponto que deve ser analisado durante a performance das noivas no ritual. Ela transmite emoções, afeições e significados de cada ação do corpo. Assim, descreve-se a performance da noiva durante o ritual procurando analisar seus gestos, posturas e deslocamentos. Sant’Anna (2001, p. 3) diz “um corpo é sempre ‘biocultural’, tanto em seu nível genético, quanto em sua expressão oral e gestual”.

Inicialmente, quando as noivas chegam ao lugar do ritual fazem seu aceno às primeiras pessoas que as veem, seja a pé (como é comum na França para ir à *mairie*) ou de carro (o que ocorre geralmente nas cerimônias religiosas, quando chegam próximo à porta da Igreja com o veículo). Este aceno (seta vermelha), na maioria das vezes, é concomitante a um sorriso, demonstrando a felicidade daquele momento (Figura 171).

Para a noiva descer do carro, algumas vezes precisa de ajuda de outras pessoas para carregar todo o seu vestido sem pisar, sem amassar ainda mais. Seus movimentos ficam restringidos pelo volume, aperto e adereços da roupa. Poirier (1999, p. 86) destaca que “As três principais funções que identificamos como capazes de explicar a constituição do vestuário – as funções utilitárias, semióticas e estética – foram, até agora, implicitamente consideradas como reciprocamente autónomas.” Em algumas vezes elas podem se inter-relacionar, mas existem casos em que essas funções podem ser antagônicas, ou seja, uma contraria a realização das outras. O autor ainda explica e exemplifica:

[...] A hipertrofia da função estética é um frequente exemplo do empecilho para as funções práticas. Pensamos menos nos sumptuosos trajos da cerimónia, que dificultam a execução normal dos gestos (o traje de festa das camponesas húngaras podia ter até quinze saias sobrepostas, e as mulheres cabílias carregavam até dez quilos de jóias no dia do casamento) [...].” (Poirier, 1999, p. 86).

**Figura 171-** O aceno de mão dentro do carro



**Foto:** Namour (2006)

**Fonte:** Arquivo pessoal da entrevistada

Isso pode ser demonstrado nas figuras 172 e 173, em que a vestimenta exerce sua função semiótica, de passar a mensagem do que o vestido branco transmite (conforme explanado no subcapítulo anterior), e a função estética, demonstrando seu prestígio social e seu domínio de valores. Porém, na questão prática, esta indumentária não acompanha a função utilitária, precisando de ajuda para se locomover (setas vermelhas).

A noiva ao descer do carro e/ou andar pela rua fica preocupada em arrumar seu vestido e perguntar se está tudo certo com a maquiagem e cabelo; uma preocupação para se apresentar perante todos e até mesmo para os registros fotográficos, além de procurar reconhecer as pessoas que estão ali presentes à sua volta. Soares (2001, p. 109) explica que o corpo

é a inscrição que se move e cada gesto apreendido e internalizado revela trechos da história da sociedade a que pertence. Sua materialidade concentra e expõe códigos, práticas, instrumentos, repressões e liberdades. É sempre submetido a normas que o transformam, assim, em texto a ser lido, em

quadro vivo que revela regras e costumes engendrados por uma ordem social.

**Figura 172-** A noiva ao descer do carro precisa de ajuda de outras pessoas para não sujar ou amassar seu vestido, no Brasil



**Foto:** Beto Nascimento (2009)  
**Fonte:** Arquivo pessoal da autora

**Figura 173-** A noiva para andar pela rua precisa de ajuda de outras pessoas para não sujar ou rasgar seu vestido, na França



**Foto:** Raquel Lage Tuma (jun/ 2015)

Assim, a performance da noiva demonstra através dos movimentos, dos gestos a sua história. Como também ela submete-se às normas que a transformam pelas 'exigências' de sua sociedade, de acordo com as regras e costumes de cada lugar. Na maioria das vezes os gestos são os textos externalizados pelo movimento do corpo.

É através do corpo e da rede de relações criadas a partir dele que arte e cultura se propagam objetiva e simbolicamente. A cultura encontra no elemento do corpo e em todas as suas formas de exterioridade e transbordamento suas principais ferramentas de difusão. É na inscrição do corpo na arte que surge a performance. E através dela o sujeito compõe diferentes dinâmicas sociais. (GONÇALVES; CARVALHO, 2014, p. 1).

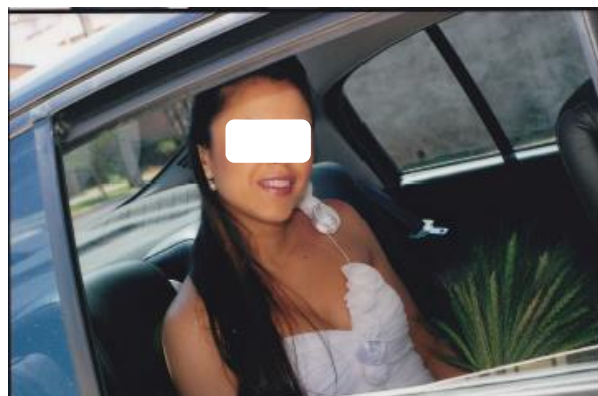
Desse modo, percebem-se as diferenças entre a cultura no Brasil e na França no que diz respeito à apresentação da noiva antes do ritual do casamento. Há um contraste entre brasileiras e francesas no comportamento das noivas que se casam nas igrejas. Enquanto no Brasil elas aguardam dentro do carro (Figura 174 e 175) para que se dê início ao casamento, com o cortejo dos pais, padrinhos, noivo, pajens e damas de honra, e seja realmente uma surpresa seu vestido; na França elas saem do carro, cumprimentam os familiares e convidados, conversam e tiram fotos (Figura 176 e 177).

**Figura 174-** No Brasil, a noiva dentro do carro aguarda o momento de sair para que os convidados não a vejam antes de entrar na igreja



**Foto:** Namour (2006)  
**Fonte:** Arquivo pessoal da entrevistada

**Figura 175-** No Brasil, a noiva dentro do carro aguarda o momento de sair para que os convidados não a vejam antes de entrar na igreja



**Foto:** Beto Nascimento (2009)  
**Fonte:** Arquivo pessoal da autora

**Figura 176-** Na França, a noiva conversa com seus convidados antes da cerimônia começar e todos a vêem



**Foto:** Raquel Lage Tuma (jun/ 2015)

**Figura 177-** Na França, a noiva tira fotos com seus convidados antes da cerimônia começar



**Foto:** Raquel Lage Tuma (jun/ 2015)

Ora, aqui se reflete: em um lugar a noiva se esconde, no outro a noiva se expõe. Difícil dizer em qual situação existe uma maior exibição ou a melhor performance. Afinal de contas, no primeiro caso ela se esconde antes da cerimônia para depois se exhibir e surpreender, no segundo ela se apresenta antes e tem uma exposição prolongada. De acordo com Soares (2001, p. 110, grifo da autora)

**Os corpos são educados por toda realidade que os circunda, por todas as coisas com as quais convivem, pelas relações que se**

**estabelecem em espaços definidos e delimitados por atos de conhecimento.** Uma educação que se mostra como face polissêmica e se processa de um modo singular: dá-se não só por palavras, mas por **olhares, gestos, coisas, pelo lugar onde vivem.**

Portanto, o que se destaca no pensamento de Soares explicaria esse dilema da noiva se esconder ou se expor, uma vez que são relações pré-estabelecidas, o corpo está inserido nesta coletividade que tem uma cultura específica, ou seja, é uma questão cultural, de cada sociedade, e que tais acontecimentos acabam por ser naturais para cada região.

Nos casamentos civis de ambos os países, as noivas ao chegarem à frente do cartório ou da *mairie*, cumprimentam as pessoas, conversam, fazem fotos, a distinção entre um e outro lugar está na produção pessoal (Figuras 178 e 179). Soares exara que a partir dos desenhos “que traçam no espaço com sua materialidade, os corpos e sua gestualidade podem permitir a compreensão de toda uma dinâmica de elaboração dos códigos a que devem responder, das técnicas, pedagogias e instrumentos desenvolvidos para submetê-los a normas.” (SOARES, 2001, p. 111).

**Figura 178-** Casamento civil no Brasil, os noivos fazem as poses para as fotos e os noivos estão com roupas informais



**Foto:** Angela Manta (2010)  
**Fonte:** Arquivo pessoal da autora

**Figura 179-** Casamento civil na França, os noivos fazem as poses para as fotos e os noivos com roupas de casamento



**Foto:** Raquel Lage Tuma (jun/ 2015)

No momento da entrada da noiva, ela segura a mão de quem a conduz até o altar. A forma de posicionar a mão pode ser com o *seu acompanhante oferecendo seu antebraço*

(permanecendo com o braço dobrado à frente do abdômen e ela segurando por dentro o seu braço) (Figura 180), que neste caso proporciona mais segurança para a noiva firmar-se e não ter problemas se tropeçar, pisar no vestido ou de qualquer deslize; ou *segurar a mão do acompanhante* na altura acima da cintura e um pouco para frente (da forma como o homem segura na mão da mulher para levá-la para o centro do salão após um convite para dançar, das danças antigas ou de entradas da realeza), que transmite uma ideia mais suntuosa e sofisticada, como acontece nos casamentos das realezas; ou com as *mãos dadas ao acompanhante*, como andam em geral os casais heterossexuais nos espaços públicos de uma maneira mais informal. Na outra mão da noiva fica o buquê.

**Figura 180-** A noiva segurando no antebraço de seu acompanhante



**Fonte:** Arquivo pessoal da entrevistada

De acordo com os autores Castree; Kitchin; e Rogers (2013, p. 366, tradução da autora) da obra “A Dictionary of Human Geography”, a performance é “A atuação de diferentes identidades e papéis.”<sup>17</sup>. Os autores continuam e fazem uma analogia ao teatro:

<sup>17</sup> “The acting out of different identities and roles.” (CASTREE; KITCHIN; ROGERS, 2013, p. 366)

um indivíduo é um ator em um palco que, usando figurinos e adereços, interage com outros atores e apresenta para uma plateia. Enquanto o ator quer controlar como ele ou ela é percebido(a), tal controle é evasivo e a performance é aberta à interpretação. Centrando-se na performance permite uma análise de como as pessoas buscam criar identidades e espaços espacializados particulares. Em contraste, a teoria de performatividade foca na performance inconsciente de identidade e de espaço de produção.<sup>18</sup> (CASTREE; KITCHIN; ROGERS, 2013, p. 366, tradução da autora).

Isso posto, interpreta-se que a noiva ao usar o seu vestido de noiva e seus acessórios, interage com o noivo, o(a) celebrante e apresenta-se para os convidados. Ela faz a sua atuação durante o casamento querendo passar determinada imagem, mas nem sempre ela tem controle de tudo e quando está performatizando fica sujeita às interpretações dos outros, desde como estava vestida até seu estado de espírito. Conforme relata Turner (1982, p. 13) a “antropologia da performance é uma parte essencial de uma antropologia da experiência. Neste sentido, todo tipo de performance cultural, incluindo ritual, cerimônia, carnaval, teatro, e poesia, é explanação e explicação da própria vida.” Assim, a performance da noiva no casamento é esta explanação e explicação da própria vida.

Nota-se que com sua vestimenta e acessórios, a noiva fica emoldurada, reservada a um espaço, presa a um pequeno limite. Seus movimentos são mais restritos. De um lado segura em seu condutor (que não somente a leva ao altar, mas lhe dá a confiança para caminhar); na outra mão está o buquê (que geralmente são pesados e as noivas cansam ao carregá-lo, pois não é habitual usar estes músculos diariamente); o vestido longo e às vezes com caudas circunda a pequena área que ela pode andar com segurança, sem pisar na barra e correr o risco de cair; o arranjo ou o penteado por serem facilmente desfeitos forçam que noiva faça movimentos mais delicados para não desarrumar; o véu é preso no cabelo, que sendo de tamanho curto, médio ou longo, delimitam ainda mais os gestos com a cabeça e no deslocamento; e o sapato, geralmente salto alto, não a permite correr com facilidade.

Borghi (2015, p. 139) explica que “O corpo torna-se ferramenta ou, em uma escala micro, o lugar onde a performance ganha vida. É por isso que o estudo da performance é estritamente ligado ao dos corpos e a seu lugar no espaço”. A corporeidade da noiva

---

<sup>18</sup> “[...] an individual is an actor on a stage who, using costumes and props, interacts with other actors and presents to an audience. While the actor wants to control how he or she is perceived, such control is elusive and the performance is open to interpretation. Focusing on performance enables an analysis of how people seek to create particular spatializes identities and spaces. In contrast, the theory of performativity focuses on the unconscious performance of identity and production of space.” (CASTREE; KITCHIN; ROGERS, 2013, p. 366)

costumeiramente ocupa um espaço maior do que a do noivo. Em uma fotografia feita com o mesmo casal, lugar e enquadramento lateral. A imagem da figura 181 é analisada pelo lado da noiva em primeiro plano e a do noivo em segundo plano; e a imagem da figura 182 é feita a análise do inverso.

**Figura 181-** Imagem da noiva em primeiro plano



**Foto:** Raquel Lage Tuma (jun/ 2015)

**Figura 182-** Imagem da noiva em segundo plano



**Foto:** Raquel Lage Tuma (jun/ 2015)

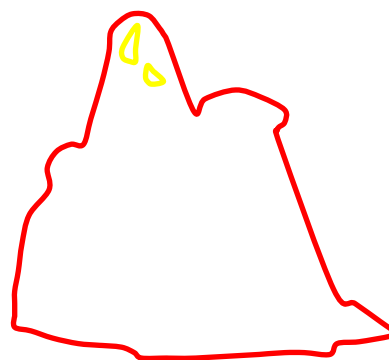
Ao circundar (linha em vermelho) a corporeidade da noiva em primeiro plano (Figura 183) nota-se que ela se sobrepõe de tal forma que o noivo praticamente desaparece no ângulo da foto, notando-se somente uma ponta dos cabelos (linha em amarelo), em virtude de estar com a cabeça abaixada no momento exato do registro. Este fato é facilmente detectado sobrepondo-se os dois recortes do noivo sobre a imagem demarcada da noiva (Figura 184).

**Figura 183-** Espaço da corporeidade da noiva ocupado, quando ela está em primeiro plano



**Foto:** Raquel Lage Tuma (jun/ 2015)

**Figura 184-** Comparação da ocupação do espaço da noiva em relação ao noivo, quando ela está em primeiro plano



**Elaboração:** Raquel Lage Tuma (2016)

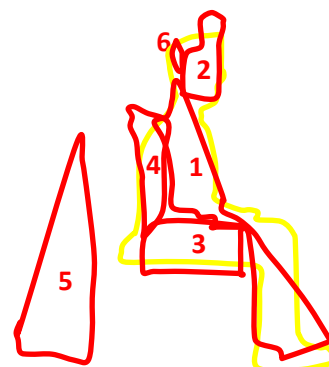
Na segunda imagem (Figura 185) inverteu-se a visualização, que é feita pelo lado do noivo em primeiro plano (linha amarela) e a noiva em segundo plano (linha vermelha). O noivo é circundado em linha amarela demonstrando o seu espaço ocupado, a noiva delimitada em linha vermelha pode ser destacada pela sua corporeidade que é vista nesta figura pelo seu vestido, véu e buquê. Para facilitar a compreensão da análise (Figura 186) enumeram-se, de um a seis, as partes da noiva (linha vermelha), a saber: o número 1 seleccionam-se o véu, buquê e saia do vestido; já os 2, 3, 4 e 5 são partes do véu; e o 6 refere-se à ponta do cabelo. Ao se sobreporem as áreas ocupadas da noiva sobre a do noivo (linha amarela) verifica-se que mesmo ela ficando em segundo plano, ainda se estende por um espaço maior do que o dele, como é demonstrado pela parte cinco.

**Figura 185-** Espaço da corporeidade da noiva ocupado, quando ela está em segundo plano



**Foto:** Raquel Lage Tuma (jun/ 2015)

**Figura 186-** Comparação da ocupação do espaço da noiva em relação ao noivo, quando ela está em segundo plano



**Elaboração:** Raquel Lage Tuma (2016)

Ao comparar a área ocupada da noiva (linha vermelha) e do noivo (linha amarela) ambos em primeiro plano, conta-se que o uso da espacialidade dela é mais do que o dobro do que é usado pelo noivo, conforme pode ser notado na figura 187.

**Figura 187-** Comparação do espaço ocupado pela noiva e pelo noivo, ambos em primeiro plano



**Elaboração:** Raquel Lage Tuma (2016)

Em suma, demonstraram-se neste subtópico as noivas como personagens, as quais as suas corporeidades utilizam-se de vestimentas, acessórios, movimentos, gestos e posturas, que fornecem a comunicação e a simbologia em todos os momentos do casamento. Além disso, provou-se que sua corporeidade ocupa um relevante espaço dentro do ritual quando comparado ao seu companheiro, o noivo.

#### **4.2. As Noivas como Ícone**

Realizou-se anteriormente a discussão em torno da corporeidade da noiva, que após a preparação do corpo (que é a primeira escala geográfica) para se apresentar diante do público transforma-se em uma personagem no ritual, utilizando-se de sua performance para encenar e fazer parte do cenário do dia do casamento. Prossegue-se a análise neste subcapítulo com as noivas que são ícones da realeza, dos contos de fada, das celebridades e da vida real. Vale salientar que as noivas ícones da realeza, dos contos de fada e das celebridades apresentadas aqui foram àquelas citadas pelas entrevistadas durante o trabalho de campo em Paris e Campo Grande.

Antes de iniciar este tópico, faz-se necessário definir os termos ícone e imagem. A palavra em inglês *icon*, conforme o *Compact Oxford Thesaurus for Students*, significa “[...] imagem, retrato, representação, símbolo; figura, estátua; ídolo.”<sup>19</sup> (HAWKER; WAITE, 2007, p. 396). O dicionário *Compact Oxford English* traz significados de ícone como: “[...] a pessoa

<sup>19</sup> “[...] image, portrait, representation, symbol; figure, statue; idol.” (HAWKER; WAITE, 2007, p. 396).

ou coisa admirada como símbolo de uma ideia particular, qualidade, tempo, etc. [...]”<sup>20</sup> (SOANES; HAWKER, 2006, p. 500). Ainda, buscou-se o *Oxford English Dictionary* (2016) para complementar a definição, sendo considerado nesta obra ícone como: “uma pessoa ou coisa vista como símbolo representativo, especialmente de uma cultura ou movimento; uma pessoa, instituição, etc., considerada digna de admiração ou respeito.”<sup>21</sup>. Esta última definição é entendida por alguns pesquisadores (HOLT, 2006; PARKER, 2012) como *ícone cultural*. O doutor em filosofia Parker (2012) defende que esta definição oferece pouco espaço para delimitar o que é iconicidade e ainda reforça a ideia de que qualquer coisa pode ser icônico. O autor propõe parâmetros mais rigorosos para a iconicidade cultural, sendo eles:

- 1) Ícones culturais são sempre imagens.
- 2) Estas imagens são distintas, duráveis, e reproduzíveis.
- 3) Elas residem na memória coletiva de grandes grupos de pessoas.
- 4) Ícones culturais revelam narrativas trágico-dramáticas discerníveis que são formadas e recebidas pelas comunidades particularmente receptivas ao desenvolvimento de significado icônico. (PARKER, 2012, p. 12-13).<sup>22</sup>

O termo imagem vem do latim *imāgo, ĩnis*, que significa semelhança, representação<sup>23</sup>, retrato (GRANDE DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2012). A palavra imagem pode ter diferentes sentidos conforme o uso em uma frase. O dicionário de português apresenta diversos significados para a utilização deste vocábulo. Extraíram-se algumas expressões relacionadas a esta tese: “Representação de uma pessoa ou coisa, obtida por meio de desenho, gravura ou escultura; [...] Representação mental de qualquer forma; [...] Imitação de uma forma; semelhança; [...] Aquilo que imita ou representa pessoa ou coisa; [...] Reprodução na memória; [...] Símbolo.” (MICHAELIS, 2016). Por fim, uma das definições do dicionário *Oxford English* para o termo imagem é “[...] a impressão que uma pessoa,

---

<sup>20</sup> “[...] a person or thing admired as a symbol of a particular idea, quality, time, etc. [...]”(SOANES; HAWKER, 2006, p. 500).

<sup>21</sup> “a person or thing regarded as a representative symbol, esp. of a culture or movement; a person, institution, etc., considered worthy of admiration or respect.”

<sup>22</sup> 1) Cultural icons are always images.

2) These images are distinct, durable, and reproducible.

3) They reside in the collective memory of large groups of people.

4) Cultural icons reveal discernible tragic-dramatic narratives that are formed and received by communities particularly receptive to the development of iconic meaning. (PARKER, 2012, p. 12-13).

<sup>23</sup> Utiliza-se este termo no sentido de reprodução, ou na função sígnica. Sabe-se que existem grupos na geografia que fazem o estudo deste termo, entretanto, deixa-se claro, que não se adentrará neste conceito. Ele é utilizado a fim de explicar o termo imagem, suas características e funções.

organização, ou produto apresenta para o público [...]”<sup>24</sup> (SOANES; HAWKER, 2006, p. 503).

Portanto, ressalta-se que se utiliza a palavra ícone tendo como significado ‘uma pessoa muito popular’, importante, reconhecida em sua área de trabalho e em sua sociedade, como: as rainhas e princesas; celebridades midiáticas; as personagens dos contos de fada; e as mulheres que não são famosas, mas que quando estão vestidas de noiva, transformam-se em referências para aqueles que as observam. Segundo esta compreensão, identifica-se que estas pessoas são ícones a partir das imagens que projetam para o espectador/observador.

O filósofo Flusser, em sua obra “Filosofia da caixa preta”, considera que imagens são “superfícies que pretendem representar algo. Na maioria dos casos, algo que se encontra lá fora no espaço e no tempo. As imagens são [...] resultado do esforço de se abstrair duas das quatro dimensões espaciotemporais, para que se conservem apenas as dimensões do plano.” (FLUSSER, 1985, p. 7). A partir destas palavras reflete-se que a imagem é um elemento geográfico nesta tese quando se procura compreender: o que elas dizem, o que elas influenciam na sociedade e o espaço que elas ocupam quando veiculadas nos meios de comunicação.

Sartre (1996, p. 19), também filósofo, diz que a “palavra imagem não poderia, pois, designar nada mais que a relação da consciência ao objeto, dito de outra forma, é um certo modo que o objeto tem de aparecer à consciência [...]”. O autor (1996, p. 21) diz que a imagem “parece estar ‘do lado’ da percepção”, ou seja, na “percepção, um saber se forma lentamente; na imagem, o saber é imediato.” Sartre continua sua reflexão e exara que “Uma imagem não se aprende; é exatamente organizada como os objetos que se aprende, na realidade, a imagem se dá inteira como aquilo que ela é, desde o seu aparecimento.” (SARTRE, 1996, p. 21-22). Entende-se que a imagem divulgada dos famosos, através dos meios de comunicação, é este objeto que aparece à consciência e que automaticamente percebe-se, idolatra-se tal imagem, pois este reconhecimento é imediato.

A imagem em sua relação com o real traz três valores (os quais farão parte como análise neste subcapítulo quando as imagens das celebridades, dos contos de fada e das noivas da ‘vida real’ forem apresentadas):

a) *Um valor de representação*: a imagem representativa é a que representa coisas concretas [...].

---

<sup>24</sup> “[...] the impression that a person, organization, or product presents to the public [...]” (SOANES; HAWKER, 2006, p. 503).

- b) *Um valor de símbolo*: a imagem simbólica é a que representa coisas abstratas [...].
- c) *Um valor de signo*: uma imagem serve de signo quando representa um conteúdo cujos caracteres não são visualmente refletidos por ela. (AUMONT, 1993, p. 78-79).

Para Santaella e Nöth (1999, p. 15), estudiosos da semiótica, a imagem se divide em dois domínios: representações visuais, que “são objetos materiais, signos que representam o nosso meio ambiente visual”; e representações mentais, o “imaterial das imagens na nossa mente”. Dessa forma, interpreta-se a noiva como imagem que são signos e representação. Quando ela caracteriza-se de noiva, toda a vestimenta e seus acessórios faz com que esse conjunto material torna a sua imagem num signo por meio das fotografias e mídias televisivas e digitais; mas, ao mesmo tempo, as noivas são fantasias, modelos onde essas imagens ficam nas mentes de cada um como um objeto imaterial.

“A produção de imagens jamais é gratuita, e, desde sempre, as imagens foram fabricadas para determinados usos, individuais e coletivos. [...] em todas as sociedades, a maioria das imagens foi produzida para certos fins (de propaganda, de informação, [...]) [...]” (AUMONT, 1993, p. 78). Muitas celebridades que se casam, divulgam as imagens justamente para se manterem na mídia e terem seu status: algumas vezes é somente para continuar aparecendo nos canais de comunicação que lhes rendem diferentes trabalhos; outras são matérias pagas pelos próprios famosos; também se têm os casos de mídias espontâneas sem lucros ou pagamentos por nenhuma das partes; e ainda há aquelas situações em que meios de comunicação pagam para estes célebres, pois a imagem deles é extremamente vendável e rentável. Tais fatos também são entendidos por Joly, conforme descreve abaixo:

A imagem invasora, a imagem onipresente, aquela que criticamos e que faz ao mesmo tempo parte da vida quotidiana de cada um, é a imagem mediática. Anunciada, comentada, adulada ou vilipendiada pelos próprios media, a imagem torna-se então sinônimo de televisão e de publicidade. (JOLY, 2007, p. 14).

De acordo com Sartre (1996, p. 36) “a foto não funciona como objeto e se oferece imediatamente como imagem.”. Para o autor (1996, p. 37) “a imagem é um ato que visa em sua corporeidade um objeto ausente ou inexistente, através de um conteúdo físico ou psíquico que não se dá em si mesmo, mas a título de ‘representante analógico’ do objeto visado.” Após uma discussão em seu texto, Sartre (1996, p. 37) diz que vai

distinguir imagens cuja matéria é emprestada do mundo das coisas (imagens de ilustrações, fotos, caricaturas, imitações de atores, etc.) e aquelas cuja

matéria é emprestada do mundo mental (a consciência dos movimentos, sentimentos, etc.).

Então, o que se vê e o que será analisado neste tópico por meio das fotos em revistas, das mídias televisivas e dos canais digitais é a corporeidade das imagens, seja das celebridades ou de pessoas comuns, sendo possível assinalar as imagens nas quais a matéria é tanto emprestada do mundo das coisas quanto do mundo mental.

#### *4.2.1. As Princesas da Realeza*

Neste tópico tem-se como objetivo apresentar as princesas e rainhas, que foram citadas durante o trabalho de campo nas entrevistas, como ícones, sejam aquelas que marcaram a história, ou as que trazem tradições no uso das roupas e acessórios utilizados no dia do casamento. Discutem-se suas influências na sociedade, por meio de tradições e costumes, e demonstra-se a corporeidade de sua imagem, fundamentalmente enquanto vestida de noiva.

De acordo com Murad (2012, p. 5)

A fixação de um ícone passa a ser uma metáfora, uma imagem representativa de questões fundamentais, de contradições e modos de ser das estruturas sócio-culturais, onde esses heróis populares, esses mitos, estão contextualizados. São símbolos extremamente significativos de suas respectivas sociedades.

Grace Kelly tornou-se um ícone para o mundo todo tanto pela sua vida artística, quanto pelo seu casamento com o príncipe e suas ações enquanto princesa, notando-se que sua inserção na realeza ‘contraditoriamente’ afastou-a da fama artística, pois a inseriu noutras estruturas socioculturais. Ela também é ícone no universo casamenteiro, sendo que diversos jornalistas e/ou pessoas que trabalham com casamento e noivas a reverenciam pela sua beleza e pelo seu vestido, como também referenciam seu casamento como inesquecível, o casamento do século, até acontecer outro casamento real, o da Princesa Diana e Príncipe Charles. O vestido de Grace foi feito pela Helen Rose, figurinista-chefe dos estúdios da MGM. Era com um corpete de renda fina belga de 125 anos feita com agulha, saia de tafetá de seda em forma de sino e detalhes em pérola (WORSLEY, 2010).

Poirier (1999, p. 53) mostra que o vestuário tem uma importância econômica, que “ao seu lugar nos rituais ou à sua utilização como portador de signos, temos sempre um quadro conceptual em que os factos observados em sociedades geograficamente e culturalmente muito afastadas entre si podem harmoniosamente tomar o seu lugar.”. Ora, o

vestido de Grace Kelly demonstra essas questões elencadas por Poirier e a geograficidade deste traje: foi confeccionado por uma figurinista de Hollywood, na América do Norte; usado pela noiva em Mônaco, na Europa; copiado após décadas por Luciana Gimenez, no Brasil, na América do Sul; e inspirador de Kate Middleton, na Inglaterra, mais uma vez na Europa; e apreciado, inspirado e copiado por tantas outras pessoas pelos continentes a fora.

Santaella e Nöth na obra “Imagem: cognição, semiótica, mídia” explicam que a imagem pode ser observada como signos, que representam aspectos do mundo visível e figuras puras e abstratas. Ao considerarem a observação da imagem como signo icônico, os autores afirmam que “Semelhança (similaridade) e imitação (mimesis) existem [...] como as características clássicas da imagem [...]. As imagens como semelhança de signos retratados pertencem à classe de signos.” (SANTAELLA; NÖTH, 1999, p. 37). Tal semelhança e imitação foram identificadas no vestido de noiva de Grace Kelly.

Até hoje, há quem busque inspiração no vestido de noiva de Grace Kelly (Figuras 188, 191 e 192), como por exemplo, Luciana Gimenez (Figura 189), que fez uma verdadeira cópia do modelo da atriz de Hollywood, e Kate Middleton (Figura 190). Vestidos de noivas de novelas também são inspirados neste mesmo modelo, como foram os casos das novelas exibidas na rede de televisão Globo, *Amor à Vida*, em 2013, com a personagem Nicole (Figura 193) e *Êta Mundo Bom!*, em 2016, com Sandra (Figura 194). Após 60 anos, Grace Kelly ainda é lembrada pelas pessoas e pela mídia, como notado por Farinaci (2011): “Às vésperas do casamento de Kate Middleton com o príncipe William, da Inglaterra, Grace foi eleita a princesa mais bonita da história”.

Na literatura semiótica adverte-se que “relações de similaridade constituem o ícone [...]” (SANTAELLA; NÖTH, 1999, p. 60). Estas relações de similaridade são vistas nas noivas da realeza da Suécia, pelos vestidos, coroas, buquês e véus usados por quatro diferentes mulheres. A rainha Silvia da Suécia casou-se em 1976 com um vestido marfim (Figura 195), desenhado por Marc Bohan da Dior e inspirado no mesmo modelo clássico usado pelas princesas Birgitta e Desirée (Figuras 196 e 197), irmãs do rei sueco, tendo uma cauda presa à cintura com cerca de quatro metros. Seu buquê foi composto por lírios brancos e muguets, flor europeia (WERNECK, 1976). Ao contratar um estilista de renome, o vestido, mesmo que simples, recebe uma importância adicional. Quanto a isso, vale destacar as palavras de Poirier (1999, p. 90) quando diz que “O investimento econômico exigido pelo vestuário é, sem dúvida, o elemento informativo que melhor mostra sua importância cultural – e, especialmente, por permitir quantificá-la.”.

**Figura 188-** Vestido de noiva de Grace Kelly serve de inspiração para noivas e estilistas até hoje



**Fonte:** Kalil (2011)

**Figura 189-** Vestido de noiva de Luciana Gimenez: cópia do vestido de Grace Kelly



**Fonte:** Pinheiro (2013)

**Figura 190-** Vestido de noiva de Kate Middleton foi inspirado em vestido de Grace Kelly



**Fonte:** Revista Vogue (2011)

O véu da rainha Silvia (Figura 198), que o recebeu de presente da Princesa Josefina, era em renda bordada e sendo embutidos ouro vermelho e pérolas, constituindo-se numa herança da família Bernadotte. Foi usado pela Rainha Sofia, Princesa Sibila, mãe do Rei, Princesa Margaret e Princesa Cristina e, posteriormente, pela sua filha Princesa Vitória. Poirier (1999, p. 89) explica que no uso das vestimentas, existem diferentes utilizações sucessivas dos trajes ou de uma peça que formam cadeias em cada elo, no qual o uso de peças usadas pode “ser reservado para situações particulares muito codificadas [...]”, como é o caso do véu e da tiara, que fornece “um exemplo de transferência ritualizada de portador para portador”. (POIRIER, 1999, p. 89).

**Figuras 191 e 192-** Vestido de noiva (acima) e arranjo de cabelo (abaixo) de Grace Kelly



**Fonte:** Print and Pattern (2014) e Long live the marriage! Vive le marriage! (2013), respectivamente.

**Figura 193-** Vestido de noiva e arranjo do cabelo de Nicole foram inspirados nos de Grace Kelly



**Fonte:** Alex (2013)

**Figura 194-** Vestido de noiva e arranjo de cabelo da personagem Sandra inspirados no de Grace Kelly



**Foto:** Ellen Soares/ Gshow

**Fonte:** Gshow (2016)

Constata-se também o espaço ocupado pelas duas noivas, Rainha Silvia e Princesa Victoria – a mãe e a filha – (Figura 199 e 200), que além do volume ocupado em virtude principalmente da cauda e do véu (linhas vermelhas), têm sua extensão corporal em outros corpos, como os soldados (linhas azuis) que somente estão inseridos na fotografia em virtude da missão que lhes foi dada, a de segurar a cauda e o véu. Além disso, nota-se que no casamento do rei Carlos (linha amarela) com a Silvia (mulher que naquele momento se transformara em rainha, pois antes era considerada como plebeia, por não fazer parte de famílias reais) mesmo ele tendo uma condição de *status* social superior ao da noiva, a atenção

dos observadores é mais voltada à noiva, assim como o espaço ocupado independe de *status* social anterior, ou seja, a noiva está costumeiramente em destaque.

**Figura 195-** Rainha Silvia com tiara Camafeu e vestido de noiva inspirado no modelo clássico das princesas Birgitta e Desirée



**Fonte:** Fidelis (2013)

**Figura 196-** Tiara Camafeu e vestido de noiva da Princesa Birgitta em seu casamento com o Príncipe Johan Georg, em 25 de maio de 1961



**Fonte:** Pinterest (2014)

**Figura 197-** Tiara Camafeu e vestido de noiva da Princesa Desirée em seu casamento com Barão Niclas Silfverschiöld, em 05 de junho de 1964



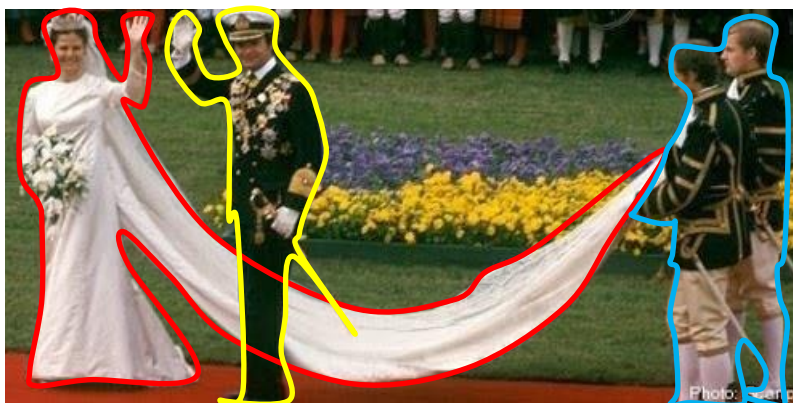
**Fonte:** *Hola* (2010)

**Figura 198-** Véu da Rainha Silvia, presente da Princesa Josefina



**Fonte:** Noiva com classe (2013)

A princesa da Suécia optou pelo estilista Pär Engsheden para desenhar o seu vestido de noiva, o qual tinha uma cauda com cinco metros de comprimento, presa na cintura (MENEZES, 2014). O véu da Princesa Vitória (Figura 200) foi o mesmo usado por sua mãe (Figura 199), pela Rainha Sofia (1976) e outras princesas: Sibila (1932), Desirée (1964), Margaretha (1964) e Cristina (1974) (BARCELLOS, 2010).



**Figura 199-** Véu herdado pela Rainha Josefina usado pela Rainha Silvia em seu casamento, em 19 de junho de 1976.

**Fonte:** Fidelis (2013)



**Figura 200-** Véu da Princesa Vitória, o mesmo de sua mãe, Rainha Silvia

**Fonte:** Menezes (2014)

Ainda houve outro símbolo que foi a tiara camafeu usada, até então, pelas princesas Birgitta e Desirée. A Princesa Vitória, filha da rainha da Suécia, manteve a tradição ao usar a tiara camafeu usada por sua mãe e pelas Princesas Birgitta e Desirée (Figura 201). Conforme publicado no Blog Real (2014) a tiara camafeu pertenceu a Napoleão e foi oferecida à Imperatriz Josephine. A joia chegou à família sueca quando a neta da imperatriz casou-se com o Rei Oscar I, em 1823 (BLOG REAL, 2014). Outra questão interessante é a data do casamento, pois três rainhas suecas igualmente escolheram o mesmo dia e mês, 19 de junho, Josefina, em 1823; Lovisa, em 1850; e, sua mãe, Silvia, em 1976; e, em 2010, a Princesa Vitória.

**Figura 201-** Tiara Camafeu usada nos casamentos (da esquerda para a direita) pela Princesa Birgitta, Princesa Desirée, Rainha Silvia e Princesa Vitória



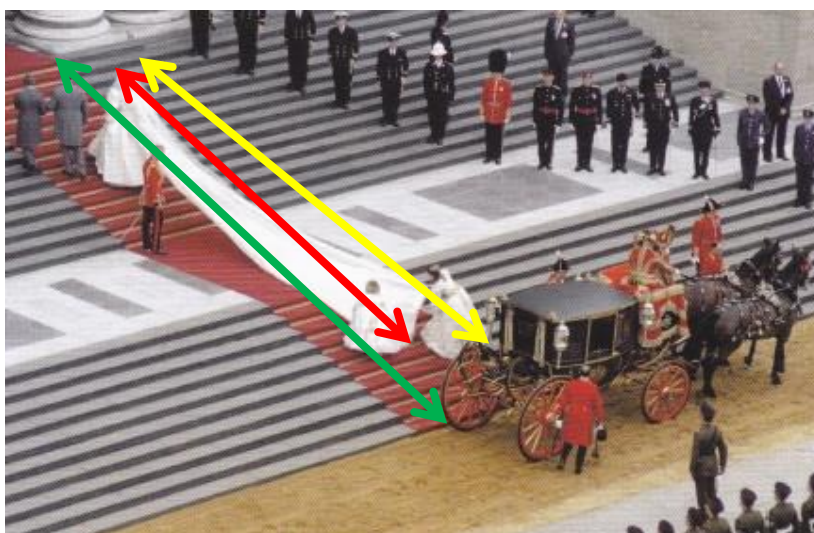
Fonte: Blog Real (2014)

O vestido de noiva da Princesa Diana, desenhado por David Emanuel e Elizabeth Emanuel, foi pensado para que jamais fosse esquecido, sendo considerado um modelo clássico com suas mangas bufantes e babados, de inspiração vitoriana, grandes em relevo e bordados com cerca de dez mil madrepérolas. Complementava-se com uma cauda de mais de sete metros de comprimento bordada com rendas antigas e véu cerca de oito metros. Mais uma vez, a contratação de estilistas renomados dá uma relevância ainda maior ao vestido, o que acontece frequentemente nos casamentos das celebridades principescas ou artísticas. Tal fato, somado aos detalhes dos vestidos, enriquece seu valor cultural e, principalmente, econômico que algumas vezes chega a ser inestimável. Poirier (1999, p. 90) diz que “Dada, contudo, a frequente ausência da escala de referência constituída pela moeda, nem sempre é fácil avaliar o valor de um guarda-roupa: há então que contar as horas de trabalho [...]”, sendo assim, é até difícil imaginar bordar dez mil madrepérolas em um vestido de noiva.

A corporeidade da princesa estendeu-se pela escadaria da entrada (Figura 202) na Catedral de Saint Paul em seu casamento, tornando-se ícone no mundo todo. Embora atualmente as noivas não optem pelo modelo clássico escolhido por Diana, ela continua sendo reverenciada. Analisou-se a corporeidade de quatro maneiras distintas, a partir de duas imagens na escadaria e no altar da catedral. A foto tomada na escadaria da catedral (Figura 202) é a primeira utilizada como parâmetro. Registra-se o momento que a noiva sobe os degraus e o seu vestido possui uma cauda que, juntamente com o seu véu, é segurado pelas daminhas de honra. Dessa maneira, com a linha verde, projeta-se a extensão da escada do

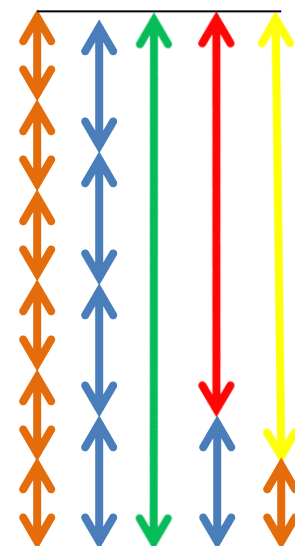
começo ao fim; com a linha vermelha avaliou-se do posicionamento da noiva desde sua cabeça até o final de sua cauda; e, por fim, em linha amarela aferiu-se do posicionamento da noiva, desde sua cabeça, até o vestido de uma das daminhas (a que está mais abaixo na escada), pois se entende que as damas são uma extensão da corporeidade da noiva, ou seja, se não fosse pela noiva, elas não estariam ali. Assim, na figura 203, ao avaliar pela imagem, procurando-se fazer uma comparação ilustrativa simples, constatou-se pelas linhas azuis que a corporeidade da noiva (linha vermelha) ocupa quase 3/4 (três quartos) da escadaria; e pelas linhas alaranjadas a corporeidade da noiva com a sua daminha usa 5/6 (cinco sextos) da escadaria.

**Figura 202-** Corporeidade da Princesa Diana ao subir a escadaria



**Foto:** Topfoto/Woodmansterne  
**Fonte:** Arch e Marschner (2011)

**Figura 203-** Comparação da ocupação da noiva na escadaria



**Fonte:** Elaboração da própria autora (2016)

Por meio da foto dos noivos no altar da catedral (Figura 204) pôde-se analisar a ocupação dos espaços dos noivos em relação à área total da fotografia de três maneiras: 1) a ocupação da corporeidade da noiva; 2) a ocupação da corporeidade do noivo; e 3) Um sobreposto ao outro. Na figura 205 somente foram circundadas as áreas ocupadas pelo Príncipe Charles (em amarelo) e pela Princesa Diana (em vermelho).

Na figura 206 foi colocado sob a área total da fotografia (em cinza) o espaço da corporeidade da Princesa Diana circundado em linha vermelha, da figura anterior, e verificou-

se que foi possível repetir a corporeidade da noiva (em vermelho) três vezes e ainda sobrou espaço para posicionar mais uma vez a noiva na área hachurada.

**Figura 204-** Princesa Diana e Príncipe Charles no altar da Catedral



**Fonte:** Ramsdale (2013)

**Figura 205-** As áreas circundadas das corporeidades dos noivos



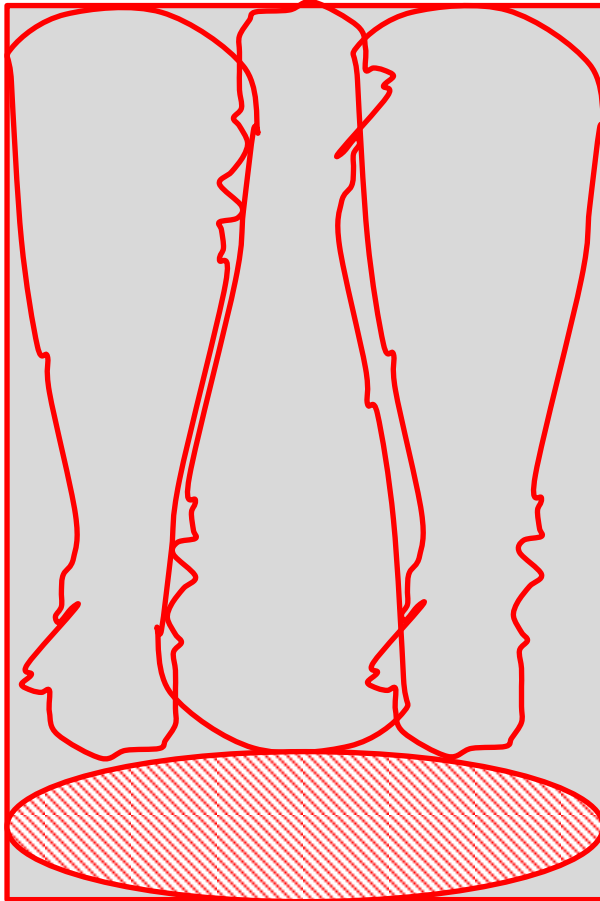
**Fonte:** Ramsdale (2013)

Na figura 207 utilizou-se da mesma metodologia para analisar o espaço ocupado pela corporeidade do Príncipe Charles, em linha amarela, constatando-se que para preencher o mesmo campo da imagem é necessário reproduzir trinta e uma vezes a corporeidade do noivo. Portanto, enquanto a corporeidade da noiva reproduz-se no máximo quatro vezes, a do noivo são trinta e uma vezes. Ou seja, no espaço ocupado pela noiva (linha vermelha) caberiam oito noivos (linhas amarelas) nesta área, conforme a demonstração na figura 208.

Após a morte de Diana, seu irmão ficou responsável pelo vestido de noiva da princesa durante 17 anos. Primeiramente, tornou-se peça central da exibição denominada de *Diana, A Celebration*, no museu em Althorp, propriedade da família Spencer, em Northampton, no Reino Unido, de 1998 a 2014, aberto ao público durante os meses de verão; e no resto do ano, a exibição viajava pelo mundo. “O Museu é um legado europeu, que

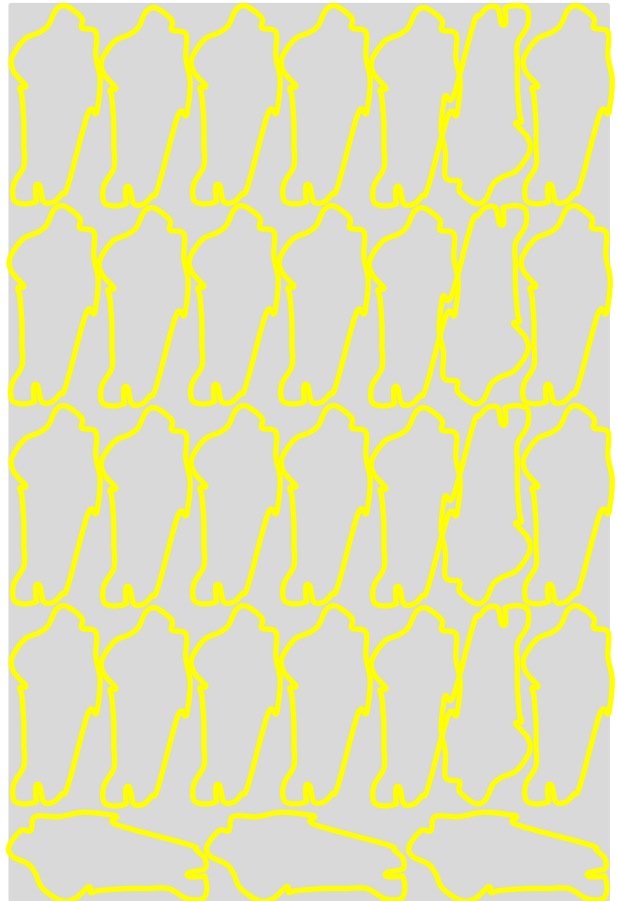
durante décadas preservou e reproduziu valores estéticos, glorificou personagens e fatos [...]” (BLOISE, 2011, p. 45). Nesta exposição aconteceu justamente isso, a imagem da Princesa Diana reproduziu os seus valores estéticos, glorificou-a e marcou os fatos de sua vida, ou seja, sua imagem é colocada no museu enquanto ícone.

**Figura 206-** Ocupação da corporeidade da noiva em relação ao espaço total da foto



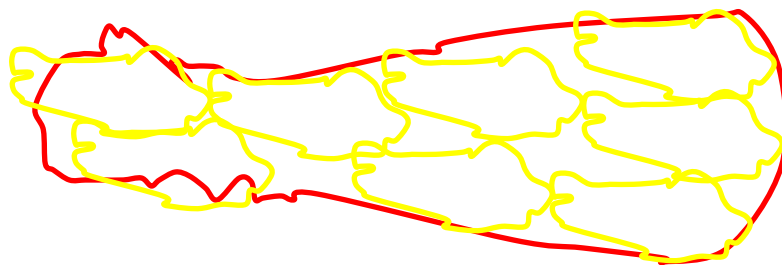
**Elaboração:** Raquel Lage Tuma (2016)

**Figura 207-** Ocupação da corporeidade do noivo em relação ao espaço total da foto



**Elaboração:** Raquel Lage Tuma (2016)

**Figura 208-** Ocupação da corporeidade da noiva em relação à corporeidade do noivo



**Elaboração:** Raquel Lage Tuma (2016)

Assim, a última temporada da exibição, de 14 de fevereiro a 17 de agosto de 2014, foi no Cincinnati Museum Center, nos Estados Unidos. (WATTS, 2014). Os pertences da princesa ficaram em exposição e o vestido de noiva incluindo seu véu, os acessórios e os sapatos (Figura 209, 210 e 211) permaneceram em um grande espaço, de destaque, no centro da sala para mostrar o comprimento da cauda para que pudessem ser apreciados pelos curiosos. Entretanto, vale salientar as palavras de Cury (2011, p. 19) quando comenta que “Aparentemente o público vai ao museu, mas de fato é o museu que, mais do que abrir suas portas, sai de sua posição isolada e movimenta-se ao encontro da cultura, lugar em que a audiência - público e não público de museu – se faz existir.”.



**Figura 209 e 210-** Vestido de noiva da Princesa Diana em exposição nos Estados Unidos, à esquerda e abaixo.

**Fonte:** Abril.com (2013)

**Figura 211-** Sapato da Princesa Diana usado no dia do seu casamento em exposição nos Estados Unidos

**Fonte:** Abril.com (2013)



De acordo com o exposto, verificam-se as diferentes espacialidades da noiva Princesa Diana por meio de sua corporeidade no dia do seu casamento e continuada mesmo após sua morte, nas imagens e nos museus. Este último tanto o espaço exclusivo e de destaque para demonstrar todos os detalhes do vestido, véu e acessórios, assim como a espacialidade percorrida em todo mundo para as diversas exposições que foram destinadas. Diana se torna ícone, se torna propaganda, se torna produto, ocupando um espaço no museu. É um espaço criado de consumo de valora.

A tiara Spencer usada pela Princesa Diana era feita em ouro, com diamantes, que pertencia à família da própria noiva. Os sapatos tinham 150 pérolas que cobriam o motivo central em forma de coração e a sola pintada em ouro. A aliança de compromisso de safira com diamantes havia sido gravado em seu interior “I love you, Diana” (CASAMENTOCLICK, 2013). Todos estes elementos (vestido de noiva, cauda, véu, tiara, sapatos e aliança) são insígnias associados aos seus arquétipos. Vale relembrar as palavras de Jung (2000b, p. 214) destacadas no capítulo 2: “Nos mitos e contos de fada, como no sonho, a alma fala de si mesma e os arquétipos se revelam em sua combinação natural, como ‘formação, transformação, eterna recriação do sentido eterno’”.

É possível identificar claramente que após este casamento a Princesa Diana tornou-se um verdadeiro ícone, estabelecendo uma base de admiração até os dias atuais. Diante disso, expõe-se a reflexão que Jung faz em relação aos arquétipos:

são, assim, dotados de iniciativa própria e também de uma energia específica, que lhes é peculiar. Podem, graças a esses poderes, fornecer interpretações significativas (no seu estilo simbólico) e interferir em determinadas situações com seus próprios impulsos e suas próprias formações do pensamento. Neste particular, funcionam como completos; vão e vêm à vontade e, muitas vezes, dificultam ou modificam nossas intenções conscientes de maneira bastante perturbadora.

Pode-se perceber que a energia específica dos arquétipos quando se tem ocasião de observar o fascínio que exercem. Parecem quase dotados de um feitiço especial. Qualidade idêntica caracteriza os complexos pessoais; e assim como os complexos pessoais têm a sua história individual, também os complexos sociais de caráter arquetípico têm a sua. Mas enquanto os complexos individuais não produzem mais do que singularidades pessoais, os arquétipos criam mitos, religiões e filosofias que influenciam e caracterizam nações e épocas inteiras. (JUNG, 2000a, p. 79).

Lady Di exerceu esse fascínio, esse feitiço especial referenciado nas palavras de Jung. Exemplar de sua influência foi o fato de, passadas cinco horas do casamento, a réplica do seu vestido de noiva de Diana fora confeccionada e estava à venda por 500 libras, na loja

do costureiro Sidney Mills, em Londres. O material usado não foi o mesmo, mas copiaram-se os detalhes do vestido. (O CASAMENTO..., 1981, p. 9).

Ainda na realeza britânica, Kate usou um vestido marfim com uma cauda de 2,7 metros da designer Sarah Burton, estilista-chefe da grife Alexander McQueen, o qual foi inspirado no modelo vestido de noiva de Grace Kelly, conforme mostrado anteriormente. A tiara Halo usada por Kate Middleton era uma Cartier Scroll 1936, composta por 739 brilhantes e 149 diamantes, foi ofertada pela Rainha Elizabeth, que a recebeu como presente de 18 anos de sua mãe (BLOG REAL, 2014). O buquê foi assinado por Shane Connolly, feito de ramos de murta, uma tradição na família, retirados do mesmo arbusto dos ramos que foi plantado no jardim desde a época da rainha Vitória para fazer o seu próprio buquê. Esta planta, desde o tempo dos hebreus, é símbolo de casamento, segundo Vera Simão em entrevista concedida à Caras (2011). O cabelo foi feito pelos cabeleireiros Richard Ward e Jaime Pryce e a própria noiva fez sua maquiagem (STUDIO W, 2011). Os sapatos foram feitos à mão, de cetim e renda, pela equipe de Alexander McQueen (Figura 212).

**Figura 212-** Sapato usado por Kate Middleton em seu casamento

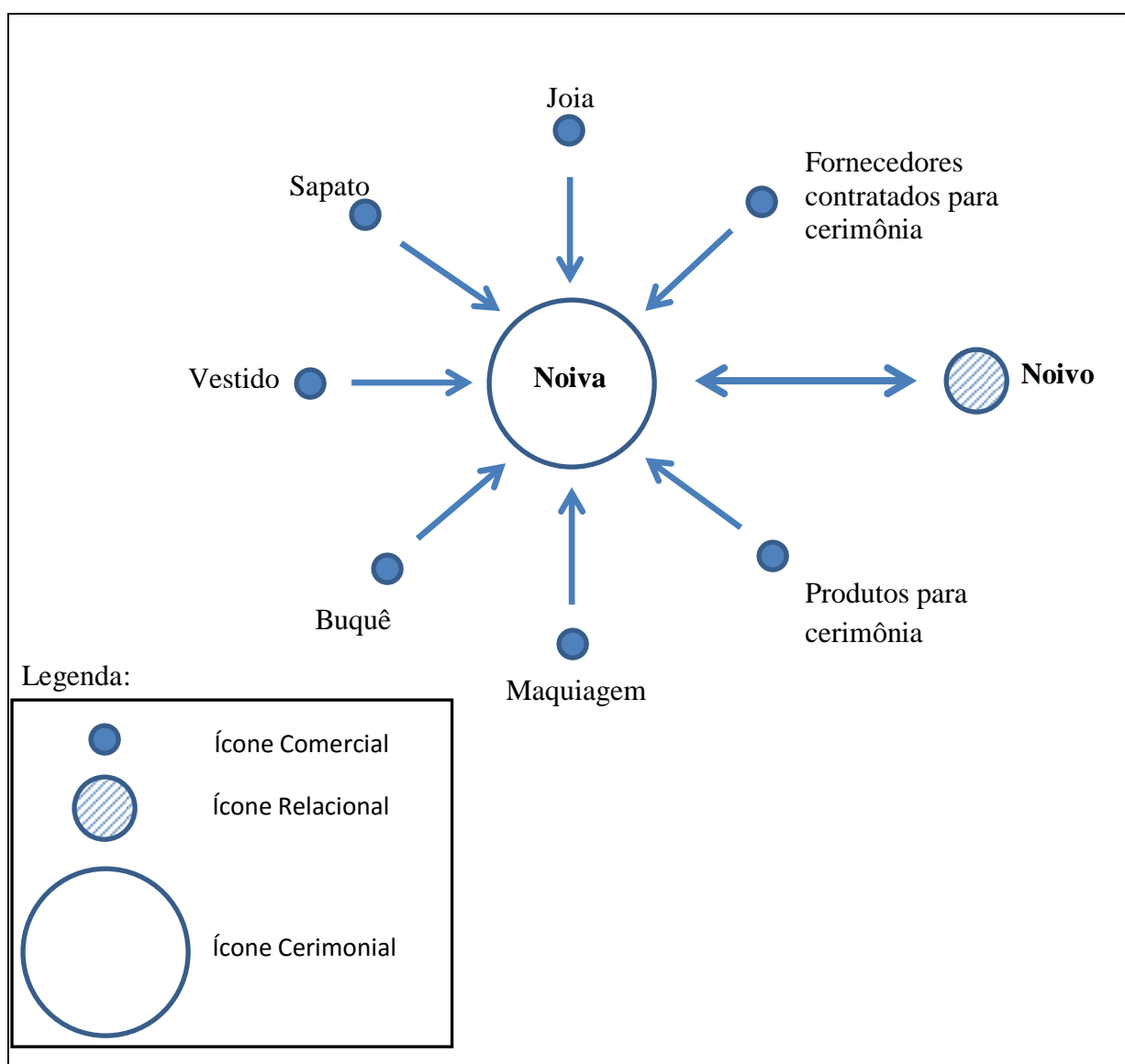


**Fonte:** Revista Vogue (2011)

Assim como foi feita a réplica do vestido de noiva de Diana, o de Kate também foi muito copiado em vários países e em diferentes continentes. Na China, na Irlanda e em Nova Iorque após 20 minutos, 24 horas e 60 horas, respectivamente, da aparição de Kate Middleton no casamento, uma réplica do vestido havia sido feita e exposta à venda, conforme aponta Fox (2011). Segundo Murad (2012, p. 6) “[...] ícones não falam só de si mesmos, mas ajudam a revelar as identidades de um coletivo, os modos de se conhecer uma comunidade de pessoas, de grupos e de instituições sociais” e, ainda acrescenta-se, do consumismo. Dessa forma, constata-se que Grace Kelly, Diana e Kate, assim como outras personalidades famosas, se tornam ícones nos seus casamentos e movimentaram financeiramente o setor da moda em

seus países de origem e noutros lugares. A noiva enquanto ícone vai servir também para iconoclastizar as pessoas que a produzem, ou seja, ela traz para si as outras pessoas que vão se tornar ícone também a partir dela. Ainda devem-se considerar os fornecedores que prestam serviços e oferecem seus produtos para a cerimônia do casamento. Demonstra-se o exposto no esquema da relação entre os ícones: cerimonial (a noiva), relacional (o noivo) e comerciais-consumistas (todos os produtos e fornecedores que a produzem e que participam de seu casamento) (Figura 213).

**Figura 213-** Esquema da relação do ícone cerimonial com os ícones comerciais e relacional



**Organização e Elaboração:** Raquel Lage Tuma (2016)

Campero (2013) faz sua análise no que tange ao mundo da moda e aponta que os arquétipos são padrões exemplares dos quais derivam outros objetos, ideias ou conceitos. O autor ainda reflete que as sociedades encontram-se rodeadas por personagens míticos que

refletem características atemporais das principais motivações humanas e, sendo assim, a moda não está extinta desta carga. Dessa maneira, Kate Middleton se inspirou no vestido de noiva de Grace Kelly para confeccionar o seu próprio vestido. Após o seu casamento, o seu vestido também serviu de inspiração para estilistas e mulheres que gostariam de casar-se com vestido de noiva ao menos semelhante ao de Kate. Tal fato reforça as palavras de Assumpção e Villegas (2015, p. 29)

É graças à moderna comunicação de massa, que passamos a habitar cada vez mais em um mundo onde a circulação de ícones culturais tornasse uma atividade econômica importante, ao qual o mercado passa a dedicar-se a produzir aquilo que as pessoas mais valorizam, a satisfação de desejos e ansiedade de identidade.

A cópia do vestido de Kate Middleton (Figura 214) é um dos exemplos de que o mercado passa a produzir aquilo que as pessoas buscam para satisfazer uma vontade, um sonho, um desejo, ressaltando que isto foi possível fazer de uma forma tão rápida em virtude da comunicação de massa, que veiculou instantaneamente o casamento dos nobres na mídia.

**Figura 214-** Cópia do vestido de Kate Middleton sendo exposta para venda



**Fonte:** Fox (2011)

Vale ressaltar Poirier no que diz respeito à aculturação da vestimenta:

A aculturação pode incidir em todo ou em parte dele: no corte, nos materiais, na ornamentação, ou, simplesmente, em vários destes elementos. Observamos assim peças mistas, confeccionadas de uma maneira tradicional com material moderno, ou ao contrário. [...]. A mudança faz-se, muitas vezes, em cadeia: a modificação de um primeiro elemento provoca a do

segundo, este exerce, por sua vez, influência num terceiro, e assim sucessivamente. (POIRIER, 1999, p. 92).

Diante do acima exposto, as palavras do autor fundamentam as influências sucessivas que teve o vestido de Grace Kelly, em que a aculturação pode incidir na vestimenta, no caso nos vestidos de noiva, assim como isso também é transposto aos contos de fada, conforme será apresentado a seguir.

#### *4.2.2. As Princesas dos Contos de Fada*

Este subtópico apresenta as personagens noivas dos contos de fada. Ao final das histórias infantis, parte delas termina com um casamento e um ideário de vida, ficando os protagonistas “felizes para sempre”. Algumas dessas histórias tradicionais tiveram, recentemente, continuação em livros com o dia do casamento e o seu ritual. As princesas dos contos de fada tornam-se ícones para inúmeras crianças e serviram como inspiração para criação de vestidos de noivas de profissionais da moda.

De acordo com Murad (2012, p. 8)

O simbolismo e as culturas tradicionais afirmam que um ícone não engloba somente os aspectos concretos, físicos da imagem, mas também e sobretudo os elementos subjetivos, mágicos, simbólicos. Um ícone seria uma forma de comunicar e significar um valor, através de um símbolo.

Dessarte, os contos de fada apresentam inúmeros elementos subjetivos, mágicos e simbólicos; no caso, será apresentada e analisada a história da Cinderela, pois foi o conto de fada elencado por quase todas as entrevistadas nesta pesquisa, ou seja, o de maior representação na subjetividade das entrevistadas no que diz respeito aos elementos simbólicos referentes ao ritual de casamento. Na indagação “Qual história infantil melhor define um casamento?”, apenas uma entrevistada respondeu “Shrek” (M, 58 anos, brasileira, 11/09/2015) e outra delas indicou além da Cinderela o conto “Pele de Asno” (B, 45 anos, francesa, tradução da autora, 15/07/2015). Portanto, como explicado no capítulo 2, serão destacadas e avaliadas algumas partes do conto da Cinderela.

Para analisar, neste tópico, a personificação da noiva no conto de fada, foram extraídas imagens do filme da Cinderela, em desenho animado, lançado em 1950 pela Disney. Elegeram-se o filme, e não os livros infantis, por ter uma riqueza maior de imagens para serem analisadas, mesmo que o filme tenha as adaptações do verdadeiro conto de Perrault. Além disso, a escolha deste filme, e não de outras edições, se deu em virtude de ser o mais

difundido no Brasil e na França, segundo pesquisa foi feita pela internet com busca nos sites de livrarias com vendas de DVDs.

Os contos de fada atribuem papel para a mulher dentro de uma realidade patriarcal: a mulher deve cuidar da casa e dos filhos, trazendo a ideia de que aquela que cuida da casa está pronta para casar e que a felicidade está no casamento quando se encontra o “príncipe encantado”. Na estória da Disney, Cinderela, ao ter sua mãe falecida quando criança, tem que morar com sua madrasta e as filhas, as quais a obrigam a fazer todas as vontades delas, como 5servir o café da manhã na cama e os serviços da casa (Figura 213).

**Figura 215-** Imagem da Cinderela esfregando o chão com as mãos, como um apelo à ideia de servilismo



**Fonte:** Cendrillon (2015)

Nesta imagem constata-se um apelo à ideia de servilismo (elipse amarela), de esfregar o chão com a mão e de joelhos, porém em outros momentos do filme é mostrada a vassoura, o que permitiria que este trabalho não fosse feito ajoelhado, mas a intenção é justamente transmitir essa submissão e a situação humilhante que a personagem passa. A explicação psicanalítica de Bettelheim é que

O fato de Borracheira viver no meio das cinzas – de onde ela tira o seu nome - é um detalhe de grande complexidade. Superficialmente significa maus-tratos, e o rebaixamento da posição privilegiada que gozava antes do começo da estória. Mas não é sem razão que Perrault decidiu fazê-la habitar entre as cinzas. Estamos tão acostumados a pensar que viver como um criado entre as cinzas da lareira é uma situação extremamente humilhante que não podemos mais reconhecer que, de um outro ponto de vista, isto pode ser encarado

como uma posição desejável e até mesmo valorizada.<sup>25</sup> (BETTELHEIM, 2002, p. 269).

Sobre esse deciframento desta mensagem e das outras que se seguem adiante, Flusser (1985, p. 7) exara:

O fator decisivo no deciframento de imagens é tratar-se de planos. O significado da imagem encontra-se na superfície e pode ser captado por um golpe de vista. No entanto, tal método de deciframento produzirá apenas o significado superficial da imagem. Quem quiser “aprofundar” o significado e restituir as dimensões abstraídas, deve permitir à sua vista vaguear pela superfície da imagem. Tal vaguear pela superfície é chamado *scanning*. O traçado do *scanning* segue a estrutura da imagem, mas também impulsos no íntimo do observador. O significado decifrado por este método será, pois, resultado de síntese entre duas “intencionalidades”: a do emissor e a do receptor. Imagens não são conjuntos de símbolos com significados inequívocos, como o são as cifras: não são “denotativas”. Imagens oferecem aos seus receptores um espaço interpretativo: símbolos “conotativos”.

Para ir ao baile do rei, com a ajuda dos seus amiguinhos animais, Cinderela passa por uma primeira transformação. Ela usa o vestido que foi da sua mãe, coloca um colar, uma fita no cabelo e os sapatos (Figura 216). Nesse deciframento, conforme o acima exposto por Flusser, entende-se que ela demonstra alegria em estar pronta ao descer as escadas (com os gestos, postura e expressão – setas brancas) e poder ir ao baile assim como as outras mulheres. “O gesto contém forças reveladoras de um poder de persuasão impossível para a palavra. Ele põe em jogo todos os sentidos não só de quem o executa, mas também de quem o observa. Os gestos permitem um reconhecimento da pessoa em suas dimensões moral e psicológica.” (SOARES, 2016, p. 112). Dessa maneira, por meio dos gestos de Cinderela é possível fazer tal reconhecimento nestas dimensões moral e psicológica, como personagem sonhadora que busca pelo amor verdadeiro, cujo contexto mágico-simbólico do conto de fada é personificado no “príncipe encantado”.

A madrasta de Cinderela e as filhas rasgam todo o seu vestido, impossibilitando-a de ir ao baile (Figura 217). Mas ela tem uma segunda transformação, ganha vestidos, sapatos e penteado novos de sua fada madrinha (Figura 218). Nas imagens acima de Cinderela, o espaço de uma imagem da personagem entristecida, aos trapos, restrita ao corpo com um vestido roto e reto (conforme é demonstrado pela área circundada em vermelho na figura 217) fica radiante, ocupando um volume maior no espaço e, com os brilhos da “mágica”, este

---

<sup>25</sup> Acrescenta-se ainda a explanação de Bettelheim (2002, p. 269) “Nas épocas antigas sabia às Virgens Vestais vigiarem a lareira - uma das posições de maior prestígio, senão a mais valorizada, a que tinham acesso as mulheres. A Virgem Vestal era invejada na Roma antiga. Para este cargo de honra escolhia-se uma menina entre seis a dez anos de idade - aproximadamente a idade com que imaginamos a heroína durante os anos de servidão.”.

espaço ainda se amplia (como está ilustrado em linha amarela e com a indicação das setas na figura 218). Embora a roupa usada fosse um vestido para o baile, a forma e a cor que ele assume, são próximos de um vestido de noiva.

**Figura 216-** Gestos, postura e expressão de Cinderela, demonstrando alegria de estar pronta para ir ao baile



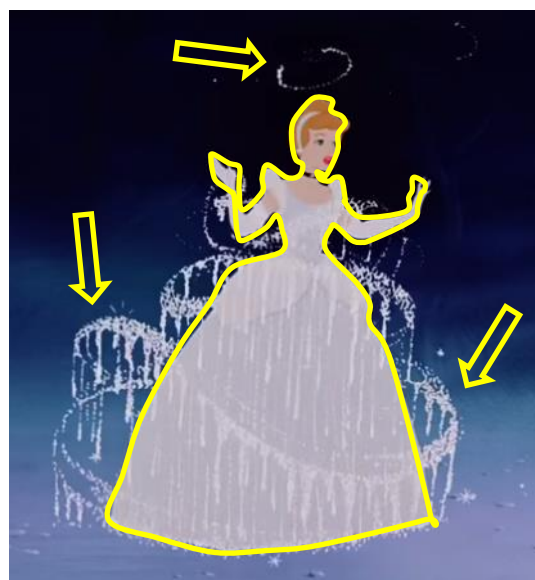
**Fonte:** Cendrillon (2015)

**Figura 217-** Cinderela com seu vestido rasgado ocupa um espaço mais restrito ao corpo



**Fonte:** Cendrillon (2015)

**Figura 218-** Cinderela ao passar pela transformação da fada madrinha tem seu volume no espaço aumentado além do corpo com o vestido e os brilhos da mágica



**Fonte:** Cendrillon (2015)

Na dança do príncipe com a Cinderela, a troca de olhares (elipse amarela) mostra o encantamento entre eles (Figura 219), resultando em um final feliz com um casamento (Figura 220). Vale ressaltar que nesta estória infantil, o príncipe não tem nome, ele é um personagem anônimo e assume importância pelo seu título, mediante o qual é tratado no conto de fada em questão.

**Figura 219-** A troca de olhares demonstra o encantamento entre o casal



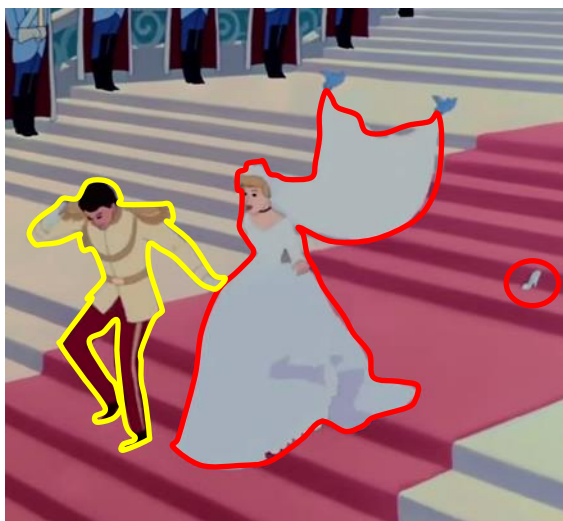
**Fonte:** Cendrillon (2015)

No conto, a noiva com seu vestido e véu também ocupa um espaço maior do que o do noivo, como pode ser visualizado nas imagens do casamento de Cinderela (Figura 220), que ao sobrepôr a área circundada em vermelho da noiva sobre a amarela do noivo (Figura 221), constata-se que a corporeidade das noivas (assim como nos casamentos principescos, de celebridades e de anônimos) é maior do que a dos noivos.

A sociedade influencia os contos de fada, assim como os contos de fada influenciam a sociedade, ou seja, é um sistema de influências recíprocas. Os contos de fada não possuem imagens de como é o tipo físico dos personagens como faz com suas vestimentas. As ideias de como são fisicamente cada personagem são imaginados em sociedade. Se a Cinderela é loira e magra isso foi a ideia de quem a desenhou para a Disney e que acabou se tornando uma imagem muito forte e marcante em diversas gerações, cujo contraponto aparece em estórias recentes como Shrek e Pocahontas, que rompem com as normatividades estéticas desse clássico infantil. Quem a criou pode ter se inspirado em alguma pessoa da vida real e/ou em

pessoas das realezas, nas princesas e rainhas europeias, chevronizando<sup>26</sup> um corpo loiro e magro. Da mesma maneira, algumas celebridades se inspiram nos casamentos principescos ou tornam-se fontes de inspiração ou especulação da mídia.

**Figura 220-** Em Cinderela, os noivos saem pelo tapete vermelho após casados



**Fonte:** Cendrillon (2015)

**Figura 221-** A sobreposição o corpo delineado dos personagens demonstra que o corpo da noiva ocupa um espaço maior do que o do noivo



**Elaboração:** Raquel Lage Tuma (2016)

#### 4.2.3. As Princesas Celebridades

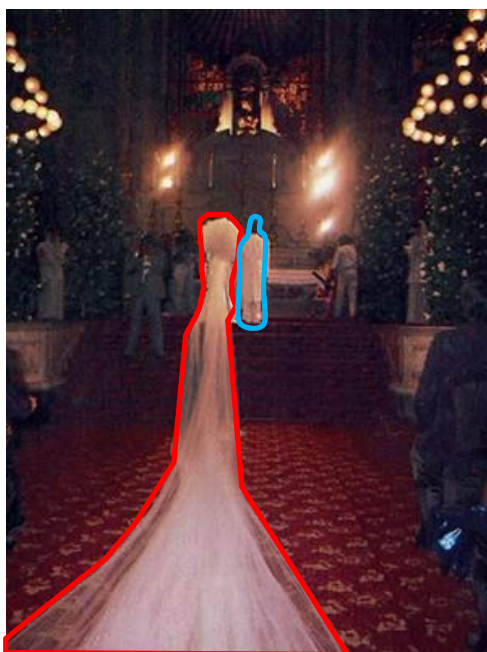
Este subtítulo apresenta as celebridades que foram noticiadas na mídia. Um casamento que foi muito projetado na mídia brasileira, citado por uma das entrevistadas, foi o dos atores Cláudia Raia & Alexandre Frota, que ocorreu em dezembro de 1986 e realizado na Igreja da Candelária, no Centro do Rio de Janeiro. O casamento foi criticado por ter alguns exageros, a exemplo disso, o véu tinha vinte metros de comprimento (Figura 222). Na figura 223 nota-se que na foto a noiva ocupa um espaço 15 vezes maior do que o do noivo. Esta corporeidade da noiva também representa uma espetacularização em torno de um ato religioso e autopromoção midiática.

Outro casamento de artista brasileiro que teve uma grande repercussão na mídia, tanto antes quanto depois do enlace foi o de Nando Benny, cantor funkeiro, e Ellen Cardoso, ex-dançarina que ficou conhecida como Mulher Moranguinho. O evento aconteceu dia 23 de

<sup>26</sup> Lacaze diz que Vienne (2004) retorna ao tema da "chevron", que seria o inverso do estigma, e da "chevronisation", o inverso da estigmatização, em um estudo sobre o estigma nas escolas: Tal como no caso da estigmatização, o descerramento de um sinal da identidade pessoal de um indivíduo cria uma lacuna entre as suas identidades sociais virtual e real, mas desta vez no sentido de que a pessoa 'normal' na relação concede a seu interlocutor um suplemento de dignidade.

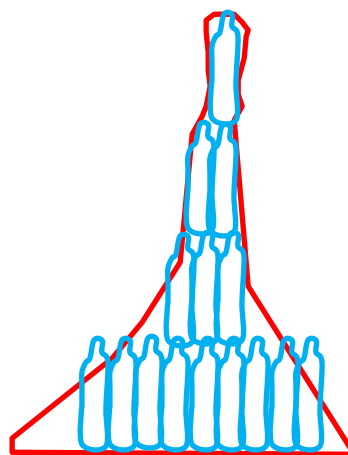
setembro de 2013, para cerca de 500 pessoas, no salão de festas, na zona oeste do Rio de Janeiro, no Garden Party III<sup>27</sup>. O vestido da noiva foi estimado em 30 mil reais, com três mil cristais Swarovski e o véu possuía dez metros de comprimento (ADELYTA, 2013). Na fotografia postada por um dos convidados célebres (Figura 224), embora ainda não seja possível ver o final do véu, a noiva ocupa cerca de metade da foto, conforme pode ser comparado na figura 225.

**Figura 222-** Cláudia Raia com seu véu de vinte metros em seu casamento com Alexandre Frota



**Fonte:** Manchete (1986)

**Figura 223-** A espacialidade que a corporeidade da noiva ocupa em relação a do noivo



**Elaboração:** Raquel Lage Tuma (2016)

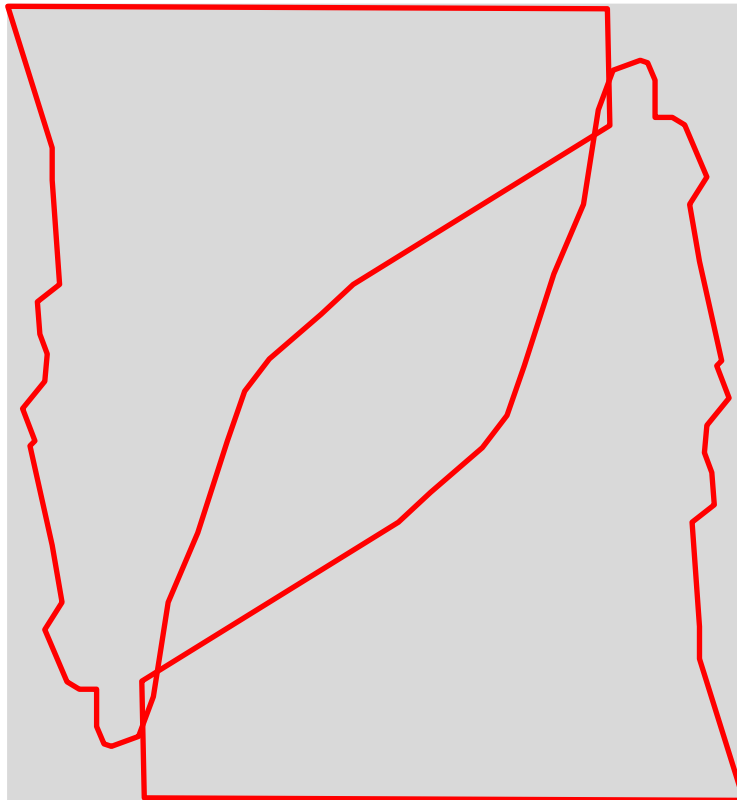
O comprimento do véu da Cláudia Raia de vinte metros (Figura 222) e da Ellen de 10 metros (Figura 224) é outro item que demonstra a espetacularização, sendo comentado no universo casamenteiro que quanto maior o tamanho véu, maior a riqueza da noiva. Porém, dentre os exemplos das realezas apresentados nesta tese, o maior véu dos casamentos principescos destacados nesta tese foi o da Princesa Diana com oito metros.

<sup>27</sup> Estrada Cafundá, 2162, Jacarepaguá, Rio de Janeiro. <http://www.gardenparty.com.br/>



**Figura 224-** Ellen com seu véu de dez metros em seu casamento com Naldo

**Foto:** Instagram David Brazil  
**Fonte:** Angelo (2013)



**Figura 225-** A noiva ocupa uma espacialidade cerca de metade da foto, mesmo não demonstrando todo o comprimento do véu

**Elaboração:** Raquel Lage Tuma (2016)

Outras artistas também ganham espaço na mídia por surpreender na escolha de seguir uma tradição. Avril Lavigne casou-se pela primeira vez com o músico Deryck Whibley, em 15 de julho de 2006. Seu vestido espantou por ser ‘tradicional’, uma vez que ela é considerada

nada convencional, branco e com estilo e decote princesa<sup>28</sup> (Figura 226). Em seu segundo casamento, realizado em julho de 2013, chamou atenção mais uma vez também pelo vestido. Avril e Chad Kroeger, vocalista do grupo Nickelback, casaram-se em um castelo no sul da França, o *Chateau de la Napoule*, na Riviera Francesa. A celebração durou três dias. No dia 29 de junho, ocorreu o que foi chamado de pré-casamento, com registros de fotos da noiva com vestido branco (Figura 227). Entretanto, a celebração oficial deu-se no dia 1º de julho e, dessa vez, a artista escolheu o vestido e o buquê pretos (Figura 228).

**Figura 226-** Avril Lavigne, em seu primeiro casamento, com vestido branco tradicional e decote princesa



**Fonte:** Black Star World (2012)

Os contos de fadas também inspiram vestidos de noivas, uma vez que existem modelos denominados de “Sereia” e “Princesa”. Isso fica comprovado em notícias, como exemplo a reportagem “Inspire-se em vestidos de noivas usados pelas famosas em seus casamentos”, que descrevem sobre os estilos de vestidos desenhados estilistas de celebridades. Assim, nota-se que a mulher, mesmo não sendo famosa, torna-se ícone ao usar os elementos característicos de uma noiva.

---

<sup>28</sup> Vestido princesa – consiste em um corpete muito ajustado com saia cheia. Este estilo de vestido esteve à moda a partir do século XIX. Foi criado frequentemente com uma frente de botões. (CALLAN, 2009).

**Figura 227-** Avril Lavigne, em seu segundo casamento, com vestido branco



**Foto:** Instagram  
**Fonte:** Noiva com classe (2013)

**Figura 228-** Avril com vestido de noiva e buquê pretos



**Foto:** Hello Canada  
**Fonte:** Noiva com classe (2013)

#### 4.2.4. As princesas da vida real

Este tópico apresenta noivas anônimas considerando-as também como um ícone. A partir do momento em que a mulher personifica uma noiva, com seu vestido e seus acessórios, ela também se torna um modelo. Ela é um ícone para seus familiares, amigos e crianças que participam do ritual do casamento. Às vezes, mesmo sem saber, a noiva se torna um ícone para algumas pessoas estranhas, que posteriormente veem as fotos do enlace exibidas nos portfólios dos profissionais que ofereceram os produtos e serviços no seu casamento. Ela é ainda um ícone quando passa pelas ruas e as pessoas se atraem para apreciar um pouco aquela personagem.

O corpo habita os lugares. A noiva ao passar em lugares externos e públicos (pelas ruas e parques) para fazer as suas fotos, chama a atenção das pessoas, tanto de adultos quanto de crianças. Quando os noivos chegam a esses lugares públicos logo são apontados pelas pessoas que estão à volta. Entretanto, não é exatamente o casal de noivos que faz com que as pessoas se interessem em olhar e observar, mas sim a personagem da noiva. A composição da

noiva, ou seja, o vestido, o véu, o buquê, a corporeidade dela é que faz com que os outros se voltem para admirá-la e a inserem num cenário como personagem relacionado à cerimônia de casamento.

Tal fato foi possível constatar pela doutoranda em lugares públicos por meio da observação, algumas observações foram de forma sistemáticas, que ocorreram com planejamento prévio, anotações e registros fotográficos; e outras aqui denominadas de semissistemáticas, acontecendo ocasionalmente, espontaneamente e sem anotações, porém também com registro fotográfico. As situações serão enumeradas a fim de relatar as observações ocorridas e possibilitar uma melhor compreensão.

Na situação 01 (Figura 229), com observação semissistemática, a noiva chegou ao *Jardin des Plantes*, em Paris, acompanhada do noivo, fotógrafos e amigos para fazer uma sessão de fotos no dia 10 de outubro de 2014. As crianças aproximaram-se e os adultos pararam o que estavam fazendo e acompanharam visualmente os noivos e especialmente a noiva passar. Duas crianças ainda gritaram: “Olha, a princesa!”; “Parece uma princesa!” e depois que a noiva passou, foram atrás dela por alguns metros até os seus pais as chamarem de volta.

**Figura 229-** Situação 01 - Adultos e crianças param para observar a noiva passando



**Fonte:** Raquel Lage Tuma (out/ 2014)

A situação 02, com observação sistemática, realizada próximo à Torre Eiffel, em Paris, no dia 05 de abril de 2015, apresenta três ocorrências diferentes que marcaram esta passagem. A primeira, a mãe de três meninas pediu para que a noiva tirasse uma foto com as filhas (Figura 230); a segunda, uma mulher adulta solicitou para tirar foto com a noiva e somente com ela e não com o casal (Figura 231); e, por fim, a terceira, um relato de um menino (aparentemente de 3 a 4 anos) que perguntou para a mãe: “O que essa mulher está fazendo aqui com esse vestido branco? Ela parece uma princesa!”

**Figura 230-** Situação 02 - Crianças tiram fotos com a noiva e o noivo fica de lado



**Fonte:** Raquel Lage Tuma (abr/ 2015)

**Figura 231-** Situação 02 - Mulher tira foto com a noiva e o noivo aguarda

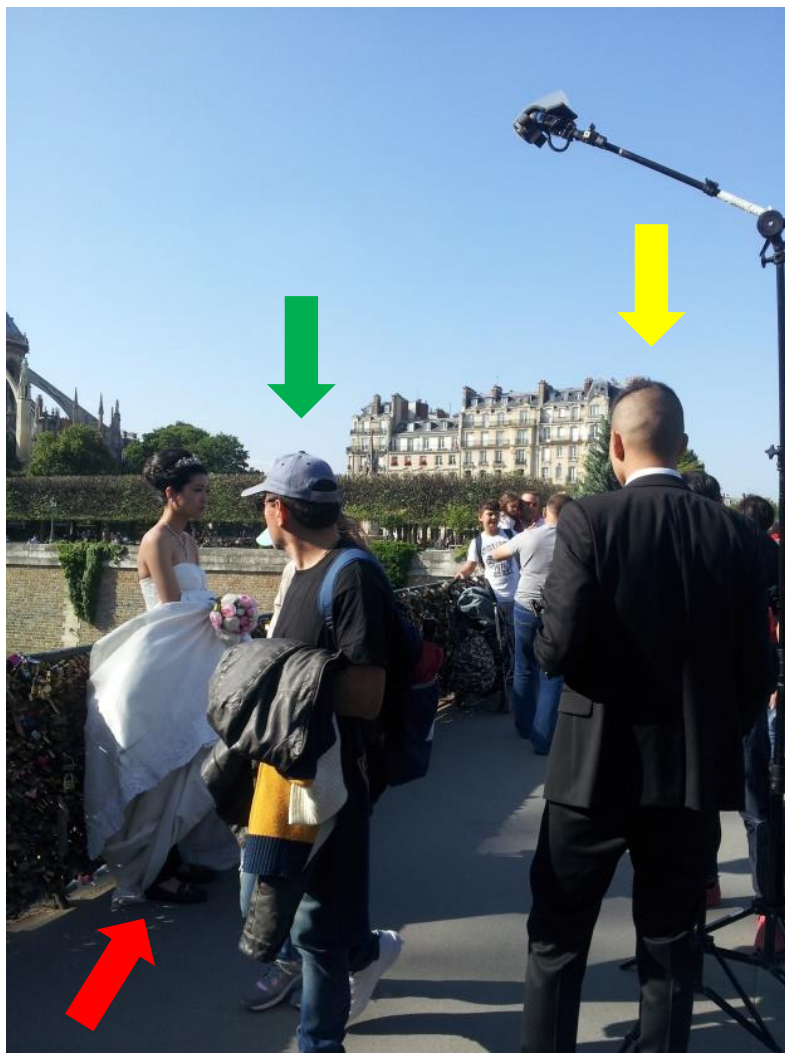


**Fonte:** Raquel Lage Tuma (abr/ 2015)

Na situação 03, com observação sistemática, realizada na Ponte de Archevêché, próximo à Catedral Notre Dame, em Paris, no dia 30 de maio de 2015, pode-se observar também três ocorrências (Figura 232). Uma está destacada pela seta vermelha, a noiva de calça e sapatos baixos pretos, isto acontece em virtude de inúmeros recém-casados orientais passarem a lua-de-mel em Paris, por ser considerada uma cidade romântica. Estes levam suas roupas do casamento para fazer fotografias durante a viagem na cidade e a noiva usa calça e casaco para não passar frio e sapatos baixos para ter um maior conforto ao andar pelos atrativos turísticos. Outra coisa que pode ser vista está indicada em verde, a noiva posando para as câmeras chama a atenção do turista passante, ele fica curioso assim como outros que

param para observar por alguns instantes e fazem fotos da noiva. O último caso está em destaque pela seta amarela, que é o noivo de lado observando o registro fotográfico da noiva, fato este que não ocorre com ele sozinho, a foto individual, neste caso, é feita somente com ela.

**Figura 232-** Situação 03 – A noiva posa para fazer as fotografias de calça e sapatos, o turista observa e o noivo aguarda ao lado pelas fotos individuais de sua companheira



**Fonte:** Raquel Lage Tuma (mai/ 2015)

Anônimas tornam-se ícones também quando inovam. Este foi o caso da noiva que se casou com um vestido de noiva branco com o escudo de um time de futebol bordado nas costas (Figura 233), como homenagem ao seu noivo, pois ele é sócio-torcedor e sua própria família é palmeirense.

**Figura 233-** A noiva anônima torna-se ícone pelo detalhe do brasão do time de futebol em seu vestido



**Fonte:** Oliveira (2015)

Ela tornou-se ícone para seu noivo, familiares, convidados e outras pessoas que não a conheciam, mas ficaram sabendo por outras pessoas ou pela mídia, uma vez que foi divulgado no site da uol. Dessa maneira, neste caso observa-se a mesma relação encontrada em casamentos de famosos no que diz respeito ao ícone cerimonial (a noiva), ícone relacional (o noivo) e ícone comercial (o estilista). Segundo Oliveira (2015) informa não somente a noiva ficou em destaque, mas também o autor do vestido, estilista Ricardo Miller, que foi contratado por outras noivas para fazer vestidos com o escudo do time do noivo, criando-se mais um produto no mercado de casamentos.

#### **4.3. As Noivas como Produto**

Nos subcapítulos anteriores apresentou-se a corporeidade da noiva, que através das vestimentas, dos gestos e de suas posturas se demonstram como um personagem caracterizado para entrar em cena e apresentar uma história; assim como as noivas princesas, celebridades e anônimas se tornam ícones para outras mulheres e crianças. Objetiva-se com neste item apresentar as noivas como produto comercial, do uso da figura da noiva em vitrines e feiras especializadas.

#### *4.3.1. As Noivas nos Eventos de Marketing Promocional e nas Vitrines*

Este tópico apresenta o corpo da noiva como referência para eventos de marketing promocional e produção de vitrines. Ao partir da ideia do texto de Cosgrove (1998, p. 92) “A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas” surgiu a base da ideia de se fazer um passeio pelas feiras especializadas para casamentos e vitrines das lojas de produtos e serviços deste segmento, assim como Cosgrove narra suas compras com a família em um local habitual no referido texto.

Os eventos de marketing promocional para o segmento de casamento podem ser de diferentes tipos, os mais frequentes são: feira, exposição e salão. Define-se nesta tese evento de marketing promocional como um acontecimento para reunir pessoas físicas e/ou jurídicas com mesmo assunto de interesse num período específico de tempo e num espaço determinado, no qual há o encontro entre as empresas e os consumidores, numa mistura de business, entretenimento e relacionamento. No Brasil esses três tipos de eventos especializados em casamentos, feiras, exposições e salões, possuem conceituações semelhantes no mercado, embora os diversos organizadores<sup>29</sup> e/ou promotores<sup>30</sup> não façam distinção entre eles. Estes três eventos são realizados em grandes espaços, montados com estrutura de estandes, que tem por objetivo a apresentação e demonstração de produtos e/ou serviços para fins de divulgação e/ou comercialização no próprio local. Embora hoje em dia não façam diferenças entre eles, julga-se importante conhecer especificamente tais finalidades.

Para Matias (2002, p. 66) as feiras são exposições públicas “com o objetivo de venda direta ou indireta” dos produtos e serviços e da mesma forma concordam as autoras Zitta (2013) e Cesca (1997). As exposições se diferenciam das feiras por ter como intenção expor, informar e divulgar produtos e serviços, não tendo como principal finalidade a venda imediata, entretanto, pode ser efetivada posteriormente, porém Matias (2002, p. 66) diz que “Pode haver ou não objetivo de venda dos produtos expostos.”. Em outras palavras, Zitta (2013, p. 54) afirma que as exposições tem o objetivo de “[...] projetar técnica e institucionalmente a Empresa, criando oportunidades de negócios e troca de informações.”. Mas, de acordo com Cesca (1997) este tipo de evento visa somente a divulgação.

---

<sup>29</sup> Organizadores são os profissionais com conhecimento específico e experiência para organizar e executar um evento, ou seja, são contratados pelos promotores.

<sup>30</sup> Promotores são as entidades/ instituições (associações, ONGs, prefeituras, etc.) ou empresas privadas que promovem o evento, ou seja, são os idealizadores.

Segundo Cesca (1997, p. 18) os salões, assim como as exposições, têm o objetivo “[...] apenas de divulgar, embora hoje apresente características de feira.”. A definição de Zitta (2013, p. 75) complementa a esta última, salientando que “Até algum tempo atrás, o conceito era semelhante ao de Feira, mas menos amplo, sem objetivos de venda ou mercadológicos.” e que acaba sendo utilizado quando duas empresas do mesmo segmento de mercado planejam um evento, como “[...] XI Feira de Produtos para o Lar; III Salão de Artigos para o Lar.” Por fim, salão é “destinado a promover e divulgar produtos e informar sobre eles, com o intuito de criar para os consumidores uma imagem positiva da instituição promotora. Não possui finalidades comerciais imediatas; seu principal objetivo é a promoção institucional.”. (MATIAS, 2002, p. 69)

Percebe-se o quão tênues são estas conceituações, o que causa uma confusão. Portanto, embora existam essas definições de autores brasileiros, percebe-se que na prática há pouca diferença entre eles, isto ocorre na compreensão dos promotores, implicando na execução dos eventos. Em todos eles é possível fazer a comercialização e, como consequência, a partir do momento que se faz a apresentação daqueles produtos e serviço, naturalmente se faz a promoção, informação e divulgação dos produtos e serviços expostos. Além disso, como os eventos naturalmente acabam por ter um crescimento e adaptação aos objetivos capitalistas dos seus expositores e visitantes, na prática fez-se uma mescla destas tipologias, não tendo concretamente essas distinções acima citadas. Os tamanhos não servem mais como referência, pois além do evento se tornar conhecido e se ampliar, posteriormente não sendo modificado o nome por uma questão de estratégia de marketing, como o Salão de Turismo em São Paulo.

Na França é um pouco diferente no que tange a literatura, pois Claveau, (2015) insere na mesma definição feiras e salões; já Rapeaud (2013) as define separadamente, porém demonstrando a similaridade entre exposição e salão. Claveau (2015) aponta que as feiras e os salões são a reunião de expositores destinados a apresentar amostras dos seus produtos com o intuito de demonstrar a qualidade de provocar a compra. Rapeaud (2013) elucida que a exposição tem como propósito expor e mostrar um produto a um público de iniciantes ou de amadores; e o salão é uma forma de exposição, que reúne em um só lugar expositores com o objetivo de apresentar seus produtos a compradores, profissionais ou público em geral.

No segmento de casamentos, são diversos os eventos existentes, Salão da Noiva, Feira da Noiva, Expo Noivas, entre outros no Brasil, mas alguns deles não possuem uma tipologia expressa no nome, como é o caso de alguns eventos: “Casar”, em São Paulo, e

“Noiva Fashion” em Campo Grande. Na França, a maioria dos eventos são chamados de ‘*Salon du Mariage*’ (Salão do Casamento), ou também somente sem especificar o tipo do evento ‘*Mariage*’ (Casamento), ‘*Marions nous*’ (Vamos nos casar), ou ‘*La rencontre du mariage*’ (O encontro do casamento). O fato é que na maioria das vezes o nome do evento surge a partir do que seja mais comercial e de maneira a não se repetir a mesma denominação de outros eventos na mesma cidade.

Em Campo Grande, o evento mais antigo é o “Noiva Fashion”, que em 2015 completou vinte anos de realização, e acontece anualmente no mês de agosto. Existem outros, porém são mais recentes e somente agora estão ganhando maior notoriedade. Em Paris, por ser uma metrópole, existem vários eventos, como: “*Salon du Mariage*”, “*Salon du Mariage e du Pacs*”, “*Grand Salon du Mariage*”, entre outros.

Demonstra-se nas figuras acima que a corporeidade da noiva é um artifício utilizado pelos profissionais de marketing para chamar a atenção destes eventos especializados. Na figura 234, no convite para o “Noiva Fashion”, em Campo Grande, destacam-se com vermelho três noivas, sendo uma em evidência; em amarelo, elementos característicos de casamento – o bolo e o buquê – que também estão em destaque; e, em verde, o noivo encontra-se esmaecido e isolado lateralmente. Além disso, as cores rosa, branco e lilás como cores principais, que remetem à mulher. Na figura 235, na divulgação nos metrô em Paris para o evento “*Salon du Mariage*”, tem como destaque central a noiva e, da mesma forma que o evento “Noiva Fashion”, a cor predominante rosa e branco.

A figura da noiva na propaganda fornece a informação imediata de que aquele evento é destinado aos noivos, ou interessados neste segmento. Também existem propagandas apenas com as alianças, com bolos de casamento ou outros símbolos que representam este ato, porém em nenhum deles aparece somente o noivo, pois ele por si só não induz à ideia do casamento, diferentemente do que acontece com a corporeidade da noiva, o que confirma que a corporeidade da noiva é o conceito geográfico definidor dos locais de marketing promocional relacionados ao casamento.

Nestes eventos, tal como no passeio de Cosgrove, é possível ver a geografia em toda parte. A começar pela disposição globalizada, estando distribuídos por diferentes cidades, países e continentes; sendo possível encontrá-los numa cidade intermediária como Campo Grande, ou noutra cidade mundial, como Paris, onde se convidam casais para participarem e poderem conhecer, comprar e alugar produtos e serviços deste segmento. Maximizando a

escala, estes eventos, internamente, possuem uma divisória, o que é chamado de ‘estandes’ possibilitando que cada expositor apresente seu produto ou serviço para a realização do casamento. Ao passear por estes estandes, vê-se constantemente a maior escala geográfica, o corpo, mais especificamente o foco desta análise, o corpo da noiva. Ele está presente em fotografias, vídeos, pôsteres, banners, manequins. Apresenta-se o corpo da noiva em diferentes estandes: nos vestidos (Figura 236), nos acessórios de tiaras e luvas (Figura 237), no buffet demonstrando o bolo de noiva com o casal de noivos como enfeite (Figura 238) e na parte gráfica dos convites e papelaria complementar (Figura 239). Assim, da mesma forma que a geografia está em toda parte, o corpo da noiva também está presente em todos os eventos especializados de casamentos, o que demonstra a especialidade da corporeidade da noiva.

**Figura 234-** Destacam-se os elementos utilizados pelos profissionais de marketing no folder de propaganda do evento Noiva Fashion



**Fonte:** Noiva ... (2015)

Continuando com a ideia de Cosgrove de que “a geografia está em toda parte”, ao andar pela Boulevard de Magenta, em Paris, é possível ver vitrines com trajes para casamento, tanto feminino quanto masculino, vestidos para madrinhas, roupas de festa, ternos para noivos

e vestidos de noiva. Nota-se uma ampla diversidade quanto ao estilo e, principalmente, crenças e etnias. Constatam-se as diferentes escalas geográficas ao analisar as vitrines: ela está situada em uma rua de uma metrópole internacionalmente conhecida; ela mostra diferentes crenças ao exibir os vestidos específicos para judeus, africanos, indianos e ocidentais; ela traz a interferência do mundo globalizante com influências de casamentos de diferentes continentes; por fim, e mais importante por demonstrar o foco deste tópico, ela apresenta a escala geográfica do corpo da noiva. Desse modo, ao fazer o passeio por esta rua, é possível constatar que “a geografia está em toda parte”, inclusive nos casamentos.

**Figura 235-** Cartaz de Propaganda nos metrô da cidade de um evento especializado nos segmentos de casamentos, em Paris, França



**Foto:** Raquel Lage Tuma (2014)

**Figura 236-** Vestidos de noivas expostos nos estandes de eventos especializados no segmento de casamento



**Foto:** Raquel Lage Tuma (2015)

**Figura 237-** Acessórios para noivas expostos nos estandes de eventos especializados no segmento de casamento



**Foto:** Raquel Lage Tuma (2015)

**Figura 238-** A corporeidade da noiva nos bolos de casamento



**Foto:** Raquel Lage Tuma (2015)

**Figura 239-** A corporeidade da noiva nos adereços de papelaria para o casamento



**Foto:** Raquel Lage Tuma (2015)

Poirier (1999, p. 53) aponta que

Quer atendamos à importância económica do vestuário, ao seu lugar nos rituais ou à sua utilização como portador de signos, temos sempre um quadro conceptual em que os factos observados em sociedade geograficamente e culturalmente muito afastadas entre si podem harmoniosamente tomar o seu lugar.

Assim, Poirier nas palavras acima demonstra a geografia também no vestuário do casamento, onde há o entrelaçamento também das culturas, mesmo que em países afastados. Na figura 240 é possível encontrar trajes tradicionalmente usados por outra etnia sendo vendida ao lado de vestidos de noivas usados por países ocidentais. Na figura 241, a fachada descreve que nesta loja podem-se encontrar roupas de todos os continentes, inclusive da África e das Antilhas, o que indica a conformidade de Paris como cidade mundial, como foi demonstrado também pela figura 112, no capítulo 3 desta tese.

**Figura 240-** Loja na rua Magenta, em Paris, com vitrine de trajes de diferentes culturas



**Foto:** Raquel Lage Tuma (2015)

**Figura 241-** Loja na rua Magenta, em Paris, que vendem roupas de diversos países



**Foto:** Raquel Lage Tuma (2015)

Na figura 242 verifica-se o destaque dado para a loja que vende tanto vestidos de noiva como trajes masculinos, colocando apenas dois manequins masculinos e sete femininos, além das fotos ampliadas dos vestidos.

**Figura 242-** Na vitrine é possível constatar que a corporeidade da noiva se sobrepõe à do noivo, podendo ser vista nesta loja que vende ambos os trajes, porém os vestidos de noiva são em números bem maiores na exposição aos passantes



**Foto:** Raquel Lage Tuma (2015)

Na figura 243, confirma-se a imagem que se tem da noiva enquanto princesa (seja ela da realeza ou dos contos de fada). Tal mensagem remete-se ao ideário de um casamento principesco, tendo em vista que ao nomear a loja *Au Palais des Princesses* (No Palácio das Princesas) vende-se a ideia de que a noiva é uma princesa.

**Figura 243-** Loja de vestidos de noiva com o nome *Au Palais des Princesses* vendendo a imagem de que a noiva é uma princesa



**Foto:** Raquel Lage Tuma (2015)

Na figura 244 a loja expõe vestidos de noivas na vitrine, porém estes não são vendidos, estão expostos como uma forma de demonstrar que ali se vendem produtos para casamentos, como lembranças e artigos em geral para atrair os olhares de clientes passantes em uma região de um conjunto de lojas principalmente de venda e aluguel de vestidos de noiva.

**Figura 244-** Loja de lembranças e artigos em geral de casamentos com vestidos de noivas expostos na vitrine como forma de atrair os olhares



**Foto:** Raquel Lage Tuma (2015)

De acordo com Demetresco (2006, p. 5)

O consumidor cada vez mais preparado, seja qual for a classe econômica a que pertence, se torna exigente! Tudo se torna um evento! Uma fachada, um espaço, uma loja ou uma vitrina... tudo deve ser vivenciado de acordo com certos estilos de vida. Para isso cresce a aplicação do Marketing sensorial, o agenciamento dos efeitos de sentido, que fazem com que cada texto, visual ou verbal, requer a manipulação dos cinco sentidos e tudo deve ser visualizado em questão de segundos! Para depois ser vivenciado por mais algum tempo.

Assim, o autor citado ratifica alguns aspectos levantados nas fotografias das lojas da rua Magenta, em Paris, sendo possível visualizar em cada fachada, espaço, loja e/ou vitrine uma forma de marketing utilizada para prender a atenção da clientela e vender seus produtos.

Em Campo Grande não há uma rua específica onde se encontrem várias lojas especializadas em casamento. Diferentemente do que acontece em algumas cidades brasileiras com ruas específicas para casamentos, como a Rua São Caetano em São Paulo, também popularmente conhecida como a Rua das Noivas, que possui lojas de vestidos de noiva, trajes de noivo, sapatos, vestidos para damas de honra, lembranças, entre outras.

Diante do exposto, demonstrou-se a espacialidade que os casamentos e, mais especificamente, as noivas ocupam em diversos contextos. Evidenciou-se a corporeidade da noiva como uma escala geográfica, provando sua presença em suas diferentes formas de espacialização, seja por meio do corpo ou de sua imagem enquanto ícone ou como produto.

## CONCLUSÕES

O casamento é a união entre pessoas a fim de constituir família celebrada em ato civil e/ou religioso de modo universal. Todavia, notam-se particularidades que variam em cada cultura, nuances entre países e mesmo manifestações de idiosincrasias neste rito de passagem. Objeto de estudo de algumas ciências, entre as quais se destaca a antropologia, na geografia encontram-se referências ao casamento somente quando se adentra na demografia, principalmente no que concerne aos dados das estatísticas de casamentos, separações e divórcios.

O casamento é sim um tema da geografia que pode e deve ser amplamente estudado. Ele é uma vida comum a dois, regido por normas sociais advindas de modelos institucionais. Ainda que seja fácil vislumbrar o campo de estudo pela geografia no que tange aos aspectos demográficos, em que as estatísticas demonstram seus números, ainda permanecem outras possibilidades, provadas nesta tese, principalmente no tocante ao ritual e à corporeidade.

Entende-se que o casamento é um importante fato social que deve ser analisado pela geografia cultural, podendo ser consideradas as diferenças espaciais, temporais e culturais implicadas com os sistemas de representação, os valores pelos quais as pessoas se afirmam perante uma sociedade, havendo ainda relevância ritualística para a coletividade, e interações entre diferentes lugares (igreja, cartório, salão de festa, fazenda, etc.).

Embora existam algumas diferenças no ritual do casamento quanto ao posicionamento e direcionamento dos personagens, o ritual em si é muito semelhante, o que demonstra uma universalidade institucional na cultura judaico-cristã ocidental. A questão não é urbana, não está na posição da cidade numa estrutura de redes urbanas, mas sim na primazia simbólica dos rituais, pois, mesmo em continentes distintos e pegando-se uma cidade mundial (Paris) e outra intermediária (Campo Grande), existem as similaridades nos rituais, nas corporeidades, nas espacialidades, nos deslocamentos.

Percebeu-se que o ritual não somente nestas duas cidades, mas sim nos dois países, tem a ver com a própria formação política de cada Estado, que foi possível compreender por meio das legislações pertinentes ao casamento das duas nações, havendo um aspecto comum da cerimônia religiosa e laica. Porém, a França se constituiu com ideário laico muito antes do Brasil. A influência da religião no Brasil mantém-se até após a Independência, com o regime de padroado, que só foi rompido com a República. No Brasil, esse ideário laico, chega com

cerca de 150 anos depois da França. Com isso, a igreja como lugar de cerimônia tem um papel de destaque no ritual do Brasil muito maior do que na França onde, a título de exemplo, a decoração da igreja é simples, não se tem tanta preocupação com “detalhes”, sendo até prescindida a contratação de um profissional para a organização, e a noiva espera sua entrada do lado de fora conversando com os demais convidados, sem maiores expectativas por sua entrada como as existentes no Brasil. A importância da igreja no Brasil é consumada pelo fato de que aqui se pode realizar a cerimônia civil concomitantemente ao ato religioso, o que não é permitido na legislação francesa, pois lá o casamento civil só pode ser realizado na *mairie*.

Sugere-se que seja relativamente fácil encontrar datas disponíveis nas igrejas parisienses, sem necessidade de um planejamento de longo prazo, em virtude de dois pontos: primeiro advém da significância que se tem o casamento civil na *mairie*, pelo fato acima exposto; o segundo se dá pela *mairie* ser um lugar pomposo, fornecendo ampla magnitude a este rito de passagem, havendo inclusive a sala de *mariage* (casamento).

Acerca dos aspectos arquetípicos, há uma relação de reciprocidade entre as espacialidades dos casamentos das realezas, dos contos de fada, das celebridades e das pessoas anônimas. Algumas pessoas se inspiram nestes modelos simbólicos, adaptando, reproduzindo e até mesmo copiando alguns elementos dos rituais e da corporeidade das noivas. Porém, não é somente a sociedade que se apoiam nestes ideários das espacialidades dos casamentos, mas também há uma inversão de inspirações, quando lugares reais, rituais e corporeidades são respaldados e levados para o mundo imaginário.

Existem lugares nas cidades em que se nota uma espécie de economia de aglomeração para este tipo de cerimônia, onde se encontram desde o vestido até as lembranças para casamentos. Reconhece-se mais estes lugares como sendo pontos de venda de produtos de casamento, a partir de como é apresentada a corporeidade da noiva. O padrão de corpo de noiva é vendido na vitrine. A noiva, vestida de branco, um vestido que estende o limite, amplia o volume da corporeidade da noiva e lhe confere uma visibilidade maior, atraindo a atenção para a vitrine e os produtos e serviços que estão sendo vendidos.

A noiva faz toda uma preparação para o ritual, mas também para se mostrar como noiva, para incorporar a noiva, a personagem da noiva. Quando ela vai para a rua, ela é foco de atenção. Sua corporeidade é mostrada como símbolo principal do casamento. O corpo é um mediador da cultura, do processo social, do espaço, que se insere ao mundo e representa uma excelente ferramenta de produção de informação às pessoas.

O corpo utiliza-se das vestimentas como ferramenta de informação, assim, uma segunda forma de espacialidade do corpo da noiva está representada quando ela, ao passar pelas ruas para fotografar (como exemplo, em um jardim no dia do casamento para fazer as fotos mais românticas, onde não é comum as pessoas passearem com um traje como este), chama a atenção das pessoas que ali circulam. A corporeidade da noiva ainda vai além na espacialidade geográfica. Durante o ritual, o corpo e a performance da noiva são elementos que caracterizam e simbolizam o momento. Como outra ferramenta de informação, o corpo fornece indicações também por meio de seus gestos, a forma de cumprimentar, de olhar, diferenciando-se entre as culturas. Dessa maneira, em todo o ritual, a noiva, assim como todas as outras pessoas, sinaliza diferentes gestos que passam diversas mensagens.

Esta pesquisa longe de esgotar; abre possibilidades de estudo sobre este objeto na geografia. Na França, na Universidade de Paris IV Sorbonne, encontrou-se uma acadêmica de mestrado que desenvolveu sua dissertação na geografia sobre o mesmo objeto, porém em outra visão. Tem-se a certeza de que muitos estudos ainda podem ser abordados sobre o casamento na geografia, conforme se sugere a seguir:

- Um deles é analisar a forma como os rituais dos casamentos homossexuais que, mesmo sendo contra as normatividades impostas pela sociedade, eles respaldam-se em casamentos heterossexuais, pois estes modelos institucionais são muito fortes, fazendo com que sobressaiam como padrões para aqueles que desejam se casar com um ritual;

- A segunda sugestão é abordar os rituais de diferentes religiões, como o católico ortodoxo, o evangélico, o judaísmo e o islâmico, podendo inclusive fazer uma análise comparativa entre eles;

- A terceira possibilidade é investigar a recepção como um lugar de festa, um ritual para comemorar a concretização do casamento;

- Uma quarta proposta é avaliar os espaços que a fotografia utiliza-se para registrar os diferentes momentos do casamento;

- Um quinto ponto é investigar o ciberespaço, que pode ser desmembrado em diferentes enfoques como um lugar de informação, socialização entre pessoas e difusão de imagens de casamento. Por meio do ciberespaço recebe-se uma vertiginosa quantidade de informações em tempo real. Essa imediatez de conhecimentos repercute diretamente na vida do sujeito na sociedade. Além disso, o ciberespaço é mais do que um meio de comunicação e de informação, é um importante espaço de sociabilidade, que propicia aos indivíduos se

relacionem e, a cada dia, tem se tornado mais frequente e usual para milhares de pessoas. Ao utilizar a internet, o público tem acesso às notícias do mundo inteiro sobre política, economia, mídia, esporte, sociedade, cinema, artistas, celebridades e muitas outras por meio de diversos *sites*. Com este fácil acesso ao que acontece em diferentes países, em questão de pouco tempo, a especulação aumenta ainda mais e, também, incentiva-se a curiosidade que as pessoas têm em saber sobre a vida das pessoas famosas, desde o que veste, com quem e aonde vai até os casamentos e separações. Nesse sentido, apresenta-se o ciberespaço onde todo e qualquer tipo de interação humana tem algum potencial para ser representado nele. Além disso, pode ser estudada a espacialidade virtual no que tange no *e-commerce*<sup>1</sup> das celebrações e recepção dos casamentos, que muitas pessoas compram produtos pela internet como forma de trazer inovação ou algo de seus sonhos, ou, até mesmo, fazer economia. O ciberespaço também é um lugar de difusão. Ele traz diversas formas de apresentação deste casal de noivos para a sociedade, tanto pelos *sites* de relacionamentos e pessoais, como são os casos dos *blogs*, por *sites* especializados em oferecer este tipo de serviço, que pode ocorrer desde o momento em que iniciam os preparativos do casamento, em seguida postando informações e fotos da cerimônia religiosa e da recepção até o retorno da lua-de-mel, como, também, por meio dos *sites* das revistas que promovem a imagem de celebridades e empresários famosos. Cabe apresentar a visão do geógrafo para esta nova subárea que floresce, em virtude do processo da globalização, dentro da geografia e que merece mais atenção.

- O sexto tema sugerido consiste na espetacularização do ritual e no consumo capitalista, onde tudo o que é divulgado na mídia em relação às celebrações de casamentos é absorvido pelo mercado de casamento de uma forma alarmante que faz do evento um espetáculo à parte. Em alguns casos, estas cerimônias viraram verdadeiras produções, a fim de mostrar *glamour* e *status* a uma sociedade elitista, sem pensar no sentido que aquele rito realmente representa. Apesar de que o ritual seja algo de certa maneira previsível, que tenha tradições, e colocam em cena determinadas coisas para colocar algo diferente para ser lembrado pelos seus convidados, como os drones para levar as alianças e milhares de luzes de *led* para criar o cenário de um céu. Ainda, em determinadas situações, a preferência do lugar onde será realizada a cerimônia do casamento se dá pelo fato de ser um lugar tradicional, bonito, glamoroso ou, até mesmo, elitizado. Entretanto, existem pessoas que certamente se preocupam com o significado do rito e a tradição enraizada em seu interior.

---

<sup>1</sup> Comércio eletrônico, ou seja, compra e venda de produtos e serviços pela internet.

- A sétima ideia de pesquisa seria tratar o amplo comércio deste universo casamenteiro como uma rede de fornecedores, que são selecionados como produtos e/ou serviços destinados às diferentes classes sociais.

- Por fim, a oitava sugestão é analisar a corporeidade da noiva na publicidade e propaganda e dos espaços que elas ocupam para divulgar os produtos e serviços nas revistas.

Aqui se apresentou algumas das formas de espacialidades existentes no casamento que podem ser analisados pela geografia. Foram discutidos ao longo desta tese três conceitos que serviram de base teórica, como: lugar, ritual e corporeidade. Ainda existem outros, como: ciberespaço redes, espaço, paisagem, representação e imaginário, que podem dar o suporte às propostas elencadas acima.

Portanto, apresentaram-se possibilidades para se pesquisar o casamento, sendo objeto de estudo para a geografia, demonstrando haver ainda outras espacialidades e áreas a serem analisadas, constatando que existe uma vasta relação do casamento não somente com as outras ciências sociais, mas também com a geografia.

Os temas não se esgotam aqui, são inúmeras as possibilidades de estudo sobre este objeto dentro da geografia. Portanto, vale destacar, fundamentalmente, que o casamento tem uma espacialidade para ser abordada e que ainda não foi discutida dentro da geografia, sendo assim, esta a principal contribuição da tese.

## REFERÊNCIAS

20MINUTES. **Le château de Vaux-le-Vicomte le « mariage de l'année »**. 20 Minutes, 07 jul. 2007. Disponível em: <<http://www.20minutes.fr/people/168748-20070705-chateau-vaux-le-vicomte-pret-a-accueillir-mariage-annee>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ADELYTA. **Casamento de Naldo e Moranguinho**. Paraná Noivas, 25 set. 2013. Disponível em: <<http://parananoivas.com.br/casamento-naldo-moranguinho.html>>. Acesso em: 03 fev. 2014.

AFONSO, Manoel. **Protestos e deslumbre no milionário casamento de Beatriz Barata, neta de Jacob, “rei do ônibus” do Rio**. Disponível em: <<http://www.manoelafonso.com.br/?conteudo=texto&tipo=Sala%20de%20Espera&texID=36279>>. Acesso em: 24 mar. 2014.

AGNUSDEI. **Concílio Ecumênico de Trento:** Sessão XXIV: Celebrada no tempo do Sumo Pontífice Pio IV, em 11 de novembro de 1563. Disponível em: <<http://agnusdei.50webs.com/trento29.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

ALEX, Jorge. **Vestido de noiva: difícil é escolher**. Disponível em: <<http://jorgealexlovers.wordpress.com/2013/10/04/vestido-de-noiva-dificil-e-escolher>>. Acesso em: 22 dez. 2013.

ANGEL, Hildegard. **Casamento de Beatriz Barata: nosso 14 de julho, nossa Bastilha Carioca!** 14 jul. 2013. Disponível em: <<http://www.hildegardangel.com.br/?p=25127>>. Acesso em: 31 jan. 2014.

ANGELO, Vitor. **Casamento de Moranaldo segue passos da clássica união entre Frota e Cláudia Raia**. 24 set. 2013. Disponível em: <<http://virgula.uol.com.br/famosos/calçada-da-fama/casamento-de-moranaldo-segue-passos-da-classica-uniao-entre-frota-e-claudia-raia#>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

ANTIQUES REPORTER. **Queen Elizabeth II and Prince...** Disponível em: <<http://www.antiquesreporter.com.au/index.cfm/lot/71134-queen-elizabeth-ii-and-prince-philips-wedding-group-comprising-1/?prices=1>>. Acesso em: 13 mar. 2014.

ARAÚJO, Emília Rodrigues. **A política de tempos:** elementos para uma abordagem sociológica. *Política & Trabalho Revista de Ciências Sociais*, 3. 34, abr. 2011. P. 19-40.

ARCH, Nigel; MARSCHNER, Joanna. **Royal Wedding Dresses.** Hampton Court Palace, Surrey, UK: Historic Royal Palaces, 2011.

ARCHIVES DU PALAIS PRINCIER-MONACO. **A família real de Mônaco.** Veja, 02 jul. 2011. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/multimedia/galeria-fotos/albert-de-monaco-e-familia>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

ASSUMPCÃO, Douglas J. F.; VILLEGAS, Greicy M. L. G. C. Jesus Cristo: marca-ícone da comunicação. In: VISALLI, Angelita M.; PELEGRINELLI, André Luiz M.; GODOI, Pamela Wanessa. (Orgs.) **Anais do V Encontro Nacional de Estudos da Imagem [e do] II Encontro Internacional de Estudos da Imagem.** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 19-22 mai. 2015. p. 22-42. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/profile/Rosangela\\_Da\\_Conceicao2/publication/277131281\\_A\\_catequese\\_de\\_Joan\\_Llimona\\_i\\_Bruger\\_e\\_Dionisio\\_Baixeras\\_i\\_Verdaguer\\_breve\\_estudo\\_sobre\\_a\\_imagem\\_religiosa\\_na\\_Modernidade/links/5562068f08ae8c0cab33322f.pdf#page=24](https://www.researchgate.net/profile/Rosangela_Da_Conceicao2/publication/277131281_A_catequese_de_Joan_Llimona_i_Bruger_e_Dionisio_Baixeras_i_Verdaguer_breve_estudo_sobre_a_imagem_religiosa_na_Modernidade/links/5562068f08ae8c0cab33322f.pdf#page=24)>. Acesso em: 13 mai. 2016.

AULARD, Alphonse. **Histoire politique de la révolution française.** Origines et développement de la démocratie et de la République. Paris : Librairie Armand Colin, 5ª ed., 1913. 810p.

AUMONT, Jacques. **A imagem.** Campinas, SP: Papyrus, 1993. 317p.

AZEVEDO, Ana Francisca de. Desgrografização do corpo. In: AZEVEDO, Ana Francisca de; PIMENTA, José Ramiro; SARMENTO, João. **Geografias do corpo.** Ensaios de geografia cultural. Porto: Livraria Figueirinhas, 2009.

AZEVEDO, Ana Francisca de; PIMENTA, José Ramiro; SARMENTO, João. As geografias culturais do corpo. In: AZEVEDO, Ana Francisca de; PIMENTA, José Ramiro; SARMENTO, João. **Geografias do corpo.** Ensaios de geografia cultural. Porto: Livraria Figueirinhas, 2009.

HOORNAERT, Eduardo, AZZI, Riolando, GRIJP, Klaus van der *et al.* **História da Igreja no Brasil (primeira época).** 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1992. Tomo II/1, p. 154-244.

BÁ, Lidice. **Poderosíssima!** Veja, Edição 1577, 16 dez. 1998. p. 156-159.

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARNARD, Malcolm. **Moda e comunicação**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- BARTHE-DELOIZY, Francine. Le corps peut-il être “um objet” du savoir géographique? *In: Géographie et cultures*, 80, 2011. Disponível em: <<http://gc.revues.org/544>>. Acesso em: 04 mar. 2015.
- BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Para uma crítica da economia política do signo**. Rio de Janeiro: Elfos Ed.; Lisboa, Edições 70, 1995.
- BBC. **Balcony kisses seal royal wedding**. BBC, 29 abr. 2011a. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/uk-13229961>>. Acesso em 22 abr. 2014.
- \_\_\_\_\_. **Casamento dá a Kate título de duquesa e não de princesa**. G1, 29 abr. 2011c. Disponível em <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/04/casamento-da-a-kate-titulo-de-duquesa-nao-de-princesa.html>>. Acesso em: 20 fev. 2014.
- \_\_\_\_\_. **Royal wedding: London travel guide**. BBC, 25 abr. 2011e. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/uk-england-london-13158452>>. Acesso em: 30 abr. 2014.
- \_\_\_\_\_. **Royal wedding: schedule for the day**. BBC, 26 abr. 2011b. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/uk-13200696>>. Acesso em: 23 abr. 2014.
- \_\_\_\_\_. **Royal wedding: the route on the day**. BBC, 30 mar. 2011d. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/uk-12819687>>. Acesso em: 30 abr. 2014.
- BEAUMEL, Catherine; DOISNEAU, Lionel; VATAN, Mauricette. **La situation démographique em 2000 mouvement de la population**. Insee Résultats Societé, nº 10, out. 2002. Disponível em: <[http://www.insee.fr/fr/ffc/docs\\_ffc/irsoc010.pdf](http://www.insee.fr/fr/ffc/docs_ffc/irsoc010.pdf)>. Acesso em: 01 abr. 2015.
- BEGLEY, Sarah. **The white dress that changed wedding history forever**. 10 fev. 2015. Disponível em: <<http://time.com/3698249/white-weddings/>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

BELA ARTE. **Visionaire 2015**: Chateau de Vaix Le Vicomte. Disponível em: <<http://belaarteconceito.com.br/visionaire-2015-chateau-de-vaux-le-vicomte/#.VvVLduIrLIU>>. Acesso em: 25 mar. 2016.

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 5ª ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2001.

BENINI, Sofia. **Bolo do casamento do Príncipe William e Kate Middleton**. Disponível em: <<http://www.casamentoclick.com.br/report/bolo-do-casamento-do-principe-william-e-kate-middleton.html>>. Acesso em: 29 jan. 2014.

BERGIN, Olivia. **Tesco replica of Kate Middleton's 'engagement dress' sells out in an hour**. Fashion, 23 nov. 2010. Disponível em <<http://fashion.telegraph.co.uk/Article/TMG8154758/121/Tesco-replica-of-Kate-Middletons-engagement-dress-sells-out-in-an-hour.html>>. Acesso em: 21 fev 2014.

BERTA, Ruben; MAGALHÃES, Luiz Ernesto. **Famílias unidas por casamento já eram parceiras nos negócios**. O Globo, Rio de Janeiro, 16 jul. 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/familias-unidas-por-casamento-ja-eram-parceiras-nos-negocios-9049542>>. Acesso em: 31 jan. 2014.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Editora Delta S.A.: Rio de Janeiro, 1980.

BILAN. **George Clooney, Brad Pitt**: les photos de mariage les plus chères. Bilan, 01 out. 2014. Disponível em: <<http://www.bilan.ch/economie-plus-de-redaction/prix-photos-mariage-de-clooney-autres>>. Acesso em: 05 mar. 2015.

BIO. **Princess Diana biography**. Disponível em: <<http://www.thebiographychannel.co.uk/biographies/diana-spencer/trivia.html;jsessionid=BFDB045965CAD54B1ACDB99310497B4B>>. Acesso em: 23 abr. 2014.

BLOG REAL. **Especial tiaras e coroas**: família real sueca. Disponível em: <[http://blog\\_real.blogs.sapo.pt/tag/especial+tiaras+e+coroas](http://blog_real.blogs.sapo.pt/tag/especial+tiaras+e+coroas)>. Acesso em: 06 fev. 2014.

BLOISE, Ana Silvia. O desafio da gestão dos pequenos museus. *In: SISTEMA ESTADUAL DE MUSEUS – SISEM – SP (Org.). **Museus: o que são, para que servem?*** São Paulo: Brodowski (S.P): ACAM Portinari; Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 2011. p. 43-59.

BORGHI, Rachele. O espaço à época do queer: contaminações queer na geografia francesa. **Revista Latino Americana Geografia e Gênero**. Ponta Grossa, v. 6, n. 2, ago/dez 2015. p. 133-146. Disponível em: <[http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/7303/pdf\\_204](http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/7303/pdf_204)>. Acesso em: 28 out. 2015.

BORNHEIM, Gerd A. **O conceito de tradição**. *In: BORNHEIM, Gerd. et al. Tradição/Contradição*. Rio de Janeiro, Cultura Brasileira, 1987.

BRASIL. **Código Civil Brasileiro de 2002**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110406.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406.htm)>. Acesso em: 20 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1967**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao67.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao67.htm)>. Acesso em: 22 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)>. Acesso em: 22 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. **Constituição dos Estados Unidos do Brasil de 1937**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao37.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37.htm)>. Acesso em: 19 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. **Constituição dos Estados Unidos do Brasil de 1946**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao46.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao46.htm)>. Acesso em: 19 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 10.044, de 22 de setembro de 1888b**. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-10044-22-setembro-1888-542833-publicacaooriginal-52347-pe.html>>. Acesso em: 22 de jan. 2015.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 119-A, de 7 de janeiro de 1890a**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1851-1899/d119-a.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d119-a.htm)>. Acesso em: 22 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 181, de 24 de jan. 1890b.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1851-1899/D181.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/D181.htm)>. Acesso em: 22 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 5.604, de 25 de março de 1874.** Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-5604-25-marco-1874-550211-publicacaooriginal-65873-pe.html>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 9.886, de 7 de março de 1888a.** Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=52414&norma=68246>>. Acesso em: 22 de jan. 2015.

\_\_\_\_\_. **Emenda Constitucional nº 66, de 13 de julho de 2010.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/Emendas/Emc/emc66.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc/emc66.htm)>. Acesso em: 22 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. **Emenda Constitucional nº 9, de 1977.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/Emendas/Emc\\_anterior1988/emc09-77.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc_anterior1988/emc09-77.htm)>. Acesso em: 22 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 1.110, de 23 de maio de 1950.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/1950-1969/L1110.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/1950-1969/L1110.htm)>. Acesso em: 4 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 1.829, de 9 de setembro de 1870.** Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1824-1899/lei-1829-9-setembro-1870-552647-publicacaooriginal-70024-pl.html>>. Acesso em: 22 de jan. 2015.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 11.441, de 4 de janeiro de 2007.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/lei/11441.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/lei/11441.htm)>. Acesso em: 22 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 13.105, de 16 de março de 2015.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13105.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13105.htm)>. Acesso em: 24 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 3.071, de 1 de janeiro de 1916.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l3071.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l3071.htm)>. Acesso em: 2 de fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 6.015, de 31 de dezembro de 1973.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L6015original.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6015original.htm)>. Acesso em: 22 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 6.140, de 28 de novembro de 1974.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L6140.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6140.htm)>. Acesso em: 22 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 6.215, de 30 junho de 1975.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1970-1979/L6215.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/L6215.htm)>. Acesso em: 22 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 9.278, de 10 de maio de 1996.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19278.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19278.htm)>. Acesso em: 4 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Resolução nº 175, de 14 de maio de 2013.** Disponível em: <[http://www.cnj.jus.br/images/resol\\_gp\\_175\\_2013.pdf](http://www.cnj.jus.br/images/resol_gp_175_2013.pdf)>. Acesso em: 4 fev. 2015.

BRITO-HENRIQUES, E. Fausto entre nós. Geografias pós-humanas. *In*: AZEVEDO, Ana Francisca de; PIMENTA, José Ramiro; SARMENTO, João. **Geografias do corpo.** Ensaios de geografia cultural. Porto: Livraria Figueirinhas, 2009.

BUISSON, Guillemette; LAPINTE, Aude. **Le couple dans tous ses états : non-cohabitation, conjoints de même sexe, pacs...** Insee Premiere, fev. 2013, nº 1435. Disponível em: <<http://www.insee.fr/fr/ffc/ipweb/ip1435/ip1435.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2015.

BUSTLE. **Angelina Jolie & Brad Pitt Wedding Photo Cash Will Go to Charity So How Much Did They Donate?** Disponível em: <<http://www.bustle.com/articles/38169-angelina-jolie-brad-pitt-wedding-photo-cash-will-go-to-charity-so-how-much-did>>. Acesso em: 05 mar. 2015.

CALLAN, Georgina O'Hara. **Dictionnaire de la mode.** Paris, Thames & Hudson, 2009.

CAMARGO, Lia. **Barbie e Ken do casamento real de Kate e William.** Disponível em: <<http://www.justlia.com.br/2012/02/barbie-e-ken-do-casamento-real-de-kate-e-william/>>. Acesso em: 30 abr. 2014.

CAMPERO, Tanais. **Los arquétipos en el mundo de la moda.** CLTRA CLCTVA, 26 ago. 2013. Disponível em: <<http://culturacolectiva.com/los-arquetipos-en-el-mundo-de-la-moda/>>. Acesso em: 11 mar. 2014.

CANN, Yves-Marie. **Le catholicisme em France.** CSA, 2013. Disponível em: <<http://www.csa.eu/multimedia/data/etudes/etudes/etu20130329-note-d-analyse-csa-decrypte-mars-2013.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2015.

CANNADINE, David. **Contexto, execução e significado do ritual:** a monarquia britânica e a “invenção da tradição”, c. 1820 a 1977. *In:* HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro:Ed. Paz e Terra S/A., 2002. p. 111-174.

CARAS ONLINE. **O casamento real teve a 3ª maior audiência na história da TV britânica.** Caras, 24 dez. 2011. Disponível em: <<http://caras.uol.com.br/noticia/o-casamento-real-teve-3-maior-audiencia-na-historia-da-tv-britanica>>. Acesso em: 23 out. 2013.

CARAS.COM.BR. **Objetos para festejar a união de William.** Caras, 18 nov. 2010. Disponível em: <<http://caras.uol.com.br/realeza/objetos-para-festejar-a-uniao-de-principe-william-casamento-catherine-middleton-caneca-pratos>>. Acesso em: 06 mar. 2014.

CASAMENTOCLICK. **Casamento famosos:** Casamento Grace Kelly e Ranier do Mónaco. Disponível em: <<http://www.casamentoclick.com/report/casamento-famosos-grace-kelly-e-rainier-do-monaco.html>>. Acesso em: 09 jan. 2014a.

\_\_\_\_\_. **O casamento histórico de Diana e o príncipe Charles.** Disponível em: <<http://www.casamentoclick.com.br/report/o-casamento-diana-e-o-principe-charles.html>>. Acesso em: 23 out 2013.

\_\_\_\_\_. **O histórico casamento de Ronaldo e Daniella Cicarelli.** Disponível em: <<http://www.casamentoclick.com.br/report/o-casamento-ronaldo-e-daniella-cicarelli.html>>. Acesso em: 31 jan. 2014b.

\_\_\_\_\_. **O luxuoso casamento da atriz Eva Longoria e do jogador de basquete Tonny Parker.** Disponível em: <<http://www.casamentoclick.com.br/report/cerimonia-do-casamento-eva-longoria-e-tonny-parker.html>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

CASTREE, Noel; KITCHIN, Rob; ROGERS, Alisdair. **A dictionary of human geography.** Oxford: Oxford University Press, 2013.

CASTRO, Iná Elias de. O problema da escala. *In:* CASTRO, Iná Elias de, GOMES, Paulo Cesar da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: conceito e temas.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CAVALCANTI, Maria Luisa. **Figurinhas carimbadas de Londres esperam lucrar com o casamento.** R7, 26 abr. 2011. R7. Disponível em <<http://noticias.r7.com/internacional/noticias/figurinhas-carimbadas-de-londres-esperam-lucrar-com-o-casamento-20110426.html>>. Acesso em: 10 fev 2014.

CENDRILLON. Produzido por The Walt Disney (France). Escrito por Annie Maurel. Dirigido por Organização Philippe Dussart, Michel Choquet. Música escrita e dirigida por Michel Legrand. Intérpretes: Catherine Deneuve. 1 DVD (1h 12 min), color, 2014.

CESCA, Cleuza G. Gimenes. **Organização de eventos**: manual para planejamento e execução. São Paulo: Summus, 1997.

CHATEAU DE LA NAPOULE. **Chateau de la Napoule**. Disponível em: <<http://www.chateau-lanapoule.com>>. Acesso em 29 abr. 2014.

CHAUÍ, Marilena. **Contos de Fadas e Psicanálise**. Disponível em: <<http://www.cefetsp.br/edu/eso/filosofia/contosfadaspsicanalisechaui.html>>. Acesso em: 13 fev. 2016.

CLARENCE HOUSE. **The Prince of Wales and the Duchess of Cornwall**. Disponível em: <<http://www.princeofwales.gov.uk>>. Acesso em 18 abr. 2014.

CLAVEAU, Philippe. **Management de projets événementiels**. Presses universitaires de Grenoble: Grenoble, 2015.

CONCÍLIO DO VATICANO II. **Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a igreja no mundo actual**. Vaticano, 1966. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html)>. Acesso em: 14 jan. 2015.

CORRÊA, Roberto Lobato. Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão. *In*: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (Orgs.). **A produção do espaço urbano**: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. *In*: Corrêa, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny. (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 92 – 123.

COUTINHO, Isabel. **A suécia moderna gosta de contos de fada**. Pública, 13 jun. 2010. Disponível em <<http://www.swedenabroad.com/SelectImageX/241693/100613PublicaSueciaContosDeFadas.pdf>> Acesso em: 06 de janeiro de 2014.

CRISTIANI, Claudio Valentim. O direito no Brasil Colonial. *In*: WOLKMER, Carlos (Org.). **Fundamentos de história de direito**. 3. ed. Belo Horizonte: Del Rey, 2006. 400p.

CULTURAMIX. **Os casamentos de Ronaldo fenômeno**. Disponível em: <<http://famosos.culturamix.com/historicos/os-casamentos-de-ronaldo-fenomeno>>. Acesso em: 18 jan. 2014.

CURY, Marília Xavier. Museus em transição. *In*: SISTEMA ESTADUAL DE MUSEUS – SISEM – SP (Org.). **Museus: o que são, para que servem?** São Paulo: Brodowski (S.P): ACAM Portinari; Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 2011. p. 17-29.

DAILY EXPRESS. **The faire-tale Story of Grace Kelly**. 12 apr. 1956.

DAILY MAIL REPORTER. **Seems like only yesterday, dear: the queen and duchess of Cambridge relive glorious royal wedding day with private viewing of that dress**. 22 jul. 2011. Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/femail/article-2017716/Duchess-Cambridge-Kate-Middleton-Queen-view-royal-wedding-dress.html>>. Acesso em: 24 jan. 2014.

DAILY MIRROR [sup]. **The big day minute by minute**. 28 abr. 2011a.

\_\_\_\_\_. **Gems fit for a princess**. 17 nov. 2010. p. 3.

\_\_\_\_\_. **We've had a great day**. 30 abr. 2011b.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

DAS, Antara. **Casamento real britânico bate recorde na Internet, diz Guinness**. Reuters Brasil, 15 set. 2011. Disponível em: <<http://br.reuters.com/article/idBRSPE78E0TH20110915>>. Acesso em: 05 mar. 2015.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DECKERS, Bertrand; BERNARD-GUILBAUD, Yan. **Mariage de Carl Philip de Suède et Sofia Hellqvist, un véritable conte de fées moderne**. Le Figaro, 12 jun. 2015. Disponível em: <<http://madame.lefigaro.fr/celebrities/mariage-princier-de-carl-philip-de-suede-et-sofia-hellqvist-120615-96900>>. Acesso em: 02 fev. 2016.

DEMETRESCO, Sylvia. Corpos sentidos... Vitruvas sentidas. **Anais 2º Colóquio de Moda 2006**. Disponível em: <[http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/2-Coloquio-de-Moda\\_2006/artigos/108.pdf](http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/2-Coloquio-de-Moda_2006/artigos/108.pdf)>. Acesso em: 26 out. 2015.

DINIZ FILHO, Luis Lopes. **Fundamentos Epistemológicos da Geografia**. Curitiba: Editora Ibplex, 2009.

DISNEY ENTERPRISES, INC. **Mariage de Princesse : le mariage de Cendrillon**. Paris: Hachette Livre, 2014.

\_\_\_\_\_. **Mês plus beaux mariages de princesses**. Paris: Hachette Livre, 2013.

DISNEY'S FAIRY TALE. **Inspitarion Gallery**. Disponível em: <<https://www.disneyweddings.com/my-wedding-space/dream-boards/inspiration-gallery/categories/all-disney/>>. Acesso em: 20 jan. 2014a.

\_\_\_\_\_. **Inspitarion Gallery**. Disponível em: <<https://www.disneyweddings.com/my-wedding-space/dream-boards/inspiration-gallery/categories/accessories/>>. Acesso em: 20 jan. 2014b.

DOMAIN, Valérie. **Eva et Tony Parker: leur dîner de mariage chez Baccara**. Gala, 7 jul. 2007a. Disponível em: <[http://www.gala.fr/1\\_actu/news\\_de\\_stars/eva\\_et\\_tony\\_parker\\_leur\\_diner\\_de\\_mariage\\_chez\\_baccara\\_61189](http://www.gala.fr/1_actu/news_de_stars/eva_et_tony_parker_leur_diner_de_mariage_chez_baccara_61189)>. Acesso em: 23 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. **Eva Longoria et Tony Parker : mariage topo secret**. Gala, 7 jul. 2007b. Disponível em: <[http://www.gala.fr/1\\_actu/news\\_de\\_stars/eva\\_longoria\\_et\\_tony\\_parker\\_mariage\\_top\\_secret\\_61197](http://www.gala.fr/1_actu/news_de_stars/eva_longoria_et_tony_parker_mariage_top_secret_61197)>. Acesso em: 23 mar. 2016.

DONALDSON, Kitty; O'DONNELL, Svenja. **Prince William, Kate Middleton to be married by Archbishop of Canterbury**. Bloomberg News. 05 jan 2011. Disponível em <<http://www.bloomberg.com/news/2011-01-05/prince-william-kate-middleton-to-be-married-by-archbishop-of-canterbury.html>>. Acesso em: 14 fev 2014.

DURKHEIM, Émile. **Les Formes Élémentaires De La Vie Religieuse**. Le Système Totémique En Australie. Paris : Les Presses universitaires de France, 5<sup>a</sup> ed., Collection "Bibliothèque de philosophie contemporaine". 1968. 647 p.

\_\_\_\_\_. **Textes. 2. Religion, morale, anomie**. Paris: Éditions de Minuit, Collection: Le sens commun, 1975a. 508 p.

\_\_\_\_\_. **Textes. 3. Fonctions sociales et institutions**. Paris: Les Éditions de Minuit, Collection: Le sens commun, 1975b. 570 p.

EFE. **Morte de atriz americana Grace Kelly completa 30 anos.** G1 Globo.com, 14 set. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2012/09/morte-de-atriz-americana-grace-kelly-completa-30-anos.html>>. Acesso em: 26 fev. 2014.

em: <<http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=imagem>>. Acesso em: 25 abr.

ESTADÃO. **Os casamentos reais mais caros.** Estadão Infográficos, 26 abr. 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/especiais/os-casamentos-reais-mais-caros,136291.htm>>. Acesso em: 03 fev. 2014.

\_\_\_\_\_. **Princesa Victória da Suécia se casa com Daniel Westling.** Estadão, 19 jun. 2010. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,princesa-victoria-da-suecia-se-casa-com-daniel-westling,569108,0.htm>>. Acesso em: 07 fev. 2014.

ETONLINE. **George Clooney spent millions on wedding, but magazine photos profits go to charity.** EOnline, 30 set. 2014. Disponível em: <[http://www.etonline.com/news/151890\\_how\\_much\\_did\\_those\\_clooney\\_wedding\\_photos\\_cost/?utm\\_source=feedburner&utm\\_medium=feed&utm\\_campaign=Feed%253A+ETTopStories+\(Entertainment+Tonight%253A+Breaking+News\)](http://www.etonline.com/news/151890_how_much_did_those_clooney_wedding_photos_cost/?utm_source=feedburner&utm_medium=feed&utm_campaign=Feed%253A+ETTopStories+(Entertainment+Tonight%253A+Breaking+News))>. Acesso em 05 mar. 2015.

EURONEWS. **Mariage de Clooney: le conte de fée se poursuit à Venise.** Euronews, 27 set. 2014. Disponível em: <<http://fr.euronews.com/2014/09/27/mariage-de-clooney-le-conte-de-fee-se-poursuit-a-venise/>>. Acesso em: 02 fev. 2016.

EVANGELIZANDO com Maria. **Cânones do Primeiro Concílio de Latrão: Primeiro Concílio de Latrão (Ano 1123).** Disponível em: <<https://sites.google.com/site/evangelizandocommaria/concilios-da-igreja-catolica/primeiro-concilio-de-latrao/canones-do-primeiro-concilio-de-latrao>>. Acesso em: 10 mar. 2015a.

\_\_\_\_\_. **Cânones do Primeiro Concílio de Latrão: Terceiro Concílio de Latrão (Ano 1179).** Disponível em: <<https://sites.google.com/site/evangelizandocommaria/concilios-da-igreja-catolica/primeiro-concilio-de-latrao/canones-do-primeiro-concilio-de-latrao>>. Acesso em: 10 mar. 2015b.

\_\_\_\_\_. **Cânones do Primeiro Concílio de Latrão: Quarto Concílio de Latrão (Ano 1215).** Disponível em: <<https://sites.google.com/site/evangelizandocommaria/concilios-da-igreja-catolica/primeiro-concilio-de-latrao/canones-do-primeiro-concilio-de-latrao>>. Acesso em: 10 mar. 2015c.

FARINACI, Antonio. **Ícone de glamour e tragédia, Grace Kelly, a “princesa mais bonita da história ganha exposição em SP.** Uol, Entretenimento, 04 mai. 2011. Disponível em: <>. Acesso em: mar. 2014.

FERNANDES, José Guilherme dos Santos. Do oral ao escrito: implicações e complicações na transição de narrativas orais. **Revista Virtual Outros Tempos.** V. 2, n. 2, 2005. p. 156-166. Disponível em: <[http://www.outrostempos.uema.br/OJS/index.php/outros\\_tempos\\_uma/article/view/388/323](http://www.outrostempos.uema.br/OJS/index.php/outros_tempos_uma/article/view/388/323)>. Acesso em: 23 set. 2015

FERNANDES, Vicky. **Saber estar.** Lisboa, Portugal: A Esfera dos Livros, 2008.

FIDELIS, Lidiane. **O casamento real sueco de uma rainha com descendência brasileira.** Assessoria Lidiane Fidelis, 23 dez. 2013. Disponível em: <<http://assessorialidianefidelis.blogspot.com.br/2013/12/o-casamento-real-sueco-de-uma-rainha.html>>. Acesso em: 27 dez. 2013.

FIXMER, Andy. **U.K. royal wedding draws 22.8 million television viewers on U.S. networks.** Bloomberg News. 01 mai 2011. Disponível em <<http://www.bloomberg.com/news/2011-05-01/u-k-royal-wedding-draws-22-8-million-television-viewers-on-u-s-networks.html>>. Acesso em: 21 fev 2014.

FLORET, Fernanda. **Casamento Conto de Fadas Marília + Rodolfo.** Vestida de Noiva, 21 out. 2011. Disponível em: <<http://vestidadenoiva.com/casamento-conto-de-fadas-marilia-rodolfo/>>. Acesso em: 02 fev. 2016.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta.** São Paulo: Hucitec, 1985.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Cláudia Raia casa em clima de novelão.** Folha de Sção Paulo, Ilustrada, 17 dez. 1986. Caderno A- 29. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/resultados/?q=claudia+raia&site=&periodo=acervo&x=0&y=0>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

FOLHAONLINE. **Exclusivo:** cachê de modelo expulsa por Cicarelli aumenta 900% em 24 horas. 17 fev. 2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/colunas/oops/ult340u916.shtml>>. Acesso em: 29 jan. 2014.

FORBES. **In Pictures: Most Expensive Celebrity Photos.** Forbes, 2009a. Disponível em: <[http://www.forbes.com/2009/07/01/michael-jackson-magazine-business-media-jackson\\_slide\\_6.html](http://www.forbes.com/2009/07/01/michael-jackson-magazine-business-media-jackson_slide_6.html)>. Acesso em: 05 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. **In Pictures: Most Expensive Celebrity Photos.** Forbes, 2009b. Disponível em: <[http://www.forbes.com/2009/07/01/michael-jackson-magazine-business-media-jackson\\_slide\\_9.html](http://www.forbes.com/2009/07/01/michael-jackson-magazine-business-media-jackson_slide_9.html)>. Acesso em: 05 mar. 2015.

FOTOS DO MUNDO. Disponível em: <<http://www.fotosdomundo.com.br/casamentos/fotos-do-casamento-real-principe-william-e-kate-middleton.html>>. Acesso em: 13 mar. 2014.

FRANCE PRESSE. **Com 1.900 convidados, casamento real deve custar R\$ 12 milhões.** Folha de São Paulo, 25 abr. 2011a. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2011/04/906939-com-1900-convidados-casamento-real-deve-custar-r-12-milhoes.shtml>>. Acesso em: 17 fev. 2014.

\_\_\_\_\_. **Kate's wedding dress delivers bumper year for Bucks Palace.** NDTV, 05 out. 2011b. Disponível em: <<http://www.ndtv.com/article/lifestyle/kate-s-wedding-dress-delivers-bumper-year-for-bucks-palace-138834>>. Acesso em: 20 fev. 2014.

FRANCE, Ministère de la Justice. Disponível em: <<http://www.vos-droits.justice.gouv.fr/>>. Acesso em 03 de fev. 2015c.

\_\_\_\_\_. **La réforme du divorce et de la procédure en matière familiale.** Guide Méthodologique. Nov, 2004a. Disponível em: <[http://www.justice.gouv.fr/art\\_pix/gmreformedivorce.pdf](http://www.justice.gouv.fr/art_pix/gmreformedivorce.pdf)>. Acesso em: 13 fev. 2015.

FRANCE, Ministère des Affaires sociales, de la Santé et des Droits des Femmes. **Livret de préparation au mariage civil.** Disponível em: <[http://www.social-sante.gouv.fr/IMG/pdf/LIVRET\\_PREPARATION\\_MARIAGE\\_CIVIL-2.pdf](http://www.social-sante.gouv.fr/IMG/pdf/LIVRET_PREPARATION_MARIAGE_CIVIL-2.pdf)>. Acesso em: 03 fev. 2015b.

FRANCE. **Code Civil versão consolidée au 22 mars 2015.** Disponível em: <<http://www.legifrance.gouv.fr/affichCode.do?cidTexte=LEGITEXT000006070721>>. Acesso em: 24 mar. 2015a.

\_\_\_\_\_. **Code Civil.** Paris: République, 1804a. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1061517/f582.image>>. Acesso em: 03 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Constitution de 1791.** Disponível em : <<http://www.conseil-constitutionnel.fr/conseil-constitutionnel/francais/la-constitution/les-constitutions-de-la-france/constitution-de-1791.5082.html>>. Acesso em: 02 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Constitution de 1848, Ile République.** Disponível em: <<http://www.conseil-constitutionnel.fr/conseil-constitutionnel/francais/la-constitution/les-constitutions-de-la-france/constitution-de-1848-ile-republique.5106.html>>. Acesso em: 11 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. **Constitution de 1852, Second Empire.** Disponível em: <<http://www.conseil-constitutionnel.fr/conseil-constitutionnel/francais/la-constitution/les-constitutions-de-la-france/constitution-de-1852-second-empire.5107.html>>. Acesso em: 11 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. **Constitution de 1946, IVe République.** Disponível em: <<http://www.conseil-constitutionnel.fr/conseil-constitutionnel/francais/la-constitution/les-constitutions-de-la-france/constitution-de-1946-ive-republique.5109.html>>. Acesso em: 11 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. **Constitution de 1958.** Disponível em: <[http://www.conseil-constitutionnel.fr/conseil-constitutionnel/root/bank\\_mm/constitution/constitution.pdf](http://www.conseil-constitutionnel.fr/conseil-constitutionnel/root/bank_mm/constitution/constitution.pdf)>. Acesso em: 11 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. **Constitution de l'An XII – Empire – 28 floréal An XII (18 mai. 1804b).** Disponível em: <<http://www.conseil-constitutionnel.fr/conseil-constitutionnel/francais/la-constitution/les-constitutions-de-la-france/constitution-de-l-an-xii-empire-28-flore-al-an-xii.5090.html>>. Acesso em: 11 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. **Constitution du 16 termidor An X (4 août 1802).** Disponível em: <<http://www.conseil-constitutionnel.fr/conseil-constitutionnel/francais/la-constitution/les-constitutions-de-la-france/constitution-du-16-termidor-an-x.5088.html>>. Acesso em: 11 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. **Constitution du 22 Frimaire An VIII (13 décembre 1799).** Disponível em: <<http://www.conseil-constitutionnel.fr/conseil-constitutionnel/francais/la-constitution/les-constitutions-de-la-france/constitution-du-22-frimaire-an-viii.5087.html>>. Acesso em: 11 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. **Constitution du 24 juin 1793.** Disponível em: <<http://www.conseil-constitutionnel.fr/conseil-constitutionnel/francais/la-constitution/les-constitutions-de-la-france/constitution-du-24-juin-1793.5084.html>>. Acesso em: 11 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. **Constitution du 5 Fructidor An III (22 août 1795)**. Disponível em: <<http://www.conseil-constitutionnel.fr/conseil-constitutionnel/francais/la-constitution/les-constitutions-de-la-france/constitution-du-5-fructidor-an-iii.5086.html>>. Acesso em: 11 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. **Déclaration des Droits de l'Homme et du Citoyen de 1789**. Disponível em: <<http://www.legifrance.gouv.fr/Droit-francais/Constitution/Declaration-des-Droits-de-l-Homme-et-du-Citoyen-de-1789>>. Acesso em: 02 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Édit De Versailles, 7 novembre 1787**. Disponível em: <<http://huguenotsweb.free.fr/histoire/edit1787.htm>>. Acesso em: 23 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. **Loi 20 septembre 1792**. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k45672h>>. Acesso em: 23 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. **Loi de finances du 27 avril 1946**. Disponível em: <<http://www.legifrance.gouv.fr/affichTexte.do?cidTexte=JORFTEXT000000872629&dateTexte=>>>. Acesso em: 04 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Loi du 9 décembre 1905**. Disponível em: <<http://www.legifrance.gouv.fr/affichTexte.do?cidTexte=JORFTEXT000000508749>>. Acesso em: 23 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. **Loi n° 2004-439 du 26 mai 2004b**. Disponível em: <<http://www.legifrance.gouv.fr/affichTexte.do?cidTexte=JORFTEXT000000439268&categorieLien=id>>. Acesso em: 23 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. **Loi n° 2006-728 du 23 juin 2006**. Disponível em: <<http://legifrance.gouv.fr/affichTexte.do?cidTexte=JORFTEXT000000637158&dateTexte=&categorieLien=id>>. Acesso em: 23 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. **Loi n° 2013-404 du 17 mai 2013**. Disponível em: <<http://www.legifrance.gouv.fr/affichTexte.do?cidTexte=JORFTEXT000027414540&categorieLien=id>>. Acesso em: 23 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. **Loi n° 99-944 du 15 novembre 1999**. Disponível em: <<http://legifrance.gouv.fr/affichTexte.do?cidTexte=JORFTEXT000000761717>>. Acesso em: 23 jan. 2015.

FRANCESCO. **Motu Proprio Mitis Iudex Dominus Iesus**. Vaticano, 2015. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/it/motu\\_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio\\_20150815\\_mitis-iudex-dominus-iesus.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/it/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio_20150815_mitis-iudex-dominus-iesus.html)>. Acesso em: 17 set. 2015.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica *Lumen Fidei***. Vaticano, 29 de junho de 2013. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papafrancesco\\_20130629\\_enciclicalumenfidei.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papafrancesco_20130629_enciclicalumenfidei.html)>. Acesso em: 14 jan. 2015.

FRANZ, Marie-Louise von. **A interpretação dos contos de fada**. São Paulo: Paulus, 1990.

FURNESS, Hannah. **'Life begins at 54', study finds**. The Telegraph, 29 out. 2013. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/uknews/10410253/Life-begins-at-54-study-finds.html>>. Acesso em: 31 mar. 2015.

GONÇALVES, Rôssi Alves; CARVALHO, Fernanda. O corpo na rua: a linguagem das performances nas rodas culturais. **Artefactum – Revista de estudos em linguagens e tecnologia**. N. 1, 2014. Disponível em: <<http://artefactum.rafrom.com.br/index.php?journal=artefactum&page=article&op=view&path%5B%5D=342>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <<https://www.google.fr/maps/@-20.4487239,-54.5876209,3a,75y,308.95h,92.85t/data=!3m6!1e1!3m4!1sfWUYpOfiyLWGfU-HEu4gkA!2e0!7i13312!8i6656>>. Acesso em: 04 mai. 2016.

GRANDE DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. 2012. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

GREGSON, Nicky; ROSE, Gillian. Taking Butler elsewhere: performativities, spatialities and subjectivities. **Environment and Planning D: Society and Space**. v. 18. 2000. p. 433-452.

GROVER, Shawn; HELLIWELL, John F. **How's life at home?** New evidence on Marriage and the set point for happiness. NBER Working Paper nº 20794. National Bureau of Economic Research: Cambridge, MA, Dez. 2014. JEL nº I31, J12, J16.

GSHOW. **Novo vestido de noiva de Sandra em *Êta Mundo Bom!* tem estilo princesa inspirado em Grace Kelly**. Estilo, Gshow, 01 jun. 2016. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/Estilo/noticia/2016/06/novo-vestido-de-noiva-de-sandra-em-eta-mundo-bom-tem-estilo-princesa-inspirado-em-grace-kelly.html>>. Acesso em: 02 jul. 2016.

- GUINSBURG, J. Diálogos sobre a natureza do teatro. **Revista USP**, São Paulo, n. 50, jul/ago, 2001. p. 6-17.
- HARAWAY, Donna Jeanne. **Simians, cyborgs, and women: the reinvention of nature**. New York: Routledge, 1991.
- HARAZIM, Dorrit. **Nas bodas, o maior espetáculo**. Veja. n. 674. 05 de agosto de 1981. p. 44-51.
- HARDY, Georges. **La géographie psychologique**. 2ème édition. Paris: Gallimard, 1939.
- HASARD. **Mariage pour tous**. Sur Le Pont Des Arts, 20 jun. 2013. Disponível em: <<http://surlepontdesarts.blogspot.com.br/>>. Acesso em 28 abr. 2014.
- HATZFELD, H. **As Raízes da Religião: tradição-ritual-valores**. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.
- HAWKER, Sara; WAITE, Maurice. **Compact Oxford Thesaurus for University and College Students**. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- HAYDÉE, Lygia. **O Brasil é o segundo em número de academias**. Ativo, 20 ago. 2015. Disponível em: <<http://www.ativo.com/fitness/brasil-e-o-segundo-em-numero-de-academias/>>. Acesso em: 01 jul. 2016.
- HELLER, Eva. **Psicología del color: como actúan los colores sobre los sentimientos y a la razón**. Espanha: Editorial Gustavo Gili, SL, 2009.
- HELP CASAMENTOS. **Origem do buquê de noiva**. 29 ju. 2014. Disponível em: <<http://helpcasamentos.com/origem-do-buque-de-noiva/>>. Acesso em: 26 out. 2015.
- HILTON, Perez. **Royal wedding Money waster bought a stale slice of the wedding cake for how much??** 17 nov. 2013. Disponível em: <<http://perezhilton.com/fitperez/2013-11-17-kate-middleton-prince-william-cake-slice-auction-four-thousand-dollars>>. Acesso em 14 jan. 2014.
- HOBSBAWM, Eric. **Introdução: A invenção das tradições**. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro:Ed. Paz e Terra S/A., 2002. p. 13-29.
- HOLA. **Bodas de las princesas Birgitta y Desirée**. Hola.com, 12 MAI. 2010. Disponível em: <<http://bodasreales.hola.com/magdalena-de-suecia-y-chris-oneill/bodas-con-historia/201005122395/bodas>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

HOLT, Douglas B. **Como as marcas se tornam ícones: os princípios do branding cultural**. São Paulo, SP: Cutrix, 2006.

HONORATO, Daniele. **Ainda falando da realeza... e as unhas de Diana?** Unha Bonita, 28 abr. 2011. Disponível em: <<http://www.unhabonita.com.br/ainda-falando-da-realeza-e-as-unhas-da-diana/>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

IABELBERG, Carlos. **Padre diz que apenas abençoou Ronaldo**. Folha de São Paulo, São Paulo, 24 fev. 2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u106043.shtml>>. Acesso em: 18 mar. 2014.

IBGE. **Casamento por faixa etária de mulheres (1984 - 2011)**. Disponível em: <<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=1&op=1&vcodigo=RC46&t=casamento-faixa-etaria-mulheres>>. Acesso em: 02 fev. 2015a.

\_\_\_\_\_. **Casamento por faixa etária de mulheres (2003-2011)**. Disponível em: <<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=1&op=1&vcodigo=RC63&t=casamento-faixa-etaria-mulheres>>. Acesso em: 02 fev. 2015b.

\_\_\_\_\_. **Censo 2010: uniões consensuais já representam mais de 1/3 dos casamentos e são mais frequentes nas classes de menor rendimento**. 17 out. 2012c. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=3&idnoticia=2240&t=censo-2010-unioes-consensuais-ja-representam-mais-13-casamentos-sao-mais-frequentes&view=noticia>>. Acesso em: 31 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. **Censo Demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>>. Acesso em: 02 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Cidades – Mato Grosso do Sul: Campo Grande**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=500270>>. Acesso em: 15 set. 2016.

\_\_\_\_\_. **Divórcios concedidos em 1ª instância a casais sem filhos ou com filhos menores de idade (1984-2002)**. Disponível em: <<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=1&op=1&vcodigo=RC51&t=divorcios-concedidos-1-instancia-casais-sem>>. Acesso em: 02 fev. 2015c.

\_\_\_\_\_. **Divórcios concedidos em 1ª instância a casais sem filhos ou com filhos menores de idade (2003-2011).** Disponível em:

<<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=1&op=1&vcodigo=RGC401&t=divorcios-concedidos-1-instancia-casais-sem>>. Acesso em: 02 fev. 2015d.

\_\_\_\_\_. **Estatísticas do registro civil 1999a.** Disponível em:

<[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/1999/tabela6\\_3.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/1999/tabela6_3.pdf)>.

Acesso em: 02 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Estatísticas do registro civil 1999b.** Disponível em:

<[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/1999/tabela5\\_5.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/1999/tabela5_5.pdf)>.

Acesso em: 02 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Estatísticas do registro civil 2000a.** Disponível em:

<[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2000/tabela6\\_3.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2000/tabela6_3.pdf)>.

Acesso em: 02 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Estatísticas do registro civil 2000b.** Disponível em:

<[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2000/tabela5\\_5.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2000/tabela5_5.pdf)>.

Acesso em: 02 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Estatísticas do registro civil 2001a.** Disponível em:

<[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2001/tabela6\\_3.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2001/tabela6_3.pdf)>.

Acesso em: 02 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Estatísticas do registro civil 2001b.** Disponível em:

<[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2001/tabela5\\_5.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2001/tabela5_5.pdf)>.

Acesso em: 02 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Estatísticas do registro civil 2002a.** Disponível em:

<[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2002/tabela6\\_3.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2002/tabela6_3.pdf)>.

Acesso em: 02 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Estatísticas do registro civil 2002b.** Disponível em:

<[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2002/tabela5\\_5.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2002/tabela5_5.pdf)>.

Acesso em: 02 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Estatísticas do registro civil 2003a.** Disponível em:

<[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2003/tabela6\\_3.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2003/tabela6_3.pdf)>.

Acesso em: 02 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Estatísticas do registro civil 2003b.** Disponível em:  
<[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2003/tabela5\\_5.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2003/tabela5_5.pdf)>.  
Acesso em: 02 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Estatísticas do registro civil 2004a.** Disponível em:  
<[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2004/tabela5\\_5.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2004/tabela5_5.pdf)>.  
Acesso em: 02 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Estatísticas do registro civil 2004b.** Disponível em:  
<[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2004/tabela6\\_3.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2004/tabela6_3.pdf)>.  
Acesso em: 02 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Estatísticas do registro civil 2005a.** Disponível em:  
<[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2005/tabela6\\_3.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2005/tabela6_3.pdf)>.  
Acesso em: 02 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Estatísticas do registro civil 2005b.** Disponível em:  
<[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2005/tabela5\\_5.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2005/tabela5_5.pdf)>.  
Acesso em: 02 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Estatísticas do registro civil 2006a.** Disponível em:  
<[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2006/tabela6\\_3.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2006/tabela6_3.pdf)>.  
Acesso em: 02 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Estatísticas do registro civil 2006b.** Disponível em:  
<[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2006/tabela5\\_5.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2006/tabela5_5.pdf)>.  
Acesso em: 02 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Estatísticas do registro civil 2007a.** Disponível em:  
<[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2007/tabela4\\_3.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2007/tabela4_3.pdf)>.  
Acesso em: 02 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Estatísticas do registro civil 2007b.** Disponível em:  
<[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2007/tabela6\\_3.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2007/tabela6_3.pdf)>.  
Acesso em: 02 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Estatísticas do registro civil 2007c.** Disponível em:  
<[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2007/tabela5\\_5.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2007/tabela5_5.pdf)>.  
Acesso em: 02 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Estatísticas do registro civil 2008a.** Disponível em:  
<[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2008/tabela4\\_1.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2008/tabela4_1.pdf)>.  
Acesso em: 02 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Estatísticas do registro civil 2008b.** Disponível em:  
<[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2008/tabela6\\_1.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2008/tabela6_1.pdf)>.  
Acesso em: 02 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Estatísticas do registro civil 2008c.** Disponível em:  
<[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2008/tabela5\\_1.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2008/tabela5_1.pdf)>.  
Acesso em: 02 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Estatísticas do registro civil 2009.** Disponível em:  
<[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2009/tabelas\\_pdf/tabela7\\_0.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2009/tabelas_pdf/tabela7_0.pdf)>. Acesso em: 02 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Estatísticas do registro civil 2010b.** Disponível em:  
<[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2010/tabelas\\_pdf/tabela7\\_0.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2010/tabelas_pdf/tabela7_0.pdf)>. Acesso em: 02 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Estatísticas do registro civil 2011a.** Disponível em:  
<[ftp://ftp.ibge.gov.br/Registro\\_Civil/2011/pdf/tab\\_4\\_1.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Registro_Civil/2011/pdf/tab_4_1.pdf)>. Acesso em: 02 fev. 2015h.

\_\_\_\_\_. **Estatísticas do registro civil 2011b.** Disponível em:  
<[ftp://ftp.ibge.gov.br/Registro\\_Civil/2011/pdf/tab\\_6\\_1.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Registro_Civil/2011/pdf/tab_6_1.pdf)>. Acesso em: 02 fev. 2015i.

\_\_\_\_\_. **Estatísticas do registro civil 2011c.** Disponível em:  
<[ftp://ftp.ibge.gov.br/Registro\\_Civil/2011/pdf/tab\\_5\\_1.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Registro_Civil/2011/pdf/tab_5_1.pdf)>. Acesso em: 02 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Estatísticas do registro civil 2012a.** Disponível em:  
<[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2012/default\\_xls.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2012/default_xls.shtm)>.  
Acesso em: 02 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Mato Grosso do Sul:** Campo Grande: estatísticas do registro civil – 2004c.  
Disponível em:  
<<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=500270&idtema=28&search=mato-grosso-do-sul|campo-grande|estatisticas-do-registro-civil-2004>>. Acesso em: 02 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Mato Grosso do Sul: Campo Grande: estatísticas do registro civil – 2005c.** Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=500270&idtema=29&search=mato-grosso-do-sul|campo-grande|estatisticas-do-registro-civil-2005>>. Acesso em: 02 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Mato Grosso do Sul: Campo Grande: estatísticas do registro civil – 2006c.** Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=500270&idtema=30&search=mato-grosso-do-sul|campo-grande|estatisticas-do-registro-civil-2006>>. Acesso em: 02 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Notas técnicas.** Estatísticas do Registro Civil. Vol. 39, 2012b. Disponível em: <[ftp://ftp.ibge.gov.br/Registro\\_Civil/2012/notastecnicas.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Registro_Civil/2012/notastecnicas.pdf)>. Acesso em: 05 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Separações judiciais (1984-2002).** Disponível em: <<http://serieestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=1&op=1&vcodigo=RC55&t=separacoes-judiciais>>. Acesso em: 02 fev. 2015e.

\_\_\_\_\_. **Separações judiciais (2003-2011).** Disponível em: <<http://serieestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=1&op=1&vcodigo=RGC300&t=separacoes-judiciais>>. Acesso em: 02 fev. 2015f.

\_\_\_\_\_. **Temas e subtemas – população e demografia – nupcialidade (casamentos, separações, divórcios) – casamento – por estado civil de mulheres – gerar cartogramas.** Disponível em: <<http://serieestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=10&op=0&vcodigo=RC48&t=casamento-estado-civil-mulheres#P1>>. Acesso em: 02 fev. 2015g.

ICASEI. **Casamento Preta Gil e Rodrigo Godoy.** iCasei, mai. 2015. Disponível em: <<http://revista.icasai.com.br/casamento-preta-gil-e-rodrigo-godoy/>>. Acesso em mai. 22 mar. 2016.

IFOP. **Les français et la croyance religieuse.** Abr. 2011. Disponível em: <[http://www.ifop.com/media/poll/1479-1-study\\_file.pdf](http://www.ifop.com/media/poll/1479-1-study_file.pdf)>. Acesso em: 16 jan. 2015.

IG GENTE. **Grace Kelly: de diva de Hollywood a Princesa de Mônaco.** IG Gente, 04 mai. 2011. Disponível em: <<http://gente.ig.com.br/grace-kelly-de-diva-de-hollywood-a-princesa-de-monaco/n1300148366802.html>>. Acesso em: 25 jan. 2014.

INED. **Institut national d'études démographiques**. Disponível em: <[www.inde.fr](http://www.inde.fr)>. Acesso em: 05 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. **Population by region and department**. Disponível em: <[https://www.ined.fr/en/everything\\_about\\_population/data/france/population-structure/regions\\_departments/](https://www.ined.fr/en/everything_about_population/data/france/population-structure/regions_departments/)>. Acesso em: 15 set. 2016.

INSEE. **État matrimonial legal des personnes de 15 ans ou plus jusqu' em 2014**. Disponível em: <[http://www.insee.fr/fr/themes/tableau.asp?reg\\_id=0&ref\\_id=nattef02311](http://www.insee.fr/fr/themes/tableau.asp?reg_id=0&ref_id=nattef02311)>. Acesso em: 01 abr. 2015d.

\_\_\_\_\_. **Institut national de la statistique et des études économiques**. Disponível em: <[www.insee.fr](http://www.insee.fr)>. Acesso em: 05 fev. 2015a.

\_\_\_\_\_. **Les personnes em couple vivente plus longtemps**. Insee Premiere, ago. 2007. n° 1155. Disponível em: <<http://www.insee.fr/fr/ffc/ipweb/ip1155/ip1155.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. **Loi nº 46-854 du 27 avril 1946**. Disponível em : <<http://www.insee.fr/fr/insee-statistique-publique/default.asp?page=connaître/loi-1946.htm>>. Acesso em: 13 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. **Vie en couple**. Disponível em: <[http://www.insee.fr/fr/themes/document.asp?ref\\_id=T10F032](http://www.insee.fr/fr/themes/document.asp?ref_id=T10F032)>. Acesso em: 22 jan. 2015b.

JOÃO PAULO II, Papa. **Audiência Geral** - Cristo apela para o <coração> do homem. 16 de abril de 1980a. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1980/documents/hf\\_jp-ii\\_aud\\_19800416.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1980/documents/hf_jp-ii_aud_19800416.html)>. Acesso em: 23 set. 2015.

\_\_\_\_\_. **Audiência Geral** - O sinal sacramental da comunhão dos esposos. 5 de janeiro de 1983. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1983/documents/hf\\_jp-ii\\_aud\\_19830105.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1983/documents/hf_jp-ii_aud_19830105.html)>. Acesso em: 23 set. 2015.

\_\_\_\_\_. **Audiência Geral** - Os interrogativos sobre o matrimônio na visão integral do homem. 2 de abril de 1980b. Disponível em: < [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1980/documents/hf\\_jp-ii\\_aud\\_19800402.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1980/documents/hf_jp-ii_aud_19800402.html)>. Acesso em: 23 set. 2015.

\_\_\_\_\_. **Audiência Geral** - Valor do matrimônio uno e indissolúvel à luz dos primeiros capítulos do Gênesis. 21 de novembro de 1979. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1979/documents/hf\\_jp-ii\\_aud\\_19791121.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1979/documents/hf_jp-ii_aud_19791121.html)>. Acesso em: 23 set. 2015.

JOLY, Martine. **A imagem e a sua interpretação**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2002.

\_\_\_\_\_. **Introdução à análise da imagem**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2007.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e religião**. Tradução do Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1978.

\_\_\_\_\_. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira S.A., 2000a.

\_\_\_\_\_. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000b.

KALIL, Glória. **Noivas históricas**: relembre os vestidos de Jackie Kennedy, Grace Kelly, Bianca Jagger, Lady Di e Carolyn Bessette. Chic, 18 nov. 2011. Disponível em: <<http://chic.ig.com.br/moda/noticia/noivas-historicas-relembre-os-vestidos-de-jackie-kennedy-grace-kelly-bianca-jagger-lady-di-e-carolyn-bessette>>. Acesso em: 22 dez. 2013.

KOULIOUMBA, S. A Questão da Cidade Mundial: Mito ou Realidade Um olhar a partir do Hemisfério Sul. **X Encontro Nacional da Anpur. Anais...** Belo Horizonte, 2003, disponível em: <http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/viewFile/1919/1881>

LACAZE, Lionel. **Le stigmaté au miroir de l'estime de soi**: l'ecas du désordre mental face à l'étiquetage psychiatrique. Tome 1. Université Lumière – Lyon 2, Institut de Psychologie. (Doctorat Nouveau Régime), 2006. Disponível em: <[https://www.academia.edu/11178193/Le\\_stigmaté\\_au\\_miroir\\_de\\_lestime\\_de\\_soi](https://www.academia.edu/11178193/Le_stigmaté_au_miroir_de_lestime_de_soi)>. Acesso em: 30 jun. 2016.

KUPFER, Karen. **Daniela Cicarelli**. Isto é, 22 jun. 2005. Disponível em: <<http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhePrint.htm?idEntrevista=7031&txPrint=resumo>>. Acesso em 06 mar. 2015.

LACERDA, Alline. **Vai casar? Veja 10 tipos inovadores e divertidos de convites**. Terra, 26 mai. 2015. Disponível em: <<http://mulher.terra.com.br/noivas/vai-casar-veja-10-tipos-inovadores-e-divertidos-de-convites,d69a2636f7f96b5a0b9c2b6da26f0603usegRCRD.html>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é imaginário**. Editora Brasiliense. Disponível em: <[file:///C:/Users/Raquel/Downloads/O%20Que%20%C3%A9%20Imagin%C3%A1rio%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Raquel/Downloads/O%20Que%20%C3%A9%20Imagin%C3%A1rio%20(2).pdf)>. Acesso em: 19 mar. 2014.

LARA, Glauco; OLIVEIRA, Gisele; PAIVA, Rubens. **Como será a cerimônia do casamento real.** Estadão, 27 abr. 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/especiais/como-sera-a-cerimonia-do-casamento-real,136455.htm>>. Acesso em: 13 jan. 2014.

LARINI, Daiany. **Convite do MC Naldo** – convites, cardápio, decoração. Casamento sem segredo. Disponível em: <<http://www.casamentosemsegredo.com.br/casamento-do-mc-naldo-convites-cardapio-decoracao/>>. Acesso em: 03 fev. 2014.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo.** 2ª ed. Tradução: Sonia M.S. Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. 101p.

LE PARISIEN. **George et Amal Clooney : un mariage estimé à 10 millions d'euros.** Le parisienne, 30 set. 2014. Disponível em: <<http://www.leparisien.fr/laparisienne/actu-people/george-et-amal-clooney-un-mariage-estime-a-10-millions-d-euros-30-09-2014-4176533.php>>. Acesso em: 06 mar. 2015.

LÉGIMONACO. **Ordonnance du 09/08/1919 promulguant le traité fixant les rapports de la Principauté avec la France.** Disponível em: <<http://www.legimonaco.mc/305/legismclois.nsf/db3b0488a44ebcf9c12574c7002a8e84/cf98c1484c39d9eac125773f003778d0!OpenDocument&Highlight=0,1919>>. Acesso em: 27 mar. 2015.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de Família:** leitura da fotografia histórica. 3.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

LOBATO, Elvira. **Igreja questiona padre que “casou” Ronaldo.** Folha de São Paulo, São Paulo, 21 fev. 2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u105896.shtml>>. Acesso em: 18 mar. 2014.

LONG LIVE THE MARRIAGE! VIVE LE MARRIAGE! **Reproductions.** Disponível em: <<http://www.longlivethemarriage.com/repro.html>>. Acesso em: 22 dez. 2013.

LOUAGUEF, Sarah. **Jennifer Aniston et Justin Theroux un mariage digne d'un conte de fée.** Paris Match, 07 ago. 2015. Disponível em: <<http://www.parismatch.com/People/Cinema/Tous-les-details-du-mariage-de-Jennifer-Aniston-et-Justin-Theroux-810537>>. Acesso em: 02 fev. 2016.

LOUVRE. **Petrus Paulus Rubens.** Disponível em: <[http://cartelfr.louvre.fr/cartelfr/visite?srv=car\\_not\\_frame&idNotice=25623](http://cartelfr.louvre.fr/cartelfr/visite?srv=car_not_frame&idNotice=25623)>. Acesso em: 28 abr. 2014.

MAIA, Carlos Eduardo Santos Maia. Geografia das vestimentas: dos clássicos às tendências. **Boletim Goiano** (Online). Goiânia, v. 35, n. 2., mai/ago, 2015. p. 195-216

\_\_\_\_\_. Ritual e emoção nas interações espaciais - repensando o espaço sagrado nas festas populares de romarias e folguedos (notas introdutórias). *In*: Rosendahl, Zeny. **Trilhas do sagrado**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 87-111.

MALCLOM; Michael; NAUFAL, George. Are pornography and marriage substitutes for young men? *In*: **Institute for the Study of Labor (IZA)**. Discussion paper n° 8679, November, 2014. Disponível em: <<https://s3.amazonaws.com/s3.documentcloud.org/documents/1381918/are-pornography-and-marriage-substitutes-for.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2015.

MANCHETE. **Especial de fim de ano não deu ibope.** Disponível em: <[http://4.bp.blogspot.com/\\_HG6XckfYr38/TPRI8EGtrII/AAAAAAAAAdVI/\\_EfODNq3UEo/s1600/claudia%2Braia6.jpg](http://4.bp.blogspot.com/_HG6XckfYr38/TPRI8EGtrII/AAAAAAAAAdVI/_EfODNq3UEo/s1600/claudia%2Braia6.jpg)>. Acesso em: 25 jan. 2014.

MARQUES, Cristina; BELLI, Roberto. **Clássicos de ouro**. s/l. Editora Brasileitura. 20??.

MARQUES, Norma. **Convite de casamento do príncipe William**. Norma Marques Assessoria e Cerimonial, 01 mar. 2011. Disponível em: <<http://normamarques.blogspot.com.br/2011/03/convite-de-casamento-do-principe.html>>. Acesso em: 05 jan. 2014.

MATIAS, Marlene. **Organização de eventos: procedimentos e técnicas**. São Paulo: Editora Manole, 2002.

MAZER, Dulce. A Mulher Condescendente: uma reflexão sobre a reificação da imagem feminina nas capas dos jornais. **Domínios da Imagem**. Londrina, ano IV, n. 8, p. 19-30, maio 2011.

MDEMULHER. **Príncipe William e Kate Middleton: um conto de fadas moderninho**. 26 nov. 2010. Disponível em: <<http://mdemulher.abril.com.br/tv-novelas-famosos/reportagem/acontece/principe-william-kate-middleton-conto-fadas-moderninho-610664.shtml?origem=casamento-real>>. Acesso em: 12 de jan. 2014.

MEDINA, Ane. **Todos os detalhes do casamento de Preta Gil**. Eu maquio, 13 mai. 2015. Disponível em: <<http://www.eumaquio.com/todos-os-detalhes-do-casamento-de-preta-gil/>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

MELINA, Remy. **Why do princesses wear tiaras?** Livescience, 28 abr. 2011. Disponível em: <<http://www.livescience.com/13926-princesses-wear-tiaras-royalty.html>>. Acesso em 30 abr. 2014.

MENEZES, Ines. **Casamento de Victória da Suécia e Daniel Westling**. Casamentoclick, Disponível em: <<http://www.casamentoclick.com/report/casamento-victoria-da-suecia-e-daniel-westling.html>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

MICHAELIS. **Símbolo**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=s%C3%ADmbolo>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

MICHELLI, Regina; PRATTS, Fábio. Perspectivas do masculino em contos de Charles Perrault. **IV Encontro Nacional de Professores de Letras e Artes**, 2009.

MITIDIARI, Ana Maria Amorim; GARBELOTTO, Cristina Schiavon. O traje da noiva na cena do casamento. **Anais 6º Colóquio de Moda 2010**. Disponível em: <<http://www.coloquiomoda.com.br/anais/6-coloquio-de-moda-gt12.php>>. Acesso em: 26 mai. 2015.

MOLLARD-DESFOUR, ANNIE. **Le dictionnaire des mots et expressions de couleur du XXe siècle: Le rouge**. CNRS Éditions: Paris, 2000.

MONTE CASTELO EVENTOS. **Galeria de Noivas**. Disponível em: <<http://www.montecasteloeventos.com.br/buffet-monte-castelo-galeria-de-noivas.php>>. Acesso em: 03 mar. 2016.

MOREIRA, Juliana. **A princesa e o plebeu que virou príncipe se casam em Estocolmo**. O Globo, 19 jun. 2010. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/suecia/posts/2010/06/19/a-princesa-o-plebeu-que-virou-principe-se-casam-em-estocolmo-301477.asp>>. Acesso em: 21 dez. 2013.

MURAD, Mauricio. Um ícone chamado Pelé. **Caravelle**. n. 98, 2012. p. 171-182. Disponível em: <<http://caravelle.revues.org/1226>>. Acesso em: 14 mai. 2016.

NEUSCHWANSTEIN. **Welcome to Neuschwanstein Castle.** Disponível em: <<http://www.neuschwanstein.de/englisch/tourist/index.htm>>. Acesso em: 06 mar. 2014.

NICHOLL, Katie. **'Two cakes' Kate: Multi-tiered fruit cake and William's favourite – Rich Tea biscuits and dark chocolate...** (we'll have that one please). Mail Online, 27 mar. 2011. Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/femail/article-1370364/Prince-William-asks-special-wedding-cake-Rich-Tea-biscuits-dark-chocolate.html>>. Acesso em 22 abr. 2014.

NOGUEIRA, Jenny Magnani de O. A instituição da família em a cidade antiga. In: WOLKMER, Carlos (Org.). **Fundamentos de história de direito.** 3. ed. Belo Horizonte: Del Rey, 2006. 400p.

NOIVA COM CLASSE. **Noiva de preto: casamento de Avril Lavigne com Chad Kroeger.** Noiva com classe, 07 jul. 2013. Disponível em: <<http://www.noivacomclasse.com/2013/07/noiva-de-preto-casamento-de-avril.html>>. Acesso em: 25 abr. 2014.

NORDLANDER, Jenny. **Kronprinsessan Victoria och prins Daniel.** DN.se, 19 jun. 2010. Disponível em: <<http://www.dn.se/nyheter/sverige/den-langa-brollopsdagen-i-kortformat/>>. Acesso em: 08 mar. 2014.

O CASAMENTO, a festa. O Estado de São Paulo, São Paulo, 30 jul. 1981. Jornal da Tarde, p. 8-9.

O'DONNELL, Svenja. **Prince William's Wedding Kate is set for April 29 at Westminster Abbey.** Bloomberg News. 23 nov. 2010. Disponível em <<http://www.bloomberg.com/news/2010-11-23/william-to-marry-kate-middleton-at-westminster-abbey-april-29.html>>. Acesso em: 14 fev. 2014.

OLIVEIRA, Cristiane Madanêlo de. **Literatura infantil.** Disponível em: <http://www.graudez.com.br/litinf/autores/perrault/perrault.htm>>. Acesso em: 06 mar. 2014.

OLIVEIRA, Roberto. **Ela casou vestida de palmeiras.** Surpreendeu o noivo e até padre corintiano. Uol, Esporte, 07 out. 2015. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2015/10/07/ela-casou-vestida-de-palmeiras-surpreendeu-o-noivo-e-ate-padre-corintiano.htm>>. Acesso em: 09 out. 2015.

OLIVEIROS, Ricardo. **Veja os detalhes da roupa do noivo e dos homens convidados para o casamento real.** UOL, 02 mai. 2011. Disponível

em:<<http://m.estilo.uol.com.br/moda/dicas/masculina/2011/05/02/veja-os-detalhes-da-roupa-do-noivo-e-dos-homens-convidados-para-o-casamento-real.htm>>. Acesso em: 18 abr. 2014.

OXFORD ENGLISH DICTIONARY. **Icon.** Disponível em: <<http://www.oed.com/view/Entry/90879?rskey=uemEYc&result=101455#>>. Acesso em: 13 mai. 2016.

PARIS CI. **Le pont des arts.** Disponível em: <<http://www.guideparisci.com/category/le-pont-des-arts/>>. Acesso em 28 abr. 2014.

PARIS MATCH. **Sofia sera une princesse très populaire.** 16 jun. 2015. Disponível em : <<http://www.parismatch.com/Royal-Blog/famille-royale-Suede/Sofia-a-du-potentiel-pour-etre-une-princesse-tres-populaire-783300>>. Acesso em: 24 fev. 2016.

PARKER, Mike. **Cultural Icons: A Case Study Analysis of their Formation and Reception.** Tese (Doutorado em Filosofia), University of Central Lancashire, 2012. Disponível em: <[http://clock.uclan.ac.uk/5312/2/Parker%20Michael%20Final%20e-Thesis%20\(Master%20Copy\).pdf](http://clock.uclan.ac.uk/5312/2/Parker%20Michael%20Final%20e-Thesis%20(Master%20Copy).pdf)>. Acesso em: 13 mai. 2016.

PARKIN, D. Ritual as spatial direction and bodily division. *In*: COPPET, D. **Understanding ritual.** Londres: Routledge, 1992, p. 11-25.

PARÓQUIA NOSSA SENHORA DO BRASIL. **Paróquia.** Disponível em: <<http://www.nossasenhoraobrasil.com.br/paroquia>>. Acesso em: 08 abr. 2014.

PASCOWITCH, Joyce. **Promoção especial.** Folha de São Paulo, 17 dez. 1986. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/resultados/?q=claudia+raia&site=&periodo=acervo&x=0&y=0>>. Acesso em: 25 out. 2013. P. A- 28-29

PASTOUREAU, Michel. **Dicionário das cores do nosso tempo:** simbólica e sociedade. Editorial Estampa: Lisboa, 1997.

PAULO VI, Papa. **Carta Encíclica *Humanae vitae*.** Vaticano, 25 de julho de 1968. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-vi\\_enc\\_25071968\\_humanae-vitae.html](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_25071968_humanae-vitae.html)>. Acesso em: 14 jan. 2015. 11: AAS 60 (1968) 488.).

PEAU D'ANE, d'après le conte de Charles Perrault. Produzido por. Mac Bodard. Coproduzido por Parc Film Marianne Productions. Escrito e realizado por Jacques Demy.

Música de . Intérpretes: Catherine Deneuve, Jean Marais, Jacques Perrin et. al. 1 DVD (1h 12 min), color.

PEDROSA, Julieta. **Pequena História da Tiara**. Portal Joiabr. Disponível em: <<http://www.joiabr.com.br/artigos/jun06.html>>. Acesso em: 22 jan. 2014

PEOPLE. Disponível em: <[http://people-web-vip.skyrock.com/tags/hAFRoDTgsde-brad-pitt\\_2.html](http://people-web-vip.skyrock.com/tags/hAFRoDTgsde-brad-pitt_2.html)>. Acesso em: 05 mar. 2015.

PEREIRA, Jovânio Luiz. **A arché na formação do pensamento neotestamentário**. Disponível em: <<http://www.gestaoesaude.unb.br/index.php/archai/article/view/357/1144>>. Acesso em 03 fev. 2016.

PERRAULT, Charles. **História ou Contos de Outrora**. São Paulo: Landy, 2004.

PEW RESEARCH, **Love and Marriage**. Pew Research Center, 18 nov. 2010. Disponível em: <<http://www.pewsocialtrends.org/2010/11/18/iii-marriage/>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. **Global christianity – a report on the size and distribution of the World’s christian population**. Dez. 2011a. Disponível em: <<http://www.pewforum.org/2011/12/19/global-christianity-exec/>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

PICCININI, Décio. **Fatia de bolo de casamento de Lady Di é leiloadada**. Disponível em: <[http://itodas.uol.com.br/estilo/fatia-de-bolo-de-casamento-de-lady-di-e-leiloadada/?wpmp\\_switcher=desktop](http://itodas.uol.com.br/estilo/fatia-de-bolo-de-casamento-de-lady-di-e-leiloadada/?wpmp_switcher=desktop)>. Acesso em: 10 fev. 2014.

PINHEIRO, Felipe. **Galeria de casamento reúne 40 noivas de CARAS, como Angélica e Juliana Paes**. Confira! Caras, 05 jul. 2013. Disponível em <http://caras.uol.com.br/noivas/galeria-de-casamento-noivas-caras-angelica-juliana-paes-sandy-claudia-leitte-luciana-gimenez#image1>. Acesso em: 31 jan 2014.

PINTEREST. **Royal beings**. Disponível em: <<http://www.pinterest.com/tassiej/royal-beings>>. Acesso em: 06 mar. 2014.

PINTO, Cristiano Paixão Araújo. Direito e sociedade no Oriente Antigo: Mesopotâmia e Egito. In: WOLKMER, Carlos (Org.). **Fundamentos de história de direito**. 3. ed. Belo Horizonte: Del Rey, 2006. 400p.

POIRIER, Jean. **História dos costumes: homem e o objecto**. V.3. Lisboa: Editorial Estampa, 1999.

PRADO, Decio de Almeida. A personagem no teatro. In: PRADO, Decio de Almeida *et al.* **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1976. Coleção Debates. (p. 85-95). p. 5-9. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/proin/versao\\_1/ficcao/index01.html](http://www.ufrgs.br/proin/versao_1/ficcao/index01.html)>. Acesso em: 18 jun. 2015.

PREMIERE. **PHOTOS - Brad Pitt et Angelina Jolie**: les premières photos du mariage. Disponível em: <<http://people.premiere.fr/Photos-people/PHOTOS-Brad-Pitt-et-Angelina-Jolie-les-premieres-photos-du-mariage-4050098>>. Acesso em: 05 mar. 2015.

PRINT AND PATTERN. **Grace Kelly**. Disponível em: <<http://printandpattern.net/welcome-to-hollywood/grace-kelly>>. Acesso em: 06 mar. 2014.

PUREBREAK. **O que falar do casamento de Preta Gil e Rodrigo Godoy?** Foi a festa do ano! Disponível em: <<http://www.purebreak.com.br/midia/foto-o-que-falar-do-casamento-de-preta-gil-e-77661.html>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

QUEMONLINE. **Após o sim, Preta Gil e Rodrigo Godoy celebram casamento com megafesta**. Quem, 12 mai. 2015. Disponível em: <<http://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2015/05/apos-o-sim-preta-gil-e-rodrigo-godoy-celebram-casamento-com-megafesta.html>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. **Veja o bolo do casamento real de William e Kate**. Quem Acontece, 29 abr. 2011. Disponível em: <<http://revistaquem.globo.com/Revista/Quem/0,,EMI229464-18465,00-VEJA+O+BOLO+DO+CASAMENTO+REAL+DE+WILLIAM+E+KATE.html>>. Acesso em 24 abr. 2014.

R7. **Veja os preparativos para o casamento real**. R7 Notícias, 29 mar. 2011. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/internacional/fotos/veja-os-preparativos-para-o-casamento-real-20110329-13.html#fotos>>. Acesso em: 03 fev. 2014.

RAPEAUD, Mathias Lucien. **La communication événementielle** : de la stratégie à la pratique avec l'éco-conception , le digital. Vuibert: Paris, 2013.

REBOCHO, Lurdes. **Tiaras**: quem, quando e como? Tesouras & Tiaras, 10 jan. 2013. Disponível em: <<http://tesourastiaras.blogspot.com.br/2013/01/como-usar-uma-tiara.html>>. Acesso em: 30 abr. 2014.

REIS, Amanda. **Casamento Preta Gil e Rodrigo Godoy**. Inesquecível casamento, 12 mai. 2015. Disponível em: <<http://www.inesquecivelcasamento.com.br/casamentos/rio-de-janeiro/rio-de-janeiro-rio-de-janeiro/casamento-preta-gil/>>. Acesso em: 15 mai. 2016.

RELPH, Edward. **Place and placelessness**. London: Pion Limited, 1980.

REVISTA VOGUE. **De perto**: o vestido de noiva de Kate Middleton ganha exposição em Londres. Globo.com, 22 jul. 2011. Disponível em: <<http://revista.vogue.globo.com/moda/news/de-perto-o-vestido-de-noiva-de-kate-middleton-ganha-exposicao-em-londres/>>. Acesso em: 13 mar. 2014.

RIBAR, David C. **What do social scientists know about the benefits of marriage?** A review of quantitative methodologies. IZA Discussion paper series, No. 998, jan. 2004.

ROCHA, Rubia. **O bolo de casamento de Kate e William**. Blog do casamento, 29 abr. 2011. Disponível em: <<http://www.blogdocasamento.com.br/cerimonia-festa-casamento/comes-e-bebes/o-bolo-de-casamento-de-kate-e-willia/>>. Acesso em: 17 mar. 2014.

RODRIGUES, Adyr A. Balastrieri. Lugar, não lugar e realidade virtual no turismo globalizado. **Revista do Departamento de Geografia**. São Paulo: Departamento de Geografia da FFLCH/USP, 1996. v. 10. p. 73-78.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. In: CANDIDO, Antonio *et al.* **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 9-50. Disponível em: <[http://www.aprenderlivre.com.br/moodle/pluginfile.php/1/blog/attachment/178/Antonio%20Candido%20e%20Outros%20-%20A%20personagem%20de%20fic+%C2%BA+%C3%BAo%20\(pdf\)\(rev\).pdf](http://www.aprenderlivre.com.br/moodle/pluginfile.php/1/blog/attachment/178/Antonio%20Candido%20e%20Outros%20-%20A%20personagem%20de%20fic+%C2%BA+%C3%BAo%20(pdf)(rev).pdf)>. Acesso em: 18 jun. 2015.

ROSESACONI. **Diana & Charles, Grace Kelly & Ranier, Silvia & Carlos**: relembre outros casamentos reais. Estadão, 29 abr. 2011. Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/blogs/arquivo/casamentos-reais/>>. Acesso em: 25 jan. 2014.

SACONI, Rose. **Uniões que entraram para a história**. Estadão, 30 abr. 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,unioes-reais-que-entraram-para-a-historia,712869,0.htm>>. Acesso em: 06 mar. 2014.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, Carmem Lúcia. **Corpo e história**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. p. 3-23.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda., 1999.

SARTI, Cynthia Andersen. **Contribuições da antropologia para o estudo da família.** Psicologia USP, S. Paulo, 3(1/2), 1992. p. 69-76.

SARTRE, Jean-Paul. **O imaginário.** São Paulo: Editora Ática, 1996.

SILVA, Ana Cristina Teodoro. Imagens sintéticas: a ordenação do tempo e o fornecimento do sentido nas revistas semanais. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação e da Cultura e de Teoria da Mídia.** N. 7, São Paulo, out. 2005. Disponível em: <[http://revista.cisc.org.br/ghrebh7/artigos/08silva\\_port.html](http://revista.cisc.org.br/ghrebh7/artigos/08silva_port.html)>. Acesso em: 13 fev. 2016.

SILVA, Armando. **Imaginários urbanos.** São Paulo: Perspectiva: Bogotá, Col: Convento Anders Bello, 2001.

SIMÃO, Vera. **Curiosidades.** Vera Simão Assessoria empresarial, 26 jul. 2010. Disponível em: <<http://verasimaoblog.blog.uol.com.br/>>. Acesso em: 28 abr. 2014.

SIMON, Patrick; TIBERJ, Vincent. Religions. *In*: INSTITUT NATIONAL D'ÉTUDES DÉMOGRAPHIQUES. **Documents de travail 168:** trajectoires et origins – enquête sur la diversité des populations en France. 2010. p. 123-128.

SLIKKER, Dick. **Our Christian World.** Disponível em: <<http://ourchristianworld.org/>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

SOANES, Catherine; HAWKER, Sara. **Compact Oxford English Dictionary for University and College Students.** Oxford: Oxford University Press, 2006.

SOARES, Carmem L. Corpo, Conhecimento e educação – notas esparsas. *In*: SOARES, Carmem Lúcia. **Corpo e história.** Campinas, SP: Autores Associados, 2001. p. 109-129.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CIRURGIA PLÁSTICA. **De acordo com a ISAPS, Brasil lidera ranking de cirurgias plásticas no mundo.** Jul. 2014. Disponível em: <<http://economia.terra.com.br/brasil-e-2-pais-em-numero-de-academias-de-ginastica,090dacf343418410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html>>. Acesso em: 01 jul. 2016.

STOCO, Rui. **Responsabilidade civil no Código Civil Francês e no Código Civil Brasileiro.** Palestra proferida no Seminário em Comemoração ao Bicentenário do Código Civil Francês, 27 de setembro de 2004. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/9704-9703-1-PB.pdf>>. Acesso em: 04 fev. 2015.

STUDIO W. **Looks do casamento do Príncipe William com Catherine Middleton.** Studio W, 30 abr. 2011. Disponível em: <<http://studiow.com.br/blog/tag/looks/page/24/>>. Acesso em 22 abr. 2014.

TEIXEIRA, Elder Lins. **Gestão da qualidade em destinos turísticos.** Rio de Janeiro: Qualitymark Ed., 1999.

TENDÊNCIA DE MULHER. **O casamento de Naldo e mulher moranguinho.** Tendência de Mulher, 27 set. 2013. Disponível em: <<http://www.tendenciademulher.com.br/comportamento/famosos/o-casamento-de-naldo-e-mulher-moranguinho/>>. Acesso em: 15 dez. 2013.

TERRA. **Boda real britânica de William e Kate Middleton.** Disponível em: <<http://www.terra.com.br/diversao/infograficos/casamento-william/>>. Acesso em: 13 mar. 2014.

\_\_\_\_\_. **Brasil é 2º em número de academias de ginástica.** 26 ago. 2014. Disponível em: <<http://economia.terra.com.br/brasil-e-2-pais-em-numero-de-academias-de-ginastica,090dacf343418410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html>>. Acesso em 01 jul. 2014.

\_\_\_\_\_. **Grace Kelly, a atriz que virou princesa.** Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI493730-EI315,00-Grace+Kelly+a+atriz+que+virou+princesa.html>>. Acesso em: 25 jan. 2014.

THE BRITISH MONARCHY. **The wedding of Prince William and Catherine Middleton.** 29 abr. 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=schQZY3QjCw>>. Acesso em: 13 mar. 2014.

TODA de coração. **Casamento de Preta Gil e Rodrigo Godoy.** Disponível em: <<http://www.todadecoracao.com/casamento-preta-gil-e-rodriigo-godoy/>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Turismo e qualidade: Tendências contemporâneas.** Campinas, SP: Papyrus, 1993.

TRINDADE, Eliane. **Rainha Silvia, da Suécia.** Isto é, Gente, 01 dez. 2003. Disponível em: <[http://www.terra.com.br/istoegente/226/entrevista/index\\_2.htm](http://www.terra.com.br/istoegente/226/entrevista/index_2.htm)>. Acesso em: 20 dez. 2013.

TT/ THE LOCAL. **Royal Wedding**. The Local, 20 jun. 2010. Disponível em: <<http://www.thelocal.se/20100620/27344>>. Acesso em: 23 jan. 2014.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente, São Paulo: DIFEL, 1980.

TURNER, Victor. **O Processo Ritual**: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

\_\_\_\_\_. **From ritual to theatre**: the human seriousness of play. New York: PAJ

VAN GENNEP, V. **Os Ritos de Passagem**. Petrópolis: Vozes, 1978.

VATICAN. **Catecismo da Igreja Católica**. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/cathechism\\_po/index\\_new/prima-pagina-cic\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html)>. Acesso em: 20 jan. 2015.

VATICANO. **Catecismo da igreja católica**: 2ª parte: Celebração do mistério cristão. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/cathechism\\_po/index\\_new/p2s2cap3\\_1533-1666\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p2s2cap3_1533-1666_po.html)>. Acesso em: 14 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. **Código de Direito Canônico**, promulgado por João Paulo II, Papa. Conferência Episcopal Portuguesa: Lisboa e Editorial Apostolado da Oração: Braga, 1983. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici\\_po.pdf](http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf)>. Acesso em: 21 jan. 2015.

VEJA. **Gente**. Veja, Edição 955, 24 dez. 1986. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 20 nov. 2013. p. 72-73.

\_\_\_\_\_. **O casamento de príncipe Charles e lady Di**. Veja, 21 abr. 2011. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/multimedia/galeria-fotos/o-casamento-de-charles-e-diana>>. Acesso em: 30 abr. 2014.

WATTS, Ellie. **Final weeks of Diana, Princess of Wales exhibition open for public viewing**. Royal Central, 17 jul. 2014. Disponível em: <<http://royalcentral.co.uk/blogs/opinion/final-weeks-of-diana-princess-of-wales-exhibition-open-for-public-viewing-34413>>. Acesso em: 26 jan. 2016.

WERNECK, Humberto. **Foi como na decisão da copa**. O Estado de São Paulo, Jornal da Tarde, 21 jun. 1976. Disponível em: <[http://blogs.estadao.com.br/arquivo/files/2011/04/1976.06.20\\_Estocolmo.jpg](http://blogs.estadao.com.br/arquivo/files/2011/04/1976.06.20_Estocolmo.jpg)>. Acesso em: 07 fev. 2014.

WONG, Grace. **Kate Middleton**: A family business that built a princess. CNN Money, 14 abr. 2011. Disponível em <<http://money.cnn.com/2011/04/14/smallbusiness/kate-middleton-party-pieces/>>. Acesso em: 17 fev 2014.

WORSLEY, Harriet. **O vestido de noiva**. São Paulo: Publifolha, 2010.

ZITTA, Carmem. **Organização de eventos**: da ideia à realidade. 5ª ed. Brasília: Editora Senac-DF, 2013.

ZONTA, Natália. **Com jeito de conto de fadas, casamento na Disney sai a partir de R\$ 9 mil**. Disponível em <http://mulher.uol.com.br/casamento/noticias/redacao/2013/11/11/com-jeito-de-conto-de-fadas-casamento-na-disney-sai-a-partir-de-r-9-mil.htm>. Acesso em: 30 jan. 2014.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Cosac Naify, 2014. 128pp.